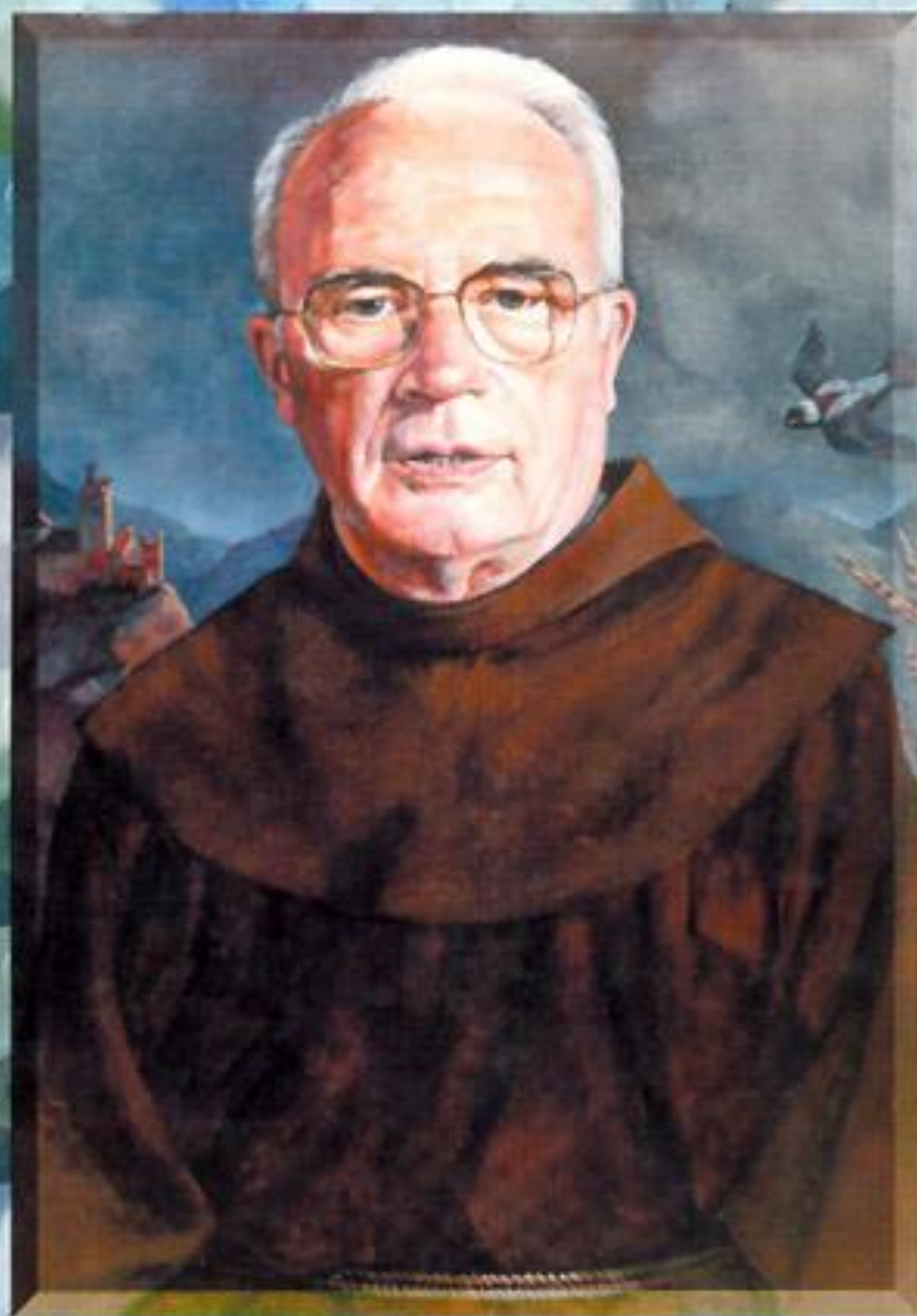


Frei Boaventura Kloppenburg, OFM

90 ANOS POR CRISTO EM SUA IGREJA



José Alfredo Schierholt

Edições Eletrônicas Veritatis Splendor

José Alfredo Schierholt

**Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
90 anos por Cristo em sua Igreja**

2ª Edição

e-Book

Lajeado - 2008

© José Alfredo Schierholt

2ª Edição do livro original* como e-Book

Capa: Aloísio Weschenfelder

AGEA Propaganda – Fone: 0 51 3748-3100 - Lajeado

Óleo sobre tela na capa: R. Ledel

Revisão: Vanda Bergmann (livro original*), Renato Colonna Rosman (e-Book)

Editoração eletrônica: M&M Buss Assessoria Gráfica Digital Ltda.

Reprodução xerográfica: Lajecópias Serviços de Cópias Ltda.

Av. Benjamin Constant, 670 – Lajeado

Fone: 0 51 3011-1798

Reprodução Fotográfica: Foto Flash – Fone: 0 51 3714-2814 – Lajeado

Impressão: Metrópole Indústria Gráfica Ltda.

Av. Engº Ludolfo Boehl, 729

Fone/Fax: 0 51 3318-6355 – Porto Alegre

Publicação do e-Book por Edições Eletrônicas Veritatis Splendor: <http://www.veritatis.com.br>

* Livro Original - 1ª edição:

929 Kloppenburg

S332f Schierholt, José Alfredo

Frei Boaventura Kloppenburg, OFM - 80 Anos por Cristo em Sua Igreja.

- Lajeado : O Autor, 1999

448p. ; il.

1. Kloppenburg, Frei Boaventura - Biografia I. Título

ISBN 85-901028-1-5

Ficha catalográfica: Bibliotecária Maria de Lourdes Rhod - CRB 10/1232

Todos os direitos reservados desta edição de e-Book do autor

Para correspondências:

José Alfredo Schierholt

Rua Olavo Bilac, 491

95900-000 - LAJEADO - RS - Brasil

Fone: 0 51 3714-3695

E-mail: schierholt@gmail.com

**Autoriza-se a cópia desde que sejam citados:
o nome do autor, o título do e-Book e o site fonte.**

*Dies annorum nostrorum in ipsis, septuaginta anni.
Si autem in valentibus, octoginta anni:
et amplius eorum, labor et dolor.*

**A duração total de nossa vida é de 70 anos,
E, se somos mais robustos, de 80 anos:
E a maior parte deles, trabalho e sofrimento.**

SI 89, 10-11

Sumário

PREFÁCIO.....	9
POR CRISTO EM SUA IGREJA.....	10
PREPARAÇÃO.....	13
Origens	13
Imigração para Brasil	16
Formação	18
Sonho social de um neo-sacerdote.....	21
Doutorado em Roma	26
A SERVIÇO DA IGREJA NO BRASIL	28
Atividades em Petrópolis.....	28
Campanha nacional de esclarecimentos.....	29
Confusão religiosa.....	30
Como um Vieira a fustigar erros.....	33
De repente: uma notícia!.....	36
Pelejas em casa	38
Deixa a <i>REB</i> e Petrópolis.....	40
Ordenação sacerdotal por tempo determinado.....	41
A SERVIÇO DA IGREJA NO VATICANO.....	46
Na I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.....	46
Consultor para preparar o concílio	48
No serviço de imprensa e perito conciliar	51
Anedotário conciliar	54
Assessor no Sínodo dos Bispos.....	58
No Secretariado para a União dos Cristãos	59
Na Comissão Teológica Internacional	63
Em outros dicastérios do Vaticano.....	67
Visitas <i>ad limina apostolorum</i>	68
Na intimidade com os papas	69
Pelo mundo	73
A SERVIÇO DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA	82
Peregrinações por sua “paróquia”	82
Reitor no Instituto Pastoral do CELAM.....	85
Na América Latina como bispo	107
Críticas à Teologia da Libertação	109

Documento de Puebla.....	114
Documento de Santo Domingo	117
NO SERVIÇO EPISCOPAL	121
Tramitações.....	122
Ordenação episcopal	126
Bispo auxiliar de Salvador.....	128
<i>Igreja Popular</i> divisor de águas.....	134
Vigário geral da Arquidiocese de Salvador	142
Bispo diocesano de Novo Hamburgo.....	144
Rumos da pastoral da terra.....	152
União com seus padres	155
Seminário Menor Diocesano.....	157
Convívio com a CNBB	159
Sínodo da diocese	164
Bispo emérito de Novo Hamburgo	166
DE MALAS PRONTAS PARA A ETERNIDADE	169
Como pessoa humana.....	169
Esporte e lazer	171
Irmã Josefina ou Irmã Régis ou Finchen.....	172
Títulos e condecorações	173
Voto de pobreza	174
Celibato por Cristo	175
Voto de obediência.....	176
Trilhando o mesmo caminho	177
Conservador ou progressista?	178
Perigos de vida	181
Na circulação de seu amor.....	183
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA.....	186
Livros e cadernos	186
Artigos em revistas especializadas.....	190
Crônicas para o <i>Jornal do Brasil</i>	197
Orientações Pastorais pelo <i>NH</i>	201
SOB A BÊNÇÃO DE JOÃO PAULO II	209
SOBRE O AUTOR - José Alfredo Schierholt.....	211
Obras	211

PREFÁCIO

Frei Boaventura Kloppenburg, OFM *90 Anos por Cristo em Sua Igreja*

José Alfredo Schierholt

Edições Eletrônicas Veritatis Splendor

Pelos 90 anos de vida, 67 de consagração religiosa, 63 de ministério sacerdotal, 58 como doutor em teologia, 41 de magistério universitário e 27 como bispo da Igreja – tudo isso em 2009 – vamos reeditar a biografia de Frei Boaventura Kloppenburg, OFM, bispo emérito de Novo Hamburgo (RS).

Há quase um decênio, foi lançado o livro *Frei Boaventura Kloppenburg, OFM, 80 anos por Cristo em Sua Igreja*, edição particular, há tempo esgotada. Os dois mil exemplares foram enviados a todos os bispos do Brasil, algumas dioceses e cursos de Teologia na América Latina. O próprio Papa João Paulo II recebeu o livro, se comprouve pela homenagem prestada a Frei Boaventura e enviou-me, num *amável gesto de solidariedade cristã*, a sua *Bênção Apostólica, extensiva a todos os meus familiares*, minha esposa e os três filhos.

Frei Boaventura sempre procurou servir a Igreja como ela quer ser servida, com amor, fidelidade e zelo pela verdade. Hoje ele sente seu corpo alquebrado, mas a mente permanece ativa. Para este prefácio, em 2 de setembro último, nos abriu a alma para dizer: *“atualmente estou meio moribundo. Como Deus quiser. Tenho que submeter-me a vários tratamentos ao mesmo tempo. Estou acompanhando o Papa no seu Ano Paulino. A Editora Vozes aceitou publicar “O crescimento da Igreja na patrologia de Bento XVI”. Elaborei para a obra uma longa introdução sob o título “A Divina Tradição Apostólica”.*

Sua vida narrada por mim, seu sobrinho e padrinho de ordenação, agora está disponível para os internautas na forma de e-Book com o título *Frei Boaventura Kloppenburg, OFM, 90 anos por Cristo em Sua Igreja*, lançado pelas *Edições Eletrônicas Veritatis Splendor*.

Espero que esta obra seja um enriquecimento para a historiografia da Igreja no Brasil e na América Latina, e que a sua leitura proporcione aos leitores um estímulo para a vivência da fé católica.

Lajeado, 7 de setembro de 2008

José Alfredo Schierholt

POR CRISTO EM SUA IGREJA

A expressão “Por Cristo em Sua Igreja” resume com feliz precisão a vida e a tarefa do cristão. Tudo depende, é claro, do conceito que se tenha de Jesus Cristo e de Sua Igreja.

Nasci em 1919 no norte da Alemanha (Baixa Saxônia), na paróquia de Molbergen, a 8 km de Cloppenburg, na parte católica do outrora grão-ducado de Oldenburg. Na época, lá não havia nem protestante nem católico não praticante. A vida era monoliticamente cristã de tradição católica. Eu era o sétimo de nove filhos, dos quais faleceram dois, um mais velho, sufocado pela crupe, e outro mais novo, atingido pela tuberculose. Por causa da difícil situação criada pela primeira guerra mundial, minha família emigrou em 1924 (eu tinha quatro anos e alguns meses) para o Brasil, estabelecendo-se na paróquia de Rolante, no Rio Grande do Sul.

Em Rolante, onde fui tomando consciência da realidade da vida, o ambiente era completamente diferente e pluralista na cultura e na religião. Havia de tudo: católico e protestante, crente e descrente, branco e negro, gente de descendência portuguesa, alemã, italiana e outros, cada grupo com sua cultura, língua e tradição religiosa, mais ou menos praticante.

Nossa família se estabeleceu numa bela propriedade rural logo ao lado do centro da paróquia. E lá nasceram mais três irmãs, de maneira que éramos dez irmãos, três homens e sete mulheres. Em casa, continuava o estilo de vida que tinham trazido da Alemanha. Nas relações da família, falava-se o dialeto do norte da Alemanha (o Plattdeutsch), mas nas relações com os outros e com Deus, na religião, em casa, na escola e na igreja, tudo tinha que ser em alemão (Hochdeutsch).

Éramos cristãos de tradição estritamente católica. Mas a língua e a religião nos isolavam. Os padres na extensa paróquia (M. S. F.: Missionários da Sagrada Família) e as irmãs no colégio (Irmãs de Nossa Senhora) eram alemães, porém não entendiam nosso dialeto. Os católicos de origem alemã falavam um dialeto bem diferente, do sul-oeste da Alemanha, da região do rio Mosela, diocese de Trier. Aprendi às pressas também este modo de falar.

Desde que me conheço, a vida cristã de oração e união com Deus era rezar de manhã, ao meio dia e à noite, com o rosário em família. Os que iam à escola, assistiam antes à missa na igreja. Tudo isso fazia simplesmente e sem discussão parte da nossa vida.

E assim, nascido no dia 2 de novembro de 1919, já renasci cristão no dia 4 de novembro, festa de São Carlos Borromeu. Deram-me o nome de Carlos José, chamando-me, porém, de José. Não conheci conversão. É óbvio que naquele dia de meu renascimento recebi a participação na natureza de Deus, a filiação divina, as virtudes infusas e os dons do Espírito Santo. Mas só em semente e não como fruto maduro, tal como nascera dias antes com as faculdades humanas de entender e querer: tudo devia crescer e madurecer pouco a pouco, durante longos anos, não miraculosamente mas de modo natural. Tinha um irmão, Paulo, com ano e meio mais que eu. O que ele aprendia na escola, eu ficava sabendo com ele em casa. Lia e escrevia até melhor que ele. Só na aritmética não o acompanhava. Quando fui à escola, aos sete anos, fiquei com ele na mesma classe. Até hoje sinto a falta da primeira série do ensino primário... Com ele, também fui coroinha, mas tão franzino que não podia carregar o grande missal de um lado para o outro do altar, como então se fazia.

Mamãe foi certamente minha primeira catequista. Mas o ensino religioso sistemático era dado pelo vigário e, quando vieram as freiras em 1929, pelas irmãs. No dia 1º de novembro de 1929, ao completar 10 anos, recebi a primeira comunhão. Mas já antes afirmava que queria ser padre. Desde que me conheço e me perguntavam pelo meu futuro, dizia que queria ser padre, coisa que não ocorreu com meus irmãos, que

viviam exatamente no mesmo ambiente. Já devo ter nascido com esta vocação. Simplesmente. Sem outra influência que não a vida cristã que vivíamos na família. Claro que então não distinguia entre padre diocesano e religioso. Como os Missionários da Sagrada Família, que dirigiam aquela paróquia, começavam a procurar vocações sacerdotais para sua comunidade, desde começos de 1932 fiquei com mais outros cinco meninos (nenhum deles ficou padre) residindo na própria casa paroquial, que era um sobrado bastante grande, a fim de receber aulas diárias e ser preparados para o seminário menor que eles estavam construindo na distante região de Santo Ângelo das Missões. Por isso, quando em julho de 1932 minha família se mudou para o município de Bagé, uns 500 km longe de Rolante, eu não a acompanhei, ficando na casa paroquial, já então, embora não muito conscientemente, **por Cristo e Sua Igreja**.

Naquele tempo tinha 12 anos. Nem Cristo nem Sua Igreja eram para mim conceitos claros. Mas também não eram inteiramente obscuros. Como tudo o mais na vida, foram crescendo. Compreendi depois, e fui reconhecendo, pouco a pouco, sempre mais claramente, até me sentir inefavelmente iluminado, que o Cristo, ao qual ia dedicar inteiramente minha vida com todas as suas faculdades, mesmo entre sombras, era Jesus de Nazaré, que com alegre convicção, quase jubilando, palavra por palavra, assim professo com o Símbolo niceno-constantinopolitano:

“Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Por ele todas as coisas foram feitas. E por nós homens e, para nossa salvação, desceu dos céus e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem. Também foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai. E de novo há de vir, em sua glória, para julgar os vivos e os mortos; e seu reino não terá fim”.

Este, e unicamente este, e totalmente este, é o meu Jesus Cristo.

Como São Paulo na **Carta aos Filipenses** 3,7 e seguintes, considero tudo como perda diante da vantagem suprema que consiste em conhecer a Cristo meu **Kyrios**. Por causa dele eu perdi tudo e considero tudo como lixo, para estar a serviço de **Cristo em Sua Igreja**. Não que me tenha tornado perfeito. Mas continuo correndo para alcançá-lo, já que eu mesmo me sinto alcançado por Ele. Esquecendo o que fica para trás, lanço-me para o que está à frente, para conquistar o prêmio que, do alto, Deus me chama a receber em Cristo Jesus.

Tudo isso, porém, sempre em sua Igreja. Pois jamais devemos desvincular Jesus Cristo de Sua Igreja. Querer Jesus sem Sua Igreja seria desconhecer a missão de Cristo e a natureza da Igreja.

E julgo conhecer esta Igreja de Jesus Cristo. Ela é necessariamente humana, sem dúvida, a começar comigo, e por vezes em algum tempo ou lugar excessivamente humana, mas em todo o tempo o indispensável sacramento do Espírito Santo e, como tal, por Ele sem cessar santificada, vivificada, dirigida, adornada, rejuvenescida, renovada e conduzida à consumada união com Cristo Jesus, meu Senhor, meu Deus e meu tudo.

Em minha vida ocorreram sobretudo quatro momentos especiais de serviço a **Cristo em Sua Igreja**:

Na década de 1951-1961, enquanto ensinava teologia sistemática aos confrades em Petrópolis (Rio de Janeiro) e dirigia a **REB (Revista Eclesiástica Brasileira)**, dediquei todo o tempo livre disponível à campanha nacional de esclarecimento dos católicos sobre os movimentos espiritualistas no Brasil, particularmente sobre o Espiritismo. Não há cidade maior no Brasil que naquela década não me conheceu pregando ou fazendo conferências em igrejas, colégios, salões e praças públicas.

Na década de 1961-1971, continuando sempre em Petrópolis como professor de teologia e redator da REB, fiquei sumamente ocupado com o Concílio Vaticano II, sua preparação, sua realização e sua aceitação no Brasil e na América Latina.

Na década de 1981-1982, dediquei-me de modo particular aos problemas teológicos e pastorais da América Latina, com cursos e conferências em quase todos os países do continente e, desde fins de 1973, organizando e dirigindo em nome do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano) o Instituto de Teologia e Pastoral para a América Latina em Medellín, Colômbia, publicando também uma revista especial com este fim.

Na década de 1982 em diante, no serviço episcopal, primeiro em Salvador, Bahia, como bispo auxiliar e, desde setembro de 1986 em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, retornando ao torrão de 1924, como bispo diocesano e, tendo passado os umbrais dos 75 anos, encontro-me na condição de bispo emérito, como início do descanso eterno.

Quero ainda recordar quatro momentos especiais neste serviço:

1º - a I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, no Rio de Janeiro, em julho de 1955: com o Côn. Agnello Rossi, éramos, ele e eu, os únicos padres do Brasil que oficialmente tomaram parte neste importante encontro episcopal antes do Concílio.

2º - a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín, Colômbia, em agosto-setembro de 1968: participei como perito da CNBB na longa preparação e na execução desta leitura latino-americana dos documentos do Vaticano II.

*3º - A III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em janeiro-fevereiro de 1979, em Puebla, México, para uma leitura latino-americana da Exortação Apostólica **Evangelii nuntiandi** do Servo de Deus o Papa Paulo VI, com um demorado trabalho de preparação e na qualidade de convidado especial do Papa.*

4º - Na IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em outubro de 1992, em Santo Domingo, por ocasião do quinto centenário do descobrimento da América, na qualidade de membro-delegado da CNBB.

E veja agora o leitor o que foi que o meu querido sobrinho José Alfredo Schierholt, que é historiador, descobriu, para ver em que medida se realizou nestes 80 anos de minha existência terrestre aquilo que pretendia ou podia fazer por Cristo em Sua Igreja...

Novo Hamburgo, 9 de julho de 1999

Frei Boaventura Kloppenburg, O. F. M.

PREPARAÇÃO

Percorrer 80 anos de vida, 57 de consagração religiosa, 53 de ministério sacerdotal, 48 como doutor em teologia, 31 de magistério universitário e 17 anos como bispo da Igreja é tarefa a que me proponho, ao biografar Frei Boaventura Kloppenburg. Como nele tudo prima pela perfeição, cronometrado e documentado, ofereço ao público um documentário de sua *vida por Cristo em Sua Igreja*, como que me impedindo de realizar devaneios e excursões pessoais.

Tudo quanto se herda dos pais, mesmo de seus ancestrais, o ambiente em que se é concebido, se nasce e se vive, são variáveis importantes que influenciam no temperamento de uma pessoa, na formação do seu caráter, vocação e profissão.

ORIGENS

Pelo lado paterno, Dom Boaventura descende das famílias Kloppenburg e Fresenborg, e, pelo lado materno, Westerkamp e Dammann.

Primitivamente Cloppenburg, o sobrenome Kloppenburg é anterior a 1296, data de fundação da cidade de Cloppenburg, no sul de Oldenburg, ao norte da Alemanha. Pode ser uma junção dos termos: “*Klop* = *Klub*” (clube, associação) e “*Burg*” (burgo, cidadela). Considerado o patriarca da família Caspar Cloppenburg, em 1627, estabeleceu-se em Altenoythe, em Oldenburg, onde foi sacristão. Deixou muitos descendentes.

Devido ao costume na região de atribuir importância à continuidade e integridade do morgado rural, o herdeiro adotava o sobrenome da casa. Foi o que aconteceu com Johann Heinrich Kloppenburg, nascido Westerkamp, em 22-9-1814, que estava casado com Elisabeth Müting, filha de Gerd Henrich Müting e Margaretha nascida Kloppenburg. Desse casamento nasceu Heinrich Kloppenburg, em 26-8-1838, casado com Antonette Fresenborg, ambos avós de Dom Boaventura.

A família Fresenborg, primitivamente também Vreisenborg e Friesenborg, é originária da região dos antigos frisões, entre o norte da Alemanha e Holanda. Além da agricultura, também se dedicavam ao comércio, estabelecendo-se algumas famílias na Suécia. Com a implantação do luteranismo nos países escandinavos, os Fresenborg permaneceram católicos, o que foi uma decisão de graves conseqüências, sem direitos civis, igreja, escola, vida social e liberdade econômica.



Os pais de Frei Boaventura, em 1966.

A situação os obrigou a retornar para a Alemanha, onde também tinha havido grandes mudanças, mormente com a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). O "*jus reformandi*", mais conhecido por "*cujus regio, eius religio*", nos estados germânicos, desde 1526, obrigava os súditos a seguir a religião do príncipe, a não ser que emigrassem. Após um século de protestantismo, a região do Oldenburger Münsterland retornou ao catolicismo, o que impregnou no povo uma profunda e decidida vida religiosa.

Dos 10 filhos de Heinrich Fresenborg, comerciante sueco, radicado em Essen, Oldenburg, e Maria Johanna, nascida Witte, destacamos Antonette, vovó de Frei Boaventura.

A boa situação econômica da família permitia oferecer aos filhos a melhor escola da região. Mesmo respirando o ar de liberdade, vivida pela população de Bremen e adjacências, o espírito de religiosidade era desenvolvido e cultivado por pais e filhos. Nascida em 6-2-1845 e falecida em 4-9-1883, Antonette Fresenborg casou-se em 10-2-1872, com Heinrich Kloppenburg, nascido em 26-8-1838 e falecido em 28-6-1886, vovô de Frei Boaventura.



Tios, em 1949: Em baixo: Finchen e Carl Westerkamp, Frei Boaventura, Alwine Tabeling e Caroline Lameyer; Em cima: Agnes e Arnold Westerkamp, Frida e Franz Westerkamp, Josef e Maria Kloppenburg.

A histórica casa dos avós paternos se localiza na paróquia de Oythe. Construída por Heinrich Kloppenburg e Margarethe Pundt, na fachada da casa está a data de 1683, talhada no barrote de madeira, com a seguinte inscrição: *In Gottes Nomen bou eck det Hus - Un wenn hei will mot eck herut*, o que no dialeto Platt significa: *Em nome de Deus eu construo esta casa e quando Ele quiser devo eu sair*. Estes dados foram colhidos pelo próprio Frei Boaventura, tomando conhecimento também do plano de seu avô em emigrar para os USA. Até o passaporte já estava pronto, ainda hoje existente no arquivo da família no Canadá.

Os avós paternos de Frei Boaventura eram considerados dos mais abastados da região. Exploravam, sobretudo, a turfa na região de Vechta. O casamento foi abençoado com seis filhos:

1º - Heinrich Kloppenburg, nascido em 2-7-1873, depois de alguns insucessos econômicos e perdas devido à grande inflação alemã, havia decidido com os irmãos Anton e Bernard emigrar para o Brasil. Bernard emigrou, mas não estimulou seus irmãos a seguirem o mesmo caminho. Heinrich mudou o rumo para o Canadá, em 1928, estabelecendo-se em Humboldt. Por ocasião de seu centenário de nascimento, seu sobrinho Frei Boaventura o visitou, levando uma carta pessoal do papa. Faleceu com 102 anos de idade, em 11-11-1975.

2º - Bertha, nascida em 31-12-1874 e falecida 9-12-1948, casou-se com Clemens Josef Henning, nascido em 16-5-1863 e falecido em 16-4-1933, tendo 8 filhos, dos quais Josef August e Franz emigraram para o Brasil em 1922, enfrentando muitas dificuldades.

3º - Anna, nascida em 8-7-1876 e falecida em 18-5-1912, casou-se com Hermann Tabeling, tendo 6 filhos, em Oythe.

4º - Anton Kloppenburg, nascido em 14-8-1878 e falecido em 10-5-1971, com 50 anos de idade e 9 filhos, emigrou para o Canadá, cultivando 200 ha de terra em Humboldt. Casou-se com Maria Nordenbrock. Dos 7 filhos, Anna e Emma se tornaram religiosas.

5º - Joseph Kloppenburg, nascido em 16-3-1880 e falecido em 10-5-1955, foi agricultor e moleiro em Holzhausen. Em primeiras núpcias estava casado com Sophie Rohenkohl, tendo a filha Maria. Em segundas núpcias estava casado com Maria Damman, sem filhos.

6º - **Franz Bernard Kloppenburg**, nascido em 26-1-1882 e falecido em 23-5-1968, pai de Frei Boaventura, perdeu a mãe com 20 meses de idade e o pai com 4 anos e 5 meses, vítimas de tuberculose.

Coube à administração da propriedade ao único tio paterno, Bernard Anton Kloppenburg. O seu apelido foi “Pöterken” (“padrezinho”), porque havia sido irmão religioso, de 1867 a 1886, casando-se com 56 anos de idade, com a costureira Bernardine Hellmann.

De Bernard Westerkamp e Anna Maria nascida Wöhrmann nasceu o décimo e último filho, Franz Westerkamp, nascido em 10-3-1839 e falecido em 13-12-1925, agricultor em Stukenborg, avô materno de Frei Boaventura. Em 10-2-1874, Franz casou-se com Maria Dammann, avó materna, nascida em 10-8-1853 e falecida em 14-6-1932, filha de Heinrich Dammann, agricultor e ferreiro em Lutten, e Henriette nascida Kohl.

Como oitavo membro da família de Maria e Franz Westerkamp, **Josefine Caroline**, mãe de Frei Boaventura, nasceu em 12-1-1888, em Stukenborg. Após o primário, Josefine fez o curso profissionalizante, hoje equiparado a contador.

Em 25-2-1908, realizou-se a solenidade do casamento de Franz Bernard Kloppenburg e Josephine Caroline Westerkamp. Embora formado como jardineiro, Bernard estabeleceu em Schmertheim (Cloppenburg) um bar, com pequeno comércio de mantimentos de primeira necessidade. À noite costumavam reunir-se no local agricultores da região, divididos em dois grupos: Rotbund (criadores de vacas vermelhas) e Schwarzbund (vacas pretas), rivalizando-se pela qualidade do gado leiteiro.

Lá por 1910, cabendo-lhe por herança 20 mil Goldmark, Bernard Kloppenburg montou um moinho de cereais, em Schmertheim, produzindo ração para suínos. O pioneirismo atraiu a vizinhança. Para ampliar seus negócios, mudou-se para Molbergen, a 8 km de Cloppenburg, onde construiu um moinho maior, com comércio de cereais, ração, farinha e grãos, bem como uma padaria, especializando-se na produção de pão preto.

Quando tudo ia muito bem, sobreveio a desgraça da I Guerra Mundial. Com 32 anos de idade, Bernard foi convocado. Participou nos combates de trincheira junto ao Rio Isère, na França e em Wyschaetebogen (Wissembourg?); nas longas batalhas de Somme e de Flandres, na Bélgica; nas lutas de posições ao norte de Düna; nos combates para libertação de Livônia e Estônia; na guarnição de Pärnu. Até 5-1-1919 ficou engajado no exército, conseguindo retornar ao lar no final do mesmo mês, pois tinha sido prisioneiro na Rússia comunista.



Vistas de Molbergen, onde nasceu Frei Boaventura.

Bernard Kloppenburg não precisou fazer uso de armas durante a guerra. Cobia-lhe serviços de apoio na calefação, cozinha e, sobretudo, tinha a tarefa de retirar feridos nas trincheiras e campos de batalha, bem como sepultar os compatriotas tombados. O documento militar atesta que teve bom desempenho, sem repreensão. Até o fim de sua vida, jamais recebeu alguma recompensa ou indenização por serviços prestados e bens perdidos. Os intensos bombardeios lhe provocaram a perda parcial da audição e o rigor de cada longo

inverno lhe causou bronquite crônica. Serviu fielmente a sua pátria, mas sempre repudiou a guerra, promovida por grupos políticos, aliados a interesses econômicos e militares que jogam soldados e população na linha de fogo. Para Bernard Kloppenburg, o amor à vida e à família, em comunidade, estava acima de tudo.

Ao retornar para Molbergen, sentiu Bernard de perto outros efeitos da guerra. Seu estabelecimento estava totalmente danificado. Os equipamentos deviam ser reconicionados. Fechada por três anos, também a moradia e os móveis estavam deteriorados, devido ao mofo, umidade e traças, necessitando de uma reforma geral, limpeza e pintura. Um concorrente estabelecera um moinho na localidade. Como seu maquinário se encontrasse enferrujado, conseguiu adquirir um dínamo de 30 HP. Organizou na comunidade uma cooperativa de eletrificação, com pequeno hotel e empório de produtos coloniais.

Não conseguindo subsistir devido à concorrência, Bernard arrendou sua propriedade em Molbergen, lá por 1921, e mudou-se para Hausstette. No Mühlenweg n.º 4 assumiu a administração de um antigo moinho de vento da Cooperativa. Obteve em arrendamento também 5 ha de terra para o plantio de forragem, destinada à suinocultura. Foi a última moradia dos Kloppenburg na Alemanha.

IMIGRAÇÃO PARA BRASIL

A grande pergunta que se faz: por que, naquela época, mais de uma centena de famílias emigraram também de Oldenburg para o Brasil?

O período pós-guerra trouxe igualmente para a família Kloppenburg muitas dificuldades. A ameaça de uma guerra de revanche pairava no ar. A Alemanha derrotada queria de volta os territórios perdidos, para um maior *espaço vital*, livrar-se da opressão e dívida da guerra estipulada pelos aliados vencedores. Quais as perspectivas para os seus oito filhos? Serviriam como “*Kanonenfutter*”, na expressão do próprio Bernard, como bucha de canhão para uma segunda guerra?



Família Kloppenburg, foto de 15-5-1924, ao sair da Alemanha.

Na escola, o professor, ao mostrar no mapa Alsácia, Lorena e demais territórios perdidos, insuflava nos alunos o dever patriótico de lutar pela sua recuperação. O Tratado de Paz de Versalhes, de 28-6-1919, estabelecia que as forças de ocupação entrassem nas áreas conquistadas já em princípios de janeiro do ano seguinte, entram com força total nas áreas de ocupação. O Deutsche Arbeiterpartei (DAP - Partido Trabalhista Alemão), fundado em 5-1-1919, com exclusão expressa dos judeus, e Adolf Hitler como seu chefe de propaganda, é transformado em Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (NSDAP), em 24-2-1920. Aliás, Bernard Kloppenburg sempre fora do Partido do Centro, adversário de Hitler.

Os aliados exigiam uma reparação de 226 bilhões de Goldmarck, a serem pagos em 42 anos, dos quais cabia 52,5% para a França, 22% para a Inglaterra, 10% para a Itália, 8% para a Bélgica e o restante para os demais países aliados. O Führer conclamava o povo alemão a reagir contra a dívida da guerra, propagando uma campanha de intensa nacionalização. A desvalorização da moeda alemã aumentava

astronomicamente a partir de 1921. A paridade do marco-dólar, que estava em 4,20 em julho de 1914, aumentou para 99 em fevereiro de 1920 e para 270, em novembro de 1921. Em janeiro de 1923, o dólar era trocado por 18 mil marcos, chegando a valer 4,2 trilhões de marcos em dezembro do mesmo ano. A falta de emprego, a carestia de habitação, alimentos, vestuário e combustível para o aquecimento no rigoroso inverno pintavam um quadro cada vez mais negro para o futuro do povo alemão.

Além dos problemas políticos, sociais e econômicos, as famílias tinham que enfrentar problemas de saúde, especialmente a tuberculose. Em 1923, a família Kloppenburg perdeu o filho August. A própria mãe já tinha estado à beira da morte. O bacilo de Koch, causadora da tuberculose pulmonar, permanecia no interior das moradias, como que impregnado nas paredes e móveis. Na época, a população ainda não conhecia bem a importância da higiene. Era preciso encontrar soluções e oferecer aos filhos melhores perspectivas de vida. Entre as opções oferecidas, constava a imigração para a América.

Pe. Júlio Themann, jesuíta, em 1921, em Santa Cruz do Sul, e o Pe. Jorge Anneken, Missionário da Sagrada Família, em 1922, em Rolante, mantinham contato e correspondência com seus conterrâneos, propagando grandes vantagens da imigração para o Rio Grande do Sul. Bernard Kloppenburg lia muitos livros e revistas sobre a América. Não seguiu impulsos de aventureiro ao conversar com sua esposa sobre todas estas coisas. Provavelmente de nada souberam das dificuldades enfrentadas pelos seus sobrinhos Josef August e Franz Henning no sul do Brasil. Seu contato com o padre Jorge Anneken foi decisivo.

A emigração para o Brasil foi um segredo do casal. Só no final da festa das bodas de ouro de Franz e Maria Westerkamp, avós de Frei Boaventura, em 10-2-1924, veio a público. Bernard Kloppenburg e Josef Böckmann combinaram com o agente de viagens (Reisebüro) Franz Lamayer os detalhes legais da emigração e viagem. Estourara a notícia como fato consumado. Na mesma noite, parentes e amigos, especialmente da família Westerkamp, tentaram demover Bernard de seus planos. Conta-se que ele simplesmente emudeceu, sem retroceder. Foi até aventada a possibilidade do desquite, com aprovação do próprio irmão padre August, se Josephine não quisesse acompanhar o marido. A decisão estava tomada. O segredo da emigração fora mantido para evitar conflitos com seus irmãos e cunhados. Jamais Josephine se queixou de ter vindo para Rolante, embora sofresse o duro golpe de ter perdido o pai, no ano seguinte e a mãe, oito anos depois.

Vendidas as propriedades, os emigrantes carregaram nos baús apenas os pertences necessários. No dia 15-5-1924, deu-se a despedida e o embarque no trem para o porto de Bremen. Ainda foi tirada uma foto de toda a família. O "Sierra Nevada", navio de 24 toneladas e 2.000 passageiros, zarpou dois dias depois, num sábado. Chegaram em Rolante em 19 de junho, durante a missa solene do Corpo de Deus.

O casal Josephine e Bernard Kloppenburg imigrou com 7 filhos vivos: Franz Lambert Alfred (mais conhecido por Francisco, nascido em 28-11-1908), Maria Elisabeth (conhecida por Mia Macke, nascida em 20-8-1910), Anna Agnes (conhecida por Inês Schierholt, nascida em 1-12-1911), Hermine Caroline (conhecida por Carla ou Irmã Manuela, nascida em 23-5-1915), Paul Josef Johannes (conhecido por Paulo, nascido em 2-6-1918), (conhecido por Frei Boaventura, nascido em 1-11-1919), Hedwig Josephine (conhecida por Heti, nascida em 22-2-1921). Nasceu-lhes no Brasil mais 3: Josephine Margarida (conhecida por Irmã Régis ou Irmã Josefina, nascida em 18-1-1926), Alma Joana (conhecida por Alma Timmen, nascida em 4-5-1927) e Teresa Elisabeta (conhecida por Resa Averbeck, nascida em 10-11-1928).

Karl Josef Kloppenburg nasceu, de fato, em 1º de novembro, como sua mãe sempre dizia e promovia a festinha de seu aniversário. Para tirar a dúvida, há pouco tempo foi ver o registro no próprio livro de batizado, constatando que sua mãe tinha razão. Mas, seu registro de nascimento dá a data de 2 de novembro. Tinha apenas 4 anos e meio de idade, ao vir para o Brasil.

Apesar de viverem numa casa de alvenaria de boa qualidade, próxima ao núcleo urbano, com razoável estrutura para uma economia de subsistência rural, o espaço físico, no entanto, ficava cada vez mais apertado, na medida em que os 10 filhos cresciam.

No zona colonial gaúcha não havia terras disponíveis, com preço acessível. Áreas acidentadas e com florestas não lhe interessavam. Retornar à Alemanha, ir para a Argentina ou Canadá não estava mais nos seus planos. Tinha conhecimento de áreas na



Frei Boaventura, com 4 anos, 6 meses e 14 dias, ao vir para o Brasil.

zona de fronteira, terras mais planas para uma agricultura mecanizada. Em 1929, chegou-lhe às mãos o livro de Franz Krenzinger, **Vom Urwald zum Kamp** (Das matas para o campo), baseado na obra **A Cultura dos Campos**, de Joaquim Francisco de Assis Brasil. O notável político e pecuarista Assis Brasil condenava a colonização das matas estimulada pelo governo. Propagava a transformação do campo bruto da campanha em colônias agrícolas.

Nova decisão de migrar foi tomada. A propriedade em Rolante foi vendida em 4-7-1932 e a família mudou-se para Rio Negro, Bagé, hoje município novo de Hulha Negra.

A primeira moradia foi um galpão rústico, de chão batido. Com a venda dos primeiros produtos, a família Kloppenburg construiu uma bela casa de madeira, com galpões e estrebarias para o gado leiteiro, suínos e aves. O que não era nada comum na zona rural da fronteira, jardins, pomar e arborização davam à morada um aspecto de aconchego, saúde e prosperidade.

FORMAÇÃO

A zona de campanha de Bagé, com as longas distâncias entre as paróquias, com apenas um sacerdote na cura das almas e a falta de padres na diocese de Pelotas provocaram em Josef Kloppenburg algumas reflexões de profunda repercussão na vida. Além disso, a leitura da vida de santos sempre despertou nele uma variedade de opções para exercer seu sacerdócio numa comunidade religiosa.

Um passo importante, neste sentido, tinha dado sua irmã Hermine Caroline ou Carla, como era chamada, indo estudar e trabalhar com 11 anos de idade na Beneficência Portuguesa, em Porto Alegre, onde as Irmãs da Divina Providência haviam chegado em 23-8-1923. Em estado precário, o hospital foi recuperado e seu espaço ampliado. Com 16 anos de idade foi transferida para Arroio do Meio, RS, onde as Irmãs tinham fundado o Colégio São Miguel, em 21-2-1931. Pagava seus estudos com trabalhos domésticos no internato. Depois de cinco anos como juvenista, em 28-6-1933, ingressou na Congregação das Irmãs da Divina Providência, perfazendo o noviciado em Florianópolis. Emitiu os votos religiosos em 5-1-1936 e os perpétuos, em 5-1-1939. Por quase 30 anos Irmã Manuela trabalhou na cozinha e 22 anos em serviços domésticos em diversas casas da Congregação, como Itajaí, Curitiba, Santa Clara do Sul, Venâncio Aires, Mato Leitão, Joinville, Corupá, Jaraguá, Blumenau, Brusque e Florianópolis, onde está adoentada na Trindade, uma casa de Irmãs idosas. Apenas por três anos e meio foi superiora, numa pequena comunidade, encarregada de trabalhos domésticos no seminário de Corupá.

Sem grandes estudos e tão jovem, pensou Kloppenburg, sua mana tomara uma decisão tão corajosa, mudando até o nome para Irmã Manuela, sem que pudesse ela retornar para casa e rever sua família. Admirou-lhe o gesto de doação a Deus, desde menino, na fase de alfabetização.

Mamãe foi certamente minha primeira catequista - escreve no prefácio deste livro. - Mas o ensino religioso sistemático era dado pelo vigário e, quando vieram as freiras em 1929, pelas irmãs. No dia 1º de novembro de 1929, ao completar 10 anos, recebi a primeira comunhão. Mas já antes afirmava que queria ser padre. Desde que me conheço e me perguntavam pelo meu futuro, dizia que queria ser padre, coisa que não ocorreu com meus irmãos, que viviam exatamente no mesmo ambiente. Já devo ter nascido com esta vocação. Simplesmente. Sem outra influência que não a vida cristã que vivíamos na família. Claro que então não distinguia entre padre diocesano e religioso. Como os Missionários da Sagrada Família, que dirigiam aquela paróquia, começavam a procurar vocações sacerdotais para sua comunidade, desde começos de 1932 fiquei com mais outros cinco meninos (nenhum deles ficou padre) residindo na própria casa paroquial, que era um sobrado bastante grande, a fim de receber aulas diárias e ser preparados para o seminário menor que eles estavam construindo na distante região de Santo Ângelo das Missões. Por isso, quando em julho de 1932 minha família se mudou para o município de Bagé, uns 500 km longe de Rolante, eu não a acompanhei e fiquei na casa paroquial, já então, embora não muito conscientemente, por Cristo e Sua Igreja.



Em 1935, Frei Boaventura ficou em Hulha Negra. A safra de milho.

Em 24-10-1932 foi inaugurado o Seminário Menor da Sagrada Família em Santo Ângelo, para onde se transferiu também Josef Kloppenburg, com o pequeno grupo de

seminaristas de Rolante. Concluído o ano letivo de 1934, teve suas primeiras férias com sua família em Rio Negro, denominação alterada para Hulha Negra, dez anos depois. Não quis mais regressar a Santo Ângelo. Permaneceu com sua família no decorrer de 1935.

Eclesialmente a região pertencia então à diocese de Pelotas. E como seminarista desta diocese, ele se matriculou em 1936 no Seminário Menor de São Leopoldo, onde por dois anos fez o curso ginásial. Fechando este seminário em fins de 1937, foi enviado ao Seminário Menor de Santa Maria, onde terminou regularmente seu curso colegial em 1939. Voltou então a São Leopoldo, para cursar a filosofia no Seminário Central, em 1940 e 1941.

Pela primeira vez o uso do batina preta era permanente e obrigatório também para os filósofos, mormente durante as funções litúrgicas. Além de conhecer a base e métodos das ciências, cosmologia, teodicéia, psicologia, ética, aprendeu lógica, gnosiologia ou teoria do conhecimento, a técnica de argumentar, entrando em contato com as grandes correntes do pensamento humano, escolas de filosofia, como Aristóteles, Tomás de Aquino e Duns Scotus. *Guardo as melhores lembranças de São Leopoldo, onde os professores eram jesuítas* - escreve Frei Boaventura em suas memórias. - *Fomos educados rigorosamente no antigo regime dos jesuítas. Creio que para mim não foi prejudicial. Nem me considero "massificado", apesar do grande número de seminaristas. Muitos deles continuam até hoje meus bons amigos.*



Irmã Manuela, em 1-1-1966.

Lembra bem a época quando o Brasil estava em guerra contra a Alemanha e os imigrantes alemães eram vistos como pessoas de segunda categoria, o que também acontecia em Pelotas.

A diocese tinha então poucos padres seculares para a cura de almas. A maioria dos sacerdotes permaneciam sozinhos nas paróquias, por muitos anos. Essa realidade sentiu-a bem de perto, ao concluir seu primeiro ano de Filosofia. No final do ano de 1940, foi escalado para ir à paróquia de Piratini. Lá tinha recebido a incumbência de auxiliar o velho pároco nas festas de Natal e Ano Novo. Entretanto, o padre se encontrava doente e acamado. O jovem filósofo se encontrava ali, a sós, com as ovelhas sem pastor. Não havia uma casa paroquial. Situada por detrás do presbitério e altar, na pequena sacristia o padre dormia, num catre mal cheiroso. Com fama de santo, ele era muito pobre. Distribuía tudo aos indigentes. Por outro lado, os fiéis não conheciam uma simples liturgia da palavra que substituísse a missa, especialmente no Natal.

Kloppenburg não sabia bem o que fazer. Não tinha conhecidos com quem ficar.

Sem qualquer experiência pastoral, mormente em tais circunstâncias, sentiu invadir-lhe enorme solidão. Com toda certeza, nem imaginava o que a Divina Providência estava aí maquinando, para traçar, em concreto, os rumos que ele haveria de tomar. Se o seu Natal nada tinha de muito natalino para ele, nem os prenúncios de um Ano Novo lhe pintassem lá ser muito promissor, serviu aquela semana de retiro forçado para uma importante decisão pessoal: não seria um padre diocesano! Não suportaria a solidão em paróquias tão grandes e distantes. Sentia a necessidade de trabalhar na Seara do Senhor, mas em comunidade, em equipe, conjugando esforços, de forma mais humana, mais feliz e menos perigosa. De imediato, dirigiu-se a Pelotas, apresentou seu relatório e pessoalmente comunicou a Dom Joaquim que não queria mais ser padre secular.

Mantinha com sua mana Irmã Manuela piedosa correspondência. Numa das cartas, manifestou suas preocupações em relação ao futuro como padre secular, pensando em tornar-se padre franciscano. Sua irmã transmitiu tais preocupações ao superior provincial dos padres franciscanos, no Convento Bom Jesus, em Curitiba. Dele obteve informações sobre fins, objetivos, requisitos para se ingressar na Ordem dos Frades Menores, remetendo-as ao irmão.

Concluído o curso de Filosofia, em 30 de novembro, apresentou-se em Rodeio, SC. Segundo a carta n.º 0/925-41, de 29-9-1941, assinada pelo secretário provincial, Frei Odilon Stump, OFM, o novo discípulo de São Francisco devia trazer apenas as roupas do corpo, necessárias para 14 dias, o que anunciava ser a vida franciscana simples e destituída de bens.

Em 20 de dezembro de 1941, na cidade de Rodeio, houve a solene vestição religiosa do burel marrom de São Francisco, bem como do uso da sandália franciscana. Quem até então nunca tinha visto um franciscano ao vivo, ingressava assim na Ordem dos Frades Menores, tomando o nome religioso de Frei Boaventura, nome que ele sempre preferiu, mesmo podendo, mais tarde, voltar ao seu nome civil de Karl Josef ou Carlos José Kloppenburg.

Três décadas depois, ao receber uma carta de 8-6-1971 do Frei Apolônio Weil, secretário da Província Franciscana, comunicando sua eleição como “o grande preferido” para deputado ao Capítulo Geral, em Medellín, em 28 de agosto, confessa em seu **Diário 8**, em 16 de junho: *Isso é, para mim, na realidade, uma grande surpresa. De repente a Província se lembra de minha existência! Nunca fui nada, nestes meus 30 anos de frade menor.* Encontrou uma explicação desta indiferença, ao ingressar na Ordem Franciscana, uma organização religiosa já pronta, sem muito pensar em si e mais na Igreja. Por isso, habituou-se a se preocupar menos com a vida e política interna da Ordem, que lhe confiou a formação dos seus teólogos e lhe oferecia a Editora Vozes e suas revistas. Dedicou-se quase exclusivamente ao magistério, estudos, campanha de esclarecimento aos católicos, Concílio, livros, **REB** e revistas, retiros e cursos, inteiramente dedicado à Igreja e *desinteressado pelas cousas particulares da Ordem, comecei a viver de fato um tanto à margem da Província e da Ordem. Não era, por isso, de admirar que também a Província me marginalizasse. Nunca me convidaram ou elegeram para nada na Província, a não ser para os cargos aqui no Convento. E agora me vem esta inesperada eleição para Deputado ao Capítulo Geral! Terei que começar agora e voltar-me para as coisas da Ordem? Por ora não posso entusiasmar-me com semelhante idéia. Mas ponho minha vida e seu destino nas mãos de Deus.*

No Seminário Maior de Medellín, de 23 de agosto a 25 de setembro de 1971, com 115 Padres Capitulares (“vogais”), além de peritos, tradutores, secretários, etc. realizou-se o 178º Capítulo Geral Franciscano. Frei Boaventura foi eleito presidente do Grupo Latino-Americano, integrando o *Colégio dos Presidentes, que é a alma do Capítulo Geral* - esclareceu no **Diário 8**, em 23 de agosto. - *Todos os meus textos propostos, alguns deles fortes, passaram tranqüilamente* - anotou um mês depois. Também por 61 votos contra 48 foi aprovado o seu *texto novo sobre a necessidade de cultivar a oração individual e pessoal também.* Comparando com o último Capítulo Geral, *houve nestes últimos 4 anos profunda mudança de atitude: Em 1967 a oposição vinha da “direita” e a “esquerda” era a minoria; em 1971 a oposição vinha da “esquerda” e a “direita” era a maioria. Eu sou considerado da “direita”* - concluiu no **Diário 8**, em 24 de setembro.

Mesmo que sempre tivesse alimentado admirável culto por São Francisco de Assis e tanto estivesse ligado à Ordem Franciscana, representando-a em todos os quadrantes do mundo, Kloppenburg nem sempre foi devidamente correspondido pelos seus confrades.

Como sempre costumava fazer em qualquer cidade onde se encontrasse, em 11-2-1990 esteve na Cúria Geral OFM, em Roma, onde almoçou, reencontrando-se com velhos amigos. *Encontrei neles boa disposição* - observou no **Diário 16**. - *Mas mesmo assim continuo desencantado com a Ordem Franciscana. Penso que estão em plena decadência. Hoje não me faria franciscano.* Entretanto, ao deixar as funções de bispo diocesano, mesmo emérito, voltou a preferir o título simples de Frei Boaventura.

A formação universitária de Frei Boaventura tem sido coroada como uma das carreiras mais brilhantes em toda a história acadêmica. Segundo o “*Atestatio de Studiis*”, hoje denominado histórico escolar, são as seguintes cadeiras, na denominação latina, e suas respectivas notas:

No curso de Filosofia, em seis semestres - *magno cum fructo vacavit:*

Ontologia:	10
Psychologia:	10
Biologia:	10
Theodiceia:	10
História Philosophiae:	10
Philosophia Morali:	10
Sociologia:	10



Frei Boaventura em São Leopoldo, em 1940.

No curso de Teologia, em oito semestres - *summa cum laude persolvit*:

Theologia Dogmática:	10
Sacra Scriptura:	10
Theologia Morali:	10
Jure Canonico:	10
Liturgia:	10
Historia Eclesiástica:	10

O documento foi assinado por Frei Ludovico Gomes de Castro, ministro provincial da Ordem dos Frades Menores, em São Paulo, em 8-5-1947.

Concluídos os estudos prescritos, Frei Boaventura foi ordenado presbítero. Mas como ainda não tinha a profissão solene na Ordem dos Frades Menores (O. F. M.), pois entrara na Ordem depois do estudo da filosofia, não podia ser ordenado com sua turma no dia 30 de novembro de 1945. E assim teve o privilégio de ser ordenado no dia 6 de janeiro de 1946, na igreja matriz de São Sebastião de Bagé, RS. Naquela paróquia moravam então seus familiares. Seu ordenante foi Dom Antônio Zattera, Bispo de Pelotas, diocese a qual então pertencia Bagé. Segundo Frei Boaventura, foi a primeira ordenação sacerdotal naquela cidade.

As Irmãs Franciscanas hospedaram toda a família Kloppenburg no Colégio Espírito Santo, em cuja capela se realizou, no dia seguinte, a solenidade da primeira missa. Seu biógrafo foi coroinha. A Congregação das Irmãs da Divina Providência não permitiu que a Irmã Manuela pudesse participar das alegrias espirituais de seu irmão. Ainda vigoravam, na época, alguns dispositivos absurdos das constituições religiosas. Hedwig Cloppenburg, na época Irmã Nemésia, franciscana, lembra que teve a ventura de participar da ordenação sacerdotal e das primícias de seu mano porque as cerimônias se realizaram na igreja matriz e na capela de sua própria comunidade. Também não lhe foi permitida a participação da missa solene e campal, no domingo seguinte, no dia 13, à sombra das árvores ao lado da rústica escola-capela de Cristo-Rei da Trigolândia, em Hulha Negra, 23 km distante de Bagé.



Entre os 20 noviços OFM, em 1942, Frei Boaventura está na extrema esquerda.

SONHO SOCIAL DE UM NEO-SACERDOTE

Um dos aspectos desconhecidos na vida de Frei Boaventura é sua preocupação por problemas sociais. Sua raiz poderá ser encontrada na família e ambiente rural em que vivia. Quando tinha 10 anos de idade, a família tinha decidido migrar para a nova Colônia de Rio Negro, fundada em 1925 por Francisco Krenzinger, denominada Friedenau. Frei Boaventura lá passou todo o ano de 1935 e nos períodos de férias, antes de ingressar na Ordem dos Frades Menores.

No almanaque rio-grandense **Familienfreundkalender**, edição antecipada de 1942 (páginas 262-266), encontramos a reportagem **Endlich auf Kampkolonie**, assinada por J. Kloppenburg. Com 20 anos de

idade, o repórter Josef Kloppenburg constava não haver escolha para novas colônias, na época, a não ser em morros e florestas. Felizmente, como nova opção, acabara de surgir a colônia em pleno campo bruto, ao sul de Bagé. Enumera dificuldades superadas, como a primeira, a compra da terra. O estancieiro não vende a terra em partes, mas integralmente, numa vez só. Um latifúndio geralmente tem mais de mil hectares de área. Quem poderá adquiri-lo?

Além da falta de lenha para uso doméstico, constatou o repórter a realidade da distância existente entre os agricultores no campo. Mesmo que tivessem construído uma escola-capela, raramente havia celebração eucarística, já que em toda a paróquia de Bagé, na época, havia somente um sacerdote.

As distâncias entre os moradores também criavam problemas quanto à vida escolar e social. Entretanto, os pioneiros não desanimavam. A uberdade do solo, sua localização, altitude (em torno de 300m) e clima encham todos de grandes esperanças para vencer os obstáculos. Realmente, a colônia de Rio Negro, denominada Hulha Negra desde 1944, recebeu escola, assistência religiosa e abertura de estradas, emancipando-se meio século depois.

Uma página literária para a história de Hulha Negra e de Bagé foi o discurso do neo-sacerdote Frei Boaventura, depois da missa campal de suas primícias sacerdotais, em 13-1-1946:

Pais, irmãos, paraninfos, amigos do Rio Negro e de Bagé!

Profundamente emocionado, não só pela primeira semana de meu sacerdócio, nem só pela Santa Missa que terminei de celebrar, mas profundamente emocionado pela vossa presença aqui diante de mim, confuso diante de tamanha manifestação de simpatia e veneração, não tanto para com a minha pessoa, quanto principalmente para o santo e sagrado sacerdócio de que fui incumbido. Quando pouco antes me buscáveis com aquele entusiasmo e com aquele brio de verdadeiro gaúcho, fiquei realmente confundido: que tinha eu feito, para que tanto me honrásseis? Que vos tinha eu dado, para que tanto me retribuísseis? Ah não! Não era a minha pessoa que se fizera digna daquelas manifestações, era o sacerdócio de que fora incumbido. E sem dúvida, o sacerdócio merece o nosso aplauso e a nossa contribuição e veneração.

Filhos de minha terra, gaúchos que sois a orgulho do Brasil, brava gente da campanha: a mim outra coisa não resta, senão dizer-vos um muito obrigado, um Deus lhes pague. E oxalá Deus soltasse neste instante a minha língua para um vibrante elogio do gaúcho e da campanha!. Assim lhes quisera eu agradecer. Assim quisera mostrar a minha gratidão.

Tive estes dias a felicidade de passar ao longo destas estradas. Lancei meus olhares a perder de vista. E - descobri a campanha. Eis, irmãos, Rio Negro, a Campanha a descoberto! Viajei. Venho do Rio, passei por São Paulo, estive no Paraná, atravessei Santa Catarina, percorri o Rio Grande do Sul e passei por estas estradas da Campanha e crede-me, filhos desta terra: em parte alguma descortinaram-se-me panoramas tão ricos; crede-me, em parte alguma do gigante Brasil, vi região mais encantada, vi terra mais variada, vi lavouras mais abençoadas do que as abençoadas lavouras do Rio Negro. Povo do Rio Negro, vós não sabeis o que possuís! Ignorais as vossas riquezas! A fecundidade do vosso solo, a riqueza do vosso subsolo, a frescura de vossa atmosfera, o azul de vosso firmamento, as matizes de vossos panoramas, as belezas de vossas plantações, a riqueza de vossas parvas, o orgulho de vossos filhos - eis rápidas pinceladas do vosso paraíso.

Paraíso, sim! Lágrimas, verdadeiras lágrimas de contentamento e de alegria me invadiram os olhos ao atravessar estas estradas. As enormes e verdejantes plantações de milho, que ondulavam ao soprar do vento, os trigais amarelos e já cortados, e agora as grandes e numerosas parvas esperando o encosto da trilhadeira, a singeleza e graciosidade das vossas habitações, sempre menores que os galpões enormes, onde guardais o vosso cereal, aquelas casinhas todas acompanhadas, rodeadas e protegidas pelos capõezinhos, pelos eucaliptos, pelas laranjeiras e pelos sobrecarregados pessegueiros, as numerosas máquinas agrícolas e outros equipamentos modernos, expoente visível e marcante do vosso progresso e da vossa riqueza - digo, ao passar ao longo de vossas novas e boas estradas e ao verificar a beleza e riqueza e satisfação toda deste ambiente, encheu-se minha alma de satisfação e brotaram de meus olhos lágrimas de alegria.



Ordenação Sacerdotal de Frei Boaventura, em 6-1-1946, em Bagé.

E fui adiante e segui a estrada. Encontrei-me com um enorme campo, muito grande, cheio de coxilhas e sangas, ocupado pela chirca ainda. O mesmo solo seco me clamava em altas vozes: venha também para aí o arado, também eu quero produzir trigo para o meu Brasil, também eu quero felizes as famílias pobres, saciadas as crianças famintas. E via então o campo se transformar lentamente. Surgiam as primeiras casas. Cantavam as primeiras mulheres. Jubilaram as primeiras crianças. E os homens, macanudos, fortes, dispostos, lavraram o primeiro campo e semearam o primeiro trigo. Surgiram os eucaliptos, o odor das laranjeiras se espalhava pelo ar, os pêssegos rolavam ao chão, onde cacarejavam as galinhas. E lá em cima, naquela colina, bem no alto, levantava-se, soberba e dominadora, a torre da nova igreja. O bimbalar dos sinos duma igreja da Campanha, pela primeira vez, enchia os ares santificados da abençoada Campanha. Era a nova colônia que se estendia pela fronteira. Seu nome era Frontana!

Meus irmãos! Quando abri meus olhos à realidade e via senão o mesmo campo enorme, seco, coberto pela chirca. Levantei então uma prece a Deus pedindo-lhe que tornasse em realidade o sonho que sonhara, pedindo-lhe que fizesse abrir mais aquele campo com aquela torre e aqueles sinos e aquele povo feliz, aquelas mulheres que cantarolavam e aquelas crianças que brincavam no caminho à escola, pedindo-lhe fizesse surgir a colônia que no meu sonho se chamava Frontana.

Oh! Povo feliz nesta região abençoada! Zombais do meu sonho?

A pergunta ecoou pelas coxilhas de toda fronteira. Do sonho ao discurso, do discurso ao projeto, e do projeto à sua execução... foi um longo caminho, de retorno ao sonho, com mais de meio século de frustração...

Para unir os agricultores em defesa de preços da produção e demais reivindicações, foi festejada a fundação da Cooperativa Agrícola “Assis Brasil” Limitada, em Hulha Negra, no próprio dia 13-1-1946, na festa da “Primeira Missa” de Frei Boaventura. Também o **Correio do Sul**, do dia 15, noticiou o discurso do neo sacerdote, que falou *das necessidades materiais de nossa campanha, deixando ainda patente ser um sacerdote grandemente sereno e imbuído dos verdadeiros princípios cristãos que se acha perfeitamente identificado com os assuntos gerais da coletividade... Sua oração foi grandemente aplaudida, merecendo mesmo louvores indistintos dos assistentes.*

O padre Kloppenburg chegou a publicar diversos artigos no **Correio do Sul**, jornal de Bagé, como por exemplo, a edição de 17-1-1946, em defesa dos colonos. Houve forte reação de ruralistas e estancieiros. O jovem franciscano foi até chamado de “comunista”.

Da diretoria da citada cooperativa tritícola fazia parte também seu irmão, Francisco Kloppenburg, o dinâmico “Francisquinho”, um dos pioneiros e seu diretor comercial, segundo consta no **Correio do Sul**, de 23-1-1946. O eco de sua importância perdurou por mais de um quarto de século em toda a região.

Entretanto, inúmeros problemas persistiam na região colonial de Hulha Negra.

Foi preciso montar um projeto e adquirir uma ou duas propriedades para dividi-las em colônias novas. Todas estas preocupações Frei Boaventura levou pessoalmente a Dom Antônio Zattera, que prometeu seu empenho para encontrar solução. O bispo diocesano conhecia os principais caminhos. Como chefe dos 16 capelães militares gaúchos na Revolução de 30, entre os quais o futuro Dom Vicente Scherer, havia

recepção Getúlio Vargas, conhecia bem o general Eurico Gaspar Dutra, recebera, depois Juscelino Kubitschek de Oliveira e Jânio Quadros. (**Zero Hora**, de 27-6-1999, p. 34).

Ao retornar para Petrópolis a fim de completar seu curso de teologia, Kloppenburg alinhou um plano e o apresentou ao bispo de Pelotas, em carta de 3-3-1946. Três semanas depois, Dom Zattera respondeu, considerando *muito boa sua exposição. Tenha certeza que mantereí minha promessa: falarei com as duas proprietárias dos terrenos de Hulha Negra*. Mais adiante, o bispo manifestou *pouca esperança; no último caso, recorreremos ao governo para desapropriação*.

Em 27-5-1946, no Rio de Janeiro, Dom Antônio encontrou-se com Frei Boaventura. Ambos tiveram, no dia seguinte, um encontro com Dr. Artur Fischer, advogado e deputado trabalhista gaúcho. Este já era um líder muito conhecido no meio ruralista, tendo-se destacado no I Congresso Estadual de Agricultores, em Porto Alegre, nos dias 12 a 14-7-1945, eleito presidente da Comissão Executiva que elaborou a famosa **Carta do Agricultor Sul-rio-grandense**. Os três elaboraram um documento específico de ação conjunta, solicitando ao governo federal a desapropriação de uma área de terras em Bagé, para ampliar a colonização e promover a cultura do trigo nacional.

O projeto previa a necessidade de 200 quadras, 16 mil hectares, para mais ou menos 400 famílias. A fim de executar o projeto, a entidade colonizadora poderia ser a própria Cooperativa Assis Brasil ou a União Sul Brasileira de Cooperativas ou mesmo outra sociedade congênere, como a que estava colonizando Porto Novo, hoje Itapiranga. Para que houvesse maior integridade e harmonia entre os colonos desejava-se agrupamentos homogêneos, isto é, que não se misturassem católicos e evangélicos, etnias germânica e itálica. Um dos maiores objetivos do projeto era a expansão da triticultura, através da cultura mecanizada.

Há nesse episódio um pequeno grande detalhe, peculiar da vida religiosa. Em carta dirigida ao deputado Fischer, em 21-6-1946, Frei Boaventura confessa que após o citado encontro não ficou sabendo mais *nada do que aconteceu depois, ou o que foi encaminhado e a que alturas está o pedido que fizemos no sentido de desapropriar 200 quadras de terras, pois não me é lícito ler jornais. Mas desejaria muito estar ciente de tudo...*

No mesmo ofício, Frei Boaventura lembra ao deputado que há muitos colonos gaúchos e catarinenses, desiludidos por trabalhos agrícolas em morros e matas, mas que pretendem trabalhar em campo aberto e fértil, de forma racional e mecanizada. Observa ainda que os latifundiários não querem abrir mão de suas terras e não há *colonizador capaz e que tenha o suficiente fundo financeiro* para adquirir um latifúndio, razão pela qual o recurso é recorrer ao governo.

O deputado Artur Fischer mandou ao Frei as informações solicitadas, em carta de 5-7-1946, na qual informa que uma audiência com o presidente da República Eurico Gaspar Dutra estava marcada já para o dia 9. O próprio Dom Boaventura lembra-se bem desta audiência. Ficou tudo acertado para haver a desapropriação, estando destinado recurso específico de 50 milhões de cruzeiros. Lembra também estar na sua lembrança que o dinheiro já estava depositado no Banco do Brasil, para 70.000 ha de terras, localizadas nas proximidades de Santa Rosa, em Hulha Negra, onde hoje se encontram assentadas famílias sem-terra.



A foto da Irmã Manuela, acima da mãe, foi aplicada entre os irmãos.

A Câmara Municipal de Vereadores de Bagé mandou publicar no **Correio do Sul**, de 30-11-1948, a visita e declarações do secretário estadual da Agricultura, no Rio de Janeiro. Segundo ele, tratava-se de 16 léguas de campo - a área a ser desapropriada, existente em Bagé, D. Pedrito, Lavras e Caçapava do Sul, onde a triticultura traria bem mais benefícios que a pecuária. É a maior proprietária uma senhora que possui 74 quadras de campo e que não tem filhos. Retalharemos a área em pequenas propriedades, disse o secretário, informando ser de 8 milhões de cruzeiros o orçamento para o material, como tratores, caçambas, motoniveladoras, rolos etc., e a abertura de estradas. *Somente em 1949 poderemos dar início ao grandioso planejamento, sem criar dificuldades. Se desapropriarmos os campos, ficarão eles como arrendatários, até que possam liquidar as terras, sem prejuízo algum. E se tal houver, nesse caso o Estado os indenizará*, concluiu. O recorte deste jornal a própria mãe mandou ao filho Frei Boaventura.

Realmente, o decreto da desapropriação das terras foi assinado pelo presidente Dutra, para cultura mecanizada do trigo, segundo noticiou o **Jornal do Comércio**, de 24-12-1948 (pg. 5). O recurso específico de 50 milhões de cruzeiros para pagar a desapropriação deveria ser executado através de convênio firmado, no Rio de Janeiro, pelo governador gaúcho Valter Jobim e pelo ministro Daniel de Carvalho, representando o Governo Federal.

Enquanto cursava em Roma o seu doutorado é que ocorriam estas tratativas, com a histórica delonga e burocracia brasileiras. Nem por isso ficou ele desligado dos acontecimentos de sua terra. Pelo contrário, ao retornar da Europa, em sua primeira visita e férias em Hulha Negra, retomou a luta.

Na **Gazeta do Sul**, de 26-11-1950, pg. 6, assinando como *Padre Dr. Frei Boaventura Kloppenburg, OFM*, tratando **Em Torno do Plano de Desapropriação de Terras neste Município**, espinafra a intensa propaganda feita pela Comissão de Defesa da Terra contra o projeto da colonização. Argumenta ter percorrido as páginas do grosso volume do **“Relatório e Plano de Colonização”** da Comissão de estudos para a colonização de Hulha Negra. *Em breve percebi que o povo era vítima de uma falsa propaganda. Alegou que a lotação baixa de 45 a 50 bovinos por quadra de sesmaria, devido ao chircal, enquanto nos campos de pastagem fina a lotação é de 100 e até mesmo de 120 bovinos por quadra. Mais adiante, assevera ser propaganda subversiva e sem escrúpulos propalar que serão apenas 200 as famílias que irão tomar posse das 16 léguas, enquanto que são 600 as famílias que serão desalojadas. Os 69.696 hectares darão lugar a 1.700 famílias, ou sejam 12.000 pessoas... na mesma região agora ocupada por 40.000 cabeças de bois, tendo alertado que 32,35% da área prevista pertence a apenas 5 proprietários...*



Frei Boaventura e colegas concluindo a teologia em 1947.

A reportagem causou reação violenta de latifundiários, através da manifestação de Tomás Mércio Silveira, publicada no mesmo jornal, em 28-11-1950, através da coluna **Não Levantarás Falso Testemunho**, o que denominou como um *mandamento da lei da Santa Madre Igreja*. O padre Kloppenburg rebateu o articulista. Lembrou-lhe não ser um dos cinco mandamentos da Igreja, mas um dos dez mandamentos da lei de Deus. Indicou as quatro razões dos interesses sociais na colonização:

- a) o bem comum: necessidade nacional do trigo exige a melhor terra para esse fim;

b) muitos dos atuais agricultores são arrendatários, entregando de 30 a 50% da colheita aos latifundiários, que, por isso mesmo, não vendem seus latifúndios;

c) sustar a migração de nossos gaúchos fora do RS, longe dos seus pagos;

d) o custo de vida em Bagé é um dos mais caros, por faltar produção própria de cereais suficientes, laticínios, ovos, hortaliças e mesmo a forragem vem da região serrana.

De nada adiantou toda a campanha, projetos, decretos assinados e verbas destinadas. Além disso, a área em questão se encontrava de certa forma abandonada e improdutiva. Ao mesmo tempo, constatava-se um certo fracasso em várias regiões coloniais de matas. As pequenas propriedades se tornavam cada vez menores para fracioná-las aos filhos nubentes. Ou migravam para o oeste de Santa Catarina e Paraná, ou abandonavam a agricultura, iniciando-se o processo do êxodo rural.

Herdando terras mal havidas, invadidas, apossadas ou desapropriadas à força, no século passado, os latifundiários venceram. Entre os latifundiários Kloppenburg ficou com a fama de comunista por vários anos. A luta por terras mais produtivas prossegue, há mais de meio século.

No decorrer dos anos, várias famílias viram-se obrigadas a migrar para outras colônias. Imigrantes estrangeiros não tinham direito de comprar terras em municípios limítrofes com outros países. Bagé se limitava com Uruguai. Outras famílias desejavam adquirir terras, mas os latifundiários preferiam arrendar áreas, exigindo alta percentagem na produção, sem participar dos riscos de plantação. Havia contratos em que o colono entregava de 30 a 50% de sua produção pelo arrendamento.

Apesar de retornar muitas vezes a Hulha Negra para rever familiares ou descansar, na sua participação na Romaria da Terra, em 3-3-1992, voltou a lembrar-se do velho sonho. Não lhe foi dada a palavra para se manifestar, não obstante ter se preparado para apoiar os propósitos da promoção.

O sonho da Frontana persiste nele como que incrustado na alma...

DOUTORADO EM ROMA

No final do ano letivo de 1946, depois de sete anos de estudos universitários, absorvendo Filosofia e Teologia com média geral máxima, Frei Boaventura foi designado para prosseguir seus estudos na Europa.

Segundo o ofício de 11-5-1947 do ministro provincial Frei Ludovico Gomes de Castro, devia doutorar-se em Teologia Dogmática em Roma, com três anos de duração, no Pontifício Ateneu “Antoniano”, Via Merulana, 124. Após 13 dias de viagem num transatlântico, aportou em Gênova em 24 de agosto de 1947, seguindo de trem a Roma no dia seguinte.



Frei Boaventura em 1948, em Roma.

É preciso entender o ambiente teológico entre 1946 e 1950. A partir dos primeiros séculos da Igreja estava profundamente arraigada no coração e na vida litúrgica dos fiéis (a festa da Assunção como dia santo de guarda) a fé na participação singular de Maria Santíssima na Ressurreição de seu Filho. Desde o século passado numerosos bispos solicitaram ao papa uma definição explícita desta fé. Numa carta de 1-5-1946 o Papa Pio XII solicitou o parecer dos bispos de todo o mundo. O pedido do papa suscitou então um vivo debate teológico não só sobre a Assunção corporal de Nossa Senhora, mas também acerca de questões teológicas diretamente ligadas. No teologado franciscano, o professor de Dogma Frei Constantino Koser, OFM, organizou um seminário sobre a matéria, resumido depois no artigo *A definibilidade da Assunção de Nossa Senhora*, publicado na **REB** de 1947, pp. 246-277. O Pontifício Ateneu Antoniano realizou em torno do mesmo tema, nos dias 30 de abril a 3 de maio de 1947, um grande Congresso Mariano, sob a direção do Reitor Pe. Carlos Balic, OFM.

Neste contexto Frei Boaventura foi enviado em 1947 a Roma para se especializar em Teologia Dogmática. A fim de melhor entender o argumento “*immaculata ergo assumpta*”, ele escolheu como tema de sua tese doutoral a questão teológica do *nexo entre o pecado e a morte*. Com este título publicou um artigo na **REB**, de 1948, pp. 307-333. A tese foi redigida e defendida em latim, com este título: ***De Relatione inter Peccatum et Mortem***. Defendeu-a no dia 22-6-1950, num ato acadêmico extraordinariamente solene e concorrido. A média final de todas as notas recebidas nos três anos (1947-1950) foi de 9,75. Sua tese foi defendida e aprovada “*summa cum laude*”. A Libreria Orbis Catholicus,

representante da Editora Herder de Roma aceitou sua publicação imediata, com XIX+216 páginas, em formato de 17 por 24 cm.

A obra foi apreciada com destaque em cerca de vinte revistas teológicas. Eis alguns dos pareceres manifestados nas resenhas publicadas:

Na revista **Marianum**, de 1953, p. 91, o conhecido mariólogo Pe. G. M. Roschini fez este elogio máximo: “...*Quaestio, ut patet, sub omnibus respectibus, et quidem diligentissime, consideratur. De nullo argumento opposito silet; nullam sibi difficultatem abscondit. Modus vero procedendi optimus cuique apparet: ubique enim obiectivitas, ubique lucidus ordo, nec non dicendi elegantia ac proprietates. Difficile omnino mihi videtur his quae cl. A, exposuit aliquid quoad substantiam, addi posse, nisi quis aprioristice - et ideo falsa omnino via - in hac profundissima quaestione procedere vellet. Agitur ergo de opere omnino fundamentalis in quaestione de morte Deiparae solvendo, a quo nullus theologus veri nominis praescindere potest*”.

Na revista **Antonianum**, da Universidade que recebeu e aprovou a tese, de 1952, p. 585, o santo Pe. E. Chietini, um de seus professores, exprimiu-se assim: “... *Haec tamen nullatenus impediunt, quominus agnoscamus et laudemus acutum et perspicacissimum. A. ingenium, amplam et copiosam eruditionem, accuratissimum fontium investigationem, scientificam tractationis methodum. Multa scilicet habentur, unde cl. A vehementer gratulemur, quod tam praeclaram ac vere magistralem elaboraverit dissertationem, omnibus sane theologis maxime commendandam*”.

Na **Zeitschrift fuer Katholische Theologie** (74. Band, 1. Heft, p. 119) escreve Karl Rahner: “... *Auf jeden Fall aber ist die Untersuchung K.s wert, dass man sich eingehend mit ihr beschaefigt. Lernen kann man aus ihr auf jeden Fall sehr viel*”. Em português: De qualquer maneira vale a pena a gente se ocupar com esta investigação, porque, como quer que seja, de seu estudo podemos aprender muito.

Na **Miscellanea Francescana**, de 1952, p. 609, o Pe. Laurentius di Fonzo, O. F. M. Conv., reconhece: “... *pro sua docta disputatione, abunde documentis fulcita et speculatione praecellenti, valde gratulandum est Auctori; qui sat caute quoque ac prudenter in campo tam implexo et lubrico, inter haereticorum vias pluriumque theologorum opinata securus incessit... Quod (opus) mariologorum disquisitionibus bene positivam ac novam lucem praeferit*”.

Na revista **Lumen**, Vitória 1955, p. 92, o teólogo Felix O. De Urtaran: “*El trabajo del P. Kloppenburg há projectado mucha luz sobre este tema tan discutible e a la vez tan vital para la Teologia... Es un libro profundo y interesante en el que en torno al problema fundamental, se tratan otros temas siempre vitales para la Teologia Católica, cuales son los que presentan la muerte de Cristo, la de los niños bautizados y la de la Virgen María. En resumen: un libro indispensable en toda biblioteca de Seminário y al que se recurrirá com provecho para aclarar algunos problemas de los tratados De Deo Elevante, De Verbo Incarnato y De B. Maria Virgine, cuya solución en vano se buscaría en los manuales*”.

Na **Pax et Bonum**, de Lisboa, 1953, p. 63, lemos: “*A perspectiva histórica que o A. dá à sua argumentação, além de ser corretamente teológica, tem ainda a grande vantagem de a tornar atraente e de nos dar, aqui e ali, sobre o problema, visões de grande beleza e interesse humano. O trabalho do P. K. é uma glória para a teologia do Brasil, quer pela riqueza de informações que nos oferece, quer pela afirmação, tão cristã, do caráter religioso do sofrimento e da morte, feita e desassombadamente vincada numa época em que as grandes realidades da existência se vão tornando profanas ou “científicas”, até para aqueles que tinham obrigação de ver mais fundo. Diremos mais: o livro do P. K., um pouco mais aberto às observações das ciências naturais e vertido em português, encontraria grande público mesmo entre os que não estudam teologia, porque é profundamente humano*”.

A SERVIÇO DA IGREJA NO BRASIL

Quando estudante, Frei Boaventura não pensava ser professor, mas a obediência o mandou ocupar a cátedra, por mais de três décadas.

Para isso estava em Roma. Antes de iniciar seu último semestre, pronto para defender a tese, já estava sendo informado do seu futuro no Brasil. Na carta de 8-2-1950, Frei Constantino Koser, deu-lhe todas as dicas: ... *deverás estar em Petrópolis para o começo das aulas em 1951, para dar toda a teologia fundamental e dogmática sozinho. O melhor será que dê “De Sacramentis” - é o tratado que deverá ser tomado em Teologia Dogmática a todos os quatro cursos (de I a IV), deixando a Teologia Fundamental para o ano seguinte. Do contrário será demais. A Escatologia no Curso V se toma no segundo semestre.* Frei Constantino, então professor de Dogma em Petrópolis, estava de malas prontas para defender tese de Doutorado na Universidade de Friburgo, na Brisgóvia.

No dia seguinte, também o padre Provincial escreveu a Frei Boaventura que deveria *estar no Brasil em 1951, para assumir as aulas de Frei Constantino e de Frei Fidelis.*

ATIVIDADES EM PETRÓPOLIS

Ainda antes de defender a tese doutoral preparou-se para o magistério. Em abril de 1950 esteve em Milão e Veneza para *organização dos estudos* - segundo carta de 14 de maio à Irmã Régis. Com a mesma finalidade foi à Alemanha no mês de julho, já *que estou predestinado a organizar os nossos estudos lá no Brasil* - escreveu na mesma carta. Sabia, então, que não seria mero professor.

Em janeiro de 1951, instalou-se no convento em Petrópolis, para ser titular da Teologia Dogmática no atual Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, RJ. O ano letivo iniciou em princípios de fevereiro. *Terminados os estudos em Roma, recebi ordens de voltar ao Convento de Petrópolis para lecionar Teologia Dogmática aos nossos estudantes* - recordou no seu **Álbum Pessoal**. - *Iniciei minhas preleções em 1951. No ano seguinte, fui nomeado Prefeito de Estudos (Reitor), cargo que continuei ocupando por muitos anos.* Constatou ainda que era ele o mais jovem dos professores: *todos os outros tinham sido meus professores.*

As aulas de Dogmática eram rigorosamente preparadas por escrito. Guarda no seu arquivo particular pilhas de preleções escritas a punho. Não se aventurava entrar na sala de aula de forma improvisada. Anualmente cada texto era atualizado.

Nos fins de semana e dias santos de guarda auxiliava na igreja matriz de Petrópolis ou nalguma paróquia vizinha, seja no confessionário, seja no altar. Os sermões eram rigorosamente preparados por escrito. Alguns se encontram no seu arquivo pessoal. Em 10-5-1951, o tema foi sobre o espiritismo. No domingo seguinte, falou sobre o divórcio. Como a missa era irradiada, o orador defendeu a indissolubilidade do matrimônio contra uma coluna do **Jornal do Povo**, de Petrópolis, edição de 13-6-1951, p. 3, onde Gil Blas dizia que *O divórcio é uma necessidade social*. Estava criado o debate. Na edição de 3-7-1951, o jornal retornou à defesa do divórcio, criticando a intolerância e falta de espírito democrático do “prelado” e “vigário de Petrópolis”, títulos dado a Frei Boaventura pelo jornal. A resposta veio na edição de 6-7-1951, em matéria intitulada *Democracia, revelação divina e divórcio*. Na edição de 20-7-1951 da **Tribuna de Petrópolis** informou que tinha estado *todo esse tempo fora, longe daqui, promovendo uma série de conferências sobre o sistema doutrinário de Allan Kardec, o Profeta da Terceira Revelação*.

No mesmo ano de 1951, iniciou também seu trabalho na redação da **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**. No início de 1953 assumiu a direção da Revista. A **REB** era, então, para a maioria dos padres, um manancial de lições utilíssimas, recordando temas já conhecidos mas não aprofundados, sugerindo problemas e soluções. Despertava o gosto pelo estudo das questões eclesiais. O novo diretor fez questão de afirmar claramente no editorial de março de 1953: *continuar naquela orientação segura e positiva que até hoje tem distinguido, inspirado e guiado estas páginas. Será uma revista do clero, feita pelo clero e para o clero. Será uma verdadeira revista, no sentido etimológico da palavra; será realmente eclesial, atendendo aos interesses de toda a Igreja; e será brasileira. É o seu título e é o seu programa.*

No Convento do Sagrado Coração de Jesus estabeleceu o seu quartel-general de ação. As aulas de teologia eram sua principal missão. Entretanto, sabia administrar bem seu tempo, para se dedicar totalmente à Igreja.

CAMPANHA NACIONAL DE ESCLARECIMENTOS

Para a melhor preparação pastoral dos futuros sacerdotes franciscanos procurou conhecer bem a realidade religiosa do povo brasileiro.

Ainda em 1951, em São Paulo, participou de um congresso teológico sobre a encíclica **Mediator Dei**. Deliberando sobre o tema do próximo congresso pretenderam alguns a Ação Católica. Porém, o Cardeal paulistano, D. Carlos Mota, opinou pelo espiritismo, baseado no alerta do próprio papa: *o Espiritismo é o maior perigo do Brasil*. Mas acharam o tema árido demais. Frei Boaventura votou a favor da proposta do Cardeal Mota.

Retornando às suas aulas, deparou-se com um caso trágico do baixo espiritismo, causando impacto na sociedade. Na época, o jovem teólogo ainda não iniciara o seu diário. Verificando-se a imprensa, o **Jornal** (RJ), de 25-9-1951, p. 8, deu uma notícia com a manchete **Impressão com os “despachos”, a infeliz senhora tomou um tóxico - Deve a polícia combater o baixo espiritismo**. Uma viúva, cujo nome completo aqui deixo de mencionar, austríaca de 61 anos de idade, diariamente encontrava diante de sua porta, em Petrópolis, *um embrulho, contendo charutos, velas, pombos pretos, galos, panos pretos, etc. A pobre senhora vivia assim impressionada com os “despachos”, tendo em certa ocasião declarado a uma vizinha que acabaria se matando. Ontem pela manhã, a d. Rosália cumpriu o prometido, ingerindo um violento tóxico. A suicida deixou um bilhete no qual declarava que se matava por não poder suportar mais a perseguição. A polícia encontrou o último “despacho” atirado à porta da infeliz mulher, alguns pedaços de pano preto, uma vela amarrada a um toco de charuto, e uma imagem de N. S. da Conceição*. A notícia foi enriquecida com outras informações. Aproveitando-se da superstição e ignorância do povo, grupos de pessoas fundam antros de “macumba”, camufladas de centros espíritas. Mais adiante informou que o fanatismo pelas “Linhas de Umbanda e de Quimbanda” chega a ser tão intenso que não se verifica tal afluência para as diversas religiões. Isto é facilmente explicável. É absolutamente certo que a maioria das pessoas que se dirigem a um centro de “macumba”, o faz na ingenuidade de obter um milagre do “Exu”, “Tranca-Rua”, e outros espíritos tidos como infalíveis na “magia negra”. E assim verificam-se filas e mais filas à porta destes antros, de pessoas muitas vezes em situações desesperadoras, que só mesmo uma graça divina poderia salvar. Os crédulos do “baixo espiritismo” aparecem justamente nestas ocasiões, tentando levar o sofrimento para suas “tendas”. Aproveitam-se as entidades “mediúnicas” da força da auto-sugestão. Não foi a “força” do “despacho” como tal que levou Rosália ao suicídio, mas sua ignorância religiosa.

O mesmo **Jornal**, de 6-10-1951, p. 4, em **Retrato do Brasil** noticiou dados estatísticos do então Distrito Federal. Segundo o IBGE, em *relação aos espíritas, o número de adeptos praticamente duplicou, de 1940 para 1950. Em 1940, eles somavam 75.149 pessoas, representando 4,26% da população total; já em 1950, contavam 123.775, ou seja 5,21% da população total*. No entanto, o que o IBGE não pode informar é o número dos que se declaram católicos e vão buscar “recursos” espirituais nos centros espíritas e terreiros de umbanda, quimbanda, macumba...

Era, pois, urgente intensificar uma campanha sistemática de esclarecimento aos católicos. De imediato sentiu Kloppenburg que ele mesmo precisava se esclarecer muito mais. Desceu ao Rio, em busca de literatura. Além de colecionar centenas de folhetos e livros, obteve licença para vestir-se à paisana, de boné, e percorreu dezenas de terreiros, sem ser identificado. O período mais intenso na busca de dados em fontes primárias foi em setembro de 1954, como escreveu em **Der brasilianische Spiritismus als religiöse Gefahr in Social Compass**, números 5-6, The Hague, em 1955.

O alerta repercutia por toda a parte. Na Primeira Reunião Ordinária da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, de 17 a 20 de agosto de 1953, em Belém, os cardeais e arcebispos, *representando todo o Episcopado Nacional*, depois de terem maduramente estudado o problema criado pelo Espiritismo no Brasil, incumbiram ao recém-criado Secretariado Nacional de Defesa da Fé e Moral articular, em plano nacional, uma Campanha de Esclarecimento aos Católicos. Sem formação cristã adequada, esquecidos do seu aprendizado catequético, com problemas conjugais, familiares, econômicos, de saúde, por curiosidade ou em busca da sorte, muitos católicos desfilavam nos Terreiros de Umbanda e Quimbanda, Centros Espíritas, Lojas Maçônicas, Oficinas Esotéricas; pediam a bênção do padre e os passes da mãe-de-santo; freqüentavam meditações teosóficas ou consultavam cartomantes, tarô, búzios, bolas de cristal, mapa astral, magias, horóscopo, numerologia e uma infinidade de entidades cabalísticas a explorar a ignorância do povo, como que desnordeado e sem pastor.

Praticamente todas essas entidades se auto-afirmavam ser apenas uma corrente “filosófica” e não uma religião. Não sendo religião nem igreja, davam a impressão de que o local era público, onde apenas se praticava o bem, num ambiente de paz. A consciência não despertava nenhuma desconfiança de que

houvesse alguma transgressão à fé ou se praticasse algum mal. Pelo contrário, os católicos viam que lá também existiam imagens de santos da Igreja Católica misturadas com imagens da Iemanjá e mesmo do “exu”, espírito mau ou demônio, e outras figuras, sinais misteriosos e coisas estranhas.

Além de seus aspectos científicos e filosóficos, o Espiritismo Kardecista se considera religião, embora sem dogmas, liturgia, símbolos e sacerdotes. Ainda que não se siga algum rito e cerimonial, as sessões públicas de estudo ou de trabalho espiritual abrem com uma prece inicial, em nome de Jesus, em ambiente de silêncio, com leitura e explanação de ponto determinado da doutrina. O termo e doutrina espírita *têm por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível* - diz o **Livro dos Espíritos**, na p. 11. Se a Igreja Católica admite as manifestações espontâneas dos espíritos, o Espiritismo ensina que as manifestações podem ser provocadas pelo médium, como intermediário capaz de evocar os espíritos, a denominada necromancia.

O médium exerce entre os seus fiéis as funções de “sacerdote”, extraíndo por passes e “imposição das mãos” os fluidos do mal ou “expulsando” os “maus espíritos” encostados em doentes, depressivos, azarados...

CONFUSÃO RELIGIOSA

É erradíssima e perigosa a impressão que o simples católico tem de ser possível conciliar Catolicismo e Espiritismo - alertava a Campanha de Esclarecimento aos Católicos. - Se ambas as religiões falam em Deus e promovem o bem, há que se considerar inúmeras verdades causadoras da confusão reinante entre o povo.

O Espiritismo não admite Jesus Cristo como Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, portanto, não admite Jesus como Deus, e por isso os espíritas não são cristãos. Em **Cristianismo e Espiritismo** Leão Denis ensina que Cristo não foi o Redentor de gênero humano, não resgatou o homem com seu sangue na cruz dos crimes da humanidade, porque cada um tem que se resgatar a si mesmo, através da reencarnação, isto é, nascendo, morrendo, renascendo ou reencarnando ou progredindo sempre em busca da perfeição ou purificação. Tal filosofia palingenésica propõe a pluralidade das existências terrestres, o progresso contínuo, irreprimível e universal para a perfeição, a conquista da meta final por méritos e esforços rigorosamente pessoais e próprios, até ter vida definitivamente independente do corpo, colocado à disposição de Deus a fim de executar as ordens divinas para o governo do Universo.

Logicamente, não sendo Cristo o Filho de Deus, nem Redentor, também não há Batismo e a graça santificante; não há os dons do Espírito Santo conferidos na Crisma; nem a presença de Cristo na Eucaristia, nem o perdão de pecados na Confissão, nem forças especiais com a Unção dos Enfermos, nem poderes conferidos pela Ordem, nem graças específicas aos casais dadas pelo Matrimônio.

Não admitem a unicidade da vida terrestre, o juízo depois da morte, a existência do céu, purgatório e inferno, a ressurreição e o juízo final. Enfim, segundo consta, os espíritas admitem apenas em torno de 10% da Bíblia. Todas estas realidades não são ditas abertamente aos católicos, quando freqüentam sessões espíritas. Com o decorrer do tempo, é que surgem as confusões, habituando-se o católico a não freqüentar mais a missa, os sacramentos, a reza em família, os deveres de associados na comunidade, em crer no que aprendeu de seus pais, a esquecer o catecismo. Habitua-se a só ver as falhas humanas dos que se consideram católicos praticantes e vibra, quando surge algum escândalo com padres e bispos. Esse é o processo lento e gradual de quem se afasta da Igreja e fica por longos anos sem nenhuma espiritualidade. Esta é a razão de ser das missões populares e de uma campanha de esclarecimento aos católicos.

Segundo a reportagem do semanário mineiro **Lar Católico**, de Juiz de Fora, edição de 9-1-1955, havia no Rio de Janeiro *uns trinta mil centros, terreiros ou tendas espíritas. Sete mil são do Distrito Federal*. Muitos não tinham registros. Seus freqüentadores não eram apenas pessoas de cor. *Gente branca de cadillacs e até com chapa branca lidam com o baixo espiritismo. Ministros, Generais, Senadores e Deputados já foram vistos em cabanas e terreiros. Dizem que Getúlio Vargas possuía também “babalaôs” em seu palácio para os feitiços necessários...*

A imagem de Jesus Cristo, Senhor do Bom Fim, representa “Oxalá”, o chefe supremo da Corte Celestial, na “revelação” da Umbanda. A Mãe de Jesus Cristo está nos terreiros como “Iemanjá”, e deusa das águas e dos mares, tão festejada no Ano Bom e 2 de fevereiro. O “Xangô”, o deus do relâmpago, rei da cachoeira, está presente nos altares umbandistas nas imagens de Santo Antônio (Recife), São Miguel (no Sul), São Jerônimo ou Santa Bárbara (Bahia). O “Ogum” preside as guerras e chefia as demandas espirituais, representado por São Jorge. Na Bahia é Santo Antônio e no Recife é São Paulo. “Oxossi” é o deus da caça, rei e senhor da floresta, representado por São Sebastião (no Sul) e São Jorge (Bahia). “Omulu”

é o deus da peste, principalmente da varíola, representado por São Lázaro (Sul) e São Bento (Bahia). Como se vê, a Umbanda é panteísta.

A presença das imagens dos mesmos santos da Igreja Católica confunde os mais incautos e ignorantes. Os agentes comunicadores, mágicos e universais, entre o mundo dos vivos e o mundo dos espíritos, são os “exus”, numerosíssimos, com os nomes mais extravagantes, segundo seus poderes especiais, que se prestam para qualquer “serviço” encomendado, através dos “despachos” e rituais prescritos.

Tais fenômenos de cultura religiosa eram praticamente desconhecidos na Europa, sem que houvesse um conhecimento mais amplo e uma preocupação maior da parte dos bispos e párocos, mormente nas grandes capitais. O pior dos fenômenos era e é a coexistência da pluralidade de concepções e práticas religiosas num mesmo indivíduo. Se mais de 90% dos brasileiros oficialmente se declaram católicos, grande percentagem freqüenta sessões espíritas, busca passes do médium, dá oferta em terreiros de umbanda, teme “trabalhos” de macumba, recorre a despachos de quimbanda, busca a sorte com ciganas, consulta cartomantes, adivinha o futuro em bola de cristal, procura prever o futuro pelos búzios, acredita em horóscopos, pratica meditações esotéricas, circula em meios teosóficos, promete fidelidade ao Rosa-Cruz, jura segredos maçônicos, enfim, nesse hibridismo viceja por toda parte o católico folclórico.

Quase todas essas correntes religiosas não se apresentam abertamente como religião, mas se identificam como entidade filosófica, científica, cultural ou mesmo assistencial. Seus dirigentes não criticam ostensivamente a religião católica. Iniciam as sessões com uma saudação de paz, que todos sejam bem-vindos, sintam-se bem, busquem a harmonia, a serenidade, a saúde, etc. fazendo crer que tudo é a mesma coisa e que Deus é um só.



Frei Boaventura na Campanha de Esclarecimento dos Católicos.

Naturalmente, o católico folclórico exige dos seus sacerdotes todos os direitos de católico praticante: reclama casar na igreja, batizar seus filhos, ser padrinho, festejar a primeira comunhão e, sobretudo, enterro religioso. Por outro lado, desconhece seus deveres: missa dominical, jejum, abstinência, associar-se na paróquia e participar na vida comunitária, etc. Aliás, o padre que cumpre as normas da Igreja é tido como intolerante e os católicos autênticos são vistos como cafonas e hipócritas.

Exatamente por ser um problema de ignorância religiosa da população, Kloppenburg deu um caráter eminentemente popular à Campanha de Esclarecimentos aos Católicos. Usava a linguagem do povo. Usava os meios de comunicação que mais atingiam a grande massa popular. Mostrava ao público exatamente o que ocorria nos terreiros e o que o povo sabia ou lhe era tão familiar. O assunto deixou de ser tabu.

Suas pregações repercutiam a nível nacional. Parar exemplificar o eco de sua campanha basta que se verifique a imprensa na época. **O Cruzeiro**, uma das revistas ilustradas de maior circulação nacional na

época, na edição de 6-4-1957, estampou em letras garrafais a manchete **O PADRE FEITICEIRO**, com 5 páginas e 12 fotos. *Frei Boaventura, através de hipnotismo, faz com que o paciente passe pelo fenômeno da “regressão da memória” - diz a legenda de uma das fotos. - O hipnotizado desce, mentalmente, até sua infância, e se comporta como criança, inclusive ao escrever o próprio nome. O sacerdote estudou e praticou durante anos os fenômenos psíquicos e hoje está viajando pelo Brasil com a missão de esclarecer os fiéis: “Nada disto é milagre. Tudo pode ser cientificamente explicado”. Ele cura doentes pela força da sugestão.*

Durante o seu curso de Doutorado, tomou conhecimento da possibilidade e necessidade de contatos com organismos da Santa Sé, especialmente quando se tratava da formação de sacerdotes, bem como das atribuições e funcionamento de cada órgão administrativo do Vaticano. Com a Campanha Nacional de Esclarecimento aos Católicos sobre o Espiritismo e, principalmente, após o contato com voduísmo haitiano sentiu a urgência de uma orientação do Santo Ofício, segundo o seu **Diário 1**, em 22-12-1957, a fim de aclarar três problemas fundamentais:

1) *O necromante pode ser tratado no confessionário como simples pecador? A necromancia ou magia é um pecado apenas contra a moral ou é também contra a fé?*

2) *A doutrina da reencarnação precisa ser condenada explicitamente. Os reencarnacionistas no Brasil exploram demais o silêncio oficial da Igreja com relação à pluralidade das existências.*

3) *O problema pastoral do batismo dos filhos de pais necromantes e magos ou espíritas: Podem ser licitamente batizados? Podem os necromantes ser padrinhos, etc.?*



O Papa Pio XII quis saber sobre o Espiritismo no Brasil, em 6-3-1958.

Em 23-2-1958 falou com Mons. Samoré, secretário dos Assuntos Extraordinários da Secretaria do Estado do Vaticano, a quem já conhecia na assembléia de fundação da CELAM: *Expus os problemas relacionados com o Espiritismo, a Maçonaria e o desejo de editar o **L'Osservatore Romano** em português. Foi muito amável. Recomendou-me falasse com o pessoal do Santo Ofício e com o Santo Padre.*

Dois dias depois verificou que, de fato, o Santo Ofício está se preocupando com a questão no Brasil. *Os coitados estudaram muito as questões que eu formulei na ocasião da Reunião dos Arcebispos Latino-Americanos no Rio de Janeiro, em 1955 - observou no **Diário 1**, no dia 25. - Mas embora tenham “especialistas”, não entendem muito da questão. Ainda bem que cheguei. Endireitei uma quantidade de discussões desviadas. Não consegui falar com o Cardeal Ottaviani. Mas falarei com ele. Anteontem o Santo Ofício tinha terminado uma carta aos Bispos do Brasil sobre o Espiritismo. O Cardeal ordenou que a carta fosse sustada e que eu elaborasse por escrito o mínimo que eu julgue e sobre o qual a Santa Sé deveria se manifestar. Está-se pensando seriamente numa carta encíclica do Sumo Pontífice sobre o Espiritismo. Tudo isso foi para mim um belo presente no dia das bodas de ouro de meus pais...*

O memorandum sobre o Espiritismo, solicitado pelo Cardeal Ottaviani, foi lhe entregue pessoalmente em 28 de fevereiro. Nos dias em que permaneceu em Roma fez várias palestras, com experiências, sobre o

Espiritismo e suas manifestações, especialmente no Antonianum, Anselmianum, Gregoriana e no Pio Brasileiro, onde ministrou um curso intensivo.

Havia mister uma campanha ampla de esclarecimento ao povo católico. *Em 1951, quando comecei a lecionar Teologia Dogmática em Petrópolis, fui despertado também para o problema do Espiritismo no Brasil. Várias circunstâncias me levaram então a dedicar todo o tempo livre ao estudo do Espiritismo, - memorizou em seu “Álbum Pessoal”. - Comecei então uma autêntica Campanha Nacional de Esclarecimentos aos católicos sobre o Espiritismo. Isso fez com que me tornasse conhecido no Brasil inteiro. Todas as férias eram aproveitadas para fazer conferências, pelo Brasil afora. Só Deus sabe quanto falei e escrevi naqueles anos. Só fui liberado dessa campanha quando da nomeação, por João XXIII, para o Concílio Ecumênico, em 1961. Dez anos, portanto, durou a minha fase espírita. Mas nestes dez anos continuava a lecionar Teologia e a dirigir a Revista Eclesiástica Brasileira.*

COMO UM VIEIRA A FUSTIGAR ERROS

O estudo profundo e metódico das matérias discutidas ou pregadas, a segurança na sua transmissão oral, obtida pelo magistério, atenção e interesse manifestado pelo público fizeram com que Frei Boaventura se tornasse um notável orador sacro, como um Vieira a fustigar erros e a indicar o rumo certo aos católicos.

Esporadicamente na Itália e na Espanha, em 1958, como num apostolado sagrado e incansável, empenhou-se em esclarecer os católicos de forma sistematizada, percorrendo praticamente todas as grandes cidades brasileiras e muitas de menor porte.

A campanha de esclarecimentos não favorecia apenas os católicos. Indiretamente, também evangélicos, luteranos e outras religiões cristãs obtinham informações. Da mesma forma os pastores combatiam o espiritismo, umbanda, quimbanda, candomblé, macumba, esoterismo, superstições, enfim, o obscurantismo religioso. Até lideranças espíritas consideravam Frei Boaventura *um franciscano, com uma vida moral inatacável* - como escreve Dálio Zippin, espírita de Curitiba, na revista **Santa Aliança do Terceiro Milênio**, n.º 22, ano 3º, 1958; - *altamente intelectualizado; orador dos mais primorosos; portador de ótima dicção, cheio de recursos de oratória, quer para o combate, quer para a defesa e que tem imprimido aos seus estudos e orientação sacra, o combate sistemático ao espiritismo. E assim, em minha qualidade de espírita, que deverei dizer, contra ou a favor do Frei Boaventura? Contra, absolutamente nada.* - Concluiu: - *No Espiritismo combatemos o obscurantismo, portanto, quantos mais pesquisem, para nos conduzirem à verdade, tanto melhor.*

Para espelhar como foram programadas e executadas as semanas de missão popular específica de esclarecimentos, descrevo o que houve em Porto Alegre, de 27 de setembro a 4 de outubro de 1959.

A Cúria Metropolitana tomou em tempo a decisão, escolhendo o período, confirmado pelo pregador, em 11-2-1959, já em clima preconciliar. Providenciou na impressão de um boletim de propaganda, com 80.000 exemplares:

As seitas Espiritualistas e os Católicos

Palestras e Experiências por Frei Boaventura

Esclarecimento dos católicos sobre seitas espiritualistas: Umbanda, Esoterismo, Espiritismo Kardecista, Reencarnação, Rosa-Cruz, Teosofia, Maçonaria, Astrologia, etc.

Os esclarecimentos serão acompanhados de experiências: Mesa dançante, tiptologia, “passes”, sematologia, “magnetismo”, psicografia, reflexos condicionados, percepções extrasensoriais, ilusões, alucinações, interpretações delirantes, etc.

Local: Praça da Prefeitura.

Horário: 20 horas.

Dia 27 de setembro, domingo: Conferência de abertura. Plano. Espiritismo.

Dia 28, 29, 30 de setembro e 1º, 2 e 3 de outubro: Conferências e Experiências.

Dia 4 de outubro: Encerramento. Profissão de Fé. Compromisso.

As palestras e experiências serão irradiadas pela Rádio Difusora em cadeia com mais dez emissoras do interior do Estado.

Como a finalidade da Semana de Esclarecimento dos Católicos era atingir o maior número possível de católicos, foram aproveitados todos os meios de propaganda, como avisos nas igrejas, capelas, colégios, cinemas e sociedades, bem como convites e informações em rádios e jornais.

O **Diário de Notícias**, de 20 de setembro, divulgava as conferências populares no Largo da Prefeitura: *Não haverá ataques, não haverá perseguições, não haverá ódios, apenas os católicos serão esclarecidos sobre a confusão reinante, devido à propaganda adversa cada vez mais intensa, por parte das*



seitas empenhadas em constante proselitismo entre os católicos. A **Folha da Tarde**, do dia seguinte, informava que todas as palestras serão irradiadas pela **Rádio Difusora**, em cadeia com mais de dez emissoras do interior do Estado.

Três dias antes de iniciar a semana, fez palestras com experiências em grandes colégios e cinemas, como o “Pirajó” e o “Glória”, superlotados, atingindo perto de 10.000 estudantes, o que por sua vez repercutia nas suas casas e vizinhança. Até a contrapropaganda dos espíritas aumentou a expectativa do grande público, motivado pelas notícias e entrevistas em grandes jornais e emissoras de rádio.

Também o **Correio do Povo**, do dia 26, abriu amplo espaço, com manchete na última página: **Brasil está numa encruzilhada: ou tomará consciência para uma vida mais cristã, ou vai para a heresia**. O jornal **A Hora**, da mesma data, na capa deu a manchete: **Frei vai montar ‘terreiro’ para explicar seitas espiritualistas**. A semana teve a seguinte programação:

Dia 27: a ameaça de chuva transferiu o local da primeira palestra popular para o Salão de Atos da PUC, que superlotou com mais de 2.000 pessoas. Depois de esclarecer os objetivos da Semana e expor o plano de esclarecer os católicos confundidos e desorientados, o conferencista abriu a noite com a Doutrina Kardecista.

Dia 28: O orador iniciou com a parte experimental: a mesa dançante obedecia e respondia, mediante pancadas, a algumas perguntas. Explicou a Umbanda e seus objetos em uso, espatifando-se no chão a estatueta do “exu”, o demônio.

Dia 29: Após meia hora de experiências sobre sugestões diretas, para explicar certas curas que ocorrem nas sessões espíritas, o conferencista discorreu sobre a doutrina do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, Ioguismo, Rosacrucianismo e Teosofia.

Dia 30: Depois das experiências com fenômenos que obedecem à sugestão indireta, como magnetismo, fluidos e “espíritos”, o conferencista explicou a reencarnação.

Dia 1º: Com a ameaça de chuva, voltou a superlotar o auditório da PUC e, ao mesmo tempo, o Largo da Prefeitura, onde alto-falantes retransmitiam a palestra, o que o **Jornal do Dia**, no dia seguinte, deu em manchete: **Frei Boaventura falou para dois auditórios simultâneos**. Na parte experimental foi explicada a “sinalização” para esclarecer os eventuais efeitos do “feitiço” e os vários modos de “incorporação”. Por meia hora explicou aos católicos o que é a Maçonaria.

Dia 2: Esclareceu os fenômenos “de efeitos físicos”, como a telecinesia e ectoplasmia, a posição duvidosa destes fenômenos diante da ciência e a facilidade com que podem ser trucados. Mediante truques foi produzido o fenômeno da “escrita direta”, em ardósias, e a levitação da mesa, nos quatro pés, até 50 cm, pairando no ar, sem que alguém suspeitasse do truque. Na parte doutrinária falou sobre as mil formas de superstição, o que divertiu o grande público.

Dia 3: Orientou os católicos sobre a psicografia e a percepção extrasensorial, com demonstrações. Focalizou a posição da Igreja perante os movimentos espiritualistas, deixando claro que espíritas, umbandistas, esoteristas, teósofos e rosacrucianos se colocaram a si mesmos fora da Igreja.

Dia 4: Com a Praça da Prefeitura totalmente tomada, após a missa do Arcebispo, com a participação de orações e cânticos, explicou o texto da profissão de fé, sendo feita a solenidade da renovação dos compromissos do batismo e de fidelidade à Fé, à Igreja e a Deus.

Sem dúvida, também 1960 foi um dos anos mais ativos.

Em Passo Fundo, lembro-me quando cursava a Teologia e atuava no **Diário da Manhã**. Um folheto volante foi amplamente espalhado pela cidade, anunciando para os dias 18, 19 e 20-1-1960, as palestras do “Padre Feiticeiro”, em frente à Catedral. Venham ver suas demonstrações práticas sobre os maravilhosos fenômenos da metapsíquica. Frei Boaventura nada registrou em seu **Diário 2**, mas os dois jornais diários da cidade abriram amplo espaço para divulgar as conferências. A manchete de **O Nacional**, de 19 de janeiro foi: **Doutrinação e experimentação de Frei Boaventura, em combate ao espiritismo**, com os subtítulos: *Convidados os jornalistas a presenciarem os fenômenos de levitação - Grande massa humana presencia as*

*demonstrações, em frente à catedral. O Diário da Manhã, do mesmo dia, deu o título principal: **Brilhante conferência do Frei Boaventura**, com elogios a Dom Cláudio Colling *ao promover, em muito boa hora, a vinda de Frei Boaventura à nossa cidade.* No dia seguinte, **O Nacional** intitulou a notícia: **Eloqüente doutrinação, ontem, de Frei Boaventura.** Após a terceira noite, o mesmo jornal, em 21 de janeiro, registrou em grandes títulos: **Excomunhão para espíritas, umbandistas, esotéricos e maçons.** O palestrante colocou a questão em termos claros: *Espírita não pode receber os sacramentos, nem ter encomendação “post mortem”, nem batizar seus filhos na Igreja Católica, proibição da leitura e propagação de livros e obras espíritas, esotéricas, etc.* Afinal, o católico deverá se decidir qual a Igreja a que prefere pertencer, livremente, sem misturar religiões. Somente dias depois, o **Diário da Manhã**, de 9 de fevereiro, publicou um apêndice dos *espíritas e espiritualistas*, considerando as conferências do *ilustre ministro de Deus e eminente prelado* como um *“Espetáculo de prestidigitação”*, sentindo-se ofendidos, pois as conferências foram dadas numa avenida e praça, onde todos têm direito de ir, vir, escutar e falar, sem *desrespeito às liberdades democráticas e religiosas.**

De 8 a 20-3-1960, estive em Aparecida, Pindamonhangaba e Guaratinguetá, com palestras à tarde a seminaristas de diversas congregações religiosas e à noite, a platéias lotadas, falando sobre o kardecismo, umbanda, sugestão, catolicismo folclórico, maçonaria, esoterismo, teosofia, rosa-cruz, ioga, com a profissão de fé e renovação das promessas de batismo diante da Basílica. A poderosa Rádio Aparecida transmitiu tudo pelo Brasil inteiro. Em **O Município**, jornal de Guaratinguetá, de 10-3-1960, o repórter espírita reconheceu que Frei Boaventura *está no seu “papel” cumprindo sobremaneira aquilo a que se confiou ou lhe foi confiado pela Igreja.* No final, concluiu: *consciente ou inconscientemente, o senhor está sendo um dos maiores propagandistas do Espiritismo.*

Também em **A Voz de Lorena**, de 2-4-1960, um articulista espírita *vê no nosso querido irmão Frei Boaventura, o maior propagandista do Espiritismo no Brasil.* De 20 de março a 5 de abril fez as mesmas conferências populares nas cidades de Lorena, Taubaté, Caçapava, São José dos Campos, Jacareí, Mogi das Cruzes, Caraguatatuba e Cachoeira Paulista, em São Paulo. No Estado do Rio de Janeiro, estive de 6 a 10-4-1960 em Volta Redonda, seguindo a Barra Mansa, até 13 de abril. Em cada cidade os jornais publicavam amplos espaços, contra e a favor das conferências.

Em São Paulo estive nos dias 1º a 13-6-1960, com pregações populares à noite e palestras em colégios e seminários, de dia.

Para os dias 17 de junho até 3 de julho foram programadas 34 palestras a diversas instituições, durante o dia, e conferências ao povo, à noite, na arquidiocese de São Luiz do Maranhão, bem como em Codó, Pinheiro, São Bento e Cururupu. Iniciou com uma visita à Delegacia de Polícia, para saber sobre a existência de “Tambores da Mina” e “Tambores de Cura”, tomando conhecimento de que só na Ilha há 200 “Tambores”, ou terreiros registrados. Os padres não acreditaram. Somente a lista dos endereços serviu para que conhecessem a realidade.

Muita gente da alta sociedade vai ao “Tambor” *resolver seus problemas de saúde, fortuna e amor. O primeiro dia em São Luiz do Maranhão foi decepcionante - lamentou no Diário 2, em 16-6-1960. - O programado contato com a imprensa e o rádio não se deu, porque, na hora marcada, não veio ninguém. Anulei a conferência de tarde, para o clero, a fim de entrar em contato com colegiais, com fins propagandísticos. Mas os colégios estão em época de exames e não tive contato com nenhum. À noite, no Colégio Marista, veio apenas um punhado de gente (umas 100 pessoas), com o arcebispo, bispo, prelado de Pinheiros e bastantes padres. Não fiz a grande conferência prevista para esta noite, porque o auditório não a merecia.*

Na manhã seguinte, falou no Liceu Diurno. *Foi difícil reunir a turma, que estava ganhando no futebol - lembrou em suas memórias. - O diretor e qualquer outra autoridade do Liceu, ausentes. O salão fechado. Mas, aos poucos, com uma porção de atos de paciência, foi possível encher e superlotar o salão (umas 500 pessoas).* Como se vê, nem sempre foi fácil para Frei Boaventura. Nas missas foram lidas e divulgadas a programação e temas de palestras, consideradas por ele como *“avisos estúpidos”*. Constava no folheto expressões, como *Kloppenbun, o Homem das Ciências Ocultas e Exotéricas (sic)... especialista em Hipnotismo e Letargia, ensina a verdade divertindo os seus ouvintes.* No dia 18, o público foi surpreendido *por forte chuva, que nos obrigou constantemente a procurar refúgio.* Também os demais dias e locais foram decepcionantes, como o próprio **Jornal do Maranhão**, de 3-7-1960, registrou na coluna **Nosso Mal? Apatia!**



As experimentações em Aparecida, SP, em 11-3-1960.

Em Caxias maranhense já foi melhor, com 1200 pessoas presentes na conferência. Em 1º de julho, ele foi de jeep para o Arraial de Nazaré, onde falou com o famoso curandeiro espírita umbandista “Mestre Zé Bruno” de Moraes. *Muita gente vai para lá - relatou em suas memórias. - Dista de Caxias uns 50 quilômetros, com parte da estrada péssima, para dentro do mato. O arraial agora conta com cerca de 2.500 pessoas. Assisti ao tratamento de banho de descarga (totalmente nu) para doentes. Cheguei a falar à multidão, presente Zé Bruno, exprimindo a esperança de que todos continuem católicos e que Zé Bruno chegue um dia a comungar.*

Fez conferências ao povo em Codó, célebre como centro de feitiçaria, praticada por “Maria Piauí”. Em Bacabal boa multidão também ouviu uma conferência para combater o “tericô” ou feitiçaria, o que apavorava a multidão. Em 8 de julho, de teco-teco foi para Cururupu, pregando de tarde e de noite. Dali voou para Pinheiros, com pregações populares. No dia 11, seguiu com o teco-teco para São Bento, onde muita gente assistiu às palestras, retornado no dia imediato, no mesmo vôo, para a capital maranhense.

DE REPENTE: UMA NOTÍCIA!

Nos dias 24 a 28-7-1960, Kloppenburg esteve em Caxias do Sul, onde o bispo diocesano Dom Benedito Zorzi fez com que as conferências das 4 noites fossem irradiadas. Deu também palestras em reuniões de padres e a diversas entidades religiosas, chegando a falar 7 horas por dia. Foi lá, no dia 27, que veio a notícia da sua nomeação para Consultor do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Suas conferências e pregações populares prosseguiram, em Belém do Pará, de 5 a 21-9-1960. Embora tivesse previamente combinado a programação nas correspondências de 27 de abril, 9 de junho e 8 de agosto, o Arcebispo, retornando de Portugal, não preparou, nem deixou alguém encarregado para estabelecer datas, locais e pessoas responsáveis. Segundo fez constar em suas memórias, *às 8 horas fui ao Palácio do Sr. Arcebispo. Nada, absolutamente nada preparado! Apenas o jornal diocesano, A Palavra, de ontem, dá na rubrica “Observatório” esta pequena informação: “Chegará dia 5 a Belém Frei Boaventura Kloppenburg, ofm, para fazer uma série de conferências”. Só. Nenhum padre ou vigário, falou sobre isso nas missas de ontem.* Restou ao próprio Frei Boaventura iniciar a propaganda pelos colégios, percorrendo com o Arcebispo as paróquias. A primeira grande conferência se deu no dia 10, havendo em torno de 300 pessoas...

Para lembrar épocas, enquanto um padre rezava missa em latim e outro fazia sermão, aconteceu em 11 de setembro o fato com Frei Boaventura, na Basílica Nossa Senhora de Nazaré. Pregava ele com muita empolgação, mas *o celebrante (barnabita) continuou a celebrar a missa, de maneira que em poucos minutos me surpreendeu com a elevação (consagração), quando bruscamente tive que acabar com o sermão.*

O jornal **A Província do Pará**, de 13-9-1960, com foto noticiou as conferências de esclarecimento aos católicos que freqüentavam *macumbas, pajelanças e outras reuniões.* Foi mais longe, irmão Boaventura: - *lançou um desafio sensacional a todos os macumbeiros e pajés da cidade, para que se reúnam e contra ele lancem todos os males de que sejam capazes, que ele mostrará como esses males não o atingirão, de modo nenhum.*



Frei Boaventura entre Exus (demônios).

Naquela manhã, na redação do mesmo jornal, compareceu um “pai de terreiro”, que trabalha em conjunto com uma “mãe de terreiro” (não citamos aqui os nomes e endereços), e declarou à reportagem estar disposto a enfrentar o sacerdote católico, achando-se à espera dele no endereço acima citado, para fazer o “serviço” em qualquer lugar. Também o vespertino **A Vanguarda**, na capa da edição do dia 13, publicou **Pai de terreiro aceita o desafio de Frei Boaventura**, e promete: *colocará um sapo em sua barriga...*

Na edição do dia 18, página 11, o jornal de Belém **Folha do Norte** publicou uma *Carta dos macumbeiros e pajés: aceitam o desafio de frei Boaventura*. No texto o desafio é aceito pelo alto Conselho dos Exus denominados *Caveira, Imundo, Faminto, Preguiçoso, Cego, Mentiroso, Beberrão, Suga-Sangue, Enfezado, Zombeteiro, Desanimado, Pereba, Canceroso, Leproso, Fraco, Leso, Desesperado e outros tantos*. Mais adiante, garantem os macumbeiros: *Caso você dentro de breve tempo não sofra o resultado do desafio que nos lançou, estaremos, todos os macumbeiros do mundo, desmoralizados, e você com a razão e o poder de sua força...* Idêntico texto também publicou o **Liberal**, de Belém, no dia seguinte. Não deu nem dor de barriga. Mesmo viajando de teco-teco, está sobrevivendo mais de 37 anos, “com a razão e o poder de sua força”... Entretanto, houve “pais-de-santo” que não aceitaram o pacto de alguns macumbeiros, como o “Velho Baburixá da Pedreira”, que há 46 anos “bate tambor” em Belém, segundo se lê na capa do jornal **A Vanguarda**, de 20 de setembro.

É importante esclarecer que as conferências não tiveram a finalidade de *desafiar a quem quer que seja*. Apenas diz que não teme os malefícios porque está com Deus - noticiou **A Palavra**, do dia 18. - *Frei Boaventura apregoa aos quatro ventos que deseja, isto sim, é esclarecer os católicos para que não se deixem facilmente levar pelo engano ou pela fraude para os terreiros espíritas. Incute sobretudo a idéia de que catolicismo e espiritismo não podem existir juntos e que ou se é de Cristo (como católico) ou contra Cristo (como espírita).*

De 22 de setembro a 1º de outubro de 1960, fez uma série de conferências e palestras em Manaus, sob um clima causticante. A grande conferência no histórico Teatro Amazonas foi um fiasco, do princípio ao fim. *Não havia luz. Ou melhor, a iluminação era tão fraca, mas tão fraca, que eu não cheguei a ver um só dos ouvintes. Eu mesmo era iluminado um pouco melhor. Mas que luz elétrica em Manaus!. A cidade é linda, o Teatro é belíssimo e surpreendente. Mas a luz, nada!.. Não havia também alto-falante. Neste desastrado ambiente tentei falar. E falei por cerca de uma hora. Mas foi um martírio* - confessou no seu **Diário 2**. Nos demais dias também houve contratemplos quanto a local, chuvas, ventania e muito calor.

Em **O Jornal**, de 24-9-1960, declarou na entrevista que a Umbanda é *um retrocesso, um retorno a uma religiosidade primitiva, fetichista e supersticiosa*. Depois disse: *não combatemos ninguém. Combatemos os erros. Nosso objetivo é o combate ao catolicismo folclórico. Queremos o católico-católico, esclarecido e incondicionalmente fiel aos princípios de nossa religião*.

A Campanha de Esclarecimentos igualmente repercutia fora das fronteiras brasileiras. O que se publicava pelos jornais e revistas no exterior, muitas vezes, nem se ficava sabendo aqui. Na revista suíça **NEUE WISSENSCHAFT - Zeitschrift für Grenzgebiete des Seelenlebens**, 1960/1961, caderno n.º 3, pp. 17 a 30, John Mischo publicou um estudo intitulado *Der Spiritismus in Brasilien*, escorado nos escritos de Frei Boaventura. - **DE TIJD - MAASBODE**, diário popular holandês de Amsterdam, edição de 23-12-1961, encheu toda a página 15, com 5 fotos, com uma reportagem de Frei Boaventura, sob a manchete *Spiritisme in Brasile*.

Como outros campos de ação chamassem Frei Boaventura, não podia abandonar totalmente a Campanha de Esclarecimentos. A fim de oferecer subsídios a outros conferencistas e pregadores, publicou o livro **O Espiritismo no Brasil - Orientação para os católicos**, com o *imprimatur* assinado em 23-8-1960; **A Psicografia de Chico Xavier**, **O Reencarnacionismo no Brasil** e **A Umbanda no Brasil**. No ano

seguinte, foi publicada a **Ação Pastoral perante o Espiritismo**. Milhares destes livros se espalharam por toda parte no decorrer dos anos.

Mesmo depois do Concílio Vaticano II permanecia atento à evolução dos acontecimentos no Brasil. Na entrevista publicada na revista alemã **KONTINENTE - Das Neue Missionsmagazin**, de dezembro de 1969, sob o título *Schwarze Brasilianer nach Portugiesisch-África*, Frei Boaventura informou que dos 90 milhões de habitantes brasileiros, em torno de 12 milhões são pretos e em torno de 30% da população tem sangue africano. Os descendentes africanos são, de natureza, profundamente religiosos, inclinados a cultos, rituais, símbolos, ritmos musicais e de lazer, vitalidade, prudência, vida contemplativa e comunitária. Calcula haver no Rio de Janeiro em torno de 7.000 terreiros. O mesmo fenômeno ocorre no Brasil inteiro. A Igreja do Brasil conta com 12.000 padres. Há paróquias com 10, 20 ou 30 mil almas. Isso faz com que a grande maioria seja apenas batizada, mas não tem conhecimento da doutrina católica. Mesmo no Rio Grande do Sul, onde o elemento africano tem percentagem bem menor, a Umbanda se alastrou muito.

Já bispo, em 1982, Kloppenburg retomou a Campanha de Esclarecimentos. Seus livros estavam esgotados, há muito. Enquanto isso, a literatura espírita se ampliava cada vez mais. Mister era orientar sempre: *fiquei assombrado ao saber que “O Evangelho segundo o Espiritismo”, edição da FEB, já está com 1.800.000 exemplares, além das edições de outras Editoras - informou no Diário 15, em 10-6-1985, saindo a lume seu Espiritismo - Orientação para os católicos, cuja 6ª edição é de 1993.*

O panorama da confusão religiosa, praticamente, em nada mudou, nos anos que se seguiram, apesar dos meios modernos de comunicação social e de inúmeros programas culturais e educacionais. Segundo a **Veja**, de 30-6-1999, p. 46, na reportagem *“Filho de Lúcifer”*, num terreiro de pai-de-santo, em Cuiabá, uma vez por semana eram realizadas sessões de magia negra. *Durante as cerimônias, que reuniam cerca de dez pessoas, sacrificava-se galinhas, bois, bodes, gatos e cachorros, bebia cachaça com sangue e se vestia com uma capa vermelha e preta. Mas o ponto alto envolvia caveiras humanas.* A polícia de Mato Grosso recolheu 50 quilos de ossos... Pelo fato de mencionar o termo inadequado de “centro espírita” a reportagem mereceu reparo da própria **Veja**, de 14-7-1999, p. 28, onde consta ser o Espiritismo *um neologismo criado por Kardec em 1857 e é lastimável que se confunda terreiro com centro espírita.*

O diário pessoal de Frei Boaventura fica interrompido, de 12-11-1963 a 28-8-1970. Entretanto, é possível acompanhá-lo em suas atividades, como cronista e perito do Concílio, desde 13-10-1962 até seu término, em 8-12-1965, num total de 2.454 páginas, em cinco volumes. Além disso, dedicou-se totalmente aos livros sobre o Concílio e à **Revista Eclesiástica Brasileira**, bem como professor de Teologia em Petrópolis e, em 1970, em Porto Alegre.

Em carta à sua Irmã Régis, de 4-4-1965, informou que *desde 3 de fevereiro, estou outra vez em regime de aulas: com 89 estudantes (os quatro cursos juntos), tenho cada manhã duas aulas de teologia dogmática. Estou o dia todo ocupado em preparar estas aulas. Leio imensamente muito sobre os problemas da evolução, no mundo, nas plantas, nos animais, nos homens... Ainda estou preparando preleções especiais sobre Teilhard de Chardin, o que está na moda.* Mais adiante, escreve: *a REB entra neste ano em seu 25º ano. Meu amigo o Cardeal Rossi escreveu um artigo introdutório, no qual me qualifica “herói e gigante”! - No próximo mês irei à Europa. Primeiro à França, onde tomarei parte num Congresso Internacional de “Parapsicologia e Religião”, com uma tese minha sobre a magia negra. Depois ficarei na Europa para o Concílio, que terá neste ano sua última Sessão.*

Em nível nacional, nova tarefa de Frei Boaventura foi uma série de palestras e conferências sobre o Concílio Vaticano II, especialmente aos padres e religiosos. Noutra carta à sua mana Irmã Régis, escrita em língua alemã, de 11-4-1966, informou na semana seguinte ter que proferir mais de 20 palestras, em Belo Horizonte e São Paulo, somente para sacerdotes, sempre sobre o Concílio.

Noutra carta à mesma Irmã Régis, de 31-10-1967, comunicou que havia retornado *anteontem de Roma, onde estive um mês, durante o Sínodo dos Bispos.* Na mesma ocasião voltou a visitar seus parentes na Alemanha.

No ano letivo de 1968 teve em Petrópolis 87 estudantes teólogos, além de intenso trabalho na **REB** e muitas palestras pelo Brasil inteiro. Ao regressar em setembro de Bogotá, Medellín e Quito, reiniciou as aulas em Petrópolis. Em outubro, participou da Semana Teológica em São Leopoldo.

PELEJAS EM CASA

A mesma atividade intensa teve no decorrer de 1969. Sentia uma grande necessidade de ampliar seu espaço de atuação. Em sala de aula sentia-se como que confinado. Em resposta de 7-7-1969 a uma carta de Irmã Régis, professora no Curso de Enfermagem na Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre, na qual

ela se queixava de receber “dos alunos só ingratidões e desaforos”, confidenciou-lhe que ele também tem alunos assim. Outro dia um grupo de 15 publicou um “manifesto” contra a Teologia que aqui ensinamos. Foi a maior bofetada que já recebi em minha vida. Doe-me mesmo. Tinha vontade de deixar de dar aulas. Mas acabei dando aulas de tal maneira que nem se percebia que estava sendo contestado. Foi duro. Mas a juventude hoje é assim. Vejo isso por toda parte. Nem por isso podemos abandoná-los.

Às vezes não tenho nem vontade de ver os estudantes, que já me dão raiva - desabafou 20 dias depois, em nova carta à sua mana. - Mas é preciso ir adiante. Faço o possível para fazê-lo com alegria. É um novo tipo de ascese a que estou tentando adaptar-me. É difícil pra burro.

No primeiro semestre de 1970, Frei Boaventura se transferiu para Porto Alegre. Lecionou na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e no Seminário Maior de Viamão, passando a residir na casa paroquial de Santo Antônio do Pão dos Pobres, na Cidade Baixa. No mesmo período ministrava conferências e palestras, especialmente ao clero e comunidades religiosas.

No segundo semestre, no cargo de Reitor do Teologado em Petrópolis, teve Frei Boaventura um grave aborrecimento com os nossos estudantes. Já estou brigado com eles desde junho do ano passado, quando intimamente me desliguei deles - escreveu à Irmã Régis, em 28-10-1970. - Eles me consideram “quadrado” e “coroa”, como dizem. Para a nossa missa conventual concelebrada de hoje eles tinham preparado um coro falado para substituir a parte da Liturgia da Palavra. Pura iniciativa deles, sem aprovação de ninguém. Como eu era concelebrante, fiz algumas perguntas sobre o que iam fazer. Protestei e me neguei a concelebrar. Saí da sacristia para celebrar sozinho na capelinha. Quando alguém me disse que um grupo de estudantes estava celebrando na malharia, sem paramentos, sem nada, com um grande pão sobre a mesa, em redor da qual estavam sentados. Fui lá e os surpreendi assim. Disseram-me que se tratava de uma reunião... É o “underground church” neste convento.

Retornando de cinco países da América Latina, considerada sua “paróquia”, em outubro de 1970 dedicou-se a mais uma edição da **REB**.

Seu profundo amor à Igreja fazia com que também estivesse em estado permanente de alerta. Lecionando há duas décadas no convento de Petrópolis, participou num painel sobre teologia com Frei Guilherme Baraúna, seu antigo aluno, que havia dado uma semana de aulas a todos os cursos sobre o “sacerdócio e o ministério pastoral da Nova Aliança” (refontalização bíblica e prospectiva). Alegando apresentar uma “teologia da vanguarda” disse coisas com as quais não podia concordar - arrolou no **Diário 8**, em 21-5-1971: que a comunidade faz a eucaristia (também sem a presença do presbítero); que a comunidade absolve os pecados; que os ministros do Novo Testamento não são mediadores; que são apenas carismáticos com o carisma da liderança; e que nos seminários, devem ser formados para isso, etc. No painel me opus a isso e fui vaiado pelos estudantes... Frei Guilherme alegava que ele é teólogo e tem direito a ter sua teologia própria; que eu também sigo por caminhos próprios, opondo-me não poucas vezes à doutrina do papa; e coisas deste estilo. Fiquei aborrecido. Pois penso que desta maneira não formamos nossos estudantes na doutrina da Igreja. É difícil e chato ser “teólogo” hoje. A título de “teologia” e “pluralismo teológico” alguns pensam que podem dizer tudo e devem ser no mínimo silenciosamente tolerados. Anos atrás eu mesmo defendi a necessidade de um maior pluralismo teológico na Igreja, contra o uniformismo tomista e neo-escolástico prescrito pelo Direito Canônico. Mas pluralismo também não deve ser a atomização da teologia, a tal ponto que cada um acha que deve ter agora sua própria teologia. Então já não nos entendemos mesmo. Nem saberemos mais o que ensinar nos seminários. E os seminaristas, diante de tanta variedade de opiniões não saberão a que se ater. A gente tem até vergonha de considerar-se “teólogo”. Cria-se, cada vez mais claramente, em torno de mim, um ambiente invivível. Meus colegas no magistério falam da Igreja, da teologia, da liturgia, do padre, do celibato e de tudo quanto quero viver com amor e alegria, como se tudo fosse superado, obsoleto e quadrado. Dizem-me constantemente que eu sou vítima de um “sistema”. Todos eles foram meus alunos. Sou um patriarca no meio deles. Mas sinto que devo viver constantemente como se fosse contra a corrente. Isso não dá alegria. Não quero nem gosto de ser constantemente do contra. Mas vejo-me quase forçado a isso. Tudo é questionado, atacado e facilmente também negado. É certo que nem sempre parecem falar sério. Mas o clima que assim se cria se torna difícil. Não se sente mais alegria em viver a vida da Igreja. Tenho o costume de rezar o terço andando pelo corredor, quando estou cansado. Mas agora a gente quase deve envergonhar-se por ainda rezar o terço ou o breviário. Também o modo como falam do celibato dá a impressão de que, bem no fundo, optando pelo celibato, fui um bobão e que daqui a pouco vão dizê-lo abertamente. Isso me torna ainda mais difícil a vida no celibato que, assim mesmo, já é, ao menos para mim, bastante difícil. Tiram a alegria na opção feita. Acho que Petrópolis não é mais o ambiente para mim. Se continuar assim, farão de mim um tremendo e

nervoso reaçã. Ora, a grande graça que constantemente rogo ao Senhor é precisamente esta: que eu não me transforme em reacionário.

Kloppenburg considerava o Baraúna com estilo de um autêntico “Fachidiot” - especialista bitolado, segundo as mesmas memórias, de dois dias depois. - *Ele tem a capacidade de reduzir a posição tradicional à caricatura, simplificando-a irritantemente. Tem também muita habilidade para apanhar o “novo” da teologia mais avançada, para levá-la a conseqüências absurdas e teologicamente inaceitáveis.*

Em menos de dois anos depois, as duas grandes tendências se manifestavam com mais nitidez. Depois de ter assumido funções coordenativas no Secretariado para a União dos Cristãos, em Roma, confessou no **Diário 10**, em 27-2-1973, que estava *um pouco pessimista e desanimado*, devido à situação atual da Igreja e da Teologia: *Estou agora metido bem no centro de tudo isso; no centro e na cúpula. Sinto-me imprensado no meio de duas forças, sem ter simpatia para nenhuma delas. De um lado os avançadinhos apressados, com sua teologia arranjada e manejada e que minam a segurança (palavra que eles detestam) de nossa fé, dando a impressão de deixar tudo em cacos e forçando a gente a estudos e investigações inúteis (pois quando a gente reexamina as afirmações deles ou vai procurar as fontes que elas citam, é freqüente verificar que eles estavam muito mal informados ou então interpretaram os dados de maneira surpreendentemente arbitrária). De outro lado os conservadores reacionários, que são ainda mais chatos e me irritam muito mais que os primeiros. Maquinam e manejam tanto como os outros. Não há seriedade ou competência nem em uns nem em outros. Uns e outros fazem a gente perder tempo. Ora, é com essas correntes que, aqui mais que em outro lugar, me encontro. Não que os avançadinhos apressados estejam aqui (os que estão aqui são os conservadores e nostálgicos); mas suas afirmações, seus artigos e livros chegam para cá. E parece que encontraram em mim um homem que se mostrou disposto a ler tudo isso para indicar as lacunas e as burrices. Ao menos nestes dias não fiz mais do que isto.*

DEIXA A REB E PETRÓPOLIS

Deixar a direção e redação da **Revista Eclesiástica Brasileira** depois de 20 anos de atuação foi decidido por Frei Boaventura em 30 de novembro de 1971, como documentou no **Diário 8**: *Hoje me decidi a abandonar a direção e redação da REB*. Publicou na edição de dezembro sua última crônica, sobre o Sínodo dos Bispos. *Basta. Frei Leonardo tomará então a REB* - ponderou em suas memórias. - *Eu não combino com o modo de pensar dele. Para mim seria praticamente impossível continuar a trabalhar com ele, sem que nos desentendamos em coisas fundamentais. E assim, para não brigar, é melhor que eu vá. Creio sinceramente que ele está errado em sua orientação teológica. Mas é dominante. Quero vê-lo daqui a vinte anos. Eu disse ao Frei Ludovico que, se, em mais alguns anos, a REB andar para trás em matéria de assinantes (pois desconfio que com a nova orientação vai perder leitores), e se então necessitarem outra vez de uma mão firme e ortodoxa, estarei disposto a ajudar ou a retomar a direção. Mas faço votos que isso não aconteça. Nos meus vinte anos de REB não tive nenhum problema grave com autoridades eclesiais, apesar dos tempos difíceis e delicados pelas quais passamos.*

Ao seu Superior Provincial explicou na carta de 1º de dezembro: *Não consigo mais acompanhar os avanços atuais da Teologia no nosso ambiente petropolitano e não quero lançar a Revista numa direção reacionária. Além disso, como estou intimamente desligado do corpo de professores daqui de Petrópolis e como esta REB tem sido sempre uma Revista deste corpo de professores, sua direção não pode estar mais em minhas mãos. Sinto-me dia-a-dia mais estranho neste ambiente, como se fosse um superado. Assim sendo, é melhor deixar a Revista em mãos novas.*

O padre provincial, Frei Walter W. Kempf, aceitando o pedido na carta de 4 de dezembro, respondeu a Frei Boaventura: *Não quero, todavia, esconder meu pesar porque, com toda a franqueza, você vai deixando um trabalho sempre bem feito, que nunca desmereceu a confiança irrestrita da Província, que não sabe como agradecer-lhe o serviço prestado com tanta dedicação, esmero, senso de responsabilidade, espírito de sacrifício. Em nome de todos, cúpula e base da Província da Imaculada, quero expressar meu grande e sincero “muito obrigado, Frei Boaventura”.*

Em 8 de dezembro, participou dos festejos do 70º aniversário da Editora Vozes, em Belo Horizonte.

Após o retiro dos padres, em Porto Alegre, e das férias junto a familiares em Rolante e Hulha Negra, em 6-1-1972 Frei Kloppenburg viajou a Buenos Aires - segundo o **Diário 8**, - e, assim, continuar minha peregrinação por minha paróquia, a América Latina.



Visita do Cardeal Suenens à Editora Vozes e REB, em 1967.

Ministradas 80 horas de aulas e conferências nas férias de 1972, em diversas cidades latino-americanas, retornou a Petrópolis em 13 de março. Concluiu o texto do novo livro **Ser do Padre**, e reassumiu aulas no Instituto Filosófico-Teológico Franciscano, com três aulas semanais de Introdução aos Documentos do Vaticano II e três de Eclesiologia do Vaticano II. Ainda assim circularam boatos no Rio e São Paulo de que Frei Boaventura *teria abandonado a vida religiosa e o ministério sacerdotal. Não sei, na verdade, a partir de que base poderiam ter surgido estes boatos. Talvez porque se divulgou que eu me demiti da REB. Mas a REB de março, com esta notícia, ainda não saiu. Talvez porque Frei Guilherme Baraúna abandonou tudo, concluiu-se que também eu teria feito o mesmo. Tanta gente já saiu nestes últimos anos - e precisamente da "inteligentia" eclesiástica! - que se chegue, talvez, a pensar que é evidente que também eu teria que abandonar o ministério...* Por coincidência, este registro no seu **Diário 9**, em 24-3-1972, se deu ao remeter os originais do livro **O Ser do Padre** à gráfica da Vozes, vindo à lume em 17 de maio.

ORDENAÇÃO SACERDOTAL POR TEMPO DETERMINADO

Na época, centenas de padres e religiosos se laicizaram, procurando outros caminhos de salvação e apostolado. O Concílio Vaticano II criou um clima de diálogo, conscientização e responsabilidade entre os padres e religiosos, para que cada um assumisse a sua missão e vivesse a sua vocação como decisão livre, consciente e pessoal.

Ao receber Frei Boaventura notícias da "esclaustração" de uma de suas irmãs e da redução ao estado de leigo de um de seus sobrinhos padres, comentou em carta à Irmã Régis, em 27-3-1969: *Às vezes, quando recebo essas notícias de saídas de padres e religiosas, fico triste, a ponto de chorar. É um dos pontos mais negros da Igreja depois do Concílio. Não sei bem o que Deus quer, permitindo tudo isso. Sei, é certo, que tudo isso está a dizer que há urgente necessidade de reforma. Talvez Deus permita, porque vê que as reformas não viriam sem certa violência. A Igreja é tão difícil, quando deve reconhecer defeitos e, conseqüentemente, reformas. É um certo farisaísmo que está nela, profundamente arraigado. Mas sou otimista, não obstante as lágrimas que por vezes me surpreendem.* Na carta de 27-8-1970, escreveu: *Recebi hoje sua carta, com a do nosso agora felicíssimo Pe. José. Vivemos realmente numa época estranha, quando padres e freiras ficam felizes, quando procuram deixar de ser padres e freiras...*

Durante as reuniões da Comissão Teológica Internacional Frei Boaventura anotou no **Diário 12**, em 26-9-1975: *Hoje soube que nos últimos 4 anos saíram 24,6% das freiras de todo o mundo. Quarta parte! Devem ser mais de 200.000! E um Monsenhor da Congregação para a Doutrina da Fé nos revelou (em conversação particular com alguns) que já são 30.000 os Padres oficialmente reduzidos ao estado laical. Para mim, estes números revelam que deve haver uma falha grave no "sistema" e que todos estes casos já não são "pessoais".*

Dados estatísticos exatos de padres que pediram redução ao estado laical, Frei Boaventura obteve de um padre que trabalha na seção da S. Congregação para a Doutrina da Fé: Em 1964: 1.130; 1965: 1.718; 1966: 1.730; 1967: 2.195; 1968: 2.579; 1969: 3.576; 1970: 3.763; 1971: 4.593; 1972: 4.116; 1973:

3.165; 1974: 3.348, totalizando 31.913 padres egressos, em 11 anos. *Até fins de setembro de 1975 eram 2.320 para o corrente ano. Crise tão grande a Igreja nunca teve em sua história. Quem está de pé, cuide que não caia...* alertou no **Diário 12**, em 9-10-1975.

Ao seu sobrinho padre José Alfredo Schierholt, de quem foi paraninfo na ordenação sacerdotal, em 8-12-1961, confidenciou Dom Boaventura que a Igreja poderia modificar seu modo de proceder com as vocações sacerdotais, da seguinte maneira:

Poderia ordenar para um determinado número de anos, por exemplo dez. Terminado este tempo, o padre teria a livre opção de continuar por um novo prazo ou deixar o exercício do ministério para constituir uma família. Se ele sente que tem vocação, repetirá a opção e será um sacerdote feliz e realizado. Se sente que melhor seria deixar o ministério, ele poderá sempre ostentar sem inibição que durante tanto tempo se dedicou inteiramente ao serviço da Igreja, como título de honra para ele e seus familiares. É claro que ele não perde o caráter indelével de sua ordenação, e, quando quiser, segundo as disposições da Igreja, poderá retornar ao exercício do ministério. A maioria certamente renovará sua opção, quando passar o prazo, até o fim da vida. Mas ele viverá sempre numa opção conscientemente renovada. As Irmãs Vicentinas, da Caridade, só fazem o voto por um ano e cada ano podem deixar a Congregação, mas de fato não o fazem e elas são a Congregação religiosa feminina mais numerosa da Igreja. Nos nossos dias a gente, sobretudo a juventude, sente dificuldades em comprometer-se para a vida inteira. Conheci seminaristas que terminaram o curso de teologia, mas tinham medo de talvez não serem fiéis e preferiram não se ordenar, sem ter razões válidas para essa atitude. Se tivessem a possibilidade de opção para determinado tempo, solicitariam a ordenação e mui provavelmente a renovariam até morrer.

Depois de 17 anos de vida religiosa e de quase 10 anos de ministério sacerdotal, padre José Alfredo obteve do Papa Paulo VI a graça do retorno ao laicato, em 21-5-1971. Em família procura dar testemunho cristão em sua comunidade paroquial de Santo Inácio, em Lajeado, através do magistério, jornalismo e literatura.

Solução diferente foi dada, duas décadas depois, a um caso cujo nome, local e data, obviamente, aqui não menciono: *Mas nem tudo é abacaxi* - segundo o **Diário 18**. - *Esta tarde veio falar comigo o (N. N.), filho de (nome da localidade), de boa família católica. Ele tem um irmão que vai para o 4º ano de teologia. O (N.) resolveu ficar (indica uma ordem religiosa). Mas há dois anos ele se casou civilmente e deixou a família desolada. Agora ele quer voltar. Já combinou com a mulher (eles têm um filhinho) a separação amistosa. Eu lhe farei um documento de benevolência. Talvez em fevereiro esteja tudo em ordem e ele se integrará ao presbitério desta diocese.* O esforço de atender o seu desejo de reintegrar-se ao clero de nada valeu, mesmo que sua mulher tenha falecido. Nem chegou a assinar o “documento de benevolência”. Dele, de seu filho e de seu irmão, que chegou a ser ordenado pelo próprio Frei Boaventura, não se tem mais notícias.

De 18 a 22 de maio de 1972, Frei Boaventura ministrou um “Curso Regional de Atualização” para o clero das 12 dioceses do Paraná, em Curitiba. Desenvolveu o tema “A secularização e as relações com a figura da Igreja e do Sacerdócio”. Retornando a Petrópolis, preparou-se para uma nova missão na Colômbia. Novamente em Petrópolis, impediu a realização de *um painel que o 6º ano ia promover sobre “a necessidade de ser ateu, para preparar o caminho para Deus”* - de acordo com o seu **Diário 9**, em 23-6-1972. - *Havia afirmações inacreditáveis para estudantes do último ano de Teologia. Eles, em 1969, tiveram comigo o tratado sobre Deus, do qual, aliás, resultou o meu livro O Cristão Secularizado. Mas sustentam posições totalmente contrárias às que eu lhes havia ensinado.*

Preparando-se para uma semana de conferências sobre a Pastoral do “Maravilhoso Humano” na Facultad de Teologia Pontificia y Civil de Lima, no Peru, Frei Boaventura passou o dia 30-6-1972 estudando um texto de Gustavo Schmalz sobre o “fazer a verdade no próprio coração” (expressão de S. Agostinho) ou a meditação a partir do inconsciente. Ocupou-se também com as teorias de C. J. Jung, chegando a uma conclusão: *Nós religiosos perdemos os caminhos da meditação e contemplação (ou melhor: encurralaram-nos num determinado método, com imposições jurídicas; e isso deixou de funcionar, pois a imposição era demasiado rígida e o método demasiado empírico e ao mesmo tempo fixado). Devemos encontrar novos caminhos e a psicologia, sobretudo e de Jung, nos pode ajudar muito para sair do empirismo estéril. Fico surpreendido com as riquezas de indicações que encontro e, sobretudo, com o desejo que nestes autores aparece para uma vida mais contemplativa e mística. Não conheço a vida particular de Jung, mas tenho a impressão que era um grande homem de Deus, com muita vida de união com Deus.* Daí resultou seu estudo sobre “**As razões do coração**”.

Em 8 de julho já estava de volta em Petrópolis. De 10 a 13 de julho, pregou novo retiro ao clero de Curitiba. Retornando ao Rio de Janeiro, encontrou as notícias de sua nomeação para assumir o setor da América Latina do Secretariado para a União dos Cristãos, em Roma, por três anos.

Embora bastante adoentado, em 16 de julho voou para Santarém, onde deu uma conferência em praça pública de esclarecimento aos católicos sobre o Espiritismo, como há 12 anos atrás. Depois da missa e de uma hora de sermão irradiado, teve que interromper bruscamente, sem condições físicas de falar. Mesmo assim, na manhã seguinte tentou iniciar o retiro a 60 padres das prelazias de Santarém, Óbidos e Parintins. Tomando medicamentos, com bronquite, tosse, dor no peito e sem apetite, pregou todo o retiro, de 18 a 21 de julho, terminando o dia com uma hora de pregação numa emissora local. No dia seguinte, levaram-no para o hospital. *Que miserável sou* - lamentou no **Diário 9**, no dia 22. Dois dias depois, iniciou mais um retiro para padres, em Belém do Pará, interrompido para ser baixado no Hospital Guadalupe. No dia 26, continuou o repouso e tratamento em Petrópolis. Sentindo-se mais forte, em 1º de agosto rumou para Porto Alegre, onde esteve sob os cuidados de sua irmã enfermeira Irmã Régis. Na manhã de 7 de agosto, iniciou um curso no Convento dos Capuchinhos, em Porto Alegre, chegando a falar seis horas por dia. Depois de 11 dias, estava de volta em Petrópolis, onde o esperava Dom Ivo Lorscheiter, para lhe propor *fazer parte do staff permanente da CNBB e cuidar dos problemas de ecumenismo e diálogo com maçons, espíritas, umbandistas, etc. Como amanhã vou a Guatemala e como ainda estou esperando uma carta de Roma, do Secretariado para a União dos Cristãos, darei a resposta somente depois*, decidiu no **Diário 9**, em 20 de agosto.

Regressando a Petrópolis do curso dado aos bispos em Guatemala, em 4 de setembro, tratou com mais cuidado de sua saúde, pois havia sido acometido de uma broncopneumonia. Mesmo assim, não parava em hospital, deu aulas a estudantes de teologia no Mosteiro de São Bento, conferências a bispos e vigários episcopais, no Rio de Janeiro e, em 30 de setembro, partiu para uma nova excursão apostólica na América Latina, retornando em 2 de dezembro.

Aceitou sua indicação para a Cúria Romana. Preparou-se para residir novamente em Roma. Oficialmente, depois de 30 anos, foi sua primeira transferência como franciscano, pois chegou no Convento do Sagrado Coração de Jesus de Petrópolis em fins de 1943. *Ontem e hoje me senti um despejado* - confessou em 12-12-1972, no **Diário 9**. - *Desfiz-me dos livros e outros objetos que durante vinte anos se haviam acumulado*. No dia seguinte, iniciou um mês de férias em Rolante e Hulha Negra, junto a seus familiares. Aproveitou o tempo para tratar a saúde, partindo depois para a Itália.

Mesmo após um ano de atividades no Secretariado para a União dos Cristãos em Roma e como primeiro diretor do Instituto de Pastoral do CELAM, em Medellín, sobrou-lhe tempo para retornar ao Brasil, esporadicamente, como em 10-7-1974, para ministrar conferências num encontro de 30 bispos do Cone-Sul, no Seminário de Viamão. Em Rolante, presidiu a missa de Ação de Graças, concelebrada com 7 padres, pelo cinquentenário da chegada dos imigrantes de Oldenburg em Rolante, em 21 de julho. No dia seguinte, voltou para Lima.

Não deixou de visitar seus confrades franciscanos, especialmente Convento Santo Antônio no Rio de Janeiro e o Convento do Sagrado Coração de Jesus de Petrópolis, no final do ano de 1976.

Também em 28-11-1978 veio de Medellín passar suas férias pelo Brasil. Em Petrópolis, *a "minha" casa, encontrei velhos conhecidos* - como está no **Diário 13**. - *Falei demoradamente com Frei Fidelis Vering, que era meu colega de curso e como eu especializado em Dogma pelo Antonianum de Roma. Ele ensina aqui agora filosofia. Mas não está contente nem animaria a ninguém a entrar nesta sociedade. Falei com Frei Leonardo Boff. É o homem indiscutivelmente o mais bem instalado burguesmente de todos os do convento. Além de um quarto duplo no convento e da redação na Editora, tem seu próprio castelo no morro. Mas é o profeta que anuncia ter feito uma opção pelos pobres. Primeiro nos xingamos mutuamente: eu, porque não publicou na **REB** de setembro o anúncio de nosso Instituto; e ele, porque eu publiquei a "Iglesia Popular" que, opina ele, fez um mal imenso. Depois nos calmamos e ele acabou prometendo-me a publicação do anúncio na **REB** de dezembro, que, garante ele, deve sair pelo dia 15 e assim ainda poderia ajudar-nos. Leonardo Boff levou Frei Boaventura em seu carro para passear em Icaraí - segundo o **Diário 13**, em 30 de novembro, - para ver a monumental ponte Rio-Niterói e lá tomamos cerveja e conversamos como amigos. Oxalá as divergências teológicas não nos separem como amigos*.

Suas férias de 1978 no Brasil foram intensamente vividas, visitando irmãos, sobrinhos e amigos, em companhia do Padre Félix, Conde de Merveldt, vindo da Alemanha. Em 7 de dezembro, em visita ao seu sobrinho José Alfredo Schierholt em Lajeado, reencontrou seu antigo colega de curso de São Leopoldo, Pe. Érico Jacó Schmitz, pároco de Santo Inácio, falecido em 1-2-1998. Em 16 de dezembro participou da

ordenação sacerdotal de seu sobrinho Alex José Kloppenburg, na Catedral de Bagé, onde havia sido ordenado há quase 33 anos antes. Em 22 de dezembro passou dois dias com sua Irmã Régis, na Colônia de Hansenianos, em Itapoã. A passagem para o ano novo de 1979 passou em Brasília, nas praias do Lago, vendo ao vivo uma “festa da Iemanjá”, *a mesma confusão religiosa de um impossível sincretismo, que eu combatia há vinte anos*, observou no final do **Diário 13**, seguindo para Manaus e retornando a Medellín, em 4 de janeiro.

As férias de final de ano de 1979 passou com seus familiares em Rolante, onde celebrou a missa do galo, a das 8h15min e, em língua alemã, às 9h30min, na igreja matriz. *Foi um Natal singelo e familiar. Devoto e bonito.* No dia 1º do ano, celebrou a missa festiva dos 80 anos de seu cunhado José Macke, em Trigolândia. À noite, a alegria da festa foi interrompida com a notícia do assalto ao Cardeal Vicente Scherer, em Porto Alegre, *esfaqueado e desnudado e assim o deixaram, sangrando e nu, abandonado num lugar ermo, esperando o Ano Bom...* o que registrou no **Diário 14**, em 1-1-1980.

Ainda que muito requisitado em toda a América Latina, freqüentemente foi solicitado para pregar retiros ou ministrar cursos no Brasil. Pior quando se organizava tais eventos, esquecendo-se do principal: convidar o próprio pregador! O **Diário 14** menciona uma destas histórias, em 19-2-1980: *Estando ainda de cama, esta manhã me chamam por telefone desde Rio de Janeiro. Fala primeiro o P. Bernal, secretário executivo do Departamento de Religiosos do CELAM, depois Dom Karl Josef Romer, Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro. Vai começar depois de amanhã um curso para Provinciais Religiosos do Brasil (esperam umas 80) e eu teria que fazer-lhes conferências nos dias 23 e 24 sobre os grandes problemas da década de 80 e o desígnio divino para solucionar estes problemas. Mas se esqueceram de avisar-me. Prometi que faria o possível.* Mais uma vez quebrou o galho e foi ao Rio de Janeiro na manhã seguinte. Aí soube que o curso tinha sido promovido pelo CELAM, mas o P. Décio Teixeira, S. D. B., presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB, *escreveu uma carta às Irmãs Provinciais contrária ao Curso. Invidia clericorum!* - lamentou no **Diário 14**, no dia seguinte.

No domingo de 29 de junho chegou ao Rio de Janeiro para a reunião de coordenação, assembléia geral, comemoração do jubileu de prata do CELAM e a visita do Papa João Paulo II ao Brasil. Hospedou-se no antigo Colégio da Assunção, em Santa Teresa, com reuniões na Casa de Retiros, no Sumaré.

Dirigindo-se o papa para São Paulo, em 3 de julho deu-se a sessão extraordinária do CELAM, com a presença dos presidentes das 22 Conferências Gerais dos Bispos da América Latina, seus secretários gerais e deputados, além dos integrantes da Coordenação Geral. Após o discurso do secretário Geral do CELAM, falou de improviso o Cardeal Avelar Brandão Vilela, de forma veemente, *contra as tendências esquerdizantes na Igreja. Acho que nunca falou tão brabo assim. O Cardeal Baggio, também presente e presidindo, abraçou-o contente e efusivo* - documentou em seu **Diário 14**. Também Kloppenburg, recebeu uma placa com inscrições de agradecimento por serviços prestados ao CELAM. De 6 a 20-7-1980 passou as férias de julho em Rolante e Hulha Negra, regressando a Medellín.

Para encontrar um novo diretor para o setor de Catequese do Instituto, inesperadamente voou a Porto Alegre. Entrou em contato com um dos candidatos, Pe. Pedro Krämer. Não o achou. Procurou o Pe. Roque Zimmermann, MSF. Também não foi possível levá-lo, uma vez que acabara de ser reeleito provincial dos Missionários da Sagrada Família. *O novo Reitor que se defenda* - anotou no **Diário 14**, em 20 de dezembro, sem desconfiar que ele mesmo iria permanecer no cargo por mais um ano. Aproveitou alguns dias para passar as férias com seus familiares, festejando o Natal com os leprosos em Itapoã e o Ano Novo em Rolante, regressando a Medellín em 4-1-1981.

No percurso de Bogotá ao Rio de Janeiro teve como vizinho de banco Dom Ivo Lorscheiter, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que vinha de um encontro sobre o Adveniat em Quito. *Sentamo-nos juntos no avião e conversamos bastante* - recordou no **Diário 14**, em 19-9-1981. - *Ele é considerado da ala que chamam “progressista”. E por isso, há três dias, quando foi nomeado o novo Arcebispo de Porto Alegre, não saiu o nome dele, como teria sido natural. Foi nomeado Dom Cláudio Colling, Bispo de Passo Fundo.*

Ao terminar um curso em Montevidéu, seis dias depois, passou uns dias de primavera junto a seus familiares em Rolante. Como era um fim de semana, auxiliou os padres na Paróquia Nossa Senhora da Conceição, onde suas pregações sempre são muito apreciadas. Na manhã do 30 de setembro já se encontrava novamente em Roma.

Sempre que podia Frei Boaventura revia os amigos e confrades no Rio de Janeiro e em Petrópolis, onde se sentia *como que em casa. Aqui passei uns 25 anos. Celebrei a Missa das 18. Mas ninguém me reconheceu. Ninguém me procurou para saudar-me. Eis as conseqüências de dez anos de ausência* -

concluiu no **Diário 14**, em 29-9-1981. No Convento Santo Antônio foi bem recebido. Nos dois dias seguintes falou aos 120 estudantes em Petrópolis. De 4 a 6 de dezembro percorreu a paróquia de Carapicuíba, em São Paulo, confiada à Obra Kolping, sob o pastoreio do Pe. Karl Heinz Tabeling, seu parente e conterrâneo. Passou um mês de férias com seus familiares, em Rolante; o Natal com os leprosos em Itapoã, onde estava a Irmã Régis, e em Hulha Negra, onde presidiu as cerimônias de sepultamento de seu cunhado José Macke, em 27 de dezembro, concelebrando a missa com mais seis sacerdotes, entre os quais Pe. José Macke Filho e Pe. Alex Kloppenburg. No Ano Novo de 1982, com a vinda também do Pe. Tabeling, concelebraram na igreja Cristo Rei em Trigolândia e, no dia seguinte, novamente, para lembrar o centenário de nascimento do seu pai. Em 5 de janeiro, visitou Dom Sinésio Bohn, Bispo de Novo Hamburgo, que retribuiu a visita no dia imediato, em Rolante, para participar das alegrias do seu 36º aniversário de ordenação sacerdotal.



“O Globo” 6-5-1953

A SERVIÇO DA IGREJA NO VATICANO

Estudando-se atentamente a história da Igreja à luz de documentos, na época, percebe-se movimentos que vão nitidamente convergindo para a necessidade do Concílio Vaticano II.

É aqui que cabe inserir fatos históricos na Igreja do Brasil e da América Latina, de caráter praticamente preconiliar.

Tanto a I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, no Rio de Janeiro, seguindo-se a fundação do Consejo Episcopal Latinoamericano - CELAM, como a II, em Medellín, a III, em Puebla, e a IV, em Santo Domingo, Frei Boaventura teve participação ativa intensa, mormente como teólogo.

NA I CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO

Para a comemoração dos 40 anos de fundação do Consejo Episcopal Latino-Americano - CELAM endereçou Dom Raymundo Damasceno Assis, Bispo Auxiliar de Brasília e secretário geral do CELAM, o ofício S. G./N 2937, de 26-9-1994, a Dom Boaventura, *um dos poucos bispos da América Latina que participou naquela época, como teólogo, neste evento tão significativo para a Igreja e para o CELAM, solicitando um depoimento sobre o que significou para Vossa Excelência esta 1ª Conferência e qual sua repercussão para a Igreja na América Latina.*

Em **Aquela Conferência Episcopal Preconiliar de 1955** Kloppenburg deu o seu depoimento de participação na I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, no Rio de Janeiro, de 25 de julho a 4 de agosto. Ainda no mês seguinte, remeteu o texto ao CELAM, conforme ofício S. A./n.º 0972, de 12-10-1994, assinado pelo Mons. Guillermo Melguizo Yepes, secretário adjunto do CELAM. Em 8-11-1996, enviou o mesmo documento a Mons. Zilles, para ser publicado na revista *Teocomunicações*.

Ao que parece, o citado depoimento é um dos poucos documentos que registram, com alguns detalhes, tão auspicioso acontecimento, ocorrido imediatamente após o 36º Congresso Eucarístico Internacional, celebrado no Rio de Janeiro, de 17 a 24-7-1955. No dia seguinte, principiava a histórica assembléia episcopal, convocada pela Sagrada Congregação Consistorial, como então se chamava o dicastério para os bispos, na época dirigida pelo Cardeal Adodato Giovanni Piazza.

O principal objetivo da magna reunião dos bispos era estudar a conjuntura religiosa da América Latina e seus problemas, bem como *combinar um plano e métodos concretos para realizar, com solícitude e competência, tudo quanto exigem as necessidades dos tempos* - segundo palavras do Papa Pio XII. “Necessidades dos tempos” já constituía uma linguagem conciliar. Na Carta Apostólica **Ad Ecclesiam Christi**, endereçada ao Cardeal Piazza, o mesmo papa indicava *os magnos e graves problemas da Igreja na América Latina, principalmente o mais grave e perigoso: a escassez do clero*. Urgia na sua solução mediante à procura de padres de outros continentes, utilização de religiosos e das *hostes de leigos cristãos*. Com maior atenção solicitava a presença da Igreja no campo social, *por se tratar duma questão intimamente relacionada com a vida religiosa*.

Antecedeu o evento uma cuidadosa preparação. Foi promovido em todas as dioceses da América Latina o mais amplo levantamento de dados. *Só do Brasil, recebeu a comissão central, encarregada de preparar o encontro, 340 mapas, com uma síntese de nossas 20 províncias eclesiásticas, com 17 relatórios gerais de cada província. E assim de todos os outros países do continente latino-americano - depôs Frei Boaventura. - Não sei onde ficou toda aquela rica documentação.*

Terminado o Congresso Eucarístico, o conclave dos bispos iniciou em 25 de julho, reunindo representantes de mais de 20 países, 60 províncias, 350 circunscrições eclesiásticas e 150 milhões de católicos. Na crônica de Frei Boaventura consta a presença de 94 bispos, sendo 28 do Brasil, 10 de México, 8 da Colômbia, 6 da Bolívia e 6 do Peru, para citar os países de maior representação. Além da presença dos nuncios apostólicos, também foram convidados, como observadores, 7 bispos de outros países não latino-americanos e 5 sacerdotes como relatores oficiais, entre os quais dois do clero brasileiro: Côn. Agnello Rossi e Frei Boaventura Kloppenburg.

Além do citado depoimento, em carta de 7-8-1955 à Irmã Régis, fez algumas referências à Conferência Geral, com 110 participantes. Com espírito jocoso, lembrou que lá havia um padre jesuíta colombiano e ele, franciscano: *Quando, em sua conferência, o jesuíta se apresentou como “único soldado raso” naquela grandiosa assembléia, não houve para mim outro remédio senão o de me apresentar como “vigilante cachorrinho na augusta reunião de Pastores do Rebanho de Cristo, cachorrinho que ladra e chama atenção para a presença do lobo voraz, disfarçado em pele de ovelha”...*

Com as plenárias no auditório do Colégio Sacré Coeur de Jésus, em Laranjeiras, a Primeira Conferência Episcopal teve como presidente o Cardeal Piazza, assistido, e substituído várias vezes, por Dom Antônio Samoré, Secretário da Sagrada Congregação dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários.

Nos 10 dias de intensos trabalhos, as 7 comissões elaboraram um documento final de 11 títulos ou unidades, *bastante extenso* - afirma Kloppenburg. - *Na breve Declaração final os próprios participantes resumiram os “pontos principais tratados nesta Conferência, por sua especial e fundamental importância”. E indicam estes quatro:*

1. *A escassez de sacerdotes, tema considerado como “objeto central” e “problema fundamental que aflige nossas nações”. É uma vibrante página de pastoral vocacional, que bem poderia ser reproduzida em nossos dias para animar-nos em tão urgente tarefa.*

2. *A catequese. Proclamam que aos nossos fiéis falta a instrução religiosa. E advertem: “Os adversários de nossa herança católica são poderosos sob diversos aspectos; e é muito doloroso confessar que, em muitos casos, nossos fiéis não estão preparados suficientemente para sair vitoriosos da prova”.*

3. *Os graves problemas da justiça social, principalmente a situação angustiosa em que vivem os trabalhadores do campo e da cidade. Tão deplorável condição de vida material repercute forçosa e inevitavelmente na vida espiritual desta numerosa população.*

4. *As necessidades da população indígena e a obra das missões entre os índios.*

Mister é frisar que já a I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, como as três que se seguiram, produziu um novo gênero literário na documentação eclesiástica, devendo se qualificar seu valor ou precisar seu lugar teológico.

Tomando parte como “relator oficial” Frei Boaventura qualificou o documento da primeira Conferência Episcopal como *pré-conciliar*. *A novidade pós-conciliar está mais na terminologia que no conteúdo. “Novos ministérios”, “comunidades de base”, “opção pelos pobres”, “conscientização”, etc., já estão conceitualmente neste documento de 1955. Mais adiante afirma ter sido professor antes do Concílio, durante o Concílio e depois do Concílio, jamais senti a suposta ruptura de continuidade imaginada pelos que agora desdenham a atividade pré-conciliar.*

A decisão corajosa e pioneira dos bispos surtiu efeito imediato no mundo inteiro. Foi como que a primeira onda de *aggiornamento*. Na América Latina foi criado o CELAM como órgão de contato e de colaboração entre as Conferências Episcopais da América Latina. Cada qual fez seu diagnóstico da realidade, dando um novo sopro de pastoral, um impulso e uma eficácia maiores às atividades católicas de interesse comum no continente.

Em 1957, a encíclica **Fidei donum** despertou novo ardor missionário. No ano seguinte, foi fundada a Pontifícia Comissão para a América Latina (CAL), como organismo de coordenação. Bispos europeus, do Canadá e dos Estados Unidos atenderam à solicitação da Santa Sé. *E assim nasceram a OCHSA na Espanha; o Colégio para a América Latina na Bélgica (Lovaina, com cursos de treinamento de candidatos da Bélgica, da França, Alemanha, Holanda e outras); o Seminário para a América Latina de Verona, na Itália; a Comissão de ajuda para a América Latina, na França, os voluntários do Papa para a colaboração apostólica na América Latina (PAVLA), nos Estados Unidos; a ação da Adveniat na Alemanha, com generosas coletas exclusivamente em favor da América Latina, para sustentar projetos pastorais neste continente; e outros organismo de ajuda material na Suíça, na Bélgica, na Holanda, na França, na Irlanda, na Itália, nos Estados Unidos, no Canadá. Grande número de sacerdotes, religiosos e leigos começaram a ajudar nossas Igrejas particulares. Sobretudo da Espanha. Em 1962 atuavam na América Latina mais de 18.000 padres, religiosos, religiosas e leigos chegados da Espanha. Dos Estados Unidos, mais de 3.000. Do Canadá, mais de mil. Até mesmo da pequena Holanda recebemos antes do Concílio, só no Brasil, mais de mil sacerdotes missionários. Foi algo extraordinário* - enfatizou Kloppenburg no citado depoimento, destacando movimentos pré-conciliares.

Numa alocução aos cardeais, reunidos no Mosteiro de São Paulo fora dos Muros, em 25-1-1959, o Papa João XXIII surpreendeu o mundo inteiro manifestando o desejo de convocar um Concílio Ecumênico. Não tinha ainda completado três meses de pontificado. A notícia saiu no **L'Osservatore Romano**, no dia seguinte, de forma lacônica, como que escondida. O texto completo foi mantido em segredo, remetido aos demais Cardeais e publicado apenas em 27-2-1959, no **Acta Apostolicae Sedis**.

O último e vigésimo Concílio Ecumênico, em Roma, tinha sido interrompido, após a abertura da Quarta Sessão, em 19-7-1870, com a explosão da guerra franco-prussiana, sem ter sido concluído. Passado mais de meio século, em 23-12-1923, o Papa Pio XI pensou em convocar a Igreja para um novo Concílio. Seu sucessor Papa Pio XII chegou a esboçar um projeto. Entretanto, coube a João XIII lançar a idéia, num

improviso e inspiração espontânea, obra do Espírito Santo, elaborar o plano, traçar as metas, montar as comissões antepreparatórias, preparatórias, presidir a solene abertura e acompanhar a Primeira Sessão.

Entre bispos, teólogos e professores de teologia, desde o início do ano letivo de 1959, criava-se o clima preparatório do Concílio. Em todas as manifestações e entrevistas João XIII o mencionava, apontando sempre novos aspectos e objetivos. A primeira referência do papa se relacionava a questões morais, ampliando os propósitos para a busca de mais energias, união, adaptação aos tempos modernos, renovação das forças apostólicas da Igreja, revigoramento do zelo missionário, melhor compreensão da doutrina da Igreja, reorganização do corpo eclesial, e dos demais objetivos que foram surgindo na fase preparatória.

Na realidade, o Concílio estava sendo preparado há longos anos, pois nem mesmo o último havia sido concluído, prosseguindo algumas comissões seus estudos. Entretanto, nos últimos 50 anos, os preparativos para um novo Concílio foram se intensificando, seja através do movimento bíblico, novas traduções do original, mais estudo da exegese e leitura da Bíblia, seja pelos encontros de teólogos e renovação da patrística, da liturgia, da pastoral, das missões, do diálogo ecumênico, da caridade, enfim, da renovação de toda Igreja, segundo Frei Boaventura em seu **Concílio Vaticano II - Vol. I - Documentário Preconciliar**, p. 27: *“Quando João XXIII, “por inspiração do Alto”, inesperadamente anunciou a decisão de reunir o Concílio, este, na realidade, já estava preparado: bastava convocar os especialistas, coordenar os trabalhos e recolher os frutos já amadurecidos”*.

O mesmo papa, em 5-6-1960, determinou que a sede do acontecimento seria em Roma, denominando-se **“Concílio Ecumênico Vaticano II”**. Por **“Concílio Ecumênico”** deve se entender *uma assembléia dos Bispos da Igreja Católica e de outros Prelados que ao mesmo tempo têm direito de ser convocados, para estudarem e resolverem, juntamente com o Papa e sob sua autoridade, as mais importantes questões doutrinárias e disciplinares que interessam à vida da Igreja* - definiu Kloppenburg no **Concílio Vaticano II - Vol. I Documentário Preconciliar**. - *“Eis o Concílio - escreve João XXIII na Carta da 19-3-1961: - o Papa no ápice e, em torno dele e com ele, os Cardeais, os Bispos de todos os ritos e de todos os países, os doutores e mestres mais competentes nos diversos graus de suas especializações”*.

A fim de executar o monumental projeto, o Papa João XXIII instituiu uma Comissão Antepreparatória do Concílio, presidida pelo Cardeal Domenico Tardini, seu Secretário de Estado, dela participando prelados da Cúria Romana, isto é, assessores e secretários dos Dicasterios. Logo entrou esta Comissão em contato com o Episcopado Católico e com as faculdades teológicas e jurídicas das Universidades Católicas do mundo inteiro.

A seguir, por carta circular de 18-6-1959, Tardini convidou a todos os cardeais, bispos, prelados, núncios, delegados, vigários e prefeitos apostólicos, superiores gerais de todas as Ordens e Congregações Religiosas para manifestarem sugestões e conselhos.

Pelo mundo inteiro as comunidades se reuniram para pensar, discutir e estudar tudo quanto pudesse interessar ao Concílio.

Na alocução de 30-5-1960 João XXIII disse que mais de 2.000 respostas estavam sendo analisadas, resumidas e catalogadas, servindo como fontes para a formulação de propostas a serem estudadas pelas Comissões Preparatórias. Viu-se depois que as 2.099 cartas apresentaram 8.972 propostas e sugestões, publicadas em 15 grossos volumes. Todo esse material foi intensamente trabalhado pelas comissões compostas por 827 membros, com direito a voto, e consultores, como assessores.

CONSULTOR PARA PREPARAR O CONCÍLIO

Seriedade e empenho caracterizaram o ambiente dos participantes. Esquemas houve que foram elaborados dez e mais vezes, antes que a subcomissão os aprovasse. Houve subcomissões que se reuniram mais de 80 vezes, de 3 a 4 horas cada vez. Aprovado, afinal, o esquema pela subcomissão, era encaminhado à secretaria da Comissão Teológica, que remetia uma cópia aos 31 membros e 36 consultores, com o pedido de estudá-lo atentamente e fazer as observações e correções que julgassem convenientes. Discutidas e aprovadas, as emendas eram encaminhadas à secretaria e suas cópias multiplicadas. Concluída uma série de esquemas e emendas, eram convocados os membros e consultores para uma Sessão Plenária da Comissão Teológica. Cada esquema era estudado e discutido e, caso não entendido, retornava à subcomissão para maiores esclarecimentos, retornando para a sua aprovação ou rejeição.

Todos os esquemas aprovados por cada uma das Comissões foram encaminhados à Comissão Central, onde tiveram que passar pelo crivo de 102 membros, dos quais 60 cardeais e 29 conselheiros. Só então eram entregues ao papa e depois expedidos aos bispos do mundo inteiro, para que os estudassem e

propusessem emendas... Somente então estava tudo pronto para a solene abertura do XXI Concílio Ecumênico na história da Igreja.

Com a fase antepreparatória, desde 17-5-1959, e a preparatória, desde 5-6-1960, após três anos de intensos trabalhos, encerrou-se em 20-6-1962 o período pré-conciliar.

Cardeais, bispos e eclesiásticos, insignes por virtude e doutrina, foram escolhidos para integrar as seguintes Comissões Conciliares: 1) Teológica; 2) dos Bispos e do Governo das Dioceses; 3) da Disciplina do Clero e do Povo Cristão, 4) dos Religiosos; 5) da Disciplina dos Sacramentos; 6) da Sagrada Liturgia; 7) dos Estudos e Seminários; 8) das Igrejas Orientais; 9) Das Missões; 10) do Apostolado dos Leigos; 11) Comissão Cerimonial. Havia ainda a Comissão Central; o Secretariado para a União dos Cristãos, equiparado a uma comissão, e o Secretariado da Imprensa e do Espetáculo.

Presidido por um cardeal, cada Comissão estava composta por dois vice-presidentes, um secretário e 24 membros, dos quais 16 escolhidos pelos padres conciliares e 9 nomeados pelo papa.

Segundo a reportagem de Frei Boaventura em *Concílio Ecumênico - O maior acontecimento do século*, publicada na revista **Painel Brasileiro**, de março de 1962, o Brasil estava assim representado nas Comissões Pré-conciliares:

Na Comissão Central: Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, como membro. Na Comissão Teológica: Dom Vicente Scherer, como membro, e Frei Boaventura Kloppenburg, como consultor. Na Comissão dos Bispos e do Governo da Igreja: Dom Helder Câmara, como consultor. Na Comissão da Disciplina dos Sacramentos: Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, como membro, e Dom Afonso Maria Ungarelli, como consultor. Na Comissão da Sagrada Liturgia: Mons. Joaquim Nabuco, como membro. No Secretariado para os meios de divulgação: Dom José Távora, como consultor.

Peritos conciliares eram os teólogos, canonistas e “outros expertos” ou especialistas, nomeados pelo Sumo Pontífice. Tinham a tarefa de colaborar com os membros das Comissões Conciliares para elaborar e emendar textos e para preparar as relações que deviam ser apresentadas à Congregação Geral. Sem contar os peritos particulares que cada padre conciliar podia nomear para si, havia no Concílio 305 peritos oficiais. Mons. Joaquim Nabuco e Frei Boaventura foram os únicos representantes do Brasil.

Encontrava-se Frei Boaventura em plena Campanha de Esclarecimento aos Católicos sobre o Espiritismo, em Caxias do Sul, ao receber a notícia de sua nomeação, em 21-7-1960, para ser consultor da Comissão Teológica Pré-conciliar.

Em 23 de novembro, partiu para Roma, onde três dias depois entrou em contato com o Santo Ofício. Em sua cela, na Gregoriana, encontrou-se com o Pe. Sebastião Tromp, SJ, Secretário Geral da Comissão de Teologia, falando *uma hora em italiano e uma hora em alemão. Recebeu o meu Juramento* - documentou no **Diário 4**. - *Falou muita coisa sobre os trabalhos, expôs os planos. Era otimista, mas mostrou que a coisa não é fácil. Há muitos problemas.*

Mesmo que já conhecesse bem Roma e o Vaticano, seu novo contato tinha agora outras conotações, voltadas aos próximos grandes acontecimentos. *Falando com a gente daqui sobre o próximo Concílio Ecumênico, verifiquei que muitos são inteiramente pessimistas* - constatou no **Diário 6**, em 27-11-1960. - *Argumentam geralmente com o Sínodo Romano, que acaba de sair e que está cheio de regras e determinações, leis, leis, leis. Não há vida. Dizem que o Concílio seria o mesmo para a Igreja Universal. Que está aqui em Roma um grupo forte, que faz o que quer e que imporá sua vontade também aos bispos no Concílio. A não ser que surjam bispos fortes, bem preparados e decididos a barrar esta onda no próprio Concílio.*

Frei integrou a Comissão Teológica como consultor. Todas as questões de ordem puramente doutrinária, sugeridas pelos bispos (nos 15 volumes das Atas Antepreparatórias) para que fossem tratadas no Concílio, foram encaminhadas à nossa Comissão. Recolhido o material bruto, ele foi primeiramente dividido em cinco grupos de assuntos diferentes, surgindo assim também cinco subcomissões. Kloppenburg passou a integrar a terceira subcomissão sobre a íntegra custódia do depósito da fé (com doutrinas hoje postas em dúvida ou negadas por alguns). Entre os 11 esquemas elaborados constava o sétimo: “Espiritismo, reencarnação e novíssimos”.

Depois das primeiras semanas, sentiu que vários assuntos retornavam à discussão. Sobre o problema do Monogenismo foi ele *o único a se opor formalmente a qualquer definição solene sobre o assunto. Penso que a questão é mais científica que teológica* - argumentou no **Diário 6**, em 16 de dezembro. - *Tem, certamente, aspectos teológicos. Mas a meu ver tudo está ainda no início, principalmente as investigações científicas (a paleontologia, p. ex.), de modo que o problema não está maduro para qualquer definição.*

Repitam-se as palavras da “Humani Generis” e deixe-se alguma porta aberta; ou se quiserem fechá-la, não a fechem com a chave...

Depois de retornar da Alemanha, onde fez palestras sobre o Espiritismo, acompanhou as reuniões das Comissões e Subcomissões. Os jornais italianos *não deram sequer notícia que hoje o Sr. Jânio Quadros vai começar o seu governo no Brasil* - reparou no **Diário 6**, em 31-1-1961. - *Rezei por ele*. Como se vê, acompanhava os principais acontecimentos no Brasil. Para que os brasileiros pudessem acompanhar os principais acontecimentos conciliares publicou em forma popular, em 1961, **Às portas do XXI Concílio Ecumênico**.

Além das reuniões conciliares, ministrou diversas palestras em institutos universitários em Roma, falando sobre o Espiritismo. Obteve também autorização para estudar Parapsicologia, por alguns meses, em Paris, Londres e Estados Unidos.

Na reunião da Subcomissão, de 16-2-1961, no Santo Ofício, procurou evitar que as teorias de Pierre Teilhard de Chardin fossem anatematizadas pelo Concílio, intervenção mal interpretada pelo Mons. Antônio Piolanti, considerando-o “herege”. Ficou decidido que a próxima reunião plenária seria realizada somente em 18 de setembro. Depois de mais algumas reuniões no Santo Ofício, concluiu o esquema sobre o Espiritismo.

Dom Vicente Scherer informou Frei Boaventura que a hospedagem para ambos no Colégio Brasileiro em Roma iria dar a oportunidade para conversar *sobre o trabalho a realizar e muito grato ficarei por toda colaboração que me prestar* - escreveu na carta de 22-8-1961.- *Bendigo a coincidência que nos faz viajar no mesmo avião*, o que se deu em 12 de setembro, pois ambos estavam na mesma Comissão Teológica. *Procuro ser otimista com relação ao Concílio* - desabafou em suas memórias no dia seguinte. - *Mas agora acaba de sair uma Constituição Apostólica tornando obrigatório o latim nas aulas de filosofia e teologia, etc. Ainda não vi o documento. Mas dizem que é simplesmente ditatorial. Chega a proibir que se escreva ou fale contra*.

Entristece-me sinceramente esta atmosfera de Roma - desabafou-se novamente no **Diário 6**, em 28-2-1962. - *De um lado, o mundo oficial de Roma católica, que é um mundo excessivamente centralizado e persuadido de seus poderes e da atuação especial do Espírito Santo sobre eles; mandam e comandam sem atender muito aos desejos e direitos dos católicos não italianos. De outro lado, o constante ambiente de crítica e mexerico. Meu Deus! Como se peca aqui contra o oitavo mandamento! Os pecados da língua são os maiores e mais numerosos pecados do mundo clerical romano. Há uma surda ambição em muitos que querem subir e fazer carreira. É o carreirismo denunciado no mês passado pelo Pe. Ricardo Lombardi e que, por isso, recebeu um tremendo pito de cima e teve que retirar do comércio o seu livro sobre o Concílio como reforma pela Caridade. Gostei do livro. Tinha que ser dito. A gente está por vezes entre dois pólos: de um lado está o necessário “sentire cum Ecclesia”, de outro, o elemento humano desta mesma “Ecclesia” que dá nojo. É uma luta também. Antes de servir a Igreja e sentir com ela é preciso vencer este sentimento de nojo. Tenho momentos em que estou absolutamente disposto a dar tudo pela Igreja e morrer por ela; mas tenho horas em que me surpreendo irritado contra os elementos humanos de que Deus se serve para dirigir a Igreja. Que tenham que ser elementos humanos, compreendo; mas não me acomodei ainda ao pensamento e à realidade de que estes elementos humanos também possam cometer pecados graves contra a caridade e a justiça (penso sobretudo na justiça distributiva).*

Outra observação interessante no **Diário 6**, em 6-3-1962, é uma crítica bastante grave: *a Subcomissão de Ecclesia, cujos esquemas estamos agora estudando, está saturada e impermeável. Tiveram eles um total de 74 reuniões, até agora e alguns esquemas tiveram que ser elaborados 10 vezes e mais. Ora tudo isso, todas essas longas e repetidas discussões, sempre sobre o mesmo assunto, tudo isso os saturou intimamente e os encheu de tal maneira que não querem mais saber de discussões e novas propostas. Tornaram-se assim impermeáveis e hermeticamente fechados a qualquer nova idéia. Não querem mais diálogo sobre o assunto. Para eles é coisa decidida.*

Três dias depois, reparou estar concluído *todo o longo esquema sobre o Matrimônio e a Família. E terminamos ainda o capítulo “De Auctoritate et Oboedientia”*. *Os trabalhos adiantam à força. Somos como que empurrados. Vê-se que há pressa. Querem terminar. Precisam acabar, porque já estamos às portas do Concílio. Não sei se é bom. Preferiria que andassem mais devagar e com mais ponderação. Assim, com este método (quase diria ditatorial), inibe-se a liberdade*. A última reunião preconiliar foi em 10-3-1962.

Do Mons. Péricles Felice, Secretário Geral da Pontifícia Comissão Central, recebeu Frei Boaventura a designação de chefiar a Seção de Língua Portuguesa do Serviço de Imprensa do Concílio, em 31-8-1962. *Gostei, porque espero, isto me colocará em contato direto com as fontes de informação sobre o Concílio* -

reconheceu no **Diário 7**, em 6 de outubro, ao retornar a Roma. - *Estou cada vez mais persuadido que este Concílio será de fato um marco na história do Cristianismo.*

No mesmo dia 6, o **Diário Carioca**, na p.5, com a manchete **Diversidade de temas alongará o Concílio**, publicou a entrevista concedida por Kloppenburg ao jornal. Informou que a missa seria celebrada em língua portuguesa, em sua primeira parte. Também o latim na recitação do Breviário seria substituído pelo vernáculo. As mesmas novidades foram veiculadas pelo **Diário de Notícias**.

O primeiro livro de Frei Boaventura sobre o Concílio já estava circulando em Roma um mês antes da sua abertura, o **Concílio Vaticano II - Vol. I Documentário Preconciliar**, editado pela Vozes. *Mons. Felice havia qualificado como “o melhor trabalho sobre o Concílio que até agora saiu”* - registrou em seu **Diário 7**, no mesmo dia 6. Havia a possibilidade de ter que sacrificar, por isso, a função de “perito” *para um trabalho mais importante. Pois não! A verdade é que teria preferido ser “perito”. Mas faça-se o sacrifício. Será certamente uma interessante e valiosa experiência a mais.*



Os peritos ficavam no supedâneo de trás. Frei Boaventura é indicado com uma seta à esquerda.

O espaço físico da Aula Conciliar também foi bem preparado para abrigar os 2.500 participantes das sessões conciliares. Para isso foi utilizada toda a nave central da Basílica de São Pedro, desde a porta de entrada até o altar da Confissão, ao lado do qual está o trono do Sumo Pontífice. Ao longo dos dois lados da nave, as escadarias metálicas, com tubos, juntas e madeira, suportam as cadeiras revestidas de verde, com escrivaninhas e genuflexórios. *Por cima das escadarias, nos espaços dos oito grandes arcos da nave central, foram construídas as tribunas para os teólogos e demais peritos*, detalha no livro **Concílio Vaticano II - Vol. II Primeira Sessão**. Foram instalados 30 alto-falantes e cerca de 40 microfones, todos coligados entre si e conectados com 4 grandes equipamentos de gravação em cabinas especiais. Igualmente foram instaladas câmeras de televisão e mesas de som para rádio, além de uma central telefônica interna com 40 aparelhos. Um centro mecanográfico serviu para a rápida apuração dos votos, bem como a listagem dos conciliares presentes. Da cornija central, a 30 metros de altura, 40 projetores e numerosas outras lâmpadas iluminaram totalmente o espaço na basílica.

NO SERVIÇO DE IMPRENSA E PERITO CONCILIAR

Para o Concílio foram convocados 2.778 *padres conciliares, sendo 87 cardeais e patriarcas (3,4%), 1.619 arcebispos e bispos residenciais (58.2%), 975 bispos titulares (35%) e 97 não bispos, isto é, abades e superiores gerais (3,4%)* - segundo dados em **Concílio Vaticano II - Vol. II. Primeira Sessão**. Muitos não puderam vir devido à idade, havendo 542 membros acima de 70 anos. Outros estavam doentes ou residiam em países comunistas.

Dos 204 conciliares brasileiros, entre os quais 3 cardeais, faltaram em torno de 30, por doença e problemas pastorais. Em 9-10-1962, o DC-8 a jato da Panair, fretado pelo governo de João Goulart, trouxe

112 arcebispos e bispos para Roma. Integrou a comitiva também o pastor José del Nero, representando a Igreja Episcopal do Brasil, como observador anglicano.

Segundo **O Diário** de Belo Horizonte, de 25-10-1962, a bordo do avião, a 11.500 metros de altitude e a uma velocidade de 900 quilômetros por hora, foi celebrada a missa por Dom José Delgado, arcebispo do Maranhão. Outros preferiram o navio.

Em Roma, a maioria dos bispos se hospedaram na Domus Mariae, onde eles mesmos lavavam suas roupas. Alguns bispos do nordeste brasileiro não tinham como pagar sua modesta alimentação, sendo auxiliados por colegas.



Sessão Pública de abertura do XXI Concílio Ecumênico, em 11-10-1962.

Os padres conciliares tinham a assessoria de 305 “peritos” oficiais, em cuja listagem distribuída no encerramento da Primeira Sessão, constavam os nomes dos representantes do Brasil: Mons. Joaquim Nabuco e Frei Boaventura Kloppenburg, OFM.

Com a participação de 2.540 bispos, na quinta-feira de 11-10-1962, na Basílica de São Pedro, o Papa João XXIII abriu solenemente a grande Assembléia Conciliar, comentada por 30 radiocronistas e 20 telecronistas. A Rádio Vaticano e a Radiotelevisão Italiana distribuíram som e imagem para o mundo inteiro, com transmissão via satélite Telstar para o Continente americano. A transmissão dos boletins em língua portuguesa para o Brasil, Portugal, África e Ásia portuguesas coube a Frei Boaventura, incluindo os textos em vernáculo de **L’Osservatore Romano** e os boletins transmitidos ao Brasil pela Rádio Vaticano. É particularmente emocionante o registro pessoal feito por ele no **Diário 7**, descrevendo a solene abertura do Concílio: *Colocamo-nos de pé, sobre os bancos, para tentar ver algo mais. Vi o papa. Está na minha frente, a uns 60 metros. Sei que a Aula conciliar deve estar repleta. Uns 2.500 bispos. Sei que o Concílio Ecumênico está começando. Sei que é um momento altamente histórico. Coloca-se, neste instante, um marco histórico na história do Cristianismo. Será ponto de partida para uma nova fase da vida cristã, mais consciente, mais vivida. Sei disso tudo. E esta consciência faz com que fique lá, firme, rezando enquanto possível, tomando parte. Eu presente! - E mais adiante, cantando o “Veni, Creator Spiritus”: - E todos cantam. Entrei com minha voz também, com tudo o que tinha, convictamente. É o momento do “Novo Pentecostes”, de que tantas vezes falara o papa. Tenho consciência da importância da ação do Espírito Santo no Concílio e da necessidade de suplicar sua vinda. Muitas vezes preguei sobre isso. Muitas vezes rezei, na fase preparatória.*

Quanto à missa solene, cantada pelo Cardeal Tisserant, achou Kloppenburg que *deveriam ter dialogado a missa. Ou até “concelebrado” (o Concílio irá aprovar). Teria sido mais devoto, mais vibrante, mais solene, mais frutuoso e um pouco menos demorado.* - Seguiu-se o ato de obediência, a profissão de fé, a oração do “Adsumus, Domine”, a Ladainha de todos os Santos e, no fim, - *a grande alocução do papa que eu já tinha ajudado a traduzir para o português no dia anterior. Estamos no Concílio.*

Em torno de 1.255 jornalistas do mundo inteiro se inscreveram no Serviço de Imprensa, dos quais 10 brasileiros. O Boletim oficial era traduzido em 7 línguas para o mundo inteiro. *Mas notamos logo que os dados eram vagos, cheios de reticências, unilaterais, tendenciosos, favoráveis apenas a uma parte dos padres conciliares, a dos conservadores, que, além disso, como se viu depois, constituíam de fato a minoria.* São observações feitas por Kloppenburg em seu **Concílio Vaticano II - Vol. II Primeira Sessão**. O autor

estava consciente de que seus Boletins serviam para 100 milhões de católicos, 22% do total de 450 milhões, na época, do mundo católico.

Um dos grandes problemas era o sigilo, o que de fato não foi possível guardar a rigor, e o próprio papa havia dito na audiência especial aos jornalistas, em 13 de outubro, que fosse dada ao mundo uma *“informação leal e objetiva” e não “inexata e incompleta”*. Frei Boaventura tentou permanecer nessa meta, publicando as crônicas em 2.460 páginas, nos 5 volumes do **Concílio Vaticano II**, editado pela Editora Vozes.

A Aula Conciliar, na verdade, tinha o caráter público. Os jornais publicavam tudo o que acontecia. Para evitar que propagassem inverdades ou notícias distorcidas e tendenciosas, não era possível manter o segredo inexistente. Kloppenburg manteve a posição de equilíbrio em seus boletins, sendo discreto onde, como e quando convinha. Antes de tudo, evitava o sensacionalismo, a serviço da verdade.

Quanto à representação brasileira entre peritos é preciso reparar que inicialmente o nome de Frei Boaventura se encontrava riscado na listagem dos peritos propostos pelo Cardeal Ottaviani, já que Mons. Felice o havia nomeado para atuar no “Ufficio Stampa del Concílio”, responsável pela divulgação do Concílio na língua portuguesa. Foi Dom Vicente Scherer, em ofício de 8-11-1962, também assinado pelos Cardeais do Rio de Janeiro e de Lisboa, que obtiveram do Mons. Felice a indicação para a sua nomeação de “peritus” do Concílio. No citado ofício constava que o Brasil era a *maxima orbis natio catholica*: com 70 milhões de católicos e 207 bispos, dos quais 175 presentes no Concílio e apenas um “perito”, argumentando que Frei Boaventura, além de autor de muitos livros, redator da **REB**, foi perito preconiliar, especialista na área do espiritismo, ocultismo, fetichismo, reencarnacionismo, liberalismo e laicismo. De fato, no dia 12, o papa o nomeou perito, *isto é, da categoria de Teólogo do Concílio*. Assumiu as novas funções dois dias depois, sendo substituído na Seção de Língua Portuguesa pelo Pe. Paulo Almeida, SJ.

Na primeira Congregação Geral já deu para se sentir a ação direta do Espírito Santo, acabando com o domínio da Cúria Romana, através do adiamento de três dias da votação dos 160 membros das 10 Comissões Conciliares, pois os Padres nem se conheciam suficientemente. Após os dias de “política” interna, procedeu-se à eleição, com representação de todos os Continentes. O fato serviu como exemplo bem evidente de *“liberdade e autoridade inteiramente ao serviço da verdade, do humano que colabora com o divino, da Igreja que age através da ação dos homens, sob o influxo da graça”* - segundo comentário de Kloppenburg, no segundo volume de sua crônica conciliar.

Com a quarta Congregação Geral, em 22 de outubro, iniciou-se o debate sobre a Liturgia, um assunto mais positivo, vivo, acessível ao povo, uma das grandes expectativas no Concílio. Houve 20 intervenções. Apesar de língua morta, o latim tomou muito chumbo grosso. Acontece que a Igreja realmente iniciou com a missa na língua do povo. No decorrer dos séculos, o latim foi evoluindo, transformando-se em múltiplos dialetos, origem de novas línguas. Mesmo que o latim clássico fosse morrendo, na liturgia da Igreja ele permaneceu estagnado. Por isso, a missa e as orações da Igreja devem voltar a ser na língua que o povo entende: *“As línguas podem ser muitas e as liturgias também, mas a oração é uma e a caridade é uma”*. Nas plenárias seguintes tratou-se ainda da concelebração, liturgia da palavra, comunhão sob duas espécies, liturgia dos sacramentos e breviário, de acordo com as exigências pastorais de hoje.

Muito mais interessantes que a Crônica das Congregações Gerais do Vaticano II feita por Kloppenburg em seus livros, são as memórias feitas em seu **Diário**. Certamente, na época seria inconveniente e inoportuno que se publicassem todas as opiniões e fatos ocorridos no Concílio, embora se encontre tudo documentado no Arquivo do Vaticano. Entretanto, algumas manifestações de padres conciliares não deixam de ser curiosas, como o argumento contra a comunhão sob duas espécies: *as mulheres com os lábios pintados sujariam o cálice...* - observou no **Diário 7**, em 30 de outubro. Nesse mesmo dia, o *Cardeal Ottaviani foi vaiado!... xingou meio mundo, disse que todas as propostas novas não eram mais que “prurido de novidade”, que havia perigo na pureza da fé; e por aí afora, destrutando os ouvintes como se fossem colegiais.*

Aliás, documentou o cronista que a argumentação dos representantes da Cúria Romana, geralmente, era *fraquíssima e ridícula... Toda a vez que um deles fala, tornam-se mais antipáticos. Melhor seria ficassem calados. Pensa também que toda esta discussão, com que abre o Concílio e que parece um tanto chata, é providencial: Só assim, com tão livre e muitas vezes espontânea manifestação, vê-se a nítida oposição em que estão os homens da Cúria Romana e quase todo o resto. Sente-se que a Cúria se tinha entrincheirado e agora está sendo tomada como que de assalto. Se não houvesse tanto discurso não seria tão evidente a oposição da absoluta e total maioria. Só mesmo um Concílio Ecumênico poderia dar uma lição ao Cardeal Ottaviani. O homem estava forte e prepotente demais, ele e todo o seu sisudo grupo do*

Santo Ofício e das outras Congregações. Ai de quem se manifestasse contra aquela santa e intocável fortaleza. Como se só eles fossem os assistidos pelo Espírito Santo.

Memorável foi a 19ª Congregação Geral, em 14 de novembro, por coincidência, a primeira que Kloppenburg assistiu como perito. Dos 2.215 Padres presentes, 2.162 aprovaram as diretrizes gerais da nova Liturgia. Na sua crônica no **Concílio Vaticano II**, qualificou o fato como *sansacional*, como um dia que *devia entrar na história: marca o fim de uma era e o começo de outra. Por mim, pessoalmente, diria que hoje terminou a era “constantiniana” da Igreja.*

Já na 22ª Congregação Geral, em 19 de novembro, nosso cronista detecta nitidamente o pano de fundo de todos os problemas que se refletem nos debates: *a mentalidade com que devemos ser pastores hoje*, dividindo-se os Padres em dois grandes grupos :

1. *Conservadores, que vem da época inquisitorial e se mantém viva no grupo do Santo Ofício...e que vê na Igreja sobretudo o Magistério e a obrigação de expor e defender a verdade, custe o que custar, doa a quem doer, agrade ou não; é a mentalidade que nos passados Concílios se comprazia em formular os cânones doutrinários que invariavelmente terminavam com o terrível “anathema sit”; é a mentalidade do Mestre severo, sem contemporização e sem compromisso, que sem dó nem piedade castiga o aluno até que se resolva a declarar-se ou até que quebre; é a mentalidade do juiz inexorável da verdade, que julga sem apelação possível, em última e decisiva instância e até sem mesmo conceder ao menos um pálido direito de defesa (na Inquisição e ainda hoje no Tribunal do Santo Ofício não há advogados de defesa, pois o erro e sobretudo a heresia não pode ser defendida...)*

2. *Do outro lado temos os que vêm na Igreja também o múnus de Pastor, mais tolerantes, mais compreensivos, mais abertos, que não negam o múnus magisterial da Igreja, que não contestam a importância fundamental da verdade e a necessidade de conservá-la incorrupta, de defendê-la contra todos os ataques e de anunciá-la, íntegra e pura a todos os homens; mas não querem anunciá-la de qualquer maneira, mesmo com o risco de assustar as almas, de afugentá-las; não querem custodiar a verdade por ela mesma mas para a salvação dos homens, para ir ao encontro da fome e sede que os homens de fato têm da verdade, para eles a verdade evangélica foi dada aos homens para a salvação deles e não para a ruína, como meio de edificação e não como meio de escândalo e ruína; sua grande preocupação não está em redigir a verdade em fórmulas rígidas e imutáveis da Escola, mas em apresentá-la de tal maneira que os homens do tempo atual (pois é para eles que vivemos e somos pastores) a possam compreender e amar; para eles a Igreja é Mestra e Mãe amorosa, que quer o bem e a salvação de seus filhos; e só é Juiz inapelável e sem instância quando já não é possível de outra maneira. - Fiquei grandemente surpreendido ao verificar que a grande maioria dos dois mil Bispos congregados na Aula Conciliar luta desesperadamente por esta segunda mentalidade. A primeira, é a que de fato domina aqui em Roma e vinha impondo ao resto sua mentalidade mediante instruções, decretos e admoestações; a outra veio de fora, da Alemanha, da França, da Holanda, da Bélgica, das Missões e se manifesta agora surpreendentemente forte, decidida e viva, sem medo de falar e - o que vale mais - com a firme persuasão de ter o papa ao seu lado. Este texto consta no **Diário 7** e no **Concílio Vaticano II - Vol. II**, pp.193-194.*

Com esse grupo progressista foi se identificando um *forte contingente, no Brasil*, segundo atestou Kloppenburg, citando uma carta coletiva de 12 bispos gaúchos, divulgada depois do Concílio: *“... tomamos posição e votamos nós mesmos e, segundo as manifestações ouvidas, a quase totalidade dos bispos do Brasil e da América Latina, seguindo a linha adotada também pelo episcopado dos países da Europa Central”* (pp.239-240).

O próprio papa manifestou-se favorável à rejeição do texto sobre as Fontes da Revelação proposto pela Comissão Teológica, propondo que uma Comissão Especial propusesse novo texto, que foi aprovado somente mais tarde, e promulgado pelo papa, em 18-11-1965.

ANEDOTÁRIO CONCILIAR

Num ambiente tão sério, oficial e cauteloso não podiam faltar momentos de expansão entre os participantes do Concílio. O anedotário também não poderia ser contado nas crônicas oficiais.

Embora pudesse ter sido sigilo, na época, mas Frei Boaventura chegou a anotar em seu **Diário 7**, em 30 de novembro, a manifestação do Cardeal Ruffini, falando sobre a Liturgia, e *saiu-se, textualmente (tomei nota na hora) com esta afirmação: “Uma coisa imperfeita mas tradicional é melhor que uma coisa perfeita mas nova”*...

A ala progressista da Igreja sentia-se cada vez mais motivada a se manifestar, como consta na crônica, em 1º de dezembro, sobre o texto “De Ecclesia”: *O ponto alto foi outra vez De Smedt, Bispo de*

Bruges, na Bélgica. Foi formidável. O homem não tem medo. Acusou o texto de três falhas fundamentais: triunfalismo, clericalismo, jurisdicionismo...O orador foi aplaudido por uma salva de palmas. Em seu Diário 7, acrescentou: Chegou a falar de Episcopatria e Papalatria, concluindo: Para mim foram lições excelentes.

Vale registrar a “anedota do dia” 21 de novembro, contada pelo Pe. E. Vogt, SJ, inserida no **Diário 7**: - *Os Cardeais Siri, Ruffini e Ottaviani fizeram um passeio num barco. Sobreveio um temporal, e a embarcação virou. Pergunta-se: quem foi que se salvou?*

- *Resposta: a Igreja...*

Uns dias depois, anotou outra “anedota do dia” 29 em seu **Diário 7**, relacionada às dificuldades porque passavam os que tinham sido demitidos no Instituto Bíblico:

Cardeal Ottaviani tomou um taxi e pediu ao chofer que o levasse ao Instituto Bíblico, e perguntou:

- *Você conhece o Instituto Bíblico?*

Respondeu o chofer:

- *Se conheço! Já fui professor lá...*

Outra “anedota do dia” 30 faz referência ao Cardeal Agostinho Bea:

Alguém teria visto no Palácio do Santo Ofício um aviso:

- *Aluga-se. O proprietário retirou-se pela BEA (sigla de uma Companhia Britânica de Aviação).*

Sobre o Cardeal Ottaviani, incluiu mais uma “anedota”:

Dizem que o Cardeal Ottaviani pediu insistentemente a Deus para morrer antes do fim do Concílio.

Pois deseja morrer católico...

Os franceses estariam rezando assim: - “Pai do Céu, abri os olhos do bom Ottaviani e se não o pudes, fechai-os para sempre”.

Também a “anedota do dia” 3 de dezembro dá uma idéia do dia-a-dia na Basílica de São Pedro, encaixada no **Diário 7**:

Em São Pedro há, simultaneamente, dois concílios:

- *O Vaticano, na Aula Conciliar*

- *O Lateranense, nas alas laterais, com os bares chamados Bar-Jona e Bar-Abas; alguns (não poucos) padres estão mais tempo no lateranense que no Vaticano. O Brasil tem culpa nisso: forneceu excelente café.*

A Primeira Sessão teve 36 Congregações Gerais ou reuniões plenárias na Aula Conciliar, com a presença média de 2.208 conciliares e um total de 600 discursos. De 13 de outubro a 7 de dezembro de 1962 os conciliares examinaram, discutiram e votaram os projetos ou textos, também conhecidos por “esquemas” preparados pelas Comissões Pré-conciliares, aprovando-os, rejeitando-os ou emendando-os, sob a inspiração do Espírito Santo.

Em seu **Concílio Vaticano II - Vol. II Primeira Sessão (Set.- Dez. 1962)** fez o autor um “Comentário final do cronista”, com os seguintes resultados: houve uma renovação da vida litúrgica; não se repetiu uma espécie da “Sínodo Romano”; superou uma *mentalidade que poderíamos qualificar como pós-tridentina*; provando a insuficiência da Comissão Central Pré-conciliar, houve a influência positiva das recentes correntes teológicas da Europa Central. Além disso, mais de dois mil bispos atualizaram seus conhecimentos com 600 aulas em dois meses; *o Concílio marca o início decisivo da desocidentalização da Igreja e também o início da descentralização deve ser anotado como resultado positivo*. Enfim, o Concílio foi mesmo “ecumênico”: ortodoxos, anglicanos e protestantes foram saudados como “*fratres in Christo dilectissimi*”.

Logo após o término da I Sessão, em 10 de dezembro, Frei Boaventura acompanhou a *Peregrinatio Paulina* à Terra Santa, como assinalou em seu **Diário 7**. No Convento de Petrópolis organizou o “Museu do Vaticano”, com uma rica bibliografia em livros e documentos conciliares, uma central de informações atualizadas para a Igreja no Brasil.

Para a reabertura do Concílio, em 4-8-1963 já se encontrava novamente em Roma, participando de Comissões como perito.

O livro **Concílio Vaticano II - Vol. II Primeira Sessão (Set.-Dez). 1962**, prefaciado por Dom Vicente Scherer, não foi somente elogiado pela crítica brasileira, mas também estrangeira, como *La Civiltà Cattolica*, n. 2719, de 5-10-1963: “*si tratta di un libro che vale la pena di conoscere*” ... “*imediato, vivo, interessante e rico di notizie, a volta anche nuove*”. Com leve ironia completou o registro no **Diário 7**, em 7 de outubro: *Ainda bem que não me excomungaram...*

Na abertura do **Concílio Vaticano II - Vol. III Segunda Sessão (Set. - Dez. de 1963)**, Frei Boaventura caracterizou o clima conciliar às vésperas da II Sessão: *mais otimismo, abertura e experiência*. O sigilo ficou restringido ao que acontece nas Comissões e não mais aos debates na Aula Conciliar. Realçou o “*espírito novo*”, *pastoral e ecumênico*; *as tendências são conhecidas, as mentalidades patentes, as forças medidas, os grupos (Conferências Episcopais) se apresentam mais bem preparados, mais experimentados e confiantes, mais conhecidos em si e entre si, com melhor entrosamento. Já se pode prever e calcular com bastante certeza de que lado cairá a balança na hora da votação*.

Giovanni Battista Montini, Cardeal de Milão, eleito Papa Paulo VI no elogio fúnebre de seu antecessor e amigo, logo retomou a herança que João XXIII lhe deixara. Em 21-9-1963 fez um discurso à Cúria Romana que foi na verdade contra a Cúria Romana. *Lascou o pau... Dizem que murcharam. De maneira que a oposição da I Sessão passa a ser o governo na II Sessão* - segundo o **Diário 7**, seis dias depois.

Paulo VI definiu as quatro finalidades do Concílio: - a consciência que a Igreja tem de si mesma, como tema principal; - a reforma da Igreja; - a recondução de todos os cristãos à unidade; - o diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo.

O novo papa quer que o Concílio dê mais espaço aos leigos, nomeando 15 leigos como “auditores”; que se estreitem as relações com o Oriente cristão; que a Cúria Romana se descentralize, “desitalianize” e se modernize, assegurando presença orgânica do episcopado mundial no governo central da Igreja. Paulo VI decidiu instituir um Secretariado para as relações com as religiões não cristãs, nomeou quatro cardeais moderadores ou legados pontifícios e aumentou o número de delegados e observadores não católicos.



Em 15-12-1962, diante da Gruta de Belém, onde nasceu Jesus.

Entre os grandes temas discutidos se destacou a opção pelos pobres, proposta pelo Episcopado Africano, apoiado pelo Cardeal Jaime de Barros Câmara, em nome de 153 bispos brasileiros, em 2 de outubro. Frei Boaventura considerou o debate sobre a Colegialidade do Episcopado como a mais importante, caracterizando o próprio 21º Concílio Ecumênico, segundo **Diário 7**, em 7 de outubro.

Entre muitos assuntos que foram debatidos na Aula Conciliar, pelos quais Kloppenburg sempre se interessou, foi a restauração do diaconato permanente, sem obrigação ao celibato; reconhecimento do sacerdócio universal dos leigos, corrigindo posições antigas como as da encíclica **Vehementer**, de S. Pio X (11-1-1906); restauração do Breviário, rezada em vernáculo: *Graças a Deus!* - exclamou no **Diário 7**, no dia 22. - *Na minha vida sacerdotal ainda terei um vade-mecum que me será de fato querido, e não apenas um ônus*.

Iniciando com a 37ª Congregação Geral, em 30-9-1963, a II Sessão do Concílio terminou com a 79ª, em 2-12-1963. Aumentou o número de padres conciliares, com 75 prefeitos apostólicos, 98 novos bispos e 4 novos superiores gerais. Igualmente aumentou o número de peritos, sendo mais quatro brasileiros: Côn. Oto Skrzypczak, de Porto Alegre; Mons. Tapajós, do Rio de Janeiro; Frei Romeu Dale, dominicano, e Frei Guilherme Baraúna, franciscano.

Frei Boaventura assistia aos debates na Aula Conciliar, para registrar as crônicas publicadas em livros e artigos de fundo em revistas especializadas. Nos demais horários e dias participava de comissões e subcomissões, onde por vezes era secretário, como na Subcomissão “De Presbyteris et Diaconis”, ou presidia como “chefe” do grupo que tratava “De coelibatu diaconorum”, conforme detalhou no **Diário 7**, em 30 de outubro. Na reunião da Subcomissão “De Libertate Religiosa”, em 7 de novembro, indo para o Plenário, apresentou *um longo parecer favorável ao texto, que foi muito bem recebido*.

O último registro no **Diário 7** é de 12 de novembro, passando *uns dias ocupadíssimos: Congregação Geral pela manhã, reunião da Comissão Teológica ou de Subcomissão à tarde, até às 20 horas. Qualquer momento livre é dedicado ou aos estudos da Subcomissão (Diaconato, Presbiterato), ou à confecção da crônica de cada dia para o meu Vol. III sobre o Concílio. Ao mesmo tempo, estou escrevendo uma crônica sistemática para a REB de dezembro, que está dando não pouco trabalho*. Retomou as memórias pessoais 7 anos depois, no **Diário 8**, em 28-8-1970.

O **Concílio Vaticano II - Vol. III Segunda Sessão (Set.-Dez. 1963)** é particularmente um documentário do dia-a-dia no Concílio. Enriquece as crônicas descrevendo as características das 42 Congregações Gerais, resume as 618 intervenções pessoais de cada orador, transcreve discursos inteiros, quando importantes. Em 152 páginas anexa documentos, como *Sacrossantum Concilium*, a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, o Decreto sobre os Meios de Comunicação *Social*, cartas, discursos e exortações do papa, bem como o testemunho de um leigo e saudação do Episcopado Brasileiro.

A Terceira Sessão do Concílio iniciou oficialmente em 14-9-1964, com a presença de 2.170 padres conciliares. Na abertura, o papa solicitou ao mundo inteiro orações e penitência e reafirmou na alocução que se destacasse no Concílio: 1º Unidade, santidade e apostolicidade da Igreja. - 2º: Virtude sobrenatural da ação apostólica. - 3º: Presença e luz do Espírito Santo. - 4º: Figura e missão dos pastores. - 5º: A Igreja diante de Cristo e a humanidade. - 6º: O Sucessor de Pedro e o Episcopado. - 7º: Para o bem e o serviço de todos os fiéis. - 8º: Realidade da comunhão hierárquica. - Saudação das comunidades eclesiais. - 9º: Todos os cristãos no coração do Pai.



Com bispos, no Monte das Oliveiras, Jerusalém, em 15-12-1962

Com a 127ª Congregação Geral, em 20-11-1964, terminou a III Sessão do Concílio, com 2.129 padres conciliares presentes.

No **Concílio Vaticano II - Vol. IV Terceira Sessão (Set. - Nov. 1964)** prosseguiu na crônica das 48 Congregações Gerais, com 666 discursos, além das 1.586 intervenções escritas, 54 relações introdutórias, explicativas ou conclusivas. Um total de 68 fascículos impressos foram distribuídos para uma média de 2.194 padres participantes. Após as 452 páginas da crônica conciliar, o Autor anexa em 188 páginas os documentos da *Lumen Gentium*, a Constituição Dogmática sobre a Igreja; *Unitatis Redintegratio*, o Decreto sobre o Ecumenismo; *Orientalium Ecclesiarum*, o Decreto sobre as Igrejas Orientais Católicas, *Discursos e Cartas do Papa*, e a *Mensagem dos Bispos do Brasil*. Entrego aos leitores o último volume das crônicas sobre o histórico acontecimento que tive a *boa-ventura* de acompanhar e viver desde a *primeiríssima fase pré-conciliar* - escreveu Kloppenburg no prefácio do **Concílio Vaticano II - Vol. V - Quarta Sessão (Set.-Dez. 1965)**, na Páscoa de 1966.

ASSESSOR NO SÍNODO DOS BISPOS

Tendo participado ativamente em todas as suas fases, vivido intensamente seu espírito e acreditado incondicionalmente o Concílio, retornou Frei Boaventura ao Brasil totalmente renovado.

Realizou-se em Roma, de 29 de setembro a 29 de outubro de 1967, o primeiro Sínodo dos Bispos, convocado pelo papa. Seu objetivo foi confirmar, corrigir e prolongar o próprio Concílio. Na sede da Conferência dos Religiosos do Brasil, no Rio de Janeiro, Kloppenburg, assessor sinodal, deu uma entrevista coletiva para a imprensa, publicada na revista **Convergência**, nº 150, de dezembro de 1967, pp. 16 a 18. Segundo determinações conciliares, o papa pode assessorar-se no múnus de conduzir o Povo de Deus, especialmente numa fase aguda e de transformações em que a Igreja se encontrava. Constituiu-se como que num “Concílio em miniatura”. *Aquilo que neste primeiro Sínodo pareceu identificar-se com o Vaticano II foi a presença das duas correntes - a dos conservadores e a dos renovadores - representadas praticamente pelas mesmas pessoas em um e outro conclave* - disse na entrevista. Não foi permitido o acesso aos jornalistas às sessões sinodais. A decisão provocou uma nota negativa universalmente apontada nos setores da opinião pública, como um retrocesso em relação ao Concílio.

O primeiro Sínodo realizou 24 plenárias. Foram proferidos 332 discursos em latim, com tradução imediata para seis línguas modernas. O tema mais discutido foi *A crise de fé da Igreja*, sobre o qual se pronunciaram 81 oradores. No confronto de mentalidades, consolidou-se a vitória dos progressistas.

Kloppenburg empenhou-se, de corpo e alma, para divulgar o espírito conciliar e propor o “aggiornamento”, sempre baseado nos documentos conciliares e decisões sinodais. *Para mim os documentos do Concílio são uma mina extraordinariamente rica em ensinamentos, diretrizes e normas; são uma verdadeira suma da sabedoria cristã; uma fonte para sempre de novas inspirações e surpreendentes descobertas; a voz autorizada do Magistério ordinário, universal, supremo e solene da Igreja. Acho que já sou um fanático do Concílio* - exclamou no **Diário 8**, em 31-8-1970, em Bogotá. - *Mas não me envergonho por isso. Cada um precisa de um hobby: o meu é o Concílio. Por natureza sou um homem apaixonado e necessito de um objeto de minha paixão: é o Concílio. Mil graças, meu Deus, pelo Vaticano II*

De 4 de outubro a 6 de novembro de 1971 participou do quinto Sínodo dos Bispos, em Roma, presidido pelo papa. Coube ao Frei Boaventura preparar as intervenções em nome da Conferência dos Bispos do Brasil, *sobre a diversificação dos ministérios e a ordenação de homens casados. Mas na reunião dos bispos, à noite, meu texto não foi aprovado inteiramente. Amanhã terei que refazer a intervenção, para que saia boa* - segundo suas memórias, no dia 6. No dia seguinte, informou que a maior parte das intervenções foi a favor da ordenação sacerdotal também de homens casados. *À noite me disse o Cardeal Scherer que, para o papa, deve ter sido um dia triste... Dom Scherer também é contra. Eu acho que é preciso deixar agir o Espírito Santo. Sou a favor.*

Ficou decepcionado na entrega do texto final aos padres sinodais. *Foi uma decepção total* - lamentou no **Diário 8**, em 8 de outubro. - *Com a melhor boa vontade considero este texto como resultado ou fruto dos trabalhos deste mês. Para chegar a este texto não era necessário ouvir 214 discursos na Aula Sinodal, nem tantas reuniões pré-sinodais de bispos, padres e leigos. Estou triste por isso. Havia acompanhado com bastante otimismo o Sínodo. Escrevi nestes dias uma crônica de 50 páginas, sempre na esperança de um bom resultado. E a montanha pariu um ratinho. Publicarei a crônica assim mesmo, para que ao menos se veja quais as propostas feitas, qual a esperança das Conferências Episcopais e onde há possibilidade de abrir as portas. Por enquanto, porém, continuarão cerradas. A crônica foi publicada na **REB** de dezembro de 1971.*

Ao terminar a crônica sobre o Sínodo dos Bispos, com mais de 60 páginas datilografadas, considerou-a *bastante pimentada e salgadinha* - reparou no **Diário 8**, em 5-11-1971. - *Todas as vezes em que vou para Roma, descubro que não tenho vocação para a Diplomacia. Para ser diplomata é preciso não ter alma ou não ter amor nem paixão pela missão própria e especificada Igreja. Ora, eu sou apaixonado, incapaz de ser imparcial diante daquilo que amo ou a que me dedico. Adeus, Roma da diplomacia e da política eclesiástica. Sou mais católico e amo mais a Igreja distante de ti, isto é, de teus homens, não de teus monumentos, que me empolgam.* No dia seguinte, reencontrou-se com sua mãe na Alemanha, onde estava em visita aos irmãos e parentes. Nas horas de folga, escreveu *um tratado teológico sobre o sacerdócio ministerial cristão*, retornando ao Brasil em 17 de novembro.

Toda a discussão sobre a “possibilidade da ordenação presbiteral de homens casados” serviu como um dos capítulos do livro **O Ser do Padre**, onde Frei Boaventura traz a crônica da questão oficialmente aberta no Sínodo dos Bispos, em 1971. Ofereceu ao leitor uma lista, em ordem alfabética das Conferências Episcopais que fizeram ouvir sua voz na Aula Conciliar. Estiveram francamente a favor 25 países, entre os

quais o Brasil, Bolívia, Chile, Cuba, México e Peru. Oito, incluindo Argentina, aceitaram a solução como emergência. Seis países ficaram numa atitude de expectativa e apenas 13 países se opuseram simplesmente, sem admitir caso emergencial, entre eles Equador e Venezuela. Nos debates do Sínodo surgiram vozes contra a ordenação de homens casados, vindo aí uma porta aberta em direção ao celibato opcional, visto como catastrófico. Surgiram vozes a favor, por faltar razões teológicas e pastorais. Houve denúncias de existir na Igreja uma “insana obsessão pelo celibato”. Dos 198 votantes, 107 votos foram contra a ordenação de homens casados. Como não houvesse a maioria suficiente de 2/3 (133 votos), a questão ficou aberta na Igreja Latina.

NO SECRETARIADO PARA A UNIÃO DOS CRISTÃOS

No primeiro semestre de 1972, a Cúria Romana andou sondando o superior geral da ordem dos Frades Menores para que Frei Boaventura pudesse ser nomeado como cooperador no **Secretariatus ad Christianorum Unitatem Fovendam** - Secretariado para a União dos Cristãos, - setor da América Latina. Ao retornar de um retiro pregado em Curitiba, em 14-7-1972, encontrou uma carta neste sentido do Padre Geral, Frei Constantino Koser. As consultas junto às mais altas autoridades prosseguiram nos meses seguintes. *Devo ser um tipo bem difícil* - escreveu à sua mana Irmã Régis, em 24 de setembro, manifestando disposição de aceitar a nomeação, como *um modo muito concreto de aprender melhor o ecumenismo*.

Ao chegar em San Antônio, USA, foi lhe entregue a carta de 10 de outubro, com a notícia de sua aprovação para as novas funções no Vaticano. Como ainda não tivesse recebido de Kloppenburg a resposta positiva, remetida em ofício dois dias antes, o Cardeal Willebrands voltou a insistir para que se decidisse a aceitar sua designação “*comme collaborateur à Rome pour le travail oecuménique dans notre Secrétariat*”, termos da carta em francês, de 15 de novembro. Na carta em italiano, de 4 de dezembro, o mesmo cardeal fala de “*suo lavoro sarà di occuparsi dei problemi dell’America latina*”, portanto, problemas na América Latina, nos territórios espanhol e português na África, bem como de movimentos das “seitas” no mundo inteiro. Depois de muito pensar e rezar, viu-se na contingência de aceitar o pedido, em sua carta escrita em língua alemã, ao Cardeal Willebrands, em 10 de dezembro: *Ehrlich muss ich auch sein: ich war es schon leidig hier*. Queria lhe ser sincero, uma vez que aqui já estava enjoado, por estar lecionando há 22 anos Dogma em Petrópolis e dirigindo há 20 anos a **Revista Eclesiástica Brasileira**.

Horas antes do embarque, sentia que a saída de sua “casa”, onde deixava *todos os meus primeiros amores, de várias espécies*, ia mexer com suas raízes, pois tudo *isso terei que abandonar* - lamenta na primeira página do **Diário 10**, em 18-1-1973. - *Agora parece que terei que dizer um adeus definitivo, até mesmo ao Brasil. Ainda não consigo simpatizar com a idéia de ir a Roma para ficar lá. Faço-o por pura obediência. Quando outro dia (8-1-1973) me despedi da mamãe, ela chorou: ela sabia que nunca mais nos haveríamos de ver*. Dos seus colegas de hábito em Petrópolis e da Província se despediu com *grande vontade de escrever a cada confrade. Como seriam 500 cartas, escrevo apenas uma, pensando em todos*, publicada na **Comunicação da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil**, edição de fevereiro de 1973. No último dia, à tarde, deu ainda *uma aula no curso teológico para umas 150 freiras, sobre ecumenismo* - anotou no **Diário 10**, em 19 de janeiro, embarcando para Roma no dia imediato.

Documentando seus dias em Roma no **Diário 10**, as memórias revelam em Frei Boaventura uma alma humana que sofre com a frieza das formalidades, mormente do espírito individualista de clérigos romanos. Ao chegar no Pontifício Ateneo Antoniano, *bem na matina antes do sol nascer*, encontrou o *mesmo velho Antonianum que conheci em 1947. Refiro-me principalmente ao aspecto da convivência. O refeitório continua solene e formal, tendo cada um seu lugar determinado, seu vizinho perpétuo. A princípio estava sozinho numa mesa, no almoço. Depois apareceu um para sentar-se ao meu lado. Apenas nos cumprimentamos e não houve outra conversa entre nós dois: ele tinha o seu jornal para ler! Depois do almoço o velho P. Balic (74 anos, mas anda como se tivesse mais de 80) me cumprimentou e me convidou ao seu quarto, onde me ofereceu um “bichierino”. É o mesmo bajulador de sempre. Passando pela sacristia, encontrei aquela mesma antiga exposição de paramentos com cálices preparados para as missas individuais. Parece que não descobriram ainda os valores da celebração. O individualismo ainda predomina. Concelebrei com Frei Carmelo Surian e Frei Neylor em Português, numa pequena capela improvisada. Acabaram-se as minhas santas missas dominicais com o povo de Petrópolis, que era uma de minhas alegrias sacerdotais. Será que meus Domingos vão ser todos assim? Sentado, solitário e individualista também, à mesa do almoço, senti vontade de arrumar outra vez as malas e voltar para o Brasil, para qualquer lugar que fosse, mas que não fosse assim individualista. Será que o individualismo deste casarão é incorrigível? Não sei ainda quantos frades moram aqui. Talvez uns duzentos. Quanto mais*

frade, tanto mais individualismo e solidão. Daí o grito por “pequenas comunidades” - aspirou em 21 de janeiro. - Farei o possível para constituir aqui dentro uma pequena comunidade, ao menos para as orações.

Onde e em que condições iria morar? Para estar em casa, sentir-me em casa e ficar em casa trabalhando, estudando e rezando, preciso de um certo conforto, mas sem luxo. O quarto que me deram é velho e tudo o que nele está em matéria de móveis está meio quebrado e sujo. A isso não se pode dar nem a designação de “móveis”, - reparou no dia 24, sentindo-se filho do Poverello de Assis.

*Pronto para uma audiência com o papa, na manhã seguinte o Cardeal Willebrands lhe mostrou o Secretariado e me apresentou ao staff, que então se reuniu para um café. Tudo gente famosa. Não imaginava fossem tantos - observou no **Diário 10**, informando que seu horário era das 8,30 às 13,30, incluindo sábados, com 33 horas semanais, na própria sede do Secretariado.*

*No seu primeiro dia de ação, encontrou o “primaz” da Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB). Talvez seja este o primeiro abacaxi a cair em minhas mãos - documentou no **Diário 10**, em 25 de janeiro. - Penso que devemos fazer o possível para deter o ICAB, mesmo com alguma tolerância de elementos humanos discutíveis. Eles têm uns 35 “bispos” no Brasil e grandes possibilidades de instalar no Brasil uma espécie de Igreja paralela.*

Mesmo com três semanas de trabalho, sempre com vontade de voltar ao Brasil, Frei não conseguia ver a razão por que minha vida para cá era necessária, perdendo bom tempo nos ônibus da cidade. Já estou também aprendendo a arte de escrever cartas importantes sem conteúdo, para que o cardeal possa assiná-la sem compromisso. Para essa inútil atividade diplomática tem muita gente por aqui - escreveu à Irmã Régis, em 12 de fevereiro. - Tenho a impressão de que não nasci com vocação para diplomacia. Um pouco mais de diplomacia, talvez, não me faça mal. Pois, por natureza e inclinação digo as coisas com demasiada franqueza.

Entretanto, sob vários aspectos, ampliou seu gosto e conhecimento nessa área, mormente em relação às mais antigas correntes religiões evangélicas. Se divergiam em pontos fundamentais, noutros comungavam as mesmas idéias, especialmente no combate à ignorância religiosa e ecletismo dos não cristãos.

*Sua primeira tarefa importante foi elaborar um relatório retrospectivo sobre encontros entre luteranos e católicos, desde 1966. Estudando um **Memorandum sobre Ministérios**, elaborado pelos seis Institutos Ecumênicos da Alemanha Ocidental e assinado por 20 teólogos, católicos e protestantes, sentiu que o documento estava causando inquietações nos ambientes da Cúria Romana. Elaborando um parecer, chegou a temer *que querem transformar nosso Secretariado numa pequena “santa inquisição”* - objetou no **Diário 10**, em 26 de fevereiro. - *Mas não é esta nossa finalidade.**

*Já que nos períodos pré-conciliar e conciliar tinha da Cúria Romana uma visão não muito favorável, como a maioria dos padres conciliares e peritos, agora, como *funcionário do Vaticano*, em suas memórias, em 5 de março, deixou bem clara sua impressão que teve da “*pirâmide hierárquica*” existente na Igreja, na manhã da “*criação*” de 30 novos cardeais, entre os quais Frei Paulo Evaristo Arns, OFM, Arcebispo de São Paulo: *Fui lá, mas vi Frei Evaristo só de longe. A cerimônia foi na nova e ampla sala de audiências. Importante, como soem ser as grandes cerimônias das cortes. E o papa, com seu pessoal, ainda é um monarca com corte; os cardeais são seus príncipes. Confesso que não simpatizo com tudo isso. Parece-me demasiado afastado do ideal evangélico. “Omnes estis fratres”, disse Cristo aos Apóstolos, quando discutiam entre eles quem seria o maior. Esta “fraternidade evangélica” desapareceu. Ao menos as aparências dizem bem o contrário. O que, porém, se via muito bem esta manhã era a “hierarquia”. Ela estava, toda ela, desde a cúpula, diante de mim. O papa no meio e no trono (já sem a tiara). Os cardeais, um pouco distanciados, de lado: à direita do papa os cardeais da Cúria e os que estavam em Roma; à esquerda, os novos. Eu estava imaginando cada cardeal isoladamente no seu respectivo trono, soberano e monarca na sua jurisdição. Agora, ao lado do papa, todos juntos, pareciam uma simples massa; isolados, é cada um “papa”. Na frente, mas ainda mais distanciados e mais baixos, estavam os “bispos” dos dicastérios romanos, onde são secretários gerais e não sei que outras autoridades. Como tem “bispo” em Roma! Mas também eles, agora, diante do papa, encurralados, pareciam massa anônima... Amanhã, nos dicastérios, serão outra vez os donos. E vitalícios, como convinha aos monarcas de outrora. Outros bispos do mundo, os verdadeiros bispos diocesanos, que por acaso aqui estavam, também foram colocados no meio dos outros, os “titulares”, anônimos, como os outros, quando diante do papa. Voltando às dioceses, serão “papas” por lá. O resto, os padres, os religiosos, as religiosas e os leigos, faziam a platéia. Eis a “hierarquia” que eu vi esta manhã - concluiu no mesmo dia 5, no **Diário 10**.**

No decorrer das semanas encontrava-se ultimamente bastante ocupado com problemas teológico-ecumênicos - segundo suas memórias de 12 de março, com a impressão de que os chefes (o Cardeal

Willebrands e Mons. Moeller) me estimam bastante e até demais. Nove dias depois, representou o Secretariado na “primeira sessão do grupo de trabalho católico-luterano”, em Genebra, na sede do Conselho Mundial de Igrejas, para estudar os próximos passos ecumênicos em direção à comunhão entre Roma e Wittenberg. *Acho que o encontro vai ser muito importante para estabelecer a comunhão entre Roma e Wittenberg. O que vamos começar a tentar amanhã, deveriam ter feito 450 anos atrás* - escreveu ele à Irmã Régis, em 19-3-1973. - *Preparei-me bastante bem para o encontro durante todo este mês. Estudei muito e intensamente. Assim estou entrando de cheio no movimento ecumênico. Sempre tinha o desejo de especializar-me mais nesse campo.*

Em Genebra teve contato com gente famosa no mundo ecumênico. *Essencialmente foi aprovada a Diskussionsgrundlage que eu havia elaborado antes* - anotou em seu **Diário 10**, em 23 de março. - *Para minha especialização em ecumenismo foi uma excelente experiência.*

Como havia pressentido, sua mãe veio a falecer ao se encontrar em Roma. Recebeu o telegrama 4 horas após o sepultamento, em 9 de abril. Logo telefonou aos seus tios na Alemanha. Rezou na capela e *agora estou aqui, neste meu monólogo que é o Diário e que é também um desabafo. Escrevi uma vez, na REB, um artigo sobre “a comunhão eclesial depois da morte”. Creio firmemente nesta maravilhosa e cristianíssima doutrina sobre a comunhão dos Santos. Quer dizer que, com a “falecida” mamãe tenho agora uma comunhão muito mais viva, intensa e consciente que com a mãe “viva” no Brasil. Mais adiante: Agora começou sua vida propriamente dita. Simpatizo com a doutrina de alguns teólogos atuais que acham que a ressurreição já se dá na hora da morte; e que a ressurreição é a total realização e todas as virtualidades. Segundo isso, mamãe está agora plenamente realizada. E creio que está no céu. Então é agora, mais que antes, minha mãe, que pode interceder por mim, ajudar-me, proteger-me e fazer tudo quanto a fé nos dizia acerca dos Santos. Ela é agora santa. Santa Josefina, rogai por mim...*

De tão ocupado, não tinha tempo para chorar. Suas preocupações iam além do Secretariado, sempre pensando em termos de Brasil e América Latina. Em 9 de maio resolveu escrever uma carta particular ao Mons. Giovanni Benelli, o “Substituto” da Secretaria de Estado do Vaticano, com poder máximo nos altos níveis eclesiásticos, para expor-lhe um problema pastoral. Fez-lhe ver que o protestantismo latino-americano aumentou 95% nos anos de 1960-1967, tendo o Brasil 75% do total dos protestantes no continente, com 4.915.400 membros “comungantes (o número real total dos protestantes são os “comungantes” multiplicados por três: 15 milhões), o número de protestantes cresceu 104%, com uma taxa de crescimento anual de 11%. Em outras palavras: o Protestantismo latino-americano se duplica cada dez anos! E isso sem falar do crescimento anual dos espiritistas e umbandistas que é ainda superior. Tudo isso significa que estamos diante de um problema gravíssimo, mais pastoral que ecumênico; e que por isso não é da competência do Secretariado. Tenho a impressão de que os responsáveis pela ação pastoral latino-americana não percebem a gravidade desta situação. Algo deve ser feito com urgência. Depois de caracterizar a pastoral tradicional praticada como obsoleta e ineficiente, terminou a carta, dizendo estar à disposição para mais informações e ajuda positiva.

A resposta de Mons. Benelli veio pelo Of. 234.898/A, de 14 de maio, manifestando a mesma preocupação e pedindo-lhe *uma relação mais ampla sobre a extensão, as causas e propostas de solução* - comentou no **Diário 10**, no dia 16. - *Se eu tivesse certeza de que minha relação seria efetivamente estudada, faria com gosto o trabalho. Mas pelo estilo da carta, suspeito que se trata de um modo habitual de responder a semelhantes e inquietantes cartas-problemas. É o método de devolver a bola. Não sei ainda se vou chutar outra vez a bola para lá. Pois meu trabalho seria longo e penoso. Considero a resposta demasiado fácil e superficial para um problema de tão grande alcance pastoral. Pensarei no assunto. Talvez me anime, não obstante.*

No dia anterior veio no Secretariado um grupo de pastores luteranos alemães da Liga para a re-união evangélico-católica. Este grupo particularmente catolicizante dialogou por três horas e meia com o Cardeal Willebrands, o Pe. Schmitt e Frei Boaventura. Tratava-se de um modelo de *integração na comunhão católica (“Einordnung”, como eles dizem) certamente concreto, ponderado, modesto e de uma grande fé e piedade. Quando, na pausa, dei os parabéns a Gustav Huhn, ele, já bastante idoso, começou a chorar e eu também senti qualquer coisa se movimentando no meu queixo. O conjunto de fato não deixa de ser comovente. Talvez seja um dos caminhos do Espírito Santo, precisamente por seu espírito humilde e ardente de fé.* Concluiu o comentário do **Diário 10**: *Se eu fosse Papa não hesitaria um momento em aceitá-los na communio catholica.*

Mesmo que envolvido em intensa atividade, não se sentia bem em Roma. Em carta de 9 de maio confessou à Irmã Régis que ainda não havia se acostumado à *vida de burocrata. Pelo contrário, descobri*

que não tenho mesmo vocação para funcionário. Considero-me um castigado. Mas todos insistem que eu fique. O cardeal Willebrands, que é o meu chefe, tem muita confiança em mim. Também Mons. Charles Moeller, que é nosso Secretário Geral. Ambos são tão bons comigo, que não tenho coragem de dizer na cara deles que quero ir embora.

Também no **Diário 10**, em 19 de maio, desabafou suas preocupações: *O Cardeal Willebrands me chamou esta manhã para o seu ofício. Louvou exageradamente os meus trabalhos; e terminou perguntando se eu estaria disposto a aceitar de modo definitivo as conversações com os luteranos. Fui então muito franco e manifestei ao Cardeal o meu desejo de não continuar a trabalhar no Secretariado. Disse que o trabalho feito por mim até agora poderia ter sido feito por qualquer outro e que não faltavam candidatos desejosos de estar em meu lugar; que no Brasil eu poderia quicá fazer um serviço que nem todos podem. Ajuntei mais algumas dificuldades e fui embora deixando o Cardeal perplexo. Depois o Cardeal me procurou no meu ofício e expôs os pontos de vista dele e do Secretariado em meu favor. Ele falou muito francamente sobre as dificuldades internas com a Cúria Romana e as perplexidades de Paulo VI e sobre a necessidade de uma desmitização (a palavra foi assim usada por ele) do papa. Separamo-nos, deixando aberta a minha possibilidade de abandonar o Secretariado. Realmente, sinto dentro de mim uma estranha força que murmura constantemente contra a minha presença aqui. Será uma força diabólica?*

No dia 26 de maio falou com o seu superior provincial da sua vontade de não ficar em Roma, pois estava *percebendo não ter vocação, nem paciência, nem espírito servil bastante para continuar a trabalhar nesta máquina pesada que é a Cúria Romana* - revelou em suas memórias. Combinou que iria falar com o cardeal, colocando-se à disposição para ficar até o fim do ano.

Uns meses depois, em 28 de agosto, escrevia novamente à sua mana sobre a sua atividade no mesmo setor: *O meu serviço no Secretariado não é muito. Tenho até vergonha de receber o pagamento mensal. Mas dizem que a vida dos funcionários é assim mesmo: não fazer nada e receber o salário. Aproveito o tempo para ler e estudar.*

No dia 3 de junho, Frei Boaventura recebeu a visita inesperada de Frei Leonardo Boff, contando-lhe tudo sobre o Brasil. *Disse que, na última reunião de professores de Petrópolis, resolveram unanimemente pedir-me de volta para Petrópolis. Para sair de Roma, agora até aceitaria voltar a Petrópolis...*

Certamente o Pe. Provincial sentiu nele a importância de seu desejo de voltar ao Brasil ou, pelo menos, à América Latina, o que pode ter comentado com seus confrades e ter chegado aos ouvidos do franciscano Dom Aloísio Lorscheider. Não demorou muitos dias, em 27 do mês seguinte, Kloppenburg recebia o convite para dirigir o novo Instituto de Pastoral de Medellín.

Ao voltar de uma semana de férias com seus parentes em Oldenburg, em 10-12-1973 recomeçou os trabalhos no Secretariado, entre os quais a elaboração de um texto sobre *“Problemas pendentes da teologia da libertação”*. Na passagem para o Ano Novo de 1974 fez uma retrospectiva para *dizer que foi talvez o ano em que menos fiz na vida. Quer dizer: o serviço no Secretariado não foi nem precisava de ser intenso. Sempre sobrou muito tempo para ler e estudar. E assim foi também o ano em que mais li*, seu último registro no **Diário 10**.

Empenhou-se em preparar o II Encontro da Comissão Mista de Estudos para o Diálogo Bilateral Internacional entre a Igreja Católica e os Luteranos, de 8 a 12 de janeiro de 1974, em Roma. Havia dez representantes de cada lado. De São Leopoldo compareceu o pastor luterano Bertoldo Weber.

Foi interessante quando o grupo luterano celebrou a Santa Ceia, presidida pelo bispo luterano alemão Hermann Dietzfelbinger. *O grupo católico “assistiu”. A gente sente, em momentos assim, o absurdo da separação* - observou em 10 de janeiro no **Diário 11**. - *Ontem eles “assistiram” à nossa Eucaristia, sem poderem comungar. Hoje nós “assistimos”, sem podermos comungar. No entanto, a “missa” deles é quase igual à nossa. Só no fim fiquei chocado com a diferença: sobre o altar restaram hóstias e no cálice havia ainda muito vinho. Levei reverentemente as hóstias e o cálice à sacristia e o celebrante luterano (Dietzfelbinger) ajuntou as hóstias às outras e recolocou o vinho na garrafa, para outra celebração...*

Completo seu trabalho, deixou *as atas arrumadinhas, de modo que meu sucessor não terá problemas especiais* - reparou no **Diário 11**, dois dias depois. No dia seguinte, após a missa dominical concelebrada com o grupo latino-americano, arrumou as malas. *É muito difícil ajeitar tudo reduzido a uns 20 quilos. Deixarei muita coisa por aqui, distribuído entre os confrades.*

Na despedida do Secretariado para a União dos Cristãos fez alusão a *um ano de experiência na famosa Cúria Romana. Agradeço a Deus por isso. Embora não tenha vocação para semelhantes ocupações, reconheço sua necessidade. No futuro deverei ter mais compreensão para com a Cúria, embora continue achando que muita coisa poderia ser diferente. Mas o que mais valeu, para mim, foi a experiência*

*ecumênica. Naturalmente do ecumenismo oficial e não do ecumenismo selvagem. Há anos que havia desejado uma maior especialização neste campo. E creio que estive no melhor lugar que poderia ter desejado. Li, estudei e pratiquei o ecumenismo. Foi como se tivesse ganho uma espécie de prêmio ou bolsa de estudo. Mas não só não paguei nada, como, ademais, recebi um salário mensal de cerca de 150 000 liras (ou 220 dólares). Em seu discurso de despedida aos colegas ressaltou que agora se considera suficientemente informado e formado em ecumenismo, embora não tenha com isso conquistado nenhum título acadêmico. E espero que esses conhecimentos me possam servir para os meus trabalhos na América Latina, documentou no **Diário 11**, em 14-1-1974, embarcando na mesma noite, para um encontro com os bispos das Antilhas, em Porto Rico.*

O Cardeal Willebrands convidou Frei Boaventura para ser um dos observadores católicos na V Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas, em Nairobi, capital de Kenya, de 23 de novembro a 10 de dezembro de 1975. Em carta de 13-6-1975, aceitou o convite, como *mais uma rica ocasião de conhecer os protestantes e entrar em contato com ambientes ecumênicos*, como anotou no **Diário 12** no mesmo dia 13. Como observador e membro integrante da comitiva de Roma, desembarcou em Nairobi em 22 de novembro. Com cinco horas de reunião, o grupo católico se preparou para a abertura solene da V Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas, no dia seguinte. Estavam presentes cerca de 3.000 pessoas de todo o mundo. Entre os representantes brasileiros se encontrava o professor Friedhold Altmann, falecido em 7-8-1999, então diretor do Colégio Evangélico Alberto Torres de Lajeado, RS.

Em torno de 135 grupos, de 15 pessoas cada um dividiram-se os congressistas atuantes. Kloppenburg ingressou num grupo que falava alemão. Dividido o Congresso em seis seções, inscreveu-se na quinta, que tratava das *“estruturas de injustiça e lutas pela libertação”*. Os manifestantes mais ruidosos defendiam métodos marxistas para a solução de problemas sociais, preferindo meios revolucionários e antiestruturalistas. Assim, podia-se perceber crescente tendência de não insistir nas motivações cristã para a ação em favor da justiça; menos teologia e mais atos concretos, servindo-se os oprimidos de recursos armados para tomar o poder, com o apoio das Igrejas. Fica evidente a tendência horizontalista. *São Igrejas sem teologia. Dividindo a humanidade simplistamente em oprimidos e opressores, percebeu-se não haver considerações positivas no sentido de afirmar a necessidade de estruturas e poder para manter na sociedade a ordem e o progresso. A tendência é à “anarquia” - lamentou no **Diário 12**, em 29 de novembro. - De modo geral ignoram totalmente os esforços da Igreja Católica em favor dos direitos humanos. Para eles, a Igreja Católica continua ligada ao poder e às estruturas injustas...*

Observou a eleição da nova Diretoria do CMI e dos membros da Comissão Centra. *Foi então que entendi que a Igreja Católica nunca deverá ser membro do CMI. Seria a presença de um elefante num ninho de ratos...* - segundo suas memórias de 12 de dezembro. No dia seguinte, *iniciamos com uma celebração Eucarística protestante. Era quase tudo como na missa católica. Os ortodoxos e os católicos não comungaram. Parece que todos os outros comungaram.*

Encerrando-se o Congresso no dia 10 de dezembro, a delegação dos observadores católicos retornou à Roma no dia seguinte. Frei Boaventura teve a oportunidade *para encontrar e conhecer muita gente já conhecida por seus livros e artigos. Assim posso dizer que conheço praticamente todo o mundo eclesiástico de certa importância no momento presente no qual vivemos.* Dois dias depois, voltou para a América Latina.

Anos mais tarde, fez uma visita ao que passou a ser denominado *Conselho Pontifício para o Diálogo Interreligioso, do qual sou membro e motivo da minha viagem a Roma* - conforme o **Diário 16**, em 23-4-1990. Inicialmente foi tratado o tema da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Entre as 30 pessoas presentes, havia seis cardeais. *Eu me opus fortemente a certas teses - confessou em suas memórias, no dia 24. - Seria um bom documento para a nossa Legião da Boa Vontade. Afirma o valor salvífico da prática sincera de qualquer religião, pensando-se principalmente nas religiões pagãs. Não entendo como um documento da Santa Sé possa chegar a isso. Mas na minha oposição recebi o apoio de três cardeais.* Efetivamente, o texto proposto foi rejeitado na plenária do dia seguinte.

NA COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL

A primeira menção de que o papa havia escolhido Frei Boaventura Kloppenburg como membro integrante da Comissão Teológica Internacional foi feita pelo Mons. Alfonso López Trujillo, confidencialmente e *“sub secreto”*, como consta no **Diário 11**, em 13-4-1974. Entretanto, a notícia somente estourou meses depois.

A sua nomeação de *“Adiutor Secretarii Specialis”* ou perito foi feita pelo Papa Paulo VI em 1º de agosto e comunicada pelo Secretário do Sínodo dos Bispos, Mons. Ladislao Rubin, em carta do dia 21,

publicada na edição espanhola de **L'Osservatore Romano** no dia 25. Quatro dias depois, colou no mesmo **Diário 11** um recorte do jornal **O Globo** contendo a notícia **Papa dá alto cargo a padre brasileiro**, nomeando-o novo membro da Comissão Teológica Internacional, formada por 30 religiosos. O Padre Kloppenburg servirá na Comissão durante os próximos cinco anos.

Considerou a nomeação como *uma nova experiência em minha "carreira teológica", para cinco anos. Assim estou sendo sempre forçado pelas circunstâncias a continuar ativo no campo teológico, embora por vezes não me falem ganas de "descansar" ou "retirar-me". Também aqui não me resta mais que fazer um verdadeiro ato de obediência e continuar animado na Teologia.* E, ironizando, em suas memórias: *É a vingança de Roma: critiquei fortemente os três Sínodos anteriores em artigos publicados na REB e agora me colocam ao lado do Secretário do Sínodo...*

Partindo para Roma em 20 de setembro, hospedou-se no Colégio Pio Brasileiro. Recebeu a incumbência de trabalhar na redação dos textos oficiais do Sínodo, acompanhando com atenção o desenrolar da assembleia, ponderou no **Diário 11**, no dia seguinte. O Sínodo dos Bispos iniciou com a missa presidida pelo Papa Paulo VI na Capela Sixtina. Participou intensamente das reuniões, mesmo do pessoal da "cozinha" do Sínodo, para o qual fui chamado - brincou no **Diário 11**, no dia 30. - *Acho que não terei demasiados serviços. Mas estou sem dúvida numa posição privilegiada, melhor que a dos Bispos, para entrar no âmago do tema sinodal.*

Após tantas reuniões, intervenções e 88 discursos de padres sinodais ficou decepcionado com a conclusão do Sínodo. *A que homens é confiada a Igreja!* - exclamou no **Diário 11**, em 25 de novembro. - *Estou certo de que a Declaração do Sínodo de 1974, sobretudo na parte em que fala da evangelização-libertação, ainda vai dar dor de cabeça a muita gente. Como é possível que, depois de tanta oração pelo Sínodo, o Espírito Santo permita tudo isso.*

No dia seguinte, encerrou-se o Sínodo, com o discurso do papa, com sua admirável e serena firmeza, apesar de todas as dúvidas e perplexidades do atual pensamento teológico e da praxe eclesial e pastoral. *Não é fácil ser Papa nesta situação e sob este aspecto sua "superioridade" um tanto solene e mítico parece ser até uma necessidade humana. Por vezes a gente desejaria que o Papa "descesse" de sua altura isolada e se misturasse mais humanamente com os outros. Mas nesta situação "humana" também ele se deixaria envolver e perderia a necessária "distância", para poder proferir com solene autoridade uma palavra firme de orientação. Acredito que, somando tudo, os prós e os contras, sua posição "isolada" lhe é favorável e é também um benefício para toda a Igreja. O que talvez poderia desaparecer é o aspecto "solene" e "mítico" de seu isolamento, que desfigura sua "imagem" e, conseqüentemente, a imagem da Igreja como "sinal" no mundo democratizado de hoje. O Papa aparece demais como "monarca absolutista". Mas, como quer que seja, parece-me que ele deve conservar sua "singularidade" na Igreja. No discurso de hoje isso me parecia evidente - concluiu no **Diário 11**, em 26 de outubro, regressando a Medellín, dois dias depois.*

Ainda em 1974, em 14 de dezembro, devia estar em Roma para participar na Comissão Teológica Internacional. Os 30 membros trataram da *teologia moral, que não é de minha especialidade. Mas sempre vou aprendendo* - reconheceu **Diário 11**, no dia 18. - *Certamente não é esta a finalidade de minha presença aqui. Mas também outros estão na mesma situação. Hoje veio também o pessoal do Santo Ofício, isto é, os "Consultores", que é a turma mais temida da santa Igreja. Entre eles também Mons. Benelli, que está fazendo as vezes do Papa. Ele gosta do Brasil, onde esteve na Nunciatura, e por isso falou longamente comigo. Três dias depois, encerrado o encontro, seguiu para Oldenburg, onde passou o Natal e Ano Novo com seus parentes.*

Voltou para Roma um ano depois. Hospedou-se na Casa dos Padres do Sagrado Coração. Os 30 membros da Comissão Teológica Internacional discutiram o tema geral da "Teologia e Magistério". de 23 de setembro a 1º de outubro de 1975 Tomou parte de uma subcomissão que preparou para o ano seguinte o tema sobre "Teologia da Libertação", prevendo ser um grupo difícil, segundo suas memórias: *Tenho a impressão que os seis somos três contra três.*

Na discussão final, muitos concluíram que *estavam perdendo tempo. Outros também eram pessimistas. Eu não falei nada. Mas penso que o resultado não foi grande coisa. Mas nunca encontrei grandes resultados em encontros teológicos, nos tantos em que participei. É certo que eu não dava o dinheiro que se gastou somente em minha viagem (1.300 dólares). Mas achei o encontro interessante e sumamente instrutivo e útil ao menos para mim* - reconheceu no **Diário 12**, em 1º de outubro. À tarde discuti com Josef Ratzinger sobre o problema da ordenação da mulher. *Ele não é favorável à minha tese de um grau intermediário entre o Diaconado e o Presbiterado.*

A influência de Ratzinger sentiu-se uns meses depois. O assunto ordenação sacerdotal de mulheres voltou a ser documentado em seu **Diário 13**, em 28-1-1977: *Os jornais publicam hoje a notícia sobre a publicação em Roma, da Congregação para a Fé, sobre a questão da possibilidade da ordenação da mulher. O documento, aprovado pelo Papa, é contrário, absolutamente. Na revista Medellín, de dezembro de 1975, pp. 451-476, publiquei um artigo inteiramente favorável à ordenação da mulher. Ainda bem que publiquei o artigo antes de Roma falar. Agora falou - e eu só tenho uma atitude a tomar: não digo mais nada sobre esta questão. Um dia verão...*

Os 750 anos da morte de São Francisco foi comemorado na missa concelebrada, sob a presidência do Cardeal Antonelli, OFM, na Cúria Geral dos Franciscanos em Roma, em 3-10-1976. Da solenidade também participou Frei Boaventura, na manhã de seu desembarque em Roma. A seguir, de 5 a 12 de outubro, reuniram-se novamente os 30 membros da Comissão Teológica Internacional.

Programado no ano anterior, o assunto “teologia da libertação” provocou acaloradas discussões. *Fiquei impressionado com o número dos que falaram liricamente ou romanticamente como liberacionistas. Não percebiam nem de leve os graves problemas que esta “teologia” suscita. Como sou da América Latina, todo o mundo esperava minhas palavras. Fui breve e fiz ver que os problemas principais de fundo estão na epistemologia, tal como o expôs o Professor K. Lehmann - assinalou no Diário 12, em 5 de outubro. Dois dias depois, acrescentou: Falei durante quase duas horas. Falei forte. Distingui entre “teologia” da libertação e “ideologia” da libertação. Denunciei a ideologia da libertação como o maior mal que atualmente aflige a Igreja na América Latina. Disse que devemos condenar esta ideologia mas ao mesmo tempo tratar de elaborar uma verdadeira e sadia “teologia” da libertação. E indiquei então as pistas sobre como imagino que isso seria possível. Quando terminei de falar havia terminado o tempo da tarde e não sei qual foi a reação.*

A intervenção de Kloppenburg e sua entrevista na Rádio Vaticana ecoaram pela imprensa. A agência UPI transmitiu do Vaticano ao jornal **El Colombiano**, de 10-10-1976, a notícia com a manchete **Erguirse contra la injusticia y la opresión pide a la Iglesia** e o subtítulo: **Teólogo católico al condenar el marxismo**, advertindo que *las tentativas de inyectar elementos marxistas em su doctrina “han hecho grave daño a la Iglesia”*. A Rádio Vaticano entrevistou al Padre Bonaventura Kloppenburg, del Brasil, al fin de cinco días de deliberaciones de la comisión teológica internacional que debatió sobre la “Teología de la liberación”, una escuela de pensamiento latinoamericana que intenta vincular el mensaje cristiano com las actuales luchas de liberación. Retornou por Paris a Medellín, no dia 10.

Para as reuniões do ano seguinte, em 28 de novembro, hospedou-se na Casa Internazionale del Clero, um histórico prédio do centro medieval de Roma, sede das reuniões da Comissão Internacional de Teologia. O tema foi o sacramento do matrimônio. Kloppenburg propôs o problema dos matrimônios “consensuais”: *os muitos que, na América Latina, não são casados nem no religioso nem no civil, mas vivem publicamente um estado estável de matrimônio. Sugeri que para eles ainda não foi promulgado o Decreto “Tametsi” de Trento e, portanto, se trata de matrimônios “clandestinos” e verdadeiros*, nos recordou em **Diário 13**, em 2-12-1977. Quanto à questão da identidade do contrato matrimonial com o sacramento, defendeu a proposta da validade somente para os batizados católicos de fé. Aos batizados sem fé há os “caminhos que só Deus conhece”. Mesmo que o Novo Testamento, a Tradição e a Teologia afirmem unanimemente a indissolubilidade do matrimônio, é necessário haver “tolerância pastoral”, também para com os divorciados que se casam novamente no civil.

Um ano depois, veio novamente a Roma, em 1º de outubro, para a reunião anual da Comissão Teológica Internacional. Logo ficou sabendo que a reunião não se realizará nesta semana. Por causa da morte do Papa - observou no **Diário 13**, em 1-10-1978, aludindo ao falecimento do novo Papa João Paulo I, dois dias antes. - *Até parece superstição. Não entendo por que não se poderia reunir a Comissão - já que muitos de seus membros estão aqui - para discutir problemas cristológicos.*

Na sede do CAL - Comissão Pontifícia para América Latina - tomou conhecimento de que a grande reunião de Puebla havia sido adiada, devido ao falecimento do novo papa, que havia aprovado a lista dos participantes. Nela figura também o meu nome como quem tem voz mas não voto: entre os dois religiosos nomeados pela Santa Sé; o outro é o P. Bigo, S. J. Do nosso Instituto irão quatro: Bigo, Lozano, Teixeira e eu. Entre os peritos, sacerdotes, religiosos, diáconos ou leigos não há um só representante da “teologia da Libertação” com tendência esquerdista: nem Gutierrez, nem Boff, nem Dussel, etc. Isso vai ser tremendamente criticado - advertiu no **Diário 13**, em 2 de outubro. Na tarde do dia seguinte, apenas dez membros da Comissão Teológica se reuniram no Germanicum, para escutar e discutir as teses - lembrou em suas memórias. - *Esta foi a última e melancólica reunião da Comissão Teológica Internacional. Ela*

continua existindo formalmente até agosto de 1979. Estudaremos nossas teses cristológicas por correio e com encontros da subcomissão.

De fato, na manhã de 22-10-1979 teve início a reunião da Comissão Teológica Internacional, com o tema da Cristologia, com cinco dias de duração. Kloppenburg reconheceu as teses apresentadas pelo P. Lehmann. Foram discutidas, votadas e aprovadas como *um material excelente. Trata da problemática das relações entre o Jesus histórico e o Cristo da Fé.* Assim também elogiou as teses do capuchinho P. Cantalamessa, do exegeta Mons. Schürmann e do teólogo Hans Urs von Balthasar.

O novo Papa João Paulo II renovou a nomeação de Frei Boaventura como membro da Comissão Teológica Internacional para mais cinco anos, segundo cartas do Cardeal Casaroli e do Cardeal Seper. *Francamente não esperava esta nova nomeação. Pois não fiz quase nada nos cinco anos anteriores...* - confessou no **Diário 14**, em 9-10-1980. - *De qualquer maneira, é sinal de apreço por parte da Santa Sé. E isso é motivo de alegria. Nos tempos atuais deve ser motivos de alegria, ao menos para um franciscano.*

No ano de 1981, em 30 de setembro, chegou em Roma, hospedando-se novamente na Casa Internacional do Clero, na Via della Scroffa, para as reuniões ordinárias da Comissão Teológica Internacional. O tema central voltou a ser sobre a Cristologia. - Cristologia e Teologia - Dor e morte de Deus - Teocentrismo e Cristocentrismo - Preexistência de Cristo - Cristologia e Antropologia - Deificação do Homem - Ciência e consciência de Jesus.

Após os debates e votação das teses, foi decidido o tema para 1982: a Reconciliação e a Penitência, uma preparação do Sínodo dos Bispos no ano seguinte.

No domingo de manhã de 3-10-1982 Dom Boaventura estava novamente em Roma, para integrar a Comissão Teológica Internacional, agora como Bispo. No mesmo dia participou do encerramento dos festejos do 8º Centenário de Nascimento de S. Francisco de Assis. Como sempre, hospedou-se na Casa Internazionale del Clero.

Ontem e hoje ouvi eruditas exposições sobre o Sacramento da Penitência. Talvez como em nenhum outro campo sentiu a Igreja, como neste, a necessidade de adaptação às novas condições e concepções. - constatou no **Diário 15**, no dia 5. - *Houve mudanças verdadeiramente espetaculares e profundas na configuração concreta da administração do ministério da reconciliação. O que a Igreja pôde fazer no passado, pode também hoje, em absoluta fidelidade à vontade e às determinações de seu Mestre e Senhor. Este Sacramento hoje está em profunda crise. Não se vê que seja possível reafirmar e reintroduzir simplesmente a praxe penitencial dos últimos séculos. Mas também será necessário evitar o laxismo. Nossa tarefa é oferecer ao Sínodo dos Bispos a perspectiva atual das diversas ciências teológicas: a exegética, a histórica, a dogmática, a disciplinar e a pastoral.*

Outras conclusões foram resumidas, no dia seguinte, por Dom Boaventura em suas memórias: *O tom geral, hoje, com relação à Absolvição Geral, foi negativo, por causa dos muitos abusos. Pessoalmente defendi a seguinte posição: a Absolvição Geral 1º é difícil para ser entendida corretamente (pois supõe a posterior confissão dos pecados graves) e leva facilmente a graves abusos (pois de fato a confissão posterior é omitida); 2º, é supérflua, pois a Contrição Perfeita, quando não há “copia confessorum”, pode ser suficiente para receber a Eucaristia, mas inclui o “votum sacramenti pœnitentiæ”. Verifica-se aqui na Europa que muita gente foge, literalmente, da “copia confessorum”, para recorrer à Absolvição Geral. Mas na América Latina muita gente de fato não tem “copia confessorum” e o recurso à Contrição Perfeita é o único caminho para uma Eucaristia algo mais freqüente.* Na carta de 25 -10-1982 à Irmã Régis comentou sua participação no encontro. *Foi para mim muito ilustrativa, pois este sacramento tem, na verdade, uma história muito agitada e diferenciada.*

Retornando da Alemanha em 30-11-1983, estava outra vez em Roma para as reuniões da Comissão Teológica Internacional. A Dignidade da Pessoa Humana e Direitos do Homem foi o tema central. Antes de regressar ao Brasil, no dia 7 de dezembro, deu uma conferência no Colégio Pio Brasileiro.

Em 1984, a “*Eclesiologia das teologias da libertação*” foi o tema do novo encontro da Comissão Teológica Internacional, conforme carta de 23 de setembro à Irmã Régis. Informou ainda o pedido feito pelo Vaticano, através do Cardeal Casaroli, para que Dom Boaventura elaborasse *uns artigos para o jornal L’Osservatore Romano, que é o jornal oficial do Vaticano. Já escrevi um sobre “o perigo da politização das comunidades eclesiais de base” (título que o Cardeal sugeriu).* A reunião foi de 1º a 6-10-1984.

Em carta de 2-9-1985 informou à Irmã Régis, que iria *participar mais uma vez na reunião da Comissão Teológica Internacional e visitar vários Dicastérios para os quais o papa ultimamente me nomeou Membro ou Consultor.* Efetivamente, em 25 de setembro voltou a Roma. Hospedou-se na Cúria

Geral OFM. Depois de visitar a Congregação para o Clero, esteve no Secretariado para os não-Cristãos, não encontrando o Cardeal Secretário, o que também ocorreu no Secretariado para os não-Crentes.

No Ateneu Antoniano celebrou *uma missa pontifical, com báculo e mitra, na igreja de S. Antônio da Via Merulana. Parecia-me impossível. Lá fui em 1947, há 38 anos, estudante. E ainda encontrei o mesmo porteiro - lembrou no Diário 15*, em 3 de outubro. - *Depois do Pontifical, presidi a cerimônia do trânsito ou da morte de S. Francisco, que sempre me comovia e também hoje me deixou comovido e com vontade de meu próprio trânsito.*

A Comissão Teológica Internacional iniciou as reuniões em 30-9-1985. Do tema proposto “**A consciência de Jesus**” foi concluída a *primeira parte, a mais importante: as proposições fundamentais sobre a consciência e ciência de Jesus terrestre e seu conteúdo. O texto foi aprovado e é bom* - concluiu em 5 de outubro.

O Papa João Paulo II nomeou Dom Boaventura para um terceiro quinquênio para ser membro da Comissão Teológica Internacional. *Eu estava certo que não ia continuar* - confessou no **Diário 15**, em 30-6-1986 - *já que os bispos caem fora. Mas fiquei como único representante do Brasil.* A CNBB havia sido solicitada para indicar candidatos novos. Pelo visto, nenhum deles recebeu a aprovação da Santa Sé. E assim acabou sendo nomeado outra vez. Mas é um mau sinal para os teólogos no Brasil. Com toda certeza Kloppenburg não iria ser indicado pela CNBB. Assim, pode-se interpretar como sinal de aprovação, por parte da Santa Sé, da atividade teológica a que ele vem se dedicando como bispo, já que nestes últimos dois meses tem sido muito ativo em escrever. *Foi para mim verdadeira surpresa* - escreveu à Irmã Régis, em 14-7-1986 - *já que os bispos costumam cair fora. De fato, todos os que haviam sido nomeados bispos, não estão mais na lista dos 30 teólogos do papa, apenas o meu nome lá está. A Santa Sé havia solicitado à CNBB uma lista de nomes de teólogos brasileiros, candidatos para a Comissão. Mas só eu fui de fato nomeado. Suponho que a CNBB insistiu que eu ficasse... Para mim a nomeação foi gratificante. Pois é uma maneira da Santa Sé de aprovar minha atividade teológica.*

O primeiro encontro dos 30 membros da Comissão Teológica Internacional, em Roma, foi de 1º a 5-10-1986. São 17 os novos participantes. Encontraram 29 temas para a discussão. Decidiram pela “*Fé e inculturação*”. *É um assunto importante e englobante*, lembrou em suas memórias.

Apenas com 20 dias como novo bispo de Novo Hamburgo, retornou a tomar parte da Comissão Teológica Internacional, em Roma, onde chegou em 28 de setembro. Dos 30 membros do novo quinquênio, 17 eram novos. Toparam 29 temas para discussão. Foi tratada a reinterpretação dos dogmas, questões de escatologia individual e princípios de moral cristã. Fé e inculturação foi o tema central escolhido para o quinquênio e próxima discussão. Presidiu a missa concelebrada na festa de S. Francisco de Assis, em 4 de outubro, partindo depois para a Alemanha.

Nova rodada de reuniões iniciou em 30-11-1987. *Não gostei muito. O babel das línguas me perturba* - reconheceu no **Diário 15**, ao terminar em 5 de dezembro. - *Quase só se fala em inglês e em francês. O tema, a inculturação, é importante. Sempre aprendi bastante. Claro que eu não venho só para aprender ou conhecer os teólogos. Devo também contribuir. Mas dessa vez quase não falei.*

Para as reuniões do ano seguinte compareceram todos os membros, com o tema “a reta interpretação dos dogmas”. *Aprovamos hoje definitivamente o documento discutido na reunião passada sobre a fé e a inculturação* - documentou no **Diário 15**, em 6-10-1988. - *Aprovei o texto sem muito entusiasmo. O debate atual sobre reta interpretação do dogma é interessante. As contribuições são boas.*

A reunião plenária de 2 a 7-10-1989, na própria Casa Internacional do Clero, tratou dos princípios e normas absolutas em questões morais, onde foi membro da subcomissão que preparou o documento de trabalho. *É um prazer poder assistir e intervir. São os professores mais ilustres do mundo inteiro* - atestou no **Diário 15**, em 3 de outubro. No dia seguinte, em língua alemã, expôs *uma doutrina sobre o magistério eclesialístico no campo moral.*

Sua 15ª e última participação anual na Comissão Teológica Internacional iniciou com a missa concelebrada, sob a presidência de Dom Boaventura. Os dois textos trabalhados trataram dos princípios e normas absolutos no campo da moral e de questões da escatologia. *Expus e defendi dois capítulos: aquele que fala da comunicação com os falecidos (evocação) e o que se refere à unicidade e irrepitibilidade da vida humana terrestre (reencarnação)* - detalhou no **Diário 16**, em 5-12-1990.

EM OUTROS DICASTÉRIOS DO VATICANO

O Bilhete do Secretariado do Estado do Vaticano, assinado pelo Cardeal Casaroli, com a nomeação de Dom Boaventura Kloppenburg como *Consultor da Sagrada Congregação para o Clero* ele anotou no

Diário 15, em 2-4-1984: *Recebi também uma carta de 7 de março do Card. Sílvio Oddi, Prefeito desta Congregação. A nomeação foi feita no dia 9 de fevereiro. As coisas vão lentamente. Em L'Osservatore Romano leio que o papa fez esta nomeação no dia 26 de março.*

L'Osservatore Romano n.º 281, em português, de 8-7-1984, publicou a nomeação de Dom Boaventura para Consultor do Secretariado para os não Crentes, nomeado pelo papa. *Não recebi nenhuma comunicação particular oficial* - observou no **Diário 15**, em 13-7-1984.

A nova nomeação de consultor da Sagrada Congregação para o Clero foi comunicada à Irmã Régis na correspondência de 4-3-1985: *Agora sou Consultor de dois organismos da Santa Sé. Mas isso só dá trabalho e nenhuma vantagem. Significa também confiança da Santa Sé na gente. Prefiro ser nomeado Consultor a ser chamado para responder.*

A comunicação oficial de Roma da nomeação de “D. Carlos Boaventura Kloppenburg”, assinada em 16 de abril, como novo membro do Secretariado para os Não Cristãos, saiu em 16-5-1985, embora **O Globo** já o noticiasse em sua edição do dia 11, como consta em suas memórias: *E já recebi um primeiro trabalho: dar sugestões “úteis” para o próximo Sínodo Extraordinário, com observações e proposições que possam interessar a boa marcha do Secretariado. O texto deve estar lá até fins de julho.* Em carta redigida no Pentecostes, 26-5-1985, à Irmã Régis, informou ter sido nomeado pela Santa Sé *Membro do Secretariado para os não-Crentes, do Vaticano. Agora já acumulo quatro cargos no Vaticano. Sempre me dão algum trabalho por fazer. Mas também é sinal de confiança por parte da Santa Sé. E para mim isso continua tendo muito sentido.*

Visitou a Congregação para o Clero em 6 e 7-9-1985, mas não encontrou o secretário.

Para tomar parte na reunião plenária como membro do Secretariado para os não-Cristãos partiu para Roma em 26-4-1987. Em torno de 30 participantes, provenientes de todos os continentes, partiram num ônibus para Grottaferrata, instalando-se na casa dos jesuítas “Villa Cavalletti”.

O tema central versou sobre “Diálogo e Proclamação”. Na discussão do projeto de documento manifestou Kloppenburg sua opinião no **Diário 15**, em 28 de abril: *Eu não concordo muito com a tese fundamental: que o diálogo é parte constitutiva da missão da Igreja, tão importante como a proclamação. O diálogo (seria necessário defini-lo melhor) é antes como a alma da proclamação. Há ainda outras teses que não admito: que o Espírito Santo está presente e atua nas religiões não cristãs; que estas religiões são caminhos de salvação; que a proclamação é apenas a explicitação daquilo que já está implícito nas religiões; que todos os homens são cristãos anônimos.*

Mais importante foi a conclusão a que Dom Boaventura chegou, em 1º de maio: *Cresceu em mim a convicção de que o Secretariado não tem suficiente razão de ser e poderia ser integrado como Seção na Congregação para a Evangelização dos Povos.*

Antes de retornar, na noite de 4 de maio, no Pio Brasileiro concelebrou a Eucaristia com Dom Lucas Neves e o Cardeal Rossi, seu grande amigo, que festejava jubileu de ouro sacerdotal e 74 anos de idade.

Na festa de Santo Antônio de Pádua recebeu o *documento da Santa Sé comunicando-me que o papa me nomeou outra vez consultor da Congregação para o Clero* - segundo o **Diário 16**, em 13-6-1990.

VISITAS AD LIMINA APOSTOLORUM

“Ao limiar dos Apóstolos” - *ad limina Apostolorum* - os bispos residenciais cumprem a obrigação de fazer a sua visita quinquenal ao papa. De 2 a 15-2-1990, Dom Boaventura fez sua primeira visita oficial não com o intuito de apenas prestar contas ao Papa do estado de sua diocese, como é do seu dever, de cinco em cinco anos, mas como *uma espécie de peregrinação* - enfatizou no **Diário 16**, ao embarcar em 1º de fevereiro para Roma. - *E com este espírito quero fazê-lo.* Hospedou-se no Colégio Pio-Brasileiro. Com os demais bispos gaúchos, iniciou a visita com uma celebração junto ao sepulcro de São Pedro, na cripta da basílica, no dia 5.

Com o papa foi concelebrada a missa na capela particular, tendo a audiência com ele às 11h15min, em companhia do Pe. Ramiro Mincato. *Conversamos durante uns 15 minutos* - recordou no **Diário 16**, no dia 9. - *Eu lhe entreguei um exemplar de minha orientação pastoral sobre o capitalismo. Comuniquei-lhe que no próximo dia 4 de março teríamos a inauguração do seminário diocesano e que durante este ano teríamos o ano sinodal. No fim foi admitido o P. Ramiro Mincato e tiramos belas fotografias. Hoje, foi, pois, o ponto alto de minha visita as limina apostolorum. Saio abençoado e confortado pelo sucessor de Pedro. Deo gratias.* A matéria saiu publicada na edição portuguesa de **L' Osservatore Romano**, de 4-3-1990.

Nos 14 dias em Roma, teve contato com vários dicastérios, como a Congregação para os Religiosos, o Pontifício Conselho para o Diálogo Interreligioso, a Congregação para os Bispos, Congregação para a

Educação Católica, a Congregação para o Culto Divino, o Conselho Pontifício “Cor Unum” e da Justiça e Paz, a Congregação para a Doutrina da Fé e o Pontifício Conselho para os Meios de Comunicação. Como Membro do Pontifício Conselho da União dos Cristãos e “conselheiro” da Congregação para o Clero visitou secretários e colegas, tratando da situação dos padres no Brasil e a desunião entre eles.

Sua segunda e última visita oficial ao Papa em Roma foi *para a visita ad limina* - documentou no **Diário 19**, ao iniciar a viagem em 9 10-1995. Como fosse convalescente de uma operação de sinusite crônica, fez-se acompanhar da sua Irmã Régis, como enfermeira. Hospedaram-se no Colégio Pio Brasileiro.

NA INTIMIDADE COM OS PAPAS

Sendo a sua vida *por Cristo em Sua Igreja* fica muito fácil entender porque a pessoa do papa lhe é tão cara. Nos seus 80 anos de existência, passaram por ele os pontificados de sete papas. Frei Boaventura nasceu sob o pontificado de Bento XV - Cardeal Giacomo Della Chiesa. Sucedeu-lhe, em 1922, Pio XI - Cardeal Achille Ambrogio Damiano Ratti, período em que cursou o seminário menor. Em 1939, seguiu-lhe Pio XII - Cardeal Eugênio Piacelli; em 1958, João XXIII - Cardeal Ângelo Giuseppe Roncalli; em 1963, Paulo VI - Cardeal Giovanni Battista Montini; em 1978, João Paulo I - Cardeal Albino Luciani; e, após 33 dias de pontificado, foi eleito João Paulo II - Cardeal Karol Wojtyła.

As audiências foram para Frei Boaventura sempre acontecimentos ímpares e emocionantes.

Tão logo iniciou seu Doutorado, assistiu várias canonizações e solenidades presididas pelo papa. A primeira audiência com o Papa Pio XII foi em 28-6-1949, às 11h45min. *É muito emocionante ver aquela figura ascética e ágil deste ancião santo. Ele fala também bastante bem o português. Fala muito bem o alemão* - escreveu à sua mana Irmã Régis. A foto com o papa lhe mandou em 24 de setembro.

Nova audiência com Pio XII foi em 6-3-1958, como consta no **Diário 1**: *Não falei muito, mas o pouco que falei foi bem atrapalhado. Entreguei-lhe a **REB** encadernada de 1957. Falei um pouco sobre o Espiritismo no Brasil. E ele disse que está fazendo muito mal. O interessante é que ele sabia que esta tarde eu ia fazer uma conferência na Gregoriana e com experiências... Deu-me um terço e benzeu muitos outros que eu lhe apresentei. Deu-me também a bênção. E acabou.* Foi ainda tirada uma foto com um grupo em audiência especial. De fato, a conferência de duas horas foi em italiano, sobre **Il Problema Religioso dello Spiritismo D'Oggi, con dimostrazioni sulle pratiche spiritiche**. À noite foi jantar na Casa Geral dos Missionários da Sagrada Família.

Em companhia do Mons. Alfonso López Trujillo, a primeira audiência com o Papa Paulo VI foi em 15-11-1973. *Ele me disse que o Instituto de Medellín era uma coisa muito importante; e que me dava sua bênção especial* - recordou no **Diário 10**. - *Ele me deu também um rosário, que vou guardar como preciosa lembrança.*



Foto de almoço com Paulo VI, tirada por Frei Boaventura, em 20-11-1974.

Por ocasião do Sínodo dos Bispos foi inusitado o almoço no Colégio da Propaganda Fide, com a presença do Papa Paulo VI. *Parece até que foi um acontecimento histórico. Pois o Papa comer com a gente*

*não é coisa de todos os séculos... - está no **Diário 11**, com várias fotos, em 20-11-1974. - Não entendo porque o papa deva manter esta "distância"... Bem que ele poderia ter mais encontros sociais desse tipo.*

No mês seguinte, como membro da Comissão Teológica Internacional, Kloppenburg foi recebido em audiência com os demais membros. Depois do discurso, *saudou a cada um de nós e tiramos todos juntos um retrato com ele - anotou no **Diário 11**, em 16-12-1974.*

Em 15-11-1975, teve audiência com o papa, com foto enviada a vários amigos.

Estando muito doente o Papa Paulo VI, era geral o comentário sobre possíveis candidatos a papa. Quando Mons. Eduardo Pirônio, presidente do CELAM, foi nomeado Pró-Prefeito da Congregação para os Religiosos, deixou no **Diário 12** um vaticínio: *Vou agora fazer uma profecia: No final deste ano Mons. Pirônio será nomeado cardeal. No próximo conclave, para a eleição do sucessor de Paulo VI, Mons. Pirônio será eleito papa por ampla maioria. Argumentou que será um cardeal da Cúria; um elemento de transição de um papa italiano para papa não italiano. E será um bom papa. Papa Paulo VII. Frei Boaventura acertou a escolha de um papa não italiano, João Paulo II, três anos depois.*

De cardeais tinha alguns em alto conceito, como Dom Aloysio Lorscheider. Em 28-4-1976, ao ser publicada pelos jornais a notícia de sua eleição pelo papa como novo cardeal, lembrou no **Diário 12** *Dom Aloísio Lorscheider, meu velho companheiro de estudo em Roma (1949-1950) e amigo. Agora são dois cardeais franciscanos no Brasil. Tudo me diz que o Lorscheider vai ser o próximo papa. E em carta à sua Irmã Régis, em 9-7-1977, brincou: Será um excelente Papa Francisco I. Noutra carta, em 13-8-1978, voltou a se manifestar sobre o futuro papa, o Cardeal Lorscheider, lamentando não ter muita saúde para os 2.600 metros de altitude de Bogotá.*

Ao falecer o Papa Paulo VI, em 6-8-1978, como reitor do Instituto Pastoral del CELAM Frei Boaventura convocou toda a comunidade para rezar o Ofício dos Defuntos na capela. *Foi um grande papa, em tempo difícil - reconheceu no **Diário 13**, no mesmo dia. - Já deve estar no céu. Agora é rezar pelo novo, que vai ter talvez ainda mais difícil. Se for italiano, será talvez o Cardeal Sebastião Baggio; se não for italiano, torço pelo Cardeal Lorscheider.*

Anunciada a eleição do Cardeal Albino Luciano, de Veneza, como novo Papa João Paulo I, em 26 de agosto, comentou em seu **Diário 13**: *Foi uma surpresa. Ninguém falava nele. E tão rápido. Sinal que era o homem que os Cardeais (depois dos 20 dias de pré-conclave) pensavam ser o melhor para a atual situação da Igreja. Recebi uma chamada telefônica da revista "Time" perguntando o que eu achava; respondi que só lhe conhecia o nome e nada mais sabia dele. Perguntaram também o que achava do nome escolhido; respondi que era todo um programa: o de reunir as características do "bom" Papa João e do "prudente" Papa Paulo; o novo Papa João Paulo promete ser bom (=ter um coração como João XXIII) e prudente (= ter uma inteligência como Paulo VI). Perguntaram ainda o que pensava da rapidez da eleição, respondi: sinal que era o homem certo. Pedi logo a alguns colegas rezar na capela juntos o Te-Deum, para agradecer a Deus e tomar diante de Deus uma atitude de sincera aceitação e obediência. Como a Igreja, também o Papa é objeto de um ato de fé, é um "sacramentum seu signum et instrumentum". Assim como rezamos "credo ecclesiam" devemos rezar também "credo papam". Só depois deste primeiro ato de fé podemos dizer também "credo papae": creio no papa. Pouco importa quem seja ele do ponto de vista humano. Deus escolheu seus instrumentos, que nem sempre são os que nós pensávamos que deveriam ser. Talvez com João Paulo I teremos um tempo de bonança, depois de tantas tempestades.*

Gostei da eleição do novo Papa João Paulo I - escreveu à Irmã Régis, em 30 de agosto. - Não o conhecia. Mas bastou o sorriso. E também suas primeiras manifestações. Acho que vamos ter um tempo mais tranqüilo de distensão interna na Igreja.

Dias depois, estando em Vechta, Oldenburg, veio a abrupta notícia do falecimento inexplicável do novo Papa João Paulo I. *Meu Deus! - exclamou no **Diário 13**, em 29-9-1978. - Não entendo. Pensava que seria o homem preparado pela Divina Providência para uma época tão difícil da Igreja. Fui logo à Igreja para rezar a santa missa pelo falecido Papa João Paulo I. Esperava encontrar-me com ele na próxima semana em Roma. Agora vou é estar no seu enterro. Deve ter encontrado muito abacaxi lá no Vaticano. Eles não queriam, no último conclave, um Papa diplomata ou político ou da Cúria: queriam um Papa pastor. Era um programa bonito. Mas de fato o exercício da função petrina, hoje, exige também conhecimento e preparação para a dimensão diplomática, política e curial. Não basta a experiência pastoral. João Paulo I não estava preparado para a quantidade de problemas que encontrou; e seu coração, de susto, parou. O coração do Cardeal Benelli não parava. Talvez seja o próximo Papa.*

A imprensa posteriormente comentou o aspecto misterioso da morte do papa, como se fosse articulada pelos que querem conservar o status quo na Igreja. Quando de suas férias em Castelar de la

Frontera, ao lado de Gibraltar, na sua casa de veraneio o Conde Xistus Plattenberg confirmou estar convencido que o Papa João Paulo I, no ano passado, foi morto. Ele me disse que sua secretária na Suíça, um dia antes, lhe comunicou pelo telefone que o Papa seria morto no dia seguinte. Resta saber se isto é verdade - ponderou no **Diário 14**, em 24-7-1979.

Já de regresso a Medellín, Frei Boaventura documentou no **Diário 13**, em 16-10-1978: *Habemus Papam. Ninguém falava dele: o Cardeal Karol Wojtyla, Arcebispo de Cracóvia, Polônia. Chama-se João Paulo II. Conheci-o em 1974, durante o Sínodo dos Bispos, quando ele era o Relator da Segunda Parte (teológica) sobre o tema “evangelização” e eu, especialmente nomeado para isso pela Santa Sé, seu ajudante ou perito, junto com o P. Grasso, SJ. Estou contente. Na pequena saudação inicial falou três vezes de Maria Santíssima. É teólogo de formação e formato. Conhece o socialismo de experiência dura. É do Segundo Mundo. Rompeu a tradição da linha italiana. Fala bem uma quantidade de línguas. Nasceu em 1920: mais moço que eu. Aleluia!*

No dia seguinte, em carta a sua Irmã Régis, depois de ter comunicado sua participação nas exéquias do Papa, escreveu: *Foi uma tristeza. Mas também ela se converteu agora em alegria - comentou a escolha de João Paulo II. - A eleição do novo Papa me alegrou mais que tua carta. Em 1974, por ocasião do Sínodo dos Bispos sobre a Evangelização, eu tinha sido nomeado pela Santa Sé para ajudar precisamente o Cardeal Wojtyla na parte teológica, da qual ele era o relator oficial. Assim o conheci. Ele é competente, bem preparado, bom teólogo, não italiano, do Segundo Mundo (o mundo socialista), relativamente jovem (eu sou mais velho...), firme na fé, decidido na disciplina, conhecedor do mundo, principalmente do socialista. E devoto de Maria Santíssima. Tudo isso foi para mim motivo de muita alegria.*

Terminada a reunião da Comissão Teológica Internacional em Roma, em 26-10-1979, João Paulo II recebeu todo o grupo numa audiência. *Quando me saudou, perguntou, em francês: “Onde foi que nos encontramos?” Tinha sido no Sínodo dos Bispos de 1974 - memorizou no **Diário 14**.*

Em 1º de julho de 1980 Frei Boaventura veio de Medellín ao Rio de Janeiro a fim de acompanhar a visita de João Paulo II ao Brasil. Testemunhou a concentração do povo brasileiro na *Praia do Flamengo*, onde há 25 anos se celebrou o Congresso Eucarístico Internacional. *Às 18 horas chegou o Papa para celebrar aí a santa missa. Havia uma enorme multidão de gente. Na Homilia do Papa eu não entendi nada, por causa do eco - lamentou em suas memórias. - Mas dizem que a gente podia entender. Pois eu estava ao lado, com os Bispos. Dizem que em Belo Horizonte, hoje, foi extraordinário. Depois terei ocasião de ler todos os discursos. Mas o que vi hoje foi, sem dúvida, uma festa inédita e bem preparada. Fiquei comovido e cheguei a chorar de alegria por ver tanta homenagem ao Chefe.*

No dia seguinte, na Catedral o papa fez um discurso de uma hora e 15 minutos sobre problemas que interessavam à Igreja da América Latina. À tarde, ao ordenar padres no Maracanã, enalteceu o sacerdócio ordenado e à noite, no Sumaré, Kloppenburg participou da janta, onde o papa *cantou conosco e contou anedotas, como um bom colega. Foi maravilhoso*, anotou no mesmo diário.

*Passei mal hoje com a notícia do atentado contra o Papa - assinalou no **Diário 14**, em 13-5-1981. - Fiquei horas agarrado ao rádio, até chegar a notícia que o Papa já está fora de perigo. Cheguei a chorar. Este Papa me parece tão necessário. Ao menos aprendam que devem cuidá-lo mais. Dominus conservet eum e vivificet eum.* Dois dias depois, escreveu à Irmã Régis: *Quando, anteontem, iam matar o nosso Papa, chorei mesmo aqui no meu quarto. Eu estava trabalhando, quando alguém me chamou pelo telefone pedindo que ligasse o rádio. Era a notícia sobre o atentado ao Papa. Deus sabe o que permite ou quer. Mas eu não entendi nada.*

Festejando com seus familiares o 37º aniversário de sua ordenação sacerdotal em Rolante veio a notícia da nomeação de Mons. Alfonso López Trujillo para o Colégio dos Cardeais. *Faço uma profecia: ele será o futuro papa. Tem agora 47 anos. Ainda terá que esperar e amadurecer. Mas chegará até lá - vaticinou no **Diário 15**, em 6-1-1982.*

Em meio às reuniões da Comissão Teológica Internacional, em 6-10-1981, *tivemos uma audiência com o papa, ao meio dia - detalhou no **Diário 14**. - Às 10h saímos de ônibus para Castel Gandolfo. O Papa parecia estar muito bem, depois de tanto sofrimento. A audiência durou meia hora. Ele nos fez um discurso em latim e falou um pouco com cada um, tirando fotos com cada um e com todos.*

Concluindo o Congresso Internacional de Pneumatologia, em Roma, em 26-3-1982, o Papa João Paulo II veio até a sala de reuniões, como consta no **Diário 15**: *falou meia hora e teve a paciência de dar a mão a cada um, tirando uma foto e dando um rosário.*

Após a eleição como bispo auxiliar de Salvador da Bahia, Kloppenburg mandou uma carta em 20-6-1982 ao Papa João Paulo II a fim de manifestar seus sentimentos de gratidão pela confiança que mereceu ao

ser nomeado bispo auxiliar do Cardeal Arcebispo de São Salvador e confirmar a disposição de servir fielmente a Igreja de Cristo em comunhão jerárquica com o Sucessor de Pedro. O papa respondeu através do seu secretário de estado, Cardeal Casaroli, em 7-10-1982, agradecendo *sensibilizado esta manifestação de disponibilidade para o serviço do povo de Deus, como membro do Colégio Episcopal, ciente das responsabilidades e da grandeza da própria missão, mas também confortado pelas palavras de Cristo que garantem sua presença protetora todos os dias, até o fim dos tempos, junto com a recompensa do cêntuplo neste mundo e a vida eterna. Como penhor de abundantes graças celestiais para o novo trabalho que a Igreja lhe confia de bom pastor, que sai à procura da ovelha desgarrada e a acolhe com carinho, Sua Santidade o Papa envia-lhe, extensiva às pessoas que lhe são queridas, a implorada Bênção Apostólica.*

De volta do Encontro da Comissão Teológica Internacional, em Roma, segundo carta à Irmã Régis, em 25-10-1982, recebeu um ofício do Papa João Paulo II, no qual escreve: “... *confortado pelas palavras de Cristo que garantem sua presença protetora todos os dias, até o fim dos tempos, junto com a recompensa de cêntuplo neste mundo e a vida eterna*”. Ao citar esta passagem epistolar do papa, completou Dom Boaventura a carta à sua irmã que o “*cêntuplo neste mundo*” até parece uma realidade, pois da Alemanha me garantem, até à morte, uma mensalidade de DM 1.200!

Durante o curso de 20 dias de Introdução ao Direito Canônico, em Roma, o Papa João Paulo II concedeu ao meio dia de 21-11-1983 uma audiência, como mencionou no **Diário 15**. Quando o saudei, ele me falou logo da “**Igreja Popular**”, dizendo que o havia lido e que me agradecia. O **Jornal do Brasil**, edição de 1-12-1983, publicou uma curta nota muito interessante:

- Já li seu livro!

Esta expressão é gratificante para qualquer escritor, mas de modo particular se ela tiver sido pronunciada pelo Papa João Paulo II.

Foi o que aconteceu com D. Boaventura Kloppenburg, no último dia 21, quando o papa recebeu um grupo de cerca de 90 bispos de todas as partes do mundo.

*O livro lido era a **Igreja Popular**.*



João Paulo II, em 21-1-1983, diz a Frei Boaventura que já leu **Igreja Popular**.

Na audiência com bispos brasileiros, em 23 de novembro, o papa se dirigiu pessoalmente a Dom Boaventura dizendo-lhe que precisava falar com ele “*sobre a Teologia no Brasil*”. O encontro ficou adiado para o mês seguinte, pois já havia assumido compromissos na Alemanha.

Durante a semana de reuniões da Comissão Teológica Internacional, na manhã de 3 de dezembro, todos os membros concelebraram com o papa em sua capela particular. Dois dias depois, João Paulo II recebeu toda a Comissão em audiência especial, com discurso incisivo sobre a necessidade de pôr em prática o Vaticano II. *Fui convidado para amanhã à noite ceiar com o papa* - conta em suas memórias. Documentou no **Diário 15**, em 6-12-1983, a janta memorável: *Acabo de voltar da ceia mais importante de minha vida. Começou às 20h e terminou uma hora depois. Éramos apenas quatro: o papa, seus dois secretários particulares e eu. A comida frugal. O papa come pouco e eu apenas engolia alguma coisa. Mas a conversa ia animada. O papa foi perguntando:*

- *Querida saber em que extensão se apresenta no Brasil a Teologia da Libertação. Respondi essencialmente com três indicações: que esta Teologia entrou no Brasil relativamente tarde, já que o governo impedia a difusão de semelhante literatura; que ela está mais difundida entre os Religiosos que entre os Diocesanos (insisti no problema das Religiosas que se dedicam à ação pastoral sem a devida preparação, mas aceitando com certo entusiasmo as “novidades”); e que os padres estrangeiros (italianos, espanhóis...) têm mais entusiasmo por esta Teologia que os nacionais.*

- *Querida saber se a Igreja “Popular” se realiza nas Comunidades Eclesiais de Base. Respondi primeiro afirmando minha convicção sobre a necessidade das CEBs e sua orientação segundo os sete critérios indicados pela “Evangelii Nuntiandi”, mas que na exata medida em que elas se afastam destes critérios, abrem-se para a Igreja “Popular”.*

- *Perguntou com certa insistência sobre Frei Leonardo Boff. Ele acha que tem uma influência muito grande e nefasta. Confirmei e sugeri que ele mesmo, o papa, escrevesse uma carta pessoal ao Frei Leonardo, recomendando-lhe moderação e animando-o a trabalhar pelo Reino de Deus no Brasil Mas ele acha que o Frei Leonardo já está tão convencido, que não tem disposição para mudar. Disse textualmente: “É o Hans Küng do Brasil”. Tenho a impressão de que se está preparando uma medida mais séria por parte da Santa Sé.*

- *Falamos ainda sobre outros temas, como a Maçonaria, o problema das seitas, o “vazio” religioso e a tendência dominante da CNBB.*

No cartão natalino de 9-12-1983, endereçada à Irmã Régis, também comentou a visita ao papa: *Voltei ontem de Roma. Há três dias jantei durante uma hora com o papa, sozinho. Ele quis saber tudo da teologia no Brasil. Falei tudo. Ele sabia da briga com o Cardeal Arns e disse não entender a atitude dele. E falou muito mais...*

No término da reunião da Comissão Teológica Internacional o Papa João Paulo II concedeu a todos os membros uma audiência, *ao meio dia. Ele nos fez um discurso e tiramos fotografias*, lembrou nas memórias, em 5-10-1985. Retornando a Roma no mês seguinte, quando os participantes do Simpósio sobre Igreja e Economia foram visitar a Capela Sixtina, participou de nova *audiência com o Papa João Paulo II, que nos fez um bom discurso* - averbou nas memórias, em 22-11-1985.

Dois dias depois, no domingo de Cristo Rei, Dom Kloppenburg concelebrou *com o Papa, os Cardeais e Bispos que inauguram hoje o Sínodo Extraordinário dos Bispos. Foi a missa mais solene de minha vida* - enfatizou no **Diário 15**, no dia 24. - *Uma celebração na Igreja Universal.*

No encontro do ano seguinte, em 2-10-1986, também concelebrou a missa com o Papa João Paulo II, com ele várias vezes fotografado, bem como em 28-4-1987, 5-10-1988 e, em 5-10-1989, confessou no **Diário 15**: *Nunca senti como hoje estar “em comunhão com o sucessor de Pedro”.*

Na “visita ad limina”, em 8-2-1990, participou de um almoço com o papa, tendo com ele uma audiência pessoal no dia seguinte. Outra foto foi tirada com o papa em 26-4-1990, na audiência com os membros do Conselho Pontifício para o Diálogo Interreligioso. Ao findar seu terceiro e último quinquênio como membro da Comissão Teológica Internacional, voltou a concelebrar missa *com o Papa João Paulo II, em sua capela particular* - memorizou no **Diário 16**, em 5-12-1990. - *E depois tiramos as tradicionais fotografias.*

PELO MUNDO

Percorrido Haiti por nove dias, para conhecer a pastoral voltada ao esclarecimento aos católicos sobre o espiritismo, em 15-12-1957, Frei Boaventura, em companhia do Frei Alexandre Wyse, OFM, partiu para Nova Iorque. Ambos rezaram a missa no convento franciscano, conheceram a comunidade e partiram de trem para Washington. Hospedaram-se na Academia Franciscana de História. No dia 17, na Biblioteca do Congresso, tomou *parte oficial de um Congresso Internacional e Interconfessional de História da Religião na América e precisamente na fase colonial* - como está no **Diário 1**. Para acelerar o aprendizado da língua

inglesa esteve por alguns dias no colégio franciscano Holly Name, conheceu a Universidade Católica e o Franciscan Monastery da Terra Santa

Na capital norte-americana, num almoço em restaurante, teve *uma experiência interessantíssima* - observou em suas memórias, no dia 21. - *Restaurante muito moderno, cada um vai passando por uma longa fila de manjares e escolhe o que quer: no fim da fila a gente paga. Mas nós não pagamos porque éramos padres.* Na mesa havia um cartão, com a oração de agradecimento para católicos, israelitas e evangélicos.

Percebeu que o natal é *uma festa de intensíssimo movimento aqui em USA. Desde que cheguei notei isso* - observou no **Diário 1**, no dia 25. - *As árvores de natal, os presépios, etc. já muito antes da festa estão prontos. Jornais, rádio, televisão, etc. tudo porfia em dar um aspecto de natal. Mas no fundo o movimento parece ser mais de judeus que de cristãos. É muito comércio. Os judeus é que têm de fato o melhor da festa. Mas, enfim, alegre também e, sinceramente, os cristãos.* A fim de exercitar melhor a língua inglesa, aproveitou sua viagem aos E. U. A. para visitar tios e primos em Saskatoon e Humboldt, no Canadá, de 21 de janeiro, seguindo para a Espanha.

Hospedou-se no convento franciscano “San Francisco el Grande”, em Madrid, em 14-2-1958, *Ontem visitei, até alta noite, o Seminário Interamericano e fiz também uma conferência com rápidas experiências para os padres e estudantes que se preparam para a América Latina* - como está no **Diário 1**, em 19 de fevereiro. No dia seguinte, já se encontrava em Roma. No dia 24, iniciou suas aulas no Colégio Pio Brasileiro, a todos os estudantes clérigos brasileiros de Roma. Fez conferência em italiano, aberta ao público, com experiências, na Universidade Gregoriana, na presença de seus mais famosos professores.

Visitou o Santo Ofício, para tratar sobre o Espiritismo e foi recebido em audiência pelo próprio Papa Pio XII. De 8 a 21 de março tirou férias para rever tios, primos e parentes na Alemanha. Ausente por quase quatro meses, retornou às aulas em Petrópolis.

Interrompendo as atividades no Concílio, em 27-2-1962, viajou a New York. *Esta manhã dei a minha primeira aula em inglês* - observou em 13 de março no **Diário 6**, em Ithaca. - *Falei a um grupo de estudantes de filosofia desta Universidade St. Bonaventure.*

No Laboratório de Parapsicologia de Dr. Joseph Banks Rhine, em Durham, Carolina do Norte, *Rhine ofereceu-me ajuda material e financeira para os nossos estudos de Parapsicologia no Brasil* - anotou em 3 de abril no **Diário 6**. Além de buscar maiores conhecimentos no Parapsychological Foundation, em New York, Kloppenburg também esteve à procura de um *Sniper Scope, com luz infravermelha, para observar centros espíritas no escuro. Tenho esperança de encontrar um.* Em 18 de abril, fez uma palestra em inglês, com experiências, no St. Joseph Seminary, em Teutópolis, Ilinois, onde *tive excelente impressão.*

Um dos seus antigos desejos de conhecer a Terra Santa foi realizado em dezembro de 1962. Nada deixou registrado em suas memórias do que chamou de “peregrinatio paulina”, de 10 dias. Uma foto documenta ele de joelhos *diante da gruta de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, em Belém, no dia 15-12-1962* - segundo anotou no seu verso. Visitou os demais lugares sagrados, bem como a comunidade franciscana. A seguir, reviu sua terra natal na Alemanha, onde proferiu uma série de conferências e palestras sobre o Concílio Ecumênico.

Em maio de 1965, na França, tomou parte num Congresso Internacional de “Parapsicologia e Religião”, onde apresentou sua tese sobre a magia negra.

Em 23-11-1970, partiu para a Alemanha, convidado pela “Adveniat”, para uma série de palestras e conferências, retornando em 30 de dezembro. Embora fosse decidido seu regresso à América Latina, permanecia ligado ao Secretariado.

Ao retornar das férias de um mês no Canadá, onde ministrou palestras em Inglês na Abadia Nullius e numa comunidade de religiosas em Humboldt, retornou a Roma em 2-8-1973.

No seminário da Boa Nova, em Valadares, perto de Porto, em Portugal, participou na XI Semana de Estudos Missionários. *O assunto está inteiramente no meu campo de interesses: Ecumenismo* - reparou no **Diário 10**, em 8-9-1973. Com 120 participantes, Kloppenburg apresentou no Seminário a conferência “*De Trento ao Vaticano II*”. Ao clero diocesano falou sobre *Problemas pastorais das seitas no atual contexto ecumênico.* Os portugueses também quiseram uma conferência popular de duas horas sobre “*fenômenos psíquicos*”, *com numerosas e bem sucedidas experiências.*

Do convento franciscano de Leiria, peregrinou para o Santuário de Fátima. *Queria ir a este lugar de graças para pedir pelo Instituto e por minha ação nele* - lembrou no **diário 10**, em 16 de setembro. Partiu no dia seguinte para a América Latina.

De 4 a 10-10-1975, participou na Universidade Urbaniana, em Roma, do Congresso Internacional de Missiologia, tendo sido nomeado um dos moderadores, presidindo a assembléia no dia 8.

Encerrando-se as reuniões da Comissão Teológica Internacional em Roma, Frei Boaventura seguiu para a Alemanha, em 7-12-1977, onde constatou que *os teólogos estão atualmente de briga. Tudo começou no dia 22 de novembro, quando um grupo de professores publicou um “Memorandum westdeutscher Theologen zur Kampagne gegen die Theologie der Befreiung”, denunciando o grupo “Igreja e Libertação” contrários à Teologia da Libertação. A discussão iniciou quando ia começar a campanha em favor da coleta da ajuda alemã “Adveniat”. Concedeu uma entrevista gravada à KNA - Katholische Nachrichten Agentur, em Bonn, em 13-12-1977. E falamos durante mais de uma hora. Não sei o que farão com tudo isso. Mas não gosto deste tipo de entrevista, porque depois fazem o que bem entendem* - observou no **Diário 13**, no dia 14.

Na Universidade de Münster integrou um “Pedium”, um painel organizado por um grupo de “Cristãos para o Socialismo”... *Foi uma verdadeira comédia O salão estava superlotado. Eram estudantes, a maior parte da Faculdade de Teologia. Gritavam e aplaudiam os da esquerda e vaiavam os da direita. Prevalcia a emoção sobre a razão. Nunca vi uma cena mais sem amor e caridade cristã. Os professores se acusavam mutuamente sem caridade, sem consideração e também sem verdade. Tudo sob a influência de aplausos e vaias. Gritos, gargalhadas, assobios eram os argumentos principais. Foi para mim um verdadeiro escândalo. A intervenção de Kloppenburg também atraiu aplausos de alguns e vaias de muitos* - observou no **Diário 13**, em 14-12-1977. Na longa entrevista publicada no diário **Oldenburgische Volkszeitung**, de 19-12-1977, p. 12, Frei Boaventura voltou a esclarecer a diferença entre a Teologia da Libertação e a Ideologia da Libertação, o que tanto repercute na América Latina.

Em 1978 regressou à Europa, ou mais precisamente para Bélgica. Em Leuven, na casa dos jesuítas de Heverlee, de 3 a 7 de setembro, participou de um encontro “Pro Mundi Vita”, com 63 membros representantes de vários países do mundo, para debater sobre os direitos humanos. Os participantes se dividiram em quatro grupos, com uma plenária para as conclusões finais. *Gastamos a manhã para discutir 6 recomendações, pelas quais não daria 30 dólares. As outras conclusões das 4 seções não foram discutidas e algumas são discutíveis. Em resumo: muito dinheiro botado fora; e dinheiro da “Adveniat”. Gente das Filipinas, da Índia, da África, da América do Sul, todos eles com passagem paga só para esta reuniãozinha...* - criticou no **Diário 13**, em 7- de setembro.

A seguir, passando por Colônia, viajou para Bochum, onde se hospedou no convento dos franciscanos. Depois de ver a Exposição de Arqueologia do Egito, visitou a nova Universidade de Bochum, com uma biblioteca de 923.000 volumes e 4.412 revistas. *Mas a nossa revista não está lá...* - observou no **Diário 13**, no dia seguinte.

Dois dias depois, fez *uma peregrinação ao santuário de Nossa Senhora em Kevelaer*, perto da fronteira com a Holanda. Em Essen, na sede da “Adveniat”, analisou vários projetos destinados à América Latina, sendo-lhe solicitado pareceres.

Em 13 de setembro, prosseguiu a viagem para Freiburg, para tomar parte do 85º “Katholikentag” - um tradicional Congresso Católico Alemão, - *que começa hoje e vai durar até domingo. Há 45.000 participantes inscritos* - anotou no **Diário 13**.

No dia 14, como orador principal, Kloppenburg falou por 30 minutos participando de um painel sobre a América Latina. Além de outros, estava também presente Dom Ivo Lorscheiter, Bispo de Santa Maria. O 3.000 lugares do Teatro estava ocupados, *sobretudo jovens em surpreendente quantidade.*

Com Prof. Hühnermann, na manhã de sábado do dia 16, tomou parte de um encontro do Centro Internacional sobre o Diaconado. Pela tarde assistiu a um programa organizado pela Misereor e outras organizações congêneres da França e Suíça, sendo descrita a “Campanha da Fraternidade” por Dom Lorscheiter. Aguardando a reunião da Comissão Teológica Internacional, permaneceu o restante do mês de setembro em férias, com seus parentes na região sul de Oldenburg.

Em 1979, antes de iniciar as semanas universitárias de Salzburg, na Áustria, Frei Boaventura aceitou um convite de passar alguns dias de férias na Espanha, ou mais precisamente, em Castellar de la Frontera, nas montanhas do Gibraltar, na casa de veraneio de Miguel Vermehren, do Canal 2 da TV Alemã. Conheceu-o há 11 anos no Rio de Janeiro. Sendo *uma região bastante abandonada, sem população, ao menos para a Europa*, Frei Boaventura apreciou o lugar apropriado para descanso, *no cimo da montanha, com piscina e tudo. O ar fresco. Para férias, é uma beleza. Aqui mesmo, na casa, organizamos a santa missa diária* - descreveu no **Diário 14**, em 16 de julho. - *Vivo num ambiente de condes e príncipes* - confidenciou, dois dias depois. - *Esta noite estiveram aqui o Conde Manfred Dubsy e senhora, o Conde Dietrich Beissel e senhora e o Príncipe Klary. No dia 24, visitou o Conde Xystus Plettenberg. É da Westfália e bom católico. Aliás todos são católicos. E católicos conservadores do tipo reacionário, com*

*simpatias por Mons. Lefebvre. O Conde Plettenberg tem a idéia fixa - diria quase como um paranóico - que o mundo é governado por um grupo de judeus e maçons. Ele crê na autenticidade dos **Protocolos de Sábios de Sião**. Mais ou menos como no Brasil, em seu tempo, Gustavo Barroso. Defendem a “teoria da conspiração”, para explicar os acontecimentos.*

Passado quase um decênio, como bispo de Novo Hamburgo, retornou a visitar Miguel Vermehren, seu velho amigo desde 1968, quando fazia reportagens de TV sobre o Espiritismo no Brasil. Dom Boaventura alimentava a esperança de obter a sua conversão, já que sua esposa e seus dois irmãos eram católicos. Com 73 anos de idade, vivia Miguel numa tremenda indecisão religiosa - reparou no **Diário 15**, em 9-10-1988. - *Liberal e céptico por educação e natureza, é um notável intelectual alemão e muito conhecido na Alemanha por sua freqüente presença na televisão, como excelente comentador da situação política internacional. Estou rezando para que se decida nestes dias a dar o passo definitivo para a Igreja católica.* O passo foi dado dois dias depois, através da profissão da fé, dos sacramentos da Penitência, Confirmação e Comunhão e da indulgência plenária, sendo padrinho do ato solene o casal Isabella e Christoph Thienen, com missa celebrada em honra de Nossa Senhora, com renovação da bênção nupcial, a fim de que também para ele fosse o matrimônio um sacramento. Poucos anos depois, Miguel faleceu.

Para as semanas universitárias na Áustria, quatro dias depois, em 28 7-1979, hospedou-se no Convento dos Franciscanos, em Salzburg, onde, dois dias depois, tomou parte ativa nas “*Salzburger Hochschulwochen*”. *Bastante gente. À tarde comecei o meu “seminário” sobre os sincretismos na América Latina, com três dias de duração, seguindo-se dias de painéis, preleções e conferências, sempre com a participação de renomados teólogos, para retornar a Medellín em 7 de agosto.*

Com o término da reunião anual da Comissão Teológica Internacional em Roma, em 27-10-1979, esticou a viagem para Oldenburg, a fim de descansar por oito dias junto aos seus parentes. Na igreja de Molbergen, sua terra natal, cantou a missa solene na Festa de Todos os Santos. A comunidade fez-lhe uma festa pelo seu 60º aniversário. Uma entrevista de página inteira sobre a “Igreja na América Latina”, destacando o Documento de Puebla, foi publicada, no **Kirchenzeitung für Oldenburg**, edição de 11 de novembro, página 12.

Num Jumbo-jet da Avianca foi para Madrid em 21-11-1980, hospedando-se na “Mutual del Clero”, *uma casa enorme com muita gente, onde estou abandonado... Seus habitantes são velhos, doentes ou passageiros* - conta em seu **Diário 14**. Enquanto aguardava ministrar suas aulas na Escola Superior de Formación Misionera, da Comissão Episcopal de Missões, Kloppenburg deu asas a um de seus lazeres preferidos: ler livros. Para se distrair, passou o domingo em casa lendo um livro de Agatha Christie: **Muerte en la Vicarín** - segundo memórias de 23 de novembro. No dia seguinte, iniciou as aulas para *50 sacerdotes, religiosos, religiosas e alguns leigos, que se preparam para ir à América Latina. Falei três horas sobre a Evangelização na América Latina.*

Antes de concluir seu curso, foi apreciar o monumento de Franco, inaugurado em 1959, no Valle de los Caidos, onde jazem os restos mortais do famoso ditador. *Depois fomos a El Escorial, outro monumento, bem diferente, do tempo do Rei Filipe II, fins do século XVI* - como consta no **Diário 14**, no dia 28. - *À tarde terminei minhas exposições aos missionários. E com isso acaba a missão na Espanha. Amanhã irei à Itália.*

No dia 29, estava em Verona, hospedando-se no Seminário em S. Máximo, fora da histórica cidade. Sobre o Documento de Puebla falou a um grupo de *48 italianos que se preparam para ir à América Latina*, em língua italiana, por quatro horas, na manhã de 1º de dezembro, concluindo o curso no dia 4. Após 10 dias de férias com seus parentes em Oldenburg, regressou a Medellín.

Findado mais um Curso sobre Puebla a um grupo de bispos do Cone Sul, retornou a Salzburg, onde se hospedou no Convento Franciscano, *faltando poucos minutos para as sete da noite e já tudo preparado para uma solene santa Missa de Corpus Christi. Ainda pude paramentar-me para acompanhar tudo. E assim recebi cinco vezes a bênção com o Santíssimo. Havia tempo que não a recebia...* - lembrou no **Diário 14**, em 24-6-1981. Aproveitou cinco dias para recuperação de sua saúde, sob orientação médica, na Baviera, em Prien am Chimsee, o maior lago alemão. Os médicos *descobriram: hepatite e inflamação no estômago, mais dilatação do coração* - resumiu no cartão postal de 1-7-1981, à Irmã Régis. Participou como conferencista no encontro sobre as *Novas Religiões, organizado pelas obras missionárias pontificias da Áustria. Eu terei que falar das novas religiões na América Latina* - como está no **Diário 14**, em 29 de junho. Em 2 de julho, chegou a sua vez de falar sobre *os não-católicos na América Latina*. O evento se deu no Bildungshaus. O retorno para o próximo compromisso foi pela Groenlândia, Canadá e USA, para ministrar cursos no México.

Concluídas as reuniões da Comissão Teológica Internacional, em Roma, Kloppenburg esticou a viagem até a Alemanha, de 8 a 15-10-1981, para realizar exames médicos em Vechta e recuperar energias. Nesta cidade ministrou uma conferência aos professores de religião da Liebfrauenschule sobre a Igreja Popular na América Latina.

Convidado pelo reitor do Urbaniano, em 1-10-1981, *para participar num Congresso Internacional sobre o Espírito Santo, a pedido do Papa, a ser realizado aqui em Roma de 22 a 26-3-1982. Pede-me apresentar um texto sobre o Espírito Santo como promotor da animação missionária e, ao mesmo tempo, moderar o grupo do Congresso que vai tratar da questão. Ainda não sei quando terei que pregar o retiro aos Bispos da América Central (será em março de 1982). Se não coincidir, estou disposto a aceitar o pedido* - conforme o **Diário 14**.

Efetivamente, em 20-3-1982 estive novamente em Roma, para o Congresso Internacional de Pneumatologia. Na Cúria Geral da OFM não encontrou os superiores, mas visitou Frei Desidério Kalverkamp, bem como o Antonianum.

Presidido pelo Cardeal Ratzinger, no referido Congresso diversas conferências foram de grande importância: o Conceito do Espírito Santo em Maria Santíssima, O Espírito Santo na Tradição Oriental, na Tradição Ocidental; na Liturgia, na Espiritualidade Cristã; Pneumatologia Bíblica; no Novo Testamento; Jesus e o Espírito Santo; na vida do cristão segundo São Paulo; na experiência da Igreja e na reflexão teológica; no Vaticano II. *Entre os seis grupos de estudo, tive também o meu, de n. 4, sobre o Espírito Santo; como promotor da evangelização missionária. Pouca gente se interessou por meu grupo* - observou no **Diário 15**, em 25 de março. - *À tarde ouvimos a exposição de Jürgen Moltmann (calvinista), sobre a pneumatologia trinitária (quis convencer-nos que o Espírito Santo é a Mãe na Santíssima Trindade) e de W. Lazareth, luterano e atual diretor da Comissão Fé e Constituição. No dia seguinte, após duas conferências e o discurso do papa, terminou o Congresso, retornando Kloppenburg para Medellín.*

Depois de sua ordenação episcopal e posse como bispo auxiliar de Salvador da Bahia, a primeira visita à sua terra natal foi quando terminou em Roma sua participação na Comissão Teológica Internacional, em 9-10-1982. A notícia desta visita já tinha sido dada amplamente dois meses antes pelo jornal **Kirche und Leben**, de Vechta, edição de 8 de agosto, onde o padre Karl-Heinz Tabeling traçou seus dados biográficos, destacando sua luta pela ortodoxia na fé. O diário de Vechta **Oldenburgische Volkszeitung**, edição de 15 de setembro, divulgou amplos dados biográficos, a programação da missa pontifical em Oythe, e duas fotos da ordenação episcopal em Rolante.

Os 13 dias de visita na região sul de Oldenburg também foram registrados por jornais da região, com destaque e ilustrações. Após a missa pontifical no domingo de 10 de outubro, em Molbergen, onde Dom Boaventura nasceu, foi homenageado pela comunidade, saudado pelo prefeito Hermann Diekmann, com apresentações artísticas do Molbergen Musikverein e do Bläsergrupp Molbergen, como registrou a edição do dia 11, do jornal **Oldenburger Münsterland** e a edição do dia 12, do **Oldenburgische Volkszeitung**. Este também noticiou, na edição do dia 18, a missa solene em Oythe, lembrando o centenário do nascimento de seu pai.

O roteiro de visitas em Oldenburg detalhou no **Diário 15**, especialmente aos bispos de Essen e de Münster, bem como na carta de 25-10-1982, endereçada à Irmã Régis. Conta que celebrou solene missa pontifical *na igreja de Molbergen, na mesma na qual fui batizado. Fiz questão de celebrar lá minha primeira missa pontifical. Acho simbólico. A igreja estava cheia. Foi uma verdadeira festa. Tudo bem planejado e executado com muito amor pelo vigário de Molbergen. Deram-me como presente um anel muito grande e tão pesado que o meu pobre dedinho fica todo curvado sob o peso do ouro e dos brilhantes... No dia 16, sábado, tivemos outro pontifical, em Oythe, à tarde. Também muita gente e muita festa. No dia seguinte, domingo, ainda em Oythe, à tarde, nova missa pontifical, só com os parentes. Havia 224 parentes. Outra festa. Viram o filme da ordenação em Rolante, feito pelo Dr. Paulo Timmen. Além disso, estive em outros lugares, em Münster, em Essen, etc. Ser bispo é coisa diferente! "Herr Bischof, bitte!"*

Para as diversas frentes de trabalho pastoral, de pesquisas e estudos recebeu de diversas entidades e parentes generosas contribuições, totalizando DM 36.760, retornando a Salvador da Bahia em 23-10-1982.

De Salvador, via Amsterdam-Düsseldorf, Dom Boaventura estive novamente na Alemanha, de 5 a 9-5-1983. Hospedou-se no Hospital Maria Hilf, em Mönchengladbach, sede do simpósio sobre "Soziale Verantwortung in der Dritten Welt" - responsabilidade social no Terceiro Mundo. *Quiseram que eu estivesse aqui, não sei para quê. É coisa do Bispo Hengsbach de Essen. Virá também o Cardeal López Trujillo e outra gente. Mas eu continuo ainda bastante gripado e resfriado. Falei esta noite com o Cardeal López Trujillo. Logo me foi profetizando que eu iria trabalhar em Roma. Mas não revelou em que*

Dicastério. *Não me anima muito este pensamento. Mas ele é bem informado. Devem ser boatos por lá - reparou no **Diário 15**, em 5 de maio. No domingo do dia 8, celebrou um pontifical solene na igreja matriz de Visbek, retornando a Salvador no dia seguinte.*

No seu 64º aniversário, Dom Boaventura viajou para Roma, hospedando-se no apartamento cedido ao Cardeal Dom Aloísio Lorscheider, no Colégio Pio Brasileiro. Para uma centena de bispos, dos quais 28 do Brasil, foi ministrado um curso intensivo na Gregoriana sobre o Direito Canônico, ministrado por professores jesuítas, de 3 a 22-11-1983. *Valeu a pena - reconheceu no **Diário 15**, ao findar o curso. - Foi uma verdadeira e excelente introdução geral em todo o Códice. Um total de 58 aulas de 1,15 horas. Equivale a umas 80 aulas de 50 minutos. Nunca no Brasil teria isso. Foi uma graça especial. Pois o novo Direito Canônico entra agora muito na vida e na atividade de um Bispo. Com esta introdução a gente sabe o que há, onde buscar, como se orientar e o que fazer, sem fazer demasiados erros e besteiras. Deo gratias!*

No dia imediato, ficou uma semana na Alemanha. No dia 24, fez uma conferência em Vechta sobre “*A situação social no Brasil e a influência política da Igreja*”. Sua repercussão pela imprensa se viu no **Oldenburgische Volkszeitung**, de 26-11-1983, p.9, onde consta ter Dom Boaventura feito uma análise sobre o Brasil após a Revolução de 1964. A repressão militar só não conseguiu calar os bispos. A única oposição possível e voz que se ouvia era a Igreja Católica. A missão foi bem cumprida. Com o retorno da democracia, deve a Igreja retirar-se da oposição e da política.

No domingo do dia 27, em Oythe, crismou 46 crianças. Em Bonn manteve contato direto com Dr. Hermann Görgen, presidente do Centro América Latina e da Sociedade Teuto-Brasileira, que edita os **Cadernos Teuto-Brasileiros** e o **Caderno Tema Atual**.

No ano seguinte, depois da plenária anual da Comissão Teológica Internacional em Roma, Dom Boaventura passou seis dias na Alemanha. O Cardeal Avelar Brandão havia pedido ao seu bispo auxiliar para que tentasse obter recursos na ordem de 350.000 dólares para comprar a Rádio Excelsior. Para isso esteve em Essen em 10-10-1984, em contato com a Adveniat, que não costuma financiar compras deste tipo. Conforme observou no **Diário 15**, no dia seguinte, só então soube que antes de se encaminhar um projeto, *este deve ser submetido à apreciação da “Catholic Media Council”, para então fazer os pedidos à Adveniat, à Miserior, à Missio e à Kirche im Not.*

Católico, evangélico, luterano ou de outras crenças cristãs, todo cidadão alemão paga um imposto para a manutenção das igrejas. Contribui ainda com o “dízimo” e campanhas de fraternidade para obras sociais espalhadas pelo mundo, como as mencionadas Adveniat, Miserior, Missio, Kirche im Not e outras. Diretores de entidades religiosas, assistenciais, educativas e até esportivas perambulavam pelas cidades alemãs pedindo dinheiro para suas construções, veículos, equipamentos e manutenção de suas entidades. Também bispos pregavam nas igrejas e davam entrevistas aos meios de comunicação, divulgando nos ambientes universitários excessos e erros da teologia da libertação.

Para aclarar dúvidas, o Instituto da Economia Alemã e a Fundação Alemã para o Desenvolvimento Internacional convidaram também Dom Boaventura a participar de um “Fórum” sobre a Igreja e a Economia. Na carta de 21-11-1984 informou à Irmã Régis estar preparando *os temas para a Alemanha. Convidaram-me por parte do “Institut der Deutschen Wirtschaft”. Terei que falar em Köln sobre “Zusammenarbeit von Kirche und Wirtschaft zum Wohl der Entwicklungsländer”. “Entwicklung” quer dizer “desenvolvimento” e os liberacionistas nada querem saber de “desenvolvimento”. Em Bonn terei que pronunciar três conferências sobre as condenadas teologias da libertação.*

Efetivamente, retornou à Alemanha para tomar parte ativa de um “simpósio” sobre “Igreja e Economia”, de 12 a 17-12-1984, promovido pelo Institut de Deutschen Wirtschaft - IW e pela Deutsche Stiftung für internationale Entwicklung - DSE, em Köln. Encontrou-se no mesmo evento com Dom Sinésio Bohn, bispo de Novo Hamburgo, o Pe. Paulo Link, encarregado da Kolping no Brasil e Dr. Wolfgang Sauer, presidente da Volkswagen do Brasil. *Participam umas 180 pessoas - observou no **Diário 15**, em 13 de dezembro. - Gente qualificada, de todo o mundo. É a primeira vez que se ensaia um encontro deste tipo entre representantes da Igreja e da Economia (mais concretamente: economia de mercado ou capitalismo). Passamos o dia inteiro no Instituto, com reuniões também depois do jantar. Fiz também uma intervenção no sentido de precisar que tipo de mercado não deve ser procurado nem no Evangelho nem na Teologia. Havia também representantes da Igreja Evangélica. É impressionante constatar que altos e conhecidos representantes do mundo da economia de mercado (“capitalista”) mostram também notável sensibilidade social. A Igreja não está sozinha nesta sensibilidade.*

No dia seguinte, expôs suas preocupações com relação à subnutrição das crianças e seus perniciosos efeitos sobre o cérebro. Como consta em suas memórias, insistiu também *na realidade de situação de*

dependência econômica e, por isso, na necessidade de uma boa teologia da libertação, mas sem o fatal recurso à análise marxista e sem a aceitação da “teoria da dependência” como única explicação da pobreza e da miséria.

À noite, antecipando-se e esvaziando as argumentações de liberacionistas presentes, advogou a necessidade, para a Igreja, de uma teologia da libertação, denunciando apenas os desvios e seus perigos indicados pela **Instrução** da Santa Sé. Defendeu também as comunidades eclesiais de base, apontando o perigo de sua politização e ideologização.

Em Düsseldorf, no domingo do dia 16 de dezembro, participou de outro simpósio sobre Igreja e Economia, sob o patrocínio dos Cavalheiros do Santo Sepulcro. Em outubro anterior, dois bispos brasileiros tinham estado na cidade, participando de um encontro semelhante, manifestando-se ambos *declaradamente anticapitalistas*. *Deixaram penosa impressão, inclusive de serem extremamente ingênuos. O grupo fez questão de ter um encontro comigo. Veio bastante gente, entre eles o Presidente do Banco Alemão, Dr. Christians e outros, do mais alto nível “capitalista” alemão* - anotou então no **Diário 15**.

Com o título ***Befreiungstheologia hat keine Wurzeln im Volk*** o jornal **Die Welt**, de 18-12-1984, publicou uma reportagem onde Dom Boaventura afirma que a teologia da libertação não tem raízes no povo, comparando-a com o Partido Comunista que teve poucos representantes nas eleições, com 6% na Colômbia, por exemplo. O mesmo jornal, na edição de 30-1-1985, com o título ***Generation der moderaten Männer***, noticiou que a Igreja no Brasil se volta para a linha do centro. Com 130 milhões de habitantes no Brasil, dos seis cardeais há dois, Paulo Evaristo Arns e Aloísio Lorscheider, que apoiam o franciscano Leonardo Boff. Aponta o jornal ser Dom Boaventura o mais atilado combatente da linha marxista na teologia da libertação.

Consoante a carta de 2-9-1985 à Irmã Régis, voltou para a Alemanha, em Bonn para *presidir um “seminário” sobre o Brasil. O evento é organizado pelo governo alemão, que também me paga a viagem*. Via Lisboa, chegou em Bonn, em 24 de outubro, hospedando-se no Albertinum, seminário maior da Arquidiocese de Colônia. No edifício Inter Naciones, tomou parte da programação para o Jubileu de Prata da Amizade Brasil-Alemanha, como assinalou no **Diário 15**: *Encontrei gente ilustre do Brasil, como Dr. Paulo Brossard (de Bagé, Consultor Geral da República), o Senador Lomanto (da Bahia), Ministro Alberto Hoffmann, o Senador Aloísio Chaves, o Senador Severo Gomes e o amigo Prof. Gladstone Chaves de Mello. O programa é rico em apresentação de temas. Tratando-se dos problemas de religião no Brasil, apresentou seu tema sobre “católicos afro-espíritas no Brasil”* - anotou no **Diário 15**, em 28-10-1985, retornando ao Brasil em 4 de novembro.

Apenas 15 dias depois, retornou a Roma, *convocado para participar num encontro sobre Igreja e Economia. Eles sabem que eu sou contra a Economia planejada (socialista) e a favor da Economia social de mercado (uma forma de capitalismo)*, anunciou à sua Irmã Régis, na carta de 15 de outubro. Com a viagem e estadia pagas pelo Institut der Deutschen Wirtschaft - Instituto Alemão de Economia - hospedou-se perto do Vaticano, num dos “Jolly Hotels”, chamado “Leonardo da Vinci”, onde há uma capela para celebrações de missas com outros participantes.

O simpósio ocorreu na Aula Magna da Urbaniana. Na Igreja do Espírito Santo houve um culto ecumênico de abertura, com a participação de diversos cardeais, bispos e representantes de várias nações e línguas. Tomou parte no fórum *sobre problemas da ética e economia*, no dia 22 e *sobre o problema do protecionismo das economias* - como está no **Diário 15**, em 23-11-1985, regressando a Salvador dois dias depois.

Sua primeira visita à Alemanha, como bispo de Novo Hamburgo, foi de 4 a 10-10-1986. Hospedou-se em Vechta na casa de Dr. Bernhard Brockmann, casado com Hedwig Westerkamp, seu parente. De lá visitou os bispos de Essen-Ruhr e Münster para obter recursos para a compra de um imóvel, destinado ao seminário diocesano de Novo Hamburgo, que abrigue em torno de 80 seminaristas. Para a mesma finalidade, recebeu valiosas contribuições de comunidades, parentes e amigos. *Voltando de Vechta, fui surpreendido com a agradável notícia que o primo de Rechterfeld me concedeu cem mil marcos* - como se lê no **Diário 15**, no dia 9. **Kirchenzeitung für Oldenburg**, de 19-10-1986, p. 12, em reportagem de cinco colunas e duas fotos, documentou sua passagem em várias cidades alemãs. Voltou a Novo Hamburgo conseguindo arrecadar em torno de 1.500 salários mínimos em donativos.

Pretendia tomar parte da Comissão Teológica Internacional, em 21-11-1987, mas a greve do pessoal do aeroporto de Roma obrigou o avião seguir viagem para Frankfurt. Em contato com organizações de auxílios eclesiais em Aachen e Königstein, soube que o Pöpstliche Missionswerk depende de Roma. Em Bonn encontrou-se com o amigo Hermann Görden, com esperança de um auxílio financeiro para a construção de seminário, desde que o educandário oferecesse cursos de caráter profissionalizante. *Mas*

aceito sua proposta de criar “cursos profissionalizantes Padre Amstadt” e que poderiam ser ajudados pelo “Lateinamerika-Zentrum”, dirigido por ele - reparou no **Diário 15**, em 27-11-1987.

No ano seguinte, participou da XIX Reunião Inter-americana de Bispos, em Montreal, no Canadá. Reviu os parentes em Humboldt e Saskatoon, e chegou em Montreal em 30-5-1988. O encontro de três dias ocorreu no Le Centre 7400 da Boulevard Saint-Laurent. Entre os 25 bispos presentes, estavam Dom Luciano Mendes de Almeida e Dom Boaventura, os únicos brasileiros. Traduzido para o inglês e espanhol, no tema “sobre o magistério autêntico na Conferência Episcopal” o bispo de Novo Hamburgo nega às Conferências Episcopais a competência de exercer o magistério autêntico.

Com a viagem patrocinada pela Fundação Adenauer, com várias outras pessoas, Kloppenburg retornou à Alemanha para tomar parte no colóquio Brasil-Alemanha, de 8 a 10-5-1989. Hospedados no Schlosshotel Regina em Hennef, na cidade St. Augustin, perto de Bonn, os membros integrantes do simpósio debateram o tema geral da nova Constituição do Brasil. Pela manhã, falaram o senador Roberto Campos e o Prof. Gladstone Chaves de Mello, contestados pelo deputado gaúcho Nelson Jobim. À tarde, discursaram Dr. Alberto Cotrim Neto e deputado Bonifácio de Andrada. À noite Kloppenburg deu a sua contribuição. *Foram dias cheios, até altas da noite. Nem depois do almoço havia algum descanso* - observou no **Diário 15**, em 10-5-1989. Cinco dias de descanso aproveitou entre seus parentes em Vecta, trazendo mais 75.000 dólares para o seminário menor.

Hospedado no Arcebispado de Foggia, na Itália, a 320 km de Roma, participou do *congresso internacional sobre “novas revelações e novas religiões”* - documentou no **Diário 15**, em 26-9-1989. Promovido pela Center for Studies ou New Religions - CESNUR, sob a presidência do Arcebispo de Foggia, Mons. Giuseppe Casale, o seminário tinha caráter científico, com a participação reservada a especialistas, sem visar aspectos pastorais, mas unicamente estudar objetivamente o fenômeno religioso novo.

O seminário havia versado sobre o Espiritismo, visto como “channeling” (do inglês “channel”: canal) entendendo-se por este vocábulo “o processo de receber informações de um nível de realidade diferente do ordinário nível físico” - explicou no **Diário 15**, no dia seguinte. - *Em vez de “médium” usa-se a palavra “canal” (channel) ou “canalizador” (channeler), capaz de receber informações de um nível superior à realidade física, uma “entidade” não física colocada “no outro lado do fio”. Como no telefone, este processo tem três elementos: o “canal”, a “entidade” e a “mensagem”. Assim entendido, o processo revelador difere do espiritismo, mas o inclui. Assim o próprio Jesus teria sido um “canal” enviado à terra para transmitir as mensagens do Pai...* O CESNUR não faz a crítica dos novos fenômenos religiosos, não lhes interessando o conteúdo e a verdade. Apenas o fenômeno.

Na catedral de Foggia há um altar que expõe um vestido de Nossa Senhora, onde Dom Boaventura celebrou a missa no dia seguinte, e, no dia 29, rezou a missa no famoso santuário do Monte Sant’ Angelo, festa de São Miguel Arcanjo, o padroeiro máximo, e que lá apareceu há mais de 1500 anos.

De 8 a 12-7-1991 esteve participando do II Simpósio Teuto-Brasileiro, promovido pela Konrad Adenauer Stiftung, em St. Augustin, perto de Bonn. O convite tinha sido feito pessoalmente em 17 de maio, quando Prof. Hermann Görger, com mais três pessoas, estiveram em Novo Hamburgo, para apresentar um estudo sobre a importância dos movimentos religiosos livres no Brasil, seguindo-se longos debates. Estiveram também presentes outros convidados, como o ministro das Relações Exteriores do Brasil, Francisco Rezek, Roberto Campos, Ives Gandra Martins, Roberto Cavalcanti de Albuquerque, Alberto Cotrim Neto, David Fleischer, Artur Rios, o embaixador José Oswaldo de Meira Penna e outros. Em Vechta presidiu as cerimônias de missa de Requiem e sepultamento de seu primo Franz Westerkamp, em 16 de julho, regressando quatro dias depois.

No Colóquio Internacional sobre o Desafio da Magia (espiritismo, ocultismo, satanismo) na Sociedade de Hoje, em Lyon, na França, com três dias de duração, Dom Boaventura apresentou sua comunicação sobre “o pacto com o diabo na magia evocativa” - escreveu no **Diário 18**, em 8-4-1992, no término do evento. - *De modo geral, não valeu a pena. Gastei bastante dinheiro, na viagem e não me pagaram nada.* Teve contato com dois padres da Diocese que estudam na Europa.

Sua viagem para a Alemanha, iniciada em 21-9-1993, teve caráter menos pastoral e mais turístico, pelo que transpareceu em todas as suas memórias, talvez pela primeira vez. Depois de ter passado uma temporada doente, recuperando-se de problemas pulmonares e de bronquite asmática, por dez dias resolveu *acompanhar uma viagem turística pela Polônia* - registrou no **Diário 19**, no dia 24. - *É tudo gente católica da comunidade do Pe. Karl-Heinz. O dia de hoje foi só de ônibus, que saiu às 6 da manhã e chegou às 22 em Cracóvia. Ficamos hospedados num hotel de 3 estrelas (Hotel Orbis).* Dois dias depois, o grupo foi a Chengchow, onde está a famosa imagem de Nossa Senhora Negra, na colina Jasnagora, em cuja capela,

diante da imagem, foi celebrada a missa. Aliás, a celebração foi diária, mesmo no hotel. Em 4 de outubro visitou o convento dos franciscanos em Mühlen, perto de Vechta. *Esperava poder concelebrar lá solenemente a festa de São Francisco. Mas não havia nenhuma festa litúrgica. Ao menos almocei com eles...*

Após a segunda visita *ad limina*, em Roma, acompanhada de sua Irmã Josefina, como enfermeira, passou uns dias de férias com seus parentes na Alemanha, de 19 a 26 de outubro de 1995. Seu regresso foi sem maiores problemas de saúde, mas tomando seriamente os medicamentos prescritos.

Convidado pela organização *Vox Populi Mariae Mediatrici*, a voz do povo de Maria Medianeira, o Bispo Emérito de Novo Hamburgo participou em Roma da III Conferência Anual Internacional de Líderes de *Vox Populi Mariae Mediatrici*, nos dias 29 a 31 de março de 1998. Sua contribuição foi apresentar o tema sobre *A Morte da Imaculada como Co-Redentora*. Busca o movimento obter do papa a definição solene da Mediação Maternal da Virgem Maria como Co-Redentora, Mediadora de Todas as Graças e Advogada.

Segundo notícia divulgada pelo **Novo Milênio**, n.º 161, de 27-7-1998, a *Vox Populi tem recebido o apoio de 500 bispos, 42 cardeais e mais de 4,5 milhões de petições de mais de 157 países*.

Dom Boaventura pensa que essa definição da Santa Sé poderá demorar muito tempo, por razões ecumênicas: *“o medo de Roma é ecumênico. Creio que não devemos ter este medo, pois os protestantes fazem o que bem entendem, dificultando o movimento ecumênico, como a ordenação de mulheres”*. Ao dar este exemplo Dom Kloppenburg prova que a proibição da ordenação sacerdotal de mulheres pela Igreja, desde 28-1-1977, ficou tão compactada no seu íntimo que suas teorias favoráveis à ordenação da mulher, expostas na revista **Medellín** de dezembro de 1975, foram totalmente “deletadas” de seu “arquivo” teológico ou excluídas para a “lixeira”, como se diria na Informática.

A SERVIÇO DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA

A intensa Campanha Nacional de Esclarecimento aos Católicos sobre o Espiritismo executada por Frei Boaventura Kloppenburg, geralmente em fins de semana e períodos de férias, no decênio de 1951-1961, em todo o Brasil, repercutiu na América Latina e em alguns países da própria Europa.

As férias de 1957-1958 aproveitou para conhecer outras correntes do Espiritismo na América Latina. Mantidos contatos pastorais em San Juan, de Porto Rico, em 6-12-1957, em Kingston, Jamaica, no dia seguinte e, a partir do dia 10, em Port-au-Prince, capital do Haiti, iniciava uma atividade pastoral patrocinada pelo *Secretariado Nacional de Defesa da Fé, para estudar um modo concreto como alguns Bispos do Haiti resolveram o problema da Umbanda ou Vodou, misturado com Catolicismo* - registrou no **Diário 1**. Embora, na época, mais de 95% da população fosse negra, mais de 77% católica e 10% protestante, o sincretismo religioso se mostrava muito forte, na forma do voduísmo, culto de origem africana, com invocação dos espíritos, danças votivas e integração pessoal com as forças da natureza.

Quem mais se destacou no esclarecimento aos católicos, combatendo o sincretismo, foi D. Paulo Robert, bispo de Gonaïves. Mesmo que fosse a terceira cidade haitiana, distante 120 km da capital, sentido norte da ilha, não havia então comunicação regular direta, *nem trem, nem ônibus, nem navio, nem avião*, segundo mencionou em suas memórias, seguindo de jeep, na manhã seguinte, ao palácio episcopal. Tomou logo conhecimento de que na diocese entraria em vigor, a partir de 1-1-1958, uma “**Carteira de Católico**”. Muitos padres estavam entusiasmados com o novo sistema de identificação. Frei Boaventura anotou muitos dados estatísticos, recolheu modelos de fichas, mas constatou na Nunciatura que o radicalismo do sistema poderá afastar ainda mais os que ainda têm alguma ligação com a Igreja.

Noutro debate foi trazido à tona uma declaração do Santo Ofício, de 1898, em virtude da qual *basta uma “esperança possível” de educação cristã, para que se possa batizar licitamente uma criança*. Entretanto, a situação mais freqüente parece ser a de pais batizados católicos que freqüentam outra religião e, neste caso, praticamente, *oferecem certeza provável de fornecer ao filho uma educação não cristã*. Há ainda a melhor forma de solucionar a questão: *agir positivamente sobre a grande massa de indiferentes por meio de escolas paroquiais, catequistas, etc. para assim reconduzir estas almas desviadas ao redil de Cristo*.

No Brasil nosso mal religioso é a ignorância religiosa. O grande remédio a ser aplicado deverá, portanto, ser a instrução religiosa - concluiu no **Diário 1**, em 29-12-1957.

Passado um decênio, numa de suas primeiras viagens pastorais para Bogotá, submeteu-se a uma cirurgia na vista, em 21-1-1968, retornando quatro meses para uma revisão. Sempre teve problemas no olho esquerdo. No mesmo ano, esteve também em algumas cidades na América Latina, como Buenos Aires e, novamente em Bogotá, em 27 de abril e 26 de junho.

Nesse meio tempo, recebeu a triste notícia do falecimento de seu pai, ocorrido em 23 de maio. Logo depois foi visitar sua mãe, em Rolante. *Em Porto Alegre, no aeroporto, estava-me esperando Dom Vicente Scherer para dar as condolências* - escreveu à Irmã Régis, em 3 de junho. No dia anterior, deveria estar integrado numa reunião de bispos em Bogotá, o que somente conseguiu vinte dias depois.

Em agosto e setembro, esteve atuante num capítulo dos Superiores Maiores Franciscanos da América Latina, em Medellín.

No mesmo período, tomou parte de forma intensa na II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín, como perito da CNBB, na longa preparação e na execução desta leitura latino-americana dos documentos do Vaticano II.

Além disso, ministrou 35 aulas no Instituto de Pastoral Latino-Americano em Quito. Considerou todo esse trabalho *bastante bom e profícuo e me satisfez plenamente* - escreveu à Irmã Régis, em 25 de setembro.

PEREGRINAÇÕES POR SUA “PARÓQUIA”

Em janeiro e fevereiro Kloppenburg ministrou palestras em encontros com o clero e episcopado na Argentina, retornando ao Brasil em 7-2-1969. Logo depois, abrindo uma página de glória para a história da Igreja do Rio Grande do Sul, deu-se a elevação ao cardinalato de Dom Vicente Scherer, grande amigo de Frei Boaventura. **Zero Hora**, de 22-5-1969, estampou na capa inteira sua foto, com a manchete única **ESTADO SAÚDA SEU PRÍNCIPE**, remetendo na página 5 e central todas as informações e notícias. Em agosto, deu aulas no Curso Catequético de Manizales, na Colômbia; e, em setembro, no mesmo Instituto de

Pastoral Latino-Americano em Quito, onde concluiu o trabalho no encontro de uma semana com todo o episcopado do Equador.

Pela terceira vez retornou a Bogotá em 1970, em 28 de agosto, para dar 40 aulas, em dez dias, sobre o Cap. I da **Lumen Gentium**, para um grupo de 50 padres franciscanos da América Latina. *É um pouco a minha vida nestes últimos anos depois do Concílio Vaticano II - conta então no **Diário 8**. - Ajudo a meu modo e como posso na renovação da Igreja, começada pelo Concílio. É também uma atividade sacerdotal. E mais adiante: Os tempos mudaram: agora meu burro é o avião a jato, minhas capelas são Bogotá, Manizales, Medellín, Quito..., minha paróquia é a América Latina, meus paroquianos são religiosos, religiosas, padres e bispos; meu catecismo são os Documentos do Vaticano II.*

Em 7 de outubro, retornou de Caracas ao Rio de Janeiro. No dia imediato, escreveu à Irmã Régis que *havia passado cinco semanas por uma excursão apostólica por minha paróquia (que é a América Latina) e estive na Colômbia, na Venezuela, em El Salvador, em Nicarágua e no Panamá. Nestas cinco semanas falei 120 vezes, com a média de uma hora.*

Em vários países latino-americanos encontrou um clima um tanto hostil entre padres e bispos. *Informaram-me também que o Episcopado da Venezuela é tremendamente reacionário - historiou no **Diário 8**, em 14 de setembro. - As grandes resoluções práticas da reunião dos Bispos na semana passada, dizem, foram duas: que as hóstias sejam redondas e que a comunhão deve ser distribuída aos fiéis ajoelhados. Os padres me falam de problemas pastorais gravíssimos e urgentes, para cuja solução não recebem nenhuma orientação prática, citando o caso de numerosas mulheres sinceramente religiosas cujos maridos se opõem ao casamento. Nunca houve reunião de Bispos para ajudar na solução deste problema.*

Em El Salvador sentiu as críticas do clero contra os 7 Bispos do Episcopado, cuja idade média ultrapassava os 60 anos e a dos padres, em 35 anos de idade. *O autoritarismo, aqui, dos Bispos, parece ser absoluto. E a ausência deles, do meio do clero, é das coisas mais clamorosas. Por que não poderia o Bispo estar presente aqui, com seus padres e discutir com eles a problemática atual que estou propondo em minhas conferências?* - lamenta Kloppenburg no seu **Diário 8**, em 22-9-1970.

Quatro dias depois, Frei Boaventura encontrou a Catedral e outras igrejas de Manágua tomadas por estudantes, tocando todos os sinos, liderados por dois padres, protestando contra as arbitrariedades, torturas praticadas pelo governo. O clima estava tenso, nada propício para um retiro espiritual, com a *Igreja local dividida. O Episcopado, como me dizem, é um dos capítulos mais tristes e cômicos. Também aqui encontro os padres em oposição aos Bispos... De um lado, há padres com grupos de católicos "conscientizados", que se opõem ao regime político e as "injustiças institucionalizadas". No meio deles se infiltraram alguns comunistas... De outro lado, os Bispos com o Núncio comprometidos com o regime político, de quem recebem e aceitam favores, deixando-se desta maneira amarrar e sentindo-se obrigados a se opor ao grupo de padres... Parece que entre os dois grupos não há diálogo. Tudo e todos estão metidos demasiadamente com problemas políticos ou sociais. E assim, sofre a ação pastoral propriamente dita. É uma miséria. Nenhum bispo participou do retiro...*

Em 27-2-1971, retornou a Medellín para lecionar no Instituto de Pastoral Litúrgica, do CELAM. Um dia depois, assistindo à missa do I domingo da Quaresma numa igreja antiga, em Lima, comentou no **Diário 8**, a imponente riqueza da igreja em estilo barroco, imprestável e nada funcional para uma missa participativa, *como nos tempos das missas em latim. Não era, evidentemente, uma missa comunitária. Kloppenburg não entendia como, no passado, construindo tais edifícios, foi possível que o Espírito Santo permitisse à sua Igreja semelhante erro na práxis eucarística. Houve mais cuidado na ortodoxia que na ortopraxia. É um belo exemplo para entender que não basta o cuidado teórico da ortodoxia. Uma fé ortodoxa pode expressar-se em formas de heteropraxia. Faltou à Igreja no passado o cuidado pastoral também pela ortopraxia. A história prova a posteriori que na ortopraxia a Igreja não é infalível. Na ortopraxia ela foi capaz de praticar verdadeiras heresias. E isso, muitas vezes, em nome da ortodoxia. As igrejas barrocas são heteropráticas. Não sei se este vocábulo é um palavrão. Mas por serem heteropráticas eu as condenaria hoje.*

Terminada a missa, na qual comunguei, saí e, um pouco adiante, encontrei outra igreja do mesmo tipo. Imponente e riquíssima na arte, pobre e fraquíssima na sua capacidade de levar a gente a participar ativa e comunitariamente na Eucaristia. Como suntuosos monumentos de arte não podemos destruí-las. Mas eu me negaria a "pastorear" nelas. Dependesse de mim, eu as entregaria ao Estado para serem transformadas em museus ou centros turísticos. Ou melhor, as venderia ao Estado e com o dinheiro mandaria construir igrejas novas mais funcionais e ortopráticas.

Pela terceira vez em Medellín, Frei Boaventura ministrou um curso sobre Secularização e, em Manizales, pela sexta vez, no Instituto Catequístico Latino-Americano - ICLA, de 1 a 12-3-1971. Três dias depois, participou como experto no Encontro Episcopal Latino-Americano de Pastoral de Conjunto, no Rio de Janeiro, organizado pelo CELAM, concluindo-se em 20-3-1971, data em que a Comissão Episcopal do Departamento de Pastoral do CELAM se dirigiu a Petrópolis, para acertar o curso para os Bispos, pregado em julho de 1971.

Dedicou 1972 à América Latina, iniciando em Buenos Aires, onde, na manhã de 7 de janeiro, rezou a missa, com duas horas de palestra, no convento das Irmãs Clarissas, enclausuradas no estilo antigo. *É uma verdadeira prisão. E fico admirado que ainda haja vocações* - anotou no **Diário 9**, na mesma data. No dia seguinte, percorreu uma rica e fértil planície, por uns 700 km, até Córdoba, para ministrar o “Curso Franciscano de Actualización” para 30 franciscanos do “Cone-Sul”, retornando em 22-1-1972, para Petrópolis.

Além de participar da II Semana Teológica, Kloppenburg escreveu as primeiras 94 páginas do novo livro **O Ser do Padre**. Em 20-2-1972 iniciou pela oitava vez um curso no Instituto Catequístico Latino-Americano, sob os auspícios do CELAM, em Manizales, participando 64 inscitos. Seu tema geral foi “El Vaticano II y la Iglesia de Hoy”. Sete dias depois, ministrou um curso para um grupo de 40 superiores provinciais da América Latina, em Medellín.

Em 5 de março foi para o Panamá ministrar, por uma semana, o curso “O sacerdócio ministerial cristão” para 4 bispos e 40 padres, com cinco aulas por dia. De 21 de agosto a 2-9-1972 desenvolveu o curso sobre a Teologia dos Ministérios para 30 bispos da América Central, em La Antigua, distante 40 km da Guatemala. Estavam também presentes o Cardeal Tabera, Prefeito para o Culto Divino, o Núncio Apostólico e Mons. Oscar Romero, Arcebispo de El Salvador, assassinado em fevereiro de 1980.

Em 30 de setembro partiu para mais uma excursão apostólica de nove semanas pela América Latina. Iniciou em Lima um curso destinado a 100 Irmãs Dominicanas de todo o Peru, no dia 7 de outubro, aulas em Medellín, no Instituto de Liturgia Pastoral do CELAM e no dia 15 em Manizales, o seu 10º Curso de Atualização.

A fim de dar uma série de conferências no Centro Cultural Americano-Mexicano, foi para San Antonio, no Texas, E. E. A., em 22-10-1972. Constatou que metade da população fala também espanhol. 70% dos que vão à igreja são “chicanos”, isto é, mexicanos nascidos aqui. Observou que no século passado fazia parte do México, proclamada a República do Texas, em 1837. Mas de modo geral, favorecidos pela sua anexação aos Estados Unidos, em 1845, os “chicanos” ergueram seu nível social e econômico mais que os mexicanos. *Os chicanos provam que o latino-americano também pode tecnificar-se sem perder suas boas qualidades humanas. Os chicanos também são, em porcentagem maior, católicos mais praticantes que os mexicanos.*

Não deixou de admirar as ruínas das missões franciscanas de San Antonio, as igrejas de São José, São Francisco da Espada, São João do Capistrano e da Puríssima Conceição. Viu *o trabalho de evangelização e humanização de nossos confrades há 250 anos nestas regiões da América* - reconheceu no **Diário 9**, no dia 28. - *Cada missão era uma verdadeira cidade, bem organizada, com moradias para os índios, com moinho, armazém, padaria, poços, etc. Claro que a igreja era o mais importante, mas não o único. É ridículo dizer que só agora damos atenção ao homem e sua humanização. Basta ver com atenção o que faziam séculos atrás os franciscanos, desde a Califórnia, descendo por toda a América, até à Patagônia.*

A passagem de Frei Boaventura pelo Texas repercutiu também na imprensa, como está noticiado no **Express/News**, edição de 29-10-1972, pg. 19-A. Também participou num programa de TV. Em 4 de novembro, iniciou um terceiro curso sobre a “Pastoral do Maravilhoso Humano”, para 80 religiosas.

No dia seguinte, domingo, assistiu a uma reunião “pentecostal” católica numa sala da Universidade St. Mary, com 30 pessoas, entre padres, religiosas e leigos, considerado *o grupo mais “carismático” desta cidade, onde há numerosos outros grupos pentecostais. O movimento parece alastra-se impressionantemente por toda a nação. A reunião tinha um caráter absolutamente informal e espontâneo. Parece-me ser uma evidente reação contra a oração formal e prescrita. O pêndulo, agora, vai ao extremo oposto. Havia momentos em que o grupo começava a cantar, mas cada um cantava murmurando qualquer coisa, sem harmonia com o resto. Essa “canção” durava um minuto, mais ou menos, mas repetia-se freqüentemente. Outro, então, começava a falar “em línguas”: balbuciava qualquer coisa incompreensível e (ao menos aparentemente) irracional. Outro dizia então algo em inglês (“profecia”) para interpretar o anterior. Outro cantava ou cantarolava sozinho. De repente o grupo entrava outra vez a murmurar*

suavemente, cantando sem harmonia nem palavras, com as mãos estendidas, palmas para cima, ou levantadas. Havia também momentos de silêncio, quando alguns pareciam estáticos, braços erguidos, cabeça levantada, olhos fechados, boca aberta, deixando entrever uma língua que se movia como que para falar. Todos trouxeram a Bíblia, mas pouco fizeram com ela. Apenas um padre, a certo momento, leu um trecho, de repente interrompido pela estranha canção murmuratória. No fim uma religiosa pediu as orações da comunidade para sua nova função de professora. Ajoelhou-se no meio da sala e os outros se levantaram para impor-lhe as mãos e formar cadeia com as mãos e cada um começou a murmurar sua oração como queria, sem ser inteligível. E a religiosa, ajoelhada, parecia feliz e radiante sob o peso de tantos dedos... E assim terminou, pós hora e meia de reunião.

No registro acima, feito em 5-11-1972 no **Diário 9**, fez alusão a reuniões semelhantes descritas por S. Paulo em **1Cor 14, 22-25**, e concluiu: *Admiro a sinceridade, a espontaneidade e a seriedade com que lá estavam para rezar, mas nada me convenceu que se tratava realmente de uma autêntica manifestação do Espírito Santo. O conjunto pareceu-me demasiado irracional e emocional.*

Alguns anos mais tarde, encontrou-se com o movimento alastrado pelo continente latino-americano, ou mais precisamente, no Congresso Carismático Latino-Americano, em La Ceja, Medellín, com 500 sacerdotes e 12 bispos. *É um mundo diferente. A missa durou duas horas. Parecia que tomavam à letra a palavra de Cristo: “Se não fordes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus”. Dançavam e gritavam como um bando de colegiais. O principal parece ser levantar as mãos. Quem mais tempo agüenta, mais Espírito Santo recebe. São felizes e sem problemas. Tinham em mãos uma separata de um artigo do P. José Maria Delgado Varela: “Las Causas de los Fenómenos Carismáticos”, refutando ponto por ponto o meu artigo: “Reflexiones psicológico-teológicas sobre la fenomenología pentecostal” (Medellín 1975, pp. 297-314)). Segundo este artigo sou um ateu, blasfemo e panteísta, sem fé... - anotou no **Diário 13**, em 23-8-1978.*

De 14 a 18-11-1972, pregou um retiro para o clero, em Diriana, na Nicarágua, e de 20 a 24, outro em Ayagualo, a 30 km de San Salvador. Seguindo para Guatemala, dois dias mais tarde, viu *in loco* a enorme falta de sacerdotes, pois há padres que rezam cinco missas aos domingos e duas ou três, em dias de semana. *É um excesso que leva facilmente ao funcionarismo. A devoção se torna quase impossível. Creio que é preciso, e urgentemente, fazer algo para corrigir isso* - observou no **Diário 9**, em 26 de novembro. No término do retiro pregado ao clero, a 30 km de Guatemala-City, de 27 de novembro a 1 de dezembro, regressou ao Rio de Janeiro, tendo nestas 9 semanas falado 210 horas.

REITOR NO INSTITUTO PASTORAL DO CELAM

Quando se encontrava no Setor da América Latina do Secretariado para a União dos Cristãos, no Vaticano, recebeu um telegrama de D. Aloísio Lorscheider, Arcebispo de Fortaleza: *“CELAM desearia usted diretor Instituto único. Llegare Roma sábado conversaremos. Lorscheider.* Anexou o original **Diário 10**, em 27-6-1973, e emendou: *Deste modo resolveria bruscamente o problema de minha permanência em Roma, mesmo antes que eu teria desejado.* Novamente se questionando acerca de suas capacidades, prossegue: *Nem sei se eu serviria para dirigir um Instituto Pastoral Latino-Americano que ainda deve ser organizado. Nunca tive oportunidade de organizar alguma coisa. Sempre entrei em algo já instalado. Nunca fui diretor de nada, excetuada a REB. Mas enfim, tais pensamentos não me devem assustar agora. Alguma vez na vida é necessário experimentar. E já tenho idade para começar.* Afinal, decidiu por aceitar as novas funções e retornar à América Latina.

Em 30 de junho, em Roma, Cardeal Lorscheider e Frei Boaventura tiveram uma longa conversa. Ficou então sabendo que na plenária do CELAM em novembro último, ao ser planejada pela Comissão Episcopal a supressão dos quatro Institutos de Santiago, Quito, Medellín e Manizales, fundindo-os num só Instituto Superior de Pastoral Latino-Americana, foi conjeturado o nome de Kloppenburg para ser seu diretor. A supressão se efetivou na reunião de 19-6-1973, baseando-se em certos abusos e desvios doutrinários. Para que a única unidade latino-americana da formação pastoral fosse conduzida de forma harmônica e equilibrada, dentro das normas da Igreja, os bispos confirmaram a escolha de Frei Boaventura para ser o seu diretor, já que sabiam do seu desejo de sair de Roma.

Aliás, meses depois, em carta de 18-3-1974, o Cardeal Lorscheider detalhou os motivos por que o queriam como diretor: *Você não sabe quanta alegria nos deu ao aceitar a direção do Instituto de Medellín. Desde o início foi o pensamento tê-lo à frente do Instituto. Como havia muita desconfiança por toda a parte, precisava-se de uma pessoa em quem todos confiassem. E esta pessoa era você. Quero dizer-lhe isto agora, para que se possa situar bem e ter a convicção de que você goza de muita estima junto ao CELAM.*

Manifestações semelhantes de muitos outros bispos latino-americanos foram constantes em todos os anos que se seguiram na direção do Instituto.

Entretanto, alguns compromissos seguram Kloppenburg em Roma. Além de ser uma oportunidade para deixar a Cúria Romana e retornar à América Latina, estava inclinado para aceitar o convite, embora tivesse receio pela responsabilidade que estava assumindo. *Estou decidido agora a aceitar o novo cargo, que certamente será mais difícil e trabalhoso que o de agora. Mas acho que estou preparado para isso. A América Latina já tinha sido a minha “paróquia”* - escreveu ele à Irmã Régis, em 1-8-1973.



O Papa Paulo VI desejou-lhe feliz êxito como Reitor do Instituto em Medellín, em 15-11-1973.

Embora Mons. Trujillo fosse encarregado da organização institucional e Frei Boaventura permanecesse oficialmente ligado à Cúria Romana até meados de janeiro de 1974, já estava assumindo a direção da montagem do curso, do setor administrativo, da formação do corpo docente e demais providências necessárias.

Sem o caráter de pura mentalização, mas de “alto nível”, em regime de externato, o curso no novo Instituto teria que ter um ano letivo de duração, de março a novembro, sem férias, dos quais 6 meses de Pastoral Fundamental e 3 meses de Pastoral Especializada: Catequese, Liturgia, Social e Meios de Comunicação. Para a sua inscrição, o candidato deveria já ter curso superior, cinco anos de experiência pastoral na América Latina e maturidade afetiva, espiritual e vocacional. Na sede do curso, deveria haver um grupo estável de professores especializados, com capacidade de pesquisas e estudos. A função de Frei Boaventura como diretor era mais de coordenador, de vigiar sobre a ortodoxia e a ordem, ficando a parte financeira com outro diretor.

Estando em Humboldt, no Canadá, para aprender melhor o inglês junto aos seus primos, em 22-7-1973 recebeu uma carta de Dom Alfonso Lopez Trujillo, Secretário Geral do CELAM, detalhando mais alguns dados sobre o Instituto de Pastoral Latino-Americano de Medellín. Ficou feliz e francamente otimista por ter Kloppenburg aceito o cargo de diretor, já que todos os bispos nele confiavam amplamente e conheciam *“sus capacidades de teólogo, su firmeza, su seriedad, y especialmente su gran amor a la Iglesia. El nuevo Instituto que miramos com tanto entusiasmo, se enriquecerá notablemente com su dirección certera y generosa”*.

A seguir, no mesmo **Diário 10** e dia, preocupou-se com sua falta de experiência como diretor, pois *tenho a impressão de ter tendências autoritárias, apesar de ter reagido sempre contra todas as formas de autoritarismo, mas só em teoria. Chegou a elaborar uma nova fórmula de direção que deve ser encontrada nos princípios da dinâmica de grupos. E mais. Penso que os princípios da colegialidade, da democracia, da corresponsabilidade e da subsidiariedade devem ser as normas de todo o dirigente no mundo de hoje. O autoritarismo deve ser banido. E por isso, desde já, devo preparar-me psicologicamente para estas disposições internas. Ao mesmo tempo vejo a absoluta necessidade de manter, hoje, firmes os princípios teológicos, sobretudo de absoluta fidelidade e amor à Igreja. Este me parece ser o ponto mais importante na atual conjuntura pós-conciliar. A teologia sofreu, depois do Concílio, uma tremenda reviravolta. É inútil*

querer manter a teologia pré-conciliar. Aqui me parece necessário distinguir entre fé e teologia: ser firme na fé e tolerante nas teologias ou no “pluralismo teológico”. A fórmula parece fácil, mas na prática será difícil distinguir claramente uma verdade de fé de uma “verdade de teologia”. Pois certas “verdades de teologia” se tornaram “verdades de fé” através do magistério da Igreja. A harmonia de tudo isso, num Instituto Superior de Pastoral Latino-Americano se torna extremamente delicada e difícil. Calma, oração, vida interior e autenticidade no amor à Igreja serão a base indispensável para tão complicada situação.



A 20 km de Quito visitou o "Centro do Mundo", em 9-6-1974, a 4.200 m de altitude.

Dar lugar ao Espírito Santo, confiar na força da verdade e na boa vontade dos homens será a chave para solucionar a multidão de problemas novos que poderão surgir. Estou persuadido que somente homens de muita e intensa vida interior de união com Deus poderão liderar a Igreja que está a surgir num mundo novo e secularizado.

Após uma semana de conferências em Portugal e por vários países da Europa voltou à América Latina. Em 17-9-1973, iniciou em Quito um curso de atualização para o clero equatoriano, com 120 padres, na presença do Cardeal Muñoz. Simultaneamente com os padres há também um curso para freiras, em outro lugar. Mas os professores são os mesmos. Ambos os cursos são intensivos, isto é, de manhã e de tarde - anotou no **Diário 10**, no dia seguinte.

Seguiu à cidade equatoriana de Cuenca, no dia 23, para um curso de três dias para 80 padres, retornando a Quito. No dia 26 foi para Bogotá, onde tratou da instalação do Instituto e, quatro dias depois, para Medellín, onde acompanhou a adaptação do prédio do antigo Instituto de Liturgia para ser sede da nova instituição de pastoral.

Concluídos os estatutos, regulamento, programação geral das 470 horas/aula, folheto de propaganda, calendário letivo e horário, em 8 de outubro, fez uma visita ao Cardeal Aníbal Muñoz Duque, Arcebispo de Bogotá, que *tem fama de ser bem conservador e pouco amigo do CELAM*, para lhe

apresentar o novo projeto, sendo *muito compreensivo e se mostrou inteiramente favorável ao Instituto*, como consta no **Diário 10**. Dois dias depois, apresentou os mesmos planos ao Conselho da Conferência dos Religiosos do Brasil, no Rio de Janeiro, bem como à CNBB, cujo Secretário Geral, Dom Ivo Lorscheiter, *prometeu fazer propaganda no Brasil*.

De volta de Roma, pela manhã de 18 de novembro já estava outra vez em Bogotá, onde se reuniu com todos os 41 membros diretores e secretários do CELAM, sob a presidência de Mons. Pirônio, para ultimar a abertura do Instituto de Pastoral Latino-Americano.

Iniciando o primeiro dia do ano de 1974 e seu **Diário 11**, Frei Boaventura torce para ser *um ano diferente de todos os outros. Depois da experiência curial de Roma e da relativa calma de uma vida burocrática prevejo-me jogado em pleno e agitado mar da prática pastoral na América Latina. Mais do que antes, vai ser a América Latina agora a minha vasta paróquia*.

Livre, enfim, do Secretariado para a União dos Cristãos em Roma, em 15 de janeiro desembarcou em San Juan de Puerto Rico, seguindo para Aguas Buenas, onde uns 30 bispos das Antilhas e mais 15 padres estavam em pleno curso de atualização. O conferencista apresentou-lhes o tema geral: Igreja e Mundo. Na TV gravou em videotape uma entrevista de meia hora.

Considerou curioso o ambiente humano do Caribe, ou das Antilhas: *há uma grande variedade de línguas - observou no dia seguinte no Diário 11. - Os Bispos aqui reunidos estão divididos um pouco segundo as línguas: espanhol, francês, inglês, holandês. Não há uma língua que todos conheçam, exceto o latim. Por isso rezamos as santas missas e os ofícios divinos em latim. Faço as conferências em espanhol, com um sistema de tradução simultânea para o inglês e o francês. Há também uns seis ou sete bispos negros, alguns, como os de Haiti, brilhantes*.

Ministrou palestras ao clero porto-riquenho. Terminou sua estadia em Porto Rico com uma conferência ao povo sobre o “maravilhoso humano”, segundo o jornal **Portfolio - The Star of San Juan**, edição de 24-1-1974.

Após uns dias de férias, junto a familiares em Rolante, estabeleceu-se definitivamente em Medellín, na Colômbia, onde começará *um novo kairós da minha vida* - como está no **Diário 11**, em 6 de fevereiro. Lá encontrou a adaptação do prédio para o novo Instituto Pastoral em pleno andamento, ainda sem cozinha, quartos... Cabia-lhe até tarefas administrativas para acelerar as obras. Mesmo que faltasse o portão de entrada, a conclusão do refeitório e da escada de acesso aos salões, mesas e cadeiras da aula magna, era preciso deixar tudo limpo e pronto para iniciar o curso.

Finalmente, chegou o dia 4 de março de 1974. *Era o dia esperado e temido da inauguração do Instituto de Pastoral do CELAM. Agora, quando tudo passou, só posso dizer que estou satisfeito. Tudo saiu bem* - documentou em seu **Diário 11**. De acordo com **L'Osservatore Romano**, edição espanhola de 31-3-1974, página (151) 7, estavam matriculados para o curso 100 alunos pertencentes a 18 nações latino-americanas, 24 padres diocesanos, 42 sacerdotes religiosos, 2 diáconos, 3 religiosos leigos, 28 religiosas e 1 secular. Tratou-se de um grupo cuidadosamente escolhido, com a idade média de 38 anos, havendo candidatos com mais de 60 anos de idade.

O mesmo diário do Vaticano publicou o discurso inaugural de Kloppenburg destacando a natureza do Instituto, uma iniciativa dos bispos da América Latina e por isso *tendrá que hacer suya la doctrina, las directrices, las normas, las preocupaciones y las inquietudes de los obispos latinoamericanos*. Um telegrama do Vaticano também transmite sua mensagem *“Al inaugurarse curso Instituto Pastoral CELAM Santo Padre desea hacer llegar su paterna palabra saludo e aliento a organizadores profesores y alumnos confiando en que desarrollo actividades investigación y reflexión en constante busque da verdad bajo guía iluminada magisterio y en comunión con jerarquía contribuirá decididamente formación nuevas generaciones promotoras renovado espíritu servicio Iglesia capaz reavivar en corazones exigencias fe para mejor comprensión realidades humanas y realización ideales cristianos mientras invocando favor ayuda divina otorgales implorada bendición apostolica stop. Cardenal Villot”*.

Por falta de pessoal e auxiliares administrativos, o diretor teve que ter muita paciência, pois *ainda estou totalmente submerso nos mil probleminhas para cujas soluções a gente recorre naturalmente ao Diretor* - ironizou no **Diário 11**, em 7 de março. Ainda assim encontrava tempo para atender necessidades espirituais de outras comunidades ou participar de promoções como a do *“seminário permanente sobre relaciones de la Teología, la Ciencia y el Humanismo”*, organizado pelo Instituto de Integración Cultural, em Quirama, perto da cidade de Rio Negro - conforme o **Diário 11**, dois dias depois, e o Capítulo Geral das Irmãs Capuchinhas, em Bucaramanga, 20 dias mais tarde.

As primeiras críticas de participantes do novo Instituto começaram a surgir no primeiro mês de seu funcionamento. Em quatro páginas, as *críticas são bastante generalizadas e fortes. De modo geral, não querem preleções (tudo deve ser em grupos, com participação ativa de todos), não querem nada aos sábados, nada de tarde... que não querem rezar as vésperas, ou que seja puramente opcional; que querem missas em grupos; que estamos cobrando demasiado dinheiro (60 dólares por mês); que publique mensalmente uma prestação de contas, etc.* - resumiu no **Diário 11**, em 2 de abril.

Dois dias depois escreveu à Irmã Régis que, após um mês de atividades, foi feita uma avaliação do curso, com os 100 estudantes inscritos, divididos em 11 grupos: *Fomos impiedosa e duramente criticados. Eu estava presidindo e consegui manter durante todo o tempo um rosto sorridente e até brincalhão. Eles fizeram também uma quantidade de propostas: não querem aulas aos sábados, querem todas as tardes livres, não querem preleções, mas estudos em grupos, não querem salmos nas vésperas, querem missas em pequenos grupos, etc. etc. Eu não prometi nada e disse que havia de considerar tudo com os outros professores. Mas durante a noite seguinte, praticamente não dormi. Na outra manhã, dei duas aulas como se nada tivesse acontecido, fazendo um esforço enorme para não mostrar nenhuma contrariedade e só uma ou outra vez me escapou alguma ironiazinha, daquelas que eu costumo dar e é minha fraqueza. Achei que foi uma bela vitória sobre mim mesmo. Mas confesso que custou deixar a boca calada. Eu naturalmente não vou ceder em nenhum dos pontos por eles criticados. Prefiro que alguns se retirem do Instituto. Já expulsei um, que era ladrão.*

Se fosse aproveitar apenas os quatro períodos do turno da manhã para reuniões em grupo, julgou não se dar valor ao alto investimento feito na construção e instalação do Instituto, nem a estadia de uma centena de pessoas provenientes de quase todos os países da América Latina. Com o apoio do CELAM, o diretor informou aos estudantes que *a permanência de todos, no Instituto, até às 5h30min da tarde é essencial para a sua própria estrutura, para a enriquecedora convivência dos estudantes, para a formação de seminários e outros grupos de estudo, para eventuais reuniões de todos pela tarde, para o aproveitamento da biblioteca, para o assessoramento dos professores* - como consta no **Diário 11**, em 3 de maio.

Alguns dias mais tarde, nova manifestação de críticas não aceitava a monografia no final do curso, nem a presença de dois professores estrangeiros, esquecendo-se de que estavam numa instituição internacional, embora latino-americana. O próprio diretor era de origem alemã, embora naturalizado brasileiro. Convenceu-se ser *excessivamente sensível às críticas* - reconheceu no **Diário 11**, em 17 de maio: - *quando alguns criticam, penso que todos criticam e que tudo vai águas abaixo. Preciso, absolutamente, aprender a tolerar pacientemente críticas, sem ficar doente e sem perder o sono e a tranqüilidade. Sem isso, não agüentarei ficar aqui. Pois alguns criticam por criticar e criticarão até o fim do ano, sem remédio. Preciso aprender a ver os elementos positivos com que poderão ajudar e a não dar-lhes maior importância. Sobretudo não devo medir a vida e a saúde do Instituto só pelo pulso destes poucos, que são os que mais falam. A grande maioria silenciosa tem outra vida e outro modo de pensar. É certo que se deixa manipular pela minoria e vai com ela até certo ponto. Mas chegada até este ponto, a maioria silenciosa começa a resistir à manipulação.*

De 4 a 12 de maio foi para Caracas dirigir uma Semana Teológico-Pastoral pelo Sétimo Centenário de São Boaventura. Sua passagem na capital venezuelana foi registrada pela imprensa, como *“Hombre profundo, renovador, equilibrado, bien psicólogo, que sabe el terreno que pisa y a quien difícilmente alguien puede hacerle un chantaje ideológico por uno u outro extremo - y hombre, sobretudo, de oración...”* - como está em **La Religión**, de 7-5-1974, p. 1.

Medellín - Teologia y Pastoral para América Latina é a revista trimestral publicada pelo Instituto, projeto documentado no **Diário 11**, em 10 de junho. Em 8 de julho, foi a Bogotá falar com o Pe. Tigreros, um dos diretores das Edições Paulinas, para executar a iniciativa da revista. Para secretário da revista foi convidado o Pe. Rafael Ortega, C. M. A primeira edição saiu em 17-4-1975. *Tipograficamente não é grande coisa* - reconheceu no **Diário 12**. - *Trabalhamos num autêntico regime de pobreza franciscana. Agora é preciso conseguir os assinantes. Não é nada fácil começar uma nova revista, sem ter, como em Petrópolis, uma Editora que a imprima e administre. Temos que encontrar nossos próprios caminhos.*

Na Casa de Retiros São Patrício, em Cumbaya, perto de Quito, de 19 a 25 de junho proferiu conferências num curso para 40 bispos bolivarianos (Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia), a maioria bispos missionários. Além de visitar o monumento da “Metade do Mundo” - Latitude 0°0'0", - o grupo conheceu a região rural de Zumbagua, com 4.200 metros de altitude, onde vivem uns 30.000 índios quétchuas. A reforma agrária destinou terras de minifúndio para cada família.

Para tomar parte num encontro sobre o ateísmo na América Latina, Frei Boaventura chegou em Lima, no Peru, de 24 a 30-7-1974. Em 7 de agosto voou para o México para as aulas num curso de três dias ao episcopado mexicano, em torno de 60 bispos.

No regresso, recebeu dos Estados Unidos *um pacote, contendo exemplares da tradução inglesa de **Eclesiologia do Vaticano II e O Ser do Padre**. A tradução de ambos foi feita por Matthew J. O'Connell, que não conheço* - anotou no **Diário 11**, em 27 de agosto. - *Gostei e fiquei contente. É uma certa vaidade, mas, afinal, os livros são um pouco os únicos “filhos” visíveis que a gente tem e deixa para a posteridade, mesmo que acabem empoeirados. Mas acho que, no momento, podem fazer algum bem aos que os lêem. Não fosse isso, não escreveria nada.*

Retornando de Roma, presidiu a solenidade do encerramento do primeiro curso do Instituto de Pastoral del CELAM, em 23-11-1974. Sentiu a tentação de renunciar à direção, mas todos os bispos manifestaram *total aprovação em minha atuação. E alguém, afinal, tem que aceitar esse abacaxi de ser diretor aqui* - anotou no **Diário 11**, no mesmo dia. Depois da avaliação do ano findo, reuniram-se várias vezes para programar o novo ano letivo.

Com a presença de 107 estudantes, o Arcebispo de Medellín e o Secretário Geral do CELAM, iniciamos hoje, no novo auditório, que ficou uma beleza, o ano letivo de 1975. Do Brasil vieram 9 - historiou no **Diário 12**, em 3 de março. Dos cursistas, 68 eram sacerdotes, sendo 39 padres religiosos e 29 diocesanos, 4 Irmãos, 30 Irmãs e 5 leigos. Na seção de Liturgia tinha 30 inscritos, na de Catequese 40 e na de Pastoral Social, 37 matriculados.

Também no decorrer de 1975, aproveitou os dias disponíveis para cursos, retiros e conferências. Em Bogotá, de 5 a 10 de maio, articulou uma série de conferências sobre Parapsicologia, organizadas pelo Centro de Investigaciones Parapsicológicas de Colômbia, cobrando das 700 pessoas presentes quase 10 dólares de cada um. Kloppenburg não recebeu um centavo, por não ter havido contrato por escrito... Em julho, pregou retiro aos Padres Xaverianos em Yarumal. Em agosto, no Colégio Maria Auxiliadora, em Medellín, numa série de conferências sobre a “Pastoral de lo Maravilloso humano” desenvolveu o tema central da relação da Psicologia e da Parapsicologia com a Pastoral. Em setembro, em Choclacayo, a 30 km

de Lima, no Peru, participou de um “Encuentro sobre Conflito Social en América Latina y Compromiso Cristiano”, o que terminou “*sine glória et sine credo*” - como está no **Diário 12**, no dia 13. Houve lá mais ciência política e sociológica que teologia.

No período de férias pequenas, ficou em “casa” para estudar e escrever, concluindo um artigo sobre “**El acceso de la mujer al ministerio ordenado**”. *O resultado é a favor. Os argumentos teológicos que excluem a mulher da recepção do Sacramento da Ordem são de uma surpreendente superficialidade. A tradição contrária me parece ser antes simplesmente uma não-tradição devida à não-emancipação da mulher* - argumentou no **Diário 12**, em 18 de julho.

Terminado o prazo estabelecido de dois anos, Frei Boaventura formalizou sua demissão como diretor



Parte do novo Auditório do Instituto Pastoral de Medellín, no início de 1975.

do Instituto, em carta escrita ao Mons. López, em 17-9-1975. Lembrou-lhe que os cargos tinham a duração de dois anos e que o segundo ano letivo estava por terminar. Argumentou ainda que *nas atuais conjunturas eclesásticas não é fácil lidar com padres e freiras latino-americanas. Não me sinto suficientemente “latino-americano” para continuar à frente deste Instituto. No Brasil não éramos “latino-americanos” nem falávamos em espanhol. No entanto, meu maior problema não é entender a língua, mas a linguagem. Percebo que os conceitos teológicos que eu recebi e ensinei no Brasil não são entendidos ou aceitos aqui, fora do Brasil, embora me tenha esforçado por expressá-los em espanhol. Não me faltou um esforço sincero em aprender esta idiossincrasia das nações latino-americanas de língua espanhola, mas parece que já sou demasiado velho para semelhantes mudanças. Por isso, peço que o posto de Diretor deste Instituto, no qual predomina absolutamente o elemento não-brasileiro, deve ser ocupado por um não-brasileiro, por um latino-americano de língua e linguagem espanhola.*

Retornando de Roma em 12 de outubro, o ano letivo estava na fase final. A avaliação dos alunos revelou que *o Curso de 1975 esteve satisfatório*. Tomando os alunos conhecimento de que Frei Boaventura havia solicitado pedido de renúncia ao cargo, não

aceitaram as razões e dificuldades expostas pelo Diretor, enviando uma carta com 82 assinaturas em agradecimento pela formação integral recebida no Instituto. “*Queremos manifestarle nuestra total aceptación como director e profesor de éste Instituto del CELAM por múltiples razones que nos haríamos interminables el enumerar; como sus profundos y amplios conocimientos no sólo en la rama de la teología sino también en otros campos del saber humano sin que por esto queramos herir su modestia. Su manera de exposición de las materias, su trato con sus compañeros de dirección y con el personal discente, su constante preocupación por la coionía a nostra Iglesia há sido una nota característica de su misión, lo qual es muy plausible, su apertura as diálogo etc. Nos unimos a la ampla confianza que la Conferencia Episcopal Latinoamericana há depositado en su persona y vemos en Ud. la persona indicada para el cargo que tan acertadamente desempeña.*” O abaixo-assinado tinha sido entregue ao Mons. López quando Kloppenburg se encontrava em Nairobi, na África, em 26-11-1975. Dois dias depois encerrava-se o ano letivo de 1975.

Os bispos não aceitaram a renúncia do Diretor, pois *a presidência do CELAM insiste na minha permanência. Assim, diga ao povo: “Fico”* - escreveu em 17 de novembro à Irmã Régis.

Para planejar o novo Ano letivo de 1976, estive em reunião da Comissão Episcopal do CELAM, no Colégio do Sagrado Coração, no Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro. O Diretor solicitou a *mudança na estrutura fundamental do Instituto* - segundo o **Diário 12**, em 15 de janeiro. - *Até agora o Instituto funciona com o sistema de uma quantidade de cursos justapostos, tendo cada curso um titular ou professor. De fato não havia professores permanentes que, durante o ano, davam aulas aos estudantes, como nos Seminários Maiores e Universidades. Era por isso um rico mosaico de cursos os mais variados com os mais diferentes professores. Neste sistema, adotado sem discussão desde o início do Instituto (o mesmo sistema fora adotado também pelos Institutos, como o IPLA e os ICLAs) está, a meu ver, a causa principal dos males e defeitos principais, sentidos e criticados por alunos e professores: falta de unidade, de aprofundamento, de seriedade no estudo sistemático e impossibilidade de exigir dos estudantes os exames indispensáveis para*

saber de seu aproveitamento. Cada um levava consigo um pacote de papéis e uma quantidade de noções distintas. A Comissão Episcopal entendeu minha crítica e aprovou a proposta de mudar fundamentalmente o sistema. Segundo o novo sistema, o Instituto deverá ter mais professores permanentes, dando aulas regularmente através de todo o ano letivo. Só assim haverá mais unidade na temática e na linha de pensamento.

Três dias depois, encontrava-se novamente em Medellín. Apesar de inúmeras tarefas para o novo ano letivo, foi a Bogotá participar num encontro de representantes das Comissões Ecumênicas da América Latina. Depois de apresentar e comentar o V Congresso do Conselho Mundial de Igrejas havido em Nairobi, debateu o estado atual das discussões entre os cristãos não católicos sobre a relação entre a salvação cristã e a promoção humana - consoante o **Diário 12**, de 5 de fevereiro. Lecionou teologia a um grupo de sacerdotes claretianos de toda a América Latina, que se reuniram em Medellín para um curso de atualização, de 16 a 20 de fevereiro. Em Bogotá, de 23 e 26, tomou parte de um encontro de 60 bispos de toda a América Latina.

Particularmente interessante para Frei Boaventura foi a matrícula de sua mana Irmã Régis, também conhecida por Irmã Josefina ou Finchen, para o curso de Espiritualidade e atuar na Pastoral da Saúde. Estava completando seus 50 anos de vida. *Estamos felices de poder contar com su persona, ya que conocemos su inquietud de promoción personal para un buen servicio en esta Iglesia Latinoamericana*, escreveu-lhe em carta de 24-12-1975. Providenciou seu Visto no Consulado Geral da Colômbia, no Rio de Janeiro, em 25-2-1976. Por acaso, o próprio irmão do cônsul colombiano, advogado Francisco Restrepo Osorio, matriculou-se na mesma Seção de Espiritualidade. *Esta manhã veio Finchen, contente e sem ter encontrado problemas na viagem ou no Visto. Vai morar aqui no Instituto e estaremos juntos durante todo o ano letivo. Nos alegraremos e animaremos mutuamente* - observou no **Diário 12**, em 27 de fevereiro.

O ano letivo iniciou com 108 alunos inscritos, em 1º de março. A avaliação feita pela terceira turma foi moderada e “adulta” - reparou no **Diário 12**, em 7 de maio. - *Mas o grupo de oposição (da “Igreja Popular” ou “liberacionistas”) também se fez sentir. Veremos como se resolverá a situação para que a tensão não aumente e torne difícil a convivência.* O mesmo grupo enfrentou o diretor, porque suas aulas de eclesiologia se identificavam como “hierarcologia”, isto é, partindo da hierarquia, do magistério eclesiástico e da doutrina dos bispos no Vaticano II. Chegou a haver ameaças... O grupinho exigia sem cessar reuniões, convocava assembléias gerais e permanecia constantemente agitado, criando um ambiente difícil para o estudo. Havia também um grupo que integrava o SAL (“Sacerdotes para a América Latina”), onde recebia instruções para manipular o próprio Instituto. *O que eles querem é conseguir que se feche também este Instituto, já que eles não têm mais (como tinham nos Institutos anteriores) o domínio sobre a orientação ideológica* - explicou no **Diário 12**, em 7 de junho.

Participando de uma reunião extraordinária com a presidência do CELAM, em 28 de junho, em Bogotá, ficou decidido que sejam expulsos todos os contestatários, por ocasião das férias de julho. O diretor não executou a determinação, a não ser um estudante belga que vivia ausente nas aulas, em constante rebeldia.

As dificuldades prosseguiram no segundo semestre. Na missa concelebrada de 1º de setembro Frei Boaventura não conseguiu dissimular o choro *durante toda a missa. Muitas lágrimas se perderam no meu lenço. Fiquei envergonhado e não ousei olhar para ninguém. Quando terminou a missa ainda fiquei bastante tempo sozinho na capela, procurando a calma. Afinal saí e fui ao meu apartamento e lá encontrei, sentada, a Finchen, desfeita em lágrimas. Certamente havia notado o meu estado* - ponderou no **Diário 12**. A despeito da vigilância, não conseguia suportar a pressão. Lutava para ser coerente e fiel na direção e no ensino dentro da orientação teológico-pastoral do Instituto, *contra esta “teologia” politizada com opção socialista do tipo marxista. Dá-me uma vontade muito grande de abandonar tudo...* No final: *A Igreja Latino-americana, no momento, está minada por estes movimentos. Só Deus pode dar um jeito em tudo isso. Foi um dos dias mais tristes de minha vida* - concluiu em suas memórias, em 1-9-1976.

Em reunião com a Comissão Episcopal do CELAM, nos dias 3 e 4 de setembro, comprometeram-se os bispos para que haja no Instituto uma nova estrutura diretiva: Reitor Magnífico, Diretor, Coordenador de Espiritualidade e Liturgia, Coordenador de Estudos, Coordenador de Investigação, Secretário Administrativo, mais vários serviços de apoio como Revista, Biblioteca, Centro de Documentação, etc. A mesma Comissão insistiu para que Frei Boaventura aceitasse o cargo de Reitor Magnífico (*esse “magnífico” me parece horrível e como quer que seja, não permitirei seu uso para mim*). *Mas eu declarei que só aceitava no dia em que tivesse os nomes dos outros e a certeza de que estariam. Por isso no folheto sobre o*

Instituto, para o curso de 1977, não permitirei a impressão de meu nome como reitor - determinou no Diário 12, em 4 de setembro.

Retornando de Roma, via Lisboa e Caracas, em 11 de outubro, preparou o “Encontro Sacerdotal” das Províncias Eclesiásticas de Bucaramanga e Pamplona, de 19 a 23-10-1976, com a participação que ultrapassou de 160 padres e, cinco dias depois, participou do III Curso Interprovincial de Renovação Espiritual Vicentina, em Medellín.

Ainda que tivesse sofrido de um mal súbito, em 11 de novembro e recebesse visita do arcebispo e de outras autoridades, Frei Boaventura prosseguiu em seu ritmo intenso de trabalho. Pregou retiro às Irmãs Franciscanas “del Niño Jesús”, de 16 a 21 do mesmo mês.

Em 29 de novembro, a conselho médico, foi descansar no Brasil, levando consigo sua mana Irmã Régis.

Regressando a Medellín no 31º aniversário de sua ordenação sacerdotal, preparou o novo ano letivo de 1977. *Nunca tivemos uma abertura tão solene e “importante” e concorrida como hoje* - salientou em suas memórias, agora como Reitor, em 1º de março. A nova turma tinha mais abertura e menos espírito de oposição.

Com a descentralização do corpo diretivo do Instituto, sobrava-lhe um pouco de tempo para se deslocar a outras cidades latino-americanas, para retiros e conferências. Em 30 de março voou para Caracas, pregando um retiro em Santo Antônio del Alto aos Padres Lazaristas ou Vicentinos, chamados “Paúles”. Como que para aproveitar um feriadão, na Semana Santa, aceitou um convite para uma série de pregações populares e conferências em Venezuela. De 1º a 5 de abril, coordenou um retiro espiritual para os padres Lazaristas e, na mesma noite, uma palestra para mais de 1000 pessoas sobre “Bruxaria”. Em carta à Irmã Régis, detalhou mais: *Até o Núncio veio e caiu miseravelmente, quando comecei a fazer a experiência da mesa. A conferência foi gravada e irradiada por uma rádio de alcance nacional, a Rádio Rumbos. Na noite do dia 6, com mais de 1000 lugares, o tema foi sobre o “Diabo”. Encheu. Na noite de Sexta Feira Santa, falei sobre o tema “Extremismos na Igreja da América Latina”, de direita (carismáticos) e esquerda (todos os marxistas). Também foi irradiada. Claro que nem os bruxos, nem os diabos, nem os carismáticos, nem os maxistóides gostaram. Mas muita outra gente gostou e penso que recebeu orientação. Vieram chamadas telefônicas de toda nação e gente com todo tipo de problema, supondo que eu tivesse a capacidade de fazer milagres. É comovente a fé daquela gente, de um lado, e a impotência da gente por outro lado. Na noite de Sábado Santo, encheu outra vez a igreja e falei sobre o tema: **Se Cristo não tivesse ressuscitado**. Cada noite falei bem duas horas. Depois começamos as cerimônias da noite santa da Ressurreição. No Domingo da Páscoa, tive que atender gente o dia inteiro. Já na manhã seguinte, comecei outro retiro, também para Padres Lazaristas, que durou cinco dias, retornando imediatamente para Medellín.*

Em 11 de abril, iniciou outro retiro em Los Toques, perto de Caracas, às Irmãs Salesianas, retornando a Medellín cinco dias depois. Em 19 de junho, iniciou a pregação de uma “semana sacerdotal” em Bucaramanga, capital de Santander do Sul. Houve mais de 250 participantes. Em 2 de julho, deu curso para professores em Tenche, Carolina. Em 10 de julho, de Bogotá foi a Buenos Aires para um retiro aos Padres Passionistas na Casa de Retiros “Nazaré”, retornando a Medellín dez dias depois.

Novo campo de trabalho o aguardava: preparar a III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Bogotá, de 17 de outubro a 20 de novembro. Em 9 de agosto, o Cardeal Lorscheider comunicou-lhe que devia tomar parte de uma “equipe interdisciplinar” que elaborasse um pré-projeto estudando-se as conclusões e documentos preparados pelas Regionais dos Bispos. Cinco dias depois, ainda em Bogotá, integrou por uma semana o grupo “Igreja e Libertação” que discutiu a doutrina social da Igreja. Regressando a Medellín, de 23 a 28 de agosto, em novo curso aos bispos da Comissão Episcopal do CELAM discorreu sobre a “Igreja Popular” dos movimentos de esquerda, a figura teológica do bispo, suas relações com os padres e o estilo do exercício da autoridade episcopal.

Trabalhando mais de um mês em Bogotá na preparação do histórico **Documento de Puebla**, regressou a Medellín, a fim de acompanhar o encerramento do ano letivo, em 26-11-1977, com muito sucesso.

Durante o ano letivo preocupou-se com o término de seu período de direção. Solicitou ao CELAM um substituto, cuja nomeação demorou. Quem o auxiliava como diretora interina era a Irmã Luz Maria Artigas. Em carta à Irmã Régis, ainda em 18 de junho, informava a nomeação do Pe. Javier Lozano, diocesano do México, com *19 anos de professor de Dogma, com boa formação e excelente orientação*

ideológica. É bem aceito pelo Episcopado mexicano e por Mons. Alfonso López. Ele aceitou, ontem, ser o nosso Diretor, para substituir o Pe. Segundo Galilea, continuando Kloppenburg como Reitor.

Os cursistas logo perceberam ser o novo diretor *bem mais autoritário e está causando alguns atritos e problemas*, segundo carta à Irmã Régis, de 17 de novembro. Na carta do dia 26, mais alguns qualificativos do diretor mexicano foram coletados na avaliação dos estudantes do Instituto: impositivo, dogmático, ultraconservador e chato. Nem sempre alunos gostam de *diretores exigentes e competentes, que tudo fazem pela perfeição* - concluiu Kloppenburg.

Com o término do curso da quarta turma, seguiu-se imediatamente a preparação do novo ano letivo de 1978. De volta da Itália e da Alemanha, aproveitou as férias de janeiro para pregar retiros espirituais ao clero, como em Medellín, em 12 de janeiro.

De 16 a 20-1-1978 teve outro retiro, para 70 sacerdotes, no Seminário Maior de Medellín. *Para cada conferência falo uma hora com boca, mãos, pés, alma e tudo* - enfatizou no **Diário 13**. *Faço constantes propósitos de falar com mais calma, mas não adianta. Não consigo falar sem convicção e sem mostrar vivamente esta convicção. Foi uma torrente de teologia e espiritualidade sacerdotal que joguei o dia inteiro sobre os padres. Mas pelas reações, tenho a impressão de que estou sendo bem aceito e não poucos manifestam em particular sua satisfação pela atitude "católica". Como se já não fosse natural ser católico...*

Os 98 cursistas iniciaram o ano letivo de 1978 em 1º de março, sendo 15 brasileiros. O quadro diretivo e o corpo docente do Instituto estavam preenchidos, funcionando em pleno vapor. O tempo livre ocupava para estudos e novos livros. A tarefa mais importante era o **Documento de Puebla**.

Em conferência dada na Faculdade de Teologia da Universidade Bolivariana sobre a preparação para

Puebla, impressionou-se *como, também aqui, penetrou a teologia da libertação com todos os afectos antieclesiais e antiepiscopais. A gente não encontra mais alegria no fato de ser católico. O "populismo eclesiológico" está predominante* - documentou no **Diário 13**, em 3 de junho. Ao terminar sua docência no ano letivo de 1978 no Instituto, 20 dias depois, desabafou em seu diário: *Também eu dei hoje minhas últimas aulas deste ano. E oxalá sejam as últimas de minha vida...*

Para o planejamento do próximo ano letivo o Reitor propôs

aos coordenadores uma reestruturação no Instituto: *Fazer para-lamente, durante o ano inteiro, o curso fundamental e o curso das Seções. Houve aprovação unânime* - reparou no **Diário 13**, em 31 de agosto.

De volta de sua viagem pela Bélgica, Alemanha e Itália, em 8 de outubro estava novamente à testa da Reitoria em Medellín. *Encontro o Instituto em ordem e os estudantes e professores satis-feitos. Graças a Deus* - agradeceu no **Diário 13**.

Percebeu ainda que deverá prontificar-se a permanecer como Reitor para o próximo ano, pois vários dos coordenadores das seções somente ficam nos cargos dependendo desta sua decisão pessoal. Mesmo que posições esquerdistas de um pequeno grupo se mantivesse constantemente ativo, a alegria e espírito de comunhão de toda a comunidade do Instituto puderam ser manifestas, como que espontaneamente, no 59º aniversário de Frei Boaventura, com missa festiva, jogos, gincana, teatro, churrasco e bolo.

O encerramento do ano letivo de 1978 foi em 24 de novembro. *Tudo muito bem. Não houve mínima nota discordante* - observou no **Diário 13**. No dia imediato, remeteu um relatório e uma carta às Conferências Episcopais e membros da Comissão Episcopal do CELAM, onde justificou a insatisfação de um grupo de estudantes: *no adoptamos aquella "nueva manera de hacer Teología que transforma la*

situación o la “praxis liberadora y transformadora de la sociedad” en el punto de partida de la Teología o en el “lugar teológico” simplemente.

Havendo ameaça de inscritos insuficientes para o próximo ano letivo, como Reitor endereçou uma correspondência a todos os bispos da América Latina solicitando um sacerdote por diocese para se matricular nalgum curso do Instituto Pastoral do CELAM. O resultado foi feliz, preenchendo-se as vagas como em anos anteriores.

Com quase uma centena de candidatos da sexta turma abriu o ano letivo de 1979 em 1º de março. O notável reforço foi a vinda do Pe. Jorge Jimenez para diretor da Seção de Pastoral do Instituto. Dos 49 padres, 18 eram diocesanos, havendo ainda 6 religiosos, 34 religiosas e 1 leigo. O Pe. Jorge depois foi nomeado bispo de Facatativá, Colômbia, e é hoje o Secretário Geral do CELAM.

No mês seguinte, em visita ao novo presidente do CELAM, Mons. Alfonso López Trujillo, novamente solicitou sua renúncia como reitor do Instituto, o que não foi aceito. *Quero conseguir ao menos o seguinte: que tratem de arranjar um novo Reitor a partir do próximo ano, mas que, para poder ser efetivo, já deve ser nomeado neste ano e assim preparar o curso de 1980...* - como está no **Diário 14**, em 7 de abril.

Insistiu novamente, no mês seguinte, alertando *que a coexistência de um reitor e diretor não funciona. A coisa tinha sido proposta em 1976, quando eu estava praticamente sozinho* - lembrou no **Diário 14**, em 9 de maio. - *Então, sim, era necessário outro, qualquer que fosse seu título. Mas agora, estando presentes durante todo o ano os diretores das Seções, a situação é diferente. Já agora as funções do Reitor e Diretor podem reunir-se numa só pessoa. Mas eu não quero ser mais esta pessoa. Comprometi-me ficar até o fim deste ano como reitor.*

Pe. Javier Lozano foi nomeado bispo titular de Tinísia de Nimidia e auxiliar de México, em 13 de junho seguinte. Ficou vago o cargo de diretor do Instituto, permanecendo Frei Boaventura sozinho como reitor, embora insistisse em renunciar ao cargo, segundo carta de 23 de junho, à Irmã Régis.

Reuniu-se em 4 de julho com a Comissão Episcopal a fim de, novamente, propor sua substituição como reitor, embora se oferecesse para permanecer no Instituto como “*Diretor de Investigação*”, *estudando, dirigindo a Revista e dando aulas. Mas não quero mais a responsabilidade de reitor, que é pura chateação. Pediram que redigisse uma carta de demissão, coisa que já fiz no ano passado e em março deste ano, mas que eles ignoram.*

A equipe diretiva do Instituto se reuniu no feriado de São Pedro e São Paulo para tratar da questão da substituição do Pe. Lozano, como diretor e professor, e preparar a programação acadêmica para o ano letivo de 1980.

Intensa ainda foi sua atividade sacerdotal fora do Instituto. Em 5 de junho, em Armênia, capital do Departamento de Quindío, ministrou um curso para o clero sobre a Pastoral Social. No Curso sobre Puebla em La Ceja, de 14 de maio a 12 de julho, com 135 participantes, dos quais 35 brasileiros, teve 24 dias de aulas. O tema mais polêmico foi *sobre a opção preferencial pelos pobres. É o capítulo mais delicado, hoje, na América Latina. Defendi como ideal a “classe média mais modesta”, mencionada por Puebla no n. 1151* - assinalou no **Diário 14**, em 6 de julho. Nesse meio tempo, em 1º de julho, tomou parte do I Encontro Nacional de Pastoral Juvenil, em Bogotá.

Retornando da Áustria, em 8 de agosto, encontrou o segundo semestre no Instituto bem encaminhado, sem problemas. Além de acumular as aulas de Dom Lozano foi encarregado de organizar um curso sobre Puebla para bispos dos Países Bolivarianos (Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela), de 19 de novembro a 1 de dezembro, efetivamente ministrado em Quito, com a participação de 30 bispos. *É mais fácil falar a Bispos que a Padres e Freiras* - confessou no **Diário 14**, em 24 de novembro.

Em Buenos Aires coparticipou de um encontro da Equipe Teológica do CELAM, de 19 a 24 de agosto. Suas aulas após o regresso não agradaram a todos. Mais de 30 estudantes tinham se ausentado da sala, em 30 de agosto. *Não entendem ou não querem entender o “poder especial” (exousia) conferido pelo Sacramento da Ordem.* No dia seguinte, resolveu dar suas últimas preleções, tendo como tema a “*opção preferencial pelos pobres*”, *sobre o qual havia escrito muitas páginas. Apresentei esta opção como a indispensável prova da autenticidade de nosso ser Igreja e, como tal, como fecho de ouro de todo o tratado sobre a Igreja. Dei a todos o texto completo que havia elaborado, mas tive pouco tempo para apresentar e explicar o texto. Depois da segunda aula, terminei e me declarei em estado de greve. E assim, laconicamente, em atitude de greve, terminei o meu 29º ano de Professor. Oxalá não tenha que dar mais aulas a padres ou seminaristas* - desabafou no **Diário 14**, em 31 de agosto

Mesmo dando tudo de si, com cada aula por escrito, Frei Boaventura não conseguia satisfazer todos os seus alunos. A avaliação do segundo semestre acusava um resultado das respostas individuais como

positivas e favoráveis: 25% declarou que o método, em geral, foi “muito bom”; 39% que foi “bom”; 27% que foi “regular” e 9% que foi “mau”. Estes 9% são os que falam e manipulam os grupos. Já não creio no que me dizem os grupos. E assim nos outros aspectos do Instituto - ponderou no **Diário 14**, em 30 de setembro.

Livre das aulas, prosseguiu na Reitoria do Instituto, atendendo outros compromissos muito importantes na América Latina. Para os Reitores de 90 Colégios integrantes da Confederación Nacional de Centros Docentes ministrou conferências sobre Puebla em 1º de setembro.

De volta da Itália e Alemanha, em 6 de novembro, aproveitou a passagem por Bogotá para tratar de assuntos relacionados com o Instituto. Não foi encontrado um candidato substituto. Teve que permanecer como Reitor por mais um ano. Em Medellín a comunidade preparou-lhe uma surpresa: uma festa pelos seus 60 anos de idade, com missa solene e um churrasco preparado por dois gaúchos.

Encerrando-se o ano letivo do Instituto em 30-11-1979 Frei Boaventura ainda deu palestras a 100 religiosas em Medellín; a um grupo de sacerdotes, religiosas e leigos, em Armênia; aos responsáveis da Pastoral Juvenil na Colômbia, em Medellín; deixou pronta a edição da revista **Medellín** e tomou diversas providências administrativas do Instituto, partindo para um mês de férias no Brasil, em 15 de dezembro. Também sabia passar alguns dias de férias na sua “paróquia”, como na praia colombiana de Coveñas, onde esteve numa casinha de Roberto e Marieta de Molina, por uma semana mais de descanso, de água de mar, de sol, de brisa, de calor, de mosquito. Todos os dias celebramos bem piedosamente a santa missa, com meditação sobre a Palavra de Deus - como está no **Diário 14**, em 27-1-1980.

Após um curso de quatro dias para superiores provinciais, em 25 de fevereiro, no Rio de Janeiro, tomou as últimas providências para o início do novo ano letivo, aberto oficialmente em 3 de março, com 73 alunos inscritos, sendo 9 brasileiros.

Utilizava o tempo disponível para pregar cursos e retiros. Em San Cristobal, perto de Cúcuta, deu um curso de três dias sobre Puebla a 120 ou mais padres e seminaristas maiores. *Fiquei surpreendido quando vi chegar os padres: todos de batina!* - reparou no **Diário 14**, em 15 de abril. - *Não esperava. Deve ser a única diocese da América Latina (quem sabe Campos também). O Bispo, Mons. Alejandro Fernández Feo, é considerado “conservador”, mas não na linha do bispo de Campos. Diria que há disciplina. Alguns criticam, mas vestem a batina. É a diocese de Venezuela com mais clero nativo e o melhor seminário.*

Importante foi o curso sobre o **Documento de Puebla** ministrado aos bispos da América Central, em Manágua, Nicarágua, em 5 de maio. Dos 32 inscritos, havia somente 25 bispos presentes. Os 4 bispos de Nicarágua se manifestaram *nada satisfeitos com a situação “sandinista”*. *Vi durante uma hora a TV: pura e constante propaganda sandinista. E assim pelo rádio, pelos jornais. O povo inteiro está sendo submetido a uma lavagem cerebral sistemática. Não acredito que Hitler fez as coisas melhor. Não há nem vestígio de pluralismo - analisou no **Diário 14**. No dia seguinte, acrescentou que a tendência marxista-leninista dos sandinistas é evidente. Todos os postos mais importantes do país, na televisão, na rádio, etc. estão nas mãos de cubanos. No decorrer dos dias, presenciou meninos vendendo livros sobre a revolução sandinista, sobre luta de classe, marxismo, Cuba, etc. As duas TV e o único jornal são sandinistas. A campanha de alfabetização está totalmente ideologizada e dirigida. No avião, já voando para o Panamá, a meu lado estava sentado um moço, que pelo aspecto bem poderia ser um dos guerrilheiros sandinistas, lia um livro sobre a luta de classe. Mas ao mesmo tempo pedia mui burguesmente um wiski...* - reparou no **Diário 14**, em 8 de maio.

No dia 12, iniciou um Curso sobre Puebla para 80 sacerdotes bolivarianos, em Paipa, a três horas de ônibus de Bogotá.

O reitor prosseguiu, em 1980, a norma de realizar anualmente uma avaliação do curso no Instituto. Os estudantes, *em sua absoluta maioria estão não somente contentes, mas contentíssimos. Mas sempre há algum “espírito de porco” no meio. Estes nunca estão contentes com nada, nem com eles mesmos* - escreveu à Irmã Régis, em 2 de junho.

Por ocasião de sua estadia no Rio de Janeiro para participar da visita do Papa João Paulo II ao Brasil e a da sessão extraordinária do CELAM, Kloppenburg reuniu-se com a Comissão Episcopal para tratar de assuntos do Instituto. A redução do número de matrículas preocupava a Reitoria, o que se deve à diminuição das vocações e ao curso considerado excessivamente comprido. Os bispos dificilmente podem dispensar um padre por um ano inteiro. Daí a idéia de se organizar cursos breves. As seções da Espiritualidade e Liturgia foram fundidas numa só, prevalecendo as razões pastorais para a sua fusão. *Por fim pedi uma vez mais que se pensasse num novo reitor para o ano que vem* - insistiu no **Diário 14**, em 4 de julho.

Comemorando-se o quarto centenário do nascimento de S. Pedro Claver, o “escravo dos escravos”, o CELAM organizou um “Encontro sobre Pastoral com Grupos Afro-americanos”, de 26 a 29-7-1980, em Cartagena, o mais antigo porto da Colômbia. Frei tomou parte com o tema sobre “*Os afro-brasileiros e a Umbanda*” e sobre a “*Africanização da Igreja*”, com textos escolhidos dos 68 discursos que o Papa João Paulo II fez em maio passado na África - realçou no **Diário 14**, em 25 de julho.

Comentando a conferência do P. Valtierra, SJ, sobre a atitude da Igreja diante da escravidão, opinou em seu **Diário 14**, em 29 de julho, último dia do seminário: *Acho que se pode afirmar que a consciência cristã nunca aceitou com gosto a instituição da escravidão. Nem estava no poder da Igreja acabar com ela. Mas a aceitaram como um fato consumado e inevitável.*

Mais outra importante promoção do CELAM foi a realização do Curso para Formadores de Clero para a América Latina, inaugurado em 3 de agosto, em Medellín. Estavam inscritos 40 cursistas. Coube-lhe toda a parte teológica sobre o ministério ordenado, num total de 60 horas-aula.



Com o Cardeal Agnelo Rossi, em outubro de 1975.



Cardeal Arns e Leonardo Boff, em Puebla, em 1979.



Dom Afonso López Trujillo* hoje (1999) é cardeal e atua no dicastério sobre a família, em Roma; com Frei Boaventura em 1979.
*Falecido em 19-04-2008.



Entre Frei Desidério Kalverkamp e Frei Egberto Prangenburg, na Cúria Geral OFM, em 4-10-1981.



Vista da Bildungshaus, em Salzburg/St. Virgil, onde se deu o encontro, em 1981.



Em vez da manchete da nomeação de bispo, em 3-6-1982, jornal de Nicarágua vê nele o “teólogo da morte”.



Marieta de Molina, em 11-6-1982, nos primeiros ensaios para pôr os arreios episcopais.



Na casa de sua mana Hedwig proferiu e assinou o juramento e profissão de fé.



Cardeal Brandão Vilela foi o ministro sagrante, em 1-8-1982, em Rolante.



Os 10 irmãos Kloppenburg na Praça Pe. Jorge Anneken, em 1-8-1982.



Dom Ângelo Salvador, Dom Luciano Duarte, Cardeal Vilela e Dom Boaventura, em 15-8-1982.



Como Vigário Geral Frei Boaventura várias vezes representou o Cardeal Vilela, em agosto de 1982.



Com Pe. Karl Heinz Tabeling em Oythe, em 17-10-1982.



F. Wilhelm Schierholt e Agnes, irmã de Frei Boaventura, em 21-1-1984.



Na inauguração da FEEVALE, ao lado do pastor Ingo Wulhorst, em agosto de 1991.

veja
Rio Grande do Sul
 DE ZESTURO 1991
 S T Q Q S S D
 9 10 11 12 13 14 15

*D. Boaventura Kloppenburg,
bispo de Novo Hamburgo*

O ESCUDEIRO DO VATICANO
O bispo que move uma guerra sem tréguas contra a esquerda na Igreja brasileira

CIRCULA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Capa da revista VEJA, de 11-12-1991.



Diante da Catedral de S. Luiz, na foto da Veja, de 11-12-1991.

D. Boaventura Kloppenburg, bispo de Novo Hamburgo, que dedicou cinquenta anos de sua vida à Igreja, é amigo do papa João Paulo II, acha que o socialismo é uma utopia e uma violência, promete chibatadas para os padres, defensores da Teologia da Libertação, e defende que o trabalho social cabe a "outras instituições".



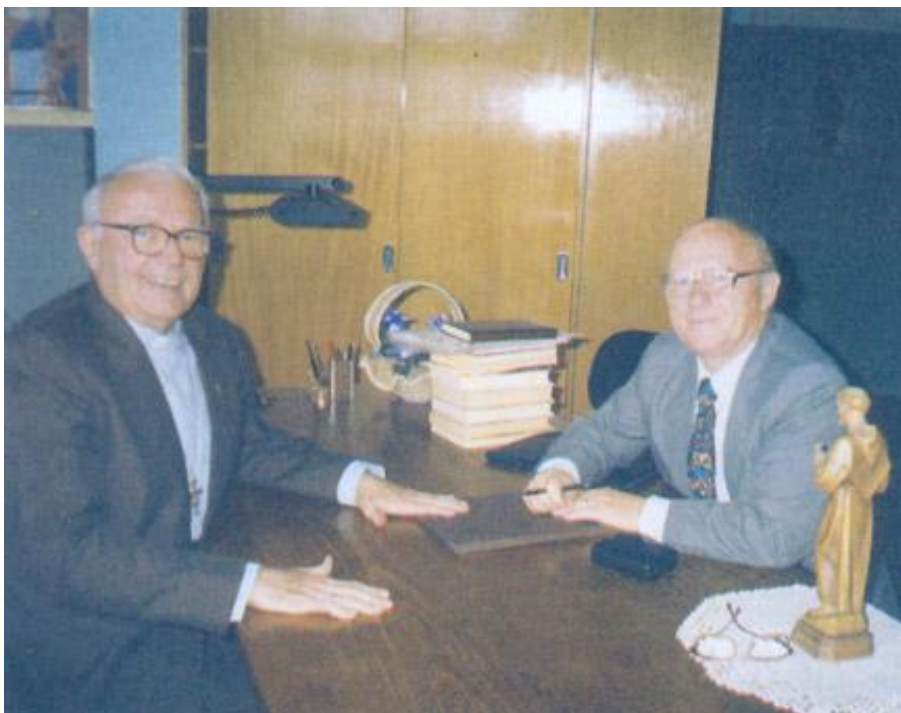
Os irmãos Kloppenburg, 70 anos no Brasil, em 1994.
De pé: Teresa, Alma, Irmã Jesefine, Hedwig, Frei Boaventura e Paul.
Sentados: Irmã Manuela, Agnes, Franz e Maria.



Com a Irmã Régis na visita *ad limina* ao Papa João Paulo II, em 12-10-1995.



A última moradia dos Kloppenburg, em Hausstette, em 9-9-1997, quando nasceu o projeto deste livro.



Frei Boaventura e (padre) José Alfredo Schierholt, seu biógrafo.

Para 42 padres inscritos da América Central e 42 do México, Kloppenburg e outros articularam um Curso sobre Puebla, em San José da Costa Rica, de 19 a 29 de agosto. Quase todos eram párocos e vigários gerais. No dia 31, seguiu para o México, para outro curso sobre a situação eclesial-pastoral da Igreja em seu contexto histórico e no mundo de hoje, a 60 membros do clero da Diocese de Tacámbaro. Em 5 de setembro ocorreu outro curso no auditório do Seminário Maior de Querétaro, havendo 120 pessoas, entre padres e leigos.

Em Quito, de 20 a 26 de outubro, com outros palestrantes, houve o curso sobre as mútuas relações entre bispos e religiosos na Casa de Retiro Betânia, da Arquidiocese.

Retornando a Medellín, completou sua carga horária de aulas no Instituto. *Espero ter dado hoje minha última aula* - aspirou no seu **Diário 14**, em 31 de outubro. Estava tudo planejado para que deixasse o cargo de reitor para o seu substituto Pe. Rodrigo Arango Velasquez, permanecendo Kloppenburg ligado ao Instituto, com atuação no setor de pesquisa, direção da Revista **Medellín** e professor. Entretanto, enquanto não desse posse ao novo reitor, continuaria ele no cargo. Cabia-lhe a responsabilidade de formar uma nova turma para o próximo ano. Das 800 cartas enviadas a cada bispo da América Latina, apenas 56 responderam, dos quais 32 afirmativamente, prometendo enviar um padre, e 24 negativamente, dizendo não dispor de sacerdotes para este fim. Dos outros, nem sinal de vida. Assim são os bispos - queixou-se no **Diário 14**.

Antes do encerramento do ano letivo, antecipado para o dia 21 de novembro, foi feito o planejamento acadêmico do novo ano letivo, uma vez que Frei Boaventura havia sido chamado para ministrar cursos em Madrid e Verona, em novembro e dezembro.

A fim de encontrar um novo diretor da Seção de Catequese, em 20 de dezembro foi a Porto Alegre, mantendo contato com o Pe. Pedro Krämer e Pe. Roque Zimmermann, MSF, hoje deputado federal, pelo PT do Paraná. Ambos não puderam aceitar o convite. Regressando a Medellín, encontrou o Instituto em férias. *É curioso que o novo Reitor ainda não tenha aparecido, apesar de já estar em Medellín. Não veio nem para ver o Instituto* - ironizou no **Diário 14**, em 5-1-1981.

Dois dias depois, chegou ao Instituto o Pe. Rodrigo Arango, o novo Reitor do Instituto. *Conversamos várias horas, na presença sempre de Mons. Urrea. Parece-me simpático e bom.* O Pe. Rodrigo nada contara do seu segredo, mas Kloppenburg desconfiou, em 11 de janeiro, quando o Arcebispo Mons. Alfonso López Trujillo o convidou para almoçar perguntando-lhe *se estaria disposto a aceitar outra vez a Reitoria do Instituto, caso houvesse algo com o Pe. Rodrigo Arango...* Suspeito que ele quer Rodrigo Arango como bispo auxiliar de Medellín. E eu fico outra vez... - profetizou no **Diário 14**.

No dia imediato, o Cardeal Duque levou Frei Boaventura para Tunja, a 3.000 m de altitude, capital de Boyatá, em cujo Seminário Maior pregou o retiro espiritual para a primeira turma da Arquidiocese de Bogotá, com 108 padres, concluindo-o no dia 16 de janeiro. Com 75 sacerdotes, a segunda turma iniciou o retiro três dias depois, terminando-o no dia 23.

A suspeita de permanecer como reitor do Instituto se confirmou com a notícia da nomeação de Pe. Rodrigo Arango para bispo auxiliar de Medellín, publicada no **El Colombiano**, jornal daquela cidade, em 2-2-1981. Três dias antes, já havia recebido a notícia de que o Pe. Javier Jaramilho, diretor da Seção de Espiritualidade, havia sido eleito provincial dos Carmelitas Descalços. Na reunião do Secretariado do CELAM, *me fizeram ver a impossibilidade de conseguir outro - lamentou no Diário 14*, em 5 de fevereiro. *Simplesmente me nomearam mediante aplausos. Declarei que seria para um ano, não mais. Assim, pois, sou outra vez reitor do Instituto. Tiveram a melhor oportunidade e a maior liberdade para nomear outro. A insistência deles é para mim sinal de aprovação e confiança. Mas eu me senti triste, toda a tarde, com vontade de chorar, como se tivesse cometido um grave delito...*

Dois dias depois de pregar o retiro mensal aos confrades franciscanos em Bogotá, foi novamente ao México, para um Curso sobre Puebla ao clero, no Seminário de Querétaro. Retornou a Medellín em 18 de fevereiro, a fim de ultimar os preparativos para o início do novo ano letivo, sem que houvesse os diretores para as seções de Espiritualidade e Catequese.

Em 21 de fevereiro, embarcou para Assunção, na Casa da Família Salesiana em Ypacaraí, a 30 km da capital paraguaia, para um curso de seis dias sobre Puebla aos sacerdotes do Cone Sul, com 90 participantes. Com gripe, em dias de intenso calor, chegou a falar 8 horas por dia: *três pela manhã, três pela tarde e duas pela noite - segundo o Diário 14*, em 26 de fevereiro. - *Cada conferência é como um banho turco. Abre todos os poros.*

Com 81 candidatos inscritos teve início do ano letivo no Instituto, em 2-3-1981. Para Diretor de Espiritualidade foi nomeado Pe. Fernando Londoño, SJ, doutor em Espiritualidade na Gregoriana, por 9 anos mestre de noviços, por 6 anos provincial dos jesuítas e por 3 anos reitor do Colégio Santo Inácio em Medellín.

Nova missão no Paraguai teve, de 14 a 20 de junho, junto com o Pe. Jorge Jiménez, para um Curso sobre Puebla a 36 bispos, sendo 12 brasileiros, 11 argentinos, 6 paraguaios, 3 chilenos, 3 peruanos e 1 uruguaio. Descreveu os bispos como *“mais do tipo conservador”*, e por ser assim também classificado *estou em casa - observou no Diário 14*, em 17 de junho.

Da Áustria partiu para o México, hospedando-se no Seminário Maior de Guadalajara em 5 de julho, para o Curso sobre Puebla a *uns 115 padres e 150 freiras*, tendo que falar *cada dia entre 6 e 7 horas. Estou cansado - reconheceu no dia 10, no Diário 14*. No dia seguinte, seguiu a Aguascalientes, para um retiro ao clero, participando junto. No dia 19, foi até Apizaco, em cujo Seminário Maior se instalou *para mais uma semana para ajudar no IV Curso Latino-Americano de Animação e Espiritualidade Missionária. O curso dura 4 semanas. Eu terei que ser o professor da primeira semana. As aulas começam amanhã - anotou em 19 de julho no Diário 14*.

De volta a Medellín em 26 de julho, encontrou o novo diretor da Seção da Espiritualidade, o Pe. Álvaro Jiménez, SJ. De 16 a 21 de agosto, presidiu em Bogotá as reuniões de um grupo de sete especialistas sobre as seitas na América Latina, terminando *com um pequeno documento de reflexões pastorais. À tarde fiquei na sede do CELAM estudando uma interessante documentação de Nicarágua, atualmente a Meca da teologia da libertação. Estes teólogos se sentem como em sua casa, num ambiente socialista-marxista - criticou no Diário 14*, no mesmo dia 21.

No dia seguinte, encontramos Kloppenburg em Buenos Aires, hospedado na Casa do Clero, para um encontro sobre o *Panorama atual depois de Puebla*. De todos os documentos coletados o que mais impressionou os participantes foi o que veio de El Salvador: *“Proposta para captar el marxismo de ayuda com fines humanitarios en beneficio del proceso revolucionario”*. *É um documento maquiavélico que prova como o marxismo se serve de clérigos como inocentes úteis - alertou no Diário 14*, em 25 de agosto.

Malgrado tivesse como que se despedido do magistério, Frei Boaventura retornou à sala de aula no segundo semestre, a partir de 10 de setembro de 1981.

A 120 km de Montevidéu, em Nova Helvécia, Departamento de Colônia, de 21 a 25-9-1981, tomou parte de um curso intensivo sobre Puebla para 34 padres do Uruguai, 10 do Brasil e 4 da Argentina. Houve quem rejeitasse a exposição do conferencista sobre a Teologia de Puebla, provando a incapacidade de levar à gente de Montevidéu a mensagem cristã. *No Uruguay inteiro só 4.5% da população é católica praticante (calculam um total de 120.000 católicos praticantes em toda a nação). Para uma população deste tipo deveriam ter um clero mais religioso... - asseverou no Diário 14*, em 23 de setembro.

Voltando de uma peregrinação pelo Uruguai, Brasil, Itália e Alemanha, encontrou o Instituto *mais ou menos em boa marcha*, segundo o **Diário 14**, em 16 de outubro. Na festinha do seu 62º aniversário, presente numa reunião, entre outros, Mons. Antônio Quarracino, secretário geral do CELAM, foi informado de que

deverá permanecer como reitor do Instituto também para 1982. *Estando as coisas assim, devo considerarme inamovível...* - brincou no **Diário 14**, em 2 de novembro.

O encerramento do ano letivo de 1981 foi com festa, a *melhor de todos os anos* - exultou no **Diário 14**, em 26 de novembro. - *O tom geral manifestado pelos estudantes foi positivo e creio que sairão para suas terras enriquecidos e animados. Meu discurso de encerramento também tomou um tom otimista.*

A segunda turma do Curso de Formadores do Clero na América Latina iniciou no dia 10-1-1982, com três meses de duração, desenvolvido no Instituto. Participam 24 alunos, procedentes de 13 países. Couberam-lhe as aulas de Teologia, sem responsabilidades diretivas. O encerramento solene se deu em 2 de abril. Na avaliação dos professores, os alunos julgaram Kloppenburg *com menção especial como excelente.*

Para tomar parte de uma reunião de peritos do grupo de teólogos do CELAM a fim de tratar sobre “Reconciliação e Penitência”, tema do Sínodo dos Bispos para 1983, viajou a Buenos Aires em 21-2-1982, hospedando-se na Casa de Retiro Madre del Silêncio. O seu trabalho foi sobre a *reconciliação na Igreja segundo Puebla*. Na distribuição de tarefas, encarregou-se Frei Boaventura do tema “A Igreja e a Penitência”. Os debates duraram sete dias.

Voltou de Roma em 26 de março para reassumir a reitoria. O novo ano letivo e última turma regida por ele iniciou em 19 de abril, com quase 90 alunos matriculados, procedentes de 17 países latino-americanos.

Nas folgas dava palestras, de preferência nos seminários maiores, ou auxiliava alguma paróquia vizinha. Na Semana Santa de 1982 quis ficar *aqui mesmo, para officiar no Asilo dos Velhos que está aqui ao lado. Assim o fiz nos últimos anos* - anotou no **Diário 15**, de 3 de abril. No restante do tempo, escrevia muito, chegando a redigir nos últimos meses o total de 220 páginas, em várias frentes de teologia, onde tinha alguma participação. Ao sofrer Pe. Francisco Merlos um enfarto, suas aulas de Introdução à Teologia Pastoral foram assumidas por Kloppenburg, com seis horas diárias, de 10 a 14 de maio.

Nesse meio tempo, já estava eleito bispo. Obrigado a manter o absoluto sigilo pontifício, prosseguiu seus trabalhos. Para o Congresso de Eclesiologia, em agosto, já tinha redigido um texto de 75 páginas, como título final de “Pluralismo Eclesial”, embora não participasse do evento, devido à sua sagração episcopal e regresso ao Brasil.

Em 24 de maio participou de uma semana de estudo sobre Direitos Humanos na sede do Secretariado Geral do CELAM, em Bogotá. Contribuiu com 40 páginas sobre os direitos humanos no Concílio Vaticano II, com particular atenção sobre a liberdade religiosa, que, no Concílio, foi das questões mais delicadas.

Sua última missão como teólogo na sua imensa “paróquia” da América Latina foi em Manágua, para onde voou em 31 de maio, hospedando-se no Seminário Menor. A uma centena de padres da Arquidiocese falou por cinco horas sobre a “Igreja Popular”, estando presentes seus principais líderes, bem como à noite, às religiosas e leigos, no Colégio Teresiano. *Fui bem duro no meu discurso. Muitos gostaram e outros se foram indignados: “É duro este modo de falar; quem o pode agüentar”* - aludiu a **Jo 6,61** no **Diário 15**, em 1º de junho. No dia seguinte, reuniu-se com a Conferência Episcopal de Nicarágua, sendo convidado *para recolher elementos para uma carta pastoral sobre a Igreja “popular”*. *À noite falei outra vez duas horas no amplo salão do Colégio “Teresiano”, bem lotado. Mas tive notícias de descontentamento* - acrescentou em suas memórias.

O descontentamento do clero politizado repercutiu em grandes manchetes pelos jornais sandinistas de Nicarágua, como **El Nuevo Diario**, edição de 3-6-1982: **Traen a Teólogo de la muerte!!!** Na capa e última página o jornal acusa Kloppenburg de ter vindo a Nicarágua *“para ofender a revolução e aos cristãos revolucionários”* - *“convidado pela Cúria Arquiepiscopal para que falasse como Deus”* - *“discursou 5 horas e não permitiu nenhum diálogo”* - *“acusou o quanto quis os sacerdotes progressistas do país e aos centros ecumênicos de reflexão que funcionam aqui”*. A mesma edição do jornal também divulgou longa carta anônima de um padre progressista - *“condenando os ataques de Kloppenburg contra os sacerdotes nicaraguenses progressistas e a revolução”*.

Mesmo que explodisse a notícia de sua eleição como bispo, festejado por todos, Frei Boaventura cumpriu com seus compromissos de magistério, como depôs em seu **Diário 15**, em 11 de junho: *Acho que dei hoje as minhas últimas aulas neste Instituto. Durante toda a semana dei aulas sobre a antropologia teológica.*

Do Conselho Episcopal Latinoamericano - CELAM recebeu uma carta de felicitações e agradecimento pelos “longos anos de trabalho executados em Medellín, longe de sua própria terra”:

Bueno Aires, 14 de junio de 1982

Monsenhor Buenaventura Kloppenburg

Querido Monseñor:

La vocación apostólica es un signo de predilección divina. Así fueron llamados los Apóstolo por la voz del mismo Cristo: “sequere me”; así son llamados hoy los Obispos, por la voz del sucesor de Pedro, Vicario de Cristo en la tierra.

El Santo Padre Juan Pablo II lo acaba de llamar para integrar el Colegio episcopal. Seguramente pesó también en la decisión del Santo Padre su larga dedicación al servicio del Celam.

En esta ocasión, la Presidencia y los Directivos del Celam, al agradecerle de corazón sus largos años de trabajo cumplidos en Medellín, lejos de su propia tierra, lo felicitamos, muy fraternalmente, por la llamada que lhe há hecho el Santo Padre, signo de predilección divina.

Que Dios bendiga e haga fecundo su episcopado.

As. D. Alfonso López Trujillo, Presidente - D. Luciano Cabral Duarte, Primer Vicepresidente - D. Román Arrieta, Segundo Vicepresidente - D. Antônio Quarracino, Secretario General - D. Luis Bambarén, Dpto. de Acción Social - D. Francisco de B. Valenzuela, Dpto. de Educación - D. Santiago Benitez, Dpto. de Catequesis - D. Clemente J. Isnard, Dpto. de Liturgia - D. Luis Munive, Dpto. de Misiones - D. Antônio do Carmo Cheuiche, Dpto. de Laicos - D. Luis E. Robles, Dpto. de Vocaciones Y Ministerios - D. José F. Falcão, Sección de Ecumenismo - D. Roque Adames, Sección de No creyentes - D. Oscar Rodriguez, Sección de Juventud - D. Darío Castrillón, Sección de Pastoral Familiar.

Kloppenburg aguardou a nomeação e apresentação do novo reitor, Pe. Alfredo Morin, sulpiciano canadense. *A despedida se fez entre lágrimas*, deixando Medellín em 6 de julho de 1982.

NA AMÉRICA LATINA COMO BISPO

Há muitas pessoas que conviveram com Frei Boaventura em Medellín, sempre na busca da fraternidade e ambiente de comunidade. Entretanto, é preciso reconhecer a dedicação do casal Roberto e Marieta de Molina. Foram sete anos de companhia e ajuda ao Instituto e ao seu reitor. Mais tarde, já no Brasil, o casal o visitou por diversas vezes.

Como bispo da Igreja, esporadicamente, retornava a Colômbia, como de 11 a 26-6-1983, para dar aulas *ou “dictando classes”* em Medellín, como escreveu à Irmã Régis, no dia 10. Na primeira semana, as aulas ao grupo da Seção de Espiritualidade versaram sobre o capítulo V da **Lumen Gentium**, e na segunda semana, sobre a Antropologia Teológica, para todos os cursistas.

O tema “Eclesiologia e Missionaridad en Puebla” serviu para o curso em Buenos Aires, com 50 participantes, organizado pelas Obras Missionárias Pontifícias, sob a direção do Mons. Carlos Gardella, iniciando em 30-1-1984. Hospedou-se na casa dos Padres Combonianos. *De modo geral, creio que foi bom e a gente aproveitou* - avaliou o curso em suas memórias, ao terminar no 5º dia.

Depois de quatro dias de visita a Medellín, hospedado na casa do casal de Molina, em 17-11-1984 iniciou sua participação nos três dias do XVI Encontro Interamericano de Bispos, em Bogotá, na sede do Secretariado Geral do CELAM. A presença de representantes dos Estados Unidos e do Canadá deve-se à temática do evento: as seitas na América Latina, o problema dos 21 milhões de “hispanos” nos Estados Unidos e sua situação na América Central. Os bispos norte-americanos não aceitam a insinuação de que o seu governo favorece a divisão das seitas na América Latina para enfraquecer a Igreja Católica, alegando a separação entre Igreja e Estado, sem que possa ajudar diretamente qualquer religião. Aproveitou ainda a oportunidade para pedir às Assembléias Episcopais dos Estados Unidos 130 mil dólares e do Canadá 70 mil, para a compra da Rádio Excelcior, na Bahia. Ao terminar o encontro, o grupo foi *tomar café com o Presidente Belisário Bettencourt, da Colômbia. À meia noite, tomei um avião da Varig, para voltar ao Brasil. Acho que não valeu a pena. É muito gasto para tão pouco efeito. Ou melhor, para nenhum efeito* - lamentou no **Diário 15**, no dia 19.

Para tomar parte de um Seminário sobre a Teologia da Libertação, mais precisamente sobre a Instrução “*Libertatis Nuntius*”, Dom Boaventura foi a Santiago do Chile em 23-7-1985. O encontro se deu em Los Andes, a 100 quilômetros da capital chilena, aos pés das montanhas mais altas do mundo. Os 23 especialistas trataram da Teologia da Libertação quanto à sua metodologia, interpretação bíblica, Cristologia, Eclesiologia e a opção pelos pobres.

Além de apresentar o tema da Eclesiologia da Libertação, coube a Kloppenburg elaborar o primeiro esboço do texto de um documento chamado “**Declaração de Los Andes**”. Com o auxílio especial do Pe. José Illanes e a contribuição do plenário, o documento foi subscrito por 24 teólogos, filósofos e estudiosos das Ciências sociais, pastorais e laicas de várias nacionalidades e enviado a Santa Sé. No **Diário 15**, em 28-7-1985, julgou *que o texto é bom, crítico e positivo ao mesmo tempo*, dividido em 16 tópicos distintos. O documento foi publicado na imprensa. **El Mercurio**, de 29-7-1985, deu a notícia com manchete na primeira página, sob o título: ***Sobre las Teologías de la Liberación: Texto Completo de la “Declaración de Los Andes”***. - *Este Texto, el primero en su tipo en el mundo, será enviado a Su Santidad Juan Pablo II; al Prefecto de la Sagrada Congregación de la Doctrina para la Fe, cardenal Joseph Ratzinger, y traducido a cinco idiomas.*

Retornou a Salvador, por poucos dias. Em 3 de agosto voou para Caracas. Já em 1981 o Arcebispo de Valência, Dom Luís Henriquez, o havia convidado para pregar um retiro ao clero, sempre adiado. O tema fundamental “*Fiat voluntas tua*” foi desdobrado em quatro meditações diárias, durante cinco dias. *A participação no retiro foi excelente - reparou no Diário 15, no dia 9. - Havia também três bispos. Tenho a impressão de que o clero desta Arquidiocese de Valência não foi afetado pela teologia da libertação. Claro que isso se deve ao próprio arcebispo, que é teólogo e considerado conservador. Também os padres mais jovens me pareciam bons, sem nenhum afeto anti-romano.*

Parabenizando a Irmã Régis pelos seus 30 dias de retiro espiritual, na carta de 2-9-1985 conta que também fez o seu retiro, pregando-o aos sacerdotes de Valência, na Venezuela: *Padres bons e ambiente católico. O arcebispo de lá não é mole. É um exemplo bonito, que prova que afinal o clero ainda depende muito da atitude do bispo. Se o bispo for conivente e tolerante e permite tudo impunemente, o clero de fato faz o que bem entende. Mas se o bispo for firme e tomar as rédeas em suas mãos, o clero o acompanha. E o acompanha de bom grado.*

Como bispo de Novo Hamburgo, igualmente continuava ligado às atividades teológicas da América Latina. No dia do embarque para Bogotá, em 25-10-1986, escreveu à Irmã Régis que iria *participar de um simpósio sobre bio-genética, minha última especialização.*

Tomou parte de um simpósio, organizado pelo CELAM, sobre “*La vida humana desde la gestación hasta la muerte*”. Foi um *simpósio de alta categoria científica para bispos* - observou no **Diário 15**, no dia 27. - *É um verdadeiro curso sobre a engenharia genética.* Estavam presentes médicos, biólogos, cientistas da Espanha, Austrália e da Suécia, em torno de 40 pessoas, dos quais três brasileiros. Depois de visitar amigos e matar saudades em Medellín, retornou ao Brasil em 4 de novembro.

De 8 a 18-3-1987, na Colômbia, integrou-se num curso sobre ecumenismo e seitas na América Latina, com duração de 8 semanas e a participação de 60 padres, religiosos, e leigos de 18 países. A promoção foi da Seção de Ecumenismo do CELAM e da Universidade de São Boaventura. As 15 aulas de Dom Boaventura trataram sobre seitas espiritualistas na América Latina. Não deixou de visitar Medellín.

A convite do Mons. Guarracino, Arcebispo de La Plata, foi para Buenos Aires, no Instituto de Teologia, para aulas e conferências a estudantes de teologia, sobre a atual situação da Igreja, a partir do Vaticano II e sobre o “*maravilhoso humano*”. *Fiquei admirado com o uso da batina por parte dos padres e seminaristas* - observou em suas memórias, em 14-9-1987, retornando a Novo Hamburgo 5 dias depois.

Retornou à Colômbia para passar uns 10 dias de férias em Medellín, nas praias de Santa Marta e na fazenda S. Pedro Alejandrino, onde morreu Simón Bolívar, em 17-12-1830, e seguir a Caracas, em 14-2-1988. Na capital venezuelana, tomou parte de um seminário internacional sobre liberdade e libertação, organizado pelo Centro de Estudos para o desenvolvimento e integração da América Latina (CEDIAL), com a participação de umas 50 pessoas. Solicitado a elaborar um texto sobre os três temas: *pobres, libertação e conflito*, apresentou um trabalho com o título “***Eclesiologizações para oprimidos***”, *que foi muito bem recebido. Foram dias de intenso trabalho, enquanto lá fora se festejava o carnaval. Regressei no dia 19 de fevereiro* - anotou no **Diário 15**.

De 7 a 22-7-1988 esteve novamente na Colômbia para ministrar, com outros colegas, um curso intensivo. *É interessante notar que o curso de duas semanas funciona ao mesmo tempo em Bogotá, Medellín, Bucaramanga, Barranquilla e Pereira. Os mesmos professores são aproveitados e devem ir para estas cidades. O método atinge a totalidade do episcopado da Colômbia, boa parte dos padres, numerosas religiosas e leigos* - observou em suas memórias, em 13 de julho. Falou sobre as “*Eclesiologias para oprimidos*”. Às vezes, os aviões atrasavam o vôo. Ao retornar ao Brasil, anotou em seu diário que foram dias de intenso trabalho, *empenhando a parte mais nobre de meu ser. Comuniquei-me assim com uns 60 bispos,*

1000 presbíteros e 1500 religiosas. - *Como retribuição pagaram-me as viagens e deram-me 800 dólares.* Não mencionou as conferências aos leigos, à noite, com o tema “o lugar da libertação na missão da Igreja”.

A fim de tomar parte no Congresso Internacional sobre Reconciliação em tempos de pobreza e violência, foi a Lima, no Peru, em 2-8-1989. Pela manhã, na bela Casa de Retiros dos Padres Passionistas, houve a apresentação de temas entre bispos e teólogos especialmente convidados. À tarde, no salão de um colégio dos Irmãos Maristas em Callao, *havia muita gente, provavelmente atraída pela fama da Irmã Teresa de Calcutá. Ela fala em inglês, tendo uma irmã ao lado para traduzir frase por frase ao espanhol* - anotou no **Diário 15**, encerrando-se o evento no dia 6.

Aproveitando uns dias de descanso nas praias de Coveñas, de 14 a 19 de agosto, na sede do Secretariado do CELAM, em Bogotá, integrou a equipe que elaborou um Documento de Consulta para a IV Conferência do Episcopado Latino-Americano.

No ano seguinte, participou em Bogotá do Congresso Latino-Americano da Caridade, iniciativa conjunta do Pontifício Conselho Cor Unum, da Pontifícia Comissão para a América Latina e do Conselho Episcopal Latino-Americano. Kloppenburg apresentou uma tese sobre “*Uma interpelação à Teologia da Caridade desde a perspectiva do problema das seitas*” - conforme o **Diário 16**, de 9-7-1990, ao abrir o congresso. Mais de 250 representantes, entre os quais uns 70 bispos, tentaram aprofundar a realidade da Caridade na América Latina e em suas exigências teológico-pastorais a fim de promover a diaconia do amor como alma e inspiração da nova evangelização. Está convencido estar aqui ausente *a preocupação para a agápe cristã como sinônimo da graça santificante. Esta, no entanto, indica o objeto principal da ação pastoral da Igreja. Se lhe falta o amor a Deus, a caridade deixa de ser cristã e se transforma em filantropia e sai do campo da missão específica da Igreja* - concluiu no **Diário 16**, em 12-7-1990. A atenção principal dos congressistas ficou no corolário, isto é, as obras da caridade. Sete anos mais tarde, em 135 páginas expôs suas idéias no livro **Agape. O Amor do Cristão**.

Seus anos de dedicação na Colômbia chegaram a criar raízes de amizade. Em janeiro de 1991, esteve em Medellín para se submeter à prostatotomia e descansar por alguns dias. No mesmo mês do ano seguinte, retornou às férias em Medellín e Coveñas, uma praia de *gente mais pobre. Estivemos hospedados em uma humilde “cabana” à beira do mar. No domingo (dia 12) cumprimos nosso dever cristão dominical em Tulu, uma cidadezinha muito antiga, onde prevalece o elemento negro. Voltamos ontem* - registrou no **Diário 18**, em 17-1-1992. - *Foram dias de descanso e amizade. Dias lindos que não voltam mais.*

Seguiu para San José de Costa Rica para tomar parte de um simpósio sobre o indiferentismo religioso na América Latina, sob a presidência do Cardeal Paul Poupard.

Antes de regressar, foram ver o vulcão Irazu, a 3.430 metros de altitude, o Santuário Nacional Nossa Senhora de Los Angeles, em Cartago e a cratera de Poas *que fumegava dia e noite num lago de enxofre* - segundo suas memórias, em 26 de janeiro. No extremo norte da Costa Rica, estiveram na praia Flamingo, onde as ondas eram enormes e nada convidativo, com clima muito quente. *Foram férias de verdade* - anotou em 31 de janeiro, seguindo para o Rio de Janeiro, onde fez um curso de uma semana para bispos sobre a doutrina social da Igreja, com 73 participantes.

Novas férias em Medellín iniciou em 8-1-1993, com o casal Roberto e Marieta de Molina - *Tive realmente férias* - reconheceu no **Diário 19**, em 7 de fevereiro. - *Estivemos 3 dias na ilha de Providência. Depois, uma semana na ilha San Andrés. Voltamos então a Medellín. No dia 5, fui a Bogotá, onde me recebeu no aeroporto o Padre Dario Vanegas, OFM, que foi durante os meus últimos 4 anos de Medellín o secretário do Instituto e é agora o reitor da Universidade de San Buenaventura em Bogotá. Ao meio dia, almocei com o novo bispo de Zipaquirá, Jorge Jiménez, que foi durante os meus últimos quatro anos o diretor da pastoral social no Instituto. Durante todo este mês só encontrei gente boa.*

CRÍTICAS À TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

O mesmo estranho “pluralismo teológico”, a “teologia da vanguarda” e outras correntes modernas de teologia, liturgia, eclesiologia e demais temas tratados no Concílio Vaticano II que vingavam no Brasil, no alvorecer da década de 1970, também se espalhavam como rastilho pela América Latina.

Em 28-6-1971, Kloppenburg embarcou no Rio para coordenar a área teológica do curso dos bispos em Medellín. Logo se encontrou com o Pe. Afonso Gregory, gaúcho de Estrela, sociólogo e então diretor do CERIS, encarregado de coordenar a parte relacionada com o conhecimento da realidade latino-americana. Estavam inscritos 53 bispos. O curso durou todo o mês de julho, com intensa variedade de temas e discussões, abrangendo áreas sociológicas, ideológicas, políticas e econômicas.

Ateve-se à doutrina exposta pelo Concílio Vaticano II, rejeitando teorias como a do Pe. Gustavo Gutiérrez, expostas em seu livrinho **Hacia una Teología de la Liberación**. O tema dele era a “Teología da libertação” - documentou em seu **Diário 8**, em 19-7-1971. - Gutiérrez é considerado como o teórico ou o ideólogo da “teologia da revolução” na América Latina. Muitos padres “contestatários” se inspiram nele. Mais adiante, Frei Boaventura resume seu conceito de “libertação” que é tomado como um processo único em três níveis: a) libertação político-econômico-cultural; 2) libertação interna para ser um “homem novo”, livre e agente da própria história; 3) libertação do pecado para a comunhão com Deus e com os homens. Como ele insiste na unicidade deste conceito, a libertação no terceiro nível não seria possível sem os dois níveis anteriores e por isso querem meter a Igreja na luta política. Besteira. Ele jogou com uma porção de vocábulos mal definidos ou ao menos bastante ambíguos: “pecado” (= negar-se a amar, definiu Gutiérrez), “salvação” (= estar com Deus), “graça” (palavra nunca definida), “gratuidade”, “política”, “liberdade”...

No **Diário 10**, em 7-9-1973, fez alusão ao estudo que vinha fazendo nas últimas semanas para ler e estudar livros sobre a teologia da libertação, que agora é moda nos ambientes avançados e progressistas da Igreja. Elaborei uma série de “tentações” da teologia da libertação, apenas em esboço provisório. Tenho que cuidar para não cair na oposição reacionária. Li e estudei atentamente a obra de um teólogo protestante negro estadunidense, James H. Cone: “**A black theology of Liberation**” da qual consegui aqui uma tradução italiana: “**Teologia Nera della Liberazione e Black Power**”. Ele pensa em categorias marxistas e prega um verdadeiro ódio aos brancos. A humanidade toda é dividida simplesmente em duas categorias: os negros (oprimidos) e os brancos (opressores). Tudo o que é bom neste mundo e na revelação é “negro”; o resto é “branco”, é mau. Esse jogo dialético oprimido - opressor se repete, com outra terminologia, também em outros autores.

Num curso de 30 horas ministrado em Quito, encontrou um grupo jovem que se mostrava reticente diante da Teologia - como realçou no **Diário 10**, em 22-9-1973. - Quantas vezes fui interrompido com mais ou menos esta pergunta: Tudo isto está muito bem, mas não tem nenhum valor para a libertação de nossa gente. E por “libertação” entendem invariavelmente a libertação “política, econômica e social”, nada mais. Era o que os Apóstolos esperavam de Cristo; e que Cristo se negava a fazer. Mesmo depois da Ressurreição, já impacientes, perguntavam-Lhe: “Senhor, é agora que restabelecerás o Reino de Israel? (AT 1,6). Jesus simplesmente não foi entendido, nem pelos Apóstolos, em sua doutrina sobre o Reino de Deus que “não é deste mundo” (Jo 18, 36). Hoje estamos outra vez na mesma situação.

Na sede do CELAM, em Bogotá, Kloppenburg leu o livro de Hugo Assmann **Teología desde la Praxis de la Liberación**. Assmann é dos teóricos mais radicais e com mais influência nas atuais tendências da “Teología de la Liberación”. Tenho a impressão de que ele está fazendo um grande mal à Igreja da América Latina. Em Roma, quando estudante, era um entusiasmado da extrema direita, do jornal “**O Catolicismo**”, de Campos e da organização “**Família, Tradição e Propriedade**”. Agora é um radicalizado da extrema esquerda - observou no **Diário 10**, em 30 de setembro.

As relações entre Frei Boaventura e Frei Leonardo Boff foram inicialmente muito boas. Como seu aluno, Kloppenburg o incentivou ao estudo. Em 3-6-1973, Boff fez-lhe uma inesperada visita em Roma, transmitindo-lhe o desejo unânime do corpo docente de Petrópolis para que reassumisse a cátedra da teologia dogmática. Meses depois, em 14 de outubro, anotou no **Diário 10** ter lido uma carta do Cardeal Franjo Seper, Prefeito da Congregação para a Fé, contendo uma série de acusações contra a Editora Vozes e suas revistas. Também a **REB** é acusada com exemplos do tempo de Frei Boaventura como diretor, dizendo-se que ela “habitualmente” fornece a seus leitores artigos de teologia duvidosa ou até contrária ao Magistério, etc. Kloppenburg lembrou não ter podido impedir a publicação dos dois artigos apontados como exemplos na revista e por isso considerou isso uma injustíssima generalização e pura mentira. Fiquei muito sentido com esta acusação. Mas na carta do Card. Seper tudo isso não é atribuído a mim, mas ao Frei Leonardo Boff. Alguns querem arruinar o Boff. Não concordo em muitas coisas com ele, mas acho que, com outros métodos, ele aprenderia a moderar suas excelentes capacidades.

Os aspectos gerais da Teologia da Libertação também foram enfocados na reunião geral dos membros do CELAM, em 19-11-1973, em Bogotá, antes da abertura do Instituto de Pastoral Latino-Americano, seguindo-se uma semana de reflexão sobre isso. De modo geral penso que a Semana fugiu dos verdadeiros problemas teológico-pastorais que a Teologia da Libertação está suscitando na América Latina - reconheceu no **Diário 10**, no dia 24. - Ao menos o que eu tenho encontrado nestes últimos anos, em meus freqüentes contatos com grupos sacerdotais latino-americanos, produziu em mim certas inquietações. Tentei elaborá-las sob o título “as tentações da teologia da libertação”; mas como eu não fazia parte do

grupo dos “ponentes”, não tive oportunidade para apresentar estas preocupações. Mesmo os “elementos relevantes da teologia da libertação”, que esta manhã foram apresentados como síntese da semana, me parecem demasiadamente unilaterais. Admito sem mais que o Evangelho tem também uma dimensão “política”, como dizem agora, e que devemos talvez “desprivatizar a fé”. Mas se esta desprivatização da fé (ou sua politização) significa ou insinua a negação da dimensão estritamente privada, individual ou pessoal da fé, então penso que a desprivatização é simplesmente uma heresia ou um atentado contra a própria medula da fé cristã. É certo que estas negações não são explicitadas (e por isso não há heresia formal), mas insinuadas e na prática muitos padres influenciados pela teologia da libertação silenciam, em suas pregações ao povo, esta dimensão pessoal e já não falam, como antes, das belezas e maravilhas da graça santificante, da necessidade da “salvação da alma”, da urgência da oração individual ou privada, etc. Aí está, a meu ver, o maior perigo teológico-pastoral e que não foi enfrentado nesta semana.

Ao retornar de Roma para Medellín, passou por Petrópolis, onde conversou a manhã inteira com Frei Leonardo Boff, *que está querendo ser uma espécie de Hans Küng* (autor do discutido livro “**Das Christsein**”). Anos atrás era o Guilherme Baraúna que se sentia com esta vocação. Frei Leonardo não tem ou ao menos não mostra ter compreensão para com a Igreja-instituição. Disse-me textualmente que queria escrever um livro herético sobre a Igreja. Pedi-lhe por amor às almas que não o fizesse - alertou no **Diário 12**, em 3-1-1975. Anos mais tarde, em carta à direção da revista **Concilium**, Frei Boaventura solicitou que não mais o considerassem membro da Comissão de Redação da seção “Dogma”, pois sua equipe havia se solidarizado por ocasião da difícil decisão da S. Congregação para a Fé sobre o Prof. Hans Küng. *Não posso identificar-me com semelhante tipo de ‘solidariedade’ e declaro-me solidário com a Santa Sé e rogo, por isso, tirar meu nome da Comissão de Redação da seção ‘Dogma’ de sua revista* - transcreveu no **Diário 14**, em 17-1-1980.

Retornado de Nairobi via Roma, passou pelo Rio de Janeiro, visitando seus confrades em Petrópolis. *Como agradável surpresa verifiquei que a tal teologia da libertação, defendida aqui por Frei Leonardo Boff (que hoje completa 37 anos, mas não está: deve voltar aqui amanhã de Portugal), não é tão aceita pelos demais confrades e que até entre os estudantes há atitudes de críticas* - verificou em 14-12-1975, no **Diário 12**. Por mera casualidade, Frei Boaventura e Frei Leonardo se encontraram em Caracas, como assinalou no **Diário 13**, em 6-4-1977: *Durante o almoço, fui surpreendido pelo aparecimento de Frei Leonardo Boff, OFM, que está também aqui em Caracas, pregando um retiro para um grupo de religiosas. Depois, falei com ele durante duas horas. Teologicamente somos cada vez mais distanciados.*

Estando em Bogotá, em 1º-5-1976, procurou o Núncio Apostólico da Colômbia. *Falei com ele sobre minhas sérias preocupações com a idéia de fundar uma “Igreja Popular” por parte de numerosos grupos sacerdotais politizados socialistas e marxistas*, como fez constar no **Diário 12**, na mesma data.

Sete dias depois, mais detalhadamente falou com Mons. Alfonso López *sobre um problema que venho estudando ultimamente e que me causa muita preocupação: o conceito de “Igreja Popular” que estão agora introduzindo por toda parte certos grupos como os “cristãos para o Socialismo”, “cristãos para a Libertação”, “sacerdotes para a América Latina”, “religiosas para a América Latina”, etc. Querem uma “Igreja Nova”, uma “mudança global da Igreja”, uma “desideologização da Igreja”, um “desbloqueio dos cristãos”, uma “reapropriação do Evangelho” por parte dos pobres e oprimidos. Dizem que o Evangelho foi “seqüestrado”, “domesticado”, “manipulado”, “despolitizado”, “deformado”, “degradado” e outras palavras mais. Acusam a Igreja “oficial” e “institucional” de infidelidade substancial ao Evangelho e a Cristo. Declaram que somente os pobres (=oprimidos) são capazes e têm poder de entender em seu verdadeiro sentido o Evangelho. Por isso a Igreja deve ser “dos pobres e para os pobres”, entendendo por “pobres” não os “humildes e pequenos” mas os oprimidos. Estes seriam o “povo”. Daí a “Igreja Popular”. Estas idéias são sustentadas também por um grupo de alunos do nosso Instituto* - constatou no **Diário 12**.

Dedicou praticamente todo o seu tempo livre em 1976 para escrever os originais do livro sobre a **Igreja Popular**. O texto final foi elaborado num mês, manifestando ele mesmo sua impressão sobre a obra no **Diário 13**, em 10-2-1977: *Pois é muito forte e minhas críticas e ironias aparecem a todo momento. É um trabalho eminentemente polêmico por causa do próprio contexto polêmico do qual surgiu. Se digo que o trabalho durou um mês, refiro-me unicamente à redação final. Pois os estudos prévios de toda a documentação e as mil fichas que servem de memória, tudo isso foi trabalho de um ano inteiro. Nunca trabalhei com tanto afinco e tanto empenho em ser exato e fiel como neste estudo. Tenho consciência de estar fazendo uma obra pouco simpática, mas muito importante para nosso atual contexto intra-eclésiástico da América Latina. Se o publicar, terei adversários em penca. Dirão que sou capitalista, fascista, nazista e*

não sei o que mais. Todos os simpatizantes da esquerda se levantarão contra mim. Para eles quem não é de esquerda é de direita. Ou preto ou branco. Não reconhecem a possibilidade de término médio ou uma posição de “centro”. “In medio stat virtus”. Penso que este princípio ainda é válido E eu tratei de colocar-me no centro. Como quer que seja, penso sinceramente estar com a Igreja, com o papa, os bispos e os melhores teólogos ainda católicos de hoje. O que escrevi é uma apologia (para não usar a palavra “apologética”, que não é de moda) da Igreja. Era necessário. Alguém tinha que levantar sua voz em defesa da Santa Igreja e da mesma fé cristã. Pois tudo é terrivelmente questionado e até friamente negado.

Enviou cópia dos originais do polêmico livro para Mons. Alfonso López Trujillo, Secretário Geral do CELAM, oito dias depois, pedindo opinião pessoal sobre o trabalho e a oportunidade ou não de publicá-lo; Remeteu uma cópia ao Mons. Giovanni Benelli, Secretário de Estado do Vaticano, pedindo a sua bênção e se possível também a do Santo Padre o Papa Paulo VI, e outra cópia ao Cardeal Franjo Seper, Prefeito da S. Congregação da Fé, comunicando que o livro é fruto do seu amor à Igreja.

O livro mais polêmico e mais marcante de Frei Boaventura é sem dúvida **IGREJA POPULAR**. Dele escrevia o autor à Irmã Régis, em 20-5-1977: *O meu filho caçula foi muito bem recebido. Ao menos do lado das altas autoridades. Venho recebendo muitas cartas de aplauso. Até do Papa e de outras autoridades de Roma. Vários Núncios me escreveram. O do Brasil já escreveu duas vezes. Hoje mesmo recebi uma carta do Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, pedindo 200 cópias. Entreguei os originais às Edições Paulinas, em Bogotá, para publicação. Mudei um pouco o tom agressivo da introdução e acrescentei mais uns capítulos.*

Como o serviço gráfico colombiano é lento, a edição espanhola do livro **Iglesia Popular** demorou para sair. Recebeu os primeiros exemplares impressos em 26-10-1977. Na carta de 6-1-1978 à Irmã Régis, o autor informou não ter recebido reação, mas no dia anterior recebera uma carta do Cardeal Rossi, Prefeito da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, considerando a obra “o melhor presente de Natal 1977” e pediu enviar, por conta dele, um exemplar para todos os Bispos do Brasil e todos os prelados latino-americanos dependentes de seu Dicastério.

Realmente, exemplares do novo livro foram mandados para os bispos. Recebeu de muitos deles resposta. Alguns agradecem simplesmente. Outros acrescentam umas palavras - observou no **Diário 13**, em 9-7-1978. Dom Valfredo Tepe, Mons. Alfredo Torres Romero, Dom Bonifácio Piccinini, Dom Ivo Lorscheiter e muitos outros esbanjaram elogios. No México fizeram os bispos uma edição de 10.000 exemplares - completou em suas memórias.

Uma ducha de água fria sobre a “teologia da libertação” de cor marxista foi jogada pelo Papa João Paulo II, em 28-1-1979, na abertura da III Conferência Episcopal em Puebla. Este Documento serviu de farol em meio às dúvidas e querelas de teólogos e pastores. Nas férias do final do mesmo ano Kloppenburg também foi rever sua “comunidade” em Petrópolis. *A saudação com Frei Leonardo Boff foi seca da parte dele. Como nos separaram as ideologias! Pois sinceramente não creio que fosse a Teologia cristã e católica. Mas de fato os dois pensamos agora de uma maneira profundamente diferente. Somos como “irmãos separados” - lamentou no Diário 14, em 17 de dezembro, concluindo: Padre com o vírus esquerdista é como se o diabo tivesse entrado nele. Não tem nem remédio.*

Num encontro de 14 bispos e teólogos sobre o panorama atual depois de Puebla, em Buenos Aires, promovido pelo CELAM, entre os “fatos novos” na América Latina o Pe. João Evangelista Martins Terra, SJ, de São Paulo, deu informações sobre o que estava ocorrendo no Brasil, insistindo sobre a atuação dos irmãos Boff, bem como do Pe. Waldemar Martins, de Santos. *Ambos deram um panorama bastante pessimista sobre a atual situação pastoral do Brasil - censurou no Diário 14, em 26-8-1981.*

Mons. J. Hamer, da Congregação para a Fé, do Vaticano, pediu em carta ao Frei Boaventura, um parecer ou “votum” sobre o livro “**Igreja: Carisma e Poder**”, de Frei Leonardo Boff, publicado pela Vozes. *Já havia lido o livro. De fato não me parece mais católico o que este meu antigo aluno está escrevendo - apurou no Diário 14, em 12 de novembro. - É uma pena. Tinha tanta esperança nele quando o mandamos estudar na Alemanha. Outro dia ele me devolveu pelo correio a separata de um artigo meu n.º 27 de nossa Revista “Medellín”, sobre “Leigos em Apostolado”. Neste artigo eu havia criticado sua doutrina sobre a possibilidade de um leigo presidir a Eucaristia. Enviei-lhe a separata para que conhecesse o artigo e a crítica. Mas ele simplesmente devolveu a separata, sem nenhuma palavra ou explicação. Como se não suportasse nenhuma crítica, ele que vive criticando a Igreja e a Teologia. Ele, na verdade, não sabe mais o que fazer com o Sacramento da Ordem.*

Em visita ao superior provincial dos franciscanos, em São Paulo, Frei Basílio Prim disse ao Frei Boaventura que não sabe como agir em relação ao Frei Leonardo Boff, pois simplesmente não lhe obedece.

Soube de outros que Frei Leonardo considera o Provincial “O burro mais solene da Província” - atestou no Diário 14, em 3-12-1981.

Com muita frequência se encontravam Kloppenburg e Boff, como confrades franciscanos, embora palmilhassem caminhos diferentes ou mesmo opostos, como colegas teólogos.

Numa semana de descanso no Convento de Petrópolis, teve um demorado encontro com seu ex-superior geral Frei Constantino Koser, que acabara de retornar ao Brasil. *Falamos de tudo, principalmente dos problemas da Igreja e da Teologia - detalhou no Diário 15, 12-8-1984. - Tocamos também no caso de nosso confrade Frei Leonardo Boff, que neste momento está novamente esquentando. Frei Constantino não tem nenhuma influência sobre Frei Leonardo, que segue imperturbável em seu próprio caminho, persuadido de ter uma missão messiânica a cumprir. Não me encontrei com Frei Leonardo, apesar de estar no Convento. Tentei procurá-lo. Mas em vão. Falei com o irmão dele, o Waldemar, que também foi franciscano e agora mora com sua família em Petrópolis e trabalha na Editora Vozes.*

Participou no dia seguinte de um encontro com vários bispos no Rio de Janeiro, sobre a **Communio**, uma revista católica num ambiente de perplexidade teológica - segundo as mesmas memórias. - *Falou-se muito desta perplexidade. O bispo de Petrópolis nos informou reservadamente ter recebido uma cópia da carta da Congregação para a Fé a Frei Leonardo Boff (que reside na Diocese), comunicando-lhe o texto a seu respeito e que será publicado. À noite, o Cardeal Eugênio Sales comentou o incidente havido com o lançamento dos três últimos livros dos irmãos Frei Leonardo e Pe. Clodovis Boff, cujo prefácio é de autoria do Cardeal Aloísio Lorscheider. Estamos na confusão consumada - lamentou no Diário 15, no mesmo dia 13.*

Os principais jornais, no dia 14, destacaram a notícia de que *Frei Leonardo Boff terá que responder em Roma, no dia 7 de setembro, a um interrogatório na Congregação para a Fé; e que o Cardeal Aloísio Lorscheider será seu patrono. Boff pondera aos jornalistas que seu interrogatório será no dia da libertação do Brasil...* ironizou no **Diário 15**, no dia 14.

Embora a Instrução “**Libertatis Nuntius**” fosse oficialmente publicada no dia 3-9-1984, **O Globo** já tinha divulgado seu texto, sem respeitar o embargo, iniciando-se os mais contraditórios debates. Leonardo Boff aglutinou em São Paulo as forças contra a Igreja e transformou o “*silentium obsequiosum*” em gritaria insolente. As opiniões se dividiam, a maioria a favor de Boff, considerando a Instrução como “*um pecado mortal contra a caridade*”. *Mas eu estou gostando. Acho o documento formidável e necessário. Como coincide em muitos pontos com as denúncias que eu vinha fazendo, alguns começam a dizer que eu ajudei na elaboração da Instrução. Na verdade fui consultado e, já em julho do ano passado, recebi um primeiro esboço, com o pedido de sugerir correções ou acréscimos. Mas não ajudei na redação. O documento saiu bem mais forte que eu esperava. Vai dar muita discussão - previu no Diário 15, no mesmo dia 3. - Agora sinto-me inteiramente respaldado pela Instrução “**Libertatis Nuntius**”.*

Após o seu colóquio em 7 de setembro na Congregação para a Doutrina da Fé, Leonardo Boff concedeu uma longa entrevista ao **Der Spiegel**, lida por Frei Boaventura. *Creio que com estas declarações Frei Leonardo se queimou mesmo. Não devia ter feito. Ele assim provoca sua condenação - lamentou no Diário 15, em 24 de setembro. Transcorridos dois dias, o Jornal do Brasil propôs um debate público, na Rádio. Eu aceitei, mas Leonardo pretextou que não debatia com Bispos... - após em suas memórias.*

Os (des)caminhos e rumos diferenciados que a teologia estava tomando deixavam Frei Boaventura cada vez mais perplexo e angustiado. *Passei vergonha esta manhã, chorando em plenário de nosso encontro - confessou no Diário 15, em 3-10-1984, na reunião geral da Comissão Teológica Internacional. - Fiz um histórico desta Teologia: como este tipo de reflexão teve seu início em 1964 num encontro latino-americano de teólogos em Petrópolis, como eu era amigos deles todos, como trabalhamos juntos na preparação da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín (1968), como, pouco a pouco, passamos da teologia do desenvolvimento para a da libertação, como entrou então a análise marxista e como comecei a criticar então este tipo de teologia. Quando me referi à Instrução “**Libertatis Nuntius**” e à condenação daqueles meus velhos amigos e companheiros, não contive meus sentimentos e comecei a soluçar. Senti uma vergonha tremenda. Considero-me um pouco a parteira da Teologia da Libertação, pensando naquele encontro de 1964, há vinte anos.*

A Notificação da Santa Sé, condenando Frei Leonardo Boff, por um documento de 10 páginas da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé e mandada publicar por ordem expressa do papa, em 11-3-1985, foi amplamente divulgada pelos jornais. *Assim, pois, termina melancolicamente o caso criado por Frei Leonardo. Há anos, ele me dizia que queria escrever um livro herético sobre a Igreja, para provocar. Eu lhe pedi que não o fizesse. Mas ele achava que só com o método do choque seria possível avançar. Agora*

ele tem o choque. Será que ele o aproveitará para avançar? - perguntou-se no **Diário 15**, em 21 de março. - *Agora já não sou eu, é a Santa Sé, por ordem expressa do Papa, que declara formalmente que os princípios daquele livro põem em perigo a nossa fé. É o que eu vinha alertando desde 1982* - assegurou ele à Irmã Régis, na carta do dia 28.

A decisão “secreta” da Santa Sé de punir Frei Leonardo Boff a um ano de silêncio, tomada em 26 de abril e em vigor desde o dia 1º de maio, foi divulgado pela **Folha de S. Paulo** em 8-5-1985. Mesmo assim, no dia seguinte, Boff deu uma nota à imprensa em cinco pontos, *como se fosse um moribundo que, antes de morrer, deseja manifestar seus derradeiros pensamentos* - observou em suas memórias, destacando apenas a inicial do *Primeiro ponto*: “*Declaro que não sou marxista...*”

O comunicado oficial do Vaticano sobre a punição de Frei Leonardo saiu nos jornais no dia 10 de maio. A pena de um ano é “*um período de obsequioso silêncio*” que *lhe consinta uma séria reflexão, e na abstenção de suas responsabilidades na redação da REB e de outras atividades de conferencista e escritor*. - “**O Globo**” de hoje publica minhas declarações de ontem assim: “*Leonardo Boff agora terá tempo para refletir, orar, meditar e corrigir sua metodologia teológica. A Igreja tem necessidade de uma autêntica Teologia da Libertação e Boff tem todas as qualidades para contribuir neste progresso. Há castigos que vêm para o bem. Frei Leonardo é inteligente, piedoso, estudioso e trabalhador*”.

O Vaticano publicou em 5-4-1986 o segundo documento “positivo” sobre a teologia da libertação, a Instrução sobre Liberdade cristã e libertação, documento que viu publicado na **Folha de São Paulo**, como mencionou no **Diário 15**, no dia seguinte: *É um longo arrazoado, com boa doutrina e oportunas indicações. Reafirma com vigor o valor do documento anterior: “Longe de terem perdido o valor, aquelas advertências mostram-se cada vez mais pertinentes e oportunas”. Mas os jornais anunciam que o subsecretário da CNBB, o Pe. Celso Pedro da Silva, que não sei quem seja, declara que com este documento a Santa Sé “assumiu oficial e universalmente a Teologia da Libertação”. O que é uma necedade. O documento nem fala desta Teologia.*

No seu terceiro ano como bispo de Novo Hamburgo, lembrou a razão de ser considerado “conservador”, “voz isolada” e “voz discordante”. Ao repórter do jornal **Panorama**, de Taquara, RS, em toda a página 16 da edição de 8-9-1989, declarou ter sido *um dos idealizadores por uma teologia própria para a América Latina, a partir de movimentos importantes da Igreja Católica, como o Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín, que fizeram soprar os ventos da renovação*. No momento em que seus principais teóricos passaram a ver no marxismo o único regime político capaz de frear os abusos do capitalismo, Frei Boaventura não os acompanhou, ficando na posição central, cada vez mais isolado, visto pelos outros como conservador. *Eu tinha até então fama de ser um teólogo avançado, para o meu tempo, porque eu me preocupava em estudar os problemas brasileiros, entender os nossos costumes e a nossa religião* - explicou à reportagem, recordando ter assistido a sessões espíritas para melhor entender por que tão freqüentadas por católicos.

O distanciamento de Kloppenburg com os defensores da teologia da libertação ficava apenas no plano teórico. Para a festa do seu 70º aniversário e lançamento do livro jubilar **Para uma Nova Evangelização** fez a proposta de solicitar ao Frei Leonardo Boff, OFM, fazer a apresentação do livro, para fazermos um gesto público de amizade, apesar da diversidade no modo de entender e fazer teologia - destacou no **Diário 15**, em 26-8-1989. - *Insisto em dizer que somos adversários, mas não inimigos. Dois amigos podem ser adversários no jogo de xadrez* - concluiu.

Decidindo Leonardo Boff deixar a vida religiosa e o ministério sacerdotal, Kloppenburg lamentou a decisão em seu **Diário 16**, em 24-4-1990, estando em Roma: *Notícia triste. Sempre pensei que era bom frade e padre*. A confirmação da notícia pelos jornais foi registrada no **Diário 18**, em 29-6-1992: *Para mim é como se tivesse falecido. Deixa-me triste. É certo que já estava doente e moribundo. Mas não pensava que fosse tanto. Na semana passada, publicou o livro América Latina: Da Conquista à Nova Evangelização. Quem lia este livro tinha que fazer um grande esforço para imaginar que seu autor era católico. Segundo os jornais, ele assinou no sábado passado (dia 27) um comunicado, explicando que está deixando a Igreja “para ser livre para continuar trabalhando desimpedidamente”. Requiescat in pace.*

DOCUMENTO DE PUEBLA

Kloppenbug já havia participado intensamente da I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em 1955, no Rio de Janeiro, e na II, em 1968, em Medellín, onde os peritos foram os redatores dos textos das 16 Comissões. Para a III Conferência o caráter da preparação era outro: desde o início se sabia que os textos das Comissões seriam os do próprio **Documento Final** e por isso, deviam ser elaborados

por bispos membros, como autores principais dos textos. Seguramente, o **Documento de Puebla** foi mais bem preparado, rico, teológico, pastoral e, obviamente, mais episcopal.

A primeira lista dos participantes, onde estava incluído o nome de Frei Boaventura, com voz, mas sem voto, isto é, como perito, havia sido aprovado pelo curto pontificado de João Paulo I, o que foi confirmado pelo seu sucessor.

De 16 de outubro a 19 de novembro de 1977 Frei Boaventura permaneceu em Bogotá para *ajudar na elaboração de um documento de trabalho para a III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, a realizar-se no ano que vem* - segundo mencionou no **Diário 13**, realizando-se de fato em 1979. Coube-lhe os temas sobre *a realidade da Igreja na América Latina nos últimos dez anos, o magistério eclesiástico e em especial o episcopado e questões epistemológicas latino-americanas: a história como lugar teológico, a fé como práxis, os pobres com o privilégio epistemológico, profético e missionário* - acresceu na mesma fonte, em 19 de outubro.

No ano seguinte, em 9 de abril, retornou a Bogotá para uma semana de estudos e encontros preparatórios ao **Documento de Puebla**. Boa quantidade de sugestões e críticas ao **Documento de Consulta** tinha que ser estudado pela equipe. Em vez de uma defesa do documento ou duma atitude de polêmica crítica, propôs Kloppenburg *que tratássemos de descobrir as opções fundamentais que estão na base de toda essa discussão e relatássemos um breve e claro documento aos bispos, mostrando-lhes o dever que têm de optar ou por umas ou por outras... Parece que minha proposta foi aceita. Já vinha trabalhando nisso nos últimos dias* - revelou no **Diário 13**, em 9-4-1978.

Os estudos e reuniões para preparar o **Documento de Puebla** prosseguiram de forma intensa. Percebeu-se *quão profunda e amplamente, de norte ao sul de toda a América Latina, certa teologia penetrou nos ânimos e os transformou e insensibilizou para a Doutrina Cristã Tradicional* - alertou no dia seguinte no mesmo diário. - *Estamos no momento mais crítico de uma encruzilhada da Igreja Católica na América Latina*. Arrolou uma listagem com mais de 50 qualificações ao Documento de Consulta para Puebla.



Grupo que redatou o Documento de Consulta de Puebla.

Na distribuição dos temas, coube a Kloppenburg *a ortodoxia-ortopráxis, método dedutivo-indutivo, lugar teológico-hermenêutico*, recebendo o título de **“Alguns critérios da fé”**.

A esperança do CELAM foi o predomínio da sensatez dos bispos em Puebla, desejo que manifestou no **Diário 13**, em 31 de maio: *Os mais radicalizados e internacionalmente conhecidos como “autênticos bispos da América Latina” não irão a Puebla, simplesmente, porque não foram eleitos como representantes e delegados pelas Conferências Episcopais. Prova que eles de fato não são representativos da Igreja Latino-americana*.

Seguiu para Bogotá em 11 de julho para integrar o grupo encarregado de elaborar o texto final ao Documento de Trabalho para Puebla, sob a presidência do Cardeal Lorscheider. O Documento de Consulta recebeu respostas de 22 Conferências Episcopais. Era preciso ficar fiel às suas sugestões e conclusões, *sacrificando inteiramente nossa criatividade. Ninguém poderá depois afirmar que houve manipulação* - alertou no **Diário 13**, no dia 17. - *Um dos conceitos mais complicados é o de “pobre”. Todo o mundo diz agora que a Igreja deve “partir do pobre”, que ela deve “optar pelo pobre”, que ela tem no pobre os primeiros e principais evangelizados, que os pobres devem ser evangelizadores, etc. Não simpatizo nada com tudo isso, a não ser que por “pobre” se entenda “humilde”. O resto me parece demagogia* - enfatizou no **Diário 13**, no dia 24.

Com a ameaça de uma divisão interna na Igreja Latina, descrita na **Igreja Popular** e mais latente no Documento de Puebla, Frei Boaventura Kloppenburg procurou o novo Arcebispo Coadjutor de Medellín, Mons. Alfonso López Trujillo, a fim de propor duas idéias para depois de Puebla, descritas no **Diário 13**, em 30 de julho:

a) *um grupo deveria estudar com mais atenção todo o rico material sobre América Latina, acumulado agora para Puebla. À luz deste material deveria estudar e comentar o documento final de Puebla. E este estudo seria o começo para um Centro de pesquisa, documentação e publicação sobre temas teológico-pastorais para a América Latina.*

b) *Puebla deveria aprovar a criação de um Ateneu Pontifício Latino-Americano, com a finalidade de formar na América Latina os Professores de Filosofia e Teologia nos Seminários Maiores do Continente, excetuado os Exegetas, que deveriam procurar outros centros, mas também eles deveriam fazer a Licença em Teologia no nosso Ateneu. A este Ateneu estariam ligados o Centro de Pesquisas e o Instituto de Pastoral. Só assim teremos na América Latina uma Teologia própria, suficientemente profunda e científica (pois a atual é superficial e selvagem: “Teologia-Pop”) e católica, isto é, em íntima comunhão com Roma e as demais Igrejas Particulares.*

Sua participação nos estudos preparatórios promovidos pelo CELAM repercutiu mesmo no Vaticano. Sua nomeação feita pelo Papa João Paulo I, de meteórico pontificado, foi confirmada pelo seu sucessor João Paulo II, como “*membro*” para a reunião de Puebla, a ter início em 27-1-1979, portanto, com direito de fazer os meus discursos - como escreveu à Irmã Régis, em 1-11-1978.

Para participar como “*membro com voz*”, embora sem voto, por não ser bispo, Frei Boaventura partiu para Puebla, em 24-1-1979.

A cidade de México se encontrava em festa para hospedar o Papa João Paulo II. Leva-se duas horas de carro para ir da capital mexicana até Puebla. O conclave dos bispos realizou-se no Seminário Palafoxiano. O Papa chegou no dia 26, recebido por um milhão e meio de fiéis. *Depois de recomendar tomar nas mãos os documentos do Vaticano II, para estudá-los com amorosa atenção e em espírito de oração para ver o que foi que o Espírito Santo quis dizer sobre a Igreja, disse: “Assim podereis dar-vos conta de que não há, como alguns pretendem, uma Igreja nova diferente ou oposta à Igreja velha”. Também se referiu a um “profetismo pouco esclarecido, que se lança à aventura e utopia de construir uma “Igreja do futuro”. E acrescentou: “Devemos ser fiéis à Igreja que, nascida, uma vez para sempre, do desígnio de Deus, da cruz, do sepulcro aberto do Ressuscitado e da graça de Pentecostes, nasce de novo cada dia, não do povo ou de outras categorias racionais, mas das mesmas fontes das quais nasceu em sua origem”* - documentou no **Diário 14**.

No sábado do dia 27, também Frei Boaventura concelebrou com o Papa na antiga Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, com duas horas de duração. No dia seguinte, o papa abriu solenemente a III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla. *Sem rodeios e em forma direta o papa foi falando, aclarando uma quantidade de questões ultimamente discutidíssimas na América Latina. Eu me sentia inteiramente identificado e estava satisfeitíssimo. Cheguei a chorar de alegria. Depois bastante gente me comentava, dizendo que eu tinha elaborado o discurso* - confidenciou no **Diário 14**, no dia 28.

Certamente, o grupo mais radical da esquerda marxista não gostou das diretrizes emanadas dos discursos do papa. Embora ele não oferecesse à Igreja da América Latina soluções imediatamente pastorais, suas diretrizes foram eminentemente teológicas, insistindo nos aspectos doutrinários, aclarando conceitos e indicando rumos e orientação básica para o **Documento de Puebla**. *Sua presença, aqui, foi algo inesperado e indescritível. É uma nova maneira de ser papa, “pastor universal”. Ele deveria estar mais pelo mundo, “confirmar seus irmãos na fé”, e menos na ordinária administração. Hoje, por exemplo, mais de cem mil estudantes acorreram para vê-lo e escutá-lo no átrio da Basílica de Guadalupe. Depois, em outra cidade, um milhão e oitocentos mil...* - reparou no **Diário 14**, em 31-1-1979, ao retornar o Papa para Roma.

Todos os membros integrantes da Assembléia dos Bispos atuavam integrados em 21 comissões de estudos: estavam presentes 20 cardeais, 64 arcebispos e 137 bispos, com voz e voto. Participaram 90 sacerdotes, 3 religiosos e 16 religiosas. O laicato esteve representado por 35 homens e 25 mulheres, além de 6 observadores não católicos.

A interrupção dos estudos e debates se deu no domingo de 4 de fevereiro, *um dia de “contato pastoral com o povo de Deus”*. Todos os participantes foram divididos em 42 grupos, para visitar 42 igrejas de Puebla. Saíram do seminário às 10 horas. Às 11h, havia “*recepção e convivência com o povo*”. Às 13h, missa. Às 14h, almoço. Às 16h30min, regresso ao seminário. *Eu participei no grupo 17, que ia à igreja de São Francisco (onde estou hospedado, com Frei Constantino Koser)* - averbou no **Diário 14**.

Seguiram-se dias de intensos estudos nos grupos, debates nas comissões e discursos nas plenárias para chegar ao dia do encerramento, em 13-2-1979, *com a aprovação e promulgação, ainda que não inteiramente definitiva do Documento de Puebla. Será o que de agora em diante se chamará simplesmente Puebla* - historiou no **Diário 14**. - *É um Documento de 245 páginas. Embora não seja excelente, é bom. Conseguimos o que ao menos eu esperava. Muitos estarão descontentes. Será problema deles e da atitude deles diante do Magistério eclesiástico autêntico. Já não terão que polemizar com teólogos mas com o papa e os bispos. E o Documento de Puebla certamente é um documento mais episcopal = elaborado pelos próprios bispos, e não pelos peritos, que o de Medellín. Deo gratias! Valeu a pena.*

No dia seguinte, na capital mexicana, trocando impressões sobre Puebla com alguns colegas, *foi dito que Puebla foi mais maduro que Medellín, mais preciso, mais doutrinal. Puebla retoma o impulso de Medellín, mas insiste com mais força na identidade cristã, há a vontade de enraizar a práxis num corpo doutrinal. Puebla tem uma perspectiva mais católica e específica melhor o conteúdo e a ação cristã. Já não tem medo de falar alegremente da fé, sem sentir-se inibida por um mal entendido pluralismo. Aceita criativamente sua identidade cristã. Insiste mais no nexa entre a evangelização e a promoção humana. Resgata o povo-povo e não o pequeno grupo do povo-pobre.*

Proseguindo na mesma análise, concluíram ainda que *Puebla retoma a idéia de uma América Latina como um continente batizado, ratifica um novo modo de fazer Teologia a partir da cultura, da história e do homem latino-americano. Retoma as grandes linhas do Vaticano II, com insistência nos temas humanizantes; que Puebla é o fim das crises do pós-Concílio, terminando com as vacilações, que o Concílio está agora assimilado. O Documento de Puebla é uma grande nova síntese, uma espécie de Diretório Pastoral. É um novo respirar para muitos. Informou-se também que o papa estudou e ensaiou o espanhol lendo o Documento de Trabalho e outra documentação preparatória para Puebla. Em Medellín preponderaram os peritos por que os bispos não estavam preparados para trabalhar em pequenas comissões. Mas que Puebla foi um trabalho de bispos, que estavam também e suficientemente conscientizados pelos numerosos debates teológicos dos últimos anos. Puebla é um novo modo de ser católico: sabemos que podemos continuar como católicos, sem entrar em compromissos com outras ideologias. - Por fim ficou resolvido escrever com urgência um primeiro livro sobre Puebla. Os originais devem ser enviados a Bogotá até o dia 15 de março. Eu aceitei como tema: “Magistério autêntico e magistério paralelo”. À noite do dia 15, Frei Boaventura fez uma conferência de duas horas sobre Puebla aos seminaristas e padres deste Seminário de “Misiones”, no México, retornando no dia imediato para Colômbia.*

O **Documento de Puebla** recebeu a aprovação do papa em 23-3-1979: *Este Documento oferece um denso conjunto de orientações pastorais e doutrinárias sobre questões de suma importância - averbou João Paulo II, segundo transcrição no Diário 14, na mesma data.*

Com 1.310 números, o Documento foi enriquecido com um **Índice Analítico de Materiais**, através de 3.000 fichas, feito por Kloppenburg, considerada *a chave para a leitura de Puebla.*

DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO

Como era do seu desejo íntimo, Dom Boaventura foi eleito delegado da CNBB para tomar parte da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, de 11 a 28-10-1992. Com os demais delegados, em 21-8-1992, viajou a Brasília, para preparar, em dois dias, o documento “**Subsídio para Santo Domingo**”.

A comitiva episcopal brasileira chegou no dia 10 de outubro em Santo Domingo, capital da República Dominicana, a primeira cidade construída por europeus na América, fundada em 4-8-1496. Os bispos brasileiros hospedaram-se no Hotel El Embajador, onde estavam as delegações do Uruguai, Argentina e de outros país. Embora fosse um hotel luxuoso, a medida foi tomada para concentrar e melhor transportar os membros delegados ao local das assembléias plenárias e ganhar tempo para reuniões e estudos. Mesmo assim, um bispo brasileiro criticou o alojamento de bispos em hotéis de luxo, sugerindo hospedagem em casas de família e comunidades religiosas, já lotadas. A crítica ecoou nos setores de imprensa e jornais do dia 15, em primeira página, deram a notícia falsa de que a delegação brasileira resolvera abandonar o hotel, *de acordo com a opção preferencial dos pobres.* Aliás, o grupo de brasileiros estava composto por 63 pessoas, além de outros não oficiais.

As plenárias foram no Auditório da *Casa San Pablo*. Nesta IV Conferência houve um total de 357 participantes, dos quais 307 membros, 25 convidados, 20 peritos (dos quais 2 mulheres) e 5 observadores. Os 307 membros, alguns contados duas vezes, estavam assim discriminados: 20 cardeais, 22 presidentes das Conferências Episcopais, 3 integrantes da presidência da IV Conferência, seus 2 secretários gerais, 5

membros da presidência do CELAM, seus 9 presidentes de Departamentos, seus 4 responsáveis de Seções, 161 delegados das Conferências Episcopais, 2 membros da Pontifícia Comissão para a América Latina, 11 representantes da Cúria Romana, 1 representante dos Sínodo dos Bispos, 21 sacerdotes representantes de 21 países, 4 diáconos permanentes, 9 religiosas, 7 religiosos, 16 leigos (dos quais 5 mulheres), 12 superiores maiores (dos quais 6 freiras), 6 membros da Confederação Latino-americana dos Religiosos (2 religiosas).

Quase 40 pessoas integraram a equipe auxiliar, para atuar nos setores de imprensa, liturgia, dinâmica de grupo, secretaria e tesouraria. Além do elenco oficial, numerosas outras pessoas circulavam entre os participantes, especialmente peritos particulares e jornalistas.

Houve até uma espécie de conferência paralela ou alternativa e contestatária que promovia reuniões e entrevistas e fornecia aos jornalistas informações tendenciosas e radicalizadas - informou Frei Boaventura em **Gênese do Documento de Santo Domingo**, para a revista **Renovação**, março de 1993.

O desejo de Kloppenburg tomar parte como delegado da CNBB se fundamentava na linha histórica da Igreja na América Latina. Já estivera nas três conferências gerais anteriores. Na véspera, foi concelebrada a missa com o Papa João Paulo II, diante do monumental Farol Colombo, especialmente construído para a comemoração dos 500 anos do descobrimento da América, para não dizer da invasão dos europeus em solo americano. Durante as cerimônias o papa canonizou Dom Ezequiel Moreno y Diaz, um agostiniano espanhol que foi bispo na diocese de Pasto, Colômbia, e faleceu em 1906.

No dia 12 de outubro de 1992 foi festejado o 5º centenário da descoberta da América, iniciando-se o conclave dos bispos. Teve a impressão de que o discurso de abertura do papa *foi bom, mas não se pode comparar com o de Puebla 1979. Não terá o impacto que teve na 3ª Conferência Geral* - observou no **Diário 18**, na mesma data.

No dia seguinte, *à tarde o papa também participou no plenário. A santa missa foi concelebrada às 12 h. À noite ceamos lá. Depois os bispos do Brasil estiveram reunidos. Ficamos sabendo da trágica morte de Ulysses Guimarães e Severo Gomes* - documentou em suas memórias.

De 30 Comissões, Kloppenburg integrou a oitava: *Ecumenismo, diálogo interreligioso, sectas y nuevos movimientos religiosos*, reunindo-se na Universidade Católica Mater et Magistra.

No quinto dia em andamento, considerou *o ambiente geral muito bom. Bem melhor que em Puebla em 1979* - observou em suas memórias, no dia 17. - *A situação interna da Igreja está completamente mudada. Como por encanto, desapareceram os teólogos da libertação com suas petulâncias. Alguns deles estão extra muros, na cidade. Mas, ao menos até o momento, pouco nos molestaram. Conseguiram apenas que hoje um bispo brasileiro apresentasse uma moção, apoiada por outros 32 bispos, para solicitar um ato penitencial, pedindo perdão pelos pecados cometidos nestes 500 anos de evangelização.*

Além de evitar que se caísse num complexo de culpa, tirando o ardor da Nova Evangelização e se servisse à manipulação por parte de falsos grupos indigenistas, de seitas, considerou-se o fato da Igreja sempre ter pedido perdão de seus erros e mesmo ter denunciado permanentemente os abusos cometidos pelo homem. *Há numerosos dados históricos sobre isso* - argumentou no **Diário 18**, em 19 de outubro. Mesmo assim, um grupo organizou para a véspera do encerramento do conclave, um ato penitencial em praça pública pelos crimes cometidos durante os cinco séculos. Os bispos foram convidados para que comparecessem com alva e estola. Ao que parece, não houve o comparecimento esperado. Kloppenburg, em suas memórias não faz referências ao “ato penitencial”. Registrou a entrega do documento enriquecido com os “modos”, incluindo a de n.º 260: *a minha proposta de missa dominical em dia de semana* - anotou no dia 27. O que não passou foram *as propostas dos teólogos da libertação, que, ao que parece, estão completamente superados e fora de moda. Quem diria?*

O encerramento solene foi em 28-10-1992, o que marcou em suas memórias: ***Votamos a Mensagem aos Povos da América Latina, feita sob a batuta do Cardeal Lucas Moreira Neves. Recebemos, cada bispo do CELAM, um anel para recordar o encontro.***

Quando Mons. Crescenzo Sepe, secretário da Congregação para o Clero, em ofício de 8-6-1994, comunicou ao bispo de Novo Hamburgo a fundação da nova revista **Sacrum Ministerium**, destinada especificamente *à formação permanente do clero*, e o convidou para colaborar na sua primeira edição, Kloppenburg respondeu já no mês seguinte, dia 3. Achou ser o lançamento da revista um *excelente propósito. Agradeço sua confiança! Ensaiei uma colaboração, selecionando algumas diretrizes do documento de Santo Domingo*. Em 12 páginas, o texto aponta a qualificação teológica das suas conclusões, sua opção fundamental é “ser santo”, realça a nova evangelização, a inculturação do Evangelho, o protagonismo dos fiéis leigos e propõe uma ordem econômica livre e solidária.

Em Santo Domingo, os bispos da América Latina ofereceram aos católicos *um alentado capítulo sobre a promoção humana como dimensão privilegiada da nova evangelização* - comentou Kloppenburg em seu artigo **Diretrizes de Santo Domingo** na revista *Sacrum Ministerium*. Argumentou que nossa fé deve se traduzir *em obras concretas no relacionamento social. E no campo econômico-social nossos bispos se sentem pastoralmente desafiados pelo crescente empobrecimento de milhões de irmãos nossos e pelo alargamento da brecha entre ricos e pobres*. A proposta dos bispos recebeu o título de “**nova ordem econômica**”.

Como a linha esquerdizante chamuscou a própria Teologia da Libertação, constantemente combatida por Kloppenburg, fica mais nítida e equilibrada a caminhada da Igreja na América Latina, analisando-se as diretrizes pastorais do **Documento de Santo Domingo**, apontadas por Frei Boaventura:

1. *Robustecer o conhecimento, a difusão e a prática da doutrina social da Igreja.*
2. *Impulsionar nos vários níveis e setores da Igreja uma pastoral social que tome como ponto de partida a evangélica opção preferencial pelos pobres, para atuar nas frentes do anúncio, da denúncia e do testemunho e promover iniciativas de cooperação, no contexto de uma economia de mercado.*
3. *Formar os educandos nos valores da laboriosidade, da partilha, da honestidade, da austeridade e do sentido ético-religioso da vida, a fim de que desde a família se formem homens e mulheres novos para uma sociedade mais fraterna, preparada para vivenciar a destinação universal dos bens no contexto do desenvolvimento integral.*
4. *Estabelecer as bases de uma economia solidária, real e eficiente, sem omitir a correspondente criação de modelos sócio-econômicos em nível local e nacional.*
5. *Fomentar a busca e implementação de modelos sócio-econômicos capazes de conjugar a livre iniciativa, a criatividade de pessoas e grupos com a função moderadora do Estado, mantendo especial atenção aos setores mais necessitados, e tudo isso orientado à realização de uma economia de solidariedade e participação, expressa em várias formas de propriedade.*
6. *Promover relações econômicas internacionais que facilitem a transferência da tecnologia num ambiente de reciprocidade social.*
7. *Denunciar qualquer tipo de economia de mercado que prejudique fundamentalmente os pobres, já que não podemos estar ausentes quando não há quem vele por seus interesses.*
8. *Constatar que a economia informal obedece a uma necessidade de sobrevivência, embora seja suscetível de naufrágio em caso de enfermidade, inflação, etc.*
9. *Influir mediante leigos para que o Estado consiga maior estabilidade de políticas econômicas, diminua a corrupção administrativa e aumente a descentralização administrativa, econômica e educacional.*
10. *Reconhecer o papel fundamental da empresa, do mercado, da propriedade privada e da conseqüente responsabilidade pelos meios de produção, da livre criatividade humana no setor da economia, sempre, porém, num contexto jurídico de justiça social.*

Essas diretrizes do **Documento de Santo Domingo** nos distanciam definitivamente dos postulados da teologia da libertação, soterrados com a implosão do socialismo real, e nos situam agora na realidade da “economia de mercado”, da “economia de Empresa” ou simplesmente “economia livre”, três expressões sinônimas colhidas na encíclica **Centésimus annus**. Essa “economia livre e solidária” manifesta a *preocupação cristã na economia de mercado: a solidariedade para com os menos afortunados e, em primeiro lugar, para com os próprios operários numa economia de empresa* - explica Kloppenburg. - *Distingue-se assim do liberalismo clássico ou do capitalismo liberal, que tem na avidez do lucro o motor da economia de mercado. Como observava o Papa na encíclica **Sollicitudo rei socialis** (1987), a solidariedade não é apenas um sentimento de vaga compaixão ou de enternecimento superficial pelos males sofridos por tantas pessoas, mas pertence à categoria das virtudes e pode ser definida como a “determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum”, isto é, pelo bem de todos e de cada um. Deve, pois, o crescimento econômico ter como alma esta determinação, sem se deixar arrastar por anseios de exclusiva utilidade pessoal ou egoísta. Todos havemos de sentir-nos responsáveis por todos. Assim teremos uma nova ordem econômica digna de homens que se professam cristãos.*

Foram dias de descanso e amizade. Dias lindos que não voltam mais.

Seguiu para San José de Costa Rica para tomar parte de um simpósio sobre o indiferentismo religioso na América latina, sob a presidência do Cardeal Paul Poupard.

Antes de regressar, foram ver o vulcão Irazu, a 3.430 metros de altitude, o Santuário Nacional Nossa Senhora de Los Angeles, em Cartago e a cratera de Poas *que fumega dia e noite num lago de enxofre* -

anotou em suas memórias em 26 de janeiro. No extremo norte da Costa Rica, estiveram na praia Flamingo, onde as ondas eram enormes e nada convidativo, com clima muito quente. *Foram férias de verdade* - anotou em 31 de janeiro, seguindo para o Rio de Janeiro, onde fez um curso de uma semana para bispos sobre a doutrina social da Igreja, com 73 participantes

Novas férias em Medellín iniciou em 8-1-1993, com o casal Roberto e Marieta de Molina. *Tive realmente férias* - anotou no **Diário 19**, em 7 de fevereiro. - *Estivemos 3 dias na ilha de Providência. Depois, uma semana na ilha San Andrés. Voltamos então a Medellín. No dia 5, fui a Bogotá, onde me recebeu no aeroporto o Padre Dario Vanegas, OFM, que foi durante os meus últimos 4 anos de Medellín o secretário do Instituto e é agora o reitor da Universidade de San Buenaventura em Bogotá. Ao meio dia, almocei com o novo bispo de Zipaquirá, Jorge Jiménez, que foi durante os meus últimos quatro anos o diretor da pastoral social no Instituto. Durante todo este mês só encontrei gente boa.*

NO SERVIÇO EPISCOPAL

Preparar seus próprios estudantes do curso de Teologia, no Convento Franciscano de Petrópolis, para serem competentes pastores de almas sempre foi, na prática, uma das preocupações do mestre Frei Boaventura. Ele próprio se preocupava muito com a pastoral. Quando esteve em New York, visitou o “Centro de Informações Católicas dos Padres Paulistas. *Pareceu-me muito útil e fácil de ser instalado também no Brasil* - conjecturou no **Diário 1**, em 13-1-1958. - *Logo na entrada está uma biblioteca com os principais livros de consulta, e uma seção de folhetos e livros católicos, cuidada por uma senhora. Ao lado, há um pequeno escritório onde está um padre sempre às ordens. Contíguo está também uma pequena aula, com poltronas para acomodar 15 pessoas, às quais é dado um curso regular, duas vezes por semana, constando o curso de 24 instruções fundamentais. Geralmente há quatro cursos simultâneos, com aulas em noites diferentes. Os participantes são quase sempre não-católicos, que são atraídos por meio de propaganda. Quatro, cinco ou seis pessoas costumam converter-se depois do Curso. Cada aula dura uma hora, mas não é dada na mesma hora. Depois da aula, cada um recebe uma cópia impressa do assunto tratado.* As 24 preleções tratadas foram: Deus e o homem - Divindade de Cristo - Igreja de Cristo - História dos Papas - Revelação e Fé - Trindade - Criação - Encarnação - Redenção e Corpo Místico - Graça - Batismo e Confirmação - Pecado - Penitência - Eucaristia e Comunhão - Sacrifício da Missa - Explicação da Missa - Unção dos Enfermos e Ordem - Contrato do Matrimônio - Sacramento do Matrimônio - Os Novíssimos - 10 Mandamento - Preceitos e Sacramentais - Santos - Orações e Devoções - Profissão de Fé.

Finda sua passagem pela América Central e Estados Unidos, seguiu para o Canadá, em 22 de janeiro. Concluiu que aprendera um pouco mais de inglês, ao menos para leitura e, sobretudo, colheu dados e material sobre os métodos de apostolado e pastoral: *Estes novos conhecimentos abriram para mim novos horizontes e novas possibilidades de trabalho na salvação das almas.*

No Brasil, o apostolado pelos “centros de informação católica” pode ser muito bom nas grandes cidades, para reconquistar os indiferentes ou afastados. Interessante é o apostolado pelos “religious discussion clubs”, clubes ou círculos de discussão religiosa: *Parece-me muito fácil, interessante e sobretudo útil.*

O apostolado pelo folheto nas entradas de igrejas, conventos, colégios, etc., existente nos EE UU, foi observado por Frei Boaventura como viável e útil no Brasil de muito valor, assim também o apostolado por cursos por correspondência, um sucesso entre não-católicos norte-americanos. Igualmente interessante é o apostolado através dos grandes jornais e revistas, tão fácil no Brasil, *em vista da grande massa de católicos.* Inspirado por este modelo publicou então pela Editora Vozes 60 **Cadernos em Defesa da Fé**, tendo cada caderno cerca de 50 páginas.

De Toronto foi a Madrid, em cujo convento franciscano estranhou o horário, especialmente o almoço às 13h30 e a janta às 21h30. *Os dias que passei em Madrid não são dos mais agradáveis da minha vida. Ainda bem que não vivo na Espanha. Há demasiados frades e eles são demasiadamente gordos* - reparou em 19 de fevereiro. - *Tive outra vez a mesma impressão que há dez anos atrás já tive: a Europa se transformou por demais em Museu. Vive-se muito das glórias do passado.*

As funções propriamente ditas de pastor da Igreja, segundo Frei Boaventura, são as que Bispos exercem em suas dioceses.

No decorrer dos 50 anos de professor, teólogo, escritor, conferencista, pregador de retiro e por último ele próprio também bispo da Santa Igreja, como era considerada a missão do bispo por Frei Boaventura? A arte de ser bispo foi por ele considerada perigosa, descrita em 31 páginas da **Revista Eclesiástica Brasileira**, em 1967, no artigo **A perigosa arte de ser bispo**.

Um dos primeiros a se manifestar que Frei Boaventura tinha alguma idéia não tão favorável a bispos foi o Cardeal Vicente Scherer, Arcebispo de Porto Alegre, seu particular amigo.

O seu relacionamento pessoal com seu Bispo de Petrópolis, Dom Manoel Pedro da Cunha Cintra, era por Frei Boaventura considerado débil, como registrou em seu **Diário 8**, em 2-11-1970, no seu 51º aniversário, estando sentado diante dele durante o almoço, no convento de Petrópolis: *Como de costume, no refeitório foi comunicado que eu hoje fazia anos. Mas nem por isso o Sr. Bispo me cumprimentou, apesar de me ter sentado diante dele. Se há alguma coisa que me dói, é precisamente isto: não poder sintonizar com a autoridade eclesiástica diocesana. Vivo ensinando e pregando que é preciso viver em comunhão com o Papa, o Bispo; o que é essencial para o cristão. E no entanto minha comunhão com o Bispo é débil. Nem sei como mudar. Já tentei acercar-me do Bispo. Mas tudo em vão. Ele simplesmente não confia em mim. Não me convida para falar aos seus padres. Tenho inúmeros convites, de dentro e de fora do Brasil, para falar a*

padres. Mas o convite que mais me interessaria não é feito. Pois estou convencido de que, se ele me convidasse e fosse assistir às minhas conferências, ele mudaria sua opinião a meu respeito. Ele de mim só sabe que sou irreverente. E de fato sou. É um mal que tenho e do qual não consigo libertar-me.

Em correspondência à Irmã Régis, de 12-7-1979, informava que pretendia remeter um presente pessoal à sua mana, a ser-lhe entregue através de Dom Antônio do Carmo, auxiliar de Porto Alegre. Como já tivesse partido, um outro bispo de Manaus *levou o pacote e prometeu enviar de Manaus para ti. Duvido muito que algum dia chegue. Pois não creio muito em promessa de bispo.* O pacote, entretanto, chegou ao seu destino!

Escrevendo em pleno vôo, entre Rio de Janeiro e Zürich, em 24-6-1981, à Irmã Régis, comentava a semana em Assunción: *... esteve muito boa. Havia 40 bispos, dez deles do Brasil, entre eles o de Novo Hamburgo. Todos eles bons e bem católicos. É até engraçado que a gente tenha que dizer isso de um bispo. Católico!*

Frei Boaventura esperava ser nomeado bispo?

Todo sacerdote capacitado e firme na fé é candidato em potencial a ser eleito bispo. Tal idéia pode, eventualmente, passar na cabeça de um padre, o que, entretanto, é uma situação muito diferente do que estar “esperando” para ser nomeado bispo. Em Frei Boaventura as circunstâncias de amizade com o Papa João Paulo II, perito conciliar, autor de inúmeros escritos de repercussão, teólogo de renome, reitor e professor no Instituto Teológico Pastoral del CELAM, ampliavam as possibilidades, como acontecia com tantos outros colegas seus.

Por vezes, tinha também missão espinhosa, como o retiro espiritual pregado em Aguascalientes, no México. Segundo carta de 18-7-1981, os 130 padres diocesanos já não suportavam mais o seu bispo, com 30 anos de governo na diocese: *Há uns cinco anos, um grupo conseguiu que ele fosse substituído por um administrador apostólico. Mas o bispo conseguiu voltar e o administrador apostólico, que era também coadjutor com direito à sucessão, teve que ir embora. Agora, mais da metade do clero não quer saber do bispo, nem lhe dá atenção. Foi neste contexto que preguei o meu retiro sobre a obediência!*

TRAMITAÇÕES

Boatos sobre a eleição de Frei Boaventura para bispo de alguma diocese já não constituíam novidade. Mesmo entre bispos e o clero em geral esperava-se essa eleição, mormente, quando à testa da Reitoria do Instituto de Pastoral do CELAM, em Medellín. Vários de seus diretores de seções foram nomeados bispos no decorrer dos anos.

Cabe à decisão e ato pessoal do papa escolher e nomear um bispo da Igreja. Como são mais de três mil as dioceses no mundo católico, não há como o papa conhecer pessoalmente todas as qualidades e requisitos necessários, além da saúde, idade, formação eclesial para essa escolha, valendo-se de núncios apostólicos, cardeais, bispos e outros assessores para estar informado acerca da vida de fé, virtudes e outras qualidades imprescindíveis dos candidatos.

O ingresso de Kloppenburg no Episcopado brasileiro se deve, de fato, a Dom Avelar Cardeal Brandão Vilela, como lhe revelou em carta de 1-9-1986, mais adiante transcrita.

Da lista tríplice apresentada, o cardeal nem relutou. Indicou-o de imediato. A escolha agradou muito ao papa. A comunicação de sua nomeação como bispo titular de Vulturara e auxiliar do Cardeal Arcebispo de São Salvador da Bahia, Dom Avelar Brandão Vilela, foi feita pela Nunciatura Apostólica do Brasil, no Ofício N.º 9518, Brasília, em 11-5-1982, firmado pelo Mons. Luigi Bressan, Encarregado de Negócios. O documento “*pessoal - reservada - sub speciali secreto pontificio*” chegou às mãos de Frei Boaventura em 17 de maio, solicitando *o seu assentimento, por escrito, a fim de que possa comunicá-lo à Santa Sé. Para maior urgência e em caso positivo, peço que, além da carta de aceitação envie um telegrama com os seguintes dizeres: “Concordo com sua comunicação”. A notícia deverá ficar protegida pelo Segredo Pontifício até a data de sua publicação oficial, que lhe será comunicada oportunamente.*

Sem o abalo e impacto natural que surpreenderia tantas almas, Kloppenburg leu e releu o documento e *fui logo à capela. Mas não pude rezar com muita devoção. Depois me sentei e fiquei olhando bobamente para o vazio. Nem me emocionei. Tomei um papel, enfiei na máquina de escrever e bati um telegrama: “Concordo com sua comunicação”. Depois fui almoçar sem apetite e deixei tudo no prato. Os companheiros me perguntaram se estava doente. Disse que me sentia mal. Fui dormir a sesta. Mas não dormi. Rezei a hora menor. Voltei à máquina de escrever e continuei a elaboração do estudo sobre os tipos de eclesiologia vigentes na América Latina. Pensando que será meu último artigo e trabalho teológico sério. Dizem que depois de ordenado bispo o estudo acabou. Quero então primeiro acabar (já estou na p.*

49 do borrador...) e depois pensar em ser bispo. Já é noite. Ainda me sinto abobado. Meus sentimentos estão totalmente embotados. Vou ver onde fica Vulturara. O *Lexicon für Theologie und Kirche* não sabe. A *Gran Enciclopedia Rialp* também ignora. O *Larousse* igualmente. Não tenho mais fontes. Fico sem saber onde está a minha sede episcopal... Vulturara: são duas palavras: vulto e raro. É a minha cara. Amanhã vou responder a Mons. Bressan. *Gute Nacht ihr lieben Sorgen, I. m. a. A. bis morgen* - concluiu o apontamento feito na mesma segunda-feira do dia 17, em seu **Diário 15**.

Anos mais tarde, consegui satisfazer a curiosidade em torno da sua sede episcopal de Vulturara, no Benevento, num lugar perdido nas montanhas perto de Nápoles. Sofreu com o terremoto de 1980 e sua grande igreja ainda não foi reconstruída - relata em seu **Diário 15**, em 6-10-1985. O passeio foi descrito na carta de 15-10-1985 à Irmã Régis: *Eu queria saber se a minha igreja titular ainda existia. Pois a maior parte das Igrejas titulares eram muito antigas e desapareceram. A uns 60 km de Nápoles, nas montanhas, havia uma cidadezinha de uns 5.000 habitantes, chamada Vulturara. Desde 1972 é dirigida aquela paróquia por franciscanos. Por isso meus confrades napolitanos tinham ouvido falar e se prontificaram a levar-me para lá. Um dia antes telefonaram para lá. Saímos de manhã cedo e depois de 4 horas de automóvel chegamos lá. O Provincial também estava lá. Foi uma festa. O bispo não veio porque tinha outra reunião. Mas o Prefeito e outras autoridades lá estavam para cumprimentar e receber "seu" Bispo. Celebrei Missa Pontifical e preguei em italiano. Foi uma beleza. Depois nos levaram para uma altura de 1.200 metros, a um restaurante, para um banquete festivo que durou três horas.. Tiramos fotografias e levei 2 grandes da cidade. E voltamos. No dia seguinte, fiquei sabendo, em Roma, que perto de Foggia há outra Vulturara, que é a minha verdadeira Igreja titular. Realmente, no **Dizionario Ecclesiastico** (III, p. 1358) se encontra o verbete "**Vulturara**": *Antiga cidadezinha, hoje Vulturara Áppula, já sede de Diocese erigida em 969 pelo Papa João XIII, como sufragânea de Benevento. Em 1434 foi unida à Diocese de Montecorvino. E ambas foram suprimidas em 1813 e unidas à Diocese de Lacera. Mas está na Província de Foggia. Não é, pois, a que eu visitei ontem!* - corrigiu no **Diário 15**, em 7-10-1985.*

Exatamente dois anos depois, em 17-5-1984, lembrava em seu **Diário 15** a decisão tomada de ter aceito: *Ainda não sei se fiz bem. Às vezes penso que não deveria ter aceitado. Teria ficado mais desimpedido para estudar e dar conferências. Mas também poderia estar confinado a um convento da Província. Pois na Província há muitos que já não me aceitam por minha "ortodoxia". Agora estou praticamente fora da Província. Isso, nestas concretas circunstâncias, me parece até melhor.*

Na manhã seguinte, em 18-5-1982, respondeu o ofício de Mons. Luigi Bressan. *Sua carta na verdade me deixou perplexo* - escreveu, informando que naquele dia 11 de maio ele se encontrava dando aulas no Instituto Teológico Pastoral do CELAM, - *precisamente sobre a nova figura teológica do bispo. Li para os nossos estudantes as palavras de Santo Agostinho, citadas pelo Concílio Vaticano II no final do n. 32 de LG: "Ubi me terret, quod vobis sum, ibi me consolatur quod vobiscum sum. Vobis enim sum episcopus, vobiscum sum christianus. Illud est nomen officii, hoc gratiae; illud periculi, hoc salutis". No discurso de 11-4-1970 aos bispos da Itália, observava o Papa Paulo VI que o "Ministério do bispo se torna grave e difícil"; e revelava serem sempre mais freqüentes os casos de "Bispos em atividade e nem sempre doentes e idosos, e candidatos ao Episcopado procurarem declinar este cargo que, hoje, não só pelas suas exigências intrínsecas, mas também por causa de tantas dificuldades extrínsecas, parece ter-se tornado intolerável".*

E agora me pedem assentir a aceitar um cargo reconhecidamente "perigoso" e até "intolerável"! Embora ausente do Brasil desde começos de 1973, sei das dificuldades internas entre os Bispos do Brasil. Por obediência, formação e gosto sou teólogo, não pastoralista (embora seja Reitor de um Instituto de Pastoral; e isso me faz conhecer amplamente os problemas pastorais atuais) e penso que talvez poderia ser útil estar como Bispo presente no seio do Episcopado brasileiro com minha rica bagagem teológica que venho acumulando em mais de trinta anos de magistério. Confesso que a idéia não me anima muito, mas disponho-me a ajudar no que seja possível. Não sei o que concretamente espera de mim o Senhor Cardeal Dom Avelar Brandão. Tão acostumado e dedicado estou ao estudo e à investigação teológica que outros tipos de trabalho me dão a impressão de estar perdendo tempo. Mas sou daqueles que ainda crêem que a santa obediência faz milagres. E por isso, se o Papa me pede ou manda (melhor seria se mandasse, para ter o mérito da obediência, como dizia Nosso Pai São Francisco de Assis), obedecerei na espera que aconteça o milagre. Comunique, pois, à Santa Sé: se me mandarem, obedecerei; e obedecerei com alegria, como manda o Concílio: "Pastores imprimis oportet, ut... sancte et alacriter, humiliter et fortiter exequantur ministerium suum" (LG 41b).

Estamos para começar a novena de Pentecostes. Será a novena mais devota de minha vida. Pedirei especialmente o dom do discernimento e o fruto da alegria. E aproveito o ensejo para desejar-lhe também discernimento e alegria.

À Irmã Régis também escreveu no mesmo dia 18, rogando que se unisse numa novena ao Espírito Santo para pedir ao menos um dom: o do discernimento; e um fruto: o da alegria. Pois necessito de ambos urgentemente. Creio que a novena do Espírito Santo, neste ano, vai ser a mais intensa e devota de toda a minha vida. A razão está numa carta que também recebi ontem, junto com a tua. O que estava naquela outra carta me deixou demasiado abalado, descrevendo-lhe literalmente o que está no seu diário. Ainda é madrugada e ponho a escrever-te esta carta, também bobamente. Sobre o conteúdo da carta ainda não te digo nada. Peço que não te preocupes por isso. Mas reza. Depois vais saber, porque vai ser notícia. Apesar do caráter confidencial, Frei Boaventura manteve o segredo pontifício até para sua irmã confidente.

Ainda no dia 18, transcreveu no **Diário 15** partes da mesma carta endereçada à Nunciatura, prosseguindo em seu dia-a-dia sem maiores perturbações emocionais, trabalhando com afinco no meu último artigo... À tarde tive uma reunião normal com os meus companheiros da equipe. Tudo anda bem no Instituto. Alegro-me a perspectiva de poder ter estado aqui quase nove anos sem ter tido o mais mínimo atrito com nenhum bispo por causa do Instituto. Creio que o Instituto funcionou bem durante todos estes anos, quando os Institutos anteriores sofriam constantes crises internas e externas.

Incorporando-se ao Episcopado brasileiro, com certeza voltaria Kloppenburg ao Brasil, como mencionou brincando no **Diário 15**, no dia 19: Já descobri uma vantagem na minha nomeação: vou deixar a reitoria do Instituto! Agora sim, vão ter que encontrar outro... Fiquei pensando o que estarão esperando de mim lá na Bahia. Descobri que lá já têm três bispos auxiliares. Fazia falta mais um?

Em carta de 23 de maio, Frei Basílio Prim, OFM, Ministro Provincial da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, ainda sob segredo pontifício, antecipou-se em cumprimentá-lo em meu nome pessoal e em nome dos Confrades de sua Província. Na comunhão do Espírito do Senhor conte desde já com nossas preces. Será difícil encontrar outra pessoa que tenha maior compreensão da missão a mais que irá assumir na Igreja. Por isso mesmo, e por tantos outros motivos, pode-se imaginar o que significou o presente SIM. Por isso mesmo cresce nossa admiração e estima.

Se dependesse de mim, ter-me-ia retirado durante a novena, para fazer exercícios espirituais e preparar-me para a festa de hoje - retorna a se comunicar com a Irmã Régis, na Festa de Pentecostes, em 30 de maio. - Mas não sou livre. Tinha que ir a Bogotá para participar num seminário sobre os Direitos Humanos. E amanhã de manhã partirei para Manágua, Nicarágua, onde, a insistente pedido do arcebispo de lá, terei que falar sobre o delicado tema da Igreja "popular".

Na certeza de que a notícia levaria mais de três dias, prossegue na mesma carta: *Entrementes no meu interior há uma luta. Já aludi a isso em minha última carta. Agora já posso falar mais claramente, porque, quando receberes esta carta, já está tudo publicado. O Papa João Paulo II me nomeou bispo titular de Vulturara e auxiliar do Arcebispo de São Salvador, Bahia, Cardeal Avelar Brandão Vilela.* Informa ainda ter recebido do padre provincial as felicitações pela nomeação, comunicando a liberação da notícia para o dia 2 de junho, publicada no diário do Vaticano.

Tinha ele consciência quanto à repercussão da notícia de sua nomeação como bispo, segundo a mesma carta à Irmã Régis: *uns que a aprovam, porque estimam meus trabalhos e minhas atitudes; outros, que a criticam, porque não concordam com minha orientação teológico-pastoral. Se Roma, quer dizer o Papa, resolveu finalmente nomear-me é porque pensaram e mediram bem e acabaram aprovando-me e querem que eu atue agora no mesmo sentido a nível episcopal. Sei das dificuldades internas no Episcopado brasileiro. Estou claramente marcado numa certa direção que todo o mundo conhece. Todos também sabem que sou combativo e não fico calado quando vejo que as coisas não andam direito. Tenho mais de 30 anos de estudos e magistério no campo da Teologia. Acompanhei de perto a Teologia antes do Concílio, no Concílio e depois do Concílio. Ninguém me engana com erudição aparente, porque também sou erudito. Mas sobretudo penso ser homem de fé esclarecida e firme. Sei o que é dogma. Foi esta sempre a minha matéria de estudo e de ensino. Penso que é por essa minha larga preparação que resolveram colocar-me no ambiente episcopal. Há anos que isso estava em cogitação.*

O que, no entanto, de imediato não entendeu foi sua nomeação para Bahia, onde já havia três bispos auxiliares, sem que até então o Cardeal Avelar Brandão Vilela lhe comunicasse algo ou tivesse com a Bahia alguma afinidade. Talvez porque há muitos negros por lá e querem que me interesse pastoralmente por eles - continua a confidenciar na mesma carta. - Se for esta a intenção, estou no meu campo. O Espírito Santo,

que é a alma da Igreja, também da Igreja particular, saberá o que quer de mim. Os acontecimentos irão revelar o desígnio de Deus a este respeito.

Em primeira mão, a notícia oficialmente foi dada pelo **L'Osservatore Romano**, no dia 2 de junho, quarta-feira, às 12h de Roma, 7h de Brasília, devendo ficar até então protegida pelo segredo pontifício - segundo Ofício 9569, de 20-5-1982, assinado pelo Encarregado dos Negócios da Nunciatura Apostólica no Brasil, Mons. Luigi Bressan. O **Jornal do Brasil** divulgou notícia da nomeação do novo bispo, em 2 de junho, bem como outros jornais, Rádio e TV. Kloppenburg passou esse dia em Manágua, onde vigorava a censura nos meios de comunicação. Possivelmente nada tenha sido publicado em Nicarágua, como então no **Diário 15** assinalou: *Não sei se saiu alguma notícia. Amanhã voltarei a Medellín e já saberei.*

Regressando da capital nicaragüense às 14 horas do dia 3, Frei Boaventura foi festivamente cumprimentado pelo pessoal do Instituto, pelo Arcebispo de Medellín e seus auxiliares. *De Roma, recebi um telegrama do Cardeal Ratzinger. Vai começar a festa... - conjeturou no Diário 15.*

Começa a festa! - prossegue nas memórias, no dia 4, já com a programação da ordenação episcopal praticamente delineada. - *Às 5 da manhã telefona da Alemanha o Dr. Brockmann. Depois outras chamadas, outros telegramas. Telegramas do P. Geral, do Cardeal de Bogotá, de Mons. Torrella, etc. Pelas duas da tarde chamou por telefone o meu novo chefe, o Cardeal Avelar Brandão Vilela. Já queria saber onde e quando vai ser a consagração. Falei de duas possibilidades: Rolante e Bahia. Mas lhe disse que ia chamar na próxima semana. Pois amanhã vou almoçar com o Arcebispo daqui. Ele também quer participar, com Mons. Quarracino. Conversando depois mais calmamente com Mons. Otto Erbes, que é de Novo Hamburgo, pensamos que a ordenação podia ser em Rolante no dia 1 de agosto, que é domingo. O Bispo de Novo Hamburgo seria o anfitrião e prepararia tudo. O consagrante principal seria o Cardeal Brandão Vilela. O Cardeal Scherer seria convidado também como co-consagrante. E o terceiro seria Dom Alfonso López Trujillo. Nenhum Bispo franciscano... como tudo de fato aconteceu.*

No Brasil foi Dom Avelar Cardeal Brandão Vilela que mais se empenhou para espalhar a notícia. Por ter ele mesmo feito a indicação ao papa, já sabia de sua eleição para seu auxiliar. Reuniu logo seus auxiliares a fim de estabelecer o campo de ação do novo bispo na Arquidiocese, publicando já na edição de 5 de junho do **Boletim Arquidiocesano** seus dados biográficos e curriculares: *“professor de Teologia”, “redator principal” da REB, “perito bem conceituado durante o Concílio Vaticano II, tendo escrito, a propósito, obras de valor histórico comprovado”, “conferencista de renome e pesquisador na área de assuntos ecumênicos das mais variadas especialidades. Com certa vocação polêmica, amadureceu admiravelmente, adquirindo conhecimentos amplos no campo da Cristologia e da Eclesiologia, e manifestando, a esta altura, um notável equilíbrio de pensamento e ação.*

- Vai ser, entre nós, um irmão a mais que, no convívio diário, terá muito o que nos transmitir e também com certeza o que aprender, pois a vida é uma lição permanente até o fim”. - Esse texto do Boletim Arquidiocesano Frei Boaventura anexou no Diário 15, considerando-o como sua primeira apresentação oficial ao povo de Salvador da Bahia. Dele ainda pode se extrair o que o cardeal espera de seu novo bispo auxiliar: estudar e pesquisar “seitas e temas afro-brasileiras bem como os aspectos teológicos e pastorais.

- Tanto para o clero, como para as religiosas e leigos poderá oferecer ciclos de conferências, no setor de suas especialidades...

- Deverá também assumir uma Região pastoral...

Além dessas indicações gerais, depois do seu encontro pessoal, poderão ser definidas *todas as tarefas que lhe serão afetas.- Pode-se pensar também num Instituto de Formação para Leigos...O cardeal estava aguardando também sugestões de nosso Clero, seja do Cabido Metropolitano, seja do Conselho Presbiterial. Manifestou uma certa pressa quanto à ordenação episcopal, e não será impossível o dia 29 de junho deste, podendo acontecer no sul do País, como aqui em Salvador. Rezemos pelo novo Bispo Auxiliar e pela nossa Igreja - concluiu o quinzenário arquidiocesano, assinado pelo Cardeal Brandão Vilela.*

O próprio Frei Boaventura entrou de imediato em contato telefônico com o cardeal, pondo-se à sua disposição como “auxiliar”, confirmada também em carta de 7 de junho, na qual, ao final, manifestou felicitações pelo seu 70º aniversário, em 13 de junho. Essa carta o cardeal respondeu no dia 24 de junho, concordando com a data da ordenação, manifestando-lhe o prazer de ser bispo sagrante, indicando-lhe opções de moradia. E mais: *Sua nomeação trouxe, em termos de Brasil, muito entusiasmo em determinados setores e alguns sustos e expectativas em outros. Eu já previa isto. Mas não será nada. O importante é a sua presença, com seu trabalho, agora, em uma nova situação, a de bispo teólogo, a de teólogo e pastor. Já*

devia ter acontecido muito antes. Seja bem-vindo ao nosso meio, onde teremos campo aberto para o trabalho de reflexão e de ação.

A notícia da nomeação se espalhou como um rastilho pelo Brasil e pela América Latina. Naquele dia 2 de junho, estava eu em Manágua, Nicarágua, em brabas discussões com os mais avançados padres da teologia da libertação - escreveu à Irmã Régis, em 7 de junho. - Nunca havia esperado aquele ambiente. O Arcebispo temia represálias por parte do Governo. Pois na noite do dia 2 falei também ao povo num amplo salão totalmente lotado, durante duas horas (aos padres havia falado durante cinco horas) contra os padres que participam no governo sandinista. Por isso, na manhã do dia 3 escapei de Nicarágua, antes de morrer mártir...

Em menos de uma semana, já estava praticamente tudo programado, segundo a mesma carta do dia 7: *A minha Ordenação episcopal se fará, se Deus quiser, no próximo dia 1º de agosto, na igreja matriz de Rolante. Tu estás convidada. O consagrante principal será o Cardeal Avelar Brandão Vilela. Os dois co-sagrantes serão o Cardeal Vicente Scherer e o meu Arcebispo de Medellín, Mons. Alfonso López Trujillo. Acho que vai ser um festão lá em Rolante. O Bispo de Novo Hamburgo, Dom Sinésio Bohn, vai ser o anfitrião. Falei ontem com ele por telefone. Uma semana antes quero fazer um retiro espiritual. E penso fazê-lo lá em Itapoã (se não encontrar outro lugar mais retirado). Prepare-me, pois, um lugar para o retiro.*

Distante 28 quilômetros de Porto Alegre, Itapoã é uma reserva ecológica, um retiro natural, onde há um hospital e vila de pessoas que se tratam da hanseníase, então sob a direção da Irmã Régis. Como a nomeação ao Episcopado o pegou em plena ação, havia programado uma série de viagens, conferências e retiros, cuja suspensão devia comunicar a todos. Entretanto, prosseguiu normalmente suas aulas no Instituto Teológico Pastoral del CELAM, bem como a edição de setembro de sua revista.

ORDENAÇÃO EPISCOPAL

Restava-lhe pouco tempo para a sua nova missão. *Quando a gente está para sair de um lugar onde estive nove anos, percebe que há muito para arrumar. Aliás, nem sei como levar tantas coisas, livros, manuscritos, etc. para o Brasil* - escreveu à Irmã Régis, em 14 de junho. - *Se ao menos eu soubesse algum endereço lá na Bahia, para onde mandar as coisas. O mais curioso é que da Bahia não recebo nenhuma instrução sobre o que esperam de mim ou onde pensam hospedar-me. Estou pensando em ir diretamente a Bahia, no começo de julho, para ver como andam as coisas.*

Obviamente estava Frei Boaventura preparado para ser bispo da Igreja. Quanto à preparação de sua ordenação episcopal, desde o anúncio de sua eleição pelo papa, a primeira e principal providência foi a oração, iniciando com a Novena ao Espírito Santo.

Embora não alterasse nos primeiros dias seu ritmo de trabalho, seus pensamentos, escritos e planos já se voltavam ao futuro campo de ação. A notícia da nomeação o encontrou escrevendo um *tratado sobre o pluralismo eclesial*, quando prosseguiu o trabalho numa perspectiva bem concreta:

A fidelidade da Igreja, dom e obra do Espírito Santo, está constantemente envolta nas sombras da fragilidade humana. O Concílio o exprime com esta excelente fórmula: Licet sub umbris fideliter tamen, ainda que entre sombras, mas com fidelidade (LG 8d). No frontispício da Igreja Universal e na entrada de cada Igreja particular e no portal de cada paróquia, como na frente de cada um de seus membros e ministros se poderia escrever com letras destacadas estas três palavras: sub umbris fideliter (entre sombras mas fielmente), que indicam admiravelmente o mistério da presença ativa do Espírito Santo em constante ação conjunta com a debilidade humana. Ao escrever esta frase me veio a idéia de tomar como lema para minha futura vida e ação episcopal estas mesmas três palavras: sub umbris fideliter. Se não tiver outra inspiração melhor, colocarei estas palavras no meu escudo episcopal. Este texto transcreveu no **Diário 15**, em 28 de maio e, dois dias depois, também em carta à Irmã Régis.

Realmente, fixou no seu escudo sua primeira inspiração, revelada em primeira mão à sua Irmã Régis, na mesma carta de 30 de maio, quando também pensava escolher a igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, da pequena cidade de Rolante, como catedral de sua sagração episcopal. Quis assim prestar uma homenagem aos imigrantes de Oldenburg, como de fato aconteceu.

No roteiro das cerimônias de ordenação, impresso na própria Cúria Diocesana de Novo Hamburgo, Dom Boaventura explica o seu lema episcopal **“Sub umbris fideliter - Embora entre sombras, porém com fidelidade”**, tomado da Constituição **Lumen Gentium** (n.º 8), onde o Concílio ensina que a Igreja se sente animada pela força do Senhor ressuscitado para superar suas dificuldades interna e externas e poder anunciar ao mundo o mistério de Cristo, *“embora entre sombras, porém com fidelidade”*. O sol da

fidelidade como dom divino irrompe do meio das penumbras da debilidade humana. A força do Espírito se manifesta na fraqueza.

Depois de quase um decênio, Frei Boaventura volta ao Brasil. Faz sua primeira visita a Salvador da Bahia, *o meu novo lugar de trabalho*, na expressão do **Diário 15**, em 9 de julho. Tanto o Convento de São Francisco, no centro da cidade, como a Casa de Retiros lhe oferecem espaço para nova moradia.

A imprensa também registra o retorno de Kloppenburg ao Brasil. A revista **VEJA**, de 21-7-1982, publicou na página 72 a entrevista dada dez dias antes, com a manchete **Agora no front - Frei Boaventura ataca no reduto do candomblé**: *Depois de passar boa parte da vida na retaguarda, escrevendo livros de sucesso e fazendo conferências em auditórios religiosos, para demonstrar aos católicos que os fenômenos exercitados pelo espiritismo e pelos cultos afro-brasileiros nada têm de sobrenatural, frei Boaventura Kloppenburg, 62 anos, um franciscano brasileiro nascido na Alemanha, foi finalmente jogado na frente de combate, com a informação de haver em Salvador 1.200 terreiros de candomblé e outros 100 de umbanda. VEJA afirma que Salvador é a capital brasileira não só do candomblé como do próprio sincretismo religioso - o que não parece preocupar frei Boaventura. “Não tenho idéia da força do candomblé na Bahia”, diz, aparentando ingenuidade. “Estou apenas chegando e quero estudá-lo do ponto de vista etnológico, antropológico, sociológico e pastoral”. A revista também menciona a denúncia de Frei Boaventura de haver em “certos ambientes da Teologia da Libertação uma clara opção pelo socialismo, pelo coletivismo, e isto pode facilmente adquirir cores marxistas. Na América Latina, sabemos que existem padres envolvidos em guerrilhas e quem os alimenta é a Teologia da Libertação. Ora, na minha Teologia da Libertação queremos libertar as pessoas do pecado”.*

Para se preparar para a ordenação, chegou em Rolante em 16 de julho, como anotou no **Diário 15**: *Aqui estou episcopalmente instalado num apartamento do palácio da Heti, residência de sua irmã Hedwig, onde recebeu a visita de Dom Sinésio Bohn e fez a novena de seu Pentecostes. “Eis que eu vos enviarei o que meu Pai prometeu. Por isso permaneço nesta cidade até serdes revestidos da força do alto (Lc, 24,49). Permanecerei em Rolante até ser revestido da força do alto! - exclamou em suas memórias, em 23 de julho, iniciando o seu retiro espiritual.*

Nesses dias de concentração e expectativa mística, dois pontos se destacaram particularmente reveladores: as cartas que vem recebendo, especialmente do Cardeal Sebastião Baggio e de Dom Lucas Moreira, depositam em Kloppenburg tantas esperanças como se ele fosse primeiro Bispo para o Brasil e só em segundo lugar para a Bahia.

Em retiro, ao meditar sobre a “forma” da ordenação, sua primeira impressão tinha sido negativa. *Parecia-me fraca, arcaica, tomada simplesmente da antiga Tradição Apostólica de Hipólito. Mas analisando palavra por palavra o texto considerado central (“forma sacramenti”), já estou pensando que é formidavelmente rico. Sobretudo pensando que não se trata simplesmente de uma oração impetratória: é a própria oração sacramental! O Sacramento significa e confere a graça. E a graça sacramental, indicada pela forma é esta: a força que procede do Pai, o “Spiritus principalis” (“hegemonikós”: de chefe), o “Espírito Soberano”, segundo a tradução oficial. É o mesmo Espírito que o Pai deu ao Filho e o Filho transmitiu aos Apóstolos para fundar igrejas por toda a parte... É aquela “especial efusão do Espírito Santo” da qual fala o Concílio em **LG 21b**. Meu Deus! - exclamou no **Diário 15**, no dia 26.*

Para a preparação exterior da festa, parece que há entusiasmo - reconheceu, no dia 30. - *Toda Rolante está trabalhando para embelezar a cidade. A preparação interior é comigo. Acho que estou preparando-me com suficiente seriedade. Tenho mesmo muita fé na virtude do Sacramento que estou para receber. Afinal de contas, a Igreja me ensina que o Sacramento significa e confere a graça “ex opere operato” e não “ex opere operantis”. Sem desprezar o “operans”, confio no “opus”. Receberei um precioso tesouro em vaso frágil. - Ampliou ainda reflexões sobre **2Cor 12, 7-10**: “é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder”. É o mesmo que a fidelidade nas sombras: sub umbris fideliter. Deus deixa seu Eleito nas sombras ou na debilidade “para que não se encha de soberba”, explica S. Paulo. De dentro das sombras, irrompe então o dom da fidelidade e com a fidelidade se manifesta a “força do alto”, conferida pelo Sacramento.*

“Este é o dia que o Senhor fez” - anotou em seu **Diário 15**, no domingo de 1º de agosto de 1982, citando o **Sl 117, 24**. - *Ainda é cedo. O tempo, lá fora, um tanto frio, parece bom. Dormi bem esta noite. Mas me levantei antes da hora. Para rezar. E agora faço estas anotações, só para fazer alguma coisa. Será um dia que marca a minha vida. Começa uma nova etapa. O que Deus quiser. Tudo só tem mesmo sentido aos olhos da fé. Mas esta fé não me falta. Deve crescer ainda mais. Será outro dom do Espírito Santo. Hoje é o meu dia de Pentecostes. Veni Sancte Spiritus!*

Na residência de sua mana Hedwig, um pouco antes de iniciar a cerimônia da ordenação episcopal, Frei Boaventura proferiu o solene juramento de fidelidade à Igreja nas mãos do Cardeal Vicente Scherer, seguindo-se a comitiva em direção à igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, sob os aplausos de quase 2.500 pessoas.

Ao ar livre, no largo da igreja, houve a solene ordenação episcopal de Dom Boaventura Kloppenburg. O Cardeal Avelar Brandão Vilela foi o ministro sagrante, sendo Cardeal Vicente Alfredo Scherer e o Arcebispo Mons. Alfonso López Trujillo os co-sagrantes. Serviram como presbíteros assistentes: Frei Basílio Prim, OFM, e Frei Dario Vanegas, OFM; padrinhos: Dom Sinésio Bohn, Pe. Eugênio Feix, MSF, Pe. Alex Kloppenburg, Pe. José Macke e Francisco Kloppenburg; cerimoniário: Pe. Luiz Pedro Wagner e comentarista: Pe. Hermeto Lunkes, MSF.

Em nome da paróquia, como presidente da comunidade católica, Hugo Timmen fez a saudação, agradecendo a escolha de Rolante para a sua ordenação. *“Encaramos esta celebração - disse - sob o olhar da fé cristã, uma vez que o Senhor de todo chamado dignou-se a convocar um conterrâneo nosso para o sublime, mas desafiante serviço de pastor e bispo do povo de Deus”* (**Jornal Panorama**, de 3-8-1982). Com mais enlevação também o saudou Dom Sinésio Bohn, considerando a escolha de Rolante para a ordenação episcopal uma honra e uma bênção para a nova diocese de Novo Hamburgo.

O Cardeal Avelar Brandão ressaltou em seu sermão ser Dom Boaventura *um teólogo reconhecido no mundo todo*. *“Assim, é uma boa ventura que acontece hoje em Rolante. Uma graça que vem rolando dos céus* (**Zero Hora**, de 2-8-1982), em alusão aos nomes de “Boaventura” e “Rolante”.

... É noite. Sou Bispo. Tudo esteve excelente. O tempo bom: o céu nublado impediu o sol, sem nenhuma ameaça de chuva. A cerimônia se fez diante da igreja, como estava programado. Havia 15 Bispos e muitos sacerdotes (dez da minha Província) e uns 2.500 fiéis. Deo gratias! - encerrando o dia no **Diário 15**.

Em reconhecimento e por amizade, no dia seguinte, a comunidade de Rolante, através da Câmara Municipal de Vereadores, conferiu a Dom Boaventura o título honorífico de “Cidadão de Rolante”. Aproveitando alguns dias de folga, acompanhou também o pároco de Rolante, Riozinho e Boa Esperança à Santa Maria do Herval - Teewald - onde se encontrou o clero de Novo Hamburgo. Nem imaginava que quatro anos depois retornaria a visitar as mesmas localidades, na qualidade de seu bispo diocesano...

Percorrendo um roteiro de saudades, em companhia dos irmãos Franz e Hedwig, fez sua primeira visita a Hulha Negra como bispo. Passou por Pelotas para rever seu velho amigo Dom Antônio Zattera, que o ordenara sacerdote em 1946. Havia sofrido *um gravíssimo acidente há umas três semanas. Esteve entre a vida e a morte. Mas hoje estava bastante recuperado* - anotou em 5 de agosto, no **Diário 15**. Três dias depois, celebrou missa na Capela Cristo Rei de Trigolândia, em Hulha Negra. A chuva e o barro não impediram que se enchesse o recinto e tanta gente recebesse sua bênção episcopal.

BISPO AUXILIAR DE SALVADOR

Retornando de suas curtas férias pós ordenação episcopal, foi ao Rio de Janeiro, onde se hospedou no velho Convento de S. Antônio, *em meio a confrades absolutamente indiferentes* - como está no **Diário 15**, em 10-8-1982. Entre as visitas que fez no Rio, destacou a do mosteiro de São Bento, onde falou *um bom tempo com Dom Estêvão Bettencourt, sobretudo com relação a Frei Leonardo Boff, com quem ambos estamos em desagradável polêmica*.

Desmembrando-se da diocese de Funchal na ilha de Madeira, pela bula “Super specula militantis ecclesiae”, em 25-2-1551, foi criada Salvador como a primeira diocese no Brasil, o que concede a seu ocupante o título de Primaz do Brasil. A arquidiocese, hoje, reúne 105 paróquias, 22 municípios e 3 milhões de habitantes.

Sem que houvesse um abrigo adequado para um bispo, Dom Boaventura se instalou provisoriamente no Convento de São Francisco, junto à Praça Anchieta, na capital baiana. Por mera coincidência, *na sexta-feira, 13 de agosto, às 13 horas cheguei no aeroporto da terra de candomblé* - motejou em suas memórias. - *Muito azar junto para ir definitivamente a Salvador, minha nova terra, meu futuro campo de trabalho. No aeroporto me esperavam dois bispos auxiliares e vários padres e leigos. Fui levado ao palácio do Cardeal Avelar Brandão Vilela. Aí fui literalmente assaltado por repórteres de jornais e TV. Todos me faziam perguntas sobre coisas que não são de minha especialidade... Não sei o que dirão ou publicarão... É impossível dizer qualquer coisa razoável com tranqüilidade de pensamento. Mas é a partir disso que depois irão julgar-me...*

No dia 14, com a manchete **Católicos conhecerão o novo bispo auxiliar amanhã na missa a Tribuna da Bahia**, após a informação errônea de que Dom Boaventura *chegou ontem de Medellín, Colômbia*, na primeira frase já abordou a polêmica do “*candomblé baiano*”. **A Tarde**, sob o título **Novo bispo define sua ideologia**, traz na primeira página e parágrafo a afirmação de Dom Boaventura de que *a Igreja não deve ter uma atitude sistemática de oposição ao poder*. Também na capa do **Correio da Bahia**, com a manchete **Cidade recebeu ontem o novo bispo auxiliar** há a notícia de que *frei Boaventura Kloppenburg falou estar interessado no estudo de outras religiões e de como se relacionam com a Igreja*, enfocando o Candomblé.

Ainda no dia 14, o **Jornal da Bahia**, em letras garrafais na página 3, ressaltou **Frei Boaventura, um bispo a contragosto**, citando o que disse à imprensa no subtítulo **Chorei e rezei quando fui indicado**.

Na festa de Assunção de Nossa Senhora, no dia 15, às 18 horas, na Igreja da Vitória, houve a solenidade da posse de Dom Boaventura Kloppenburg como bispo auxiliar. *O ambiente era festivo - assinalou no Diário 15. - Havia vários bispos, muitos sacerdotes e muita gente. Também o Sr. Governador esteve presente. E outra gente graúda. Meu discurso foi até interrompido por aplausos. Alguns estudiosos do problema do negro e do candomblé depois se apresentaram para ajudar nesta pesquisa.* A igreja de Nossa Senhora da Vitória, com carinho, era chamada por ele como *minha catedral*, segundo carta de 28-3-1985 à Irmã Régis.

A imprensa deu destaque ao discurso de posse. Com 1.244 palavras Kloppenburg faz uma reflexão na busca de *uma bússola que, como lema e leme, pudesse orientar meu novo estilo de vida e ação pastoral*. **A Tarde**, de 16-8-1982, deu a manchete **Novo bispo preocupado com direitos humanos**. Lembrou as dimensões da palavra fidelidade, também voltada ao homem e aos seus direitos. Investigando o problema do negro no Brasil, o orador chegou à conclusão de que os descendentes de escravos ainda não tiveram o seu apóstolo e *“sua evangelização foi inadequada e insuficiente”*. Mais adiante, enfatizou que *“se tudo isso for verdade, se tudo isso for realmente constatado aqui, então está suficientemente esclarecida a natureza da minha opção pelos mais pobres do pobre brasileiro”*. Nomeou a presença do Arcebispo de Aracaju, dom Luciano Duarte, representando a CELAM; o Arcebispo resignatário de Manaus, dom José de Souza Lima; os Bispos Auxiliares dom Thomás e dom Ângelo, o Governador Antônio Carlos Magalhães e o Senador Luiz Viana Filho.

O **Correio da Bahia**, p. 1, deu a manchete **Bispo condena clero ligado ao comunismo**. O **Globo**, edição do dia 17, p. 7, com o título **Bispo diz que negros são os mais sofridos** ressaltou no discurso de Kloppenburg que o negro é *“o que mais agüenta e vai agüentando, mas sempre continua pobre, quase nunca avança”*. Para sacudir as precauções pastorais de Dom Boaventura, O **Estado de S. Paulo**, do dia 22, deu a manchete **Chega à Bahia um novo bispo contra o candomblé**, sacrificando o texto do discurso e o próprio sobrenome “*Kloppernburk*”.

O seu primeiro dia de bispo auxiliar passou em diálogo com o cardeal *fazendo a exegese da Provisão feita ontem*. Resumindo o documento, chegou à conclusão de que havia quatro pontos essenciais: Vigário Geral - Assessor teológico da Arquidiocese - Coordenador da Comissão de Cultura Religiosa Arquidiocesana - Coordenador da Região Pastoral do Centro de Salvador. *No fundo, não é grande coisa - comentou em seu Diário 15, ao terminar o primeiro contato com o Cardeal Avelar, percebendo claramente que ele tem duas preocupações: a de justificar minha presença aqui como Bispo Auxiliar (daí o elenco estendido de encargos); e a de poupar-me o mais que pode para que não precise correr pelo território da Arquidiocese e assim deixar-me tempo para continuar estudando, fazendo conferências, etc.*

Freqüentemente representava e ou acompanhava o Cardeal Brandão Vilela nas solenidades, inaugurações, crismas e promoções pastorais da Arquidiocese. Em 22 de agosto, na igreja de S. Francisco, pela primeira vez administrou o Sacramento do Diaconado a um confrade franciscano. No dia seguinte, em companhia do cardeal, *no meio da cerimônia, sem outro aviso prévio, fui convidado a crismar, sem saber como crismar... - confessou no Diário 15.*

As primeiras “audiências” foram concedidas a partir de 11 de setembro. *São os contatos pessoais. É o único jeito de conhecer a gente e os verdadeiros problemas pastorais - escreveu um dia depois à Irmã Régis. - Amanhã (dia 11) terei um primeiro encontro com cinco pessoas escolhidas para fundar a Comissão Arquidiocesana de Cultura Religiosa, que seria, segundo o Cardeal, o meu principal campo de trabalho. Esta Comissão tem duas finalidades: - Aprofundar pesquisas no campo religioso, seja com relação à Igreja em si (exemplo: Puebla, Sínodo dos Bispos, temas sugeridos pela CNBB), seja com relação à Igreja e outros movimentos ou entidades (exemplos: sincretismo religioso, movimentos religiosos livres, problemas de relacionamento com o Estado). - Promover sobre tais temas e problemas publicações, encontros e cursos.*

Os membros da dita Comissão *são uma espécie de legislativo ou corpo consultivo; o executivo, parece que seria eu mesmo...* - ironizou no **Diário 15**.

O ciclo de conferências públicas acerca de “**Orientações sobre o Maravilhoso**” Dom Boaventura iniciou em 15 de setembro no Salão das Sacramentinas, *superlotado. Havia muitos padres e freiras* - mencionou em suas memórias. Nos dias 21 e 22, participou da **XVI Assembléia Aberta da CRB Regional Nordeste III**, na Casa de Retiro S. Francisco. Ensaiou *algumas críticas sobre as comunidades “inseridas”*. *Mas é inútil* - reparou no **Diário 15**. - *Eles aceitam gostosamente qualquer crítica à Igreja ou à Vida Religiosa tradicional, pedem mesmo que sejamos críticos, mas não toleram críticas a estas novas formas revolucionárias*.

Nas mesmas memórias, em 23 de setembro, mencionou a visita a Madre Teresa de Calcutá em Salvador. *Falou com ela em inglês. Está constantemente com o rosário na mão, mesmo quando não reza. É considerado um grande exemplo para nossos tempos. É bem provável que algum dia seja canonizada, isto é: proposta oficialmente como digno exemplo de vida cristã*.

Retornando da plenária da Comissão Teológica Internacional em Roma em 23 de outubro, voltou ao ritmo normal de trabalhos, com uma infinidade de encontros, reuniões e palestras. Constatou de forma crescente *a profunda divisão interna que atravessa nossa Igreja* - como está no **Diário 15**, em 8 de novembro. - *Há entre os bispos deste Regional (Nordeste III da CNBB), uns 4 bastante radicalizados. É difícil falar com eles. Tornam-se imediatamente agressivos e rompem os possíveis laços de união e amizade que poderia e deveria haver. Quem não entra em suas (novas e inovadoras) categorias, é simplesmente conservador*.

Em seu retorno ao cenário brasileiro, enriquecido com um decênio de conhecimentos e experiências pastorais latino-americanas, mais a mitra e báculo, sente-se jogado em meio aos embates, sempre tentando manter-se equilibrado no Caminho, na Verdade e na Vida. Ao terminar a 20ª Assembléia Geral do Regional Nordeste III, em 11-11-1982, o cardeal pediu ao seu novo bispo auxiliar para que *juntamente com Dom Dotti (de Barra) e Dom Brandão (de Propriá), redigisse a mensagem final “ao povo de Deus”*. *No início não gostei, porque ambos são da linha “avançada”*. *Mas acabei aceitando. E foi uma linda experiência. Creio que nos entendemos muito bem. Eu os conheci melhor; e espero que também eles me conheceram melhor. Era a impressão que tive. Devo tomar cuidado para, nos encontros com os Bispos, não me isolar dos que não pensam como eu. E, sobretudo, para não me deixar envolver pelos “conservadores”, que me julgam de seu lado. Devo manter minha independência. Devo tratar de entender as razões profundas dos “avançados” e trabalhar mais com eles, sem desconhecer os “conservadores”*. No dia 9, à noite, *fiz uma conferência de espiritualidade sobre a “renovação” da Igreja, evidentemente recomendada pelo Vaticano II. Uns e outros ficaram satisfeitos. Ajude-me Deus para não ser, jamais, reacionário. O dever de “fidelidade”, que está no meu lema, é fidelidade à Tradição (que inclui as Escrituras e tudo o que nos veio dos Apóstolos) e às exigências pastorais a partir da situação. Os “conservadores” insistem na fidelidade à Tradição; os “avançados” insistem na fidelidade às exigências (“sinais dos tempos”). Devo insistir em ambas, dando prioridade à primeira e subordinando a segunda à primeira*.

De volta de um retiro pregado às Irmãs Filhas do Amor Divino, em Natal, Dom Boaventura empregava boa parte de seu tempo em encontros e reuniões, atividade ampliada com a nomeação de assessor para os “Casais com Cristo”. *É um movimento formidável de leigos disponíveis para o apostolado paroquial* - documentou no **Diário 15**, em 14 de novembro. - *Começou há uns cinco anos e me informam que em Salvador já temos mais de dois mil “Casais com Cristo”*.

Lamentou freqüentemente a perda de tempo com reuniões mal preparadas e pior aproveitadas. *São úteis estes encontros para conhecer a gente. Mas é também tempo perdido. Praticamente se faz ou se resolve nada* - desabafou no **Diário 15**, em 14 de dezembro. - *Absolutamente todas estas reuniões se fazem na base da espontaneidade, sem nada preparado, sem pauta, sem objetivo. Só para haver o encontro. Para conversar. Não há reflexões sistemáticas previamente preparadas sobre algum tema*.

Experiência nova para Dom Boaventura foi uma viagem feita num fusquinha, com mais quatro confrades, saindo às 4h30min, pelo *famoso sertão do Nordeste*. Atravessaram a caatinga baiana, passando por Feira de Santana, Senhor do Bonfim, Juazeiro, até o São Francisco e entraram no Pernambuco pelo agreste, chegando quase às 18h em *Milagres, cidadezinha do sul do Ceará, no meio da secura* - descreveu no **Diário 15**, no dia 18. Fazia três anos que não mais chovia em todo o sertão.

No dia seguinte, o bispo ordenou sacerdote seu confrade Frei Bruno, Francisco Bruno Mariano da Silva. Foi um domingo de festa, com a participação de 20 franciscanos e muito povo do Ceará, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Sergipe e da Bahia, conforme o **Diário 15**, do dia 19. *Às 9 da manhã começa*

a procissão, da enorme casa paroquial. Estou com pose de Pontífice: paramentado, com mitra, cruz, báculo. Um espetáculo para a gente. Creio que aqui não há um só que não seja católico de coração e alma. Não posso nem imaginar protestante neste ambiente. Muita participação e devoção. A cerimônia durou duas horas. Para valer.

Durante a noite foi de ônibus para Fortaleza. À noite celebrou a missa em Canindé, na Basílica de São Francisco das Chagas, *cheia de gente. Dizem que é sempre assim. Há uns 800.000 peregrinos por ano. De todo o Nordeste. Gente pobre que vem de longe. Não por turismo. Por fé. Por confiança. Por sofrimento. Frei Lucas me mostrou toda a complexa infra-estrutura de um santuário para pobres, segundo as mesmas memórias, no dia 20. Na manhã seguinte, celebrou outra vez no Santuário repleto, retornando à tarde via aérea a Salvador.*

Começou o ano-novo de 1983 com a missa solene na igreja matriz de Rolante, na Praça da Sagração - anotou ao iniciar o **Diário 15**. - *Pois assim é agora oficialmente, por Resolução da Câmara Municipal, chamada a praça diante da igreja, onde eu fui ordenado bispo.*

Retornando a Salvador, pôde observar a festa da Lavagem do Senhor do Bonfim. *Pelas 10 horas da manhã fui com um padre da igreja da Boa Viagem à Basílica de Bonfim. Fui muito bem recebido pelos responsáveis da irmandade que mandam lá. O capelão fora embora. Pelas 9h30min começou a procissão na igreja da Conceição da Praia. De lá até Bonfim são uns 10 quilômetros. Muita gente. Dezenas de milhares. Multidão. Tive um lugar privilegiado no átrio da igreja. Já havia muitas "bairanas" em trajés típicos: o branco de Oxalá, que é identificado com o Senhor do Bonfim. Pelas 10h chega o Sr. Governador. E vem chegando gente. Uma procissão sem fim. Dizem que no ano passado havia 200.000. O alto-falante anunciava a toda hora que se tratava da maior festa religiosa do Brasil. Acredito que muitos faziam a romaria com espírito religioso e de fé cristã. Apertei as mãos das mais famosas mãe-de-santo da Bahia e do Brasil. Com algumas delas falei demoradamente. Mas a Igreja Católica estava totalmente omissa. A gente encontrou o santuário fechado. Tinha a impressão de que a gente vinha e não encontrava um objetivo, nem recebia uma mensagem. É certamente um grave problema pastoral. Não sei se a omissão é a solução mais acertada - questionou-se no **Diário 15**, em 13-1-1983.*

A abertura de um seminário promovido pela SECNEB - Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, na Pituba, dirigida por Joanita Elbein dos Santos, teve a presença do bispo auxiliar. *Havia lido seu estudo sobre os Nagôs e a morte (publicado pela Editora Vozes), que é um estudo sério e bem feito e me convenceu de que o candomblé é mesmo uma religião pagã - concluiu no dia 24, no **Diário 15**. Na semana seguinte, com seu sobrinho Pe. Alex Kloppenburg e o Prof. Hasenhüttel, foi ao bairro do Rio Vermelho ver uma grande manifestação popular à Iemanjá. Observamos atentamente o comportamento religioso da gente. É impressionante a seriedade e sinceridade com que oferecem suas flores e perfumes à "mãe da água". Falei com uma destacada Mãe-de-santo, que me deu explicações e acabou dando-me a bênção... Neste mundo secularizado acontece isso! E a Igreja - ou melhor: muitos padres da Igreja - vai mostrando cada vez menos compreensão pelos símbolos, sinais e gestos. Já não lhes damos água benta e vão buscar água no mar. Persignam-se, molham-se, banham-se. A igreja de Rio Vermelho, ao redor da qual se fazia tudo isso, estava significativamente fechada e o vigário estava longe... É o sentimento religioso entregue ao povo. Que faremos? - perguntou-se no **Diário 15**, em 2 de fevereiro.*

O pouco tempo livre Dom Boaventura empregou para retomar temas pastorais da década de 1950, lendo e estudando livros sobre o nosso Candomblé - informou à Irmã Régis na carta de 10 de fevereiro. O então secretário geral da Confederação Umbandista do Brasil, médico baiano, em sua visita espontânea ao novo bispo, na manhã do dia 10, confidenciou que a Umbanda virou bagunça e é moda. *Mas conhece bem as coisas... Deus me envia a gente certa para conhecer os caminhos por onde devo andar nesta busca de orientação pastoral.*

Meses mais tarde, conversou longamente com o Pe. François D' Espinay, um francês radicado desde 1973 em Salvador, *mais identificado com o Candomblé que com a Igreja. Mas tem a vantagem de conhecer o Candomblé. Resolvemos constituir um pequeno grupo de trabalho, do qual ele será o secretário. Ajudará ao menos para conhecer melhor o Candomblé. Veremos - objetou no **Diário 15**, em 24 de maio.*

Os 90 anos da "Mãe Menininha", do candomblé de Gantois em Salvador, foram muito festejados. Ela é a mais famosa das "mães-de-santos". *No mosteiro de São Bento se celebrou uma missa por ela. Ela mesma não assistiu, pois já não se pode locomover. Mas veio muita gente do candomblé. É o sincretismo - observou no **Diário 15**, em 10-2-1984.*

No dia 12, **A Tarde**, de Salvador, publicou a "Oração Dominical" do Cardeal Avelar Brandão, informando que a missa foi celebrada *com conhecimento e permissão da Arquidiocese*. Pois é uma mãe-de-

*santo reconhecida pelo Brasil inteiro. Sem entrar em discussão sobre se há ou não antagonismo entre a prática do candomblé e a Igreja Católica, o Cardeal distinguiu entre a doutrina oficial do candomblé e a pessoa da Mãe Menininha, nome pelo qual ficou famosa Maria Escolástica da Conceição Nazaré, pois esta sempre se declarou católica em todas as oportunidades e sempre se referiu com respeito e gratidão para com a religião católica e seus ministros. Dom Boaventura, entretanto, levantou a questão teórica do fato, no **Diário 15**, no mesmo dia 12: “Há ou não há incompatibilidade entre a prática do candomblé e a Igreja Católica”. Mas é justamente neste ponto o aspecto grave da questão. De sua solução depende a resposta a ser dada aos problemas particulares. A solução do Cardeal é superficial e empírica. Mas é a mentalidade dominante. Que se vai fazer?*

No ano seguinte, o assunto voltou à baila. Assistindo ao Seminário sobre “Religião e Negritude: identidade e resistência cultural do negro brasileiro”, em São Luís, no Salão Jarbas Passarinho da Universidade Federal do Maranhão, de 18 a 21-6-1985, confessou não ter aprendido grande coisa. - *Lamentou-se a participação dos jovens nos terreiros. A razão dada: os terreiros são conservadores e tradicionalistas* - observou em suas memórias. Quanto ao tema “sincretismo religioso versus pureza africana”, concluiu-se que esta não existe. - *Para ser do candomblé, é necessário ser primeiro católico; para completar a iniciação no candomblé, é preciso participar em várias missas... As mães-de-santo e os pais-de-santo, no painel se declaram católicos. Foi dito até que as religiões afro-brasileiras são atualmente o conservatório da religiosidade popular católica.*

No painel de 21 de junho Kloppenburg participou com um texto sobre a Igreja Católica e os cultos afro-brasileiros. - *No debate, os pais-de-santo foram bastante agressivos: a Igreja foi culpada da escravidão no Brasil; os padres são todos homossexuais. Coisas deste tipo. Não é possível debater assim. À tarde não foi melhor. E assim terminou o seminário, um tanto melancolicamente. Eu esperava mais* - ponderou no **Diário 15**.

Em São Luís encontrou-se com o Pe. Valdeci de Carvalho, SJ, professor na PUC-RJ defensor de uma tese de doutoramento sobre a Umbanda, na Gregoriana, publicada pela Loyola, em 2 volumes.

Na semana seguinte, no mesmo local, de 24 a 28 de junho, assistiu ao Colóquio Internacional sobre “As sobrevivências das Tradições Religiosas Africanas no Caribe e na América Latina”, patrocinado pela UNESCO, a pedido do Governo Brasileiro. Estavam presentes o Brasil, através do Ministro Aloísio Pimenta, do novo Ministério da Cultura, e representantes da Nigéria, Benin, Haiti, Tobago, Zaire, Cuba, França, Angola, Gabão, Congo, Guiana Inglesa, Colômbia e USA. Estavam presentes em torno de 30 especialistas de diferentes nacionalidades - documentou no **Diário 15**, em 24 de junho. - *O lento desaparecimento da religião banto é constatado não apenas no Brasil (da “cabala” ninguém mais fala e a “macumba” se desintegrou e, pela influência do kardecismo, se transformou em “umbanda”, ficando alguns restos na “quimbanda”) mas também em Cuba, segundo a afirmação do delegado de lá.*

O que de fato pode ser facilmente comprovado é que a Igreja, ou mais concretamente, os padres jesuítas conseguiram que fosse proibida a escravização de indígenas. A proibição não foi tão difícil de ser obtida das autoridades, pois interessava aos mercantes escravistas e companhias de navios negreiros. Como religião oficial do estado monárquico português a Igreja Católica não empregou força suficiente para impedir a escravidão. As próprias casas paroquiais, igrejas e casas religiosas tinham escravos. Além do mais, nem havia condições de sobrevivência de “religiões” africanas no Brasil, pois a Igreja e o Governo proibiam qualquer manifestação e prática de suas crenças. Os escravos estavam obrigados a abraçar o catolicismo, tornavam-se mais dóceis e seu trabalho rendia mais. Regressando de São Luís a Salvador antes de terminar, Dom Boaventura gostou do Colóquio. *Valeu a pena* - reconheceu no **Diário 15**, em 27-6-1985. - *Sinto-me outra vez atualizado nesta temática.*

Constatando-se enorme falta de instrução religiosa em todas paróquias, a arquidiocese concluiu pela necessidade de se pregar as missões populares, sendo encarregado para essa tarefa os padres redentoristas. O material especializado para as famílias, jovens e crianças e as pautas para sermões foram consideradas por Dom Boaventura *tudo numa linha “horizontal” de ajuda social e nada mais. É triste. Desaprovei o material* - como escreveu à Irmã Régis, em 10-2-1983. Assim, em sua substituição, contribuiu com a preparação para as Missões, publicando “**Jesus Caminho Verdade Vida**”, através das Edições Paulinas. Ademais, ajudou *um pouco na preparação dos 500 coordenadores gerais, representantes das paróquias, e que amanhã vão receber o mandato de “missionários”, com a imposição das mãos e a entrega da cruz* - como consta no **Diário 15**, em 23 de abril.

Desde a posse, Dom Boaventura estava residindo no Convento de São Francisco, na antiga Praça Anchieta, ao lado da barulhenta Baixada do Sapateiro, no centro da capital. Em 7-3-1983 mudou-se. Preferiu

morar junto com seu colega Dom Ângelo e Frei Sérgio, ambos capuchinhos gaúchos, no Seminário Central da Bahia, num bairro, onde *puseram à minha disposição dois quartos, cada um com uns 20 metros quadrados* - contou à Irmã Régis. A “suíte” foi totalmente mobiliada por ele, ao seu gosto e custo. Do alto da colina, a vista para o mar é maravilhosa, estando a praia a poucos metros de distância. *Ontem à tarde, quando estava cansado, fui para lá tomar banho de mar. Anteontem também. Isso dá movimento e refresca* - escreveu à Irmã Régis, em 13-3-1983.

Além de ser mais arejado o local, lá podiam melhor planejar seus trabalhos. Cabia a Dom Boaventura fazer as visitas pastorais canônicas em 17 paróquias, com dois dias de intensa atividade em cada uma, o que lhe era uma novidade, pelo fato de nunca ter sido pároco. Antes de tudo, os três planejaram viver em pequena comunidade de oração e de estudos.

Às vezes, a imprensa vinha interromper o trabalho pastoral de Dom Boaventura, divulgando de preferência, matéria polêmica, ou mesmo fofocas. Na edição de 10-3-1983 **A Tarde** publicou uma matéria na qual o bispo auxiliar destacava a necessidade das Comunidades Eclesiais de Base não fazer política partidária. No mesmo dia, um repórter da Sucursal de Salvador de **O Estado de S. Paulo** pediu-lhe, por telefone, mais algumas informações sobre o assunto, publicando-as no dia seguinte, com o título **Bispo condena uso político das comunidades de base**. *“As comunidades eclesiais de base não podem ser transformadas em sindicatos”* - iniciou o primeiro parágrafo. - *A advertência foi feita ontem na capital baiana pelo bispo auxiliar de Salvador, frei Boaventura Kloppenburk (sic), contestando o arcebispo de São Paulo, para quem as CEBs devem fazer reivindicações políticas...* O mesmo diário paulista, no dia seguinte, comentou a entrevista no seu editorial, intitulado **Corajosa tomada de posição de um bispo**.

Com *uns 30 bispos brasileiros, claro que os “conservadores”* - como está no **Diário 15**, em 22 de março, participou, no Rio de Janeiro, de um curso de quatro dias sobre o novo **Código de Direito Canônico**, qualificado por ele como *bom. Deo gratias!*. Na oportunidade foi lá fundado o Instituto Superior do Direito Canônico, em ato presidido por Mons. Rosálio José Castillo Lara, Pró-Prefeito da Comissão Pontifícia de Revisão do Direito Canônico, presente também o Núncio Apostólico

O cardeal Avelar Brandão Vilela liberava seu Bispo Auxiliar para pregar retiros e conferências populares noutras dioceses. De 25 a 29 de abril, ao clero em Bacabal, distante 230 km de São Luís do Maranhão, deu *conferências ao clero e religiosas sobre “as religiões afro-brasileiras”, sobre os movimentos religiosos livres no Brasil, sobre os motivos que levam tanta gente aos terreiros* - realçou no **Diário 15**, de 27 de abril. Insistiu na aplicação de *certos “remédios”, como a multiplicação das pequenas comunidades, para tirar a gente do anonimato das paróquias; maior respeito à idiossincrasia do povo; uma espécie de pastoral da saúde em cada paróquia; uma pastoral das famílias afastadas da religião; pastoral das famílias enlutadas pela morte; ênfase especial em certos temas da catequese, como a comunhão dos santos, a proibição divina da magia e necromancia, unicidade da vida terrestre, etc.*

De volta da Alemanha, participou em Itapoã de uma reunião dos bispos do Regional Nordeste III. *O Governador e sua comitiva se apresentou a rigor, com gravata, casaco, etc.; os bispos, ao menos em maioria, se apresentam em manga de camisa* - observou no **Diário 15**, em 11 de maio. - *Parece antes um encontro com um sindicato...* *O Governador apresenta, em suas grandes linhas o programa de governo. Alguns bispos falam de suas regiões e expõem problemas de hospitais, escolas, estradas...*

Convidado para tomar parte no IV Convênio Sacerdotal Internacional, celebrado no Santuário de Kevelaer, Alemanha, de 16 a 22 de setembro, concluiu o texto sobre **“O Coração de Jesus Sinal de Misericórdia no Sacramento da Unção dos Enfermos”**, despachando-o via Nunciatura para Roma, onde está sendo organizado o evento. Devido às Missões em Salvador, não pôde pessoalmente defender a sua proposta de que o papa autorize *Diáconos e até religiosas enfermeiras a administrar a Unção (contra as determinações do novo Direito Canônico)*... - segundo nota no **Diário 14**, em 19-5-1983.

Aliás, viu na prática como é importante a pastoral da saúde ao fazer visita canônica na paróquia de N. S. de Nazaré, dirigida pelos Salesianos. Há no seu território quatro hospitais, tendo o Hospital Santa Isabel um pavilhão de pobres, *que é a Santa Casa daqui* - comparou em 27 de maio nas suas memórias, visitando os doentes pobres e indigentes por uma hora. - *Nenhum deles tem medo de receber o Sacramento da Unção dos Enfermos. Os ricos não querem. Ainda pensam que é só para os moribundos. Seria melhor chamá-la de “Sacramento para a Saúde”. Os mesmos que pedem a bênção para a saúde, não aceitam o sacramento para a saúde. Devemos fazer uma campanha em favor deste Sacramento. O povo deve mudar seu conceito. Acho que devo visitar mais vezes os pavilhões dos pobres. Dá alegria para eles e para mim. “Estive doente, e me visitastes”. Grande e bonita verdade.*

Fazia isso mais vezes. Visitou o Hospital da Irmã Dulce, doou à instituição 300 mil cruzeiros recebidos de amigos e parentes na Alemanha, como consta no **Diário 15**, em 27-12-1983: *É uma miséria impressionante o que lá se encontra. Preciso ir mais vezes para lá. Visitar os doentes é uma das conhecidas obras de caridade.*

IGREJA POPULAR DIVISOR DE ÁGUAS

A Igreja no Brasil não é bem mais a mesma desde o livro **Igreja Popular** de Dom Boaventura Kloppenburg. É como que um divisor de águas que distingue os períodos de antes e depois. O mesmo fenômeno já havia acontecido na América espanhola. Desde 1976 se percebia com muita nitidez a força de um movimento teológico-pastoral que então ficou conhecido por “Igreja Popular”. O alarme inicial de alguns bispos peruanos despertou nele a necessidade de se fazer um estudo e observações, surgindo em espanhol seu livro **Iglesia Popular**.

O tempo livre empregava na tradução para o português e sua adaptação ao Brasil deste livro. *Quero acrescentar à edição brasileira uma Quinta Parte, sobre a opção preferencial pelos pobres* - planejou no **Diário 15**, em 10-3-1983. O manuscrito do novo livro foi entregue 11 dias depois à gráfica, e a impressão foi concluída em 19 de maio. - *O Cardeal Sales, que patrocina a edição, vai mandar um exemplar a todos os bispos do Brasil. Vai começar a dança...*

A Editora AGIR distribuiu os exemplares a todas as livrarias do Brasil e os convites para o seu lançamento às autoridades e órgãos de imprensa. **O Estado de S. Paulo**, de 26-5-1983, deu a manchete **Bispo condena ação de padres populistas** na capa e “**Deus não é socialista**”, **diz bispo de Salvador**, na página 11: “*Deus não é socialista, porque não fez nada igual. Fez como bem quis. E acho que o socialismo só daria certo, se no mundo houvesse anjos em vez de sem-vergonhas*”. *A declaração é do bispo auxiliar da Arquidiocese de Salvador, Dom Boaventura Kloppenburg, que acaba de lançar um livro sobre a Igreja Popular da América Latina. Esta Igreja, segundo ele, defende a opção pelo marxismo leninismo e “estimula a luta de classes até mesmo dentro da Igreja”.*

Nesse mesmo estilo há uma página inteira no **Correio da Bahia**, de 25 de maio, com matéria exclusiva na manchete “**A Igreja é para todos os católicos**”, já que a Igreja Popular exclui os ricos. Assim, “*os que não são pobres se sentem hoje constantemente insultados dentro da igreja pelo modo de falar e de rezar de certos padres*” - denunciou Dom Boaventura.

Em fins de maio, o Cardeal Eugênio Sales, retornando de Roma, onde participara da Conferência sobre a Encíclica “**Laborem Exercens**”, promovida na Itália pela Fundação Konrad Adenauer, com uma semana de duração, informou a **O Globo**, edição de 27 de maio, que ele havia entregue ao papa um exemplar de **Igreja Popular**. João Paulo II *prometeu lê-lo com brevidade e atenção, já que o surgimento desse catolicismo popular preocupa-o sobremaneira, algo que, inclusive, externou em sua visita à Nicarágua.*

O Globo, de 3 de junho, em **Um livro com tema polêmico: “Igreja popular” do teólogo Kloppenburg** resume os principais erros que o Autor denunciou na Igreja Popular.

A **Manchete** e a **Veja** entrevistaram Dom Boaventura sobre o novo livro. *Veremos o que irão publicar* - preocupou-se no **Diário 15**, em 8 de junho, pois *sempre escapam certas observações, às quais depois o repórter se agarra para fazer a gente dizer uma porção de barbaridades. Na verdade a reportagem da Veja já se havia anunciado há três dias e eles queriam primeiro ver o livro, aqui e na redação central, para então ver o tipo de entrevista. Por isso esta manhã até rezei a s. missa votiva do Espírito Santo, para que me ajudasse nas respostas. São estes os meios modernos. Não os podemos ignorar. E o livro foi escrito para ser divulgado. Creio que assim terá uma propaganda máxima. O tema é polêmico por natureza. Eu também sou polêmico por natureza. Tudo isso em preparação para o lançamento oficial no próximo dia 27. Deste jeito o livro pode estar esgotado antes de ser lançado...*

Igreja Popular foi publicado por uma solicitação muito grande do Cardeal Dom Eugênio Sales, que, por sua vez, havia recebido instruções de Roma, diretamente do papa. Ele também enviou um exemplar para todos os bispos do Brasil, queiram ou não. Assim ao menos terão oportunidade de ver o que há por trás desta tão falada Igreja Popular. Pois acredito que a maioria não tem idéia. Nem tem os documentos que eu tinha lá em Medellín - escreveu à Irmã Régis em 5 de junho. Informou ainda que na solenidade haverá um importante discurso meu diante de jornalistas, radialistas, etc. O Cardeal Dom Eugênio Sales vai presidir. Enquanto isso, alguns, ou muitos, vão me xingar e mamãe também vai entrar na história, quando dirão de mim: “filho da p.!”... Na realidade me sinto tranqüilo. Pois me sinto diretamente apoiado pelo papa e pelos melhores bispos do Brasil. Devias ler uma carta que me escreveu outro dia o Cardeal Scherer.

Também Dom Sinésio Bohn e outros. É pena que justamente os meus confrades franciscanos estejam contra mim. Sinto-me quase como que expulso do ambiente deles. Claro que nem todos. Tenho recebido também cartas confortadoras de confrades. Mas outros não perdoam o ataque feito ao Leonardo Boff, repetido agora também no livro.

Antes de embarcar a Medellín, retornou a se cartear com a Irmã Régis, em 11 de junho, confirmando o lançamento de **Igreja Popular**, com a presença do Sr. Cardeal Eugênio de Araújo Sales. *Você já deve ter recebido um exemplar. Vai dar que falar. Aliás, já está dando. Virei sinal de contradição. A revista **Veja** de 27 de junho vai publicar uma longa reportagem, a das folhas amarelas. A **Manchete** também andou por aqui. Enquanto por aqui se briga por meu livro, eu estarei lá fora sem saber de nada.*

O Caderno B do **Jornal do Brasil**, de 18-6-1983, publicou com a manchete **O desbloqueio das consciências** uma extensa matéria assinada por Mons. Abílio Real Martins, pároco de São Judas Tadeu em Niterói, com uma apreciação crítica na seção de “Livro” acerca de **Igreja Popular**, obra que *preenche uma lacuna na literatura católica brasileira atual*. Na mesma data, o **Estado de Minas** divulgou a crônica **Quo vadis, Igreja Popular?**, assinada por João da Cunha.

Na tarde do dia 27 de junho, no auditório do edifício João Paulo II, no Rio de Janeiro, *fez-se o lançamento do livro “Igreja Popular” - documentou no **Diário 15**. - Na realidade, foi o lançamento de um livro já esgotado. Pois a primeira edição estava mesmo esgotada e a Editora Agir recolheu das livrarias os exemplares necessários para o lançamento. Só de São Paulo pediram outro dia mais mil exemplares. Por isso a Editora começou na semana passada a tirar uma nova edição. Na cerimônia do lançamento estava o Sr. Cardeal e muita gente (menos os franciscanos), também da televisão e da imprensa. Fiz um pequeno discurso e dei muitos autógrafos. O cardeal falou também. Disse que tinha recebido umas 40 cartas de bispos, não só agradecendo a remessa do livro, mas acrescentando palavras sumamente elogiosas à iniciativa.*

No dia seguinte, vários jornais deram ampla cobertura ao acontecimento. O **Jornal do Brasil**, na p. 6, em **Teólogo lança no Rio livro contra a Igreja Popular** deu destaque ao discurso do Cardeal Arcebispo do Rio, Dom Eugênio Sales, considerando o *Autor livre do fácil contágio de correntes ideológicas mais próximas da sociologia ou política que da revelação e do magistério*. A **Folha de São Paulo**, deu a manchete **Bispo denuncia inspiração marxista da “Igreja Popular**. A **Tarde**, de Salvador, reservou uma página inteira no Caderno 2, com a manchete **Na Igreja Popular a ideologia prevalece sobre a espiritualidade**, uma denúncia contida no livro **Igreja Popular**. Na mesma página, esclareceu sob que pontos de vista ele se considera “progressista” e “conservador”.

No mesmo dia 28, **O Estado de S. Paulo**, na p. 9, deu a notícia sob o título **A denúncia do Bispo sobre a Igreja Popular** e o subtítulo **Dom Boaventura Kloppenburg, auxiliar de Salvador, afirma que há um movimento, uma “seita”, tentando levar a Igreja a uma confrontação ideológica interna**. Na p. 10 há o título **Bispo acusa padres progressistas de dividirem a Igreja**.

O lançamento do livro e seu grande destaque dado pela grande imprensa repercutiram por toda parte, mesmo nos meios militares. Em 7-7-1983, documentou no **Diário 15** ter recebido *uma visita muito estranha: membros do Serviço Nacional de Informação (SNI), setor da Bahia-Sergipe. Veio o Coronel Nascimento (“Prof. Ivan Fontanelle”), com mais dois ajudantes. Um deles já havia aparecido alguns dias antes. Está relacionado com o meu livro sobre a “Igreja Popular”. Claro que eles também são contra a Igreja “popular” e pensam em encontrar em mim um aliado. Vieram com bastante material “subversivo” desta Região e me deixaram fotocópia de tudo. É bom ter este material: mostra o que eles consideram subversivo e o que na realidade há por aí, na Igreja da Bahia, de radicalizado. Tenho material para ler e, talvez, para ilustrar com exemplos daqui a Igreja “popular”.*

Semanas depois, em 1º de agosto, no primeiro aniversário de sua ordenação episcopal, revelou no **Diário 15** ter atendido *de Brasília, uma chamada telefônica do Tenente Coronel Marcos (Marco Antônio Felício da Silva), do SNI (Serviço Nacional de Informação), comunicando que estão organizando para São Paulo, Brasília e Belo Horizonte, cerimônias de lançamento do meu livro sobre a “Igreja Popular”. Não sei não. Acho que ir para São Paulo, lançar o livro, preciso da autorização do Cardeal Arns. Este não deve estar gostando. Nem eu estou gostando de deixar-me envolver pelo SNI, isto é, pelo Governo.*

A programação do lançamento da 2ª edição foi executada, repercutindo por toda parte. O próprio Dom Boaventura fez a comunicação ao Cardeal Arns, informando dia, hora e local do evento. Sua resposta foi instantânea, em telegrama transcrito no **Diário 15**, em 12 de agosto: *“peço prezado irmão confrade queira desistir lançamento **Igreja Popular** em São Paulo por ser inoportuno e altamente prejudicial unidade e pluralismo nossa ação pastoral. Saudações cordiais. Paulo Evaristo Cardeal Arns”.*

Na mesma noite Kloppenburg respondeu-lhe com uma carta, na qual não pretendia discutir as razões alegadas pelo cardeal. *Seu pedido na verdade equívale a uma proibição. Vou acatá-la. Amanhã mesmo comunicarei ao organizador do lançamento do livro em São Paulo (dia 16) e Brasília (dia 17) sua decisão. Não sei se terei muita sorte em alcançá-lo, por ser sábado e depois domingo.* Depois de enumerar uma extensa agenda de atividades pastorais inadiáveis, Dom Boaventura prossegue a carta informando *que não há muito tempo. Mas farei o possível. Infelizmente, não disponho de secretário para me ajudar. Como em São Paulo e Brasília fizeram bastantes convites para o lançamento, inclusive para os meios de comunicação (pois a gente publica um livro para divulgá-lo), temo que sua intervenção, feita em nome do pluralismo (ao menos também, como está no telegrama), tenha repercussões negativas na imprensa. Pois os convidados terão que ser agora avisados ou informados sobre minha intempestiva desistência. Acho sinceramente que sua presença no lançamento em São Paulo, mesmo para mostrar o pluralismo, teria sido melhor. Afinal, trata-se de um livro com um regular “nihil obstat” e “imprimatur”; e creio sinceramente que está na ortodoxia e na ortopraxis. E na linha do nosso Papa João Paulo II, que o conhece. Mas vou dormir. Com muitas saudações e um cordial abraço”. - Vai ser um caso chato! Com a carta, vou enviar ao Frei Evaristo também uma fotocópia do discurso que iria pronunciar em São Paulo.*

Poucas horas sobraram para dormir. Levantou-se cedo, logo despachando a carta ao Cardeal de São Paulo. Tentou comunicar-se com o encarregado, em Brasília, para o lançamento, mas não o encontrou. Além destas anotações no **Diário 15**, em 13 de agosto, observou que em Salvador o *Arcebispo e outros insistem que eu vá para São Paulo. Chamei para lá e ficou combinado que iria a São Paulo (pois tenho passagem), mas não faria o discurso nem faria uma cerimônia solene de lançamento. Falaria com eles para saudá-los. Mas o lançamento em Brasília, no dia seguinte, será tanto mais concorrido, já que a proibição do Cardeal Arns significa também propaganda.*

No **Jornal da Tarde**, de São Paulo, no mesmo dia 13, no longo artigo *A Igreja, o marxismo e o livro do bispo d. Boaventura*, Lenildo Tabosa Pessoa, depois de destacar no livro *Igreja Popular* ampla documentação em 87 páginas, afirma que ele foi eleito bispo à revelia da CNBB e com seu aberto desagrado, torna-se um servil “ceenebequista”.... No próprio dia do lançamento, dia 16, o mesmo jornal, na p. 19, dá o título *O bispo vinha lançar seu livro, D. Paulo proibiu* para informar que Dom Paulo havia recebido a resposta de Dom Boaventura ao telegrama do cardeal, acatando a decisão de não lançar oficialmente o livro, mas que devia ir à *Casa de Portugal desculpar-se com os convidados.*

O clima existente em São Paulo parece ter repercutido até na Santa Sé, pois Kloppenburg recebeu no dia 15 de agosto, *por uma estranha coincidência* - como realçou em suas memórias - *uma carta da S. Congregação para o Clero, assinada pelo Cardeal Oddi, com a data de 4 de agosto, com este conteúdo: “Tendo chegado a esta Congregação informações negativas, que parecem fundadas, sobre a orientação dada ao clero de São Paulo no Brasil, pelo Arcebispo Cardeal Paulo Evaristo Arns e sobre a Influência que tal orientação teria não somente sobre o clero no Brasil, mas em nível ainda mais amplo, lhe seria vivamente grato se pudesse informar reservadamente sobre o que a respeito souber”. Está, pois, a suspeita em Roma* - transcreveu no **Diário 15**, na véspera do lançamento do livro. Ao papa também foi remetido um exemplar do livro. Em 21-11-1983, quando estive em Roma, participando de uma audiência, com 90 bispos de várias partes do mundo, João Paulo II disse-lhe: *Já li o seu livro!* - como publicou o **Jornal do Brasil**, de 1-12-1983.

Muitas notícias eram também publicadas ou retransmitidas no estrangeiro, ou mesmo remetidas a amigos. Dom Agnelo Rossi estava a par de tudo. Solidarizou-se com Frei Boaventura em várias oportunidades.

O Estado de S. Paulo, de 16-8-1983, com a manchete de capa *Cardeal proíbe bispo de lançar seu livro* informou que então “o bispo não irá ao lançamento”. Na p. 10, com o título *Cardeal paulista não quer bispo lançando livro em São Paulo* disse que o “Cardeal também proibiu dom Boaventura de fazer conferências em sua arquidiocese”. Sem condições de alterar a programação em última hora e sem necessidade de uma licença eclesiástica para lançamento de livro, a Editora Agir não podia expor-se ao ridículo, *decidiu fazer lançamento mesmo sem a presença do autor.* Através de frades “progressistas” do Convento franciscano o cardeal ficou sabendo que Dom Boaventura viria a São Paulo, apenas para explicar aos amigos o desagradável incidente.

Ao meio dia de terça-feira, 16 de agosto, chegou Dom Kloppenburg a São Paulo.

Passou aquela tarde no Convento de São Francisco. Atendeu jornalistas. Sentiu-se preocupado com as repercussões na imprensa das entrevistas e, sobretudo, com a evolução dos acontecimentos. *Teria preferido não ter vivido este dia* - iniciou as memórias daquele dia no **Diário 15**. Às 19h foi à Casa de

Portugal, onde havia uma centena de pessoas, *alguns padres, até um bispo ortodoxo em plena forma, um pastor batista. E gente da imprensa e da televisão.* Sem formalidades, num clima um tanto constrangedor, Dom Boaventura leu a seguinte declaração: “O Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns me conhece desde 1943, quando começamos a ser colegas de curso, em Curitiba. Estivemos muitos anos juntos como amigos sinceros. Um incidente como este ou um ponto de vista divergente é perfeitamente possível entre amigos. Ele é o pastor responsável desta Arquidiocese. Por isso lhe havia comunicado previamente local e data do lançamento da segunda edição de meu ensaio sobre **Igreja Popular**. Ele me pediu desistir deste lançamento por considerá-lo ‘inoportuno e altamente prejudicial’ para a unidade e o pluralismo da ação pastoral na circunscrição que está sob seus cuidados pastorais. Prometi-lhe acatar sua decisão. E por isso abstenho-me de comentar seu modo de julgar. Não farei formalmente o lançamento do livro aqui em São Paulo. Nem pronunciarei o discurso que para esta ocasião havia preparado. Falarei sobre isso amanhã em Brasília”. A seguir, disse que ali estava para saudar os amigos que lá tinham vindo e explicar aos que não puderam mais ser avisados sobre o que acontecera. Sempre um tanto acanhado, fui dando autógrafos. Fui várias vezes interrompido pelo pessoal da televisão para dar entrevistas. Um deles, do **Globo**, fez perguntas incisivas como estas: *Que o Cardeal disse que em meu livro faço citações arrancadas do contexto; que minha crítica ao Leonardo Boff é injusta e coisas assim, para perguntar então o que eu achava disso. Tanto me perguntaram e tantos que eu nem sei mais o que respondi. Foi uma tortura psicológica terrível. Nem posso imaginar seus efeitos, já que tudo se torna público.* Depois concluiu a nota do dia: *Pelas onze da noite voltei ao Convento de São Francisco. E aqui estou, abatido, como quem apanhou, com vontade de chorar.*



Cardeal Arns e Dom Boaventura na revista VEJA, de 24-8-1983.

Na manhã seguinte, no avião que o levava à Capital, Dom Kloppenburg lia os jornais do dia 17. O **Jornal do Brasil**, p. 8, deu a manchete **Bispo lança livro contra pedido do Cardeal Arns**, com a legenda da foto *Dom Boaventura Kloppenburg acha que a atitude de D. Paulo E. Arns em relação a seu livro mostra “tensão nervosa” da Igreja.* O **Globo** traz duas matérias: **Bispo desafia Cardeal e lança livro em S. Paulo**, e **D. Paulo Arns acusa ‘falta de delicadeza’ de D. Boaventura**. A **Folha da Tarde**: **D. Arns impede bispo da BA de lançar livro em S. Paulo e 300 volumes foram autografados**. O **Estado de S. Paulo**, na capa, com foto: **Bispo desafia cardeal e lança livro em SP**; na p. 3 o editorial **Pluralismo, progressismo e hipocrisia** e, na p. 14, **Bispo em SP, apesar do cardeal**. O **Jornal da Tarde**, de SP, toda a p. 6: **D. Boaventura lança seu livro em São Paulo** e o subtítulo: *Segundo a Cúria Metropolitana, não havia uma proibição formal. Apenas um pedido de D. Paulo Evaristo Arns. Mesmo assim...* e o editorial: **Habemus aiatolá! Que o Papa nos salve!** A **Tribuna da Bahia**, com duas colunas: **Cardeal e Igreja**. A **Folha de S. Paulo**, p. 4: **Bispo comparece a lançamento de livro, apesar da proibição** e **Para o cardeal Arns, autoritária é a obra**.

O convite para o lançamento do livro **Igreja Popular** em Brasília foi feito e distribuído pelo Governo do Distrito Federal, através da Secretaria de Educação e Cultura e da Fundação Cultural do Distrito Federal.

*Há editoriais bem fortes contra o Cardeal Arns - constatou no **Diário 15**, em 17 de agosto. - No aeroporto de Brasília esperava-me o arcebispo. Ele me levou diretamente à Nunciatura. Pois o Sr. Núncio queria falar comigo. Depois fui ao Convento dos franciscanos. Às 15h fiz uma conferência de duas horas no Centro de Informações do Exército, acompanhado pelo cardeal, o ordinário castrense da corporação. Os militares estavam interessados na temática, pois a chamada Igreja “popular” fomentava a luta de classes, a tomada do poder e libertação dos oprimidos mesmo que fosse através da violência armada. À noite, às 20 horas, deu-se o lançamento do livro na Galeria de Arte do Anexo do Teatro Nacional. Vieram Ministros, Senadores, Deputados, esperando em fila, como diante do confessionário, para receber o autógrafo. A gente percebia a satisfação de muitos por esta iniciativa. A palavra que mais vezes ouvi, foi “coragem”. Admiram a minha coragem!... Da CNBB não apareceu ninguém. Da Nunciatura veio o Secretário.*

Dom Boaventura pernitoou em Brasília. Dormiu mal. Os jornais também deram amplo espaço aos fatos, nas edições do dia 18. O **Jornal da Tarde**, com chamada na capa e na p. 6: ***A “Igreja Popular”, lançado em Brasília, o subtítulo Além de lançar seu livro, o bispo dom Boaventura esteve reunido com um grupo de militares. E o incidente com dom Paulo Evaristo Arns foi parar no Vaticano*** e publicou ***“A íntegra do discurso preparado pelo bispo dom Boaventura para o lançamento de seu livro”***. O **Estado de S. Paulo** estampou: ***Bispo lança livro e reúne-se com militares***, divulgando também na íntegra o discurso, bem como incisivo editorial ***Cai a máscara do falso pluralista***. A **Tarde** trouxe a ***Posição do Cardeal Dom Avelar*** e, na p. 3: ***O “Igreja Popular” foi proibido em São Paulo***. O **Correio Brasiliense** perguntou: ***Quem tem medo de Kloppenburg?***, assinado por Jarbas G. Passarinho. O **Globo**, em coluna de 15 cm, deu o destaque: ***“D. Luciano acha tendenciosa a declaração de D. Boaventura”***. O **Jornal do Brasil** chamou a notícia: ***Bispo lança seu livro em Brasília*** e no editorial ***Teologia Paulina*** vergastou a postura do cardeal de São Paulo. A **Folha de S. Paulo** anunciou: ***D. Paulo afirma que nada será feito contra d. Kloppenburg***.

A CNBB publicou uma nota de solidariedade ao cardeal de São Paulo, em 18 de agosto, o que mereceu, depois, a desaprovação de seu próprio presidente Dom Ivo Lorscheiter, segundo telegrama enviado ao Cardeal Brandão Vilela. Após a conferência dada na Universidade de Brasília e a gravação de um programa na TV Manchete, o bispo-auxiliar retornou a Salvador, relatando todos os fatos ao cardeal, com o dossiê de recortes de jornais. ***O Cardeal Brandão me prometeu apoio, que, disse, manifestaria publicamente na sua Oração Dominical no próximo domingo*** - segundo o **Diário 15**, em 19 de agosto. A promessa do cardeal realmente não foi cumprida.

A palestra de Dom Kloppenburg na Universidade de Brasília também foi amplamente divulgada. A **Folha de S. Paulo**, em 19 de agosto, noticiou: ***CNBB faz a defesa de dom Paulo***; noutra coluna: ***Dom Boaventura rebate críticas ao seu livro***, e, na p. 4: ***Secretário-geral da CNBB se solidariza dom d. Paulo***. Na mesma data, O **Estado de São Paulo** estampou: ***Bispo quer o debate da Teologia da Libertação***, ao lado da notícia ***CNBB critica a divulgação***. No editorial ***Solidariedade com o opressor*** do mesmo diário paulista, de 20 de agosto, é criticada a nota da CNBB, que tinha ***motivos de sobra para achar que se tratava de uma carapuça com endereço e medida certos e para não gostar***. Se o telegrama do Cardeal Arns a Dom Boaventura tinha caráter pessoal ou era de âmbito privado, seu efeito era público e, por isso, o mesmo público tinha que saber de seu conteúdo, para entender as razões da suspensão de uma solenidade de lançamento de livro.

Na edição dominical de 21 de agosto O **Estado de S. Paulo** voltou a dar uma página inteira, com a manchete ***A Igreja não é só dos “pobres”*** e na Seção Livre, Salomão Jorge assinou ampla coluna intitulada ***Do cardeal de São Paulo, livrai-nos Senhor!*** Também A **Tarde** do mesmo dia destacou duas matérias: ***Bispo faz críticas a D. Evaristo*** e ***D. Boaventura comenta a atitude de D. Arns***. No dia seguinte: ***D. Boaventura esclarece entrevista***. No **Diário de Sorocaba** M. L. Ayres Moraes assinou o texto ***Igreja Popular***, considerando o livro como ***excelente***. João Jacques publicou três crônicas em defesa do livro ***Igreja Popular*** no **Diário do Nordeste**, do Ceará.

A revista **VEJA**, de 24-8-1983, estampou na página 52 a matéria intitulada ***“Desunidos na fé - Bispo lança livro que cardeal vetou”***, ilustrada com fotos de ambos. Além de publicar o que jornais já tinham noticiado, a revista informou que o Arcebispo de Brasília recebeu o Autor do livro no aeroporto ***com um grande abraço e frases amáveis***. ***“Dom Boaventura não escreveu um livro que separa, mas que procura a verdade”***, avalizou dom José Newton.

O arcebispo de Aracaju, D. Luciano Cabral Duarte, em palestra proferida em 24 de agosto, no auditório do 28º Batalhão de Caçadores, falou sobre ***a infiltração de padres esquerdistas que defendem as teses da Igreja Popular, que, segundo ele, embora não organizada institucionalmente, está agora também no Brasil***. Recomendou ***aos militares a leitura do livro Igreja Popular do bispo-auxiliar de Salvador D.***

Boaventura Kloppenburg. Esta notícia saiu no dia seguinte na **Tribuna da Bahia**. Em Letras & Livros do **Correio do Povo**, de 27 de agosto, Paulo de Gouvêa assinou uma crônica de página inteira **Em segunda edição**, como um artigo de louvor e de apelo ao mundo católico brasileiro para que todos lessem e meditassem sobre as grandes verdades e a dura denúncia contida naquelas páginas do sacerdote franciscano elevado à dignidade episcopal. Dr. Osmar Utinguassu, em **Incidente episcopal** na **Zero Hora**, lamentou o incidente, mas considerou Dom Boaventura *teólogo da melhor cepa e seu livro, uma obra notável onde se encontram, com admirável harmonia, a profundidade do pensamento, o equilíbrio e o senso de justiça. Todos deveriam lê-lo e meditar sobre ele.* Mons. Abílio Real Martins assinou a crônica **Tensão na Igreja** em seu Boletim **Escuta**, de 28 de agosto, a seguir transcrita, quase na íntegra, na coluna de Dom Marcos Barbosa, no **Jornal do Brasil**.

Uma página inteira é o espaço dado pelo **Correio da Bahia**, em 31 de agosto, com cinco títulos: **A opção pelos pobres e os critérios evangélicos - As recomendações de Puebla - Quem é - Esgotadas - Abandonados.**

Pessoalmente Dom Boaventura recebeu centenas de manifestações, *telegramas, telefonemas e cartas totalmente contraditórias: uns me abençoam, outros me amaldiçoam. Sou na verdade um sinal de contradição. Paciência* - escreveu no **Diário 15**, em 24 de agosto. Soube também *que a segunda edição do livro já estava totalmente esgotada. Não sei se farão uma nova edição. Alguém de Brasília me propôs fazer uma edição de 30.000 exemplares. Mas eu entreguei os direitos autorais à Arquidiocese do Rio de Janeiro.*

Todos estes fatos também descreveu à Irmã Régis, na carta de 25-8-1983: *Quando estava tudo preparado (e o Cardeal de São Paulo tinha sido previamente informado por mim) e a gente tinha sido convidada, Dom Paulo Evaristo Arns me manda um telegrama contra o lançamento, "por ser inoportuno e altamente prejudicial para a unidade e o pluralismo de ação pastoral na Arquidiocese". Mas a Editora assim mesmo fez questão de lançar o livro e eu fui lá, mas sem fazer o discurso que havia preparado, apenas para dar os autógrafos. Deu-se então o estardalhaço. Os jornais e meios de comunicação caíram em cima do pobre do Cardeal Arns. Editoriais terríveis de O Estado de São Paulo, o jornal A Tarde, o Jornal do Brasil e outros, todos contra dom Evaristo: ele era o opressor e eu o oprimido! Enfim, o tiro lhe saiu pela culatra. Não cheguei mesmo a entender a razão de tanta celeuma. No livro não menciono em nada a ação pastoral de São Paulo, muito menos a critico. No dia seguinte, fui a Brasília. Lá foi todo o contrário: o Arcebispo me recebeu no aeroporto, saudou-me e abraçou, como se fôssemos velhos amigos. Depois me levou diretamente para a Nunciatura. O Núncio também me animou. O lançamento foi presidido pelo Arcebispo. Vieram ministros, senadores, deputados e outra gente ilustre. Fiz uma conferência a uns 100 coronéis e generais. Fiz outra na Universidade de Brasília, sempre na presença do Arcebispo. Os jornais noticiaram isso com entusiasmo. O texto completo do discurso que ia fazer em São Paulo, foi pronunciado em Brasília e publicado na íntegra nos jornais de São Paulo. Jarbas Passarinho publica em Brasília um artigo com o título: **Quem tem medo de Kloppenburg?** E a segunda edição do livro se esgotou naquela mesma semana. Este foi o resultado da proibição do meu velho amigo Cardeal Arns. Se ele tivesse ido ao lançamento, como eu lhe sugeri, e tivesse dito que não concordava com tudo, mas que somos amigos e por isso aí estava, não teria acontecido nada. Agora estou recebendo telegramas, telefonemas e cartas. Uns abençoando, outros amaldiçoando. O pessoal mais furibundamente contra mim são as freiras. Mandam cada telegrama, que parece até orquestrado. Pois são telegramas muito parecidos. Acho que muitas freiras estão literalmente intoxicadas, pelo entusiasmo com que lêem as coisas de Leonardo Boff. Aliás, no próximo dia 9 de setembro vai sair um documento da Santa Sé condenando as idéias de Boff sobre o ministro da Eucaristia. Depois sairá outro, rejeitando a análise marxista e sua aplicabilidade na Teologia e Pastoral. Já li o documento. Mas recebo também apoio. O meu Cardeal daqui e o clero, ao menos os graúdos, os mosenhores e cônegos, estão do meu lado. Sobretudo, muitos leigos. Eles jubilam, literalmente... Mais adiante: Como termina isso? Recebo insistentes pedidos de Bispos para continuar nesta luta. A situação já estava tensamente carregada. E agora irrompeu simplesmente. Eu não fui a causa, mas a ocasião.*

A situação de mal-estar existente entre ele e o Cardeal Arns, explorada com intencional exagero por alguns jornais, chegou a deixar Dom Boaventura doente. O constrangimento criado entre ambos se revestia de caráter eminentemente pessoal, devido à grande amizade existente entre ambos há mais de quatro décadas. Em 7 de setembro, o bispo endereçou uma carta de duas páginas ao cardeal, pedindo reconciliação: *Pax et Bonum!* - é a saudação usual entre os franciscanos. - *Passada, agora, a tempestade que desabou sobre nós dois, sinto a necessidade de escrever-lhe. Não quero analisar e diagnosticar o acontecido. Aconteceu! Infelizmente. Como teria desejado que não tivesse acontecido! Imagino que sofreu com isso, como eu também sofri. Fiquei doente. Não posso esquecer as palavras de Jesus Cristo em MT 5,23-25. Sei*

que você tem algo contra mim. Preciso reconciliar-me com você. Para que você possa avaliar a minha atitude, quero referir-lhe brevemente o meu itinerário teológico dos últimos vinte anos.

Depois desse histórico, Dom Kloppenburg lembrou jamais ter citado em seus escritos o nome do cardeal e sua ação pastoral. Escreveu o livro **Igreja Popular** simplesmente como um estudo sobre um movimento teológico-pastoral que, na América Latina, se apresenta a si mesmo como Igreja Popular. A expressão não foi inventada por mim. O Papa também a menciona e critica. E do próprio Vaticano veio a sugestão de fazer uma edição aqui no Brasil. Pois julgava-me bem católico-romano. A edição era ostensivamente patrocinada pelo cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro. Nada se fez sorratamente. E foi neste contexto que, de repente e pouco antes do lançamento já programado, fui surpreendido por seu telegrama (nem sei se recebeu minha carta de resposta ao telegrama, escrita à meia noite), achando que me opunha ao pluralismo. Para que conheça o meu pensamento sobre este ponto, envio-lhe, por correio separado, meu estudo sobre o “Pluralismo Eclesial”. Você lamenta que eu tenha publicado seu telegrama. Na realidade aconteceu o seguinte: quando, por telefone, consegui finalmente falar com o organizador do lançamento, eu lhe comuniquei o texto do telegrama, que na verdade era a única razão de meus apertos do momento; e ele o comunicou aos jornalistas, quando lhes disse que haveria dificuldades no planejado e preparado lançamento. E então veio a tempestade. Sofremos ambos. Pensando agora em que fazer para a necessária reconciliação, só posso lembrar o trecho da oração: “...Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. Peço, pois, que me perdoe! E que possamos reencontrar-nos como nos encontrávamos em Petrópolis, lá em cima, na redação da **REB**, tomando chimarrão e fumando cachimbo...

Seguiram-se dias de intenso trabalho pastoral, chegando a crismar 1.700 pessoas em dois dias, segundo o **Diário 15**, em 17 de setembro. Celebrou 4 missas com crismas no dia seguinte, domingo, além de lançamento de pedra fundamental da futura igreja no bairro de São Bento, em São Francisco do Conde.

O Cardeal Arns deu a resposta em carta de caráter “pessoal”, em 23-9-1983: *Sua carta de 7 de setembro vem carregada de afeto e simpatia - lembrando o quanto tinha sofrido. - De minha parte, não tenho o direito de exigir que alguém peça perdão, porque eu mais devo a Deus e aos outros do que tudo o que alguém me possa dever. Fico feliz pois sabendo que o acontecimento passou e não voltará mais. Mais adiante: “Se você acha que me ofendeu a mim, está tudo em perfeita ordem, porque também eu peço desculpas a toda a tristeza e até doença que lhe possa ter causado”.* No final concluiu: *Termino dizendo que lamento apenas o tremendo escândalo que tão inesperadamente caiu sobre nós, em São Paulo. Não atribuo culpa a ninguém, e espero que um dia possamos realmente passar horas fumando cachimbo e tomando chimarrão e, quem sabe, louvando juntos a Deus e conversando amigavelmente sobre nossos irmãos teólogos e bispos, a quem nos cumpre venerar, como o fazia nosso Pai São Francisco.*

O cardeal fez alusão aos efeitos psicossomáticos que tais transtornos traziam a Dom Boaventura, como cólicas abdominais e diarreia. O recebimento dessa carta foi exarado no **Diário 15**, feliz pela paz selada entre ambos: *Graças a Deus! E oxalá nunca mais aconteça coisa assim - concluiu em 27 de setembro.*

Efetivamente, o Cardeal Arns e Dom Kloppenburg fumaram o cachimbo da paz e reataram a velha amizade.

A revista **Visão**, de 12-9-1983, com o título **Novo líder - Cresce força de Dom Boaventura** afirmou que Kloppenburg vinha exercendo um trabalho discreto em Salvador da Bahia, dando um passo mais ousado com as declarações polêmicas contra a CNBB, desferidas durante a Assembléia Geral dos Bispos em Itaici, próximo a Campinas, São Paulo, no mês de abril. Mas sua figura realmente começou a se destacar nos noticiários do país ao anunciar o lançamento de **Igreja Popular**.

A Assembléia Legislativa da Bahia aprovou, em 24 de agosto, uma **Moção** ou voto de aplauso, pedindo o lançamento de **Igreja Popular** na capital baiana. A moção foi subscrita por parlamentares do PDS e do PMDB. A Livraria Universitária, no Calçadão da Praça da Sé, representante da Editora Agir em Salvador, promoveu o lançamento da 3ª edição de **Igreja Popular** em 19 de setembro, em sua sede, como deixou documentado em suas memórias: *O cardeal falou palavras bastante simpáticas e de apoio e animação. Depois foi embora. Falou então o escritor e professor Germano Machado. Eu também falei. Aproveitei para dizer que não aceitava ser instrumentalizado pelos setores da direita; que repudiava tanto a esquerda como a direita. Usei expressões bastante fortes contra os ladrões que têm suas contas nos bancos da Suíça. Quase me ia referir também aos militares. Mas me contive. Depois dei autógrafos.*

No dia seguinte, vários jornais deram a notícia: O **Correio da Bahia** deu a manchete **Igreja Popular teve lançamento na Bahia**, com a chamada: **Com a presença de Dom Avelar Brandão, políticos,**

autoridades e muitos religiosos, o livro do bispo auxiliar da Arquidiocese foi lançado com sucesso ontem, aqui e remete a matéria ilustrada para a p. 5, intitulada *Lançado em Salvador o livro Igreja Popular*: Dom Boaventura declarou-se “*uma pessoa “de centro”, que prefere trilhar este caminho, afastando-se dos extremismos de direita e de esquerda*”. A *Tribuna da Bahia*, p. 3: *Bispo critica os “ladrões de alto nível”*. A *Tarde*: *Bispo auxiliar lança livro em Salvador*. O *Jornal da Bahia*: “*Igreja Popular*” é lançado por D. Boaventura, com o subtítulo *Nem esquerda nem direita*. O *Estado de S. Paulo*, na p. 9, destacou a notícia com a manchete *Bispo lança seu livro e adverte contra “entusiasmo” da direita*.

Com o título *D. Vicente vê desvios e deturpações do Evangelho* está na mesma página a reprodução parcial da *Voz do Pastor*, um programa radiofônico da Arquidiocese de Porto Alegre, em que o Cardeal Vicente Scherer condenou a Igreja “popular”, como “*uma nova igreja, com ensinamentos, posições, finalidades e métodos de ação substancialmente diferentes e contrários à Igreja atuante, fiel em si mesma, na história de dois mil anos, da Igreja do heroísmo dos mártires, da virtude dos santos, da abnegação e do ímpeto evangelizador dos missionários, da silenciosa adoração dos sofredores, das definições dos concílios, das encíclicas dos Papas, do pregão ininterrupto dos ministros da palavra, da adesão amorosa e da veneração confiante dos fiéis*”. O Cardeal Scherer comentou a “*intensa repercussão*” que cercou o lançamento da 2ª edição do livro *Igreja Popular*, colocando-se *sem hesitação ao lado de Dom Boaventura, por uma questão de princípios e de coerência*. *Zero Hora*, no mesmo dia 20 de setembro, deu a notícia com o título *Dom Vicente elogia livro de D. Boaventura* e o subtítulo *Lançamento de livro*.

Na capital mineira, a Agir Editora também promoveu um ato público de lançamento de *Igreja Popular*, com sessão de autógrafos, em 5 de outubro, na Grande Galeria do Palácio das Artes. Jornais divulgaram a notícia. No 1º Caderno do *Estado de Minas*, de 2-10-1983, com o título *D. Boaventura na capital* há um comentário crítico da obra, cheia de elogios. A coluna traz a aprovação unânime, na sessão de 22 de setembro, da Assembléia Legislativa mineira de *um voto de aplauso e louvor a D. Boaventura Kloppenburg, pela publicação de seu notável livro Igreja Popular, que tem tido a mais ampla e benéfica repercussão em todo o País, por esclarecer a origem, o intuito e o perigo da ideologização da Igreja, que passaria a ser um instrumento político, perdendo a sua característica de instituição divina, acima dos partidos*.

Mais um lançamento do livro foi *com autorização do Arcebispo* - lembrou no *Diário 15*, em 5 de outubro. - *Ao chegar em Belo Horizonte fui saudar imediatamente o Sr. Arcebispo. Mas tive a impressão de que ele não estava muito satisfeito. Ficou quase mudo. “Não faço comentários”. Às 15h30 fiz uma conferência no Salão do Quartel. Eram quase só oficiais. Havia também civis. Estava Dom Sigaud. Enfim, gente que não me é simpática. Falei 1½ hora. No final, perguntas. Depois, fui ao convento dos franciscanos, no Carlos Prates. Às 20h30 era o lançamento, na Galeria das Artes. Veio muita gente. A nata intelectual de Belo Horizonte. O sr. Pedro Maciel Vidigal fez um discurso exagerado. Falei algo de improviso. Disse que a cerimônia me deixava mais triste que alegre. Triste, porque o grande interesse pelo livro mostrava a sentida realidade da Igreja “popular” também no Brasil. Depois autografei uns 200 exemplares do livro. Nem o Arcebispo, nem o Coadjutor, nem os Auxiliares estavam. Alguns padres. Mas de modo geral se percebia o desinteresse do clero. É sintomático. Mas me preocupa*.

Uma retrospectiva dos quatro lançamentos do mesmo livro revelou quatro posturas diferentes e reações características:

- O Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro patrocinou o livro e se identificou com a mensagem. Definiu-se, como os Cardeais de Brasília e Porto Alegre.
- O Cardeal Arcebispo de São Paulo proibiu o lançamento e não aceitou o conteúdo. Definiu-se.
- O Cardeal Arcebispo de Salvador autorizou o lançamento, esteve presente, mas não defendeu o conteúdo. Ficou indefinido, embora estivesse mais a favor.
- O Arcebispo de Belo Horizonte não proibiu o lançamento, mas permaneceu ostensivamente ausente. Ficou indefinido, mais do contra.

Em Juiz de Fora foi Kloppenburg recebido pelo Arcebispo *de braços abertos*. *Contra alguns padres que pediram que eu não viesse, ele argumentou: se aqui vieram e falaram o Frei Leonardo, o Frei Betto e outros, por que não pode falar o Frei Boaventura?* - inquiriu-se no *Diário 15*, em 6 de outubro. Falou uma hora e meia aos seminaristas e, à noite, fez uma conferência na Câmara de Vereadores, com sessão de autógrafos.

Alguns dias depois, o *Jornal da Manhã*, de Campo Grande, MS, de 15 de outubro, sob o título *Arcebispo pede o fim da “Teologia da Libertação”*, Dom Paulo Agnelli Bicudo, Arcebispo Metropolitano da Igreja Ortodoxa Católica Apostólica Ocidental afirmou que *Igreja Popular encerra a expressão da*

verdade, a bem da manutenção da Fraternidade Cristã, apregoada dentro dos princípios da fé, esperança e caridade. Certamente muitos outros jornais, em várias datas, publicaram notícias e opiniões sobre o assunto, impossível mencionar aqui.

É preciso dizer que as próprias livrarias da Editora Vozes e das Paulinas, em 1983, boicotaram a divulgação e venda do livro, consolidando-se, cada vez mais, a fama de ser Dom Boaventura um “conservador”.

Após o período do lançamento de **Igreja Popular**, parecia haver uma certa trégua e calma. Bispos, padres, comunidades religiosas e lideranças leigas acabaram lendo e mesmo assimilando o livro. Muitas pessoas perceberam, em tempo, que era urgente um enfoque mais cristão e menos marxista na análise da sociedade, uma dimensão mais pastoral e menos política da evangelização, mais Palavra de Deus e menos sociologia nas pregações, retiros e conferências. Os extremos atraem outros extremos. É mister encontrar o ponto de equilíbrio.

Em Salvador Frei Boaventura integrou-se nas Missões e no Congresso Eucarístico Regional. *Solene. Imponente. Muita fé. Muito entusiasmo. Deo gratias!* - exclamou no **Diário 15**, em 16 de outubro, no encerramento. - *Foi uma grande festa de fé e de alegria. Foi além de tudo quanto se esperava. Cinco noites seguidas enchemos o Estádio Fonte Nova (com capacidade para cem mil pessoas). Numa daquelas noites também eu falei à multidão em festa, sobre a Família e Eucaristia* - escreveu à irmã Régis, no dia 22.

No aniversário de 48 anos de sacerdócio e 37 de ordenação episcopal, o Cardeal Avelar Brandão foi hospitalizado e submetido a uma cirurgia, no dia 27. Dom Boaventura o substituiu em vários atos. Presidiu a posse do bispo de Irecê, em 23 de outubro; inaugurou a nova igreja de Santa Maria Mãe de Deus no bairro Dois Irmãos, na paróquia de São Gonçalo do Retiro, em 1-1-1984.

VIGÁRIO GERAL DA ARQUIDIOCESE DE SALVADOR

O Cardeal Brandão Vilela deu posse a Dom Boaventura como novo Vigário Geral da Arquidiocese de Salvador, em 10-2-1984, *com a finalidade principal de organizar a Cúria Arquidiocesana de acordo com o novo Direito Canônico* - ponderou no **Diário 15**. Assim, segundo carta de 17 de abril à Irmã Régis, *coube-lhe estar todos os dias na Cúria para despachar papéis e processos. Todos os processos matrimoniais mais complicados ou duvidosos de todas as paróquias da enorme Arquidiocese devem passar por minhas mãos, para despachá-los, aprovando ou desaprovando. Além disso: a Cúria tem muitas dependências e “pastorais”: pastoral da saúde, pastoral da terra, etc. etc. e eu tenho que estar atento a tudo. Há uns dez anos a Cúria praticamente acumulou sem nenhuma ordem toda a papelada (documentos, ofícios, nomeações, etc. e eu trato de pôr ordem naquilo. Temos um arquivo histórico de muito valor (Salvador é a mais antiga Diocese do Brasil), mas mal conservado e protegido. Depende de mim arrumá-lo.*

Ainda assim, atendia outros compromissos fora de Salvador, como em Alagoinhas (BA), onde ministrou um curso sobre Direito Canônico a padres e agentes pastorais. Na Páscoa dos Militares da Academia Militar das Agulhas Negras integrou-se aos capelães militares para pregações, confissões e comunhões pascais, participando 12.000 pessoas na missa pontifical de Corpus Christi, em 21 de junho. No dia seguinte, na sede da IBEC - Iberobrasileña de Estudios y Cooperación, - no Centro Empresarial Rio, Praia do Botafogo, lançou o seu livro **Pluralismo Eclesial**. Mais tarde, retornou ao Rio para participar de uma reunião do CELAM sobre a Igreja Popular, no Sumaré, com a presença de notáveis teólogos e especialistas em pastoral. Dom Kloppenburg apresentou um *trabalho sobre a ideologização do “povo” na teologia da libertação* - como está no **Diário 15**, em 24 de setembro.

Para assegurar-se de estar com os pés no chão, em seu campo de trabalho pastoral, sempre procurou dados estatísticos na base da pesquisa de campo. Apresentando uma visão da realidade aos participantes na reunião do clero em Itaici informou que entre os 2.371.000 habitantes da Arquidiocese de Salvador há 315.000 não-católicos. À Irmã Régis, na carta de 8-7-1984, indicou haver em Salvador 290.000 pessoas não católicas, sem contar os adeptos e freqüentadores dos 2.000 terreiros de candomblé (que se dizem todos “católicos”). *É muita gente para 1.850.000 habitantes. 15% já não é católico. Mas é uma minoria ativa e conscientizada contra a Igreja. E vão crescer muito mais.*

Tendo regressado de duas viagens à Alemanha e uma à Colômbia, terminou 1984 em Salvador, *recebendo bonitos presentes de Natal* - segundo suas memórias, em 22 de dezembro: Luís Antônio Miranda, teólogo ex-palotino, incardinou-se na Arquidiocese, porque não suportava mais o ambiente liberacionista e secularizante de sua comunidade, sentindo-se muito identificado com as lutas de Dom Boaventura. O segundo, na “missa do galo” conferiu a ordem do diaconato ao seu secretário e motorista, Irmão Ângelo Magno Carmo Lopes, ordenado sacerdote em 8 de dezembro do ano seguinte. O terceiro

presente natalino foi o fato do advogado Jorge Dantas, sócio-gerente da “Nolar” (administração de imóveis), *abandonar tudo e ser padre* - como consta no **Diário 15**. - *Por sentir muita afinidade com meu pensamento (que é simplesmente da Igreja) e meu modo de agir, colocou-se hoje inteiramente à minha disposição.* Por fim, no dia 28 de dezembro, abençoou o casamento de José Anchieta de Alcântara Mello. *Era um padre. Mas desde 1964 estava em situação irregular. Parece um homem bom que conservou a fé. Consegui de Roma as necessárias dispensas.*

Durante suas curtas férias com seus familiares em Rolante, a revista **Veja**, de 9-1-1985, nas páginas amarelas 3 a 6, publicou uma entrevista com 20 perguntas, sob o título provocador **O marxismo na Igreja**, sem que fosse esse o assunto principal da matéria, melhor realçado pelo subtítulo **O bispo que mais tem atacado a Teologia da Libertação no país crítica os métodos de seus teóricos e diz que muitos deles já não são cristãos**. O repórter J. A. Dias Lopes combinou com o entrevistado mostrar-lhe o texto antes de publicá-lo, o que não foi feito. *Teria eliminado ou corrigido algumas afirmações que me são atribuídas. Mas no essencial o texto é bastante fiel. Mas é muito incisivo e eu sou apresentado como “um polemista bom de briga”.* Lido em todo o Brasil (a edição é de 539.900 exemplares), vai ser motivo de muitos comentários - previu no **Diário 15**, em 9 de janeiro. De fato, de regresso a Salvador no dia 21, encontrou muitas cartas, manifestando-se, ou a favor da entrevista, na maioria leigos, ou contra, na maioria padres e religiosos.

Após dez dias de participação de eventos sobre problemas afro-brasileiras, em São Luís do Maranhão e de três dias no VII Encontro Nacional de Casais com Cristo, em Ribeirão Preto, em 22-7-1985, assumiu por *uma semana como chefe desta Arquidiocese: o Cardeal está em Aparecida, participando do Congresso Eucarístico Nacional* - como consta no **Diário 15**.

Entretanto, o Cardeal Brandão Vilela liberava seu Bispo Auxiliar para múltiplas atividades necessárias à Igreja, como em Valência, na Venezuela, duas viagens para Roma e uma para a Alemanha. No Sumaré, Rio de Janeiro, participou de um encontro convocado pela revista **Communio: Discutimos sobre o que fazer com a revista, como melhorá-la, como difundi-la mais, etc.** *Achei tempo perdido* - lamentou em suas memórias, em 13 de novembro.

Hospedando-se na residência episcopal de Dom José Falcão, Arcebispo de Brasília, Kloppenburg voltou a ministrar aulas para os coronéis na Escola Nacional de Informações, sobre a marxização da Teologia.

Terminou o ano de 1985 com *uma santa missa na igreja da Boa Viagem, para abrir a procissão marítima do Senhor Bom Jesus dos Navegantes* - registrou nas suas memórias. - *Nossa vida é uma viagem pelo mar... Que seja boa, conduzida pelo Senhor dos Navegantes.* No ano-bom, presidiu *a imponente procissão marítima de Bom Jesus dos Navegantes, da Igreja N. S. da Conceição da Praia à Igreja da Boa Viagem. Durou umas três horas.*

A “Catequese Renovada” foi o tema principal na Assembléia Arquidiocesana, no Centro de Treinamento de Itapoã, de 3 a 5-1-1986. Com a presença do Cardeal Vilela e Dom Boaventura compareceram em torno de 80 pessoas convidadas.

Sentindo a necessidade de orientar melhor os fiéis, Cardeal Vilela solicitou a seu bispo auxiliar um programa na Rádio Excelsior, de meia hora, à noite, sobre “Espiritualismo e Espiritismo. *Ele quer que eu faça exposições “claras, metódicas, acessíveis, científicas e bíblicas”* - transcreveu no **Diário 15**, em 19 de fevereiro. - *Receio que vai acabar em polêmica braba. Mas estou mais que preparado.* O programa entrou no ar em 3 de março, de segundas às sextas-feiras, sempre à noite. Repercutiu intensamente nos meios católicos, pelos seus aspectos de esclarecimento e conscientização cristã. Ao mesmo tempo, teve profunda repercussão nos meios espíritas, pelos aspectos apologéticos, apontando erros e contradições.

Seu conhecimento amplo sobre a formação das etnias fez com que Kloppenburg fosse convidado para ser membro do “Centro de Estudos Etnográficos da Bahia”. Aceito o convite, a cerimônia da posse se deu em 19 de março, na Sala Ruy Barbosa, do Instituto Histórico da Bahia, em Salvador.

Em suas funções de Vigário Geral da Arquidiocese, várias vezes representava o cardeal e seus bispos auxiliares, especialmente, quando atuantes fora de Salvador. Segundo suas memórias, no domingo de 16 de julho, o cardeal se encontrava em Brasília, Dom Tomás nos USA e Dom Salvador em Belo Horizonte. *E assim represento os três, para cá e para lá. Ontem estive em São Félix, para receber as homenagens ao Cardeal, ainda por suas bodas (jubileu) de ouro. Nunca me senti tão Cardeal como nestes dias...*

Ao pregar exercícios espirituais a outros, aproveitava freqüentemente a oportunidade para convívios com os retirantes, como ocorreu em 7 de julho, no retiro espiritual pregado aos monges cistercienses de Jequetibá, município de Mundo Novo, a 660 m de altitude, no sertão baiano, com mata virgem, a 300 km de

Salvador. *Mas também quero fazer o retiro eu mesmo* - enfatizou no **Diário 15**, participando ainda alguns padres das dioceses de Irecê e Rui Barbosa.

BISPO DIOCESANO DE NOVO HAMBURGO

Encontrava-se Dom Kloppenburg todo empolgado em seu trabalho pastoral, quando o Cardeal Brandão Vilela lhe telefonou perguntando se havia recebido alguma comunicação da Nunciatura acerca de uma possível transferência para ser bispo titular de uma diocese. Diante da resposta negativa, pedindo “*reserva absoluta*”, Dom Avelar lhe *acabou revelando que iria para Diocese de Novo Hamburgo* - confidenciou no **Diário 15**, em 19-7-1986. - *Eu disse que já estava para fazer 67 anos e que já não valeria a pena pensar numa transferência*. Recordando vários outros boatos de “transferências” nesses quase quatro anos, concluiu suas memórias: *Vou esperar tranqüilamente. Alguma coisa deve estar no ar... Pessoalmente, se me fosse dado escolher qualquer Diocese do Brasil, não teria dúvidas em optar pela de Novo Hamburgo. Seria boa solução para a fase final de minha vida. Devo esperar e rezar.*

A primeira menção de sua transferência para o Sul em seu **Diário 15** foi em 13-4-1983, na Assembléia da CNBB, em Itaiçi. *O Secretário da Nunciatura, Mons. Roland Minnerath, tomou a iniciativa de perguntar-me se gostaria de sair do Nordeste e ir mais para o Sul. Respondi que sim. Depois perguntou se gostaria uma circunscrição pequena ou grande. Respondi que preferiria uma Diocese de colonização alemã.*

Em carta de 15-4-1983 à Irmã Régis escreveu que o Núncio Apostólico *também me perguntou se aceitava sair de Salvador, para ir mais ao Sul. Eu disse que sim e que fosse bem no Sul, no Rio Grande do Sul. Estou na lista para a primeira vaga...*

No mês seguinte, o mesmo secretário da Nunciatura comunicou oralmente *que o Arcebispo de Porto Alegre e o Núncio Apostólico estão de acordo que eu vá para a Diocese de Santa Cruz do Sul; falta convencer ao Bispo de Santa Cruz, Dom Alberto Etges, que nasceu em 11 de julho de 1910 (lhe faltam dois anos para completar 75 anos), que peça um bispo coadjutor com direito à sucessão; este coadjutor seria então eu. A Nunciatura pensa que Santa Cruz seria a melhor Diocese do Brasil para mim. Acho também...* - confidenciou no **Diário 15**, em 30 de maio.

Mons. Roland Minnerath mandou-lhe, no dia seguinte, carta para informá-lo de que estava sendo transferido para a Nunciatura da Alemanha, confirmando o que no dia anterior lhe havia dito: “*Penso também poder iniciar a tramitação do assunto de que falei por telefone*”, isto é: *a minha ida a Santa Cruz do Sul. Numa carta de 31 de maio me escreveu Dom Sinésio Bohn, Bispo de Novo Hamburgo: “Tenho a convicção de que seu lugar é no Sul, entre nós. Mas disto, com discreta ajuda dos amigos, a Providência deverá cuidar”. Há, pois, alguma coisa no ar. Já em Medellín, no ano passado, me dizia Mons. Oto Erbes, que agora é outra vez o Vigário Geral de Novo Hamburgo, que o Bispo de Santa Cruz do Sul estava pensando em pedir Dom Sinésio para ser seu coadjutor e sucessor. Ficaria então livre a Diocese de Novo Hamburgo e eu poderia ir para lá. Era o desejo de Mons. Oto Erbes. Eu naturalmente conheço melhor Novo Hamburgo. Dominus providebit!* - exultou no dia 8, no **Diário 15**.

Em carta de 30 de junho à Irmã Régis retornou ao assunto de sua transferência para o Sul: *Evidentemente não estou informado sobre o que se trama a meu respeito. Mas parece que já não ficarei mais por muito tempo aqui na Bahia. Segundo alguns, eu iria ao Rio Grande do Sul (o que Deus conceda!). Segundo outros, eu iria a Roma (o que Deus não conceda).*

Durante o Congresso Eucarístico Regional em Salvador, em 15 de outubro, Dom Cláudio Colling, Arcebispo de Porto Alegre, perguntou a Dom Boaventura quando iria vir transferido ao Sul *e revelou que estavam pensando em levar-me para Santa Cruz. Tudo ficou nisso. O Cardeal Scherer também fala disso* - contou nas suas memórias. - *Ambos falaram comigo sobre a esperança de minha transferência ao Rio Grande do Sul* - segundo a carta de 22 de outubro à Irmã Régis.

Completando Dom Hélder Câmara 75 anos de idade, em 7-2-1984, voltou a imprensa a publicar nomes para a sucessão, como o **Correio da Bahia**, de 21-2-1984, com a manchete na primeira página: **D. Boaventura cotado para substituir cardeal de Olinda** e na p. 4: **Sucessão de D. Hélder já tem lista tríplice**. No dia seguinte, a **Tribuna da Bahia**, em **Bispo não substituirá D. Hélder** noticiou que o bispo-auxiliar José Boaventura Kloppenburg, *surpreendeu-se ontem com a notícia* e revelou que não havia recebido qualquer comunicação e “*caso seja eu o indicado, não aceitarei*”, argumentando que para Pernambuco deve ser apontado um nordestino. O **Jornal do Brasil**, de 23-2-1984, com o título **Bispo recusa vaga de Dom Hélder em Olinda** e de 27-2-1984, com o título **Assim na terra como no céu**, confirmou a matéria já divulgada, além de divergir “*radicalmente da pastoral da igreja de Olinda e Recife*”. Finalmente, com a

nomeação de Dom Antônio Cardoso Sobrinho, Bispo de Paracatu, MG, em 11-4-1985, para seu sucessor, acabaram-se tais especulações.

A localização de Rolante na Diocese de Novo Hamburgo favorecia a aproximação e amizade entre Dom Sinésio Bohn e Dom Boaventura. Participou até de atividades pastorais, como o encontro sobre a Maçonaria, nos dias 14 e 15-6-1985. Segundo o **Diário 15**, a medida pastoral, redigida por Kloppenburg, decidiu *que em certos casos concretos e por motivos pastorais justos ou por causa de grave incômodo, alguém poderia, segundo o parecer prudente do Ordinário, continuar em boa fé na Maçonaria, inclusive com possibilidade de comungar*. Por esvaziar totalmente a Declaração da Santa Sé, o texto aprovado pela maioria não foi do agrado de Dom Boaventura.

Participando de um simpósio internacional em Bonn, encontrou-se com o Cardeal Agnello Rossi. *Falamos demoradamente. Disse-me que aceitara o convite para vir a Bonn, quando viu o meu nome, porque queria encontrar-se comigo - revelou no Diário 15, em 26-10-1985. - Fomos velhos amigos desde os anos 50, no “Secretariado para a Defesa da Fé”. Ele me revelou que em Roma estão pensando que eu poderia ser coadjutor, com direito à sucessão, de Porto Alegre. Objetei que já sou muito velho e devo pensar em apresentar a renúncia...*

A última notícia de sua transferência para a diocese de Novo Hamburgo, confidenciada sub secreto pelo próprio Cardeal Brandão Vilela, parecia ser verdadeira. Ficou tão impressionado que passou *a noite pensando em Novo Hamburgo, sonhando com Novo Hamburgo - extasiava no Diário 15, em 20-7-1986. - Estou inquieto e incapaz de fazer qualquer coisa séria. Estava fazendo um estudo sobre a teologia da libertação dos judeus no tempo de Jesus. Mas sinto-me agora tão confuso que não consigo arrumar mais minhas idéias.*



João Paulo II, com Cardeal Ratzinger, fez questão pessoal de nomear Frei Boaventura bispo de Novo Hamburgo, em outubro de 1985.

De fato, a partir de então, procurou no mapa o território da Diocese de Novo Hamburgo, com apenas 3.691 km² e 576.000 habitantes, com 35 paróquias em 16 municípios, atendidas por 45 padres diocesanos, sem contar com muitos religiosos, com destaque os jesuítas e sua enorme Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Conjeturando sobre tudo isso, procurou ver seu novo campo de ação sob outro prisma: *Vejo em tudo isso uma admirável disposição da Divina Providência. Acostumado, durante trinta anos, a uma vida de ensino e estudo, homem de gabinete, teria sido muito violenta a transição imediata deste estilo de vida à atividade episcopal numa diocese. Daí a oportunidade que me foi concedida de passar durante quatro anos como bispo auxiliar de um prelado prudente, experimentado e caridoso como o Cardeal Avelar Brandão Vilela. Ele me aceitou com caridade e me tolerou com bondade, sem exigir de mim muita atividade pastoral, dando-me, porém, oportunidades. E foi assim que, pouco a pouco, sem violência, pude passar de uma vida de estudos a uma atividade pastoral pouco intensa. Estes quatro anos de Salvador me serviram também para reintroduzir-me na realidade brasileira, da qual estive ausente durante dez anos (um em Roma e nove em Medellín). Se me tivessem jogado em 1982, de Medellín para uma diocese do Brasil, do estudo à ação pastoral, teria sido difícil e talvez desastroso. Mas tudo isso, providencialmente, não aconteceu. A amorosa providência divina contornou tudo isso. Sou, na verdade, um filho mimado de Deus. E agora me oferece uma Diocese pequenina em extensão, sem maiores problemas sociais, com boa gente de descendência*

alemã (estou em casa), bastantes padres, prováveis vocações, excelente Universidade católica (a Unisinos dos Jesuítas). Meu Deus! Será possível? Será real? Ajudai-me então com vossos dons, agora pastorais. Preciso ser Pastor.

Enquanto estava com seus pensamentos e emoções voltadas para a sua nova diocese, aconteciam realmente as tratativas oficiais. Pela Carta n. 8502, de 23-7-1986, o Núncio Apostólico Dom Carlo Furno comunicou-lhe *que o Santo Padre João Paulo II Se dignou nomear Vossa Excelência Bispo da Diocese de Novo Hamburgo, vaga pela transferência de Dom Aloísio Sinésio Bohn para Santa Cruz do Sul. Venho pela presente, pedir o seu assentimento por escrito, a fim de que possa comunicá-lo à Santa Sé.* Dois dias depois, a carta foi postada no Correio, chegando às mãos do destinatário no dia 29, conforme anotou no **Diário 15**: *Assim está agora tudo confirmado. E eu não sei se vou chorar ou rir. Mas vou mandar uma carta dando o meu assentimento.*

No dia seguinte, escreveu à Nunciatura: *“Aceito a nomeação feita e assinto em ser Bispo da Diocese de Novo Hamburgo, com a Graça de Deus.*

Ainda no dia 30, Dom Boaventura escreveu uma carta ao papa: *“Quero manifestar-Vos minha anuência à nomeação feita e minha disponibilidade para assumir o serviço eclesial que me foi acreditado. Confiado na graça de Deus, espero poder cumprir a missão ‘licet sub umbris, fideliter tamen’ (Lumen Gentium n. 8). Fidelidade, é certo, às situações e exigências particulares da Diocese de Novo Hamburgo, mas, sobretudo, nas atuais conjunturas, às normas e orientação de Vossa Santidade. Bem sei que na Diocese que irei governar subsistirá a Igreja de Jesus Cristo, com seus tesouros de santificação e verdade, exatamente na medida em que ela continuar a ser expressão e atualização da Igreja universal. Neste instante imagino-me prostrado aos pés de Vossa Santidade para fazer-Vos uma promessa especial, como eco da Vossa recente Mensagem aos Bispos do Brasil: Prometo que tudo farei para que a dimensão soteriológica da libertação cristã prevaleça de fato e sempre sobre suas conseqüências ético-sociais ou ético-políticas; e que anunciarei a todos, sem discriminação e sem ambigüidades, o mistério da libertação que se encerra na Cruz e na Ressurreição de Cristo. Aceito Vosso convite de educar para a libertação, educando para a liberdade cristã. Agradeço cordialmente a nomeação e a confiança que ela implica. Como penhor dos carismas divinos necessários para o fiel cumprimento da missão recebida e da promessa feita, suplico a Vossa bênção apostólica. E tenha a certeza de que diariamente rezarei e farei orar por Vossa pessoa e solicitude pela Igreja universal.*

Ao escrever esta carta ao papa, ainda não sabia que sua nomeação para bispo de Novo Hamburgo era um desejo pessoal de João Paulo II. Quando do jubileu de prata da Amizade Brasil-Alemanha, em Bonn, em 26-10-1986, o Cardeal Rossi aventou a possível transferência de Dom Boaventura para a Arquidiocese de Porto Alegre, tendo manifestado sua preferência por Novo Hamburgo. Esse desejo pode ter o Cardeal Rossi transmitido ao papa informalmente, concretizando-se depois. Soube disso meses depois, quando estive numa reunião de bispos em Viamão e Dom Cláudio Colling comentou ter tomado conhecimento, num encontro em Roma, de que *o papa fazia questão que eu fosse para o Rio Grande do Sul* - documentou em suas memórias, em 19 de novembro. Também o Cardeal Vicente Scherer confirmou ter sido a nomeação para bispo de Novo Hamburgo uma decisão pessoal do papa, segundo suas memórias, em 11-8-1987. Da mesma forma já se havia manifestado antes o Cardeal Araújo Sales, no encontro ocasional no Rio de Janeiro, 20 dias após a posse.

A fim de tomar parte de um encontro ecumênico em Salvador, como responsável deste setor na CNBB, recebeu a inesperada e coincidente visita de Dom Sinésio Bohn. *Ele não sabia nada de minha nomeação* - assinala no **Diário 15**, em 31 de julho. - *Dom Sinésio me contou que foi ele quem mais se empenhou para que eu fosse a Novo Hamburgo, caso ele fosse transferido para Santa Cruz. Revelou que Dom Cláudio Colling, Arcebispo de Porto Alegre, queria colocar seu sobrinho, o P. Oscar Colling, como bispo de Novo Hamburgo.* Contou também que circulavam boatos na diocese de que viriam sucedê-lo Pe. Tadeu Grings, atualmente bispo numa cidade paulista, ou Dom Boaventura. *Dom Sinésio manifestou pressa em minha posse e sugeriu o começo de setembro* - anotou em suas memórias.

Em correspondência à sua Irmã Régis, em 10-8-1986, relatou todos esses acontecimentos: *Já me conformara com a idéia de ficar por aqui, embora não me sentisse muito bem neste ambiente baiano, nordestino e chorão. E assim, já inesperadamente, veio a carta da Nunciatura Apostólica para me comunicar a nomeação já feita, pedindo apenas que desse meu assentimento por escrito. Não pensei muito e assenti, escrevendo uma carta ao núncio e ao papa. Na carta ao papa fiz uma promessa, assim, textualmente: “prometo que tudo farei para que a dimensão soteriológica da libertação cristã prevaleça de fato e sempre sobre suas conseqüências ético-sociais ou ético-políticas, e que anunciarei a todos, sem*

discriminação e sem ambigüidades, o mistério da libertação que se encerra na Cruz e na Ressurreição de Cristo. Aceito Vosso convite de educar para a libertação educando para a liberdade cristã”.

Como que fiscalizando seu interior, pensamentos e sentimentos, prossegue na mesma carta: *“Não sei se choro ou rio. Embora haja interesses humanos atrás de tudo isso, estou também certo de estar diante da expressão da vontade de Deus. Deus evidentemente sempre atua sobre nós mediante seres criados, os homens e seus interesses são inevitáveis. Tendo, pois, como certo que é a vontade de Deus que eu seja bispo de Novo Hamburgo, não posso deixar de ver e reconhecer que Deus foi muito bom para comigo. Se entre todas as dioceses do Brasil me fosse dado escolher livremente uma, optaria pela diocese de Novo Hamburgo: ela é territorialmente pequena (não chega a 4.000 km), mas tem mais de meio milhão de habitantes; não tem os problemas nem da cidade grande, nem das imensas (territorialmente) regiões rurais; tem bastante padres e vocações; é região predominantemente de colonização alemã, da qual também sou filho, tem Rolante, tem uma grande Universidade Católica (Unisinos) bastante bem orientada, não tem muito clero radicalizado; tem muitas religiosas; não tem graves problemas. Que mais poderia desejar?*

E os quatro anos que passei aqui como bispo auxiliar foram uma excelente maneira para eu me preparar pouco a pouco. Assim passei por duas transições suaves: primeiro, a transição de uma vida de estudo e ensino a uma vida de ação pastoral; segundo, a transição de fora do Brasil (dez anos) para o Brasil. Imagina se fosse transferido diretamente da Colômbia e daquela vida de estudo para uma diocese brasileira. Passei mais de trinta anos estudando, ensinando, escrevendo. Isso criou um hábito em mim, que não é fácil superar ou deixar. Os quatro anos aqui, sem que se exigisse muito trabalho pastoral, deixaram-me bastante tempo para continuar estudando e escrevendo, mas ao mesmo tempo me obrigavam a sair, visitar uma ou outra paróquia, assistir a uma quantidade de reuniões desinteressantes, participar no governo de uma grande Arquidiocese, ao lado de um Arcebispo experimentado (já tem 40 anos de bispo), prudente e bondoso. Como Vigário Geral da Cúria, tive que entrar mais nos meandros da administração pastoral e estudar a fundo o novo Direito Canônico. Houve assim uma transição não violenta da teoria para a prática. Foi uma verdadeira escola de Bispo, com excelente mestre. Nestes quatro anos também reentrei no Brasil, podendo sentir de perto suas pulsações e ver com clareza como estão as coisas e as tendências. E assim fui preparado para a última fase de minha vida. Não é bonito? Eu sou um filho mimado de Deus.

No 4º aniversário de sua ordenação episcopal redigiu sua primeira **Mensagem** aos fiéis da Diocese de Novo Hamburgo, que Dom Sinésio vai levar e publicar no dia em que a nomeação se tornar oficialmente conhecida, em 13 de agosto, data estabelecida, cinco dias após a nomeação oficial feita pelo papa.

Efetivamente, às 7 h da manhã saiu a notícia. *Alea iacta est. Não há mais dúvidas* - asseverou no **Diário 15**, no mesmo dia 13. - *Celebrei a santa Missa votiva “pela Igreja local” com os seminaristas, pedindo que se unam comigo na oração para que haja um feliz entrosamento meu com o clero de lá. Esta é a minha máxima preocupação.*

A notícia de nomeação de Dom Boaventura veio num bloco com a de Dom Sinésio Bohn, para a diocese de Santa Cruz do Sul, e de Dom José Mário Stroehner, para a diocese de Rio Grande. Suas repercussões foram amplas e rápidas. Já pelas 8 horas veio o primeiro telefonema: Mons. Oto Erbes, vigário geral da diocese de Novo Hamburgo, congratulou-se com a nomeação e sugerindo a posse imediata, para 7 de setembro, à noite. Seguiram-se muitos telefonemas, mesmo do exterior, como a da Bundestag (“Câmara Federal”), Bonn. O telegrama de D. Cláudio Colling só teve a palavra “Cumprimentos”. O Cardeal Vicente Scherer, com a notícia, longamente esperada, manifestou a esperança de que sua vinda para Novo Hamburgo tenha influência benéfica nesta Arquidiocese. Ainda na noite do dia 14, pelo telefone, Pe. Vítor Hugo comunicou de Novo Hamburgo que houve lá reunião do clero muito satisfeita com a nomeação - como consta no **Diário 15**.

A imprensa abriu grandes espaços. **O Estado de S. Paulo**, de 14-8-1986, com o título **João Paulo troca bispos do Sul**, além da notícia de Dom Boaventura, entrevistou o Cardeal Brandão Vilela e vários bispos. “D. Sinésio Bohn salientou não acreditar que essas transferências tenham ocorrido por razões ideológicas. Depois diz: “... somos amigos, e em relação à doutrina e à missão da Igreja concordamos em tudo”. Dom Ivo Lorscheiter disse que as transferências de bispos são um processo normal e que d. José Mário e d. Boaventura “não iriam ficar toda a vida nos postos de bispos auxiliares”. Quanto ao problema “ideológico”, d. Ivo frisou: “Todos nós somos conservadores numas coisas e progressistas noutras”.

No mesmo dia 14, **Zero Hora** noticiou que 49 padres da Diocese de Novo Hamburgo não concordavam com a forma como estava sendo feita a nomeação pela Santa Sé, reclamando não ter sido consultado sobre o assunto e denunciando a ausência da prática de corresponsabilidade e participação,

embora garantissem *que a atitude não implica não aceitação do sucessor de Dom Sinésio, designado pelo Papa* - segundo transcrição no **Diário 15**, em 18 de agosto. Pelo contrário, a primeira mensagem de saudação de Dom Boaventura aos diocesanos, distribuída no combinado dia 13, mudou o ambiente. Todos *gostaram da minha carta de saudação* - está no **Diário 15**, em 16 de agosto, baseado na informação telefônica dada por Mons. Erbes.

Na mesma edição do dia 14, **ZH** divulgou as três nomeações e as renúncias de Dom Alberto Etges, de Santa Cruz do Sul, e de Dom Frederico Didonet, de Rio Grande. Publicou ainda a entrevista de Dom Sinésio. Salientou que a diocese de Novo Hamburgo é pequena e a de Santa Cruz três vezes maior, devendo Dom Boaventura se deslocar várias vezes a Roma, como membro da Comissão Teológica Internacional: *Vocês irão se surpreender com a atuação de dom Boaventura. Até hoje ele ainda não teve a oportunidade de mostrar toda a sua capacidade, acreditando que saberá respeitar as diversas tendências teológicas dos religiosos que atuam na Igreja.* Dom Cláudio criticou a mencionada manifestação dos padres, pois as decisões da Santa Sé simplesmente devem ser cumpridas e *“as ordens do Papa não se discutem”*.

No dia 15, Dom Boaventura publicou no **Jornal do Brasil** matéria assinada por ele, em sua coluna, sobre a sua nomeação e a missão do bispo.

Jornais do exterior também publicaram a notícia. **Rheinnischer Merkur / Christ und Welt** nº 35, de 22-8-1986, na coluna **Aus der katholischen Kirche**, depois de informar sua nomeação, acrescentou ter o fato um *Signal aus Rom*, um sinal de Roma, um gesto pessoal do papa acerca das controvérsias relacionadas à teologia da libertação, um reconhecimento a Dom Boaventura pela sua dedicação à Igreja, significativo também para a população católica de etnia germânica.

Nos últimos dias em Salvador, Dom Boaventura participou ainda de reuniões do clero, alvo de várias homenagens. Fez várias visitas de despedida a comunidades religiosas e igrejas.

Nas mãos do Cardeal Brandão Vilela foi feito o Juramento de Fidelidade, cujo texto foi assinado e remetido a Santa Sé. *É um texto bastante severo, em latim* - observou no **Diário 15**, em 25 de agosto. *Pedem de mim jurar:*

- *de permanecer sempre fiel e obediente ao Sucessor de Pedro, de honrá-lo e defendê-lo contra qualquer forma de injúria;*

- *de promover e defender os direitos e a autoridade dos Romanos Pontífices e as prerrogativas de seus Legados ou Procuradores; e se acontecer algo contra eles, de comunicá-lo com sinceridade ao Sumo Pontífice;*

- *de cumprir a missão apostólica de ensinar, santificar e governar em comunhão hierárquica com o Vigário de Cristo e os membros do Colégio episcopal, segundo os cânones estabelecidos;*

- *de esforçar-me em conservar puro e íntegro o depósito da fé e de abrir-me com ânimo paterno aos que erram, para que voltem à plenitude da verdade católica;*

- *de ir ao Concílio ou a outras ações colegiais episcopais, quando chamado;*

- *de administrar com cuidado os bens temporais da Igreja;*

- *de aceitar as determinações do Concílio Vaticano II e outros Decretos que se referirem à instituição das Conferências Episcopais, Conselhos Presbiteriais ou Pastorais e promover o uso ordenado de suas tarefas; e*

- *de fazer as prescritas visitas quinquenais.*

Não sinto, na verdade, nenhum problema em assumir com plena consciência e liberdade esta série de juramentos.

Sua última missa com crismas foi em 30 de agosto na igreja da Vitória, onde havia tomado posse. Na festinha de despedida, recebeu uma caneta esferográfica de lembrança e no dia seguinte, conferiu os ministérios de Acólito e Leitor a um seminarista.

A separação mais difícil foi do Cardeal Brandão Vilela. Como a emoção da despedida não o permitisse dizer tudo o que desejava, fê-lo na carta de 20 de agosto, um retrato da alma e de sentimentos de Dom Boaventura, aqui transcrita:

Estimado e querido Senhor Cardeal:

Pax et Bonum! Escalado pelo Papa João Paulo II para a diocese de Novo Hamburgo, termina-se agora aqui minha função de bispo auxiliar. Minha posse será no próximo dia 7 de setembro. Mas antes quero consignar por escrito o que seria incapaz de externar de viva voz; e se o tentasse, não o faria sem comção e lágrimas.

Agradeço de coração todas as atenções muito especiais de bondade e compreensão que aqui encontrei de sua parte, nos quatro anos de permanência nesta arquidiocese, a começar com o momento em que solicitou ou aceitou minha designação para ser seu bispo auxiliar.

Estes quatro anos foram para mim um providencial tempo de transição para a grave responsabilidade que agora, já no outono de minha vida, devo assumir. Teria sido excessivamente brusca a transição imediata de uma longa fase (mais de trinta anos) de ensino e estudo para uma pesada responsabilidade pastoral na direção de uma diocese. Teria sido um desastre. Trinta anos é tempo suficiente para criar hábitos profundamente arraigados e instalar no organismo reflexos condicionados que só lentamente podem ser apagados. Suavemente convidado para atividades pastorais sem maiores responsabilidades, consegui, pouco a pouco, superar costumes radicados e libertar-me interiormente para outro tipo de atividade eclesial. Agora, já sinto gosto em estar numa paróquia, presidir solenidades, administrar sacramentos, falar com o povo e estar com a gente simples. Meu estágio nesta arquidiocese e a seu lado, com o brilhante exemplo de sua dedicação, serviu-me como excelente tirocínio para a prudência e a caridade pastoral. Sou por natureza um tanto tímido e caladão. A muito custo tomo a palavra, quando ocupo uma cátedra e assumo a posição de professor. Posso então ter momentos de eloqüência, para logo volver ao mutismo e expandir e coordenar minhas observações ou reflexões nalgum pedaço de papel. Claro, firme e intransigente em questões de fé e moral, tenho a consciência de ter sido sempre transigente e acomodado, quando se trata de pessoas. Veterano professor de dogma, sei distinguir entre uma verdade de fé e uma questão disputata. E embora possa ter opinião formada nalguma questão disputata, aceito sem problema que outros tenham parecer diferente. Assim entendo o pluralismo. Com cargos de responsabilidade em Petrópolis e Medellín, tive sempre amistoso relacionamento com os que trabalhavam a meu lado ou sob minhas ordens.

O estágio de Salvador teve para mim ainda outra vantagem. Tinha estado dez anos fora do Brasil. Dez anos de muita efervescência na Igreja aqui no Brasil. Uma transição direta ou imediata, com ônus de responsabilidade para alguma diocese no Brasil, teria sido difícil. Nestes quatro anos, sem maiores compromissos, pude sentir o pulso da Igreja entre nós. Já sei onde ponho os pés e onde o pisar pode doer. Não tenho o carisma de extirpar calos. Mas sei onde estão. Em sua escola aprendi a não apertar o calçado. Levo a lição para Novo Hamburgo, aliás cidade do calçado.

Especializado em Teologia dogmática (ou sistemática, como preferem dizer os protestantes), pouco de Direito Canônico. Tinha necessidade de conhecimentos jurídico-práticos. Entrementes, tivemos o novo Direito Canônico. Foi-me dada oportunidade de conhecê-lo, com alguns ensaios de aplicação. Sem nenhum atropelo na Cúria desta Arquidiocese, aprendi onde estão os cânones de maior importância na direção e administração pastoral de uma circunscrição eclesiástica. Também neste ponto minha transição foi lenta e segura.

Eis aqui, Senhor Cardeal, os três pontos principais de meu aprendizado aqui a seu lado. Em outras palavras, foi um tirocínio para poder agora assumir com mais tranqüilidade e competência a direção da diocese que o Papa João Paulo II me confiou. Para lá, irei com as lições que recebi de sua bondade, compreensão e competência. Muito obrigado. Dominus retribuet.

Para minha nova tarefa imagino-me neste momento como Eliseu suplicando a bênção de Elias. Jube, Domine, benedicere! Da mihi de plenitudine Christi ut sub umbris fideliter impertitum munus implere valeam. Valeas. Oremus pro invicem.

A resposta do Cardeal Vilela veio em 1-9-1986. É uma carta bonita e expressiva, documento que historia sua eleição como bispo, guardado com muito carinho em seu **Diário 15**, aqui transcrito integralmente:

Muito estimado e apreciado Dom Boaventura Kloppenburg:

Paz.

Sua carta de 20 de agosto deste ano eu a recebi e li, atentamente, dando graças a Deus por tudo quanto ela manifesta, como expressão de Sua bondade e de Sua sabedoria.

Eu mesmo, sozinho, seria muito pobre para enfrentar as responsabilidades da missão episcopal, em circunstâncias tão delicadas e complexas, ao longo dos meus quase 40 anos de ministério pleno.

Alguns dons naturais que a Providência me concedeu, aliados aos gestos permanentes da Graça Divina, que é capaz de fertilizar estepes e desertos, deram-me condições de saber olhar para trás, com respeito e discernimento, olhar para o presente e distinguir suas propostas de valores e desvalores, bem como, sem me julgar um profeta, no sentido pleno do termo, enxergar um pouco dos clarões do amanhã (faleceu 108 dias depois), sem perder de vista o hoje e o ontem da história.

Mas, meu caro Dom Boaventura, sua carta me trouxe uma grande alegria. Fui, sem ter sido antes um amigo declarado seu, o maior responsável pelo seu ingresso, como bispo, na Igreja do Brasil.

Eu estava precisando de mais um bispo auxiliar, quando me encontrei com o Senhor Núncio e lhe disse: gostaria de saber se a Nunciatura dispõe de alguns nomes que já tenham passado pelo vestibular... O senhor pense sobre isso e me mande uma lista tríplice para o meu exame.

Dias depois, chegava-me de fato uma relação de três nomes, entre os quais estava o seu. Cada qual tinha o seu resumido curriculum vitae.

- Quando li a carta e examinei os nomes, disse logo de mim para comigo, alguns momentos de reflexão, - vou escolher o Frei Boaventura Kloppenburg. Muitos irão espantar-se, outros amaldiçoar e muitos outros irão se alegrar.

- Reuni, em caráter reservado, a Dom Tomás, a Mons. Sadoc e a Mons. Luna. Expus para eles o que estava pensando e, procurando justificar o meu ponto de vista, embora ressaltado que poderia encontrar dificuldades. Todos compreenderam e aceitaram a minha proposta. E logo, escrevi ao Núncio, dizendo-lhe que o meu candidato era Dom Boaventura Kloppenburg, embora fossem três os relacionados e que, daqueles três, somente um me interessava.

E daí surgiu a sua vinda para aqui.

Em segundo lugar, coube-me impor-lhe as mãos, naquela poética e aconchegante Rolante. E, em terceiro lugar, por 4 anos, o tive, aqui, como um dos meus bispos auxiliares.

Neste sentido, devo dizer-lhe que sua presença entre nós foi benéfica, proveitosa e agradável.

Com a minha experiência de vida, meus reflexos pastorais, minhas intuições teológicas, procurei tirar partido de suas qualidades e talentos, sem exagerar na dosagem metodológica desse aproveitamento, inclusive para o seu bem e para um melhor entrosamento seu com a nossa variada pluriforme etnia sacerdotal.

De outra parte, você correspondeu muito bem a essa estratégia que não fora planejada, a dois, mas que estava escrita nos arcanos do Pai.

Muito obrigado pela sua ajuda no campo da reflexão teológica, no setor de pesquisa religiosa nos meios não católicos, nas áreas do sincretismo religioso. Muito obrigado pela sua presença positiva no Seminário, junto aos alunos, pela sua capacidade admirável de representar-me tantas vezes, em compromissos de ordem litúrgica e nos acontecimentos cívicos e sociais, alguns desses bastante incômodos. Muito obrigado por todo bem que aqui fez e não ficou assinalado, de maneira visível.

Agora, você sai para Novo Hamburgo. Leva, de fato, já uma experiência de vida pastoral. Deixa saudade.

Espero que seja feliz. Que o Espírito Santo o ilumine e acompanhe. Que seu clero saiba compreendê-lo. Que seus colegas bispos sejam irmãos.

O Povo de Deus o acolherá muito bem, embora alguns poucos leigos possam tentar criar-lhe algumas dificuldades.

A Graça Divina, porém, é maior do que tudo. E Nossa Senhora irá dar-lhe a mão para introduzi-lo em sua Diocese.

Tenho pena de não ir, pessoalmente, à sua posse. Se houver dificuldade de algum outro sacerdote chegar até, além do Pe. Ângelo, mandarei uma Mensagem que peço seja lida no momento mais oportuno das solenidades.

Meu abraço e meus votos de feliz pastoreio.

Cordialmente, em Cristo Jesus

✠ Avelar, Card. Brandão Vilela

Do Cardeal Vilela sempre teve gratas recordações. Ao falecer, em 19-12-1986, deixou no **Diário 15** seu depoimento: *Foi um bom pastor. E foi meu mestre no pastoreio.*

Em 2 de setembro, deixou definitivamente Salvador, comparecendo no aeroporto *bastante gente, sobretudo padres: Dom Tomás, Mons. Sadoc, Mons. Luna, Mons. Gualtério, Frei Calixto, o Reitor do Seminário com meia dúzia de seminaristas, leigos de várias paróquias. Viajou comigo o P. Ângelo Magno Carmo Lopes, que foi meu chofer e fiel companheiro nestes anos de Salvador. Ofereci-lhe por isso uma passagem ida e volta, para poder ir comigo representar a arquidiocese na posse. O avião da VASP saiu com uma hora de atraso. No aeroporto de Porto Alegre, onde chegamos às 13 da tarde, havia gente esperando: padres de Novo Hamburgo, gente da imprensa, familiares de Rolante, para onde se dirigiu no fim do dia.*



Na posse da Diocese de Novo Hamburgo, em 7-9-1986.

Embora empossado bispo de Santa Cruz do Sul em 31 de agosto, Dom Sinésio respondia pela diocese de Novo Hamburgo, até a posse de seu sucessor, na qualidade de Administrador Apostólico, solenidade a que ele não sentia à vontade de assistir. Mesmo antes da posse, Dom Boaventura quis inteirar-se da realidade do clero da Diocese, tomando parte da reunião do Conselho Presbiterial em 3 de setembro: *Tivemos um primeiro encontro inteiramente descontraído e informal. Os padres mais difíceis e que me poderiam fazer as maiores dificuldades lá estavam e me relacionei muito bem com eles*, anotou então nas memórias.

Entre várias opções de moradia, preferiu ocupar o mesmo quarto deixado por Dom Sinésio, apenas ampliando o espaço para a sua biblioteca. Instalou-se em 5 de setembro, lembra no **Diário 15**: *Vou agora dormir minha primeira noite na nova casa. Agora devo sentir-me aqui “em casa”. Esta é “minha casa”. Preciso convencer-me. Vai durar.*

A posse se deu no domingo de 7-9-1986. Celebrou a missa das 8 na catedral, em língua alemã, como é costume no primeiro domingo de cada mês. Às 19h30min iniciou-se a solenidade, como no **Diário 15** está memorizado: *Vieram nove bispos, entre eles o Cardeal*

Vicente Scherer e Dom Cláudio Colling. Cerca de cem padres. Foi uma cerimônia de entrada imponente. A catedral é ampla e estava bem preparada. Na entrada o órgão, solene. Logo o “Tu é Petrus”, de Haller. O coro estava esplêndido, dirigido pelo P. João Marcos Maciel. Uma beleza. O Cardeal Scherer me deu o báculo. Dom Cláudio impôs a mitra. Mons. Otto Erbes leu o Decreto do Sr. Núncio, substitutivo da Bula, que ainda não veio. Começou então a santa missa solene. Na homilia falei sobre a diocese, tomando como ponto de partida a definição dada pelo Vaticano II e repetida pelo novo Direito Canônico. Prometi aos padres fazer o possível para ser “irmão e amigo”. Eles então aplaudiram. Havia muita gente, com a catedral superlotada. No fim todo o mundo me cumprimentou. Estava empossado.

Para que os pensamentos que se atropelavam no seu espírito não borbulhassem desordenadamente, sem parar, na forma e no conteúdo, preferiu não afrouxar a rédea. Concentrou a alocução de posse a um ponto essencial e fez uma análise sobre a palavra **diocese**: *uma parcela do povo de Deus, cujo cuidado pastoral é confiado a um bispo, com a colaboração do presbitério, de modo tal que, unida a seu pastor e congregada por ele no Espírito Santo, mediante o Evangelho e a Eucaristia, constitua uma Igreja Particular, na qual está verdadeiramente presente e operante a Una Santa Católica e Apostólica Igreja de Jesus Cristo.* Dissecou cada um destes sete pontos essenciais e definidos pelo Concílio Vaticano II (**CD 11a**) e o Direito Canônico (**Can. 369**): povo de Deus - bispo-pastor como figura central - colaboração do presbitério e dos leigos - congregados no Espírito Santo - mediante o Evangelho - e pela Eucaristia. Fez alusão à expressão agostiniana da “perigosa arte de ser bispo”. Pediu, enfim, a todos orações *a Deus para que cresça na graça de ser Cristão convosco. Suplicai ao Senhor para que não esmoreça no dever de ser bispo para vós”.*

Bispo condena desvio na Igreja é a manchete com que **O Estado de São Paulo** noticiou a posse, em 9-9-1986, com quatro colunas. Do discurso de Dom Boaventura destacou o combate aos *métodos marxistas de análise da sociedade* utilizados pela Teologia da Libertação. Acusa também *os setores da Igreja que cometem esses desvios de atuarem em conjunto com partidos políticos e centrais sindicais para implantar o socialismo no País Brasil, abordam temas políticos nas missas, afirmando que muitos fiéis estão se sentindo “abandonados pela Igreja”.* E condenou, também o *excessivo engajamento de religiosos nas questões agrárias, observando que “sobre reforma agrária, nós não temos verdades reveladas por Deus”.* As declarações foram feitas em entrevista à sucursal de **O Estado e Jornal da Tarde**, um dia após a sua posse.

Acontecimento ímpar para o novo bispo foi o retiro do clero de Novo Hamburgo na Betânia, em Porto Alegre, nos dias 15 a 18-9-1986. *Estavam praticamente presentes todos os padres da Diocese - reparou no **Diário 15**. - Preguei o retiro sobre o Reino de Deus que já havia preparado em março deste ano.*

Parece que foi um sucesso. Ao menos é o comentário geral que me fazem. Creio que foi um momento providencial este demorado encontro com o clero em retiro.

Antes de ir às plenárias da Comissão Teológica Internacional, Dom Boaventura tinha vinte dias para tomar as primeiras providências na diocese. *Passei dias atarefados. Fui logo aos abacaxis mais difíceis - expôs em suas memórias, três dias depois da posse. Queria ainda visitar padres, apaziguar ânimos, ver a situação social da “Faixinha”, atender diretorias, secretariados, receber jornalistas e manter em dia as correspondências.*

RUMOS DA PASTORAL DA TERRA

Tão logo havia tomado posse da diocese, Dom Boaventura sentiu que não havia unidade entre lideranças nas diversas frentes da pastoral. Visitou as Irmãs Carmelitas e lhes fez um pedido: *rezem bastante para que Deus me ilumine sobre como agir.*

Antes de embarcar para Roma, concedeu entrevistas à **BBC TV** de Londres e à **Zero Hora**, publicada na edição dominical de 28-9-1986, p. 9, com o título ***Para Dom Kloppenburg, o importante é a alma.*** O repórter Pedro Maciel informou que o entrevistado resiste em falar de assuntos como Constituinte, Reforma Agrária e política em geral: *A minha função específica como bispo é ver que as minhas 37 paróquias andem bem e que os cristãos vivam dentro da doutrina cristã, da qual sou um pregador e conservador. Queixou-se do rótulo “conservador”: Há 20 anos eu tinha fama de progressista e não sei como hoje sou conservador se defendo as mesmas idéias. A diferença é que critiquei a adoção da teoria marxista na análise dos problemas sociais porque o socialismo no Brasil seria uma ruína para todos nós e outro socialismo que não seja o da Rússia é utopia, o que não se realiza nunca e não é realizável. E mais: a missão específica da Igreja hoje é continuar a missão com a qual Cristo veio à Terra, como Igreja devemos estar empenhados em salvar as almas para a vida eterna. Como perguntou Cristo, de que adianta ganhar o mundo e perder a alma? Quanto à reforma agrária, alertou sobre a necessidade de assentar estas pessoas que não tenham terra, mas oferecer uma área de terra para trabalhadores agrícolas não é a solução para a miséria se não houver uma reforma agrícola, de métodos de trabalho. Hoje, quem receber 20 ou 30 hectares de terra e tiver de trabalhar com métodos antigos não vai ter resolvido seu problema e é até contraditório oferecer terras aos que vêm do êxodo rural, aos que abandonaram as terras e agora estão gritando por terras... - vão apenas produzir para não morrer de fome e aí, vão acabar vendendo as terras para gananciosos, voltando a ser sem terras e criando eternamente a figura do sem-terra.*

Tais problemas rurais viu, quando visitava as paróquias de Rolante, Riozinho e Boa Esperança, outrora florescentes. Há capelas com duas famílias. *Todos foram embora, para Campo Bom e outros centros industriais - constatou no **Diário 15**, em 20 de julho. - Os agricultores abandonam suas terras ou as vendem por pouco preço, transformam-se em proletários e vão engrossar depois as fileiras dos sem-terra. É o reverso da reforma agrária.*

No quinto aniversário de sua ordenação episcopal, estudou as atas da 8ª assembléia estadual da Comissão Pastoral da Terra - CPT, realizada em 16-18-6-1987, em Porto Alegre. Ficou vivamente impressionado com os seus *horrores teológicos e pastorais. Estão inteiramente dentro da teologia e pastoral da “libertação” denunciadas e condenadas pelas duas Instruções da Congregação para a Doutrina da Fé. Não posso permitir que esta Comissão continue penetrando nesta diocese - decidiu no **Diário 15**, em 1º de agosto. - Ainda não está forte entre nós, graças a Deus. Mas sinto o dever de frear seus ímpetos.*

Proseguindo na análise da **Introdução ao Relatório**, o documento afirma que a transformação do mundo se fará “à luz do modelo de Jesus Cristo”; e logo vem a explicação: *“O modelo de Jesus Cristo foi de conflito, de escândalo, de agitador, até o ponto de ser condenado à morte de cruz”. Toda a documentação de 85 páginas (“**Voz da Terra**” - boletim informativo da CPT-RS, julho de 1987) é então inspirado pelo propósito de suscitar conflitos, provocar escândalos ou promover agitação. Trabalha-se constantemente com a categoria da “luta”, palavra que se encontra e todo o momento. Falando das CEBs, um dos assessores, o Irmão marista Antônio Cechin, afirma: “Quem cria CEBs está cutucando a onça com vara curta já lá no Vaticano. Isto é, está mudando a Igreja de cima a baixo” (p. 48s). Lamenta que nossas boas capelas do interior de nossas paróquias “não têm características de CEBs”. E então grita: “A capela tradicional tem que quebrar, tem que se desestruturar!” E coisas deste tipo. Tais propósitos, se realizados, acabariam de fato com tudo o que temos de melhor.*

Em 5 de agosto, depois de participar da reunião-almoço na Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, com palestra proferida por Dom Cláudio Colling, Arcebispo de

Porto Alegre, concedeu Dom Boaventura uma entrevista à imprensa para acusar a *Comissão Pastoral da Terra (CPT) do Rio Grande do Sul* como “genitora” do chamado *Movimento Estadual dos Sem-Terra* - segundo noticiou o **Estado de São Paulo**, de 6-8-1987, p. 13, em matéria intitulada **Bispo contra Pastoral da Terra**. - *Ele advertiu que, com seus “métodos marxistas” de ação, a CPT está desenvolvendo todos os esforços para que haja conflitos com os proprietários rurais. Teme que os fazendeiros também vão se armar para se defender das invasões armadas. “Acontece que não faltam aqueles que querem o conflito. Há organizações que provocam o conflito. Os Sem-Terra nasceram para fazer o conflito, e não são produto de geração espontânea. A CPT é genitora dos Sem-Terra. Foi ela que engendrou o movimento”* - alertou na mesma entrevista.

O mesmo jornal paulista, dois dias depois, sob o título **Bispo pede inspeção do Vaticano nos seminários**, divulgou a manifestação de Dom Boaventura quanto à necessidade da realização - *já prevista há mais de ano - da viagem ao Brasil de uma comissão de “visitadores” da Santa Sé, para inteirar-se do que está sendo ensinado nos seminários do País.* Observou que os praticantes dos desvios da Teologia da Libertação também se libertam das orientações do papa, “*simplesmente não lêem*” os documentos da Santa Sé e não obedecem, pois a “*disciplina na Igreja, que antes era ressaltada, praticamente não existe mais*”.

No mesmo dia 8 de agosto, segundo o **Diário 15**, concluiu *com mais precisão um texto*, dando o título **“Rumos da Pastoral da Terra”**. *Ficou um documento forte, mas documentado.* De imediato entregou um exemplar, de seis páginas, ao repórter Alexandre Castro de **O Estado de São Paulo**, cuja matéria saiu no dia seguinte, com o título **Bispo analisa documento e aponta desvio da CPT**. Na primeira parte o bispo criticou o “*fantasiado modelo de um Jesus agitador*”, o que é “*inteiramente falso e enganoso*”, o que já foi condenado pelo papa em Puebla, em 1979. Na segunda parte, manifestou a preocupação pela terminologia usada: “*Luta*”, “*enfrentar a burguesia*”, “*organizar mais lutas*”, “*envolver sempre mais agentes de pastoral nas lutas*”, “*mapear os inimigos*”, além de condenar o fato de que “*a Igreja oficial não assume as lutas populares*”. A seguir, enfatizou: *Karl Marx não poderia ter assessorado melhor nossa CPT. Cresce o conflito gerado, pois para a CPT as contradições do meio rural aparecem “através da ocupação da terra”, donde resultam as invasões e nestes conflitos surgem “os mártires”.* O quarto ponto destacou a *ojeriza contra a estrutura da Igreja, manifestada pela CPT.* Na última parte, o bispo apontou a *distorção do “namoro como socialismo” pela CPT-RS. Ele ressalta diversas passagens do relatório em que os religiosos consideram-se “escravos do sistema capitalista”, e planejam formas de “enfrentar o capitalismo” e de criação “permanente do socialismo como proposta de uma nova sociedade”.*

A publicação do documento em jornais e sua distribuição a bispos, reunidos no jubileu de ouro da ordenação sacerdotal de Dom Cláudio Colling, em 9 de agosto, desencadearam várias manifestações de grande repercussão. **O Estado de São Paulo**, em 11 de agosto, p. 11, sob o título **“Invasão tem ajuda alemã, diz cardeal”**, publicou uma entrevista do Cardeal Vicente Scherer, onde denunciou *que os dirigentes do Movimento Sem-Terra do Rio Grande do Sul receberam, recentemente, 200 mil marcos de uma entidade católica da Alemanha.* Ressaltou que “*não é de excluir*” a possibilidade de que esse dinheiro esteja sendo utilizado para a compra de armas, com as quais são ameaçadas as promoções de novas invasões de propriedades rurais. Solidarizou-se com as manifestações de Dom Boaventura, cujas denúncias terão muita repercussão no Vaticano, observando que ele, “*além de seu renome internacional, de ser um homem de muita cultura teológica e de ter uma visão clara da situação da Igreja no Brasil, recebeu enorme distinção e rara e expressiva manifestação de confiança do papa, ao ser indicado pessoalmente por ele para assumir a diocese de Novo Hamburgo.* No final, revelou ter enviado ao novo presidente da CNBB uma carta solicitando correção desses desvios, eliminando-se as dúvidas e confusões que se estabelecem em matéria de fé e doutrina e moral cristã. Para d. Vicente Scherer, a CNBB deve dar orientações claras, como faz o papa, nas suas alocações proferidas em Roma e nas suas viagens pelo mundo.

Sob o título **Igreja: resistências à escancarada subversão** o editorial de **O Estado de São Paulo**, de 12-8-1987, comentou as manifestações acima mencionadas de Dom Kloppenburg e do Cardeal Vicente Scherer, reportou-se ao *editorial anterior sobre o tema observando: “Tal é a gravidade desse documento da Comissão Pastoral da Terra do Rio Grande do Sul que não pode deixar de receber um pronunciamento oficial da CNBB e da cúpula hierárquica da Igreja Católica, no Brasil. De repúdio ou concordância - sendo que o mero silêncio, no caso, poderá ser considerado concordância, com todas as conseqüências que isso tenha na situação do catolicismo neste país”.* No mesmo dia, Dom Boaventura, a pedido do Cardeal Dom Eugênio Sales, enviou o artigo **Pastoral mediante conflito** para o **Jornal do Brasil**.

O bispo pregava a união e o diálogo por toda a parte, sempre evitando conflitos. Em 23 de agosto, o diário local **NH (Novo Hamburgo)** *me surpreendeu esta manhã com uma espalhafatosa manchete na*

primeira página: **Bispo: o caminho é a união entre patrões e empregados.** Depois remete às páginas 6 e 7 da edição dominical. Com quatro fotografias, reproduz as respostas que dias atrás eu dera por escrito às quatro perguntas que a jornalista Olga Arnt me tinha feito. O texto é fiel e estou satisfeito. Na 7ª página o jornal também reproduz os 14 princípios que devem nortear o empresário cristão, formulados por eles no IX Congresso Nacional da ADCE (Associação dos Dirigentes Cristãos de Empresa. Formidável - exclamou no **Diário 15**.

Tomando parte da X Assembléia do Conselho Regional de Pastoral, durante três dias, Dom Boaventura também foi a Caxias do Sul, onde todos os bispos gaúchos, menos Dom Ivo Lorscheiter, em viagem na URSS, se reuniram num encontro privado, em 10 de setembro. Dom Sinésio Bohn levantou a questão da Comissão Pastoral da Terra. Kloppenburg justificou sua atuação como responsável pela pastoral em sua diocese e declarou que a CPT *vai continuar proibida nesta diocese. Mas não aconteceu a tempestade que temia* - observou em suas memórias. No dia seguinte, **O Estado de São Paulo** divulgou a notícia com o título **Bispos censuram, mas d. Boaventura resiste.** O diário paulista também noticiou a posição bem clara do bispo de Novo Hamburgo reprovando os “os métodos e objetivos” da UDR (União Democrática Ruralista), sustentando que a entidade deveria aceitar as “leis da justiça social” e o fato de haver uma “hipoteca social sobre a grande propriedade”. Para ele, os latifúndios não se justificam no Brasil de hoje, onde as grandes propriedades devem ser repartidas mesmo quando são produtivas. A matéria também voltou a servir de editorial, no mesmo jornal, edição de 12-9-1987, sob o título **Cizânia lançada pela Igreja a ela retorna.** Em ambas as edições ficou mencionado o fato de ter sido Kloppenburg o único bispo que não assinou uma *moção de solidariedade ao presidente da CNBB, d. Luciano Mendes de Almeida*, em razão de críticas dirigidas pelo ministro da Justiça, Paulo Brossard, condenando a intenção do Conselho Indigenista Missionário de acabar com a soberania do País sobre as áreas onde vivem os índios. Dom Boaventura considerou que a moção era inoportuna, observando que *as relações entre Igreja e Estado já estão tensas e uma nova divergência com o ministro só serviria para piorar o clima.*

A convite da Escola Nacional de Informação, retornou a Brasília para fazer uma conferência sobre a *marxização da teologia.* *Passei também pela Nunciatura, onde deixei uma cópia do texto da conferência - informou em suas memórias, no dia 23.*

A repercussão dos acontecimentos da Igreja no Brasil ecoava pelo mundo inteiro, deixando intrigado até o governo dos Estados Unidos, segundo o **Diário 15**, cinco dias depois: *Tive esta tarde estranha visita. Um senhor de Washington, acompanhado de alguém da embaixada dos Estados Unidos de Brasília (que servia de intérprete) e do cônsul dos Estados Unidos em Porto Alegre, protegidos por dois outros elementos. Este senhor queria saber coisas muito concretas sobre a teologia da libertação no Brasil.*

Retornando de uns dias de férias na Colômbia e seminário na Venezuela, havia uma celeuma a nível nacional provocada pela imprensa em torno de suas manifestações, como ele mesmo documentou em 26-2-1988, no **Diário 15**: *O jornal O Estado de São Paulo me envolveu numa situação bastante desagradável, com repercussão nacional. O repórter Alexandre Castro, da sucursal do jornal em Porto Alegre, publicou primeiro uma notícia sobre minha participação no Congresso de Caracas, destacando a denúncia de Cadernos Pastorais n.º 68, do Ceará, sobre a Igreja e os movimentos populares. No dia seguinte o jornal publica na íntegra o tal caderno, que eu cedera ao repórter para uma fotocópia, com uma nota com o título: “Tomar o poder pela guerrilha, prega a pastoral” (23-02). No dia 24 o jornal publica na íntegra meu trabalho apresentado em Caracas: “Eclesiologização para oprimidos”, enchendo duas páginas, com destaque de um Editorial: “Subversão da hierarquia católica”. No dia anterior o Jornal da Tarde, ligado ao Estado de São Paulo, publicou uma página com o título: CNBB: a pregação da guerrilha. Entra na dança O Globo, com um Editorial no dia 25: Opção pastoral pelo poder. O que se publicou em outros jornais pelo Brasil afora eu não sei. Hoje Zero Hora e NH publicam uma nota de Dom Aloísio Lorscheider, lamentando que eu levava um caso particular a uma corte internacional...*

A promoção do agricultor, nos quatro primeiros decênios deste século, era estimulada pela Igreja, especialmente pelos jesuítas, sem cor política, destacando-se a liderança do Pe. Teodoro Amstad, SJ. A passagem do cinquentenário de sua morte foi comemorada na Linha Imperial, em 6-11-1988. *Eu presidi a missa solene e preguei em alemão - segundo o Diário 15. - Os restos mortais do P. Amstad estão agora na frente da igreja de Linha Imperial. Aliás, já no domingo passado, dia 30 de outubro, tivemos uma celebração solene em Porto Alegre, pela televisão, que eu também presidi. Outro dia, no encontro dos bispos gaúchos na cidade de Rio Grande, ficou decidido que se reintroduziriam as Katholikentage neste Estado. Iniciadas pelo Pe. Amstad em 1898, foram interrompidas em 1942 por causa da guerra e da animosidade contra os alemães.*

Os presbíteros exercem com o bispo o único sacerdócio de Cristo - ensina o Concílio Vaticano II (CD 28a) e destacou Dom Boaventura na sua posse. *“Por causa desta comunhão no mesmo sacerdócio e ministério, o bispo tenha os presbíteros como irmãos e amigos”* (PO 7a).

É neste sentido que o bispo tentava ir direto aos abacaxis mais difíceis. Apontou no **Diário 15**, no terceiro dia após a posse, e, sem citar os nomes aqui: *Visitei em S. Leopoldo o P. NN. Reuni os Padres NN e NN, que acabaram dando as mãos. E mais adiante: Encontrei gente boa. Mas vejo-me envolvido por padres mentirosos, intrigantes e fofoqueiros, que, porém, são poucos, mas ao meu lado. Suponho que os outros, que não encontrei, sejam melhores, pois deles não recebi queixas. Se for só isso, creio que irei superar as dificuldades*

O problema interno da Igreja se alastrava por toda a parte. Repercutia também na diocese de Novo Hamburgo. Já na manhã de 13 de agosto, *veio uma comissão de Sapiranga: o vice-prefeito (agora prefeito em exercício) mais quatro vereadores católicos, para denunciar a atividade do Pe. Pedro Garcês, que é lá o vigário paroquial, e que estaria incitando invasões de terras. À tarde, fui a Sapiranga para falar com o pároco e seu vigário. Os dois não se entendem e são um exemplo claro da atual divisão na Igreja. E por causa deles, os fiéis da paróquia também estão divididos em dois grupos. Correm até listas para pedir assinaturas, um para que o pároco fique, outro para que vá. E o fator de divisão é evidentemente a teologia da libertação - explicou no Diário 15. De fato, nove dias depois, veio outra comissão, com um abaixo-assinado de 1.400 assinaturas. A divisão estava criada eurgia a união da comunidade.*

Procurou conhecer toda a sua diocese, com rapidez e profundidade. Sentiu-se logo integrado, segundo a carta de 25-10-1986 à Irmã Régis: *Aqui, nesta minha nova sede de trabalho vai tudo muito bem. Já conheço agora toda a Diocese. É um mimo. Acho que vou bastante bem com os padres. Alguns novos preocupam. É a nova geração. Outro dia estive em São Leopoldo, com as Religiosas, no Alverne. Fiz-lhes uma conferência sobre a Vida Religiosa. Almocei com as Irmãs mais idosas no Colégio São José. Foi uma alegria. Já crismei em algumas paróquias. Minha ocupação maior se relaciona com nosso seminário menor.*

Com a Irmã Régis retornou a se corresponder em 15 de novembro para informar que fez o possível para visitar todas as paróquias. Todos os sábados à tarde e domingos *estão tomados e ocupados, quase sempre para crismas. Pouco tempo livre me tem sobrado para estudar ou escrever. Uma de suas principais tarefas foi organizar o novo Colégio de Consultores, com os quais tentarei governar a diocese. Concluiu a mesma carta com o bom humor de sempre, levando uma vida tranqüila, interiormente. Sinto grande paz e alegria na alma. Acho que vou agüentar bem os oito anos que me faltam para ter que renunciar a todos os cargos, para então iniciar o descanso eterno...*

Sua primeira experiência em transferir padres foi em 9 de dezembro, numa reunião geral do clero em Hamburgo Velho. *Enquanto se reuniam os padres, eu chamava os que pretendia transferir, para dialogar com eles - memorizou no Diário 15. - Mas minha listinha de transferências não foi improvisada. Foi o resultado de muita conversa e consulta.*

No final de cada ano ocorriam algumas transferências. Eventualmente, também durante o ano, o que sempre era realizado com muito critério e diálogo, sem condescender para a mediocridade e omissão.

Regressando das reuniões ordinárias da Comissão Teológica Internacional em 8 de dezembro, encontrou espalhado na diocese um pequeno boletim chamado **Povosinos**, inteiramente anônimo, escrito *“por um grupo que vê a Igreja de Novo Hamburgo no dia-a-dia regredindo e sendo desarticulada nas suas bases”* - segundo transcrição no **Diário 15**. - *Na outra página leio: “Não nos iludamos: existe uma opção clara e um projeto definido de ação da Igreja Diocesana que exclui frontalmente os mais pobres”. Depois afirma: “Corremos seriamente o risco de perdermos padres neste final de ano”. Revela que entre os mais de 2000 catequistas da diocese “estão circulando abaixo-assinados que não pedem mais do que a retirada do Bispo Frei Boaventura da diocese”. As diatribes do inexpressivo grupo se devem à dissolução da Coordenação Diocesana de Catequese, uma vez que o bispo tinha certeza da necessidade de organizar uma nova coordenação, mais claramente definida em suas atribuições.*

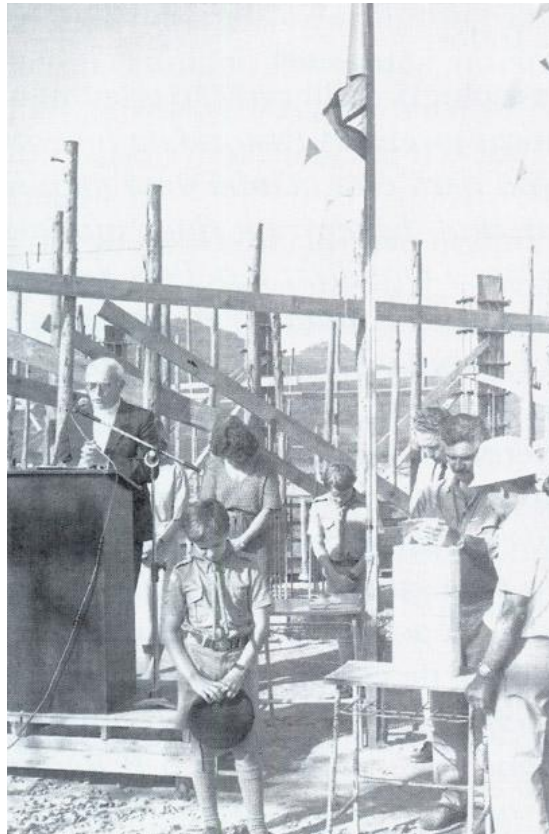
Na assembléia geral do clero da diocese percebeu o tom positivo de aprovação, contentamento e satisfação na avaliação do ano pastoral, conforme anotou em suas memórias no dia 9 de dezembro. Entretanto, com o título **Padres acusam bispo do Sul** o diário **O Estado de São Paulo**, de 19-12-1987, divulgou a distribuição desses panfletos anônimos. *O bispo garantiu que não pretende adotar sanções contra os autores dos panfletos - diz o jornal. Pelo contrário, Dom Boaventura foi pessoalmente dialogar com o principal padre revoltado, pedindo-lhe que esquecesse tudo e continuasse na coordenação. Ele*

aceitou e nos abraçamos em santa paz. Deo gratias! - exclamou no Diário 15, em 18 de dezembro. Terminou o ano, tendo administrado 3.048 crismas.

No ano seguinte, *a calma da assembléia geral (do clero) do dia 8 (de março) parece que foi só aparente* - anotou em 14-3-1988. Um grupo de padres jovens queriam deixar a Diocese alegando *que não podem trabalhar nesta Diocese segundo as orientações da CNBB e o plano pastoral da Diocese. Não posso nem imaginar em que ponto eles se sentem impedidos de atuar*. No dia 25 soube que se tratava de seis padres. Para tomar decisão sábia, Dom Boaventura foi valer-se da *longa experiência* do Cardeal Vicente Scherer, o que acabou tendo um final feliz para todos.

Na prática, a teologia da libertação igualmente foi bem assimilada por lideranças jovens. *A Pastoral da Juventude, ou melhor um setor, organizou para esta manhã uma manifestação de protesto diante da catedral. Esperavam cinco mil jovens de todas as paróquias. Chegaram a mobilizar a polícia de trânsito. Mas compareceram exatamente 92 contados* - escreveu no **Diário 15**, em 4 de junho. - *Pelas 11 horas, meia dúzia me procurou na portaria para entregar um "Manifesto de apoio às Pastorais", assinado por 143 jovens de diferentes paróquias. Eles querem mais abertura para trabalhar nas comunidades; querem que o Bispo assuma a proposta de Puebla em favor dos oprimidos; e querem mostrar o descontentamento pela saída de seminaristas e padres da Diocese*. Três dias depois, na assembléia geral do clero, receberam os padres plena liberdade de escolher o Coordenador Diocesano de Pastoral. *Em primeira votação e sem apresentar candidatos prévios, escolheram por maioria absoluta o P. Ramiro Mincato, um padre jovem que voltou no ano passado de Roma, onde fez seus estudos e se formou em Exegese* - documentou no **Diário 15**, em 7 de junho.

Também eram amistosas as relações com pastores evangélicos na diocese. Em diversas ocasiões havia solenidades ecumênicas. *As relações entre comunidades, a católica e a evangélica, são excelentes* - documentou nas mesmas memórias, em 8-11-1987. - *Nossos fiéis vão para lá (na festa popular externa), participam e ajudam, como os evangélicos comparecem nas nossas festas populares. Não se nota nenhum tipo de constrangimento*. Anexou no mesmo período a foto de lançamento da pedra fundamental da FEEVALE - Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior, em Novo Hamburgo. Em agosto de 1991, anexou a foto da sua inauguração, em cerimônia ecumênica, ao lado do pastor Ingo Wulforth.



No lançamento da pedra fundamental da FEEVALE, em novembro de 1987.

De volta de Roma e Alemanha, em 14-10-1986 reuniu-se Dom Boaventura com o clero numa assembléia extraordinária, comparecendo 36 padres. Tratava-se de adquirir um imóvel para o seminário menor diocesano. Apenas 7 votaram a favor da aquisição do Hotel Vila Verde, com 4.320 m² de área construída, 48 apartamentos, várias salas e 7.5 ha de terra, localizado em Taquara, pelo preço de 6.500.00 de cruzados (em torno de 8.085 salários mínimos, na época). *Alguns padres achavam que tal aquisição seria anti-evangélica e imoral, por ser a construção muito luxuosa...* observou no **Diário 15**. O sonho terminou ao ser rematado por 8.750.000 num leilão, em 25 de novembro. Dias depois, o imóvel foi oferecido à diocese por 16 milhões de cruzados...

Surgiram outras opções como o prédio do Círculo Operário de São Leopoldo, onde estava o Lar da Menina, e a casa do Noviciado dos Servos da Caridade, em Canela. Irrealizáveis esses sonhos, partiu-se para um novo projeto. Em 13-7-1987, em companhia do Pe. Bráulio Weber, foi Dom Boaventura visitar o pároco de Dois Irmãos, Pe. Luiz Pedro Wagner. Soube que a paróquia possui, nos fundos da igreja nova, uma valiosa área coberta de mata virgem, onde se poderia construir o seminário. *Mas quando vi o terreno em redor da antiga igreja, achei logo que seria o lugar ideal, sobretudo porque a Prefeitura está planejando fazer lá uma praça pública, como já está fazendo ao lado da igreja nova. A igreja antiga, que foi tombada como monumento histórico, poderia ser integrada no seminário. A Sociedade Sta. Cecília que se apoderou do salão paroquial, poderá indenizar-se construindo um conjunto pastoral no fundo da igreja nova, com casa paroquial. Então a atual casa paroquial também poderá ser integrada no seminário. Teríamos assim um bom conjunto. Penso que é uma solução bonita e providencial. Já estou quase decidido a construir lá o seminário* - documentou no **Diário 15**, em 13 de julho.

Três dias depois, retornou a Dois Irmãos, em companhia do arquiteto Marcos Roberto Linck, acertando os detalhes do projeto. O entusiasmo de ambos contagiou lideranças da comunidade. Também o prefeito municipal prometeu ajudar na reconstrução da velha matriz, que podia servir de capela interna. Embora o primeiro projeto fosse aprovado pelos padres, por 34 a 10, teve que ser alterado em 25 de agosto, para uma nova posição, mais amplo e tranqüilo, no fundo da nova igreja. A alteração foi aprovada: *Agora todos concordaram com a nova decisão* - vibrou em suas memórias, em 1º de setembro.

Segundo o “memorial descritivo e orçamento preliminar” do arquiteto, a construção terá 2.500 m². Como o custo unitário básico, na época, era de Cz\$ 10.500,00 (ou 200 dólares), a construção custaria em torno de 500.000 dólares. Embora fosse esperado o auxílio da Alemanha, logo apareceram as ofertas oriundas dos próprios diocesanos. O pároco de Campo Bom estava providenciando na doação dos tijolos. A paróquia de Santa Cristina veio oferecer as pedras para o alicerce. No 1º aniversário de sua posse, dirigiu uma carta a todos os fiéis católicos, convidando-os para se engajar na campanha. Para que a execução do projeto fosse facilitada, uma comissão especial, encarregada da construção, foi aprovada em 3 de setembro e assim composta: os Padres Luiz Pedro Wagner, Ilmo Pedro Schütz, Paulo Colling e José Backes. A bênção solene da pedra fundamental foi na festa de São Miguel, padroeiro de Dois Irmãos, em 29 de setembro. A missa solene teve a participação de 30 padres e muita gente, com caravanas de várias localidades.

Sem que as obras de construção prosseguissem, um mês depois, o bispo recebeu uma carta da Adveniat, comunicando que não há auxílio para construção do seminário menor. Sugeriu que fosse feito o pedido à Obra Missionária Pontifícia da Infância, em Aachen e Roma. Retornando da Alemanha sem ajuda financeira, aproveitou um horário livre nas reuniões da Comissão Teológica Internacional para visitar o Pontificium Opus a S. Petro Apostolo, para falar com Mons. Enrico Pitzki, seu secretário geral. *Fui munido com toda a documentação (as plantas do arquiteto). Mas o homem não quis nem ver. Nem quis escutar minha argumentação. Ele apenas queria saber quantos dólares eu queria. Eu não estava nem preparado para uma pergunta tão concreta e direta. Acabei dizendo que eu precisava de 200.000 dólares. Mas ele não se assustou. Se tivesse dito 300.000 teria sido o mesmo. Então disse que eu fizesse o pedido, preenchendo um formulário. Preenchi o formulário, solicitei 200.000 dólares e assinei. Ele mandou que pedisse ao Núncio no Brasil uma recomendação. Em maio de 1988 terei a resposta. Ele garantiu que será positiva. Oxalá. Acho que, com os 75.000 dólares que já temos, poderemos construir o seminário. Para a posterior instalação teremos que fazer novo pedido.*

Entre muitos cartões e presentes natalinos o mais significativo veio da paróquia de Campo Bom: a doação de 120.000 tijolos para o seminário menor em Dois Irmãos. Em 22-2-1988 o bispo recebeu uma carta do Pe. Werensfried van Straaten, da organização “Kirche in Not”, obtendo 50.000 dólares para a construção do seminário. Do “Kindermissionswerk”, de Aachen, em 17-10-1988, o bispo recebeu uma carta: *receberemos 50.000 dólares para a construção do nosso Seminário menor de Dois Irmãos. Agora já não*

haverá problemas para a construção. Deo gratias - exclamou no **Diário 15**. Efetivamente, o cheque de 50 mil dólares veio em 20 de abril do ano seguinte, dando condições para concluir a construção.

Várias vezes, em situação de aperto na construção e instalação do seminário, recorreu a seus parentes da Alemanha, dos quais recebeu a generosa ajuda de DM 300.000.

Enquanto a construção do prédio ocorria, foi solucionada de forma pacífica uma antiga questão com a diretoria da Sociedade Santa Cecília, de Dois Irmãos. A entidade entregou à diocese *um cheque de 5.000 cruzados novos (em câmbio oficial é igual a 5 mil dólares) para a construção do seminário diocesano, mais 50% dos juros sobre 32.000 cruzados novos em caderneta de poupança (o que, no momento atual, corresponde a cerca de 2 mil cruzados novos por mês)* - documentou no **Diário 15**. A diocese fez uma proposta de entendimento entre a paróquia e a sociedade, o que a diretoria ficou de estudar até a sua reunião de 18 de maio. O bispo conseguiu acabar com uma histórica tensão entre esta Sociedade e a Paróquia. Em 31 de maio, foi assinado um documento de acordo com a Mitra, parcialmente transcrito em suas memórias: *A Sociedade fica ligada juridicamente não à paróquia mas à mitra. Mas repassará 40% de seus lucros líquidos à paróquia e 10% ao seminário diocesano. A paróquia poderá continuar a fazer suas festas nos salões da Sociedade. A Sociedade reconhece que as instalações por ela ocupadas são propriedade da mitra.*

Em benefício do seminário o bispo fez algumas visitas a empresas, como anotou em suas memórias, em 3 de maio: *Hoje me fiz mendicante. Fui a Dois Irmãos pedir auxílio para a construção do seminário. Os irmãos Wolf, donos da empresa Travesso, me deram 5.000 cruzeiros novos, o que, no câmbio oficial, corresponde a 5.000 dólares. A Madeireira Herval, da família Filipe Seger, me ofereceu 2.000 cruzados novos. À tarde estive na empresa da família Wirth, que me deram um cheque de 5.000 cruzeiros novos. Foi uma excelente colheita. Amanhã vou continuar na mendicância.*

Também de Oldenburg, entre seus conhecidos, vinham auxílios, como consta na carta do Prof. Gerhard Fittkau, de Essen, comunicando que seu irmão, Hans Werner, padre no México por 30 anos, vítima de um enfarte, havia depositado 20.000 marcos na conta de Frei Boaventura *para a formação de bons e santos sacerdotes na América Latina*, segundo o **Diário 16**, em 3-1-1990. Nove dias depois, recebeu para o Seminário Menor da Fundação Argidius, Friburgo, Suíça, um cheque de US\$ 7.500,00. *Nunca ouvi falar desta Fundação. Não sei como chegaram a fazer este presente de natal* - observou em suas memórias.

Concluídas parcialmente as obras de construção e devidamente mobiliado, foi o Seminário Diocesano Maria Auxiliadora, inaugurado em 4-3-1990. *A cerimônia foi muito simples. Sem missa, sem comes e bebes. Veio muita gente e a maioria de nossos párocos* - recordou no **Diário 16**. *Todos viram que o seminário ainda não está acabado e que devem continuar a ajudar* - concluiu.

Administrar o sacramento da Ordem constituía para Dom Boaventura uma imensa alegria. Quando não tivesse certeza acerca dos candidatos, consultava o Conselho Presbiteral da Diocese, não como se tivessem seus membros o voto deliberativo, mas consultivo. O número maior foi em 11-8-1991, segundo o **Diário 17**: *Às 18 horas começou uma cerimônia comovente na paróquia de Rincão dos Ilhéus. Onze estudantes de teologia da diocese receberam o Rito de Admissão ao Diaconado e Presbiterado; e um foi ordenado diácono. Pelo visto, padres teremos.*

Por vezes participava também da ordenação de bispos, como o de Dom Paulo de Conto, em 15-9-1991, em Santa Cruz do Sul, nomeado bispo da Diocese de São Luiz de Cáceres, MT.

Na medida em que os anos se passavam, aumentava por Dom Boaventura Kloppenburg a estima, a admiração e o reconhecimento dos diocesanos, especialmente do clero e lideranças, mesmo de não católicos. Entre as muitas manifestações, fica aqui transcrito um documento, assinado por todos os padres da Diocese de Novo Hamburgo, em 2 de novembro de 1989, no seu 70º aniversário:

A Dom Boaventura Kloppenburg.

A diocese de Novo Hamburgo oferece, dedica e consagra a Deus neste dia os 70 anos de vida, que V. Ex. Rev.ma completa - 2 de novembro.

Como é bom, como é agradável viverem os irmãos em unidade... É ali que o Senhor dá a sua bênção, a vida para sempre. Sl 132, 1-3. Estas palavras do salmista expressam um reconhecimento do coração humano, uma aspiração de harmonia e de amizade, de todos os presbíteros, religiosos e religiosas, cristãos fiéis, leigos da diocese de Novo Hamburgo, no dia em que o seu Pastor e Bispo, Dom Boaventura, completa em sua vida setenta anos. Com efeito, o desejo de unidade entre todos na diocese de Novo Hamburgo, consolidou-se, significativamente, durante o período destes três anos em que Dom Boaventura, nosso Bispo, está à frente dessa Igreja particular.

Com gratidão a Deus por este rumo que se tem dado à unidade, pedimos ao Espírito Santo que sustente essa vida de Boaventura entre nós, carregada de muito contentamento nesta excepcional

oportunidade de hoje se encontrar com todo o Presbitério e com as mais diversas facções das Comunidades Eclesiais da Diocese.

No espaço do Serviço Pastoral desta Igreja, queremos ainda expressar nosso grande desejo de continuar a intensificar os nossos esforços na Igreja Católica, por restaurar, continuamente, a plenitude da unidade; uma unidade que só poderá progredir se nela mantivermos, contentemente, a convergência do rosto de Jesus Cristo, nosso modelo sacerdotal. Esta união, nos diversos setores da vida, da tradição e das estruturas e disciplinas de cada uma das Paróquias e Comunidades Eclesiais.

Esta manifestação de carinho que hoje lhe prestamos, é, sem dúvida, um passo a mais no necessário empreendimento importante que queremos construir, em nos conhecermos e nos aceitarmos como Jesus Cristo. Os nossos projetos comuns são louváveis e servem como um bom fundamento para colocarmos na construção de uma nova e dinâmica Diocese em prol do Reino de Deus.

Juntamente com o sino mavioso da Catedral São Luiz elevaremos juntos as nossas preces ao Senhor pela passagem de seu 70º aniversário, quando concelebraremos a Missa de Ação de Graças.

Queira, Dom Boaventura, receber neste dia o abraço da gratidão de todos os Presbíteros, de todos os Religiosos e Religiosas, bem como de todos os fiéis leigos da Diocese, reunidos neste álbum fotográfico, e dele surgir igualmente os cumprimentos sinceros de um feliz e abençoado aniversário. São os votos de toda sua querida Diocese de Novo Hamburgo.

Novo Hamburgo, 02 de novembro de 1989

Foi uma grande festa o seu 70º aniversário. No dia de Todos os Santos, à noite, concelebrou na catedral com os padres. Vieram quase todos. Assinada por todos os sacerdotes, a citada mensagem que acompanhou o álbum da Diocese, em dois tomos, agradecendo a Deus “*por este rumo que se tem dado à unidade*”, em três anos de pastoreio, *foi o melhor presente. Graças a Deus* - documentou no **Diário 15**, em 2 de novembro

CONVÍVIO COM A CNBB

Desde a organização da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em 1952, por iniciativa de Dom Helder Câmara, arcebispo emérito de Olinda e Recife (falecido em 27-8-1999), interessou-se Frei Boaventura acompanhar, primeiro como teólogo, depois como bispo, a Igreja no Brasil.

Do Encontro Latino-Americano sobre Cristologia no Sumaré, Rio de Janeiro, organizado pelo CELAM Dom Boaventura também participou. Na abertura o Cardeal Ratzinger falou aos 23 participantes em latim. *É um verdadeiro banho cristológico* - observou no **Diário 15**, em 1-9-1982. - Os bispos presentes receberam documentos que permitem ver o que anda por detrás dos bastidores da CNBB e como os assessores manipulam tudo. *Tenho a impressão de que a CNBB está hoje como estava o CELAM em 1972, também totalmente manipulada pelos assessores (que hoje quase todos abandonaram o ministério). Só uma mudança profunda nestes organismos de trabalho poderá garantir uma sã ação da CNBB junto aos bispos. Sem isto a CNBB será mais estorvo que ajuda.*

A presença de Kloppenburg entre os bispos brasileiros, mormente na CNBB, interessava, e muito, à Santa Sé. Dom Agnelo Cardeal Rossi, presidente da *Amministrazione del Patrimonio della Sede Apostolica*, Vaticano, em carta de 26-9-1986, escreveu-lhe: *Eu me alegro pela sua presença e participação no Episcopado gaúcho, com reflexos na CNBB.*

Sua primeira estréia como bispo na 21ª Assembléia Geral da CNBB, em Itaiçara, de 6 a 15-4-1983, entre 257 bispos presentes foi descrita em carta de 15 de abril à Irmã Régis: *não fui muito feliz. Entrei lá com a marca de “conservador”*. Na discussão de um projeto de regulamento para a Comissão Episcopal de Doutrina teve a impressão de que o regulamento estava cerceando excessivamente as atividades da Comissão, pois não podia tomar nenhuma iniciativa, nem publicar parecer por conta própria. Por isso ele propôs um outro projeto de regulamento. *E ao apresentar este projeto falei negativamente do outro e usei de uma ironia. Disse mais ou menos o seguinte: que os autores do projeto se assemelhavam a uma mãe que não queria mais filho, mas não pode evitar um novo filho; esse, entretanto, em virtude das drogas que a mãe tomara, nascera “eunuco desde o seio materno”* (alusão a **Mt 19,12**). *Disse então que o projeto de regulamento também nascera “eunuco desde o seio materno”*. *Foi só isso* - lembrou mais tarde, no **Diário 15**, em 6-1-1984, na visita ao Cardeal Vicente Scherer, comentando o motivo do adiamento de sua transferência para o Sul.

No mesmo período, ocorriam em São Paulo desordens e depredações, causadas pelo desemprego, em constante aumento. Sobre “*A Caminhada da ação pastoral da Igreja no Brasil à luz do Objetivo Geral*”

Dom Boaventura não aceitou a formulação do “*Objetivo Geral*” que coloca toda a ação evangelizadora na “*construção da sociedade*” - censurou no **Diário 15**, no dia 7.

O dia seguinte foi mais agitado, especialmente quando o Pe. Quiroga leu um documento intitulado “*Como se faz Teologia no Brasil hoje*”, elaborado por um exegeta (P. Mesters), um sistemático (P. França) e um moralista (P. Antônio Moser). Era um documento curioso e surpreendente. Espero que não retrate a realidade teológica no Brasil contemporâneo - prosseguiu em suas memórias. - Quando terminou a leitura, pedi a palavra, mas não me foi dada, informando que se tratava apenas de uma comunicação, sem objeto de discussão. O que nos foi apresentado é exatamente a metodologia subjacente à Igreja Popular na América Latina - ponderou no **Diário 15**, no dia 8. Cinco dias depois, comentou sobre o problema por uma horinha com o Sr. Núncio. Ele está bem preocupado, sobretudo com o documento - acrescentou em suas memórias, no dia 13.

Também o Cardeal Vicente Scherer denunciou a luz verde com que a CNBB deixava circular o documento da nova “teologia hoje no Brasil”, em seu programa “**Voz do Pastor**”, no **Correio do Povo**, de 16-5-1983.

Na mesma carta de 15 de abril à Irmã Régis contou que os jornais me apresentavam até como candidato dos conservadores para todos os cargos, inclusive o de presidente. Mas a verdade é que não houve combinação prévia dos conservadores. Ao menos não que eu saiba, ou que alguém tenha falado comigo, perguntando se aceitava ser candidato para qualquer cargo. O certo é que sempre recebi algum voto para tudo. Mas não fui eleito para nada. Fiz algumas intervenções. E uma vez fui irônico (é o meu mal) e isso me queimou definitivamente. Aliás, nem estava desejando algum cargo. Pois não pretendo colaborar com a atual linha da CNBB. Não poderia fazê-lo em consciência. Falei também longamente com o Sr. Núncio Apostólico, que está igualmente preocupado com a teologia subjacente a todo este movimento.

Na imprensa jornalistas franco-atiradores prognosticavam e divulgavam candidaturas aos diversos cargos da CNBB. Embora o **Jornal do Brasil**, de 3-4-1983, e **O Globo**, do dia imediato, noticiassem a candidatura de Dom Boaventura como novo presidente da CNBB, pela ala conservadora, nenhuma articulação neste sentido foi por ele movida. Jornalistas especulavam para obter matéria polêmica.

Nos jornais de ontem e hoje aparece o meu nome como candidato dos conservadores para o cargo de secretário geral da CNBB - constatou em 11 de abril, no **Diário 15**. - Não sei como conseguiram saber disso. Pois aqui ninguém me falou. O que de fato houve foi uma escolha por consenso, no dia seguinte, sendo Dom Boaventura o segundo mais votado, sem que fosse candidato.

Para tomar parte num encontro promovido pela Comissão Episcopal de Doutrina da CNBB, em 13-2-1984, na Casa de Retiro Nossa Senhora da Assunção, foi Dom Boaventura a Brasília. Falou sobre o “*sensus fidelium*”, como “*lugar teológico*”. O tema do encontro foi *O relacionamento do teólogo com a comunidade eclesial*. Estavam presentes 12 bispos e 15 padres-teólogos, entre os quais Frei Leonardo Boff e Frei Antônio Moser.

Na discussão sobre a doutrina social da Igreja Kloppenburg fez lembrar que, desde a “*Rerum Novarum*” até a “*Laborem Exercens*” está suposto o capitalismo, uma economia de mercado a ser praticada pelos cristãos. Ao usar o termo “capitalismo cristão” ouviu-se uma gargalhada geral, mas não ouvi esta gargalhada, quando, momentos antes, Frei Leonardo Boff usou a expressão “*marxismo cristão*”. Achou que foi um encontro que não valeu os gastos feitos. Só para pagar a minha viagem, a CNBB teve que pagar 183.000 cruzeiros (= 175 dólares). Eu não dava tanto dinheiro da Igreja dos pobres - ironizou no **Diário 15**, em 16 de fevereiro.

Na 22ª Assembléia Geral da CNBB participaram em torno de 270 bispos. O Brasil vivia os dias em que o Congresso votava a Emenda para as eleições diretas “já” para Presidente da República. Apenas sete bispos se abstiveram de votar um telegrama de apoio às “diretas já”, entre os quais Dom Boaventura: *acho que é um ato político-partidário e, por isso, penso que a Igreja deve abster-se* - argumentou no **Diário 15**, em 25 de abril. - *E como bispo tenho recebido tantas instruções neste sentido. Por isso me absteve.*

Com a presença de 260 bispos Dom Boaventura participou da 23ª Assembléia Geral da CNBB em Itaiçi, SP. Do tema principal proposto “*Liberdade cristã e Libertação*” quase não se falou. São raras as intervenções de bispos considerados conservadores. *Nem a Instrução “Libertatis Nuntius”, sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação, nem a Notificação sobre o livro de Leonardo Boff são objeto de consideração* - observou no **Diário 15**, em 15-4-1985. - *São dois documentos da Santa Sé especialmente feitos para nós e propositadamente silenciados. Vim com o propósito de não falar na assembléia, para não ser agressivo.* Distribuiu 100 exemplares de seu livrinho **Leigos em apostolado**. Como o texto não é polêmico, parece que foi bem aceito.

A 24ª Assembléia Geral da CNBB, em Itaici, iniciou em 9-4-1986. O retiro foi pregado pelo Cardeal Gantin, Prefeito da Congregação para os Bispos. Trouxe do papa uma longa mensagem para os 260 bispos presentes. *É um texto bastante forte, com referências explícitas à Teologia da Libertação, que, segundo a Mensagem, é agora “oportuna, útil e necessária” - como documentou em suas memórias. - Mas à luz das duas Instruções é sempre homogênea com a Teologia Católica. Sobre esta homogeneidade devem os bispos vigiar.*

Terminando em 18 de abril, essa Assembléia foi boa e pacífica. Acho que fizemos um bom documento: “Por uma nova ordem constitucional. Declaração Pastoral - como consta no **Diário 15**.

Menos pacífica foi a sua participação na 26ª Assembléia Geral da CNBB, em Itaici. Os bispos do Ceará, com Dom Aloísio Lorscheider, sentiram-se melindrados com a repercussão no **Estado de São Paulo** (em 24-2-1988) do artigo sobre a **Eclesiologização para oprimidos**, onde estava citado um documento do Regional do Ceará, considerado *marxizante e convocava para uma “frente dos movimentos populares”, com o fim de tomar o poder.* Por esta razão, em 16-4-1988, convidaram Dom Boaventura para uma conversa - observou no **Diário 15**. No dia anterior, o **Jornal do Brasil** publicou o artigo **Reflexão cristã para a UDR**, cujo recorte estava exposto no corredor que conduzia às reuniões dos bispos, sendo lido e comentado. Ao final das memórias, no mesmo dia 16, concluiu o bispo que *é preciso encontrar um meio ou um modo de escrever um pouco menos agressivo e mais caridoso.* Para o seu consolo, **O Globo** de 18 de abril, p. 4, publicou na coluna “Sabedoria na defesa da fé” o artigo **Glosa a uma entrevista**, assinado pelo Pe. Artur Alonso, que foi Reitor da PUC-RJ, com rasgados elogios às manifestações de Dom Kloppenburg, comparando-o ao célebre Cesar Baronius: *em todos os seus escritos há que admirar em Dom Boaventura apuro de ortodoxia, mansidão de estilo, culto da objetividade e docilidade, sem fingimento, ao Supremo Magistério da Igreja.*

Ronaldo Ramos Caiado, presidente nacional da União Democrática Ruralista - UDR, no artigo **A semente e o pastor**, na **Folha de S. Paulo**, de 2 de maio, A-3, fez elogiosas referências à citada **Reflexão cristã para a UDR**: *o que se deve buscar é o não abuso dessa propriedade, o “torpe lucrum”, a especulação e a onzena, a utilização da propriedade como instrumento de opressão. Estamos dispostos a regular eticamente nossa luta envolvendo a propriedade, tendo como parâmetro a produção e sua função social, batendo-nos pelo trabalho como fonte única de propriedade digna. Para tanto, sabemos quão importante é o apoio da Igreja.* Anexou o recorte do artigo em seu **Diário 15**, no dia seguinte: *Creio e espero que assim se inicia um bom diálogo - completou.*

No encontro de bispos, coordenadores de Pastoral do RS e Superiores Maiores dos Religiosos - CRB-RS participou Dom Boaventura. Tendo estudado o **Plano Regional de Porto Alegre 1988**, no encontro privativo de bispos, em 16-6-1988, manifestou-se sobre o documento de 53 páginas, um texto novo, sem que fosse discutido pelos bispos. *É um típico trabalho de assessores identificados com a teologia da pior espécie. Ocupa-se praticamente apenas com problemas sociais - alertou no Diário 15.- Uma proposta positiva boa é a sugestão de criar comunidades-irmãs: uma paróquia bem constituída assume outra comunidade mais pobre como “irmã”, para ajudá-la. Mas, diz o Plano Regional (p. 23), que o objetivo geral deve ser: “Dinamizar a vida cristã de todo o Povo de Deus a partir do conteúdo de libertação evangélica proposta por Cristo”. Não explica qual é esta “libertação evangélica proposta por Cristo”. Todo o contexto deixa bem claro que não se trata da libertação soteriológica, da qual não se fala em parte nenhuma. Depois indica cinco objetivos específicos, todos eles não na linha da libertação soteriológica mas da linha sócio econômica. O Reino de Deus é concebido como algo distinto da Igreja e que pode e deve ser construído pelos pobres, etc. Na apresentação, assinada por cinco bispos, leio: “O objetivo deste plano é comprometer todos os agentes de Pastoral do Sul 3, dentro de uma linha de convergência, numa ação de pastoral de conjunto, como prova concreta de unidade”. Como tal unidade “só se constrói com a participação de todos”, todas as dioceses são destinatários e sujeitos deste plano. Protestei clara e formalmente contra tudo isso e o modo como o plano nos é praticamente imposto. E declarei que não aceitava o Plano para a diocese de Novo Hamburgo. Como praticamente já não havia tempo para discutir, tampouco houve discussão. E fiquei sozinho no meu isolamento teológico e pastoral.*

Completando Dom Cláudio Colling 75 anos e apresentando ao papa sua carta de renúncia, segundo prescrição canônica, surgiram especulações em torno da sucessão, o que repercutia pela imprensa. Também o nome de Dom Boaventura foi mencionado na possível lista tríplice, como a **Zero Hora**, de 24-6-1988, publicou, sob o título **Começa disputa pelo arcebispado**. Também o **Correio do Povo**, no dia seguinte. A notícia diz que o bispo de Novo Hamburgo desconhece a existência de uma lista tríplice e *considera impossível sua indicação. “Eu já estou aposentado por velhice, no INPS” - disse. Ele completará 69 anos*

em novembro. Valendo-se o repórter das informações de um “estudioso de questões religiosas” citou vários nomes de candidatos, “garantiu que a maioria do clero, identificada com a Teologia da Libertação, torce pela escolha de dom Ivo Lorscheider - bispo de Santa Maria e presidente da Região Sul 3 da CNBB.

Também a revista **Veja**, edição de 28-9-1988, retornou às mesmas “fococas”, sob o título **Um movimento para direita - Duas peças no tabuleiro conservador**, citando o novo Cardeal dom José Freire Falcão e Dom Boaventura. Novos boatos surgiram, registrados no **Diário 15**, em 20-12-1988, quando o correspondente de **O Globo** comunicou a nomeação de Kloppenburg como sucessor de Dom Cláudio Colling. *Respondi que não sei de nada. E não sei mesmo. Recebi também hoje uma carta do Dr. Görden, de Bonn, homem muito relacionado com o Cardeal Rossi e outros. No final da carta escreve: “Quanto ao Arcebispado de Porto Alegre, estamos todos convencidos de que o Papa está cogitando muito do nosso Frei Boaventura Kloppenburg”. Simplesmente não consigo entender que isso seja possível. Já estou com 69 anos completos. Não vai. Não daria certo. Porto Alegre é uma arquidiocese com mais de 3.000.000 de habitantes e muitos problemas. Não estou preparado para isso. Não pode ser. Vão me matar. Podem ter mesmo transpirado desejos pessoais do papa, mas o que ninguém acertou foi a escolha feita, em 15-3-1989, na pessoa de Dom Altamiro Rossato, redentorista, bispo de Marabá, Pará, e que já havia sido professor de teologia, muito estimado, em Porto Alegre.*

O documento da Santa Sé sobre as Conferências Episcopais também foi estudado pelos Bispos do Rio Grande do Sul, em reunião na cidade de Rio Grande. *Sou praticamente o único que defende o documento - observou no Diário 15, em 3-11-1988. - Fiz sobre a matéria um trabalho mais amplo. Mas sou uma voz isolada.*

Dom Boaventura, voz discordante na CNBB é o título de **Estado de São Paulo**, de 11-4-1989, sobre as discussões, na Assembléia Geral da CNBB, em Itaici, de 5 a 14-4-1989, reunindo em torno de 280 bispos e mais uma centena de assessores e convidados. *“A doutrina social da Igreja defende reformas sociais e econômicas, mas não proscree o capitalismo. É dentro dele que vamos conseguir maior justiça social” - explicou, falando sobre a conjuntura nacional. - O bispo de Novo Hamburgo acredita que a economia social de mercado seja a alternativa para o progresso: “É o sistema que tirou a Alemanha Ocidental da pobreza e a tornou uma das maiores potências econômicas do mundo. O sucesso da Europa prova que as teses de Karl Marx estão ultrapassadas”. Para ele, as reformas econômicas promovidas por Gorbachev na URSS são a prova de que a economia planificada não leva ao progresso - noticiou o diário paulista.*

O tema central de mais um encontro dos bispos são os aspectos éticos de nova ordem constitucional no Brasil. *Muitos outros temas foram sugeridos. O ambiente parece tranqüilo.*

Insistindo a CNBB Sul 3 na escolha de Saporanga para sede da 2ª Romaria do Trabalhador para o Dia do Trabalho, previa o Bispo *um problema sério para o 1º de maio - anotou no Diário 15, em 26 de abril. A propaganda da Romaria está tomando as cores da CUT e do PT. O P. Mincato, nosso Coordenador de Pastoral, é um dos responsáveis diretos da preparação do evento. Mas há oposição. Esteve aqui esta manhã o Capitão Paulo Henz, chefe da Brigada Militar de Saporanga. Está apreensivo. A Prefeita de Saporanga, do PDT de Brizola, não está gostando. Dizem que virá o Lula, candidato a Presidente do PT. O Capitão me deu uma cópia de um Esclarecimento à Opinião Pública da prefeita que proíbe a Romaria, “que se reveste de cunho político-ideológico e nada contribui para o bem-estar para o povo de Saporanga”. Eu preparei para a Romaria uma mensagem especial sobre a “Espiritualidade do Trabalhador”.*

No dia seguinte, o ambiente da preparação já estava melhor. Noutra **Nota Oficial** a prefeita foi informada oficialmente, pela CNBB, *de que tratar-se-á de um acontecimento eminentemente religioso, sendo que não serão permitidas atuações político-partidárias pela Comissão Organizadora do aludido evento.*

Dom Boaventura documentou em seu **Diário 15**, em 1º de maio: *Não houve problemas na II Romaria do Trabalhador em Saporanga, apesar da presença ostensiva do PCdoB, do PCB e do PT.*

No dia seguinte, registrou as manchetes dos jornais, publicadas no dia 2: **Zero Hora**, de Porto Alegre, *anuncia na 1ª página: Política irrita bispo na Romaria do Trabalhador, e informa que me retirei antes do final da romaria. Diz que a participação foi de 30 mil. O Globo, do Rio, informa que fiquei impressionado ao ver uma bandeira do PCB e me fez dizer: “Todos procuram vender seu peixe. Este é um tributo à democracia e de maneira nenhuma podemos impedir sua manifestação”. O Jornal do Brasil informa que eu teria ameaçado chamar a Brigada Militar, “se os militantes do PT e do PCdoB não retirassem as bandeiras durante a celebração da missa”. Segundo este jornal havia 40 mil pessoas. O Estado de São Paulo, que também fala em 40 mil romeiros, me faz dizer que “é a perestroika” e que seguiu*

a passeata ladeado por militantes dos partidos comunistas. A **Folha de São Paulo** também menciona 40 mil. O **Correio do Povo**, de Porto Alegre, informa: “Ao término da caminhada, o bispo de Novo Hamburgo, Boaventura Kloppenburg, manifestou-se contrário à romaria, reclamando da presença comunista na festa religiosa”. O **NH** de Novo Hamburgo, informa que critiquei com certa indignação a presença caracterizada de determinados partidos políticos. “Dizendo-se totalmente solidário à luta dos trabalhadores, Dom Boaventura considerou esta infiltração o preço a ser pago pela democracia e a liberdade”.

A impressão geral que deixei, portanto, não foi muito favorável à romaria. Muita gente me falou sobre isso e gostou da atitude tomada - concluiu no **Diário 15**, no dia 2.

Dom Boaventura também marcou presença na Romaria da Terra, em Hulha Negra. Vieram cerca de 12.000 pessoas de todo o Estado - documentou no **Diário 18**, em 3-3-1992. - Nunca a miserável Hulha Negra viu tanta gente. Nem nunca mais verá! Estou avesso a este tipo de manifestação pública. Mas não podia omitir-me. Daqui da diocese foram mais 3 ônibus e quatro padres. O (padre) Alex (Kloppenburg, seu sobrinho) comandava tudo. Ficamos hospedados na casa do Paulo, com o Alex. Mas não falamos juntos sobre a romaria. Ele estava até assustado com minha presença. Em momento nenhum fui convidado para qualquer pronunciamento, embora estivesse preparado em manifestar-me de modo favorável aos propósitos da romaria. No final de seu depoimento nas memórias, reprovou o fato de que um pastor luterano e uma pastora metodista ou anglicana até receberam a comunhão com os celebrantes, sob as duas espécies.

É preciso reconhecer que o isolacionismo e a voz discordante de Dom Boaventura na CNBB ecoaram em cheio quando ruiu o Muro de Berlim, na histórica quinta-feira de 9 de novembro de 1989. Simbolizou a queda fulminante dos governos socialistas na Europa. Foi fragorosamente derrotada a opção pelo socialismo para a solução dos problemas sociais. As profissões de fé socialistas, com suas ramificações comunistas ou social-democratas, foram sendo superadas pela evolução do tempo. Igualmente ecoou pelo mundo a primeira notícia do golpe na URSS. Eu até estou admirado que demorou tanto tempo a deposição de Gorbachov - vibrou no **Diário 17**, em 19-8-1991. Sua renúncia se confirmou no Natal e a bandeira soviética, com foice e martelo, foi arriada no Kremlin para dar lugar à velha bandeira russa, após 74 anos de comunismo - documentou em suas memórias em 25-12-1991. - Está acontecendo um milagre. Até já estou começando a acreditar na autenticidade de Fátima: “A Rússia se converterá”. Mais uma vez, Kloppenburg estava com a razão.

Hospedando-se no Sumaré, tomou parte de um curso para bispos brasileiros, organizado pela arquidiocese do Rio de Janeiro, versando sobre o ministério petrino neste final do 2º milênio - anotou no **Diário 16**, em 23-7-1990. Por ter sido o Cardeal Ratzinger o principal professor e apenas uma centena de bispos, dos quais sete gaúchos, os jornais insistem em dizer que é um curso dos conservadores - observou nas memórias. - É certo que os mais notórios progressistas não vieram, mesmo que Dom Eugênio Sales tivesse feito questão de esclarecer que o curso não se realiza à margem da CNBB.

No dia seguinte, enalteceu em suas memórias a convivência fraterna com este centenar de bispos. O clima é diferente do das assembléias gerais dos bispos em Itaici. Aqui, a gente não precisa passar vergonha por ser incondicionalmente fiel ao papa. Depois de registrar um passeio pela Guanabara num navio da Marinha, informou em seu diário que num dos jornais de hoje (25-7-1990) o episcopado brasileiro é dividido em dois grupos: de um lado o pessoal da CNBB e de outro Dom Boaventura... A **Zero Hora**, no dia 26, com destaque e foto, traz uma frase de Kloppenburg: “Não sei se ainda existe algum defensor do socialismo na Igreja, depois da implosão deste regime em todo o mundo”.

Sua participação na 29ª Assembléia Geral da CNBB teve a presença de 260 bispos, com voz e voto. O ambiente de hoje foi bom e cordial - descreveu no **Diário 17**, em 10-4-1991. - A enorme assembléia é bem dirigida, porque foi muito bem preparada.

O retiro para os bispos foi pregado pelo seu amigo e confrade Cardeal Evaristo Arns, OFM, com quem teve mesmo uma conversa amigável. Constatou também que a queda do muro de Berlim teve seu efeito benéfico também entre os bispos do Brasil. Não se fala mais em teologia da libertação. Eu fiz hoje duas intervenções que foram muito bem recebidas - exultou em suas memórias, em 15 de abril. Quatro dias depois, concluiu que a CNBB é conhecida como “progressista”, mas é na realidade muito conservadora e passiva em relação a seus quadros dirigentes. Apesar de dispormos de uns 270 bispos ativos e votantes, os votos de fato recaem sempre de novo sobre os mesmo 20 a 25 nomes.

Sobre a pena de morte, Kloppenburg participou de um debate com estudantes, no auditório do Centro de Cultura. Expus e defendi a posição oficial da CNBB contra a introdução da pena de morte no Brasil - documentou no **Diário 17**, em 24-9-1991.

O pregador de retiro da 30ª Assembléia Geral da CNBB também foi um franciscano, Dom Frei Valfredo Tepe. *Fez um excelente trabalho* - reconheceu no **Diário 18**, em 1-5-1992. - *Combinei também com Dom Benedito Coscia, O F. M., bispo de Jataí, Goiás, que a diocese de Jataí e de Novo Hamburgo seriam de hoje em diante dioceses irmãs. Colocaremos à disposição deles o nosso seminário menor de Dois Irmãos.* A decisão está no “Projeto Igreja-Irmã”, lançado pela CNBB em 1972.

Dos 268 bispos votantes, Dom Kloppenburg recebeu 131 votos, sendo eleito delegado da CNBB para a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, com 39 delegados. No penúltimo dia, foi lhe confiada a tarefa de fazer a última revisão do texto sobre a educação para que saia sem erros - apontou em suas memórias, em 7-5-1992.

Da 37ª Assembléia Anual da CNBB, aberta em 14-4-1999, em Itaici (SP), Frei Boaventura tomou parte, sem as expectativas anteriores. Como bispo emérito quis marcar presença entre os 300 bispos brasileiros, que atuam em 241 dioceses brasileiras. Acompanhou a disputa sadia na eleição para presidência, sendo reeleito, com 146 votos, Dom Jayme Henrique Chemello, bispo de Pelotas e gaúcho de São Marcos, contra 122 votos dados a Dom Cláudio Hummes, arcebispo de São Paulo e gaúcho de Salvador do Sul. Nos 47 anos da CNBB foi pela primeira vez que se registraram chapas eleitorais, havendo a chapa “Rumo ao Novo Milênio”, considerada mais avançada, e a chapa “Comunhão e Participação”, mais conservadora. Ambas elegeram os oito membros da Comissão Episcopal Pastoral, dando um perfil moderado ao seu órgão administrativo e executivo.

Um dos problemas práticos que preocupa a CNBB é a aposentadoria dos bispos. Dos 400 bispos que estão no Brasil, 102 estão compulsoriamente aposentados, devido à idade canônica ao completarem 75 anos. Isso representa 25%. Antes do Concílio Vaticano II as funções eram vitalícias. Hoje, com 75 anos de idade, está obrigado a apresentar sua renúncia e recebe o título de bispo emérito, sem a devida remuneração. Como a aposentadoria lhe traz uma receita muito abaixo das necessidades para enfrentar problemas pessoais de alimentação, saúde, assistência médica, hospitalar, farmacêutica e laboratorial, muitos bispos estão numa situação difícil. Entre vários bispos eméritos entrevistados pela **Zero Hora**, de 25-4-1999, Dom Boaventura considera boa a situação de bispos no Rio Grande do Sul, mas lembrou que alguns eméritos em outros estados vivem *como um vovô abandonado pela família*. Entre os pontos discutidos pela CNBB está definir melhor o sustento dos eméritos através de trabalhos da diocese. Na própria CNBB, os bispos eméritos não têm voz nem vez, não podem votar, nem ser votados. Estão mesmo impedidos de manifestar suas opiniões. *Eu só vim para rever os amigos* - disse Kloppenburg à citada reportagem.

Avaliados os últimos quatro anos de vida da Igreja no Brasil, os bispos traçaram as diretrizes de Ação Evangelizadora para o final deste século e início do novo milênio. Ficou definida a ação da Campanha da Fraternidade do Ano 2000, voltada para o ecumenismo. Foi analisada a conjuntura nacional, apreciado o Ministério dos Leigos Cristãos e avaliados o Jubileu do Ano 2000 e os 500 anos de Evangelização no Brasil. A Igreja e a Questão da Amazônia, a Campanha contra a Corrupção Eleitoral e a Situação dos Povos Indígenas foram também temas discutidas na mesma assembléia. Cada presidente das Regionais da CNBB recebeu uma réplica da Cruz utilizada na Primeira Missa do Brasil, a percorrer as 7.000 paróquias espalhadas pelas 260 dioceses brasileiras.

SÍNODO DA DIOCESE

Uma das grandes preocupações de Dom Boaventura foi a realização do I Sínodo da Diocese de Novo Hamburgo. No decorrer de 1989 passou a coletar elementos para a sua preparação.

Passei o dia trabalhando na documentação necessária para o I Sínodo da Diocese de Novo Hamburgo que quero realizar neste ano - documentou no **Diário 16**, em 27-1-1990. A decisão inicial mais importante foi marcar o lançamento do Sínodo para o mês de março. Para isso, o Bispo havia elaborado o documento de indicação, o calendário das visitas canônicas a todas as paróquias e aos movimentos pastorais, o roteiro destas visitas, a oração. Também já providenciara um cartaz com o símbolo do Sínodo e a impressão de 50.000 exemplares de santinhos com a oração. Uma edição especial do boletim diocesano com todo o material para o evento foi publicada e remetida a todas as comunidades. No mês seguinte, na audiência com o papa, deu-lhe a notícia pessoalmente.

A nível local, os párocos foram encarregados de executar um levantamento estatístico de suas paróquias, para um diagnóstico e conhecimento da realidade e vida religiosa do seu povo. Iniciou as visitas canônicas em 27 de março, com a paróquia de Santo Inácio, no bairro do Rio dos Sinos, em São Leopoldo. Além de verificar a administração paroquial, livros de registros, igreja, sacristia, casa canônica, também

mantinha contato com as comunidades religiosas, educacionais, assistenciais, grupos pastorais, visitando capelas, administrando crismas e presidindo celebrações eucarísticas.

Mesmo assim, administrava seu tempo para dar aulas na Escola Diocesana de Ministérios, criada por Dom Boaventura, em 1989. Para os 28 alunos inscritos no ano seguinte, ministrou uma semana de aulas de dogma, no turno da manhã, no Seminário de Dois Irmãos. Interrompidas por duas viagens a Roma, outra a Colômbia e por vários encontros em diversas cidades brasileiras, terminou as visitas canônicas em 21-9-1990, em Dois Irmãos. O banco de dados dava o seguinte quadro da realidade na diocese de Novo Hamburgo, segundo consta no **Diário 16**, em 21-9-1990:

<i>Habitantes:</i>	1.021.000
<i>Católicos:</i>	700.190: 68% da população
<i>Não católicos:</i>	320.810: 31.4% da população
<i>Vão à missa:</i>	78.015 - 11% dos católicos
<i>Irregulares:</i>	622.175 - 89% dos católicos
<i>Capelas com Santíssimo:</i>	99
<i>Capelas sem Santíssimo:</i>	240
<i>Total de capelas:</i>	339
<i>Total de igrejas matrizes:</i>	38
<i>Catequistas:</i>	1.695
<i>Ministros extraordinários:</i>	527

Os 622.175 católicos irregularmente praticantes são as ovelhas tresmalhadas da diocese, sobre as quais faremos nosso sínodo diocesano.

Os 320.810 não católicos são as ovelhas perdidas da diocese. Ainda não sei o que fazer com elas.

Embora estivesse em período preparatório para a realização do Sínodo, prosseguia nas visitas às comunidades, crismava jovens e participou do retiro de seu clero no Monte Alverne. Para o Sínodo compôs 22 grupos de trabalho. Acertou uma lista de 44 leigos convidados. Mas sua saúde estava se abalando cada vez mais. O médico diagnosticara bronquite e laringite, proibindo-lhe *falar durante alguns dias* - mencionou em suas memórias, no dia 1º de outubro. No dia 8, anotou que sofria de *uma inflamação no pulmão esquerdo*. Resguardou-se em casa.

Finalmente, em 16-10-1990, na Casa de Retiros Monte Alverne, em São Leopoldo, presidiu a solene abertura do *primeiro sínodo da diocese de Novo Hamburgo*. *Veio muita gente. Mais de noventa, dos cem convocados. Iniciamos com a celebração eucarística. Eu apresentei o documento de trabalho* - transcreveu no **Diário 16**. Poucos padres esperavam mais um documento social. A maioria aplaudiu o documento por tratar *do grave problema pastoral das ovelhas tresmalhadas de nossa diocese*. Os 22 grupos trabalharam o dia seguinte *para descobrir meios e modos de penetrar missionariamente no meio dos católicos irregularmente praticantes* - após em suas memórias. Passou por todos os grupos, *animando-os a ser criativos. Parece que vamos ter uma grande colheita de receita pastorais*.



I Sínodo da Diocese de Novo Hamburgo, em 16-10-1990.

Embora o grupinho da “esquerda”, muito mais ativa e participativa, pretendesse impor a escolha de nomes para redigir o texto final, o bispo não permitiu a votação e declarou que o texto final do Sínodo é da responsabilidade do bispo diocesano e que, por isso, eu mesmo escolheria os que deveriam ajudar na redação do texto final. Deixei então bem claro o texto do cânon 466, que todos tinham em sua pasta, que diz: “o único legislador no sínodo diocesano é o bispo diocesano, tendo os outros membros do sínodo voto somente consultivo; só ele assina as declarações e decretos sinodais, que só por sua autoridade podem ser publicados”.

Para quem estava acostumado a desconhecer o Direito Canônico, a medida foi uma ducha. Entretanto, o estado de saúde de Dom Boaventura piorava. No dia 19, Dr. Friedrich mandou interná-lo no Hospital Regina, para tratamento fisioterápico e livrá-lo da bronco-pneumonia obstrutiva crônica. Mesmo assim, entre as inalações e procedimentos médicos, aproveitava o tempo para estudar com atenção as sugestões feitas durante a assembléia sinodal - escreveu em suas memórias no dia 22. Sentindo melhoras, no dia seguinte obteve licença para sair do hospital e presidir a reunião do Conselho presbiterial. Hospitalizou-se novamente no dia 26, por três dias, prosseguindo o tratamento em casa. Na segunda reunião presbiterial, no dia 30, apresentou a conclusão do documento sinodal, mandando imprimi-lo, com 80 páginas e 3.000 exemplares, promulgado oficialmente em 25-11-1990 e distribuído gratuitamente.

Um exemplar foi entregue pessoalmente no Vaticano à Congregação para o Clero. Ela é competente para receber os resultados dos Sínodos Diocesanos - documentou no **Diário 16**, em 4-12-1990. - Ficaram muito satisfeitos, inclusive com a determinação de transferir a obrigação dominical para um dia da semana.

Havendo enorme dificuldade para muitos católicos no cumprimento de seu “dever dominical” nos fins de semana, especialmente operários, comerciários, enfermeiros, motoristas, plantonistas, guardas e outros, ficou determinado, em caráter experimental, por um ano, que em cada cidade maior onde se apresentar o mencionado problema, haja a celebração da santa Missa em dia e hora da semana a serem marcados pelos párocos nas cidades de Novo Hamburgo e São Leopoldo, indicando para isso uma ou várias igrejas, - segundo consta em **Diocesinos - Boletim de notícias e mensagens da Diocese de Novo Hamburgo - RS** - N.º 53/54 - Nov./Dez. 1990, que publicou o documento sinodal da **Nova Evangelização para as Ovelhas Trespalhadas**.

BISPO EMÉRITO DE NOVO HAMBURGO

Com a data de 12 de abril de 1994 Frei Boaventura escreveu ao Papa João Paulo II uma carta, comunicando-lhe que no dia 2 de novembro completaria 75 anos; e que, em atenção ao cânon 410 § 1, apresentava sua renúncia ao governo pastoral da diocese de Novo Hamburgo. Como portador de uma incurável bronquite crônica e asmática, pedia que a renúncia fosse aceita. Com a data de 27 de outubro Mons. Giovanni d’Aniello, “encarregado de Negócios da Nunciatura” lhe comunicou: *Por incumbência da Congregação para os Bispos, cabe-me informar-lhe que o Santo Padre aceitou, nunc pro nunc, a renúncia ao governo da Diocese de Novo Hamburgo, apresentada por Vossa Excelência no dia 12 de abril de 1994. E comunica: Vossa Excelência fica no governo da sua Diocese até a publicação da nomeação de seu sucessor, que ocorrerá junto com a de sua renúncia.*

Devem, pois, procurar primeiro um sucessor!

Enquanto isso, Frei Boaventura adoeceu gravemente em suas vias respiratórias. Sua irmã, a Finchen, levou-o a consultar a equipe do Dr. Bruno C. Palombini, no Pavilhão Pereira Filho (Santa Casa) de Porto Alegre. Feitos os exames, o especialista constatou uma sinusite já à beira da meningite e ordenou imediata internação. No dia 5 de junho de 1995, depois de pedir e receber o Sacramento da Unção dos Enfermos, foi operado pela Dr.^a Elisabeth Araújo Pereira, que tem a fama de ser a melhor operadora para este tipo de doença. Ao mesmo tempo, submeteu-se a um tratamento contra a broncopneumonia obstrutiva e aspirativa. Voltou para o Bispado no dia 10 de julho, com a determinação do Dr. Palombini de não trabalhar durante 60 dias.

Mas no dia 9 de outubro viajou com sua irmã Finchen, excelente enfermeira e ex-professora de Curso de Enfermagem, para Roma, para a visita *ad limina*. De Roma foram também para a Alemanha, sempre tomando religiosamente os remédios prescritos. Lá recebeu também a ajuda financeira para os gastos que teve com a grave enfermidade.

Ao retornar no dia 26 de outubro, recebeu a comunicação por telefone do Sr. Núncio Apostólico que no próximo dia 22 de novembro seria nomeado Dom José Osvino Both, auxiliar de Porto Alegre, mas do clero de Passo Fundo, seu sucessor no governo da Diocese. No dia 2 de novembro, quando completava 76

anos, veio de Porto Alegre Dom Osmino, para combinar sua posse. Claro que o apartamento que Frei Boaventura estava ocupando foi liberado e melhorado para o novo bispo. Em algum lugar Frei Boaventura deveria ficar quando for substituído. O Direito Canônico já não prevê a necessidade de que um bispo religioso regresse ao convento, que no seu caso seria um convento franciscano, onde ele, depois de tanto tempo, desde 1972, seria um ilustre hóspede desconhecido.

Poderia optar por Rolante e morar junto aos seus familiares, auxiliando a paróquia em suas necessidades espirituais. Mas poderia se envolver com problemas domésticos dos familiares.

Teria condições de adquirir uma casa ou apartamento na cidade de Novo Hamburgo. Mas viveria isolado. Poderia viver numa das grandes casas paroquiais de Rolante, Dois Irmãos, Nova Petrópolis e *mesmo junto à Catedral não seria difícil* - reconheceu no **Diário 19**. - *Tudo pensado, achei mesmo ser melhor ficar aqui mesmo, no Bispado* - possibilidade prevista no cânon 402.

Como o prédio do bispado é enorme (é o antigo Colégio São Luiz, logo ao lado da catedral, abandonado como colégio por causa do ruído do trânsito), resolveu ficar lá mesmo, na esquina do 3º andar, que dá para a catedral e para a Rua Joaquim Nabuco, onde há uma sala espaçosa com 8 janelas. No tempo do colégio, lá estava a capela. Sendo surdo, o barulho já não o incomoda. Um arquiteto conseguiu modificar jeitosamente o salão, de modo que resultou numa bela habitação, com excelente escritório e biblioteca com três janelas, pequena varanda com duas janelas, quarto de dormir com duas janelas, um belo banheiro, com uma janela, mais um recinto para pequena cozinha, com geladeira e armários. Os gastos para a arrumação ficaram por conta dos parentes e não da Diocese. *Se puder ser útil, estarei à disposição como uma espécie de bispo auxiliar* - anotou em suas memórias. O novo bispo foi, pouco depois, procurar outra e mais solene residência.

A despedida do governo pastoral da Diocese foi na noite do dia 17 de dezembro de 1995, na catedral, literalmente superlotada. Era para a posse do novo bispo. No início da missa, Kloppenburg presidiu a solenidade, entrando com mitra e báculo. Depois do Evangelho, pronunciou um texto de despedida. Concluído o discurso, o povo começou a bater palmas, todos se levantaram, continuaram as palmas, sentaram, levantaram outra vez. Gritaram. Foi uma apoteose, não para aplaudir o texto lido, mas o governo que estava terminando.

Depois, Dom Boaventura deixou o trono episcopal, entregou o báculo, depôs a mitra, tirou o solidéu, despojou-se do anel de bispo e saiu à procura de uma cadeira comum. *E agora sou bispo “emérito” da Diocese de Novo Hamburgo* - último apontamento no 19º volume de suas memórias.

Bernard Cardeal Gantin, Prefeito da Congregatio Pro Episcopis, em carta protocolada pelo n.º 887/94 em 19-7-1996, veio unir-se a Frei Boaventura *na ação de graças a Deus pelos seus 50 anos de sacerdócio e pelo seu ministério episcopal de quase 10 anos nessa Igreja particular. Vossa Excelência teve o conforto de constatar que, no último quinquênio, “Deus deu o crescimento” à diocese (cfr. 1Cor 3,6), um crescimento observável nos vários setores da vida eclesial e pastoral: na consciência apostólica e missionária em decorrência da celebração do primeiro sínodo diocesano; no número das paróquias; na unidade e na quantidade do presbitério, enriquecido com a ordenação de bem 15 novos sacerdotes seculares; na pastoral das vocações, com a inauguração do novo e definitivo seminário menor e nas melhorias da casa de acolhida dos vocacionados procedentes do ambiente universitário; na cooperação pastoral das religiosas, empenhadas especialmente no amor evangélico aos pobres; no despertar e na formação de muitos leigos para a ação apostólica; no crescimento do patrimônio material de sustentação da diocese e na melhoria da infra-estrutura das paróquias e das comunidades para o atendimento das necessidades pastorais. Pela generosa operosidade de tantos “obreiros da messe do Senhor” ao lado de seu Pastor diocesano, pela ação de graça de Deus no coração dos fiéis dessa porção do Povo de Deus, por tudo isso seja louvado mil vezes o Nome Santo!*

Caro Dom Kloppenburg, agora que o Santo Padre já aceitou a renúncia de Vossa Excelência e também já nomeou o seu sucessor no governo pastoral da diocese que tanto amou e pela qual se dedicou inteiramente, quero encorajá-lo a continuar o seu apostolado e a sua dedicação à missão da Igreja, mesmo se, de uma forma diferente, sobretudo oferecendo a Deus os seus sacrifícios pessoais, suas pesquisas e reflexões teológicas e a contínua prece para que o Espírito Santo ilumine o caminho da Igreja diante dos novos e imensos desafios com os quais ela se defronta, e para que ela consiga realizar, de modo renovado e eficaz, a obra da evangelização na aurora do terceiro milênio do nascimento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, como propôs o Santo Padre em diversas ocasiões, sobretudo na Carta Apostólica “Tertio Millennio Adveniente”.

Comunico-lhe também que o Santo Padre, ao ser informado sobre o estado da diocese de Novo Hamburgo, concedeu-lhe, de coração, a sua especial Bênção Apostólica.

Ao mesmo tempo que invoco a bênção do Deus Trindade e a especial proteção de São Luiz Gonzaga sobre a sua pessoa e sobre a diocese de Novo Hamburgo, também aproveito a ocasião para enviar minha saudação para o novo Ordinário diocesano, Dom Osvino José Both, com votos de bênçãos para um profícuo ministério nessa Diocese. Renovando por ele e por Vossa Excelência os meus sentimentos de fraterna e sincera estima, me confirmo

de Vossa Excelência

sempre devotado no Senhor

B. Card. Gantin - Pref.

Com especial carinho guarda uma carta pessoal que o Papa João Paulo II lhe mandou ao festejar o jubileu de ouro de suas primícias sacerdotais:

Ao Venerável Irmão

Carlos José Boaventura Kloppenburg

Bispo de Novo Hamburgo

Não poderíamos olvidar, Venerável Irmão, a memória daquele felicíssimo dia, em que, cercado e formado pela família franciscana e pelos parentes que se alegravam, chamado pelo próprio Senhor e por ele amavelmente atraído, recebeste o Sacramento da Ordem. Tão sumamente alegre acontecimento será evocado em breve com jubilosa recordação, ao alcançar seu quinquagésimo aniversário, depois de ter passado pelo longo tempo do exercício do sagrado ministério.

Cedo abandonaste teu solo natal e chegaste às plagas brasileiras, onde abraçaste o costume e o modo de viver de São Francisco. Formado mediante excelente disciplina e sólida doutrina, transmitiste aos outros, não apenas pessoalmente a erudição, mas também os preceitos do Evangelho e as salutares mensagens do Senhor Jesus com oportunos artigos em jornais e revistas.

Queremos referir-nos também ao máximo acontecimento, o Concílio Vaticano II, no qual sabiamente ajudaste com tua ação e perícia. Incentivado ainda mais por aqueles encontros conciliares, aceitaste com crescido ímpeto novas iniciativas pela salvação dos homens.

Reconhecendo tuas capacidades, Nós mesmo te destinamos como Auxiliar para a Igreja de São Salvador da Bahia, no Brasil. E movido pelo mesmo afeto fraternal e certo de tua confiança, te enviamos à Diocese de Novo Hamburgo, onde sustentaste o ministério episcopal com grande fidelidade e firmeza de ânimo.

Com esta Carta queremos falar contigo como de viva voz, para dar-te os parabéns pelo faustoso dia de teu sacerdócio, que te dará muita consolação e alegria.

Suplicamos, por fim, ao benigníssimo Senhor que seja generoso remunerador de teus méritos e dispensador de seus benefícios e ao mesmo tempo te damos com muita alegria a Bênção Apostólica, copiosa, primeiro para ti, Venerável Irmão, e extensiva a toda a comunidade eclesial.

Dado no Vaticano, no dia 06 de dezembro de 1996, décimo oitavo de Nosso Pontificado.

Johannes Paulo II

DE MALAS PRONTAS PARA A ETERNIDADE

Ao iniciar sua última entrevista, com um sorriso nos lábios diante da estupefação do biógrafo, sugeriu que este capítulo levasse o título *de malas prontas para a eternidade*, como se estivesse pronto para mais uma de suas freqüentes viagens pelo mundo ou mesmo sua última e definitiva transferência.

COMO PESSOA HUMANA

Trilhar *uma vida por Cristo em Sua Igreja*, como pessoa humana, em Frei Boaventura Kloppenburg é realmente uma empreitada fascinante.

No prefácio enfatiza que pelo batismo havia recebido *a participação na natureza de Deus, a filiação divina, as virtudes infusas e os dons do Espírito Santo. Mas só em semente e não como fruto maduro*. Assim, ao ser batizado, iniciava *uma vida por Cristo em Sua Igreja: tudo devia crescer e amadurecer pouco a pouco, durante longos anos, não miraculosamente, mas de modo natural*.

Com o temperamento se nasce. É como que imutável. O caráter se forma. É uma ação permanente. A identidade é fruto da educação, é obra pessoal, com a ajuda da Graça.

Recorda o Frei ainda, quando as Irmãs do Colégio de Rolante preparavam muito bem as crianças para a primeira Eucaristia. Aprendiam as principais orações, decoravam as respostas e ensaiavam a primeira confissão. Uma das Irmãs fez lembrar ao neo-comungante que devia se dominar quando ficava irado. Chegou a lhe mostrar num pequeno espelho o rosto enrubescido de brabeza, o que fez com que o pequeno Josef reagisse, caindo o espelho pelo chão. Ainda hoje reconhece ser do seu temperamento a primeira reação de colérico diante de algo adverso, sentindo imediata necessidade de se dominar e controlar a irascibilidade.

Aprendeu cedo a dominar-se. Não escondia seu temperamento, que o fazia um apaixonado *por Cristo em sua Igreja*. Há em suas memórias uma curta anotação, no **Diário 15**, de 27-6-1985, ao retornar de um Colóquio Internacional sobre as Sobrevivências Religiosas Africanas no Caribe e na América Latina, em São Luís do Maranhão: *Mas sinto-me também menos agressivo e mais perplexo, sem saber ainda que fazer ou aconselhar. Não agredir faz parte da mentalidade dominante, à qual não posso fugir, mas da qual, talvez, seja vítima. Não vejo, na verdade, como ser coerentemente cristão sem agredir religiões não cristãs com elementos diretamente contrários aos princípios cristãos*.

Na correspondência de 25-7-1947, o superior provincial da OFM, Frei Ludovico Gomes de Castro, deu-lhe dois conselhos paternos: *“Seja firme, mas sempre cortês”* - *“Deus o acompanhe e o conserve humilde e bom”*. Na carta de 7-11-1947, o mesmo padre provincial pincelou o retrato do seu interior:

Meu caro, se me é permitido dar um conselho: Conheço seu temperamento vivo e um tanto arrebatado. Seja simples. Procura a verdade sem receio algum, mas jamais faça da ciência campo de propaganda ou trampolim para a vida, para o eu. Seja humilde na vida religiosa. Não critique os costumes de outras terras e outras gentes. Abra os olhos, saiba calar-se! Você escreveu certas novidades menos airosas para os que o cercam. Seja discreto. O verdadeiro valor se impõe. Na resposta, 12 dias depois, ele agradeceu os conselhos e admoestações.

Noutra carta, de 29-4-1948, Frei Ludovico voltou a lhe dar recomendações: *Procure a Verdade e o Bem com simplicidade e naturalidade sem complexos de megalomania ou de inferioridade. Deus o guarde e abençoe*. Na de 23-10-1948, o aconselhamento foi mais breve: *Veja que aproveite bem o tempo e seja bom franciscano*.

Pretendendo concluir o Doutorado na Universidade de Estrasburgo, o superior Provincial convenceu-o a permanecer em Roma, consoante a carta de 3-8-1949: *Nada de pessimismo cansado e estéril. Sempre avante com humildade convicta, com prudência, com perseverança!*

No seu último ano de estudos em Roma, novamente recebe do superior provincial nova dose de orientações paternas, na correspondência de 9-2-1950: *Gosto mesmo que colabore em todas as Revistas. Seja apenas sincero e humilde*. Novamente, em 4 de abril: *aproveite bem o tempo para ver e aprender. Não sofra indigestão com tantas impressões. É necessário digerir e assimilar. Faltando a harmonia no homem, surge imediatamente o extremismo. O pior é que então nem o percebemos como sendo extremismo, pois, corresponde às tendências da natureza unilateral. Não acha que tenho razão? Bem, deixemos a filosofia e procuremos a vida verdadeira, integral como São Francisco no-la soube apontar*.

Na última carta do padre provincial ao Frei Boaventura, antes da defesa da tese de Doutorado, em 30 de maio, novos lembretes: *Não se esqueça, porém, meu caro Frei Boaventura, que a vida não é uma aula, é uma arena, é luta pela felicidade verdadeira, natural e sobrenatural. Não existe o status naturae purae*

como você bem frisou em sua carta ao Frei Fidelis (Vering). *Ciência, vida, piedade devem entrosar-se para a harmonia da felicidade. Seja feliz nos exames e procure ser sempre um bom franciscano.*

Em carta à sua mana Irmã Régis, quase sete anos mais jovem, em 18-3-1950, Frei escrevia: *Você entre as freiras deve ser o que eu sou entre os frades: L' enfant terrible!*

Imbuía-se de pensamentos e sentimentos de muita humildade na véspera de defender sua tese de doutoramento. Em carta dirigida à Irmã Régis, em 11-12-1949, escreveu: *Para a defesa de minha tese de Doutor em Teologia estás convidada a comparecer e a compadecer-te deste paupérrimo ignorante e idiota. Nunca encontrei uma palavra que mais fielmente descrevesse como essa: imbecil! Eis a minha realidade. Referia-se às naturais limitações de sua capacidade, falta de memória e constante necessidade de se aplicar ao estudo e leitura. Entretanto, depois de muitos anos, tinha também consciência do preparo, dedicação, capacidade e responsabilidade na liderança entre teólogos, segundo deixou entrever à Irmã Régis, na missiva de 12-9-1982: *Dou graças a Deus por tantos estudos que fiz no passado. Agora, a todo momento me pedem a palavra. Geralmente a cada tema que me pedem corresponde algum estudo que já fiz há anos. E assim estou preparado para "improvisar", como pensa a gente, mas na realidade não é nada improvisado: há tempo que foi estudado e meditado. Agora surgem as oportunidades para aproveitar.**



Com seu primo Dr. Bernard Brockmann, notário, advogado e escritor.

O burel franciscano Frei Boaventura sempre vestiu impecavelmente. Era como que seu fardamento, o traje preferido, na medida certa, bem asseado, com o capuz alinhado e o cordel alvíssimo. A sandália n.º 42 deixavam ver seus pés limpos, com dedos salientes e unhas aparadas. Em muitas circunstâncias devia substituir as sandálias por sapatos.

Uma descrição física de Kloppenburg encontramos até no jornal espírita de Franca, SP, **A Nova Era**, de 31-5-1960, p. 4: *figura extremamente simpática; alto, moreno, cheio de corpo, apolíneo, rosto rosado, olhar castanho claro, penetrante através de óculos de lentes grossas, palavreado simples, expressão fácil e escorreita, tom de voz suave e agradável, embora ligeiramente rouquenho, profundamente versado nos assuntos que aborda, torna-se um orador que prende o auditório encantadoramente. Por isso, foi com excepcional enlevo que o ouvi.* O autor, Aleixo Victor Magaldi, publicou três reportagens nesse jornal sobre as conferências.

Permanentemente procurou atualizar-se no espírito de São Francisco de Assis, referindo-se à Ordem dos Frades "Menores". *No dia de São Francisco fizemos uma festa bonita* - escreveu à Irmã Régis, em 18-10-1979. - *Todos os sete franciscanos (mais oito franciscanas) estávamos o dia inteiro de hábito. Presidi a santa missa e falei sobre o modo como São Francisco havia resolvido o problema do estudo para os irmãos que ele queria "menores": contanto que não percam o espírito de oração e devoção.*

Para festejar seu 60º aniversário, rezou a missa solene de ação de graças, na igreja de Molbergen, em 1-11-1979. À noite, no encontro das famílias Kloppenburg-Westerkamp, Dr. Bernhard Brockmann fez uma "laudatio", como consta no **Diário 14**. Parte desse discurso do renomado advogado e escritor de Vechta se encontra transcrito no livro de Karl Tabeling, **Sippe Westerkamp**, p. 101. Baseando-se na amizade e

conhecimento de 20 anos, o orador se dá o direito de destacar em Frei Boaventura, sem exagero, aliadas à sua vasta erudição e imensa e clara capacidade intelectual, quatro qualidades:

1. uma profunda piedade e rica vida interior,
2. por natureza de bom coração, de olhos abertos e ouvido atento às preocupações e necessidades alheias,
3. autêntica modéstia, fundada num saudável conhecimento de si mesmo,
4. Humor fino, engenhoso, aliado à ironia crítica de si mesmo.

O rumo que Frei Boaventura projetou em direção *por Cristo em Sua Igreja* exigia dele constante vigilância, mesmo com 67 anos de idade, segundo ele próprio se descreveu numa das últimas cartas à Irmã Régis, em 10-8-1986, preparando-se para a posse como bispo de Novo Hamburgo, pedindo-lhe orações: *Suplicai a Deus seja manso no ímpeto. Sou tentado pela impaciência: pedi para que saiba esperar os ritmos da Providência. Acompanham-me as sombras da imperfeição humana: rogai para que seja santo no viver. Sou um tanto introvertido: rezai para que tenha um feliz entrosamento com meus colaboradores imediatos, os padres. Há situações que me deixam triste: implorai alegria interior para minha alma. Posso ser indeciso: solicitai os dons da sabedoria e da fortaleza. Acontecem momentos de perplexidade: orai pelo dom do discernimento, o mais importante de todos. Circunstâncias sociais, econômicas ou políticas pedem de mim um pronunciamento ou gestos concretos: gritai a Deus para que jamais seja arrastado por ideologias humanas. Pode haver êxitos positivos: glorificai e louvai ao Senhor por todos os benefícios que possa fazer por meu intermédio. Rezai sobretudo para que seja sempre simples, manso e humilde de coração, bondoso e caridoso, sem guardar rancores, capaz de perdoar e esquecer ofensas, sem jamais me enaltecer ou orgulhar, sabendo sempre que tudo o que é bom vem de Deus, porque vocês assim pediram e rezaram.*

ESPORTE E LAZER

Em períodos de descanso e de férias procurava distrair a mente, preservando a saúde e evitando o estresse. Algumas horas de praia, banhos em rio e em piscina familiar, percorrer bibliotecas, igrejas e museus, visitar amigos e familiares ou parentes eram formas de recobrar energias. Nas horas de recreio e lazer em comunidades ou em companhia de amigos, participava de rodadas de baralho, onde sua memória e perspicácia lhe davam grandes vantagens.

Em períodos de férias, muitas vezes, gostava de pescar com anzol em rios e lagoas, bem como caçar, onde e quando a lei permitia. A pesca com amigos ocorria mais em Rolante, enquanto pequenas caçadas de lebres e perdizes aconteciam em Hulha Negra.

Estando em certa ocasião entre seus parentes na Alemanha, acompanhou uma “caçada ruidosa” (Treibjagd), em Westrum, com a presença de uns 20 caçadores em forma e uniforme e uns 10 tocadores (Treiber). Também eu me meti num uniforme de caçador, armado com uma espingarda calibre 16 e trinta cartuchos, anotou no **Diário 10**, em 6-12-1973. Dos 45 faisões, coube-lhe abater dois, o que só podia fazer estando a ave em vôo.

Frei Boaventura é grande torcedor do Grêmio Futebol Porto-alegrense. Ao perder o título de campeão, sua Irmã Régis havia lhe mandado uma carta de lamentações e gozação, o que foi devidamente respondido, em 20-2-1979: *Agradeço a Certidão de Óbito sobre o Grêmio. Mas isso não significa nada para um cristão como eu: creio na ressurreição...*

Em carta de 15-5-1981 à Irmã Régis: *Alegrou-me tua notícia sobre os triunfos do Grêmio e a obrigatória torcida dos colorados. Aqui não fico sabendo estas coisas - pois residia em Medellín, na Colômbia.*

Foi também em Medellín, num domingo à tarde, que assistiu numa arena a *uma corrida ou matança de touros. Dizem que esteve muito bom. Não gostei. O touro se pôs literalmente de joelhos diante do toureiro, com a boca aberta, a língua de fora, já todo ferido e mortalmente cansado, olhando para o matador com uns olhares de súplica para pedir compaixão e misericórdia. E o homem foi encima dele, maltratando e provocando. Não posso esquecer o olhar daquele touro. Era o choro da natureza.*

Ao se aposentar, procurou unir o útil ao agradável, mesmo com investimentos de seus recursos pessoais. Na área dos fundos do antigo bispado, onde permanece residindo, construiu uma pequena piscina, a ser inaugurada na festa familiar dos seus 80 anos. A conselho médico, devia tomar todos os cuidados para manter saudáveis seus pulmões e todo o seu organismo, praticando natação e exercícios físicos.

IRMÃ JOSEFINA OU IRMÃ RÉGIS OU FINCHEN

Quem examina o arquivo de correspondência recebida de Frei Boaventura percebe de imediato que ele tem o hábito de responder logo às cartas, datando-as com rubrica, junto à data da expedição. São centenas de correspondências.

Entretanto, a pessoa com quem mais se correspondia era sua mana, Irmã Maria Régis, sete anos mais jovem que ele. O fato tem sua razão de ser.

Nasceu Josefina Kloppenburg, em Rolante, a primeira das três brasileiras. Acompanhou sua família em 1932 na migração para a Colônia de Rio Negro, onde iniciou o curso primário, com mais irmãos, na casa paterna, com professor Pedro Reinaldo Bohn, a partir de maio de 1934, fato lembrado pelo seu filho Antônio Vítório Bohn, residente em Lajeado. Ingressou na ordem religiosa das Irmãs Franciscanas, como juvenista, no Ginásio Espírito Santo, em Bagé, onde tomou o nome religioso de Irmã Maria Régis.

Em carta de 23-5-1948, congratulando-se pela profissão religiosa, Frei Boaventura brincou com sua nova identidade religiosa *Irmã Maria Régis de Jesus Eucarístico* e mais *Josefina Westerkamp Kloppenburg*, sugerindo acrescentar *da Costa Barros*, por ser descendente de Adão, feito de “barro”, e de Eva, da costela de Adão...

Em São Paulo, se formou enfermeira de alto padrão, em nível superior, assumindo serviços, magistério e curso de enfermagem no hospital de Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre. Atuou nos hospitais de Santa Cruz do Sul e de Estrela. Foi enfermeira e diretora do Hospital dos Hansenianos de Itapoã. Atualmente atende as Irmãs idosas em São Leopoldo. Depois de cursar o Instituto de Pastoral de Medellín, assumiu a Pastoral da Saúde, na diocese de Novo Hamburgo.

Faz parte da vida religiosa rezar pela Igreja, seus sacerdotes e pessoas consagradas a Deus. Irmã Régis Kloppenburg, igualmente conhecida por Irmã Josefina, seu nome de batismo, ou, entre irmãos e sobrinhos, simplesmente como Finchen, em 1948 ingressou na congregação religiosa das Irmãs Franciscanas. Desde jovem concentrou em Deus suas preces e trabalho, de modo muito especial pelo seu irmão Frei Boaventura, mormente nas décadas de 1970 e 1980.

Tomando conhecimento pelas cartas e pela imprensa que seu mano era como que “*sinal de contradição*”, tão criticado e, ao mesmo tempo tão aplaudido por bispos, padres e religiosos, intensificou uma vida de doação e mesmo de jejum, o que seu próprio irmão não aprovou, segundo carta de 27-9-1983: *Escreves que até jejuas por minha causa. Não faça isto! Coma, pois assim mesmo não comes demasiado. Se estivesse gorda, vá lá, mas não estás. Escreves também: “Eu estou começando a me isolar de tudo. Não posso ouvir as críticas que te fazem”. Nem faça isto! Nada de isolar-te. Onde já se viu? As críticas que me fazem, não me molestam muito. O papa também é criticado. E como! Mas ele também é louvado. Eu também. Tu deverias ler as cartas que recebo. Quase todas são de total aprovação, aplauso e apoio.*

Quando a Congregação das Irmãs Franciscanas entregou a administração do Hospital Estrela, também a Irmã Régis foi transferida. Comunicou a notícia a seu irmão. Em resposta, a 4-12-1986, o bispo de Novo Hamburgo, lhe apresentou uma solução: *Com tua carta me veio uma idéia luminosa: tu serás a coordenadora diocesana da Pastoral da Saúde! E para isso te ofereço hospedagem aqui mesmo no Bispado. Havia antes uma Irmã Rosa (a japonesa), que residia aqui, mas agora voltou para São Paulo. Ela também ajudava Dom Sinésio em suas coisas pessoais. Tu poderias ocupar o quarto dela, que é bom, com banheiro (assim me disseram, se ouvi bem, pois não ouço sempre bem e perco 32% das palavras), e, além de coordenar a Pastoral Diocesana da Saúde, coordenarias a vida do bispo. Rezaríamos juntos as horas litúrgicas, celebraríamos juntos a santa missa, etc. Ainda não tenho “minha capela” doméstica. Tu organizarias esta capela do bispo e nela nos encontraríamos várias vezes ao dia ou nos dias em que aqui estiver (de fato quase todos os dias da semana). Que te parece?*

E assim de fato aconteceu.

Irmã Régis é que conhece muito bem seu irmão, também suas fraquezas e limitações humanas. Quando doente, submetendo-se a hospitalizações, cirurgias, recuperações, tratamentos intensivos, constantes medicações e cuidados permanentes, às vezes Frei Boaventura perde a calma. Ou reage com certa violência, o que a Irmã Régis sabia contornar em todas as circunstâncias. Raras vezes a xinga, não querendo tomar na hora certa os medicamentos prescritos por receita médica. Reluta em interromper sua concentração e trabalhos para se submeter a procedimentos de enfermagem. E quando sai alguma xingação em dialeto oldemburguês Finchen fica rindo, tudo levando na brincadeira.

Para melhor acompanhar seu estado de saúde, Irmã Josefina veio transferir-se para o Bispado e *encarregar-se da Pastoral da Saúde na Diocese* - documentou no **Diário 17**, em 3-4-1991. - *Arrumamos para ela um quarto especial no andar térreo. Assim terei mais perto de mim meu anjo de guarda.*

Atualmente, passa seus fins de semana com Frei Boaventura, sempre controlando seu estado de saúde.

TÍTULOS E CONDECORAÇÕES

O diretor da Escola Naval, do Ministério da Marinha, Contra-Almirante Alexandrino de Paula Freitas Serpa, em 3-10-1967, convidou Frei Boaventura Kloppenburg para receber, em cerimônia programada para o dia 13 do mesmo mês, na Escola Naval, a **Medalha e Diploma de “Amigo da Marinha”**, com que foi distinguido pelo Diretor Geral do Pessoal da Marinha.

Várias cidades e municípios reconheceram o trabalho e dedicação de Frei Boaventura em suas comunidades. Em 18-12-1967, entrou na Câmara Municipal de Petrópolis o projeto que lhe concedeu o título de **Cidadão Petropolitano**, como *“renomado escritor, grande orador sacro, poliglota, e diretor da Editora Vozes de Petrópolis. Considera-se o maior enamorado da cidade de Petrópolis, a quem dedica especial carinho. A concessão dessa homenagem, data vênua, é uma retribuição dos excelentes serviços que vem prestando à comunidade petropolitana, com abnegação, denodo e carinho.”* É o texto da “Justificativa” que acompanhou o projeto de lei.

Um dia após a sua ordenação episcopal em Rolante, a Câmara Municipal de Vereadores da mesma cidade conferiu, com aprovação unânime, o título de **Cidadão de Rolante** a Dom Boaventura, por ter lá fixado sua primeira residência ao emigrar para o Brasil, iniciou a escolarização, a vida seminarística, foi sagrado bispo e presidiu inúmeras celebrações eucarísticas.

O Governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, enviou um telegrama a Dom Boaventura, recebido em 11-3-1983, no qual comunicou ter assinado um *decreto nomeando-o para Ordem do Mérito Bahia, Grau de Comendador, justo reconhecimento pelo seu valor e serviços prestados ao Estado*”. O ato público foi marcado para o dia 14. *Terei que conversar sobre isso com o Cardeal, para saber se é conveniente aceitar* - ponderou no **Diário 15**. Com sete meses atuando em Salvador, o bispo auxiliar foi alvo de homenagens públicas no Palácio da Aclamação, sendo-lhe entregue na solenidade a condecoração. *Sou comendador! Mas não sei para que* - questionou-se nas suas memórias, no mesmo dia 14.

Dom Boaventura considera as forças armadas como instituição, permanente e regular, necessária à Nação. Em 19-6-1984, foi para Rezende, na Academia Militar de Agulhas Negras, o maior centro militar do Brasil, promover a Páscoa para 12.000 pessoas. *Lá há 1.700 cadetes e uns 400 oficiais* - informou em carta de 8-7-1984 à Irmã Régis. - *O General Comandante (filho do Marechal Denys) deu um lindo exemplo de católico praticante. Os militares estão muito descontentes com a atitude da Igreja aqui no Brasil com relação aos militares, considerados agora “opressores”. Mas eles sentiram minha pregação como um alívio.*

Pelo telegrama de Brasília, assinado pelo General Lima e recebido em 29-7-1984, tomou conhecimento de ser admitido, por decreto do Presidente da República João Figueiredo, no Corpo de Graduados Especiais da Ordem do Mérito Militar no grau de Oficial, acolhendo proposta unânime do Conselho da Ordem do Mérito Militar. Ao inserir em seu **Diário 15** a informação, ele se pergunta: *Estão querendo os militares envolver-me? Ou será uma simples maneira militar de agradecer as pregações que fiz na Academia Militar de Agulhas Negras? Recebi de muitos militares felicitações pelo livro “Igreja Popular” e pelos artigos que estou escrevendo para o “Jornal do Brasil”. Eles percebem em mim uma atitude anticomunista. E isso está correto. Talvez seja por isso. Eles se sentem abandonados por setores da Igreja e se sentem apoiados por mim. Ainda correto. Se por isso querem agradecer-me, nada tenho a opor.*

O mesmo conteúdo do telegrama também foi-lhe transmitido pelo Comandante do IV Exército, General Jorge Sá Freire de Pinho, em correspondência de 3 de agosto. Por essa razão, quatro dias depois, escreveu uma carta ao Presidente da República *para agradecer seu gesto, rogando ao Espírito Santo que Vos dê luz e vigor para que possais conduzir com sábia determinação os destinos deste nosso imenso Brasil até o final de Vosso mandato como Presidente da Nação.*

Kloppenburg recebeu a resposta do Presidente Figueiredo em carta de 4-9-1984, comunicando ter sancionado *o ato que lhe conferiu a Ordem do Mérito Militar como reconhecimento do Governo pela constante e incansável luta de Vossa Excelência Reverendíssima na defesa dos mais puros e legítimos valores cristãos.* Com toda a certeza entre os *“mais puros e legítimos valores cristãos”* ficaram soterrados,

nos porões da dor e bem encobertos, os métodos empregados na tortura e assassinato de centenas de presos políticos pela ditadura militar.

O título foi outorgado em 25-8-1984, na solenidade do Dia do Soldado. *Mas isso não significa que me deixarei envolver pelos Militares - alertou em carta de 29-7-1984 à Irmã Régis. - Com isso, terei entrada franca no meio militar para anunciar-lhes a salvação cristã. Assim o entendo e aceito. Pois a atual atitude hostil da Igreja no Brasil contra os militares (tipo Alex) não é cristã.*

Em 31-5-1990, a Câmara Municipal de Vereadores de Novo Hamburgo conferiu ao bispo o título de Cidadão de Novo Hamburgo.



Na outorga do Troféu Gaúcho Honorário 1997; Atílio Ancheta, Frei Boaventura Kloppenburg, Irmã Libéria Lumassegger, vice-governador Vicente Joaquim Bogo, Fernando Paula Manta, Sheun Ming Ling e Luiz Braz.

A RBS promoveu uma homenagem a sete pessoas na noite de 12-11-1997, no Theatro São Pedro. O Troféu Gaúcho Honorário 1997 foi concedido a Atílio Ancheta, Frei Boaventura Kloppenburg, Irmã Libéria Lumassegger, vice-governador Vicente Joaquim Bogo, Fernando Paula Manta, Sheun Ming Ling e Luiz Braz, todos nascidos em países ou Estados diferentes. A homenagem vem sendo dada desde 1973 a pessoas de grande destaque e que contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul.

Em 20-8-1999, em Canela, RS, o Conselho Nacional Serra do Brasil prestou-lhe uma homenagem, pela idéia inicial do Serra-Clube. Recordou ter visitado a Ordem dos Cavaleiros de Colombo, em 14-1-1958, em New Haven, Nova Iorque, para *estudar a possibilidade de introduzir esta organização no Brasil* – como está no **Diário 1**. – *Propus a questão em nome do Secretariado Nacional de Defesa da Fé, portanto, de um modo oficial.*

O Conselho Universitário da Unisinos, na reunião de 30-8-1999, aprovou a concessão do título de Doutor Honoris Causa a Frei Boaventura, a ser conferido no dia do seu 80º aniversário.

Em 1-9-1999, recebeu da Unisinos a comunicação de que lhe será conferido pelo seu 80º aniversário o título de Doutor Honoris Causa.

VOTO DE POBREZA

Como religioso, Frei Boaventura também fez o voto e viveu em espírito de pobreza.

Encontramos muitos registros em suas memórias, onde entrega aos superiores dinheiro e bens recebidos por conferências, aulas e salários. Por exemplo, arrolou todas as contribuições que havia recebido nos 35 dias de conferências e palestras, em 11 cidades, totalizando Cr\$ 56.790.000, mais um relógio de ouro e uma estátua de Nossa Senhora Aparecida. *No dia 15-4-1960, entreguei tudo isso ao R. P. Guardião* - está no seu **Diário 2**.

Talvez sob o aspecto financeiro, seu maior lucro teria sido os direitos autorais de 70 livros, vários com diversas edições ou traduzidos em outras línguas e publicados noutros países. Não reteve direito autoral de nada.

Para se entender o que pensava da pobreza, especialmente da “pobreza franciscana”, Kloppenburg tentou dar o conceito, expresso em seu **Diário 8**, sobrevoando os céus de Medellín a Bogotá, em 6-9-1970, depois de ter falado a 150 filhos e filhas de São Francisco: *Lamento o uso atual da palavra “pobreza”, que, em seu ideal evangélico, não tem sentido para nós hoje. Pobreza, agora, é sinônimo de miséria. Eu não fiz*

um voto de miséria; nem jamais faria; nem vejo motivos que o justifiquem. Em vez de pobreza, prefiro “minoritas”, que me parece ser a tradução mais fiel do “anawim” hebraico. Falei então destes dois pontos: 1. Que o ser humano é colocado por Deus, neste mundo inacabado, para ser seu dominador, mediador e sacerdote; e que, portanto, Deus se compraz em sua criatura realizada e não no homem irrealizado e miserável: quanto mais o homem se realiza como tal, tanto mais Deus está presente ou imanente. 2. Mas ao mesmo tempo este mesmo ser humano realizado, diante de Deus deve ser pequeno, humilde, aberto, confiante. Insisti na necessidade de favorecer a capacidade de admiração e contemplação. É o “anawim” da Bíblia. Este, parece-me, é o grande ideal, ao mesmo tempo plenamente humano e cristão. É dentro deste ideal que se deve colocar também o franciscano.

As múltiplas atividades “profissionais” de Frei Boaventura, autor de dezenas de livros, artigos de fundo em revistas especializadas, em constantes viagens para conferências, palestras, retiros e encontros, fizeram com que vivesse o voto de pobreza de forma peculiar, mas sempre em conexão com seus superiores maiores. Quando em agosto de 1980 foi lançado o livro **Sippe Westerkamp**, crônica genealógica da linha materna de Frei Boaventura, solicitou que seu irmão Francisco representasse toda a família Kloppenburg. *Prometi pagar-lhe a viagem - escreveu à Irmã Régis, em 30-4-1980. - Sou um tanto independente em minha vida religiosa e assim disponho de dinheiro. Creio que não estou abusando. Aliás, na semana passada esteve aqui o nosso novo Padre Geral. Passou uma noite no Instituto. Foi possível falar com ele muitas coisas. E lhe falei também desta minha situação particular a serviço da Igreja, que ele aprovou e abençoou.*

Quando em 1983 o polêmico livro **Igreja Popular** teve sucessivas edições, Dom Boaventura comentou sobre os seus “lucros”, em carta à Irmã Régis: *Ontem (24 de agosto) um editor me propôs fazer uma nova edição do livro, com 30 mil exemplares, prometendo-me dez milhões de cruzeiros (em torno de 103 salários mínimos). Não aceitei. Não recebi nenhum tostão por tudo isso. E nem quero fazer disso um negócio. Mas assim é o mundo.*

CELIBATO POR CRISTO

Nos 19 volumes de seu **Diário** e pastas de correspondências são raras as referências à sua vida celibatária e ao voto de castidade. Se a graça do sacerdócio e vida de continência como religioso supõem a natureza apropriada para a vida de solteiro e pureza de vida, seu exercício necessita de vigilância constante, renúncia permanente e muita oração.

O capítulo **Feliz loucura de amor**, do seu livro **Fidelidade entre Sombras. Orientações Pastorais** (Editora Vozes, 1994), serve de fonte para se conhecer o que pensa Frei Boaventura sobre o celibato dos sacerdotes. Declara colocar-se decididamente *do lado daqueles que desejam que o celibato seja uma opção pessoal e livre*. Pois, argumenta, *uma imposta renúncia ao casamento não seria nem humana nem cristã*. Mas não ignora que a renúncia ao matrimônio é testificada no Novo Testamento como autêntica, elevada e santa possibilidade da existência cristã (**MT** 19, 10-12; **1Cr** 7, 32-36). E quando o Senhor Jesus anunciou a possibilidade do celibato por amor de Deus, declarou também que *nem todos são capazes de compreender estas palavras, mas só aqueles a quem é concedido (Mt 19, 11)*. De fato, *o celibato é um capítulo da teologia que não pode ser comunicado da cátedra por raciocínios teológicos*, ou pelas conversas habituais nas reuniões de padres: *é e será sempre parte de uma teologia que se ajoelha e reza*.

Procurar o Reino de Deus e sua santidade vale para todos - argumenta na citada obra; - *alguns, porém, terão a missão de, em santa ousadia e dedicação, irem ao extremo de renunciar ao seu destino humano de plena realização sexual. Estará assim desimpedida toda a força vital do homem para se dedicar ao serviço de Deus e de seu reino “sem divisão” e “sem distração”, como se exprime São Paulo (1Cr 34, 35). São os que receberam o dom de “compreender” o valor daquela renúncia e de engajar-se nesta vocação.*

O sentido da lei eclesiástica do celibato é este: só serão ordenados padres os que, por um especial carisma divino, fizeram uma autêntica e responsável opção pessoal e livre pelo celibato cristão. *Por esta lei não se quer que os padres renunciem ao casamento, mas que celibatários por amor de Deus se tornem padres. A Igreja ensina a distinção entre celibato e ministério e afirma que a renúncia ao matrimônio não é exigida pela natureza do sacerdócio. A união jurídica entre ambos não provém de uma necessidade teológica, mas de conveniências pastorais.*

É certo que há padres com problemas por causa do celibato, como há gente casada com conflitos por não estarem preparados para o casamento. Mas ter problemas, faz parte da vida humana. Em qualquer profissão é preciso cumprir árduos deveres e suportar a monotonia do cotidiano. O pó da rotina atinge tudo, até mesmo uma vida feita só de brincadeiras. *Não são poucos os casamentos que malogram e terminam em*

adultérios. A dor e o contratempo fazem parte da vida humana. Nesta terra toda sinfonia permanece inacabada. Padres que procuram evasão no matrimônio não demoram em descobrir que, para não fracassarem também no casamento, tinham que praticar virtudes com as quais poderiam ter feito de seu celibato uma vida cheia de sentido humano e de amor a Deus e ao próximo.

Kloppenburg ensina que *é preciso entender que o celibato cristão por Cristo em sua Igreja é sempre e permanecerá constantemente uma dádiva ou um carisma. Não o possuímos desde o seio materno e por isso não podemos tirá-lo de nós mesmo. Nem o recebemos de outrem, nem mesmo da Igreja. Não há sacramento instituído pelo Senhor para comunicar-nos este carisma. Nem podemos adquiri-lo mediante esforços ascéticos naturais. Não será também o resultado de belas meditações sobre as palavras e o exemplo do Senhor Jesus. É simplesmente um dom de Deus pelo qual somos capacitados para atender ao apelo ou à chamada de Cristo. É a expressão de uma resposta a uma vocação de Deus que nos engaja no serviço do Evangelho. É o testemunho de uma misteriosa obediência a Deus e que deve ser renovado incessantemente na fidelidade à promessa livremente feita.*

Baseados na inspirada afirmação apostólica (**1Cr** 7, 32-35), entendemos que o solteiro por amor a Jesus tem mais disponibilidade para se dedicar com coração indiviso ao Reino de Deus e estar sem distração com o Senhor. Não há dúvida que o conselho evangélico da castidade perfeita liberta de modo singular o coração para o amor a Deus e aos homens. Este tipo de castidade pode então ser entendido como uma jubilosa afirmação do amor e não como sua limitação ou negação.

VOTO DE OBEDIÊNCIA

Eleito Deputado ao Capítulo Geral da Ordem dos Frades Menores, perguntou-se sobre a aceitação do encargo. Pôs-se nas mãos de Deus - segundo o **Diário 8**, em 11-6-1971. - *Estou gostando imensamente do lema do Papa João XXIII: Oboedientia et Pax! Pois a obediência à vontade de Deus traz a paz. E no fundo é isso que precisamos: obedecer à vontade do Senhor. Fiat voluntas tua. E o resto será: Paz, tranqüilidade interior com Deus e consigo mesmo.*

Escreveu à Irmã Régis, em 13-5-1973, comentando tribulações e fofocas internas em comunidades religiosas, envolvendo superiores e súditos: *É a cruz, a inevitável e necessária cruz da vida. Não se esqueça de dizer, à noite: "Gute Nacht ihr lieben Sorgen, I. m. A. bis morgen", "Boa noite, estimadas preocupações... até amanhã"* - como uma receita para não levar pensamentos negativos noite a dentro, entulhando a subconsciência. - *É o jeito, sobretudo quando as causas são fofocas e a consciência da gente está tranqüila. Há mesmo muitas idéias malucas e muita minhoca que o diabo andou semeando por aí. Apesar de tudo quanto alguns nos dizem sobre a inexistência do diabo, creio cada vez mais fortemente que ele não só existe, mas anda por aí, meio solto, como um leão a rugir, procurando a quem devorar; e encontra muito boboca para devorar tranqüilamente. Também por aqui ele anda livre.*

A liberdade que os homens exigem para si é em boa medida também uma liberdade para o diabo. Sei que a liberdade é um grande dom divino e é o núcleo mais precioso de nossa grandeza e dignidade. Mas é também um risco. Porque há liberdade, por isso há também o inferno. Aceito e agradeço a liberdade, mas aceito-a com temor e tremor. A grande arte da vida cristã, parece-me, está nisso: saber viver livremente na obediência a Deus. A liberdade não é um fim, mas um grande meio para viver na obediência. A obediência a Deus é o fim e a grandeza, e a razão de ser de nossa existência. Ao menos é isso que vemos em todos os passos da vida de Cristo. E, às vezes, foi difícil também para Ele ser obediente. Como no Jardim das Oliveiras. Ou na Cruz, quando Ele até mesmo se sentiu abandonado por Deus.

Todas as vezes quando recebia uma nomeação para um novo cargo, conjeturava sobre a importância da obediência. Ainda pertença à geração daqueles que acreditam no milagre da obediência - enfatizou no **Diário 11**, em 1-1-1974. - *O erro, no passado, era a identificação pura da obediência com o correspondente dom do Espírito, sem atender às capacidades, às inclinações e à preparação pessoal e por vezes até um tanto cinicamente contra a inclinação natural, para "mortificar a natureza". Não se tomava a sério o princípio "gratia supponit naturam". A graça ou o dom supõe normalmente a natureza e não a destrui nem o contraria naquilo que tem de positivo e bom. Então a obediência tinha que fazer verdadeiros milagres; e os milagres, por natureza, são raros. Por isso seria talvez melhor falar em "dom da obediência" e não "milagre da obediência". Isto é: a verdadeira e boa obediência, fundada sobre os valores positivos e desenvolvidos da natureza, traz consigo os dons da graça.*

Mesmo que tivesse o desejo pessoal de retornar ao Brasil, entregando a Reitoria do Instituto Teológico-Pastoral do CELAM em Medellín ao seu sucessor, Frei Boaventura ofereceu-se para permanecer no mesmo Instituto como pesquisador, professor e diretor da revista **Medellín**, já que a Comissão Episcopal

tinha dificuldades em encontrar alguém que o substituísse totalmente. “*Pensando no bem comum, no bem da Igreja, a qual Você serve com todo desvelo; pensando nas oportunidades que o Instituto Teológico Pastoral do CELAM oferece; pensando em todo um trabalho em andamento, e não em último lugar, no pedido formal do Secretário Geral Mons. Antônio Quarracino; e tudo isso, reforçado com sua indiscutível vontade de servir, pondo-se franciscanamente à disposição, quero que permaneça no Instituto Teológico Pastoral do CELAM, acompanhando-o assim também o mérito da santa obediência*” - escreveu o superior provincial Frei Basílio Prim, OFM, em 14-11-1980. *Pode parecer um modo de falar ultrapassado. Mas eu acho bonito e exprime a essência da mesma vida religiosa* - comentou no **Diário 14**, em 16 de dezembro.

Foi-lhe importante a obediência não somente relacionado ao voto religioso, professado solenemente. Embora em toda a sua amplitude, a mesma importância dava à obediência, prometida na ordenação sacerdotal e episcopal, à Igreja e sua hierarquia, como ficou manifesto na carta à Irmã Régis, ainda em 30-5-1982, noticiando em primeira mão a eleição ao episcopado: *Aceitei por obediência, porque ainda sou daqueles que acreditam que a obediência faz milagres. Quando me perguntarem, pedi que me mandassem por obediência, no espírito de São Francisco de Assis. É uma obediência voluntária e responsável, como quer o Concílio Vaticano II.*

TRILHANDO O MESMO CAMINHO

Se a vida for comparada a uma longa peregrinação, os que trilham o mesmo caminho acabam unindo forças, nem que por vezes se desencontam. Peregrinar em companhia, afinal, pode servir como meio para o crescimento na vida espiritual, intelectual e profissional, pois “*O amigo fiel é um bálsamo de vida e de imortalidade, e os que temem o Senhor acharão um tal amigo*” (Eccles 6,16). Desde o Noviciado, Frei Boaventura Kloppenburg e Frei Evaristo Arns cultivavam uma sólida amizade. Ambos, em Universidades e ramos diferentes se especializaram

Em Petrópolis, em 22-10-1970, historiou no **Diário 8**: *Hoje, ao meio dia, fui surpreendido, pelo Repórter Esso, com a notícia da nomeação de Frei Paulo Evaristo Arns, OFM, para arcebispo de São Paulo, para substituir o Cardeal Rossi, que foi transferido para a Cúria Romana. Alegrou-me a notícia, porque Frei Evaristo foi meu colega de curso e amigo íntimo. Creio que posso dizer que, até hoje, ele foi meu único amigo de verdade. Recordo-me com saudades dos anos em que, aqui, vivemos juntos. Vinha ele passar os domingos à tarde comigo, quando tinha instalada a Redação da **REB** lá no morro. Tomávamos chimarrão, fumávamos charutos e, sobretudo, conversávamos a tarde inteira. Quando ele foi embora, comecei a sentir a solidão. Aliás, tive culpa nisso. Pois certo dia, na Nunciatura, eu o indiquei como candidato excelente para o Episcopado. E pouco depois foi nomeado. Ele não quis aceitar e me consultou. E eu o forcei a aceitar. Mas agora subiu demais, a jato. Em breve será Cardeal (eleito em 2-2-1973). Que Deus o abençoe e lhe dê mão feliz, firme e calma no difícil leme da nau de São Paulo.*

Para a posse em 1-11-1970, Dom Evaristo Arns convidou Frei Boaventura. O convite foi aceito. O novo arcebispo lembrou-lhe a brincadeira de um pacto feito entre nós dois: *quem primeiro ficar bispo vai chamar o outro para auxiliar. A vez foi dele. Mas foi brincadeira. Frei Evaristo foi a única pessoa que eu realmente considerei como amigo. Não havia entre nós dois segredos. E quando ele foi nomeado bispo, em 1966, foi a mim que ele consultou. Fique isso entre nós dois. Revelo isso, apenas para mostrar o ponto de confiança, confidência e intimidade que reinava entre nós dois* - confidenciou à Irmã Régis, em 11-9-1983, lamentando a situação de mal-estar criada com o lançamento do livro **Igreja Popular**, em São Paulo, sem intenção de ofender o Cardeal Arns, - *pois, repito, publiquei aquele livro a pedido expresso do próprio papa. E foi o papa que sugeriu que fosse enviado a cada bispo do Brasil, ficando as despesas por conta dele! No Vaticano, na verdade, desconfiam agora muito do Frei Evaristo. Estão fazendo sindicâncias sobre ele e sobre sua influência nos padres do Brasil.*



Colega Frei Evaristo Arns, em Paris, em 19-3-1948

Cartas de desabafo a amigos nem sempre ficavam entre os amigos. Numa reunião na III Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla, *um incidente desagradável se deu hoje com o pobre do Mons. Alfonso López - segundo o Diário 14, em 2-2-1979: - uma carta particular dele a Dom Luciano Duarte apareceu publicada num jornal de ontem chamado "Uno más Uno". Nesta carta Mons. López escreve o que pensa de Frei Leonardo Boff, do Padre Arrupe e do Cardeal Pirônio. Eu não li o texto. Quem me contou foi o Sr. Núncio na Colômbia. Alguns acham que Mons. López deveria renunciar. Não se sabe como a imprensa recebeu o texto, que estava gravado num cassete. São as intrigas de baixa categoria. Se publicassem certas cartas que eu escrevi, deveria renunciar também... Quem não escreve cartas de desabafo a amigos?...*

CONSERVADOR OU PROGRESSISTA?

Foi com o Concílio Vaticano II que se delinearam duas posturas de pensamento teológico e ação pastoral dentro da Igreja. Primeiramente foram nas comissões preparatórias e, já nas primeiras Congregações Gerais do próprio Concílio, explodiram-se as posições dos conservadores e dos avançados ou progressistas, o que se estendeu abertamente por toda parte no longo período pós-conciliar.

A leitura de seus cinco volumes de crônicas conciliares revela nitidamente sua abertura para o "aggiornamento". Após a publicação do primeiro volume e da **REB**, edição de dezembro de 1962, conservadores do clero brasileiro ficaram espantados com o que poderia vir no segundo volume. Embora a Nunciatura Apostólica do Brasil, em 28-8-1962, pelo Of. N.º 30.266, comunicasse a Frei Boaventura que o Papa João XXIII havia recebido *com vivo agrado a devota homenagem do seu livro "Concílio Vaticano II" recentemente publicado*, meio ano depois, em 27-2-1963, um telefonema da Nunciatura marcou um encontro dele com o Núncio Apostólico, o que durou uma hora. O assunto foi confidencialmente relatado em carta, no dia seguinte, ao Arcebispo Dom Vicente Scherer. O Núncio lhe informou *que recebera muitas cartas de Bispos, protestando contra publicações de fatos reais que ocorriam durante o Concílio, sugerindo que proibisse a publicação do meu II volume*. Declarou o Núncio *que também ele se considerava "progressista", no que acredito*. Depois de confessar ter passado *um dos momentos mais amargos de minha vida*, Kloppenburg prosseguiu: *- Esta manhã me disse nosso vice-provincial, Frei Evaristo Arns, que é também meu amigo e colega de curso, que eu pedisse a V. Excia. um prefácio para o II volume - como de fato aconteceu*.

Quem lê, por exemplo, na edição de agosto de 1967 da revista colombiana **LA HORA**, a reportagem exclusiva de Frei Boaventura, com a manchete **El "escándalo" del Concilio**, chega a algumas conclusões. Há dois riscos antagônicos entre si: ou permanecer no Concílio Vaticano I, ou avançar já para o III. A posição sem risco é a do meio. O Vaticano II abriu portas que produzem medo. Quando há medo, aparece a resistência. Dali surge a postura do conservador, que se escandaliza com as pregações e postulados pós-conciliares. A revista tituló Frei Boaventura como *apostel "escandalizador"* do Concílio, por divulgar a doutrina e o espírito do Vaticano II. Tal disposição de equilíbrio foi vista pelos conservadores como avançada nos ensinamentos, deduções e interpretações, em permanente estado de "aggiornamento". O segundo risco agrupa os que manuseiam superficialmente o Vaticano II, crendo ter esgotado seu conteúdo e reclamando como que um "Vaticano III". Quem se posiciona nesse ponto extremo, vê no equilibrado um conservador.

Defrontou-se com essa situação, bem delineada no **Diário 8**, em 2-11-1970, em Petrópolis: *Hoje faço 51 anos. Ninguém se lembrou. Nem mesmo mamãe me escreveu. Tenho uma falta tremenda de relações sociais. Fujo delas para não perder tempo. Não sei se é política certa. Ao meio dia estava o Sr. Bispo, Dom Manoel Pedro da Cunha Cintra, entre nós, almoçando conosco. É um gesto raríssimo da parte dele. Não nos damos bem com ele. Ele nos considera avançados na atual conjuntura eclesial. Eu sou particularmente visado por ele. Fora do convento, perante o Bispo, sou considerado para frente. Dentro do convento, perante os estudantes, sou considerado para trás. É justamente esta situação que me move a sair daqui. Por isso não dou mais aulas e fui dar aulas em Porto Alegre, no Instituto Teológico da PUC e no Seminário Maior de Viamão. Mas o bispo veio hoje porque está de "visita canônica" na nossa paróquia, nesta semana. Como de costume, no refeitório foi comunicado que eu hoje fazia anos. Mas nem por isso o sr. bispo me cumprimentou, apesar de me ter sentado diante dele. Se há alguma coisa que me dói, é precisamente isto: não poder sintonizar com a autoridade eclesial diocesana. Vivo ensinando e pregando que é preciso viver em comunhão com o papa, o bispo; o que é essencial para o cristão. E no entanto minha comunhão com o bispo é débil. Nem sei como mudar. Já tentei acercar-me do bispo. Mas tudo em vão. Ele simplesmente não confia em mim. Não me convida para falar aos seus padres. Tenho*

inúmeros convites, de dentro e de fora do Brasil, para falar a padres. Mas o convite que mais me interessaria não é feito. Pois estou convencido de que, se me convidasse e fosse assistir às minhas conferências, ele mudaria sua opinião a meu respeito. Ele de mim só sabe que sou irreverente. E de fato sou. É um mal que tenho e do qual não consigo libertar-me.

Ao concluir uma semana de curso em Medellín, no Instituto de Liturgia Pastoral, observou no **Diário 8**, em 18-8-1971, que havia duas tendências entre os cursistas: *os mais atentos-entusiastas e os mais “sabidos”*. *Eu percebo que estou ficando demasiado intrigado e aborrecido com os engraçadinhos. Preciso aprender a tolerar com espírito esportivo estas atitudes infantis. Preciso acostumar-me a escutar heresias (pois me parece que se trata mesmo de verdadeiras heresias) sem ficar irritado e até mesmo sem querer responder ou retificar sempre. Percebo que vivo cada vez mais no meio de autênticas negações de verdades de fé. Se eu quisesse estar retificando sempre, estaria constantemente em atitudes puramente defensivas e reacionárias. E não quero acostumar-me a semelhantes atitudes. Pois detesto os reacionários e, por isso, devo fazer tudo para não cair, eu mesmo, no reacionarismo. É uma das mais constantes e repetidas orações que estou fazendo: pedir ao Senhor que não me deixe sucumbir à tentação do reacionarismo. Devo ser simplesmente positivo e expor com convicção e alegria aquilo que me parece ser a doutrina da Igreja e da mais autêntica Tradição. Sempre haverá grande número de almas cristãs plenamente abertas para receber e acolher, também com convicção e alegria, esta doutrina, que se sentirão beneficiadas e enriquecidas. Os outros, que, afinal, sempre são a minoria, que aceitem ou não aceitem, segundo seu gosto. Aborrecer-me por estes poucos e dar então um tom de ironia, seria estragar o valor positivo da exposição. Creio que o meu maior defeito é dar largas à ironia. Devo combater minha inata tendência à ironia. Assim peço contra a caridade.*

Quando foi eleito Dom Alfonso López Trujillo para presidente da Conferência Episcopal Latino-americana, Frei Boaventura vibrou, como escreveu em 8-4-1979, à Irmã Régis: *Você sabe que somos íntimos amigos e colaboradores já durante mais de cinco anos. Os dois novos Vice-presidentes estão na mesma linha. Mas é a linha de Puebla. E é a do atual Papa. Papa, Puebla e Presidência do CELAM são agora um bonito conjunto, ativo e consciente. Eles não irão deixar a Igreja ao léu. Também o novo Secretário Geral do CELAM entra na mesma linha: Mons. Antônio Quarraccino, da Argentina. Também sou amigo dele desde longa data, há uns dez anos. E o Instituto também está na mesma linha. Seu Reitor também. Acho que muita gente na América Latina não gostou. Mas eles não são a maioria. Agora, se quiserem opor-se a tudo isso já será para eles um problema de ser católico.*

Num Curso sobre Puebla a 36 bispos, em 17-6-1981, dos quais 12 brasileiros, Kloppenburg afirmou que *os Bispos são todos mais do tipo conservador. Parece que os outros não vêm porque não querem saber do CELAM. Os 10 do Brasil, por exemplo, são todos “conservadores”. Como eu também sou classificado assim, estou “em casa”*.

Em carta de 17-9-1983, também para a Irmã Régis reafirmou *claramente que não simpatizo com as direitas. Entre as esquerdas e as direitas há um campo enorme, no “centro”, onde eu me coloco. É uma excessiva simplificação dizer que aquele que é contra a esquerda é da direita. Bobagem. Com a mesma desenvoltura com que falo contra a esquerda, sou capaz de falar contra as direitas.*

O seu sobrinho Pe. Alex Kloppenburg manifestou-lhe sua preocupação de que os escritos do tio bispo estariam *ajudando a maçons e ricos exploradores*. Dom Boaventura fez-lhe lembrar do discurso de lançamento da 3ª edição de **Igreja Popular**, em 19-10-1983, em Salvador, advertindo os movimentos de direita. O alerta *deve-se ao fato de alguns desses grupos “se terem entusiasmado com o livro, o que levou alguns notórios ladrões a tentarem se aproximar de mim. Não lhes farei o jogo, garanto”* - noticiou **O Estado de S. Paulo**, no dia seguinte. Ao denunciar a “igreja popular” no mesmo discurso, o bispo não pretendeu tranquilizar as consciências dos ricos e nem negar *a existência de exploradores, ladrões de alta categoria que têm seus depósitos nos bancos da Suíça e não vão para a cadeia. Este é o grande problema do Brasil. São exploradores da nação que não têm condições de se dizer cristãos ou católicos.*

Afinal, direita ou esquerda? Conservador ou progressista?

Frei Boaventura não gosta de ser enquadrado nesses rótulos da mídia. Na década de 1960 tinha a fama de ser progressista, com tendências para a esquerda. Identificando aplausos dados a *heresias* de certos teólogos, conforme o **Diário 8**, em 19-2-1971, teve *a impressão de estar inteiramente ao lado de Dom Estêvão Bettencourt, OSB, que também participou na Semana Teológica e que tem a fama de ser um teólogo conservador e reacionário. Conservador eu também quero ser; mas reacionário é a grande tentação da qual gostaria de fugir.*

Na década de 1980, especialmente com a publicação de **Igreja Popular**, é tido como um representante típico dos conservadores. No *Jornal do Brasil*, de 2-12-1988 definiu nitidamente sua posição de equilíbrio:

Querem enquadrar-me em uma ou outra categoria, ambas de complexa definição:

Se por conservador se entende que é preciso manter, viver e transmitir fielmente a fé e a tradição recebidas dos Apóstolos, sou conservador; se ser conservador significa congelar a doutrina ou a vida da Igreja, não sou conservador.

Se por progressista se entende que é preciso abrir-se aos novos valores do mundo secularizado, sou progressista; se ser progressista significa proclamar a irrelevância de certas doutrinas católicas de fé e moral, não sou progressista.

Se por conservador se entende a aceitação sincera das orientações do atual papa, sou conservador; se ser conservador significa rejeição da criatividade no pensamento e na vida da Igreja, não sou conservador.

Se por progressista se entende que a Igreja deve discernir os sinais dos tempos, sou progressista; se ser progressista significa aderir facilmente às modas do momento, não sou progressista.

Se por conservador se entende a afirmação da diferença essencial entre os ministérios batismais e os ordenados, sou conservador; se ser conservador significa açambarcar todos os ministérios e serviços para o clero, não sou conservador.

Se por progressista se entende que é preciso multiplicar os ministérios e serviços laicais, sou progressista; se ser progressista significa afirmar que esses novos ministérios podem substituir os ministérios ordenados, não sou progressista.

Se por conservador se entende rejeição de uma nova Igreja alternativa chamada Igreja Popular, sou conservador; se ser conservador significa a não aceitação de um sadio pluralismo eclesial, não sou conservador.

Se por progressista se entende a necessidade de propagar as comunidades eclesiais de base, sou progressista; se por progressista significa trabalhar na politização das comunidades eclesiais de base, não sou progressista.

Se por conservador se entende que o ecumenismo só se faz a partir de um prévio diálogo de entendimento sobre a doutrina cristã, sou conservador; se por conservador significa que determinada configuração histórica da Igreja deve ser mantida em todo o tempo e lugar, não sou conservador.

Se por progressista se entende que a teologia deve ser de libertação e não de dominação, sou progressista; se ser progressista significa identificação com uma teologia da libertação que opera com a análise marxista, não sou progressista.

Se por conservador se entende que a Igreja deve cultivar uma sadia colaboração com o Estado, sou conservador; se ser conservador significa a defesa de uma aliança estreita entre o poder civil e o eclesiástico, não sou conservador.

Se por progressista se entende que a Igreja não pode manter uma atitude neutra diante do bem comum nacional e internacional, sou progressista; se ser progressista significa que a Igreja deve assumir compromissos políticos partidários, não sou progressista.

Se por conservador se entende que o político deve ser lido a partir do Evangelho, sou conservador; se ser conservador significa que o político não deve entrar no campo pastoral, não sou conservador.

Se por progressista se entende a defesa dos direitos humanos, sou progressista; se ser progressista significa tomar uma atitude sistemática de oposição ao governo e de desrespeito às forças militares, não sou progressista.

Se por conservador se entende a afirmação da compatibilidade da economia social de mercado com o Evangelho sou conservador; se ser conservador significa aprovar uma economia liberal de mercado, não sou conservador.

Se por progressista se entende a denúncia de injustiças ou violências sociais, sou progressista; se ser progressista significa que a luta pela justiça e a libertação é uma dimensão essencialmente constitutiva da missão evangelizadora da Igreja, não sou progressista.

Se por conservador se entende a rejeição da doutrina e do sistema do comunismo, sou conservador; se ser conservador significa defesa dos latifúndios improdutivos, não sou conservador.

Se por progressista se entende que é preciso fazer uma opção preferencial pelos pobres, sou progressista; se por progressista significa fazer uma opção classista pelos pobres contra os que não o são, não sou progressista.

Se por conservador se entende a afirmação do primado lógico da ortodoxia, sou conservador; se ser conservador significa a rejeição do ortopraxis, não sou conservador.

Se por progressista se entende que é preciso atender aos conflitos sociais, sou progressista; se ser progressista significa afirmar que os conflitos sociais são a expressão de uma inevitável luta de classes, não sou progressista.

No seu 70º aniversário confirmou sua identificação, ao incluir esse texto no seu livro **Para uma nova Evangelização**, pp. 79-81.

PERIGOS DE VIDA

Kloppenburg viajou muitas vezes de avião, navio, trem e carro. Atravessou o Oceano Atlântico mais de 120 vezes para a Europa, América do Norte e a África. Sobrevoou centenas de vezes os céus do Brasil e da América Latina. Nunca teve medo.

Em sua quarta ida ao Concílio Vaticano II, em 4-10-1962, na decolagem houve um grande susto. *O grande DC8 a jato da Panair decolou às 22h30min - contou na abertura do **Diário 7**. - Tudo parecia normal. Eu já estava dormindo. De repente fala pelo alto-falante o comandante: “Por um pequeno defeito técnico vamos voltar ao aeroporto Galeão do Rio de Janeiro; é coisa sem importância”. E voltou. Eu tornei a dormir. Quando descemos, as ambulâncias e os bombeiros estavam esperando... Mas nada aconteceu. Soubemos depois que o defeito não era tão pequeno, mas que havia mesmo perigo. Levaram-nos, às 2 da madrugada, para o Hotel Glória. Íamos seguir no dia seguinte, às 14h. E seguimos mesmo, havendo quem não ficasse tão emocionado que não sentiu coragem para reentrar no avião.*

Numa de suas idas a Bogotá, em vez de descer em Manaus às 13h30min, o avião teve que descer em Brasília “por motivos técnicos” - como está no **Diário 8**, em 28-8-1970. - *Ao entrar na pista, nosso avião foi acompanhado, de cada lado, de bombeiros e ambulâncias... Depois soube que no terceiro motor, o primeiro à esquerda, havia incêndio.*

Ao longo de seus 80 anos, Dom Boaventura também foi vítima algumas vezes da violência, felizmente sem maiores conseqüências.

Quando Reitor do Instituto Teológico Pastoral do CELAM, em Medellín, encontrava-se ele em Puebla quando o prédio foi assaltado, em 31-1-1979, às 17h15min, por cinco rapazes e uma moça, armados com metralhadora e revólveres. - *À força de encostar as armas no peito da gente, foram levando todo o mundo para o salão de baixo - escreveu à Irmã Régis, em 1º de março. - Arrancaram os telefones. Eles conheciam perfeitamente a casa e sabiam onde estava tudo. Até a menina lá de cima, da lavanderia, foi levada com metralhadora nas costas. O Rafael estava lendo o jornal na sala dos professores e de repente viu um cara em sua frente, apontando o revólver. Todo o mundo ficou humilde. Reunidos no Salão, receberam um sermão: que eles estavam a favor dos pobres e que o Instituto também devia estar a favor dos pobres e não dos ricos. Cada um recebeu uma folha mimeografada, com textos do **Documento de Trabalho para Puebla**. Diziam que estavam protestando contra Puebla e o Papa. Começaram então a escrever pelas paredes, em letras bem grandes, sujando tudo: que Cristo foi um revolucionário, que é preciso estar com os pobres, que Puebla será com o povo ou não será nada, etc. E os nomes dos padres Camilo Torres, Laín, Cardenal e não sei quem mais: estes deviam ser nossos modelos (todos guerrilheiros). Depois foram embora...*

Logo nos primeiros meses em Salvador da Bahia, mostrando a um padre alemão visitante as belezas da capital baiana, foi assaltado em plena rua. *O bandido me agarrou o braço esquerdo e o torceu violentamente e me arrancou o relógio e saiu correndo - escreveu à Irmã Régis, em 10-2-1983. - O braço ficou todo azul-amarelado. Mas já está bom. E assim tive oportunidade de comprar um relógio novo. Mais barato, para ser roubado outra vez.*

Como um fato universal e absolutamente certo e inevitável, Frei Boaventura tem sua opinião pessoal sobre a morte manifestada muitas vezes em seus escritos, sermões, conferências sobretudo, nas inúmeras palestras em retiros espirituais.

Estando a caminhar pelo pátio interno do Instituto, em Medellín, em 11-11-1976 foi acometido de súbito mal-estar. *Sentia bater extraordinariamente rápido o coração, dor de cabeça, alguma dificuldade na respiração. Logo veio a Josefina para medir a pressão e escutar o coração - lembrou no **Diário 12**, um dia depois. - Tratei de descansar e fui à cama, tomando um “Valium”. Mas os sintomas continuaram e Josefina se alarmou ao constatar “fibrilação”. Mandou chamar um médico e os Santos Óleos... O médico, Dr. Mario Montoya (que tinha estado no nosso Capítulo Geral aqui em Medellín, muito franciscano), especialista em doenças do coração, me examinou e prescreveu uma medicina que devia tomar de duas em duas horas e*

mandou que na manhã seguinte fosse ao hospital, tirasse um eletrocardiograma. Josefina resolveu dormir no meu apartamento, para medir de duas em duas horas o ritmo do coração e pressão de sangue. A pressão estava baixa: apenas 8. Rafael Ortega veio com os Santos Óleos, mas nem ele nem eu estávamos convencidos que meu mal era suficientemente “grave” para este Sacramento dos Enfermos. Pelas 4 horas da manhã o coração estava outra vez normalizado... Graças a Deus, tudo não passou de um bom susto. O resultado dos exames laboratoriais deram o diagnóstico do mal havido: - “neurosis de ansiedad”, cujo melhor remédio era passar as férias no Brasil, o que fez.

Emoção muito forte senti, como está no **Diário 13** e na carta à Irmã Régis, em 15-1-1978, ao pregar o retiro a 74 padres, em Medellín. Após a missa das 18h30min, recitação das Vésperas, e duas leituras, um dos retirantes, padre José Mejia, de 73 anos, comunicou o falecimento de cinco colegas sacerdotes ocorrido no último período e fez um sermão alusivo aos principais pensamentos do retiro, sobre a **Santidade Ministerial**. *Mostrou-se muito contente com a exaltação do ministério que havia feito. E tanto se emocionou para agradecer-me, que, num instante, fulminado por um derrame cerebral, caiu morto diante de mim. Dei-lhe imediatamente a absolvição e continuamos a missa “de corpo presente”. Que morte mais bonita! Espero morrer um dia assim também: celebrando santa missa, que para mim é sempre uma festa. Cada dia de novo.*

Fato dramático viveu em 3-5-1984, no encerramento da 22ª Assembléia Geral da CNBB. Nascido em 30-12-1916, ordenado sacerdote em 8-12-1940, em Rolante, e bispo de Januária, Minas Gerais, em 29-6-1962, Dom João Batista Przyklenk, Missionário da Sagrada Família, tinha sido a *alma de grupo que preparou a legislação complementar do novo Direito Canônico na parte que toca às Conferências Episcopais* - historiou no **Diário 15**. - *Esta tarde, às 17h, fez sua última intervenção no plenário. Terminada a intervenção, sentiu-se mal e morreu logo. Às 22h30min tivemos uma solene concelebração de corpo presente. Requiescat in pace.*

Situação semelhante ocorreu em Santa Maria do Herval, onde o bispo tinha sido convidado para a celebração dos 50 anos de vida religiosa de três Irmãos lassalistas, principalmente do Irmão Arno Boufleur, natural de lá e organizador da festa. *A cerimônia estava programada para as 9h30min* - recordou no **Diário 16**, em 6-5-1990. - *Mas às 8h45min o Irmão Arno falecera repentinamente, com um ataque de coração. Assim tudo foi adiado para que se pudesse conseguir um caixão e o corpo do falecido foi levado à igreja e então fizemos a festa como estava prevista, com toda a solenidade, tal como o mesmo Irmão a havia planejado, com leituras por ele indicadas. Claro que minha homilia foi mudada. Mas tudo saiu bem. Os cristãos podem facilmente combinar uma morte assim com uma festa solene.*

Noutra ocasião, sentindo dificuldades para caminhar, Frei Boaventura procurou o Centro de Especialistas Antioquia, em Medellín. Foi obrigado a baixar no hospital e se submeter a uma cirurgia. Em 9-8-1978, hospitalizou-se no Hospital Rosário, para extirpar no pé direito um “Neuroma Interdigital tipo Morton”. *Espero que será um alívio para o meu pé, pois não estou agüentando sapato. Castigo para um frade menor, que deveria andar de sandálias...* - brincou ao detalhar o fato no **Diário 13**, em 9-8-1978. Dois dias depois da intervenção cirúrgica feita pelo Dr. Gonzalo Cardona Gómez retornou às atividades.

No período de férias de 1991 aproveitou o tempo para hospitalizar-se em 3 de janeiro no Hospital Tabou Uribe, em Medellín, *para ser operado na próstata* - confidenciou no **Diário 17**, em 16-1-1991. Além dos procedimentos gratuitos, Dr. Oscar Ramírez Velásquez foi tão hábil que o paciente pôde celebrar missa todos os dias.

Susto muito grande levou Frei Boaventura, quando estava em seu gabinete assistindo ao noticiário da TV, às 21h do dia 21-4-1992. Repentinamente, dois assaltantes invadiram a residência episcopal. Obrigaram a Irmã Josefina, traumatizada, a levá-los na presença do bispo, sob a mira de revólveres. Foram todos encurralados no refeitório, enquanto eles vistoriavam a casa. *Comecei a rezar o terço* - está no **Diário 18**. - *Rezamos no mínimo três terços. Então nos mandaram para o meu quarto, enquanto eles iam comer no refeitório. Aqui esperamos uma horinha, mas eles não deram sinal de vida. As portas estavam chaveadas. Também a porta que vai para meu quarto de dormir. Por fim resolvemos forçar a saída. Eles tinham desaparecido.* Conta ainda que lhe roubaram algum dinheiro, seu relógio e o anel episcopal usual. *Mas do Pe. Laerte levaram os 5.000 dólares que lhe dei outro dia e trouxera da Alemanha, para o seminário.* A **Zero Hora**, do dia 23, noticiou o roubo de Cr\$ 650 mil. Felizmente não praticaram nenhuma violência física.

Em agosto de 1993, teve problemas nas vias respiratórias, bronquite aguda e infecção pulmonar. Gravíssimo foi seu estado de saúde dois anos depois, chegando a ser hospitalizado, operado em 5-7-1995 e a receber a Unção dos Doentes.

Obviamente, sobre a vida eterna tem ele conceitos muito claros. Quando João Paulo II, na audiência pública de 21-7-1999, falou sobre o paraíso como *plena posse dos frutos da Redenção realizada por Cristo*, segundo a **Veja**, de 4-8-1999, e que *o Céu não é um lugar físico*, apontando a conduta desejada para o final de milênio, a imprensa abriu espaço para a reflexão sobre o Céu e Inferno, prêmio e castigo. *O que o papa falou não é nenhuma novidade* – comentou Frei Boaventura na **Zero Hora**, de 26-7-1999. – *Falar de Deus com a imagem de um senhor de barbas veneráveis entre nuvens é puro antropomorfismo (atribuir a Deus feições humanas). Deus é espírito puríssimo e não tem corpo. Por Céu entendemos a comunhão de vida e de amor com a Santíssima Trindade. Mais adiante explica que o Inferno é um estado de auto-exclusão definitivo da comunhão com Deus. Morrer em estado de pecado grave sem ter-se arrependido dele e sem acolher o amor misericordioso de Deus significa viver separado do Todo-Poderoso para sempre pela própria opção livre.*

NA CIRCULAÇÃO DE SEU AMOR

Foi certamente “**por Cristo**” que Frei Boaventura, com 12 anos de idade, não acompanhou a família para Hulha Negra, Bagé, e permaneceu como seminarista em Rolante, seguindo para Santo Ângelo, com os Missionários da Sagrada Família. Com 16 anos de idade tinha oportunidade, como outros jovens de seu meio, para ser um ruralista, mas “**por Cristo**” prosseguiu seus estudos em São Leopoldo, ingressou na Ordem dos Frades Menores, ordenou-se sacerdote, doutorou-se em teologia, “profissionalizou-se” para viver “**por Cristo em Sua Igreja**”, para acompanhar e viver as vicissitudes da Igreja, como prefaciou no livro **Para uma nova Evangelização**:

Conheço o chão no qual piso. Na Igreja sinto-me em casa. Amo a Igreja. Pois sei que nela está presente e atuante o Espírito Santo que constantemente a vivifica, unifica e move, como sua alma. Por ela deixei tudo. Por isso posso ficar brabo, quando a atacam ou com os que a agridem. Tomo partido por ela. Não peço licença para defendê-la. Sinto isso como uma obrigação. Ela é a razão de meu modo de viver, a justificação de meu celibato, a causa de meu confinamento numa diocese, o motivo por que não faço o que eu quero, porque não procuro o que desejo e porque participo de encontros que detesto. Esforço-me em seguir o exemplo de Jesus: garante-nos São Paulo que “Cristo amou a Igreja e se entregou por ela” (Ef 5,25).

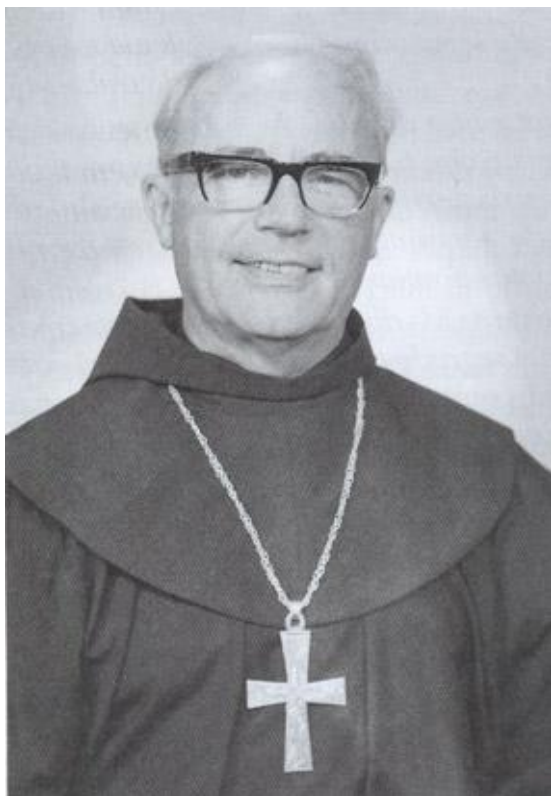
Todas as ações mencionadas como conhecer bem e sentir-se na Igreja como em casa, por ela deixar tudo, tomar partido e defendê-la, brotam de ações mais internas, de uma intensa vida interior “**por Cristo**”.

São muitas as passagens em suas memórias que descrevem as horas cheias de Deus, como a do **Diário 8**, em 30-8-1970, em Bogotá, no Colégio Maior San Buenaventura: *À tarde passei-a inteiramente sozinho, solitário, em absoluto silêncio exterior, sem sentir nenhuma inquietação ou pressão interior, sem problema, sem pressa para nada, com boa disposição psicológica e somática: era um convite evidente para a oração e união com Deus. E assim passei a tarde toda rezando, mais contemplativo que meditativo, mais passivo que ativo, sentindo-me feliz e interiormente alegre e em paz. É o lado bom e positivo da vida solitária. São horas que enchem a gente de Deus. Só assim a gente pode depois dar-se aos outros e dar aos outros. Só dá quem tem. Só tem quem recebe de Deus. Só recebe de Deus quem se abre diante de Deus em silêncio. As horas solitárias e silenciosas são a melhor preparação para as horas de ação apostólica e de contato com os outros.*

Uns dias depois, em 24 de setembro, em El Salvador, sofrendo calor e o cansaço, confidenciou: *No mais, porém, sinto-me bem; sobretudo espiritualmente. Sinto uma profunda paz e tranqüilidade interior. Sinto-me até alegre. Não tenho nenhum problema na oração e na intimidade com Deus. Gosto de rezar, apesar do trabalho.*

Na festa do Corpo de Deus, em 10-6-1971, documentou no **Diário 8** ter *despachado definitivamente o meu Breviário em latim e adotei a “Oração do Tempo Presente”, que foi provisoriamente aprovado pela Santa Sé para substituir o velho Breviário. Ainda preciso acostumar-me ao novo vade-mecum. O outro Breviário, em latim, já fora tão reduzido a salmos, que a gente acabava recitando apenas salmos. Não dava mais. Nem choro de saudades pela despedida. Estou até contentíssimo com o novo livro de orações, que dá mais liberdade na vida de oração. Preciso reencontrar a oração, para que seja mais pessoal e mais um verdadeiro alimento espiritual. Penso que no momento atual é isto, talvez, o problema mais grave para todos os padres. Estamos vivendo um momento de crise na oração. E isso produz outras crises. Reencontrando a oração, resolveremos a meu ver automaticamente outras crises.*

O que ele pregava aos sacerdotes, religiosos e leigos, em retiros e encontros, também sabia viver. O interior das pessoas é a dimensão das mais difíceis de ser visto por outros... De muito que se tem escrito sobre Frei Boaventura, o que toca mais de perto parece ter sido a crônica *O segredo do Frei Boaventura*, de Osmar Utinguassu, hoje médico aposentado em Porto Alegre, escrita há 40 anos, no **Jornal do Dia**, de 4-10-1959, de onde extraímos estes excertos:



Bispo emérito preferiu voltar a ser um simples franciscano.

Quero falar sobre Frei Boaventura como talvez poucos o tenham feito, embora muitos o tenham sentido: encarando-o mais como o apaixonado da Verdade do que como psicólogo profundo; mais como o franciscano esquecido de si mesmo do que como o orador que arrebatava as multidões; mais como o burel do que como a pena inspirada que argumenta magistralmente. Depois... bem, depois e só depois, poderei revelar o seu segredo.

Há muitos anos que vemos este frade percorrer o Brasil numa pregação constante, ininterrupta, procurando separar o joio do trigo, esclarecendo, levando a todos os corações sedentos de justiça e de amor, um pouco da palavra eterna que brotou dos lábios de Nosso Senhor. Como pastor tem se esmerado justamente em não deixar que as suas ovelhas se desgarnem; mas, quando percebe que lhe falta uma, que talvez já ande longe, perdida, quem sabe em perigo de vida; então lá está ele, seja dia ou já desça a noite, faça calor ou lhe fustigue o rosto a chuva dos caminhos, pressuroso, angustiado, procura-a até encontrá-la. Assim são os apóstolos que através da renúncia e da oração conseguem, aos poucos, identificar-se com o Bom Pastor. Lentamente eles vão aprendendo que a felicidade verdadeira vai sendo alcançada na exata medida em que vão deixando de desejá-la...

Eis o grande desejo do cristão autêntico e que o mundo não pode compreender: ele usa a sua inteligência e a sua vontade procurando ir às profundezas de seu próprio ser, onde, mercê da graça de Deus, deverá operar-se a grande transformação: a alma de Cristo deverá ser cada vez mais, a sua própria alma. Arriscamo-nos a dizer que, se alguém não tentar esta busca de Deus em si mesmo jamais encontrará a sua verdadeira autenticidade. Pensará que estará subindo por si mesmo e descerá de ilusão em ilusão até perder, na poeira dos caminhos, toda a chance de encontrar seu próprio “eu”. Cristo é o grande agente no caso, porque, para todo o sempre, ficou dito que somente ele seria o mediador, somente por ele chegaríamos ao Pai...

Dentro desta panorâmica que deveria desdobrar-se na intimidade de cada alma humana é que nós poderemos compreender melhor porque não há verdadeira VIDA fora da realidade eucarística, pois ó aí, segundo a garantia de Cristo, existe o Deus vivo - é n’Ele que Deus se dá aos homens:

Frei Boaventura encontrou a vida divina e deixou que ela transbordasse em si mesmo. Eis aí o segredo deste mensageiro da Verdade - o amor de Deus tomou conta da sua alma e ele nada mais deseja do que ser um dócil instrumento nas mãos de seu Deus.

Neste homem tão amado e tão odiado, deve impressionar muito menos a habilidade com que faz girar mesas e copos do que a docilidade com que se tornou um apóstolo de Cristo; muito menos, extremamente menos, a clareza, o equilíbrio e a beleza da sua oratória do que o amor confiante e abrasador que lhe incendeia as palavras.

É um homem que encontrou seu Deus.

Admiremos em Frei Boaventura o que quisermos. Vejamo-lo como orador, como escritor e até mesmo como o “padre-feiticeiro”, mas sobretudo, aprendamos dele a grande lição que constitui a sua única mensagem: procuremos o amor de Deus, sem pretensões pessoais, sem interesses mesquinhos, sem vaidade.

Desde o momento em que assim o tentemos estaremos “atravessando o centro de nossa alma e penetrando na eternidade”.

E qual era, afinal, o seu “diabo” que o acompanhava constantemente? Há uma interessante e bem curta passagem em suas memórias quando se encontrava na instalação do Instituto de Pastoral do CELAM. Em contato diário com religiosos, sacerdotes, bispos e mesmo cardeais, ao longo de sua vida, por toda a parte deparava contestadores. *A pequena oposição que encontro em toda a parte é o meu “diabo” que também me acompanha e me obriga à moderação, à humildade e à confiança em Deus* - enfatizou no **Diário 10**, em 26-9-1973. - *Cresce dia a dia mais, em mim, esta fé e confiança filial em Deus.*

Encerrando seu depoimento e entrevistas para esta biografia, Kloppenburg disse que se sentia mesmo como um *filho mimado de Deus*. Embora estivesse de *malas prontas para a viagem à eternidade*, pretendia dedicar seu tempo livre de Bispo Emérito para escrever, em seis livros, sobre os temas mais recônditos da teologia: **Basiléia. O Reino de Deus e Agape. O Amor do Cristão**, em 1997; **Parákletos. O Espírito Santo e Abba: Papai. Deus Padre Eterno**, em 1998. Segundo sua carta de 27-5-1999, informou que se encontram na gráfica mais dois livros a serem distribuídos no próximo ano:- **Kýrios. Aos pés de Jesus e Trindade. O Amor em Deus**. Servirão como subsídios para reflexões rumo ao novo século e novo milênio. Na mesma carta nos escreveu que enviou *ao Mons. Urbano Zilles, Porto Alegre, uma seleção de 21 artigos relacionados com a teologia da libertação. Calculo que serão umas 300 páginas, com o título Libertação Cristã*. Está a meio caminho de um estudo sobre a Igreja, aprofundando novos aspectos, para um livro a ser lançado no ano 2000.

Como bispo emérito, eventualmente tem ajudado a Diocese em suas necessidades pastorais. Às vezes é esquecido. Como teólogo de renome internacional não foi convidado para a Terceira Semana Teológica, no Clube Comercial de Taquara, nos dias 31 de maio a 3 de junho de 1999, evento organizado pelas Faculdades de Taquara e a Diocese de Novo Hamburgo, reunindo em torno de 700 pessoas.

Sua última obra, publicada pelo seu 80º aniversário, é **Trindade. O Amor em Deus**. A abertura deste livro tem esta solene dedicatória, que aqui serve de facho de luz e de fecho final:

*O Ser de Deus é Amor.
Por isso Deus é a eterna
comunicação de Amor entre
Pai e Filho e Espírito Santo.
Agradeço e louvo a Deus que,
em 1919, há 80 anos, me deu a existência,
com capacidade de
participar na circulação de Seu Amor.*

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Considerava Frei Boaventura de suma importância usar meios de comunicação mais duráveis, mormente livros. Tinha certeza de que através de seus livros continuava a pregar por décadas de anos. De 1951 até o ano 2008 publicou 76 livros, com a média de 150 páginas cada um, num total de 11.400 páginas. Muitos livros tiveram dezenas de edições. Várias obras foram traduzidas para outras línguas, especialmente espanhol, alemão e inglês.

LIVROS E CADERNOS

1951:

- 1.- **De Alterius Arausicanae Synodi (529) Canone Secundo.** Pars dissertationis. Roma, XIV+37 pp. Para o Licenciado em Teologia.
- 2.- **De Relatione inter Peccatum et Mortem.** Orbis Catholicus (Herder). Roma, XX + 216 pp. Foi a tese “summa cum laude” (no Ateneu Pontifício Antoniano, Roma) para o Doutorado em Teologia dogmática, motivada pelos debates entre os anos de 1947-1950 em torno da Assunção da Imaculada Virgem Maria, particularmente do argumento “immaculata ergo assumpta”.
- 3.- **Por que o católico não pode ser espírita.** Editora Vozes, Petrópolis. Folheto popular (85 por 130 mm), 16 pp. Até 1960 teve dez edições, com um total acima de um milhão de exemplares. O texto foi várias vezes reformulado.

1952:

- 4.- **Porque não admito a reencarnação.** Editora Vozes, Petrópolis. Folheto popular de 16 pp. Até 1960 teve seis edições.
- 5.- **O católico perante a Umbanda.** Editora Vozes, Petrópolis. Folheto popular de 16 pp. Teve quatro edições.

1953:

- 6.- **Por que a Igreja condenou o Espiritismo.** Editora Vozes, Petrópolis. Caderno popular, de 48 pp. Teve seis edições.
- 7.- **Material para Instruções sobre a heresia espírita.** Primeira série. Editora Vozes, Petrópolis, de 64 pp. Teve cinco edições.
- 8.- **Material para Instruções sobre a heresia espírita.** Segunda série. Editora Vozes, Petrópolis, de 96 pp. Teve cinco edições.

1954:

- 9.- **Posição católica perante a Umbanda.** Caderno pastoral, com 88 pp. Editora Vozes, Petrópolis. Teve três edições, sempre aumentadas.
- 10.- **Resposta aos Espíritas.** Editora Vozes, Petrópolis. Caderno pastoral, com 112 páginas. Teve várias edições, sempre aumentadas.

1955:

- 11.- **A reencarnação. Exposição e crítica.** Caderno pastoral, com 128 pp. Editora Vozes, Petrópolis. Teve três edições, sempre aumentadas.
- 12.- **O livro negro do Espiritismo.** Editora Vozes, Petrópolis, com 104 pp. Teve várias edições. A partir de 1957 passou a ter título: **O livro negro da evocação dos espíritos.**

1956:

- 13.- **A Maçonaria no Brasil. Orientação para os católicos.** Editora Vozes, Petrópolis, com 368 pp. Teve quatro edições, em pouco tempo. A 4ª edição, de dez mil exemplares, desapareceu misteriosamente. Desta obra se fez uma nova edição, diminuída e atualizada, em 1993, reeditada em 1995.
- 14.- **Ou católico ou maçom.** Caderno popular de 32 pp.. Editora Vozes, Petrópolis. Teve várias edições.

1957:

15. - **Cruzada de defesa da fé católica no I Centenário do Espiritismo**. Editora Vozes, Petrópolis, com 144 pp.
16. - **O demônio. Aspectos teológicos**. Editora Vozes, Petrópolis. 172 pp. É um trabalho da equipe da VI Semana Teológica do Brasil. As contribuições de Frei Boaventura, como autor, estão nas pp. 7-8, 103-124, 137-153.
17. - **Astrologia, Quiromancia e quejandos**. Editora Vozes, Petrópolis. Caderno pastoral, com 64 pp.
18. - **Nossas Superstições**. Editora Vozes, Petrópolis. Caderno pastoral, com 56 pp.
19. - **As Sociedades Teosóficas**. Editora Vozes, Petrópolis. Caderno pastoral, com 40 pp.
20. - **O Reencarnacionismo no Brasil**. Editora Vozes. Caderno pastoral, com 48 pp.
21. - **O Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento**. Editora Vozes, Petrópolis. Caderno pastoral, com 40 pp.

1960:

22. - **O Espiritismo no Brasil**. Editora Vozes, Petrópolis, com 455 pp. Teve em 1964 nova edição, com alguns acréscimos.
23. - **A Psicografia de Chico Xavier**. Editora Vozes, Petrópolis. Caderno pastoral, com 64 pp.
24. - **A LBV de Alziro Zarur**. Editora Vozes, Petrópolis. Caderno pastoral, com 48 pp.

1961:

25. - **Às portas do XXI Concílio Ecumênico**. Editora Vozes, Petrópolis, com 32 pp.
26. - **Ação Pastoral perante o Espiritismo** (parte redigida por Frei Desidério Kalverkamp, O.F.M.). Editora Vozes, Petrópolis, com 302 pp.
27. - **O Reencarnacionismo no Brasil**. Editora Vozes, Petrópolis. 216 pp.
28. - **A Umbanda no Brasil**. Editora Vozes, Petrópolis, com 264 pp. e 32 pp. de fotografias fora do texto.

1962:

- 29.- **Concílio Vaticano II. Vol. I: Documentário preconiliar**. Editora Vozes, Petrópolis, com 260 pp. e 16 pp. de fotografias fora do texto.

1963:

- 30.- **Concílio Vaticano II. Vol. II: Primeira Sessão**. Editora Vozes, Petrópolis, com 416 pp. e 16 pp. de fotografias.

1964:

- 31.- **Concílio Vaticano II. Vol. III: Segunda Sessão**. Editora Vozes, Petrópolis, com 560 pp.

1965:

- 32.- **Concílio Vaticano II. Vol. IV: Terceira Sessão**. Editora Vozes, Petrópolis, com 639 pp.

1966:

33. - **Concílio Vaticano II. Vol. V: Quarta Sessão**. Editora Vozes, Petrópolis, com 576 pp.
34. - **Documentos do Vaticano II**. Edição bilíngüe. Com extenso índice analítico. Editora Vozes, Petrópolis, com 702 pp.

1967:

35. - **Compêndio do Vaticano II**, com longa introdução e índice analítico. Editora Vozes, Petrópolis, com 744 pp. Muitas edições.

1968:

36. - **Vaticano II: Uma Igreja diferente**. Editora Vozes, com 37 pp. Depois se publicou outro caderno, de 70 pp., em colaboração com Frei Guilherme Baraúna, O.F.M.: **As grandes tensões na Igreja Pós-conciliar**.

1970:

37.- **O Cristão Secularizado. O humanismo do Vaticano II.** Editora Vozes, Petrópolis, 232 pp. Foi traduzido para o espanhol. A 2ª edição foi aumentada.

1971:

38.- **A Eclesiologia do Vaticano II.** Editora Vozes, Petrópolis, com 291 pp. Teve tradução em espanhol e inglês e foi adotado como manual em vários seminários.

1972:

39 - **O Ser do Padre.** Editora Vozes, Petrópolis, com 203 pp. No espanhol leva o título “Identidad Sacerdotal”, e no inglês, “The Priest. Living Instrument and Minister of Christ, the Eternal Priest”.

1977:

40. - **Iglesia Popular.** Edições Paulinas, Bogotá. Livro de crítica da Eclesiologia da Teologia da Libertação. Foi traduzido para o inglês e o alemão. Em 1983, a pedido da Santa Sé, foi traduzido para o português, publicado pela Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, com 230 pp. Recebeu naquele ano três edições. Sua venda foi boicotada pelas livrarias da Editora Vozes e das Paulinas. Deu a Frei Boaventura a fama de ser conservador.

1978:

41. - **Fuerzas Ocultas.** Ediciones Paulinas. Bogotá, com 248 pp. Foi traduzido para o inglês.

1979:

42. - **Genesis del Documento de Puebla.** CELAM, Bogotá, com 36 pp.

43.- **Puebla: Evangelización.** CELAM, Bogotá, com 60 pp.

44.- **El Magisterio auténtico y los magisterios paralelos.** CELAM , 56 pp.

45.- **Evangelización y promoción humana.** CELAM, 20 pp.

46.- **Opción preferencial por los pobres.** CELAM, 60 pp.

1980:

47.- **Lugares de Evangelización según Puebla.** CELAM 43 pp.

48.- **El Ministerio jerárquico en Puebla.** CELAM 67 pp.

49.- **Puebla y las relaciones con los no-católicos.** CELAM, 110 pp.

50.- **La Reencarnación.** Ediciones Paulinas, Bogotá, com 172 pp. Teve várias edições.

51.- **La Verdad sobre el Hombre.** CELAM, com 54 pp.

1983:

52.- **Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida.** Edições Paulinas, São Paulo, com 167 pp.

1984:

53. - **Pluralismo Eclesial.** Presença. Rio de Janeiro, com 106 pp.

54. - **Lembretes Pastorais para a Confissão.** Salvador, com 12 pp.

1985:

55. - **Leigos em Apostolado.** Presença. Rio de Janeiro, com 63 pp.

1986:

56. - **Espiritismo. Orientação para os católicos.** Edições Loyola, com 203 pp. Teve seis edições. Foi traduzido para o espanhol.

57. - **Espiritismo e Fé.** Quadrante, São Paulo. 55 pp. Foi traduzido para o italiano e o espanhol.

1987:

58. - **A Verdade Libertadora.** Presença. Rio de Janeiro. 25 pp.

1990:

59. - **Para uma nova Evangelização.** Editora Vozes, Petrópolis, com 179 pp. Foi publicado em espanhol, em duas traduções diferentes: na Argentina e na Venezuela.
60. - **A Igreja e o Capitalismo.** Orientação Pastoral para os fiéis da Diocese de Novo Hamburgo. Edição de 2.500 exemplares, com 10 pp. Foi difundido em várias edições pelo Estado do RS. O texto foi reproduzido pelo **L'Osservatore Romano**, edição em português de 4-3-1990.
61. - **Documento do Primeiro Sínodo da Diocese de Novo Hamburgo.** 80 pp. Publicado no Boletim da Diocese **Diocesinos**, nov.-dez., pp.197-277.

1993:

62. - **Igreja e Maçonaria. Conciliação possível?** Editora Vozes, Petrópolis, com 272 pp. Abrevia e atualiza o estudo sobre “**A Maçonaria no Brasil**”, de 1956. A 4ª edição saiu em 1999.

1994:

63. - **Fidelidade entre Sombras.** Orientações Pastorais. Editora Vozes, Petrópolis, com 224 pp., lançado em 13-11-1994, em Porto Alegre.

1997:

64. - **Basiléia. O Reino de Deus.** Edições Loyola, com 136 pp.
65. - **Agape. O Amor do Cristão.** Edições Loyola, com 135 pp.

1998:

66. - **Parákletos. O Espírito Santo.** Editora Vozes, com 174 pp.
67. - **Abba: Papai. Deus Padre Eterno.** Editora Vozes, com 176 pp.

1999:

68. - **Reencarnação?** Editora Vozes, com 188 pp.
69. - **Trindade. O Amor em Deus.** Editora Vozes, com 180 pp.

2000:

70. - **Kýrios. Aos pés de Jesus.** Edições Ave Maria, com 224 pp.
71. - **Minha Igreja.** Editora Vozes, com 230 pp.

2001:

72. - **A fé do cristão católico hoje.** Editora Vozes, com 232 pp.
73. - **Virtudes – Frutos que o Pai espera.** Editora Vozes, com 182 pp.

2005:

74. - **Colheita na Vertustez - Fragmentos de Teologia Dogmática.** Editora Vozes, com 415 pp.

2007:

75. - **Mistagogias de Bento XVI sobre a Igreja.** Editora Vozes, com 208 pp.

2008:

- 76.- **Creio na Vida Eterna.** Editora Pão & Vida, com 96 páginas.

ARTIGOS EM REVISTAS ESPECIALIZADAS

Não incluindo os artigos publicados em jornais e revistas populares, nem as numerosas comunicações, notas e apreciações de livros publicados na *Revista Eclesiástica Brasileira - REB*, dirigida por ele, de 1952 a 1972, na revista de cultura *Vozes* e na Revista de Teologia e Pastoral para América Latina *Medellín*, fundada por ele em 1975, Frei Boaventura publicou 240 artigos de fundo em revistas especializadas, num total aproximado de 4.660 páginas.

1943:

1. **No reino infra-atômico, *O Seminário***, São Leopoldo, pp. 179 ss.

1945:

2. **O apostolado na idade da máquina, *Cruzeiro do Sul*** (revista do Centro de Estudos Franciscano de Petrópolis, RJ), pp. 3-15.
3. **As primeiras missões entre os mongóis. *Vozes***, pp. 339-360.

1946:

4. **Santo Antônio, “Doctor Evangelicus”. *REB***, pp. 246-269.
5. **Alexandre de Hales, Monarca dos teólogos. *Cruzeiro do Sul***, pp. 5-22.
6. **O método escolástico em Alexandre de Hales. *Cruzeiro***, pp. 92-152.
7. **Alexandre de Hales, o teólogo. *Vida Franciscana***, pp.4-14.
8. **O conceito halense de Sacramento. *Cruzeiro do Sul***, pp. 51-92.
9. **A resposta de São Boaventura ao problema da Teologia. *Cruzeiro do Sul***, pp. 60-87.
10. **O valor teológico de Santo Antônio. *Cruzeiro do Sul***, pp. 80-119.
11. **O caráter prático da Teologia segundo Duns Escoto. *Cruzeiro do Sul***, pp. 43-61.

1947:

12. **Como Santo Antônio falava aos Religiosos. *Vida Franciscana***, pp. 10-17.

1948:

13. **O aspecto subjetivo da Teologia segundo S. Boaventura. *Cruzeiro do Sul***, pp. 1-22.
14. **O nexó entre pecado e morte. *REB***, pp. 259-289.

1949:

15. **Questões teológicas em torno da morte da Mãe de Jesus. *REB***, pp. 307-333.
16. **O segundo cânon de Orange (529) e a Assunção de Maria. *REB***, pp. 608-635.

1951:

17. **A controvérsia sobre a teoria do mistério. *REB***, pp. 241-256.
18. **O novo dogma da Assunção. *REB***, pp. 564-595.

1952:

19. **Contra a heresia espírita. *REB***, pp. 85-111.
20. **Os fundamentos da doutrina espírita. *REB***, pp. 273-303.
21. **Visão espírita do cristianismo. *REB***, pp. 456-570.
22. **Deus e a criação na doutrina espírita. *REB***, pp. 793-827.

1953:

23. **A Cristologia do Espiritismo. *REB***, pp. 87-105.
24. **A teoria espírita da reencarnação. *REB***, pp. 581-611.
25. **As heresias do Espiritismo brasileiro. *REB***, pp. 359-414.
26. **Campanha nacional contra a heresia espírita. *REB***, pp. 838-852.

1954:

27. A essência do pecado original. *REB*, pp. 6-20.
28. O Espiritismo de Umbanda. *REB*, pp. 305-327.

1955:

29. Notas em torno do direito à imortalidade na Virgem Maria. *Ephemerides Mariologicae*, Madrid, pp. 211-226.
30. Problemas da transubstanciação. *A Ordem*, Rio de Janeiro, pp. 14-27
31. Informações sobre a Maçonaria atual no Brasil. *REB*, pp. 841-870.

1956:

32. Os amores da Maçonaria brasileira à Igreja católica. *Vozes*, pp. 52-69.
33. O maçom. *REB*, pp. 46-79.
34. A intolerância da Igreja e a tolerância da Maçonaria. *Vozes*, pp. 171-185.
35. Os princípios doutrinários da Maçonaria brasileira. *REB*, pp. 380-398.
36. Em torno da definição do Espiritismo. *Vozes*, pp. 415-423.
37. Posição perante a fenomenologia do Espiritismo. *REB*, pp. 591-609.
38. A “reencarnação” de Bridey Murphy. *Vozes*, pp. 515-522.
39. Contribuição dos Religiosos à reação contra o Espiritismo. *Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil*, pp. 217-220.
40. Cruzada de defesa da Fé Católica no I Centenário do Espiritismo. *REB*, 825-831.

1957:

41. Nossa atitude pastoral perante o Espiritismo. *REB*, pp. 1-9.
42. Atuação do demônio no Espiritismo. *REB*, pp. 301-320.
43. O Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento. *REB*, pp. 650-669.
44. O Rosacruzianismo no Brasil. *REB*, pp. 916-941.

1958:

46. Der brasilianische Spiritismus als religiöse Gefahr. *Social Compass*, pp. 237-255. Este artigo foi resumido pela *Herder-Korrespondenz*, Juli 1959, pp. 489-495.
47. As Sociedades Teosóficas. *REB*, pp. 59-72.
48. A percepção extra-sensorial no homem. *REB*, pp. 385-405.
49. Nossas superstições. *REB*, pp. 699-723.
50. Adivinhações supersticiosas. *REB*, pp. 944-970.

1959:

51. A suficiência da revelação cristã. *Vozes*, pp. 10-19.
52. A sugestão e o reflexo condicionado. *Vozes*, pp. 641-650.
53. Percalços na verificação do fato maravilhoso. *REB*, pp. 310-344.
54. Laicidade e confessionalidade do Estado. *Vozes*, pp. 561-566.
55. Prudência na afirmação do fato maravilhoso. *REB*, pp. 521-539.
56. O magnetismo animal e o fluido. *Vozes*, pp. 743-758.
57. O fenômeno da psicografia. *Vozes*, pp. 881-893.
58. O Espiritismo no Brasil. *REB*, pp. 842-871.
59. A possibilidade da salvação para os não-católicos. *Vozes*, pp. 112-121.
60. A superstição da astrologia. *REB*, pp. 72-92.

1960:

61. Origens e tendências na Umbanda. *REB*, pp. 900-918.
62. Chico Xavier o psicógrafo. *Vozes*, pp. 3-20.
63. O sentido cristão do sofrimento. *Vozes*, pp. 191-200.

1961:

64. A crítica do feitiço. *Vozes*, pp. 9-26.

65. Crimes, imoralidades, loucura e exploração nos terreiros de Umbanda. *Vozes*, pp. 481-497.
66. Às portas do XXI Concílio Ecumênico. *REB*, pp. 561-592.
67. A irrealidade da magia. *REB*, pp. 343-360.

- 1962:** 68. O Concílio e a união dos cristãos. *Vozes*, pp. 561-568.
69 Credo Sacrum Concilium. *REB*, pp. 569-586.
70. Mirum Angelorum Ministerium. *REB*, pp. 830-849.

- 1963:** 71. A defensibilidade da suficiência material da Sagrada Escritura. *REB*, pp. 13-34.
72. Primado pontifício e competência episcopal. *REB*, pp. 369-393.
73. Notes toward a terminology concerning “animism” and “spiritism”. *International Journal of Parapsychology*, New York, pp. 308-318.
74. Os debates conciliares da II Sessão. *REB*, pp. 943-988.

- 1964:** 75. Os princípios da renovação litúrgica no Vaticano II. *REB*, pp. 3-42.
76. Crônica das emendas da Constituição (sobre a Liturgia). Publicada na obra “*A Sagrada Liturgia Renovada pelo Concílio*”, Editora Vozes,- pp. 95-119.
77. A III Sessão do Concílio. *REB* - pp. 865-958. Este texto foi publicado também na revista *Igreja e Missão*, *Cucujães*, Portugal, n.º 17-18, pp. 21-161.

- 1965:** 78. A comunhão sob as duas espécies. *REB*, pp. 272-279.
79. Subsídios para a qualificação teológica da *Lumen gentium*. *REB*, pp. 209-219.
80. As vicissitudes da *Lumen gentium* na Aula Conciliar. Publicado na obra “*A Igreja do Vaticano II*”, Editora Vozes, pp. 194-251.
81. A IV e última Sessão do Vaticano II. *REB*, pp. 425-488. Esta crônica foi publicada também na revista *Igreja e Missão*, n.º 21-22, pp. 9-110.

- 1966:** 82. O leigo na missão salvífica da Igreja. *Vozes*, pp.5-12. *Igreja e Missão*, pp. 459-475.
83. The dimensions of evocative witchcraft under theological investigation. *International Journal of Parapsychology*, New York, pp. 213-225.
84. O Vaticano II pede educação para a sabedoria. *Vozes*, pp. 721-723.
85. Visión renovada de la Iglesia en el mundo de hoy. *Boletín informativo del CELAM*, n.º 87, julio-sept., pp. 35-46.
86. A dignidade da pessoa humana e suas exigências. *REB*, pp. 552-573.
87. A índole social do homem e suas conseqüências. *REB*, pp. 838-850.
88. O Minorismo na fraternidade franciscana. *Documentos Franciscanos* n.º 11. CEFEPAL, pp. 47-66.
89. Vaticano II: uma Igreja diferente. *Vozes*, pp. 1004-1025.

- 1967:** 90. O valor religioso da atividade humana na ordem temporal. *REB*, pp. 22-42.
91. A perigosa arte de ser Bispo. *REB*, pp. 257-288.
92. O Sínodo dos Bispos. Representação e ação do Colégio? *REB*, pp. 339-347.
93. Pluralismo na una e única Igreja. *REB*, pp. 610-541.
94. A magia negra evocativa: pacto com o demônio? *Vozes*, pp. 131-138.
95. O Sínodo dos Bispos de 1967. *REB*, pp. 911-933.
96. Introdução geral aos documentos do Concílio. Para a edição do texto português dos documentos conciliares: “*Compêndio do Vaticano II*”, pp. 5-36.
97. Aberglaube. *Sacramentum Mundi*, vol. I, pp. 16-20.

- 1968:** 98. Por uma Igreja interpenetrada com o mundo. *REB*, pp. 22-45.

99. Subsídios conciliares para a teologia do Presbítero. *REB*, pp. 308-327.
100. Ensaio de uma nova posição pastoral perante a Umbanda. *REB*, pp. 404-417 e, outra vez, nas pp.506-527 da *-REB* de 1982.
101. Considerações teológicas em torno da “*Humanae vitae*”. *REB*, pp. 650-656.
102. Tradição e progresso no equilíbrio do Vaticano II. *REB*, pp. 793-809.
104. Demônios. Verbetes na *Enciclopédia Verbo*, vol. 6º, pp. 986-988.
103. Espiritismo. Verbetes na *Enciclopédia Verbo*, vol. 7º, pp. 1240-1243.
- 1969:**
104. Mediunidade. *Vozes*, pp. 138-147.
105. Prospectivas conciliares para os Franciscanos da América Latina. *Vida Franciscana*, pp. 28-40.
106. Secularização. *REB*, pp. 268-307.
107. El contexto histórico da la actual situación de la Iglesia. *Catequesis Latinoamericana*, n.º 3, pp. 15-20.
108. Perante Deus ontem e hoje. *REB*, pp. 513-549.
109. A natureza e a missão da Igreja. *REB*, pp. 785-837.
- 1970:**
110. A religião no futuro mundo secularizado. *Vozes*, pp. 139-143.
111. A doutrina do Vaticano II sobre a natureza da Vida Religiosa. *REB*, pp. 59-70.
112. A santificação de um mundo dessacralizado. *REB*, pp. 513-537.
113. O mistério do silêncio de Deus. *Grande Sinal*, pp. 109-120.
114. Normas do Vaticano II para uma vida santa. *REB*, pp. 829-849.
- 1971:**
115. A lei da representação na economia divina. *REB*, pp. 65-77.
116. A comunhão eclesial depois da morte. *REB*, pp. 333-346.
117. O Sínodo dos Bispos de 1971. *REB*, pp. 891-936.
- 1972:**
118. O Espírito Santo na Santíssima Trindade. *Grande Sinal*, pp. 243-248.
- 1973:**
119. Conversações ecumênicas sobre o ministério. *REB*, pp. 342-363.
120. O problema das seitas no contexto ecumênico. *REB*, pp. 928-941.
121. O humanismo à luz do Vaticano II. *Igreja e Missão*, Valadares, Portugal, pp. 385-398.
122. Las tentaciones de la Teología de la Liberación. Publicado em “*Diálogo en el CELAM* (Bogotá), pp. 401-415. Foi publicado em inglês em forma de folheto popular para os Estados Unidos.
- 1974:**
124. As razões do coração. *REB*, pp. 343-351.
- 1975:**
125. Evangelización y liberación según el Sínodo de 1974. *Medellín*, pp. 6-34.
126. La Iglesia particular según el Concilio y el Sínodo de 1974. *Medellín*, pp. 181-206.
127. Reflexiones psicologico-teológicas sobre la fenomenología pentecostal. *Medellín*, pp. 297-314.
128. Sobre el acceso de la mujer al ministerio ordenado. *Medellín*, pp. 452-476.
129. Relaciones entre Obispos e Religiosos. *CELAM*, boletim de julho, pp. 1-10.
130. Análise do consenso entre luteranos e católicos USA sobre o primado papal. *REB*, pp. 403-415.
- 1976:**
131. La salvación cristiana y el progreso humano temporal. *Medellín*, pp. 50-73.

132. **La salvación cristiana y el progreso humano temporal en la actual discusión ecuménica.** *Medellín*, pp. 217-229.
133. **El proceso de secularización en América Latina.** *Medellín*, pp. 308-332..
134. **Introducción general a la pastoral.** *Documentación CELAM* n.º 4, pp. 213-231.
135. **Cuestiones pendientes en la praxis liberadora.** *Medellín*, pp. 521-526.
- 1977:**
136. **La irrealidad de la magia o brujería.** *Medellín*, pp. 55-73.
137. **Actitud pastoral ante los fenómenos maravillosos.** *Medellín*, pp. 303-327.
138. **Las fuerzas “ocultas” del hombre.** *Medellín*, pp. 495-542.
139. **Santidad ministerial.** *Vida Espiritual*, Bogotá, pp. 15-22.
140. **El concepto de “praxis” en el año 1302.** *Medellín*, pp. 82-88.
141. **Conversations oecumeniques sur le ministère.** *Antonianum*, pp. 429-474.
- 1978:**
142. **El fenómeno mediúmnic llamado “espiritismo”.** *Medellín*, pp. 26-51.
143. **¿Fundamentos cristianos de la reencarnación?,** *Medellín*, pp. 190-211.
144. **Movimientos religiosos autónomos en América Latina.** *Medellín*, pp. 456-473.
- 1979:**
145. **El magisterio auténtico y los magisterios paralelos.** *Medellín*, pp. 5-26.
146. **Génesis del documento de Puebla.** *Medellín*, pp. 190-207.
147. **La Iglesia Popular en Puebla y su contexto.** *Medellín*, pp. 149-177.
148. **Desde Puebla: evangelización y promoción humana.** *Seminarium*, Roma, pp. 133-149.
149. **Evangelización.** *Medellín*, pp. 451-478.
150. **Opción preferencial por los pobres.** *Medellín*, pp. 323-356.
151. **Ministerio jerárquico.** *Documentación CELAM*, mayo-agosto, pp. 1001-1039.
152. **Religión y cultura en América Latina.** *Criterio*, Buenos Aires, pp. 809-812.
- 1980:**
153. **Visión pastoral de la realidad latinoamericana.** *Medellín*, pp. 81-101.
154. **Elementos para un Seminario sobre los sincretismos en América Latina.** *Medellín*, pp. 547-553.
155. **La verdad sobre el Hombre.** *Medellín*, pp. 200-226.
156. **La situación como lugar teológico.** *Medellín*, pp. 236-240.
157. **Sobre el uso de la expresión “magisterio paralelo”.** *Medellín*, pp. 245-247.
158. **La situación de la Cristología en América Latina.** *Medellín*, pp. 374-387.
159. **Los afro-brasileños y la Umbanda.** *Medellín*, pp. 517-530.
- 1981:**
160. **Evangelización liberadora.** *Medellín*, pp. 228-233.
161. **Laicos en apostolado.** *Medellín*, pp. 312-357.
162. **La Iglesia particular: ministerios y carismas.** Publicado na obra “*Obispos y Religiosos al servicio de la Comunión*”, CELAM, Bogotá, pp.77-104.
163. **Movimientos pseudo-espirituales.** *Medellín*, pp. 480-530.
164. **Die Nicht-Katholiken in Lateinamerika.** Publicado em *Ordensnachrichten*. Internationale Missionstagung 1981. Heft 5, pp. 348-367.
165. **Die Afro-Brasilianer und die Umbanda.** *Ordensnachrichten*, pp. 367-380.
- 1982:**
166. **Apuntes para una teología nicaragüense.** *Medellín*, pp. 129-135.
167. **Nota sobre la potestad sagrada.** *Medellín*, pp. 135-138.
168. **La pastoral de la reconciliación a la luz del documento de Puebla.** *Medellín*, pp. 155-176
169. **La Eclesiología militante de Leonardo Boff.** *Medellín*, pp. 267-286. Este artigo foi traduzido para o português e publicado na revista *Communio*, pp. 126-147. Também o *Jornal do Brasil* o publicou na íntegra. Deu muita polémica.
170. **Los derechos humanos en el Concilio Vaticano II.** Publicado na obra “*Los Humanos*”, CELAM, Bogotá, pp. 81-115.

171. **Pluralismo eclesial.** *Medellín*, pp. 289-360.
172. **El ministerio según E. Schillebeekx.** *Medellín*, pp. 416-420.

1983:

173. **A necessidade do pluralismo eclesial.** *Communio*, pp. 37-52.
174. **El valor practico de la verdad revelada.** *Medellín*, pp. 188-196.
175. **La necessità dell' Eucaristia e il voto del sacramento.** *L'Osservatore Romano* 19-10-83, p. 7.
176. **Exemplos de teologia popular.** *Communio*, pp. 66-71.
177. **El Espiritu Santo como promotor de la pastoral.** *Medellín*, pp. 449-459. Cf. A obra *Credo Sanctum Spiritum*, Libreria Editrice Vaticano, pp. 1253-1264.

1984:

178. **O direito à liberdade religiosa. Estudo sobre o documento do Vaticano II.** *Communio*, pp. 44-64.
179. **Direitos e deveres dos cristãos no novo Código de Direito Canônico.** *Atualização*, Belo Horizonte, pp. 91-109.
180. **Perspectivas para a Unção dos Enfermos.** *Communio*, pp. 202-220.
181. **Igreja e Maçonaria.** *Pergunte e Responderemos*, julho-agosto, pp. 303-314.
182. **Jesucristo y la efusión Espiritu Santo.** Publicado na obra "*Cristo el Señor*", CELAM, Bogotá, pp. 167-192.
183. **Il Cuore di Gesù segno di misericordia nel Sacramento dell'unzione degli infermi.** publicado na obra "*Il Cuore di Cristo Segno di Misericordia*". Edizioni Centro Volontari della Sofferenza. Roma, pp.225-247. Em português: *Communio*, pp. 202-220.
184. **A contrição como alternativa para a absolvição coletiva.** *Communio*, pp. 392-397.
185. **A necessidade da Eucaristia e o voto do Sacramento.** *Communio*, pp. 398-404.
186. **Influências ideológicas no conceito de povo.** *Atualização*, pp. 511-526.
187. **A consciência de Jesus segundo Leonardo Boff.** *Atualização*, pp. 511-526. Em espanhol: *Medellín*, pp. 17-28.
188. **O perigo da politização nas comunidades de base.** *Communio*, pp. 646-471.

1985:

189. **Was bedeutet die Befreiungstheologie für die Kirche?** *Theologisches*, pp. 6218-6224.
190. **A paróquia no novo Direito Canônico.** *Atualização*, pp. 99-112.
191. **Métodos na Eclesiologia da libertação segundo a Instrução *Libertatis nuntius*.** Na revista *Convivium*, São Paulo, pp. 107-140. O tema foi também foi publicado pela revista *Por Que* ("a interpretação do que aconteceu"), São Paulo, sob o título "**Teologia da Libertação: teses à procura de seus autores**", com anexo final "**Opções eclesiológicas insustentáveis de L. Boff**", pp. 39-57.
192. **O afeto colegial dos Bispos.** *Communio* - pp. 212-228. Em espanhol: no *Boletim do CELAM* n.º 208-209 (julho-agosto), pp. 78-86.
193. **Amérique Latine: reflexions sur la non-croyance à parir de Puebla.** Em *Ateísmo y Dialogo*, do Secretariado para os não-crentes, pp. 240-256.
194. **O neofundamentalismo moderado do "Vaticano II".** *Atualização* (Set.-out.), pp. 389-402.
195. **Teologia da Libertação.** Teses à procura de seus autores. *Por Que Acontece*, São Paulo, pp.29-57.
196. **A proibição divina do magistério feminino na Igreja.** *Communio*, pp. 420-425.

1986:

197. **Influjos ideológicos en el concepto teológico de "pueblo".** Publicado na obra "*Otra Iglesia en la base*". CELAM , Bogotá, pp. 97-142.
198. **Católicos afro-espíritas no Brasil.** *Communio*, pp. 5-35.
199. **Il peccato fonte di divisione e oppressione.** *L'Osservatore Romano*, de 21-05-1986.
200. **"E a Igreja se fez povo" de Frei Leonardo Boff.** *Communio*, pp. 259-262 e 522-526.
201. **Balizas para a Teologia da Libertação.** *Atualização*, pp. 279-284.
202. **Uma Carta Aberta ao Cardeal Ratzinger.** *Pergunte e Responderemos*, pp. 357-365. Em alemão: *Theologisches*, pp. 7148-7183.

203. **A única Igreja de Cristo. *Pergunte e Responderemos***, pp. 458-463.
- 1987:** 204. **Libertação e santificação. *Atualização***, pp. 27-36.
205. **Ressurreição da carne na hora da morte? *Communio***, pp.173-178.
- 1988:** 206. **A antiga mística ordem “Rosae Crucis”. *Pergunte e Responderemos***, pp. 90-93.
207. **Eclesiologizações para oprimidos. *Communio***, pp. 112-144. Este artigo foi publicado também pelo *O Estado de São Paulo* de 24-02-1988, pp. 31-32, com grande repercussão. Apareceu em espanhol em *Tierra Nueva*, outubro de 1988, pp. 46-69.
208. **Sobre o magistério autêntico na Conferência Episcopal. *Communio***, pp. 364-373. Foi publicado em espanhol na revista *Ecclesia* (Roma), pp.189-199.
209. **O pressuposto classista como princípio hermenêutico. *Communio***, pp. 448-457. Foi publicado em espanhol em *Tierra Nueva*, outubro de 1989, pp. 5-12.
- 1989:** 210. **A irrepetibilidade e unicidade da vida humana. O problema da reencarnação. *Teocomunicação***, pp. 335-342.
- 1990:** 211. **Sincretismo religioso. *Dicionário de Espiritualidade***, Paulinas, pp. 1093-1100.
212. **A liberdade na investigação teológica. *Teocomunicação***, pp. 107-116.
213. **La teología de la caridad desde el problema de las sectas. Publicado na obra “Constructores del amor en América Latina”, CELAM, Bogotá, pp. 261-372.**
214. **A Igreja na América Latina após o Concílio Vaticano II. Sinais do Espírito e desafios. *Communio***, pp. 289-298.
- 1991:** 215. **Reconciliación. Enseñanzas episcopales en Medellín y Puebla. Publicado na obra “Reconciliación en tiempos de pobreza e violencia”, Lima, pp. 109-144.**
216. **Centesimus annus. *Teocomunicação***, pp. 239-257.
217. **O crescente papel dos movimentos religiosos no Brasil. *Teocomunicação* 309-319; também em *Renovação*, agosto, pp. 6-12.**
- 1992:** 218. **Luz conciliar para uma civilização do trabalho. *Teocomunicação***, pp. 1-19.
219. **O sentido da Vida Consagrada para a Diocese. *Renovação***, março, pp.12-13.
220. **A doutrina social da Igreja na América Latina. Suas repercussões de Rio 1955 a Santo Domingo 1992. *Communio***, pp. 209-230.
221. **O sincretismo religioso afro-brasileiro como desafio à evangelização. *Teocomunicação***, pp. 203-215.
222. **Luz conciliar sobre a natureza da Vida Consagrada. *Teocomunicação***, pp. 341-352.
223. **O “New Age” de Aquarius. *Renovação***, out., pp. 9-10.
224. **Sobre a questão da ordenação das mulheres. *Renovação***, nov., pp. 9-10.
225. **A teoria do pacto com o Diabo na magia evocatória. *Teocomunicação*** pp. 475-484. Em francês:, na obra *Le Défi Magique*, vol. 2, pp. 241-251.
- 1993:** 226. **Gênese do Documento de Santo Domingo. *Renovação***, março, pp. 4-7.
227. **Ordem econômica livre e solidária. *Cultura e Fé***, Porto Alegre, pp. 65-73.
228. **A natureza prática da Teologia no pensamento teológico escotista. *REB***, pp. 931-939.
229. **O Capitalismo no Documento de Santo Domingo e na Encíclica *Centesimus annus* (em português e alemão). *Deutsch-Brasilianische Hefte* 5/6, pp. 254-267.**
- 1994:** 230. **Santo Antônio, o Doutor Evangélico. *Grande Sinal***, pp. 517-526.

1997:

231. **Eucaristia: Penhor da Ressurreição.** *Renovação*, abril, pp. 2-4.
232. **Luzes no caminho da fé cristológica.** *REB*, pp. 642-650.
233. **Observações sobre o ministro da Unção dos Enfermos** (texto solicitado pela Comissão de Doutrina da CNBB). *Comunicado Mensal da CNBB*, abril, pp. 896-900; *REB*, pp. 933-938.
234. **A Economia da Salvação.** Publicado na *Festschrift* em homenagem ao Pe. Paschoal Rangel, S.D.N., pela Editora *O Lutador* de Belo Horizonte, pp. 15-35.

1998:

235. **A morte da Imaculada como Co-redentora.** *Teocomunicação*, Porto Alegre, junho 1998, pp. 175-189.
236. **A glorificação do Senhor Jesus.** *REB*, pp. 418-429.
237. **O Espírito Santo no Magistério.** Publicado no livro *O Espírito Santo e a Teologia*. Porto Alegre, pp. 19-39.
238. **Abertura para o ecumenismo.** *Teocomunicação*, Porto Alegre, dez. 1998, pp. 467-488.

1999:

239. **Igreja única e una no pluralismo.** *Teocomunicação*, Porto Alegre, março 1999, pp. 79-108.
240. **O amor em Deus trino.** Publicado no livro *Deus Pai*, Porto Alegre, pp. 9-23.
241. **ABBA: Papai Nosso.** Publicado em *Grande Sinal* - revista de espiritualidade, Petrópolis, maio-junho 1999, pp. 374-384.

CRÔNICAS PARA O JORNAL DO BRASIL

Nove anos fora do Brasil, como Reitor do Instituto Teológico-Pastoral do CELAM, Frei Boaventura regressou em 1982 para exercer o ministério episcopal no Brasil. Na época, estava a Igreja no Brasil no auge da euforia liberacionista no campo da reflexão teológica e da ação pastoral. Nesse contexto, escreveu seus artigos para o *Jornal do Brasil*. O boletim do Clero da Arquidiocese do Rio de Janeiro reproduzia os textos e a revista era enviada a todos os bispos do Brasil. Numerosos jornais do interior publicavam os artigos. Alguns deles saíram também na edição portuguesa do *L'Osservatore Romano*. Como o tema era muitas vezes quente e o tom crítico, os artigos não foram recebidos com agrado nos arraiais da teologia e pastoral da libertação. Para comemorar seu 70º aniversário, em 1989, a Editora Vozes aceitou a publicação de uma seleção de setenta artigos, menos agressivos, no livro **Para uma nova evangelização**. Sem nenhuma explicação, o *Jornal do Brasil* interrompeu a publicação dos artigos em fevereiro de 1996, com um texto sobre **A diablofobia da Igreja Universal**. Eis o elenco dos 185 artigos publicados:

1. 23-07-1983: **Opção pelos pobres**
2. 21-09-1983: **O povo de Deus**
3. 30-11-1983: **O que falta no Documento de Puebla**
4. 23-12-1983: **O que nos faz ser "cristãos"**
5. 01-02-1984: **A opção chave capital e funcional da evangelização**
6. 29-02-1984: **Tudo a partir dos pobres...**
7. 27-04-1984: **Uma lição esquecida sobre o socialismo**
8. 11-05-1984: **O complicado debate com a Teologia da Libertação**
9. 08-06-1984: **As tentações da Teologia da Libertação**
10. 06-07-1984: **O Reino de Deus**
11. 13-07-1984: **Hoje, Santo Tomás seria marxista?**
12. 24-08-1984: **Liberdade e libertação**
13. 21-09-1984: **A bem-aventurança do pobre**
14. 28-09-1984: **O anticapitalismo de agentes de pastoral**
15. 26-10-1984: **O magistério dos pobres**
16. 30-11-1984: **Hermenêutica bíblica marcada pelo racionalismo**
17. 28-12-1984: **Os privilégios do povo simples**
18. 25-01-1985: **O pecado social**

19. 22-02-1985: **O caráter babélico do drama do homem de hoje**
20. 22-03-1985: **Fé e caridade**
21. 19-04-1985: **As insustentáveis opções de Leonardo Boff**
22. 24-05-1985: **Silêncio obsequioso**
23. 21-06-1985: **Liberdade cristã**
24. 19-07-1985: **Nossa Senhora, uma criação das classes dominantes?**
25. 23-08-1985: **A nova maneira de fazer teologia**
26. 20-09-1985: **Jesus “libertador”**
27. 04-10-1985: **Politização da fé**
28. 25-10-1985: **Ortodoxia e ortopraxis**
29. 15-11-1985: **Povo de Deus, sociedade perfeita**
30. 13-12-1985: **Coragem para a sociedade imperfeita**
31. 10-01-1986: **Sentido do Vaticano II**
32. 07-02-1986: **Candomblé e salvação**
33. 28-02-1986: **Aliança estratégica entre marxistas e cristãos**
34. 04-04-1986: **A análise marxista**
35. 18-04-1986: **Interesse e ação social católica antes de Karl Marx**
36. 09-05-1986: **O programa liberacionista do Papa para o Brasil**
37. 23-05-1986: **Carta aberta ao Cardeal Ratzinger.**
38. 27-06-1986: **Evangelização e promoção humana**
39. 11-07-1986: **Libertação das conseqüências do pecado**
40. 25-07-1986: **A liberdade religiosa na nova Constituição**
41. 15-08-1986: **Bispo de Novo Hamburgo**
42. 22-08-1986: **O sujeito da liberdade religiosa**
43. 05-09-1986: **O Reino de Deus em Cuba**
44. 17-10-1986: **O poder público e a religião**
45. 14-11-1986: **Limites da liberdade religiosa**
46. 05-12-1986: **A obrigação moral na liberdade religiosa**
47. 26-12-1986: **A mensagem do primeiro Natal**
48. 30-01-1987: **Influências marxistas em João Paulo II?**
49. 27-02-1987: **A teologia dos irmãos Boff**
50. 20-03-1987: **Penitência**
51. 24-04-1987: **Os direitos do zigoto**
52. 22-05-1987: **O homem novo**
53. 12-06-1987: **Remido mas escravo**
54. 10-07-1987: **O objetivo geral da ação pastoral no Brasil**
55. 07-08-1987: **Justiça**
56. 14-08-1987: **Pastoral mediante o conflito**
57. 11-09-1987: **A justiça social**
58. 25-09-1987: **Salvação das almas**
59. 30-10-1987: **Marxismo na reflexão teológica**
60. 06-11-1987: **Que faremos sem Karl Marx?**
61. 04-12-1987: **Comunismo para os confirmandos**
62. 18-12-1987: **A ordenação das mulheres**
63. 15-01-1988: **Oclocracia na Igreja**
64. 29-01-1988: **Sobre o Reino de Deus na URSS**
65. 26-02-1988: **Reforma ou revolução?**
66. 25-03-1988: **A licitude do assalariamento**
67. 15-04-1988: **Reflexão cristã para a UDR.**
68. 13-05-1988: **Libertação e santificação**
69. 20-05-1988: **O direito à iniciativa econômica**
70. 17-06-1988: **A natureza do desenvolvimento**
71. 15-07-1988: **Igreja “institucionalizada”**
72. 05-08-1988: **Os obstáculos ao desenvolvimento**
73. 12-08-1988: **A proposta da solidariedade**

74. 09-09-1988: **Jesus histórico**
75. 07-10-1988: **A Conferência dos Bispos em debate**
76. 28-10-1988: **Sobre o magistério autêntico da Conferência dos Bispos**
77. 18-11-1988: **A nobilíssima arte política**
78. 02-12-1988: **Progressismo e conservadorismo**
79. 09-12-1988: **Pioneirismo social do Padre Amstad**
80. 30-12-1988: **O eclipse do pecado**
81. 13-01-1989: **O dormitório dos cristãos**
82. 27-01-1989: **Jesus, o solteiro**
83. 10-02-1989: **“New age”**
84. 24-02-1989: **Os “fiéis leigos”**
85. 17-03-1989: **O pecado grave da Maçonaria**
86. 24-03-1989: **“Eu te absolvo...”**
87. 14-04-1989: **Critérios para as agregações laicais**
88. 21-04-1989: **Espiritualidade do trabalho**
89. 12-05-1989: **Domingo: o dia do Senhor**
90. 19-05-1989: **Vai também tu...**
91. 09-06-1989: **A mulher na vida e na missão da Igreja**
92. 16-06-1989: **Separação entre oratório e laboratório**
93. 21-07-1989: **Nossos “mártires”**
94. 11-08-1989: **Pornografia**
95. 01-09-1989: **Retorno ao sagrado**
96. 15-09-1989: **Nova vitalidade na Igreja**
97. 13-10-1989: **Exigências da nova evangelização**
98. 27-10-1989: **Reencarnação e doutrina cristã**
99. 17-11-1989: **A Igreja num mundo secularizado**
100. 06-10-1989: **Nova evangelização**
101. 08-12-1989: **A santificação do homem dessacralizado**
102. 22-12-1989: **Fé para o homem secularizado**
103. 12-01-1990: **A oração do cristão**
104. 19-01-1990: **Sabedoria para o homem secularizado**
105. 09-03-1990: **Para uma nova evangelização**
106. 30-03-1990: **Civilização do amor**
107. 06-04-1990: **A oração de petição do homem secularizado**
108. 04-05-1990: **Perante Deus ontem e hoje**
109. 11-05-1990: **A recusa das caricaturas de Deus**
110. 18-05-1990: **Por um capitalismo compatível com o Evangelho**
111. 08-06-1990: **Celibato cristão e ministério sacerdotal**
112. 15-06-1990: **Capitalismo de inspiração cristã**
113. 13-07-1990: **A metensomatose**
114. 12-10-1990: **Democracia e Povo de Deus**
115. 09-11-1990: **O silêncio herético**
116. 14-12-1990: **Pastoral social**
117. 11-01-1991: **Liturgia: a vida na comunidade**
118. 08-02-1991: **A profilática camisinha**
119. 15-03-1991: **A Rerum Novarum**
120. 18-03-1991: **Críticas à CF-91**
121. 12-04-1991: **Sobre o Reino de Deus**
122. 26-04-1991: **Reticências diante das aparições**
123. 24-05-1991: **Objetivo geral da ação pastoral no Brasil 1991-1994**
124. 21-06-1991: **O Estado assistencial**
125. 19-07-1991: **Capitalismo sem liberalismo**
126. 16-08-1991: **O derrube do socialismo**
127. 06-09-1991: **Integração social**
128. 25-10-1991: **Rezar pelas almas?**

129. 08-11-1991: **A liberdade cristã**
130. 29-11-1991: **A entronização messiânica de Cristo Rei**
131. 03-01-1992: **O clamor pela liberdade**
132. 31-01-1992: **A liberdade cristã**
133. 28-02-1992: **Corretivos para o Capitalismo**
134. 27-03-1992: **O Estado na condução da economia**
135. 08-05-1992: **Uma feliz loucura de amor**
136. 12-05-1992: **No 5º centenário do batismo da América**
137. 03-07-1992: **A Igreja entendida como Comunhão**
138. 10-07-1992: **Opções eclesiológicas insustentáveis de Leonardo Boff**
139. 21-08-1992: **Orientações para a pastoral vocacional**
140. 04-09-1992: **Bloqueios para a pastoral vocacional**
141. 25-09-1992: **A necessidade da Missão entre os não-cristãos**
142. 16-10-1992: **IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**
143. 23-10-1992: **Ressurreição na hora da morte?**
144. 13-11-1992: **Abalos na esperança cristã**
145. 11-12-1992: **Ser santo: opção de Santo Domingo**
146. 01-01-1993: **Por uma ordem econômica livre e solidária**
147. 05-02-1993: **A nova evangelização**
148. 05-03-1993: **Qualificação teológica de Santo Domingo**
149. 16-03-1993: **Educação cristã católica**
150. 03-04-1993: **A doutrina católica sobre o Diabo**
151. 21-05-1993: **Somos “capazes” de Deus**
152. 04-06-1993: **Igreja e Maçonaria**
153. 08-07-1993: **A Igreja e a regulação da natalidade**
154. 27-09-1993: **O protagonismo dos leigos**
155. 18-11-1993: **Por uma ecologia franciscana**
156. 22-11-1993: **O Catecismo Maior**
157. 13-12-1993: **Uma difícil tarefa episcopal**
158. 14-02-1994: **O fundamento da família**
159. 21-02-1994: **Logo depois da morte**
160. 25-04-1994: **O democratismo na Igreja**
161. 23-05-1994: **A missão da família**
162. 27-06-1994: **Ordenação reservada somente aos homens**
163. 11-07-1994: **A cultura da morte**
164. 18-07-1994: **A implosão demográfica**
165. 22-08-1994: **O pecado original**
166. 19-09-1994: **“Não existe reencarnação depois da morte”**
167. 10-10-1994: **Ressurreição, não reencarnação**
168. 24-10-1994: **A heresia da reencarnação**
169. 07-11-1994: **A ilusão da reencarnação**
170. 28-11-1994: **A miragem do progresso depois da morte**
171. 05-12-1994: **Objecções reencarnacionistas**
172. 19-12-1994: **Os fiéis divorciados recasados**
173. 27-03-1995: **A oração de contemplação**
174. 07-04-1995: **O encontro com Deus na oração**
175. 05-06-1995: **Normas bíblicas para a oração**
176. 19-06-1995: **O combate da oração**
177. 10-07-1995: **A oração na Liturgia**
178. 17-07-1995: **A conjuração contra a vida**
179. 07-08-1995: **Uma noção perversa da liberdade**
180. 23-08-1995: **O relativismo ético**
181. 03-09-1995: **O abominável crime do aborto**
182. 10-09-1995: **O drama da eutanásia**
183. 10-10-1995: **A pena de morte**

184. 11-12-1995. **A lei civil e a lei moral**
185. 10-02-1996: **A diabofobia na Igreja Universal**

ORIENTAÇÕES PASTORAIS PELO NH

Com uma tiragem diária de cerca de 35 mil exemplares, o jornal *NH*, do Grupo Editorial Sinos, é o veículo de maior penetração na região de Novo Hamburgo. Convidado pela direção do jornal, Frei Boaventura publica seu artigo semanal de orientação pastoral na edição de sábado-domingo.

1. 21-03-1992: **Não farás maracutaia**
2. 30-03-1992: **Para onde vai nossa juventude casadoura?**
3. 04-04-1992: **A profilática camisinha**
4. 10-04-1992: **Juventude: Caminho aberto**
5. 11-04-1992: **O desafio da magia**
6. 18-04-1992: **Semana Santa**
7. 25-04-1992: **Páscoa da Ressurreição**
8. 02-05-1992: **CNBB**
9. 09-05-1992: **Nossas propostas para a educação**
10. 16-05-1992: **Feliz loucura de amor**
11. 23-05-1992: **Solteiros para a caridade cristã**
12. 30-05-1992: **Solenidade da Ascensão**
13. 06-06-1992: **Ouvir o eco da vida**
14. 13-06-1992: **Santo Antônio**
15. 20-06-1992: **Corpus Christi em Novo Hamburgo**
16. 27-06-1992: **Para o dia do Papa**
17. 04-07-1992: **Opções eclesiológicas insustentáveis de Leonardo Boff**
18. 04-07-1992: **A Igreja entendida como Comunhão**
19. 18-07-1992: **Nosso controle da natalidade**
20. 25-07-1992: **Morrer humanamente**
21. 01-08-1992: **A perigosa arte de ser Bispo hoje**
22. 08-08-1992: **Os direitos do zigoto**
23. 15-08-1992: **A nobilíssima arte política**
24. 22-08-1992: **O “new age” de Aquário**
25. 29-08-1992: **O misticismo da era de Aquário**
26. 05-09-1992: **Senhor, abençoi o Brasil!**
27. 12-09-1992: **Coragem para a sociedade imperfeita**
28. 19-09-1992: **Abalos na esperança cristã**
29. 26-09-1992: **A importância da Bíblia**
30. 03-10-1992: **Por que as Missões?**
31. 10-10-1992: **5º centenário do batismo da América**
32. 17-10-1992: **IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**
33. 24-10-1992: **Subsídios brasileiros para Santo Domingo**
34. 30-10-1992: **Cemitério: dormitório dos cristãos**
35. 31-10-1992: **O coração de São Roque González entre nós**
36. 07-11-1992: **As almas no purgatório**
37. 14-11-1992: **Ser santo: opção de Santo Domingo**
38. 21-11-1992: **Nova evangelização**
39. 28-11-1992: **Advento**
40. 04-12-1992: **Por uma ordem econômica livre e solidária**
41. 12-12-1992: **A inculturação do Evangelho**
42. 19-12-1992: **Natal**
43. 26-12-1992: **A difícil paz na pobreza**
44. 03-01-1993: **Jesus ontem, hoje e sempre**
45. 09-01-1993: **Educação cristã**

46. 16-01-1993: **O protagonismo dos fiéis leigos**
47. 23-01-1993: **Por uma ecologia franciscana**
48. 30-01-1993: **Reencarnação?**
49. 06-02-1993: **Pornografia**
50. 13-02-1993: **Antropologia cristã**
51. 20-02-1993: **Moradia e fraternidade**
52. 27-02-1993: **Quaresma**
53. 06-03-1993: **Mortificação**
54. 13-03-1993: **Penitência**
55. 03-04-1993: **O desígnio de Deus da salvação**
56. 20-03-1993: **Domingo: dia de descanso**
57. 27-03-1993: **Domingo ou Sábado?**
58. 10-04-1993: **O presente de Páscoa**
59. 17-04-1993: **O próximo plebiscito**
60. 24-04-1993: **Igreja e Maçonaria**
61. 01-05-1993: **O que fazemos na Diocese?**
62. 08-05-1993: **Ídolos ou Ícones?**
63. 15-03-1993: **Como é meu fundamento?**
64. 22-05-1993: **A Ascensão do Senhor**
65. 29-05-1993: **Nosso Pentecostes**
66. 05-06-1993: **Festival Internacional das Famílias**
67. 12-06-1993: **A divina Eucaristia**
68. 19-06-1993: **Pena de morte**
69. 26-06-1993: **Jesus Cristo voltará em breve?**
70. 03-07-1993: **O ministério petrino**
71. 03-07-1993: **“Cristo sim, Igreja não”**
72. 17-07-1993: **A regulação da natalidade**
73. 24-07-1993: **A castidade conjugal**
74. 07-08-1993: **Nosso dia da solidariedade**
75. 14-08-1993: **“Deus sim, Jesus não”**
76. 21-08-1993: **Jesus é Deus!**
77. 28-08-1993: **Jesus, verdadeiro homem**
78. 04-09-1993: **É crime crer em Jesus como Messias**
79. 11-09-1993: **“Não podem matar a alma”**
80. 18-09-1993: **Pedagogia para a delinqüência**
81. 25-09-1993: **“Religião sim, Deus não”**
82. 02-10-1993: **“Sacro sim, Religião não”**
83. 09-10-1993: **Separação entre fé e vida**
84. 16-10-1993: **Vai também tu**
85. 23-10-1993: **Crianças missionárias**
86. 30-10-1993: **O Catecismo Maior**
87. 06-11-1993: **Somos “capazes” de Deus**
88. 13-11-1993: **Vias de acesso ao conhecimento de Deus**
89. 20-11-1993: **Os limites da razão diante de Deus**
90. 27-11-1993: **O dom da revelação divina**
91. 04-12-1993: **A transmissão da revelação divina**
92. 11-12-1993: **A interpretação do patrimônio da fé**
93. 18-12-1993: **A obediência da fé**
94. 25-12-1993: **Profissão de fé no Natal**
95. 01-01-1994: **O Senhor esteja convosco em 1994!**
96. 08-01-1994: **Uma difícil tarefa episcopal**
97. 15-01-1994: **O ato de fé**
98. 22-01-1994: **Eu creio, nós cremos**
99. 29-01-1994: **Os símbolos da fé**
100. 05-02-1994: **Creio em um só Deus**

101. 12-02-1994: **A família, como vai?**
102. 19-02-1994: **O fundamento da família**
103. 26-02-1994: **A missão da família**
104. 05-03-1994: **A cultura da morte**
105. 12-03-1994: **A implosão demográfica**
106. 19-03-1994: **São José**
107. 26-03-1994: **Jesus morreu por mim!**
108. 02-04-1994: **Aleluia!**
109. 09-04-1994: **A lição da páscoa**
110. 16-04-1994: **Novos desafios pastorais na cidade**
111. 23-04-1994: **O democratismo na Igreja**
112. 30-04-1994: **O mês de Maria**
113. 07-05-1994: **Mensagem sobre a prevenção da AIDS**
114. 14-05-1994: **A entronização messiânica de Cristo Rei**
115. 21-05-1994: **Novo Pentecostes**
116. 28-05-1994: **A Santíssima Trindade**
117. 04-06-1994: **Corpus Christi**
118. 11-06-1994: **Ordenação reservada somente aos homens**
119. 18-06-1994: **A criação**
120. 25-06-1994: **O pecado original**
121. 02-07-1994: **São Pedro às famílias cristãs**
122. 09-07-1994: **Os anjos**
123. 23-07-1994: **O anjo da guarda**
124. 30-07-1994: **O diabo**
125. 06-08-1994: **Contra a omissão política**
126. 13-08-1994: **Rezemos pelo Congresso de Cairo**
127. 20-08-1994: **O homem “imagem de Deus”**
128. 27-08-1994: **A índole social do ser humano**
129. 03-09-1994: **As exigências do bem comum**
130. 10-09-1994: **A justiça social**
131. 17-09-1994: **O pecado social**
132. 24-09-1994: **A hipoteca social**
133. 01-10-1994: **A solidariedade humana**
134. 08-10-1994: **O clamor pela liberdade**
135. 15-10-1994: **A liberdade cristã**
136. 22-10-1994: **Cinco gestos perante as Missões**
137. 29-10-1994: **O Bispo no seu jubileu de brilhante**
138. 05-11-1994: **Fiéis divorciados recasados**
139. 12-11-1994: **Fidelidade entre sombras**
140. 19-11-1994: **A leitura fundamentalista da Bíblia**
141. 26-11-1994: **Rede Católica de Televisão**
142. 03-12-1994: **O milagre do perdão divino**
143. 10-12-1994: **O sentido do trabalho**
144. 17-12-1994: **Vem, Senhor Jesus**
145. 24-12-1994: **Obrigado, Infante Jesus**
146. 31-12-1994: **Hierarquia na democracia**
147. 07-01-1995: **Deus deu o crescimento**
148. 14-01-1995: **A candente tarefa da inculturação**
149. 21-01-1995: **“Não existe reencarnação”**
150. 26-01-1995: **A heresia da reencarnação**
151. 04-02-1995: **A ilusão da reencarnação**
152. 11-02-1995: **A miragem do progresso depois da morte**
153. 18-02-1995: **Ressurreição, não reencarnação**
154. 25-02-1995: **Eras tu, Senhor!**
155. 04-03-1995: **Objecções reencarnacionistas**

156. 11-03-1995: **Normas para a renovação carismática.**
157. 18-03-1995: **O resgate da oração de louvor**
158. 25-03-1995: **O encontro com Deus na oração**
159. 01-04-1995: **A oração de contemplação**
160. 08-04-1995: **Normas bíblicas para a oração**
161. 15-04-1995: **As razões da Aleluia pascal**
162. 22-04-1995: **O combate da oração**
163. 29-04-1995: **A oração na liturgia**
164. 06-05-1995: **A conjuração contra a vida**
165. 13-05-1995: **Uma noção perversa da liberdade**
166. 20-05-1995: **O relativismo ético**
167. 27-05-1995: **O abominável crime do aborto**
168. 03-06-1995: **O drama da eutanásia**
169. 10-06-1995: **O desesperado suicídio**
170. 17-06-1995: **A pena de morte**
171. 24-06-1995: **A lei civil e a lei moral**
172. 01-07-1995: **O Ano Internacional da Tolerância**
173. 08-07-1995: **A intransigência da Igreja**
174. 15-07-1995: **Creio na comunhão dos santos**
175. 21-07-1995: **Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!**
176. 29-07-1995: **Orientações para a pastoral social**
177. 05-08-1995: **O sentido redentor do sofrimento humano**
178. 12-08-1995: **O Sacramento da Unção dos Enfermos**
179. 18-08-1995: **Fiel no pouco**
180. 26-08-1995: **Assassinadas cristãs católicas**
181. 02-09-1995: **As seitas na América Latina**
182. 16-09-1995: **O refúgio das seitas**
183. 23-09-1995: **O desafio das seitas**
184. 30-09-1995: **Ainda com as seitas**
185. 07-09-1995: **Perplexidades na nova evangelização**
186. 14-10-1995: **A visita do Bispo ao Papa**
187. 21-10-1995: **Situações sócio-culturais-religiosas no Brasil**
188. 28-10-1995: **Inculturação**
189. 04-11-1995: **Individualismo: vício da modernidade**
190. 11-11-1995: **A índole social do indivíduo**
191. 18-11-1995: **Evangelização na cultura urbana**
192. 25-11-1995: **Liberdade na verdade**
193. 02-12-1995: **A fácil popularidade religiosa**
194. 09-12-1995: **Comunhão reconciliada**
195. 16-12-1995: **Despedida do governo da diocese**
196. 23-12-1995: **A festa de Natal**
197. 30-12-1995: **A sempre-virgem mãe Maria**
198. 06-01-1996: **50 anos de padre hoje**
199. 13-01-1996: **A diablofobia na Igreja Universal**
200. 20-01-1996: **A fundamentação evangélica para o celibato cristão**
201. 27-01-1996: **Inculturação afro-brasileira**
202. 03-02-1996: **A Nova Era de Aquário**
203. 10-02-1996: **A superstição da astrologia**
204. 17-02-1996: **O vício da astrologia**
205. 24-02-1996: **O cristão e a política**
206. 02-03-1996: **Perigos na arte divinatória**
207. 09-03-1996: **Um gigante abandonado**
208. 16-03-1996: **As supostas revelações da Senhora Vassula.**
209. 23-03-1996: **A comunhão dos santos**
210. 30-03-1996: **A Eucaristia na Quinta-Feira Santa**

211. 06-04-1996: **Ressuscitou! Aleluia!**
212. 13-04-1996: **Os efeitos da Páscoa**
213. 20-04-1996: **A justificação pascal**
214. 27-04-1996: **As graças divinas**
215. 04-05-1996: **A santidade cristã**
216. 11-05-1996: **Pela unidade dos cristãos**
217. 18-05-1996: **Na Ascensão do Senhor Jesus**
218. 25-05-1996: **O mistério do Espírito Santo**
219. 06-06-1996: **O inventor do pecado original**
220. 08-06-1996: **A acusação completa dos pecados mortais**
221. 15-06-1996: **Vida Consagrada na Igreja**
222. 22-06-1996: **Esteve Jesus na Índia?**
223. 29-06-1996: **Por que “padre”?**
224. 06-07-1996: **A Bíblia e a Igreja**
225. 13-07-1996: **Congresso Eucarístico Nacional**
226. 20-07-1996: **O cristão e os pobres**
227. 27-07-1996: **A economia provisória da salvação**
228. 03-08-1996: **Os desconhecidos caminhos da salvação**
229. 10-08-1996: **O caminho revelado de salvação**
230. 17-08-1996: **A liberdade religiosa**
231. 24-08-1996: **Os limites da liberdade religiosa**
232. 31-08-1996: **Obrigaçao moral na liberdade religiosa**
233. 07-09-1996: **A lei da representação**
234. 14-09-1996: **Condições para a representação**
235. 28-09-1996: **A representação mágica**
236. 05-10-1996: **Jesus nosso representante**
237. 12-10-1996: **O cristão como representante**
238. 19-10-1996: **O reino de Deus recusado**
239. 26-10-1996: **“Venha a nós o vosso Reino”**
240. 02-11-1996: **Em torno ao Reino de Deus**
241. 09-11-1996: **O Mestre do Reino**
242. 16-11-1996: **O Reinado de Deus já chegou!**
243. 23-11-1996: **Um Reino inobservável e inlocalizável**
244. 30-11-1996: **Os discípulos do Reino**
245. 07-12-1996: **A busca fundamental**
246. 14-12-1996: **A natureza dinâmica do Reino**
247. 21-12-1996: **Respostas negativas ao Reino**
248. 28-12-1996: **Semente em terra boa**
249. 04-01-1997: **O joio no trigo**
250. 11-01-1997: **O destino do joio**
251. 18-01-1997: **Deus transcende nossa justiça distributiva**
252. 25-01-1997: **Deus condiciona sua misericórdia**
252. 01-02-1997: **Cumprir a vontade de Deus**
253. 08-02-1997: **Fazer-se como criança**
254. 15-02-1997: **Ser pobre em espírito**
255. 22-02-1997: **O obstáculo da riqueza**
256. 01-03-1997: **Inimigo número um do Reino**
257. 08-03-1997: **O Rei Messiânico**
258. 15-03-1997: **As chaves do Reino**
259. 22-03-1997: **A Igreja e o Reino**
260. 29-03-1997: **Pela cruz à ressurreição**
261. 05-04-1997: **O Reino consumado**
262. 12-04-1997: **Agape: o amor do cristão**
263. 19-04-1997: **A importância da agape**
264. 26-04-1997: **Amo porque amo**

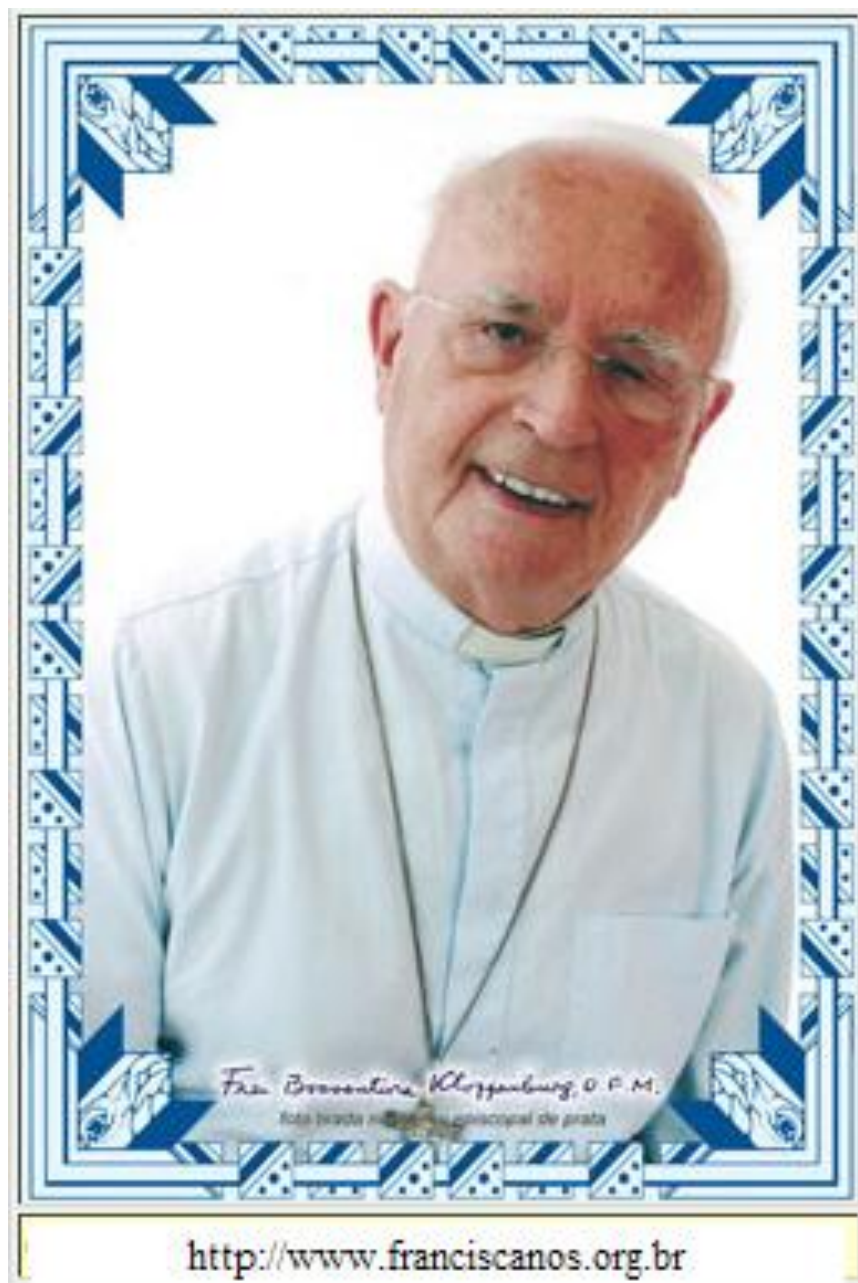
265. 03-05-1997: **Deus é agape**
267. 10-05-1997: **“Como meu Pai me amou”**
268. 17-05-1997: **“Como eu vos amei”**
269. 24-05-1997: **Agape e comunhão**
270. 31-05-1997: **O testamento de Jesus**
271. 07-06-1997: **A novidade do preceito divino**
272. 14-06-1997: **Templos da Santíssima Trindade**
273. 21-06-1997: **Grandeza na criatura livre**
274. 28-06-1997: **O hino à agape**
275. 05-07-1997: **Quando falta a agape**
276. 12-07-1997: **A agape com filantropia**
277. 19-07-1997: **Mais filantropia na agape**
278. 26-07-1997: **Outras atenções humanas na agape**
279. 02-07-1997: **O mandamento principal**
280. 09-08-1997: **Nosso amor afetivo a Deus**
281. 16-08-1997: **A agape efetiva a Deus**
283. 23-08- 1997: **Nossa agape ao Senhor Jesus**
284. 30-08-1997: **Agape cristificante**
285. 06-09-1997: **Coração, o símbolo da agape**
286. 13-09-1997: **O desígnio de Deus**
287. 20-09-1997: **A divina providência**
288. 27-09-1997: **“Seja feita a vossa vontade”**
289. 04-10-1997: **O abandono a Deus**
290. 11-10-1997: **O discernimento da vontade de Deus**
291. 18-10-1997: **Jesus, modelo de obediência**
292. 25-10-1997: **O sim da Virgem Maria**
293. 01-11-1997: **Frutos da obediência**
294. 08-11-1997: **O que nos faz ser “cristãos”**
295. 15-11-1997: **A fé e a caridade**
296. 22-11-1997: **Politização da fé**
297. 06-11-1997: **A libertação e seus adjetivos**
298. 13-12-1997: **Democracia no povo de Deus?**
299. 20-12-1997: **Vem, Senhor Jesus!**
300. 27-12-1997: **A mensagem do primeiro Natal**
301. 03-01-1998: **O Espírito Santo em 1998**
302. 10-01-1998: **Aperfeiçoador da missão do Filho**
303. 17-01-1998: **Os símbolos do Espírito Santo**
304. 24-01-1998: **A grande comissão**
305. 31-01-1998: **O inesperado Paráclito**
306. 07-02-1998: **A promessa do Pai**
307. 14-02-1998: **Espírito Santo**
308. 21-02-1998: **Perpetuador da Redenção**
309. 28-02-1998: **Pentecostes com o outro Paráclito**
310. 07-03-1998: **Símbolos pentecostais do Paráclito**
311. 14-03-1998: **Pentecostes eclesial de Maria**
312. 21-03-1998: **Sinais e instrumentos do Espírito Santo**
313. 28-03-1998: **Creio no Espírito Santo**
314. 04-04-1998: **Fé explicitada no Paráclito**
315. 02-05-1998: **A alma da Igreja**
316. 09-05-1998: **Doce hóspede da alma cristã**
317. 16-05-1998: **Os dons do Paráclito**
318. 23-05-1998: **Recebe o Dom de Deus!**
319. 30-05-1998: **Sabedoria, inteligência, conselho**
320. 05-06-1998: **Outros dons do Espírito Santo**
321. 13-06-1998: **Você agora foi crismado**

322. 20-06-1998: **Os frutos do Paráclito**
323. 28-06-1998: **Mais frutos do Espírito Santo**
324. 04-06-1998: **Outros frutos divinos**
325. 11-07-1998: **Tudo como numa semente**
326. 18-07-1998: **A blasfêmia contra o Espírito Santo**
327. 25-07-1998: **O eclipse do sentido do pecado**
328. 08-08-1998: **Os frutos do Paráclito**
329. 15-08-1998: **Normas para os carismáticos**
330. 22-08-1998: **Os carismas no Concílio Vaticano II**
331. 03-09-1998: **Continua a definição na RCC**
332. 05-09-1998: **Nosso Mestre Interior**
333. 12-09-1998: **Renovação Carismática Católica**
334. 20-09-1998: **Luzes e sombras na RCC**
335. 26-09-1998: **Tentando definir a RCC**
336. 10-10-1998: **Mais frutos da RCC**
337. 17-10-1998: **Orientações da CNBB para a RCC**
338. 24-10-1998: **Sem o Paráclito...**
339. 31-10-1998: **Depois da morte...**
340. 07-11-1998: **Uma única existência sobre a terra**
341. 14-11-1998: **A pluralidade das vidas terrestres**
342. 21-11-1998: **Jesus era reencarnacionista?**
343. 28-11-1998: **A lei do progresso**
344. 05-12-1998: **Sobre a auto-redenção**
345. 12-12-1998: **Ou reencarnação ou ressurreição**
346. 19-12-1998: **João Batista e Elias**
347. 26-12-1998: **“Se não nascer de novo...”**
348. 02-01-1999: **Preconceito da igualdade inicial**
349. 09-01-1999: **Crueldade reencarnacionista**
350. 16-01-1999: **O tetragrama YHWH**
351. 30-01-1999: **A lei do karma.**
352. 06-02-1999: **A crença vivida na reencarnação**
353. 13-02-1999: **Misericórdia e justiça divina**
354. 27-02-1999: **Aba se revela**
355. 06-03-1999: **Antropocentrismo**
356. 13-03-1999: **Visão cristã do mundo**
357. 20-03-1999: **Caricaturas de Deus**
358. 27-03-1999: **Rechaço das caricaturas**
359. 10-04-1999: **As raízes do ateísmo**
360. 17-04-1999: **Na gênese do ateísmo**
361. 24-04-1999: **A resposta da Igreja aos ateus**
362. 01-05-1999: **Fomos feito para Deus**
363. 15-05-1999: **O ocultamento do Pai**
364. 22-05-1999: **Interesse pela ordem temporal**
365. 29-05-1999: **Nossa atual incapacidade de ver claro**
366. 05-06-1999: **Deus escreve certo**
367. 12-06-1999: **As cinco vias**
368. 19-06-1999: **Como é nosso Abba**
369. 26-06-1999: **A simplicidade de Deus**
370. 03-07-1999: **A independência divina**
371. 10-07-1999: **A eternidade divina**
372. 17-07-1999: **A imutabilidade divina**
373. 24-07-1999: **A vida divina**
374. 31-07-1999: **A ciência divina**
375. 07-08-1999: **A vontade divina**
376. 14-08-1999: **Na atmosfera de Deus**

377: 21-08-1999: **O encontro com Deus na oração**
378: 28-08-1999: **Normas bíblicas para a oração.**

A maioria destes artigos está sendo também publicada no semanário **Novo Milênio**, fundado em Porto Alegre, em 29-6-1995.

A missão de Frei Boaventura, como teólogo e pregador, é permanente, através de livros, jornais e revistas. Ultrapassa, seguramente, 15.500 páginas. Não se reservou direitos autorais de nada. Tudo tem doado para a Ordem dos Frades Menores, dioceses e editoras religiosas.



Frei Boaventura Kloppenburg, bispo emérito de Novo Hamburgo (RS), comemorou no dia 1º de agosto de 2007 o 25º aniversário da ordenação episcopal.

SOB A BÊNÇÃO DE JOÃO PAULO II

Encontrava-me em Hausstette, perto de Vechta, no norte da Alemanha, em agosto e setembro de 1997, ao me vir uma idéia luminosa. Encontrava-me lá em busca de mais dados para um livro sobre imigrantes de Oldenburg, com mais de uma centena de sobrenomes, vindos ao Brasil.

Com profunda emoção fiquei contemplando as últimas moradias onde meus pais, tios e avós tinham vivido, antes de emigrar. Na mesma casa onde me achava visitando a família de Gregor Marquering, na Windmühlenweg 4, Hausstette, imaginava ver como minha mãe e seus irmãos, há mais de 75 anos, ajudavam o vovô no moinho ou na fabricação do pão preto e a vovó nas lides domésticas. Parecia-me ver no pátio Carl Josef, de 4 anos de idade, a brincar com seus irmãozinhos. De repente, surgiu o sonho deste livro.

Ao perceber em Vechta que não havia interesse suficiente para esta pesquisa, pois os imigrantes foram quase todos trabalhadores e peões rurais, desisti do projeto e segui os passos da inspiração: escrever a vida de um destes imigrantes, o mais ilustre: Frei Boaventura Kloppenburg, uma homenagem pelo seu 80º aniversário.

Regressei empolgado ao Brasil. Elaborei um projeto audacioso. Deixei de lado todos os pressentimentos de limitações. Apresentei a Frei Boaventura, inicialmente, um esboço modesto de um artigo de fôlego sobre sua vida para a *FESTSCHRIFT* da PUC-RS. Para isso lhe solicitei emprestado o seu **Diário**, arquivo pessoal, fotos, documentos e bibliografia, bem como um “prefácio”.

Passaram-se os meses de intensa busca de dados e cheguei ao “ponto final”. Li e reli várias vezes estas páginas. À medida que avançava no texto, vinha-me sensação de desânimo e vontade de desistir. Cheguei à convicção, cada vez mais forte, de que Frei Boaventura merecia uma biografia bem melhor, de um biógrafo mais capacitado.

Tentei ser fiel à verdade, em primeiro lugar. Procurei com fidelidade trazer ao leitor seus 80 anos de existência: tudo exato, cronometrado, com o máximo de perfeição, seja como estudante, teólogo, professor, diretor de estudos, orador sacro, perito conciliar, reitor, bispo auxiliar, vigário geral de uma arquidiocese, bispo diocesano, e, sobretudo, como escritor. Há detalhes de maestria nos seus manuscritos, sem rabiscos e rebuscos. A letra e sua assinatura são as mesmas desde os bancos escolares. O estilo é inconfundível. De fundo latino, o português é escoreito, com palavras exatas, sem devaneios.

Aplica método em tudo e tudo está em ordem. Encontra tudo em instantes, seja no seu arquivo, seja no seu computador. Há ordem na sua agenda, nomes de pessoas, cargos, endereços e telefones. Estabelece horário exato para seus compromissos e viagens. Contata pessoas para ir, chegar, se estabelecer e voltar, sem perda de tempo e sem se estressar. Tais detalhes há mesmo no lazer, na caça, na pesca, no carteadado, numa piscina, praia ou campo, onde estiver ou com quem conviver.

Os epitáfios de seu pai: *Gelobt sei Jesus Christus* - Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo - e de sua mãe: *Mok diene Soken gaut* - faça bem suas coisas, no dialeto oldemburguês - caracterizam bem o que norteia a vida de seu filho: viver intensamente **por Cristo em Sua Igreja**, realizando tudo da melhor forma possível, sempre fiel, apesar das sombras, em alusão ao seu escudo episcopal.

Agora tenho que optar. Ou deixo mais este livro em meu arquivo ou aventuro-me a publicá-lo, correndo o risco de frustrar leitores. Estou ciente de que a quase totalidade dos que vão ler essas páginas são seus amigos e conhecidos. Saberão entender as imperfeições e as omissões. Minhas sinceras escusas. Por essa compreensão agradeço ex corde.

Devo agradecer ao próprio Frei Boaventura que me deu esta oportunidade de ser seu primeiro biógrafo. Quantas vezes embalou ele este seu sobrinho, nos idos de 1935, como mamãe sempre me contava. Vinha nas férias contar histórias ou brincar de esconder conosco, entre os sacos de cereais nos galpões de Hulha Negra. Na festa de suas primícias sacerdotais fizeram-me decorar e declamar versos em alemão, prometendo seguir-lhe os passos e ser padre também. Fui. Não me arrependi de ter dedicado boa parte da minha vida à Igreja, sempre me lembrando do tio, a quem queria imitar e mesmo agradecer, embora minha natureza é feita para viver em família. Nem por isso ele me rejeitou como seu biógrafo. Pelo contrário. Através deste livro, está lançando uma proposta à Igreja de se ordenar sacerdotes, por tempo determinado, jovens que não tenham coragem e certeza de jurar o celibato de forma perpétua.

Minha gratidão à tia Irmã Josefina ao ceder-me suas pastas de correspondências; ao mano João Álois e sua Maria, Aloísio Weschenfelder, Vanda Bergmann, Maria de Lourdes Rhod, Míriam H. Gress e Marcos Appel Buss pelo apoio. Meu reconhecimento pela paciência que tiveram comigo, nestes meses de duro

trabalho, minha esposa Renê, meus filhos Leandro, Saionara e a pequena Andréia, filha do coração, cujos seis anos de idade reclamam mais tempo para brincar.

Por último, meus sentimentos de eterna gratidão ao Papa João Paulo II, a quem tinha enviado os livros **100 ANOS DE MADRE BÁRBARA** e o **GRÃO DE MOSTARDA - CAMINHADA DA PARÓQUIA DE SANTO INÁCIO**, com uma dedicatória especial e a informação do lançamento da biografia de Frei Boaventura. Com grata surpresa, recebi a seguinte resposta do assessor da Secretaria de Estado, Mons. P. López Quintana:



SECRETARIA DE ESTADO

PRIMEIRA SEÇÃO - ASSUNTOS GERAIS

Vaticano, 8 de junho de 1999

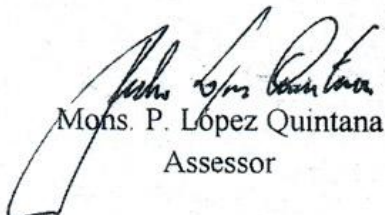
Prezado Senhor

Sua Santidade, Papa João Paulo II, confiou-me o grato encargo de agradecer sua gentileza por Lhe ter querido enviar alguns livros, narrando a vida religiosa de Lageado (RS), com uma delicada dedicatória que mereceu o Seu melhor apreço.

Em vista do acima, esta Secretaria de Estado vem a significar que o Santo Padre, em retribuição por este amável gesto de solidariedade cristã, envia Sua Bênção Apostólica, extensiva a todos os seus familiares.

Ao certificar-lhe, também, que o Papa se compraz pela homenagem que V.Sa. deseja prestar, num livro de sua autoria, a Sua Excia. Revma. D. Frei Boaventura Kloppenburg, por ocasião do seu octogésimo aniversário, aproveito o ensejo para apresentar-lhe sinceros cumprimentos em Cristo Nosso Senhor.

Atenciosamente,


Mons. P. López Quintana
Assessor

Exmo. Sr.
José Alfredo **SCHIERHOLT**

LAGEADO (RS)

SOBRE O AUTOR - José Alfredo Schierholt



José Alfredo Schierholt é filho de Franz Wilhelm Schierholt e Anna Agnes Kloppenburg. Nasceu em 23-11-1934, em Bagé, hoje Hulha Negra, onde foi batizado em 2-12-1934. Em Rolante recebeu os sacramentos da crisma, em 26-3-1944, primeira confissão e comunhão, em 16-4-1944. Coursou o seminário menor em Pelotas e Santo Ângelo, o noviciado em Maravilha (SC), filosofia e teologia no Escolasticado São José de Passo Fundo, onde foi ordenado em 10-12-1961. Exerceu o ministério em Santo Ângelo, Rolante e David Canabarro, onde ingressou no magistério estadual, em 1969. Laicizou-se em 21-5-1971 e casou-se em 8-12-1971 com Renê Alievi. É licenciado em filosofia pela Universidade de Passo Fundo, com Pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior pela UNISINOS.

Transferiu-se para Lajeado, em 4-4-1971, onde foi professor no Colégio Estadual Presidente Castelo Branco e na Escola Estadual Irmã Branca, aposentando-se em 10-5-1999. Lecionou Filosofia na Escola Madre Bárbara e História na Universidade de Passo Fundo, em cursos de extensão em Estrela,

e na Universidade de Caxias do Sul, em cursos de extensão na FATES, onde atuou, de 1976 a 1994.

Como atividade complementar, é jornalista profissional. Em 1-1-1959, iniciou no **DIÁRIO DA MANHÃ**, em Passo Fundo, onde, no mesmo ano, fundou e dirigiu o jornal **O UNIVERSITÁRIO**. Atuou no **JORNAL DE LAJEADO**, de 1973 a 1976. Fundou e dirigiu o **JORNAL DA FATES**, de julho de 1992 a agosto de 1994. Em 1-6-1978, entrou em **O INFORMATIVO DO VALE**. Desde 29-4-1999 é produtor cultural na **TVE** e na **Rádio Germânia FM**. Desde 1959 vem publicando crônicas e pesquisas em vários jornais, revistas e livros. Em 18-4-1986, fundou o Instituto Histórico e Geográfico do Vale do Taquari, do qual ainda é presidente.

Em 1986, recebeu o **Prêmio Alicerce Cultura**, do Grupo Independente - Rádio Independente e Tropical FM - e o **Título de Cidadão Lajeadense**, como *penhor de reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à comunidade lajeadense*, conferido pela Câmara de Vereadores, na sessão solene de 20-12-1993. Na sessão de 7-6-1999, foi aprovado, por unanimidade, como Membro Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

OBRAS

Revolução Federalista no Vale do Taquari, 1ª ed. em 1989 e 2ª ed. em 1991, com 348 páginas e 34 fotos.

Lajeado I - História Política, 1ª ed. em 1992 e 2ª ed. em 1993, com 360 páginas e 80 fotos.

Lajeado II - APEUAT - Raízes do Ensino Superior, em 1995, com 124 páginas e 45 fotos.

Schierholt - História e Genealogia, em 1996, com 120 páginas e 65 fotos.

100 Anos de Madre Bárbara, em 1997, com 140 páginas e 58 fotos.

À Sombra de Plátanos - História da Saúde no Vale do Taquari, 1ª e 2ª edição em 1997, com 234 páginas e 43 fotos.

Grão de Mostarda - Caminhada da Paróquia de Santo Inácio, em 1997, com 178 páginas e 32 fotos.

Frei Boaventura Kloppenburg, OFM - 80 Anos Por Cristo em Sua Igreja, em 1999, com 350 páginas e 60 fotos.

Frei Boaventura Kloppenburg, OFM - 90 Anos Por Cristo em Sua Igreja, em 2008, e-Book, com 211 páginas A4 e 61 fotos, Edições Eletrônicas Veritatis Splendor.

80 Anos de ACIL - Associação Comercial e Industrial de Lajeado, em 2001, com 230 páginas.

Estrela Ontem e Hoje, em 2002, com 464 páginas.

Rolante - Rio que gera história, em 2004, com 304 páginas.

Dicionário de Estrela, em 2006, em CD.

Prezado(a) Leitor(a)

Não deixe de visitar os seguintes sites, para se enriquecer com as riquezas do catolicismo:

Central de Obras do Cristianismo Primitivo: <http://cocp.veritatis.com.br>

Pergunte & Responderemos on-line: <http://www.veritatis.com.br/pr/index.htm>

Presbíteros: <http://www.presbiteros.com.br>

Vaticano: http://www.vatican.va/phome_po.htm

Veritatis Splendor: <http://www.veritatis.com.br>



sub umbris fideliter

Reconhecendo tuas capacidades, Nós mesmo te destinamos como Auxiliar para a Igreja de São Salvador da Bahia, no Brasil. E movido pelo mesmo afeto fraternal e certo de tua confiança, te enviamos à Diocese de Novo Hamburgo, onde sustentaste o ministério episcopal com grande fidelidade e firmeza de ânimo.

Jobannes Paulo II

ISBN 85-901028-1-5



9 788590 102816